Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel



Salim Assina:

reportagens, matérias, entrevistas, notas e comentários

Volume: 10D – O ESTADO - 1947 A 1987

Organização e digitalização: Iraci Borszcz
Enilde Regina Mai Jordanou, Jonathan Rodrigues
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016
UDESC – FAED - IDCH

Matérias assinadas por Salim Miguel
Jornal O Estado de Florianópolis - 1947 a 1987

Nº	Referências
301.	MIGUEL, Salim. Livros – Desnudando o ser humano .... **O Estado,** Florianópolis, 24 abr. 1983
302.	MIGUEL, Salim. Livros – Momento da Poesia – Os óculos embaciados.... **O Estado,** Florianópolis, 01 de maio de 1983.
303.	MIGUEL, Salim. Livros – O real no surreal .... **O Estado,** Florianópolis, 14 de maio de 1983.
304.	MIGUEL, Salim. Livros – Novidades na área infantil e juvenil .... **O Estado,** Florianópolis.
305.	MIGUEL, Salim. Livros – Lançamento hoje " A Palavra" de Nereu Corrêa.... **O Estado,** Florianópolis.
306.	MIGUEL, Salim. Livros – Camilo e seu permanente fascínio .... **O Estado,** Florianópolis.
307.	MIGUEL, Salim. Livros – Profundo e assustador .... **O Estado,** Florianópolis, 1 jun. 1983
308.	MIGUEL, Salim. Livros – A memória da cultura alternativa nos anos 70 .... **O Estado,** Florianópolis, 4 jun. 1983
309.	MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista – Jair Ferreira dos Santos: .... **O Estado,** Florianópolis, 8 jun. 1983
310.	MIGUEL, Salim. Livros – Três visões plásticas de Portugal .... **O Estado,** Florianópolis, 11 jun. 1983
311.	MIGUEL, Salim. Livros – Chamada geral, uma volta necessária .... **O Estado,** Florianópolis, 15 jun. 1983
312.	MIGUEL, Salim. Livros – De como um poeta vê (e canta) o Rio .... **O Estado,** Florianópolis, 18 jun. 1983
313.	MIGUEL, Salim. Livros – Um irreal muito real ..... **O Estado,** Florianópolis, 22 jun. 1983
314.	MIGUEL, Salim. Livros – Nos desvãos da Zona Sul .... **O Estado,** Florianópolis, 6 jul. 1983
315.	MIGUEL, Salim. Livros – Depoimento – Ary Quintella: .... **O Estado,** Florianópolis, 30 jul. 1983
316.	MIGUEL, Salim. Livros – Entrevista – Suzana Vargas: "Busco restaurar o poético, ... **O Estado,** Florianópolis, 3 set. 1983
317.	MIGUEL, Salim. Livros – Entrega dos Prêmios Jabuti/83 .... **O Estado,** Florianópolis, 15 out. 1983
318.	MIGUEL, Salim. Livros – Momento da poesia – Poema-orelha .... **O Estado,** Florianópolis, 29 out. 1983
319.	MIGUEL, Salim. Livros – Memórias, biografias, etc.. **O Estado,** Florianópolis, 2 nov. 1983
320.	MIGUEL, Salim. Livros – Mais livros para a criançada .... **O Estado,** Florianópolis, 5 nov. 1983
321.	MIGUEL, Salim. Livros – Momento da poesia – Do norte ao sul, ... **O Estado,** Florianópolis, 9 nov. 1983

322.	MIGUEL, Salim. Livros – Realidade copia ficção .... **O Estado,** Florianópolis, 12 nov. 1983
323.	MIGUEL, Salim. Livros – Novos títulos portugueses .... **O Estado,** Florianópolis, 16 nov. 1983
324.	MIGUEL, Salim. Livros – Lançamento: “Este mar catarina”, na Assembléia.... **O Estado,** Florianópolis, 30 nov. 1983
325.	MIGUEL, Salim. Livros – Sátira num jogo de armar .... **O Estado,** Florianópolis, 14 dez. 1983
326.	MIGUEL, Salim. Livros – Presente de fim de ano, presente do ano todo .... **O Estado,** Florianópolis, 7 dez. 1983
327.	MIGUEL, Salim. Livros – Literatura portuguesa: viagem com Cremilda .... **O Estado,** Florianópolis, 28 dez. 1983
328.	MIGUEL, Salim. Livros – Mais poetas e poesia .... **O Estado,** Florianópolis, 21 dez. 1983
329.	MIGUEL, Salim. Livros – Leitura apaixonante .... **O Estado,** Florianópolis, 23 dez. 1984
330.	MIGUEL, Salim. Livros – Poesia, neste fim de ano .... **O Estado,** Florianópolis, 16 dez. 1984
331.	MIGUEL, Salim. Livros – O Livro em Santa Catarina/84 .... **O Estado,** Florianópolis, 30 dez. 1984
332.	MIGUEL, Salim. Livros – Uma crônica de costumes .... **O Estado,** Florianópolis, 26 jul. 1984
333.	MIGUEL, Salim. Livros – O melhor de Marques Rebelo .... **O Estado,** Florianópolis, 14 out.1984
334.	MIGUEL, Salim. Livros – Almiro Caldeira III. **O Estado,** Florianópolis, 22 jan. 1984
335.	MIGUEL, Salim. Livros – Holdemar Menezes I. **O Estado,** Florianópolis, 8 abr. 1984
336.	MIGUEL, Salim. Livros – Holdemar Menezes III. **O Estado,** Florianópolis, 22 abr. 1984
337.	MIGUEL, Salim. Livros – Holdemar Menezes II. **O Estado,** Florianópolis, 15 abr. 1984
338.	MIGUEL, Salim. Livros – Amilcar Neves I. **O Estado,** Florianópolis, 26 fev. 1984
339.	MIGUEL, Salim. Livros – Almiro Caldeira I. **O Estado,** Florianópolis, 8 jan. 1984
340.	MIGUEL, Salim. Livros – Almiro Caldeira II. **O Estado,** Florianópolis, [1984]
341.	MIGUEL, Salim. Livros – Jair Francisco Hamms. **O Estado,** Florianópolis, 10 jun. 1984
342.	MIGUEL, Salim. Livros – Jair Francisco Hamms II. **O Estado,** Florianópolis, 17 jun. 1984
343.	MIGUEL, Salim. Livros – Urda A. Klueger II. **O Estado,** Florianópolis, 1 jul. 1984
344.	MIGUEL, Salim. Livros – Urda A. Klueger I. **O Estado,** Florianópolis, 24 jun. 1984
345.	MIGUEL, Salim. Livros – Enéas Athanázio II. **O Estado,** Florianópolis, 5 fev. 1984
346.	MIGUEL, Salim. Livros – Adolfo Boss Jr.III. **O Estado,** Florianópolis, [1984]
347.	MIGUEL, Salim. Livros – Adolfo Boos Jr. II. **O Estado,** Florianópolis, [1984]
348.	MIGUEL, Salim. Livros – Adolfo Boos Jr. I. **O Estado,** Florianópolis, 29 abr. 1984

349.	MIGUEL, Salim. Livros – Amilcar Neves II. **O Estado,** Florianópolis, 4 mar. 1984
350.	MIGUEL, Salim. Livros – Amilcar Neves III. **O Estado,** Florianópolis, 11 mar. 1984
351.	MIGUEL, Salim. Livros – Enéas Athanázio I. **O Estado,** Florianópolis, 29 jan. 1984
352.	MIGUEL, Salim. Livros – O texto como pesquisa . **O Estado,** Florianópolis, 4 jan. 1984
353.	MIGUEL, Salim. Livros – Os meninos de João Antonio. **O Estado,** Florianópolis, 11 jan. 1984
354.	MIGUEL, Salim. Livros – Coleções para público determinado.... **O Estado,** Florianópolis, 18 jan. 1984
355.	MIGUEL, Salim. Livros – Poesia....Será a poesia ainda necessária..... **O Estado,** Florianópolis, 1 fev. 1984
356.	MIGUEL, Salim. Livros – Novidades para crianças e jovens.... **O Estado,** Florianópolis, 8 fev. 1984
357.	MIGUEL, Salim. Livros – Para espíritas e não espíritas.... **O Estado,** Florianópolis, 29 fev. 1984
358.	MIGUEL, Salim. Livros – Mais Poesia....os poetas insistem ..... **O Estado,** Florianópolis, 14 mar. 1984
359.	MIGUEL, Salim. Livros – Novas cartas de Mário de Andrade .... **O Estado,** Florianópolis, 4 abr. 1984
360.	MIGUEL, Salim. Livros – Um batalhador das letras.... **O Estado,** Florianópolis, 11 abr. 1984
361.	MIGUEL, Salim. Livros – Editora da UFSC lança hoje.... **O Estado,** Florianópolis, 18 abr. 1984
362.	MIGUEL, Salim. Livros – O mundo de Gertrude Stein.... **O Estado,** Florianópolis, 25 abr. 1984
363.	MIGUEL, Salim. Livros – Lançamento de “Arca açoriana”.... **O Estado,** Florianópolis, 21 mar. 1984
364.	MIGUEL, Salim. Livros – Cabo Anselmo traidor? .... **O Estado,** Florianópolis.
365.	MIGUEL, Salim. Livros – Mais livros para o público infanto-juvenil.... **O Estado,** Florianópolis.
366.	MIGUEL, Salim. Livros – Três poetas .... **O Estado,** Florianópolis.
367.	MIGUEL, Salim. Livros – Uma volta necessária ..... **O Estado,** Florianópolis.
368.	MIGUEL, Salim. Livros – Correlação entre consumo de café e imigração.... **O Estado,** Florianópolis, 12 jul. 1984
369.	MIGUEL, Salim. Livros – Textos provocativos Dubolso.... **O Estado,** Florianópolis, 4 jul. 1984
370.	MIGUEL, Salim. Livros – Sábato recupera o Arena.... **O Estado,** Florianópolis, 27 jun. 1984
371.	MIGUEL, Salim. Livros – Noções de Parapsicologia .... **O Estado,** Florianópolis, 13 jun. 1984
372.	MIGUEL, Salim. Livros – Poesia, neste fim de ano.... **O Estado,** Florianópolis, 16 dez. 1984
373.	MIGUEL, Salim. Livros – Casa de campo, um desafio para o tradutor.... **O Estado,** Florianópolis, 4 nov. 1984

374.	MIGUEL, Salim. Livros – A propósito de Memórias do Cárcere.... **O Estado,** Florianópolis, 21 out. 1984
375.	MIGUEL, Salim. Livros – O livro da semana .... **O Estado,** Florianópolis, 12 ago. 1984
376.	MIGUEL, Salim. Livros – Militarismo no Brasil.... **O Estado,** Florianópolis, 19 ago. 1984
377.	MIGUEL, Salim. Livros – Mais poesia...embora se insista.... **O Estado,** Florianópolis, 26 ago. 1984
378.	MIGUEL, Salim. Registro – Utopia e Paixão .... **O Estado,** Florianópolis
379.	MIGUEL, Salim. Resgatando o Real.... **O Estado,** Florianópolis, 2 set. 1984
380.	MIGUEL, Salim. Livros – Humor e Humoristas... **O Estado,** Florianópolis, 09 de set. 1984.
381.	MIGUEL, Salim. Livros – Salinger, um criador.... **O Estado,** Florianópolis, 16 set. 1984
382.	MIGUEL, Salim. Livros – Da boa arte de narrar.... **O Estado,** Florianópolis, 7 out. 1984
383.	MIGUEL, Salim. Livros – Novas cartas de Mário de Andrade.... **O Estado,** Florianópolis, 4 abr. 1984
384.	MIGUEL, Salim. Livros – Um poeta lê outros poetas.... **O Estado,** Florianópolis, 23 set. 1984
385.	MIGUEL, Salim. Livros – A crítica como arma de combate.... **O Estado,** Florianópolis, 30 set. 1984
386.	MIGUEL, Salim. Livros – Um texto inquietante .... **O Estado,** Florianópolis.
387.	MIGUEL, Salim. Livros – Boa leitura: o Rio nos anúncios.... **O Estado,** Florianópolis, 6 jun. 1984
388.	MIGUEL, Salim. Livros – Portugal: uma viagem, primeiras anotações.... **O Estado,** Florianópolis, 2 jun. 1985
389.	MIGUEL, Salim. Livros – Mais poesia... Neste inicio de ano.... **O Estado,** Florianópolis, 3 fev. 1985
390.	MIGUEL, Salim. Livros – Programação da Francisco Alves.... **O Estado,** Florianópolis, 7 abr. 1985
391.	MIGUEL, Salim. Livros – UBE reúne escritores em São Paulo.... **O Estado,** Florianópolis, 10 fev. 1985
392.	MIGUEL, Salim. Livros – A global com o escritor brasileiro.... **O Estado,** Florianópolis, 17 fev. 1985
393.	MIGUEL, Salim. Livros – Congresso Brasileiro de Escritores: tudo pronto.... **O Estado,** Florianópolis, 14. abr. 1985
394.	MIGUEL, Salim. Livros – Das memórias de um adolescente à trágica compulsão do escrever .... **O Estado,** Florianópolis, 27 jan. 1985
395.	MIGUEL, Salim. Livros – Video-livro brasileiro. **O Estado,** Florianópolis, 20 jan. 1985
396.	MIGUEL, Salim. Portugal: uma viagem, primeiras anotações.... **O Estado,** Florianópolis, 2 jun. 1985
397.	MIGUEL, Salim. Livros – Do coração e de várias emoções.... **O Estado,** Florianópolis, 16 jun. 1985

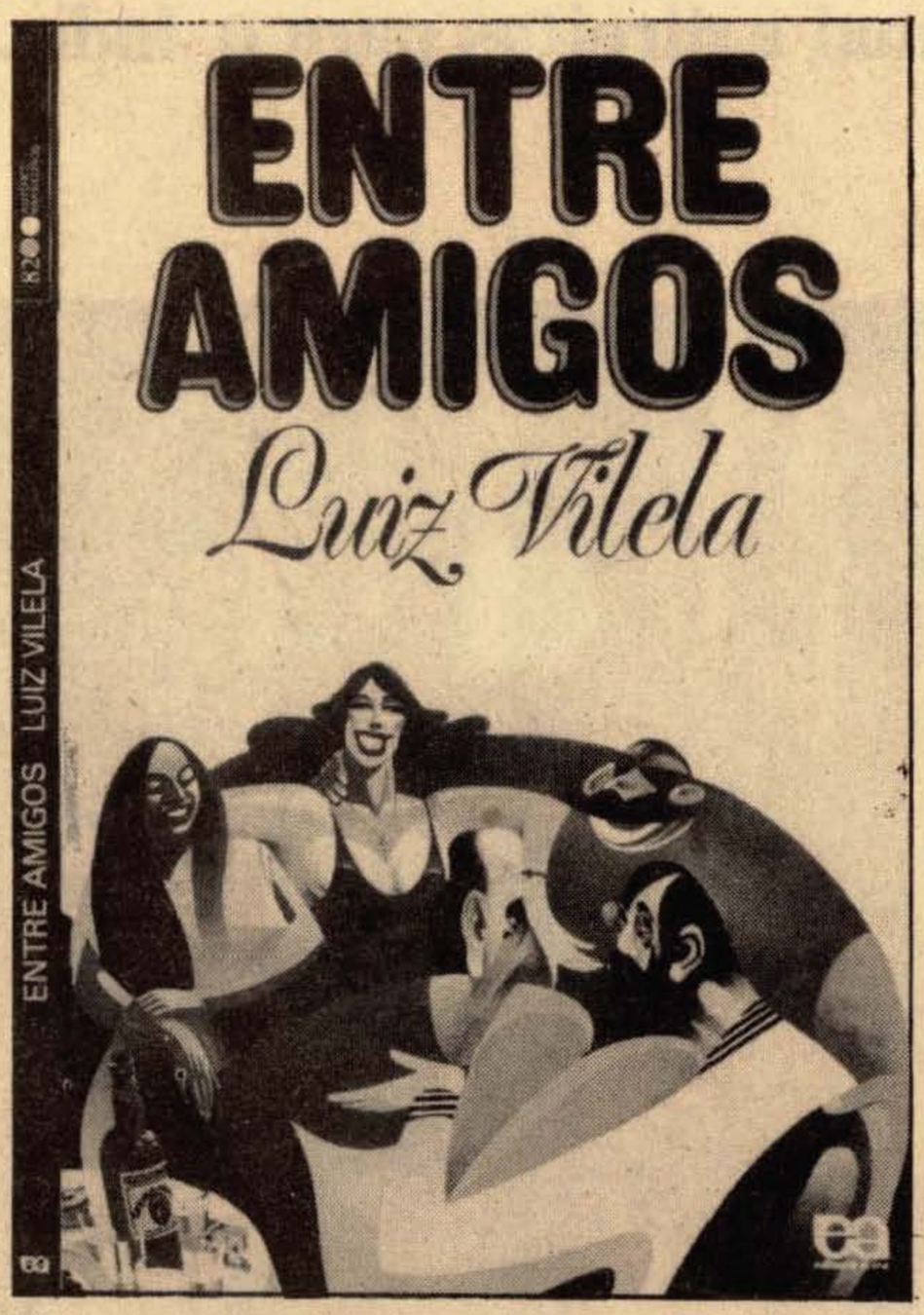
398.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Desestruturar para criar. **O Estado,** Florianópolis, 1987
399.	MIGUEL, Salim. Livros – Eleitos para o sacrifício .... **O Estado,** Florianópolis, 17 mar. 1985
400.	MIGUEL, Salim. Livros – Amostragem do nosso humor.... **O Estado,** Florianópolis, 31 mar. 1985
401.	MIGUEL, Salim. Livros – Mais poesia....novas edições portuguesas.... **O Estado,** Florianópolis, 21 abr. 1985
402.	MIGUEL, Salim. Livros – As férias e os livros .... **O Estado,** Florianópolis, 30 jun. 1985
403.	MIGUEL, Salim. Livros – Um bom entrevero.... **O Estado,** Florianópolis, 13 jan. 1985
404.	MIGUEL, Salim. Livros – Nossos clássicos: mais dois títulos... . **O Estado,** Florianópolis, 28 abr. 1985
405.	MIGUEL, Salim. Livros – Mais lançamentos..... **O Estado,** Florianópolis, 7 jul. 1985
406.	MIGUEL, Salim. Livros – Uma semana (cultural) movimentada.... **O Estado,** Florianópolis, 23 jun. 1985
407.	MIGUEL, Salim. Livros – A reunião dos escritores.... **O Estado,** Florianópolis, 10 mar. 1985
408.	MIGUEL, Salim. Livros – Escritores continuam se reunindo.... **O Estado,** Florianópolis, 24 mar. 1985
409.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – O dia do Juízo. **O Estado,** Florianópolis, 9 nov. 1986
410.	MIGUEL, Salim. Leitura Critica - A paixão do poema. **O Estado,** Florianópolis, 14 set. 1986
411.	MIGUEL, Salim. Leitura Critica – A magia da palavra ou .... **O Estado,** Florianópolis, 21 set. 1986
412.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Uma descida aos infernos. **O Estado,** Florianópolis, 19 out. 1986
413.	MIGUEL, Salim. Leitura Critica – Dois Romances, ... **O Estado,** Florianópolis, 23 nov. 1986
414.	MIGUEL, Salim. Leitura Critica – Ausências e acréscimos .... **O Estado,** Florianópolis, 2 nov. 1986
415.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Uma avaliação da literatura de Santa Catarina. **O Estado,** Florianópolis, 30 nov. 1986
416.	MIGUEL, Salim. Leitura Critica – A fortuna de um trabalho sobre Graciliano. **O Estado,** Florianópolis, 7 set. 1986
417.	MIGUEL, Salim. Literatura em busca de definição na ilha. **O Estado,** Florianópolis, 23 mar. 1989
418.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Cadê o Original?. **O Estado,** Florianópolis, 28 jun. 1987
419.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Novos títulos para todos os gostos. **O Estado,** Florianópolis, 8 nov. 1987

420.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Notas Goianas. **O Estado,** Florianópolis, 13 set. 1987
421.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Uma oportuna iniciativa e alguns registros. **O Estado,** Florianópolis.
422.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Mais concursos. **O Estado,** Florianópolis, 19 jul. 1987
423.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Papel das editoras universitárias. **O Estado,** Florianópolis, 29 nov. 1987
424.	MIGUEL, Salim. Leitura Critica – Fazer a cabeça com o livro. **O Estado,** Florianópolis, 29 mar. 1987
425.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Santa Catarina e o livro em 86 – I. **O Estado,** Florianópolis, 4 jan. 1987
426.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Catarina e o livro em 86 – II. **O Estado,** Florianópolis, 11 jan. 1987
427.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Ainda Santa Catarina/86 e o livro. **O Estado,** Florianópolis, 25 jan. 1987
428.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Coerência de uma vida. **O Estado,** Florianópolis, 23 ago. 1987
429.	MIGUEL, Salim. Leitura Critica – Novos títulos para todos os gostos. **O Estado,** Florianópolis, 8 nov. 1987
430.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Apoio às publicações culturais. **O Estado,** Florianópolis.
431.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Da importância de Ler-reler Antônio Cândido. **O Estado,** Florianópolis.
432.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – O Poder da palavra em nova dimensão. **O Estado,** Florianópolis, 30 ago. 1987
433.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Revendo o museu. **O Estado,** Florianópolis, 22 mar. 1987
434.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Ody Fraga, um amigo que se foi. **O Estado,** Florianópolis, 27 set. 1987
435.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Retrato de um homem através das cartas. **O Estado,** Florianópolis, 1 fev. 1987
436.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Uns causos saborosos e pitorescos. **O Estado,** Florianópolis, 8 fev. 1987
437.	MIGUEL, Salim. Multidão igual a ninguém. **O Estado,** Florianópolis, 23 e 24 mar. 1996
438.	MIGUEL, Salim. Marques Rebelo e Florianópolis. **O Estado,** Florianópolis, 28 ago.
439.	MIGUEL, Salim. Cinema Brasileiro: Oportunas Visões. **O Estado,** Florianópolis, 1987
440.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – O cinema em foco. **O Estado,** Florianópolis, 1987
441.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Leonor Xavier. **O Estado,** Florianópolis, 14 dez. 1986

442.	MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Oportuna reedição. **O Estado,** Florianópolis, 1987
443.	MIGUEL, Salim. Livro: Paris: anotações preliminares. **O Estado,** Florianópolis, 09 de junho d e1985.
444.	MIGUEL, Salim. Maior Pr´Meio do escritor é ser lido. **O Estado**, Florianópolis, 25 de nov. de 1984.
445.	MIGUEL, Salim. Coerência entre a vida e arte. **O Estado,** Florianópolis, 12 de abril de 1985.

LIVROS — O ESTADO - Fpolis, 24/04/83 — Salim Miguel

Desnudando o ser humano



Valendo-se de uma de suas principais qualidades de ficcionista, que é o diálogo, Luiz Vilella nos oferece, neste seu novo trabalho (**Entre amigos**, romance, Editora Atica, SP, col. Autores Brasileiros, 112 pgs), um texto inteiramente dialogado. E onde situações e conflitos vão se armando por intermédio das reações de um grupo de pessoas classe média durante uma reunião fechada. Inicialmente são cinco pessoas, depois quatro, que circulam, sentam, levantam, vão da sala para a cozinha ou o banheiro.

Utilizando-se de um artifício ficcional, Vilella vai intercalando causos narrados por um ou outro dos personagens, causos que são motivados pelo papo e pelas recordações e que adicionam uma esclarecimento ao que vem sendo abordado.

Mas à medida que a história se desenrola, vai-se desnundando o inter-relacionamento entre aquelas pessoas, com seus dramas, suas frustrações, suas angústias e esperanças — e que se começou amável e amistoso, torna-se a cada momento mais agressivo e problemático. Neste microcosmo temos, então, uma espécie de macrocosmo. E toda uma sociedade em crise começa então a ser delineada e avaliada.

Como se fosse um partícipe invisível, o leitor aos poucos vai se apercebendo do entrechoque que aflora e domina — e fica conhecendo mais e mais Marcos, Pipa, Rita, Esequiel, Leila. Mais do que o texto deixa entrever, pois o autor de **Tremor de terra** (contos), **Tarde da noite** (contos), e outros livros, sabe narrar e envolver em sua teia o leitor. E nas entrelinhas, no que está sugerindo, há uma outra realidade, tão ou mais profunda do que aquela que é expressa.

MOMENTO DA POESIA

Elegia

Abertos ao mundo
Os meus olhos choram
Te reconsideram
E choram

(Idade 21, *poemas, de Walmor Cardoso da Silva, Cadernos SUL, Fpolis, 1949).*

* * *

Depois do teatro, da revista, das mostras de pintura, das palestras sobre todos os temas, do clube de cinema, o pessoal do Grupo SUL achou que estava na hora de partir para uma editora. E a editora nasceu, com duas coleções: Cadernos SUL e Edições SUL. O primeiro título foi em fins de 1949, exatamente este Idade 21, Cadernos SUL/1. Bem recebido pela crítica, que viu no jovem autor de 21 anos uma revelação da nova poesia brasileira, Walmor continuou escrevendo e participando ativamente de todo o movimento, atuando no teatro, publicando notas de crítica e artigos. Isto até o final do movimento, em fins de 1957 inícios de 1958. Depois (o que até hoje todos lamentam) silêncio. Foi "cuidar da vida". Mas será que o vírus da poesia não ficou incubado? Quem sabe, de repente, não mais que de repente, reaparece ele com uma "idade cincoenta e tantos?". Vamos esperar. Enquanto isto, leiamos este pequeno grande poema extraído de **Idade 21.**

301 Registro

Nuvem branca, poemas de Mana, Ed. da Autora, Fpolis, 1981. Intitulada "A poetiza do Vale", esta catarinense de Florianópolis (nasceu no Saco dos Limões), publicou seu primeiro livro em meados de 81, uma poesia singela; e já teve dois trabalhos premiados em concursos no Rio Grande do Sul, um primeiro lugar como autora inédita e o outro numa promoção do jornalista José Ney, do jornal 'NH".

Três continentes, poemas de Daniel Fressnot, Ed. Alfa-Omega, SP, 1983. Francês de nascimento, radicado no Brasil desde os dez anos de idade, o A dá aqui suas reflexões em forma de poesia, e sua visão das andanças realizadas pela Europa, Africa, América do Norte e Brasil. Doutor em Letras pela Sorbonne, tem publicada uma tese sobre **O pensamento político de Erico Veríssimo**. Poesia forte e sensível, voltada para o hoje e o agora da nossa realidade.

Caleidoscópio, poemas de Maria do Carmo Gaspar de Oliveira, Ed. Achiamé, RJ, 1983. Espiritosantense residindo no Rio, a A. é formada em jornalismo e relações públicas. A propósito deste seu 2º livro, diz em perfácio o ensaista Antonio Houaiss: "A A. deste livro... seguramente se dá com a maior devoção a um dos vários componentes do seu ofício de viver. E este é o de poetar - com fé e constância".

Manchu, romance, de Robert. S. Elegant, trad. de Maria Helena Senise, Ed. Record, RJ, 1983. Através de um personagem principal, a recriação da China do século XVII. Mercenário e aventureiro, o personagem pervaga os caminhos daquele país exótico, defrontando-se com outros personagens e situações estranhas. O A.viveu durante 25 anos em Hong Kong, tendo amplo conhecimento do povo, da vida e da China.

Beulah, a terra prometida, de Lonnie Coleman, trad. de Luzia Machado da Costa, Ed. Record, RJ, 1983. A saga de uma grande fazenda e dos que ali vão viver, durante a primeira metade do século XIX, arando, semeando, colhendo, amando e sofrendo. Visão do Sul dos Estados Unidos, numa trama que possui todos os ingredientes do best-seller.

O sexo entre os animais, de Robert A. Wallace, trad. de Carlos Sussekind, Ed. Francisco Alves, RJ. Um livro curioso e informativo; uma pesquisa que revela os hábitos sexuais de espécies diferentes de animais, que vai de leões e elefantes, de lagartos a carrapatos, mostrando práticas espantosas ou excêntircas. Volume da col. Ciência, fartamente ilustrado.

A morte do sol, de John Gribbin, trad. de Edna Feldman, col. Astronomia e Astronáutica, Ed. Francisco Alves. RJ. Em linguagem clara e direta, um tema fascinante por suas implicações. Poderá a civilização sobreviver a uma catástrofe solar ou será que o próximo espasmo solar deflagrará uma nova era glacial? Estudioso destes e de outros fenômenos, o A. mostra como o equilíbrio poue ser alterado.

Como reduzir as tensões, de Dr. Edmund Bergler, trad. de Aurea Wiessenberg, col. Bem Viver, Ed. Francisco Alves, RJ. Uma série de técnicas para aredução das tensões e aborrecimentos toleráveis, através de dez regras para serem aplicadas nesta luta. A experiência prova que a maioria das tensões é causada por conflitos internos, portanto inconscientes. E é preciso saber controlá-los.

Geografia urbana, de Pierre George, Difel-Difusão Editorial, SP. Estudo para o conhecimento dos problemas nas regiões urbanas, Tomando por base cidades da Europa, o A. desenvolve o trabalho com aspectos da formação e vida das cidades de outros continentes. A obra é dividida em duas partes: formação do quadro urbano e atividades urbanas. Importante para geólogos, sociólogos e estudiosos em geral.

Aves de estimação, de Cyril H. Rogers; **Velas e veleiros**, de Goerge Goldsmith-Carter; **Rosas do mundo**, de Cyril C. Harris, são os três novos titulos da col. Prisma - O conhecimento em cores, da Ed. Melhoramentos. Informações completas e atualizadas sobre temas diversos, por especialistas de renome internacional. Permitindo uma visão abrangente das mais variadas áreas do saber.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Livros O Estado - 1/5/83 **302** Salim Miguel

Momento da Poesia

Os óculos embaciados do burocrata auxiliar

Silveira de Souza

Não sento nesta cadeira frente à mesa retangular
porque os papéis sejam tortuoso compromisso:
— olhem como se dissimulam os rostos vazios!
O sol é ácido na tarde de verão
pela janela invade morna neutralidade
sobre as bundas estacionárias em assentos
permanentes.

O mundo arrebenta lá fora, que temos nós com isso?

Atravessar corredores sobraçando projetos
vencidos para justificar retidões perdulárias.
O suor umedece um sexo abafado
sob as vestes discretas do pudor funcional.



Murilo Rubião (E.) cumprimenta Hélio Pólvora por ocasião da entrega do prêmio, em São Paulo

O Silveira de Souza contista todos conhecem. Ou todos os que se interessam pela (boa) literatura, especialmente o conto, deveriam conhecer. Ele é, sem contestação, um dos nossos mais expressivos contistas de todos os tempos, um ficcionista que sabe, como poucos, trabalhar com a palavra, sentir e transmitir. Agora, o que bem poucos conheciam era o poeta, muito embora ele estivesse embutido no contista. Daí a revelação que foi, para a maioria, a exposição **Artepoema,** de Hassis e Silveira de Souza. Como nunca será demais divulgar o que é bom, eis aí um dos dez poemas de SS.

Dentro da noite, um clarão

FIEL à sua temática baiana, conferindo-lhe porém uma dimensão universal, Hélio Pólvora constrói, em **O grito da perdiz,** um momento alto da prosa brasileira atual. Quatro contos longos, quase novelas, compõem o volume. Neles estão presentes — e aperfeiçoadas — as virtualidades de um criador que já deu boa amostra de seu talento em livros como **Os galos da aurora, Estanhos e assustados, Noites vivas, Massacre no Km 13.**

Temos aqui um ficcionista que é também crítico, atento ao fazer literário e às múltiplas implicações do texto. E se o crítico está vigilante e dá um alerta ao ficcionista na elaboração de sua linguagem e de seu estilo, em nenhum momento há interferência indébita. São duas entidades autônomas que convivem harmoniosamente.

Introspecção e recriação do real marcam fundamente a ficção de Pólvora e parecem ser as suas vertentes básicas. Atente-se para o primeiro conto, "Além o mundo azul", com seu jogo de recuaavança, onde o tema predominante é a recuperação da infância, numa tentativa de sobre ela refletir, desvelando o seu mistério e fascínio. Mas o autor entende que o passado nunca chega íntegro, ele nos volta fragmentado e reelaborado, tempo e memória trabalhando numa recomposição impossível. Para que tudo isto alcance o leitor, é utilizada uma linguagem dúctil e nuançada. Daí a insistência na captação de um clima de entretons, mesclado a um erotismo que banha tudo, envolvendo afilhado e madrinha.

Isto é transmitido através do uso de palavras-chave num contexto não erótico, de sugestões e recorrências. Por exemplo, a utilização de palavras como "intumescência" ou "penetração". Mas nada disto vem gratuitamente: são recursos expressionais pensados, calculados, para criar um clima de envolvimento que leva o leitor a participar daquele universo. Para o escritor, cada palavra tem um peso, um som, um volume, uma cor, uma dimensão, uma medida justa. Sua inserção na narrativa dá a projeção exata da proposta e ilumina a intenção do autor.

SE no primeiro conto o que se busca é a recuperação da infância e o esclarecimento de um dúbio relacionamento afilhado-madrinha, no que dá título ao volume temos, através de uma história dentro da história, o tema do ciúme. O fio condutor é simples: dois homens se internam na mata, para uma caçada de perdizes. Há a mata com seus ruídos, os homens, o cachorro, a busca das aves,o silêncio rompido por curtos diálogos. E uma espécie de interregno, quando o real se impõe: a miserável casa de família onde eles chegam. Mas dentro deles existe algo muito mais profundo e recôndito. É o ciúme, que não se explicita, mas está no jogo que se vai compondo e recompondo, nas meias palavras que vão sendo atiradas como iscas, e não aceitas voltam ao dono. Repare-se na insistência com que se fala no cio da perdiz, nas artimanhas com que ela busca o macho, para entregar-se, aquela "depravada". Se a provocação não é aceita, o presumível amante nunca assumindo a provocação, ou ao menos se referindo à mulher do outro, que insiste em falar nela, na última linha do conto tudo como que se coloca de forma reveladora. Mas até aí, um longo caminhar de idas-e-vindas foi percorrido, a violência latente contida a custo, tênue casca de civilização mal-e-mal encobrindo a fera existente dentro do ser humano. Tudo isto nos chega com uma descrição precisa do meio ambiente em que os personagens atuam, integrando-se à paisagem mostrada com precisão e sacudida pelo ribombar dos tiros de espingarda, numa simbologia de grande força e impacto. O perfil psicológico dos dois homens que se odeiam é traçado minuciosamente, com uma autenticidade de doer. Tudo o mais que os rodeia, a própria mulher causadora do conflito, tem uma tonalidade gris, aparece sob uma luz difusa como o próprio amanhecer na mata. Só o ódio perdura.

Enquanto o primeiro conto é narrado numa falsa terceira pessoa e o último numa terceira pessoa onisciente, o terceiro, "Bicuíba: uma biografia", é na segunda pessoa; e como o próprio título informa é a biografia de um pobre ser, um brasileiro, largado na vida e sofrendo-a. O conto começa como que desarticulado, refletindo aquela existência que vamos acompanhar cronologicamente. E quando nos apercebemos, fomos agarrados por essa vida desimportante que revela uma dramaticidade angustiante, fundada numa verdade onde se entrelaçam o social e o humano. Também aqui é de profundo significado a simbologia implícita, na qual aquele irônico Bicuíba (uma árvore de lei, resistente) é apodo de um ser fraco, mas que de sua fraqueza faz força para resistir e vencer (vacilamos, ficamos a pensar se a palavra "vencer" se adequa ao caso) os percalços de uma vida que foi e não foi vivida integralmente.

POR fim, a história mais enigmática e difícil, "O arrenegado", parábola sobre o poder e a opressão, que joga com luz e sombra, busca os arcanos da percepção, investiga o ser humano no que ele tem de mais recôndito, fala de fome e miséria. Aqui e onde os tipos mais claramente se integram ao meio físico, às crendices e aos medos astuciosamente manipulados pelo Coronel, para se aproveitar da força de trabalho que ele quer continuar dominando. O Surdo, no caso surdo que enxerga longe e surdo ao canto de sereia do Coronel, é talvez o único que conscientemente não quer se submeter.

Mais uma vez, sem fazer literatura alegórica, o autor utiliza símbolos: o Surdo, ao mesmo tempo em que é um ser de carne e osso (embora feito de palavras), representa o inconformismo, a insubordinação a um status quo injusto e desumano. Joga-se então o jogo da manipulação, utilizando-se intimidação e subterfúgios para que o dominador continue dominando e o dominado submisso. No caso, a epígrafe de Gogol ("Este lugar está enfeitiçado. Aqui há um embuste do Demônio. Mas quem teria chamado a este Herodes, esse inimigo da humanidade?") serve para aclarar a proposta de Hélio Pólvora, que se fecha com o final, quando o Coronel, impossibilitado de derrotar o Surdo (e por via de conseqüência Jaime, o filho do Surdo), os expulsa, pensando que assim seu domínio continuará absoluto. Mas algo se insinuou, algo que começa a corroer e que, mais cedo ou mais tarde, irá modificar a correlação de forças, fazendo-a pender, afinal, para o lado do Surdo. Tudo que o Surdo e o filho tinham foi destruído; eles são expulsos; mas a esperança, tênue, longínqua, permanece. E a frase de Jaime, o jovem ("Ele me paga, um dia eu pego ele"), ao responder ao lamento do pai, o Surdo ("Queimaram uma gota de ilusão e um pingo de sabedoria e uma multidão de palavras"), abre como que um clarão naquela noite que eles ainda enfrentam.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O ESTADO - Fpolis, 14/05/83

LIVROS

303

Salim Miguel

O real no surreal

Uma das colocações básicas de Haroldo Maranhão é tornar real o irreal (ou o aparentemente irreal), é trabalhar com o surreal, é pesquisar a palavra como um elemento autônomo a se compor com outra palavra para então criar uma realidade muito pessoal. Ele conta, sempre, como quem acredita piamente em tudo aquilo que conta (ou finge acreditar), ainda que seja o mais fantasioso possível. E quer, sem dúvida, fazer com que os demais acreditam em suas ficções e fantasias.

Seu último livro, **As peles frias**, recém-publicado pela Editora Francisco Alves, RJ, ao reunir contos novos e outros anteriormente publicados, permite uma visão clara de sua linda narrativa e de sua proposta ficcional. Ambas se situam, sob certos aspectos, na linha de um Jorge Luis Borges.

Na ficção de Haroldo Maranhão, uma das constantes é a preocupação com o "outro", o "duplo". Paradigmático, assim, "é "A morte de Haroldo Maranhão", conto que reflete bem tudo isto, e onde se inserem também trabalhos como "A cantora finlandesa" ou "Amanhã embarco para Basiléia". Ali ele coloca e discute um problema com o qual todos nós já nos defrontamos (mesmo que não lhe tenhamos dado maior atenção), e que é similitude entre pessoas, similitude física e muitas vezes espiritual. Quem de nós já não se encontrou em outro, ou de repente não encontrou, num lugar distante, amigos e conhecidos que ali não poderiam estar? Ao se aproximar, no entanto, vê que o amigo e conhecido sendo o mesmo é outro.

É de se atentar, no entanto, para outras vertentes igualmente instigantes da ficção de Haroldo Maranhão, todas tratadas com pertinência, de um sistema representativo que anula o ser humano em "O leite em pó da bondade humana", ou a corrosiva sátira em "o defunto e seu melhor bocado".

Mas em tudo e em todos, a preocupação com o narrar e o transmitir a problemática humana, e uma busca de fusão entre o lírico e o humorístico, nestas ficções por igual investimentos, agressivas, provocantes.

Eleita Diretoria da Câmara Brasileira do Livro

Tendo na presidência Mário Fittipaldi (reeleito), da Editora das Américas — Edameris, foi eleita, no dia 27 de abril, a diretoria da Câmara Brasileira do Livro para o Biênio 1983/1985. Para os demais cargos foram escolhidos: 1.º vice-presidente, Ruy Mendes Gonçalves, da Saraiva; 2.º vice, Alfredo Weiszflog, da Melhoramentos; tesoureiro, Ary Kuflik Benclowicz, da Nobel; diretor adjunto, Wander Soares, da Atica. O quadro se completa com diretores representativos dos vários segmentos do setor.

MOMENTO DA POESIA

À flor das águas

Araújo Figueiredo

Noite de junho. O gelo é vidro em pó, roçando
As mãos e os pés dos que, distendidos na areia,
Tranqüilamente estão o café esperando,
E esperando a tainha assada para a ceia.

Outros, de uma canoa as velas vão soltando,
Sem perda de um momento, à luz da lua cheia,
Que tão aziaga está... E as ondas vão rolando...
E cada pescador, nessa labuta anseia...

Correm todos ao mar, satisfeitos, felizes,
Sem nutrirem de mal as trágicas raízes,
Apenas da saudade envolvidos nas mágoas.

E que funda saudade, a dessas almas francas,
Sob as velas em cruz, as grandes velas brancas,
Da canoa que lembra uma ave à flor das águas...

(**Poesias,** *de Araújo Figueiredo, Edição do Centenário, Fpolis, 1865/1965)*

Embora pouco citado e menos conhecido, Araújo Figueiredo foi poeta que deixou sua marca nas letras catarinenses; autor de grande número de poesias, na maioria esparsas em jornais ou revistas, ou inéditas, deixou também suas memórias, ainda não publicadas, onde fala de homens e das letras de seu tempo. Só em 1965, por ocasião do seu centenário de nascimento, foram os poemas reunidos em volume, possibilitando uma visão melhor do trabalho desse catarinense. No soneto que transcrevemos, a descrição de uma cena marinha do nosso litoral, quadro fiel e bastante conhecido dos habitantes e freqüentadores de nossas praias à época descrita.

* * *

Dois novos números de Convivium

Mais dois números de **Convivium**, revista bimestral que chega ao XXI ano, mantendo-se fiel à sua linha editorial e procurando debater temas ligados à cultura de uma maneira geral. Tendo como diretor Adolpho Crippa, no seu Conselho de Redação estão Creusa Capalbo, Georges Gusdorf, Hugo di Primio Paz, Leônidas Hegenberg, Manoel Goncalves Ferreira Filho, Paulo Edmur de Souza Queiroz, Paulo G. Gouvêa da Costa, Pedro Manuel, Romano Galeffi e Ubiratan B. de Macedo, além de grande número de colaboradores. No n.º 04-82 há vários textos de Gonçalves de Magalhães, e de dois estudos sobre a sua obra, "O ecletismo de Gonçalves de Magalhães", por Aquiles Cortes Guimarâxes, e "A exaltação nacionalista em Gonçalves Magalhães", por José Carlos Teixeira Gomes. O número se completa com um artigo de Luís Alberto Peluso sobre "O problema da metafísica em Karl R. Popper" e resenhas de livros. No n.º 05-82, uma entrevista com Georges Gusdorf, um artigo de Adolpho Grippa ("O conceito de cultura em Tobias Barreto"), outro de Dom Odilão Moura, OSB ("A filosofia política de D. Pedro II"). E mais: A crise do ensino secundário, de Miguel Reale; Leitura política de filmes, de Ida Laura; Cisma na igreja latino-americana?, de Ricardo Vélez Rodrigues, além de várias resenhas.

Registro

A revolta da cachaça, de Antonio Callado, Ed. Nova Fronteira, RJ. Sob a denominação de Teatro Negro, quatro peças, que nos permitem uma (re) visão do Brasil: **A revolta da cachaça; Pedro Mico; O tesouro de Chica da Silva; Uma rede para Iemanjá**. Um dos nossos mais poderosos prosadores, com livros como **Quarup, Sempreviva, Reflexos do baile**, Callado se mostra tão bom teatrólogo quanto romancista. Texto solidário e corajoso, como as posições na vida do próprio autor.

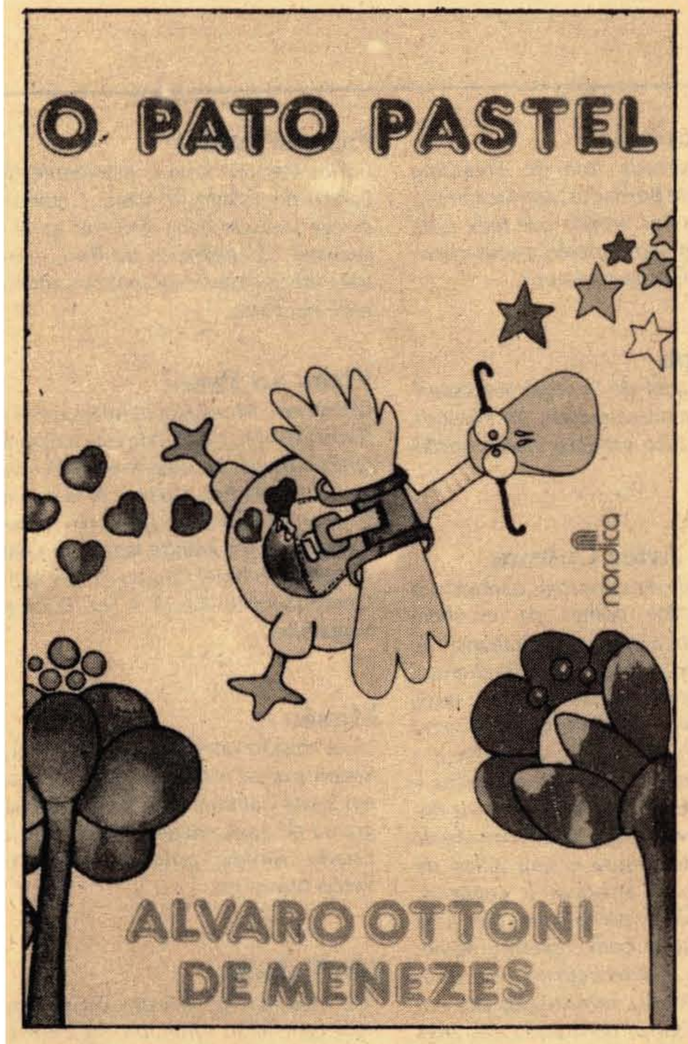
Rancho Villa, O revolucionário mexicano, de Earl Shorris, trad. de Aurea Brito Weissenberg, Ed. Francisco Alves, RJ. Um ambicioso painel de vida de um homem que ajudou a mudar a fisionomia de seu país. Em 900 compactas páginas, o A. traça um quadro das lutas, em todos os sentidos, que teve de enfrentar um peão ignorante, que aprendeu a ler aos 32 anos no texto do D. Quixote, e que se tornou brilhante general, comandando a única invasão continental dos EUA neste século. Villa, contudo, repetia que gostaria de ter sido our outro: queria que seu exército não precisasse fazer guerras, mas construir cidades. Embora romanceado, o livro se atém à realidade e recria o México da época.

Um parceiro desconhecido, de Jerzy Kosinski, trad. de Thea Fonseca, Ed. Nova Fronteira, RJ. Na mesma linguagem desabusada, o A. de **O pássaro pintado** conta agora a história de um migrante russo nos EUA. Para tentar apreender o que o rodeia, o personagem usa o sexo como meio de revelação: retrata um homem sem rumo num mundo sem rumo. E como sempre, Kosinski se auto-revela. É sempre ele e seus fantasmas, em meio a personagens estranhos e inconformados.

Ana do Maranhão, de Lenita de Sá, Ed. Cátedra/Pró-Memória, INL, RJ-Brasília. Prêmio Brasília de Teatro, no XV Concurso Literário da Fundação Cultural do Distrito Federal, 1981, este texto revela uma nova autora, com bom domínio da carpintaria cênica e um texto que flui. Trabalhando sobre uma personalidade forte do Brasil do séc. XIX, a A. pesquisou, mas não se deixou levar pela pesquisa. Em cima dela soube criar figuras que vivem e nos emocionam.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Novidades na área infantil e juvenil





Numerosos títulos estão indo, regularmente, para as livrarias, visando atingir (e preparar) o novo leitor. Eis alguns:

Da Ed. Melhoramentos

A série Catimbó, para os bens pequenos, é muito alegre e colorida. Dela fazem parte Coaxito, Cocó, Estácio, Miriam, Miguelino, Mumusa, Porcino, Quico, Rugério, Tiriri, Trombonio e Zizi. A adaptação do original inglês está sob a coordenação de Ana Maria Machado.

Também para os leitores principiantes é a série Meu dia, constituída por Meu despertar, Minhas manhãs, Minhas tardes, Hora de dormir. Texto fácil, gravuras alegres e motivadoras.

Araújo e Ophelia, texto e ilustração de Ricardo Azevedo, é um belo livro dirigido ao neoleitor. Trata da preservação da natureza e da luta das pessoas em defesa de seus direitos. Há um clima lírico de envocação do passado, mas sem nenhuma nostalgia.

O leão Adamastor, texto e ilustração de Ricardo Azevedo. Divertida história, com texto mais comprido, em torno de um leão. Ele foge do circo, visita nossa floresta, vira cachorro e acaba na África natal, feliz da vida.

Da Ed. Agir/INL

Zé Pirulito, de Astrid Cabral, il. de Maria Eduarda. Um menino, em choque com seus familiares, resolve ir morar no Jardim Zoológico.

Uma vez lá, percebe que ali também existem conflitos e luta pela sobrevivência. Ao voltar para casa, encontra o carinho e a compreensão dos pais.

Da Ed. Rocco

Feliz aniversário, de Dani-Mauro Teixeira Martins, il. de Irene Peixoto e Marcia Cabral. A ansiedade da espera e a alegria da festa de aniversário de um menino de cinco anos. Texto bom de ler, ilustrações em duas cores, de grande efeito. A lamentar, o "merchandising" por certo inconsciente da Coca-Cola.

Da Ebal

Memórias de um tucano, texto e il. de Felicitas Barreto. A A. ganhou na Amazônia um tucano, que trouxe para Copacabana. Com muita graça e respeito pelos animais, ela nos conta as peripécias dessa convivência às vezes difícil, mas sempre enriquecedora. O livro é um canto de amor à natureza e os índios. Da mesma A. já tivemos Requiem para os índios.

Como apareceu a noite, de Durvalina Santos, il. de Roberto Ricardo. Recriação de uma lenda indígena, na qual os índios explicam a noite, seu aparecimento e as consequências que daí advêm.

Bairro feliz, de Maria Lysia Correa de Araújo, il. de Arcindo Madeira. Transposição da história de Romeu e Julieta para a ratolândia, e a briga entre gatos e ratos, impedindo o amor do ratinho e da gatinha.

Maria e Companhia, de Laís Corrêa de Araújo, il. de Marcelo Monteiro. Prêmio de Literatura Infantil Cidade de Belo Horizonte, este livro mostra histórias do dia-a-dia, ao mesmo tempo engraçadas e comoventes. Observe-se a empregada Maria, o Zé Fufura, a Família Ripinica, o Mágico Zinquinzin, gente encontradiça por aí, recriados num texto de quem sabe dar seu recado.

Da Ed. Escrita/Vertente

Sapo Curizinho da beira do rio, texto e il. de Maria Magdalena L. Gastelois. Em 2.ª edição, um livro que no dizer de Laura C. Sandroni "encanta os pequeninos". Selecionado para a Ciranda de Livros.

O homem que soltava pum, de Mário Prata, il. de Bisso. Divertido texto para crianças entre sete e 14 anos: a história amaluçada de um personagem cujo defeito (ou não?, necessidade), desde pequeno, era soltar os seus puns. O autor é um teatrólogo já conhecido e o ilustrador um argentino que já morou em Florianópolis.

Da Ed. Melhoramentos

Seis títulos da Col. Obras Primas de Walt Disney: Alice no país das maravilhas; Bambi; A bela adormecida; Os 101 dálmatas; Dumbo; O ursinho Puff. Volumes cartonados em formato 21,5 x 27 cm, capa dura, ilustrações a 4 cores.

Da Ed. Nórdica

O Pato Pastel, de Álvaro Ottoni de Menezes, il. de Patrícia Gwinner. Um texto divertido e que faz pensar, ilustrado com humor e muita imaginação. Na terra do Pato Pastel, um rei rico e poderoso, mandava num povo explorado e oprimido. O Pato Pastel não aceitava as coisas como estavam; e tanto conversou e tanto ensinou, que um dia, as coisas mudaram. Pelo esforço solidário de todos.

Mamãe é a mulher do papai, de Werner Zotz, il. de Patrícia Gwinner. Três histórias que abordam crianças em conflito com a família por razões sérias e importantes. A questão do sexo, a repressão da criatividade, o desentendimento entre os pais. Apresentadas pela ótica de protagonistas crianças, em linguagem direta e sensível, não só ajudarão os pequeninos a melhor se compreenderem e à vida que levam, como facilitará a abertura de um diálogo produtivo entre grandes e pequenos. A ilustração de Patrícia, com seu jeitão arteiro e pleno de alegiria, mostra que sempre há lugar para o risco e a esperança. Zotz, na área, já tem outros livros, entre eles Apenas um curumim, que recebeu os prêmios Fernando Chinaglia, Monteiro Lobatto e Brasília de Literatura.

MOMENTO DA POESIA

Tucano-de-bico-verde

Sidônio Muralha

Tucado eu sou,
tucano eu fico,
se gostou
ou não gostou
do tamanho
do meu bico.

Mudá-lo seria engano
pois um tucano tem bico
tem um bico
de tucano.

E se encurtam o seu bico
fica o bico do tucano
igual
ao do tico-tico
e é normal
que cada qual
seja senhor do seu bico.

(A Televisão da Bicharada, de Sidônio Muralha, il. de Fernando Lemos, 1.º prêmio da II Bienal Internacional do Livro de São Paulo)

* * *

Se na prosa a literatura infanto-juvenil já tem nomes expressivos, se ela vem melhorando grandemente em qualidade e quantidade, na poesia são poucos os autores que sabem dar um recado estética e humanamente válido. Lembraríamos aqui Mário Quintana, Vinícius de Morais, Cecília Meirelles. E o escritor português, há pouco falecido, Sidônio Muralha, que há muito residia no Brasil. Sabendo flagrar com elegância e simplicidade, ele transmitia mesclando lirismo e humor. Como neste exemplo que selecionamos, onde o tucano quer ser ele mesmo, pois cada qual deve ser senhor do seu bico.

Registro

Literatura Infanto Juvenil — um gênero polêmico, organização de Sônia Salomão Khéde, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ. Coletânea de textos abordando os mais diversos aspectos de uma literatura que vem adquirindo relevo, em especial a partir dos últimos anos. Aqui, nomes como Sônia S. Khéde, Regina Zilberman, Laura C. Sandroni, Júlio Cesar da Silva, Ezequiel Teodoro da Silva, Edmir Perroti, Antônio Holhfeldt, Francisca Nóbrega, Glória Maria Fialho Pondé, Michelle Bourjea e Regina Yolanda Wernech, analisam desde a oposição literatura fantasiosa/literatura realista até problemas como folclore, nacionalismo, etc., além de artigos outros versando sobre a poesia para crianças e a ilustração. Os artigos reunidos datam a partir de 1980.

Como amar uma criança, de Janusz Korczak, trad. de Sylvia Patrícia Nascimento Araújo , prefácio de Bruno Bottelheim, Ed. Paz e Terra, RJ/SP. Nesta obra, o famoso educador polonês (morto pelos nazistas num campo de concentração durante a II Guerra Mundial), coloca suas concepções a respeito dos problemas educacionais, com ênfase especial para uma educação menos repressiva para as crianças. Mentalidade aberta, sempre disposto a rever posições, ele discute a melhor maneira de se educar um bebê ou os pré-adolescentes ou adolescentes. Com toda uma vida marcada pelo amor à criança, mais ainda a desprotegida, ele fala de um tema que conhecia de perto: ao reconstituir sua vida num orfanato, relembra os problemas que enfrentava e que superou.

O estranho mundo que se mostra às crianças, de Fanny Abramovich, Ed. Summus, SP. Livro instigante, que abarca todo o universo da produção cultural para crianças e jovens em nosso país. Trata da literatura, teatro, TV, cinema e música; aborda tanto os meios como as obras, estuda seus reflexos no público, coloca a produção dentro de nossa realidade, indaga de sua qualidade e de suas motivações. Indispensável para todos aqueles que se interessam por cultura e pelo futuro deste Brasil.

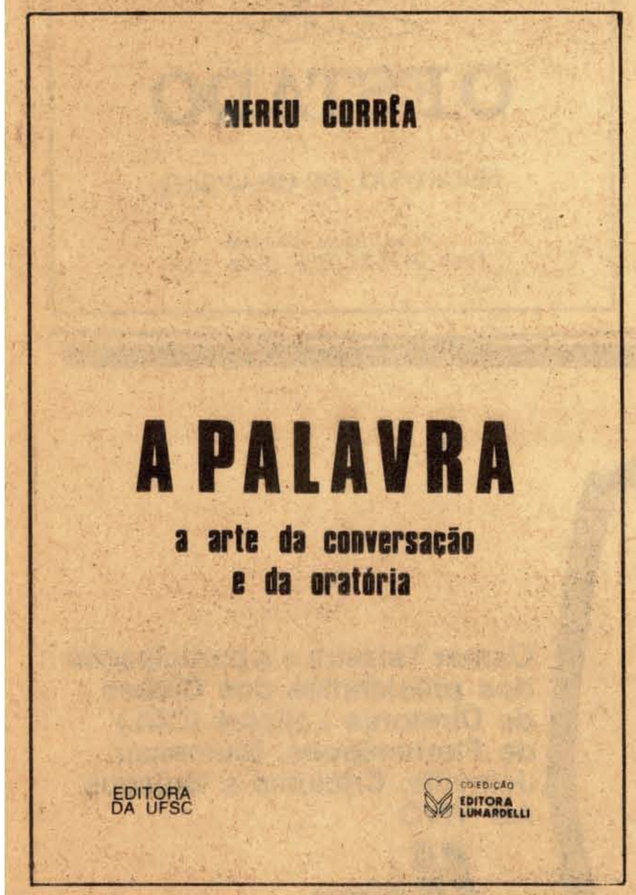
UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O Estado - 25/5/83

305

LANÇAMENTO, HOJE

"A palavra" de Nereu Corrêa



Depois de situar a proposta deste seu livro dizendo que "não é apenas sob o aspecto da eloqüência que enfocamos a palavra nos ensaios reunidos neste volume. Preocupou-nos também a fala em termos de comunicação do homem em nossos dias, qualquer que seja a sua categoria", Nereu Corrêa discorre sobre a arte da palavra através dos tempos e do que ela representou.

Ensaísta e crítico, autor de quase uma dezena de livros, Nereu Corrêa divide A palavra, a arte da conversação e da oratória, em duas partes, a primeira subdividida em três capítulos: A palavra, matéria prima do orador; O artesanato do orador; A arte do orador; e a segunda numa série de entrevistas com personalidades que se destacaram também como oradores.

A palavra reaparece em 2.ª edição pela Editora da UFSC e será lançado hoje, às 18h30m, na Max Stolz Galerie. A 1.ª edição, de 1972, foi de Laudes, RJ. Na de agora, revista e aumentada, Nereu Corrêa acrescenta novas entrevistas, ampliando o leque de colocações sobre um tema que foi e continua polêmico.

MOMENTO DA POESIA

Dos Poemas

Edmundo Font

1

la única certidumbre entre los dos
es el futuro
el dia que aún va a venir
y nuestro deseo cabalgando em su lomo
la hora siguiente la próxima semana
mañana te amo más de lo que te amaré
tergiverso los tiempos
tus ojos me miran como siempre
desde siempre condensan el asombro
en el cubo de acrílico del instante
el recuerdo avasallador llama
a cada uno por su nombre
no te olvides amor
no te olvides del amor
amor no se te olvide

nada es más seguro que la duda
o los vínculos débiles
del hilo telefónico
cobra que danza con nuestras voces
en atropellado tránsito
horas y horas de silencio
a través del túnel
aguardando la llegada
de nuestra respiracion agitada
he aprendido a dormir
con el télefono en mis brazos
y la línea abierta
mientras el roce de tus piernas me despierta
no cuelgues amor
pasa la noche con el aparato negro
acariciame
soy ese logro de la incomunicacion

2

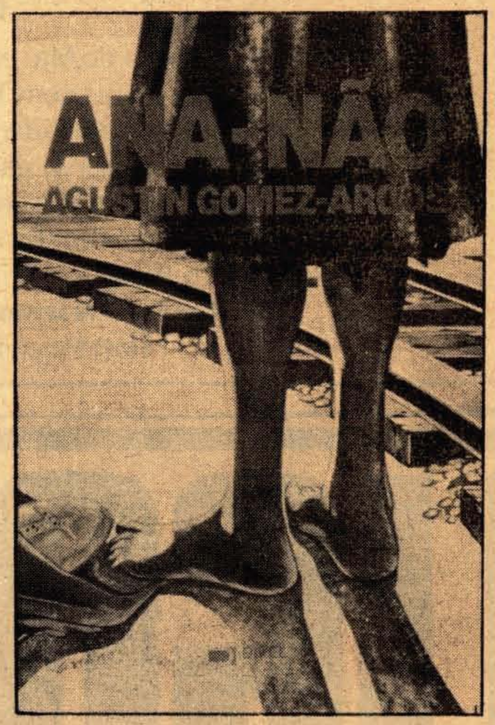
todo termina cuando todo comienza
me dijiste mientras yo asentia
mi cuerpo en tu cuerpo
en un abrazo de loto
ola que llega y no desaparece

vá y vuelve en su carrera
a tocar el fondo
mi cuerpo te baña en sudor
y se retira y embiste una y otra
y otra vez
acudiendo al llamado irrecusable
que convida al extravio

Edmundo Font nasceu no Porto de Tampico, Golfo do México, em 1953. Estudou língua e literatura hispânicas na Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional Autônoma do México. Desde 1974 vem servindo ao seu país, primeiro em São Salvador, depois no Cairo e atualmente no Brasil como Conselheiro Cultural da Embaixada.

É autor de poemas e críticas literárias e de artes plásticas publicadas em suplementos culturais de jornais mexicanos e centro-americanos. Paralelamente à sua tarefa diplomática, foi professor nas Universidades Nacional e Católica de El Salvador, "El Azhar" do Egipto e Nacional do Rio de Janeiro. Em 1973 teve publicado seu primeiro livro, "Otra vez Guernica", poema sobre o quadro de Picasso. Font, que na última semana esteve em Florianópolis para acompanhar a projeção de filmes sobre o México, proferir palestra sobre "As expressões da arte e da cultura indígena no México" e inaugurar exposição de réplica de 50 peças pre-hispânicas, a convite da Universidade Federal de Santa Catarina, aproveitou para, em companhia do Prof. Sílvio Coelho dos Santos, visitar a Fortaleza de Anhatomirim, mostrando-se impressionado não só com o que viu mas principalmente com o trabalho de recuperação que ali se processa. Font acertou, também, com a Editora Noa Noa, a edição de um novo livro de poemas, Alibi, que deverá ser lançado em setembro. São deste livro os dois poemas que selecionamos para esta coluna.

Registro



Ana-não, de Agustin Gomes-Arcos, trad. de Octavio Mendes Cajado, Difel, SP. Retrato dramático do regime ditatorial de Franco, visto através da peregrinação de uma mulher pelos caminhos de Espanha: uma velha mãe de 75 anos, que atravessa o país para o inalcansável Norte, em busca do único filho que lhe resta e que está preso (marido e dois filhos morreram na luta contra o franquismo); e a consequente tomada de consciência dessa mulher, que perdeu até a identidade e que é conhecida como Ana-não. Alegoria da condição humana num regime de força, como acentuou a crítica ao referir-se a este romance lírico e épico, com ele o A. conquistou três prêmios: Livro internacional - 1977; Thide Monier; e Roland Dorgêles-1978. Agustin vive na França e escreve em francês.

O colosso de Marússia, de Henry Miller, trad. de Cora Rónai, LePM - editores, PA. Livro de amor à Grécia e à liberdade, que traça, ao mesmo tempo, o retrato de um personagem que intrigou e fascinou Miller: o poeta Katsimbalis, que mais do que escrever gostava de viver e narrar oralmente. Em suas andanças (e descrições) pelas diversas regiões da Grécia, o A. não só confirma seu talento de narrador como revela outra faceta, desconhecida dos que só o viam autor de livros como Sexus, Plexus, Nexus (reeditados pela mesma LePM), onde fala de sexo da maneira mais franca — o que lhe criou problemas com a censura.

O sonho de Martha Quest, de Doris Lessing, trad. de Laetitia Vasconcelos, Ed. Record, RJ. De acento autobiográfico, este é o primeiro livro de uma série que a A. escreveu e que intitulou Filhos da Violência. Nele acompanhamos a trajetória da jovem Quest (e quest em inglês significa busca), criada na África mas que anseia por novos horizontes. A época do romance são os anos que antecedem a II Guerra, com seus reflexos na personalidade e na formação de Martha: entrechoque com a família, busca de novos caminhos, sensibilidade exacerbada. Considerada uma das mais importantes escritoras inglesas, Doris é autora, entre outros, de A canção na relva, O carnê dourado, O quarto 19, A tentação de Jack Okney.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS O Estado - 28/5/83 Salim Miguel

Camilo e seu permanente fascínio 306

O estranho fascínio da personalidade e da obra de Camilo Castelo Branco não só perdura, como aumenta mais com o correr dos tempos. A fortuna crítica do grande prosador português só tende a se avolumar. Pesquisadores e estudiosos se debruçam sobre sua vida atormentada e sua obra tão expressiva, numerosa, reveladora de seu mundo. Novos fatos, incidentes, episódios, vão emergindo, buscando iluminar desvãos de uma personalidade múltipla e complexa. E nomes como um Alexandre Cabral, por exemplo, chegam a deixar quase de lado a própria obra ficcional para se dedicarem à análise de Camilo. Agora mesmo Cabral tenta reunir e comentar a vasta correspondência do autor de **Amor de perdição**, que deverá constar de vários volumes. Escritor infatigável, Camilo era por igual epistológrafo infatigável.

Volta também a circular, em 3.ª série, o Boletim da Casa de Camilo, editado pela Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. Neste 1.º número, correspondente a fevereiro de 1983, Jacinto do Prado Coelho examina "O romance histórico em Camilo", Mons. Moreira das Neves vê "Uma obra de Pierre Larrousse anotada por Camilo". A. do Carmos Reis fala "Sobre a insurreição de Maria da Fonte a pretexto de uma leitura de Camilo", Maria do Rosário Girão R. Santos se detém num "Jogo de Espelhos" para avaliar melhor a figura de Camilo, explicitando por meio dela o seu trágico fim, Manuela de Azevedo interpreta "O teatro de Camilo enquadrado no seu tempo", Alexandre Cabral aborda dois temas que visam aclarar aspectos particulares do trabalho do escritor, no primeiro deles "O significado dos lapsos cronológicos na noveslística camiliana" e no segundo faz uma breve reflexão sobre os "romances facetos" Eusébio Macário e A Corja. São, todos, qualquer que seja o enfoque, trabalhos que ajudam a mais e melhor conhecer e remetem para um autor que continua não só atual, mas intrigando e intrigante na sua concepção do fazer literário e do viver. Sem dúvida que Camilo Castelo Branco é um mundo que quanto mais é desvelado mais se tem nele a desvelar.

MOMENTO DA POESIA

Pequena elegia

Walmor Marcelino

Um luar permanece
pelas cabeças perplexas
e o vento tange
de leve as roupas frouxas;
esquecidos na noite
da tarde esquecidos
lá vão os homens sem memória
e os ruídos da tarde
se perdem nos canais subterrâneos.

Na hora em que
curvados regressamos
os homens ganharam seu pão
e estamos sós;
no entanto
componho uma elegia
sobre a cidade
e suas vítimas.

Um silêncio feito
de consentimentos
amarissimos desejos
perduram em nossos corações
a ninguém rompe
as duras cadeias.
Não ouço um grito
uma voz ou um queixume
Mas a noite avança
para nova aurora.

Janela para o mundo — Tempo de fezes e traição, *poemas de Walmor Marcelino, Ed. do Autor, PR, 1964. oOo*

Jornalista, poeta, contista, crítico, Walmor Marcelino é um catarinense que tem feito sua atividade cultural entre o Rio Grande e o Paraná. Em Porto Alegre participou do movimento do Grupo Quixote; e em Curitiba exerce intensa atividade em várias áreas. Seus textos, prosa ou poesia, são vincados por um forte compromisso com a realidade, compromisso que caminha lado a lado com a preocupação com a qualidade do texto. Neste poema, tudo isto está expresso.

Al-Anbá - integração e participação

Um bom recado para a colônia árabe no Brasil, servindo de ponto de ligação e intercâmbio, vem sendo dado por **Al-Anbá**, jornal semanal cultural social, bilíngüe, que se edita em São Paulo sob a direção de Nauaf Hardan. A publicação já está em seu 15.º ano; e em cada número, matérias de real interesse, situando e discutindo problemas comuns, mostrando os problemas do mundo árabe e sua luta por afirmação e identidade. Num dos últimos números, sob o título "É preciso salvar o Líbano" declara-se em certo trecho: "O Líbano, parte da Síria Geográfica Natural, o Crescente Fértil, berço da História, da cultura e da liberdade de expressão, reclama como direito, apenas a não violação de suas fronteiras, o respeito à sua unidade geográfica, lingüística e religiosa, criando assim condições para uma evolução natural de seu povo e sua missão perante as sociedades."

Também há pouco nos chegou um n.º especial de **Al-Anbá**, que presta homenagem a um escritor e jornalista que há muito vem se dedicando às causas árabes no Brasil. Trata-se de Nauaf Hardan, que além de editar o jornal, tem participação ativa na sociedade e foi o primeiro presidente da Liga Árabe Brasileira de Letras. Ao justificar o número especial, a Liga, depois de falar do trabalho de Nauaf e do que ele significa, destaca o que vem sendo feito no sentido não só de congregar valores já conhecidos nas letras e nas artes, mas de revelar outros, acentuando que "para esses que desabrocham Nauaf Hardan dedica especial atenção".

Registro

Crônica de uma brisa eleitoral, de Carlos Eduardo Novaes, Ed. Nórdica, RJ. Com seu jeito todo peculiar de narrar, Novaes já adquiriu um lugar próprio entre os cronistas brasileiros. E periodicamente ele vem reunindo em livro suas crônicas do Jornal do Brasil. Aqui, o tema é claro a todos nós: eleições. Em meio ao humor de Novaes e às charges de Chico Caruso, muita verdade que continua precisando ser dita.

A mulher do tenente francês, de Joh Fowles, trad. de Regina Réis Junquiera, Ed. Record, RJ. Famoso por seu romance **O colecionador**, Fowles volta aqui com outro livro onde estão igualmente presentes suas qualidades de ficcionista criativo. Na boa tradição do romance inglês, de um Hardy, por exemplo a quem o presente autor tanto deve, mas a que adiciona condimentos da ficção atual, uma história fascinante de amor, e também a perfeita recriação de uma sociedade preconceituosa, a da Era Vitoriana na Inglaterra. Um excelente filme foi extraído do romance.

O mundo se despedaça, de Chinua Achebe, trad. de Vera Queiroz da Costa e Silva, Ed. Ática, SP. Novo volume da col. Autores Africanos, precisando mapeamento da literatura daqueles países. Este é um romance sobre a transição africana — e na opinião do prefaciador Alberto da Costa e Silva, "evocação daquele instante em que o povo ibo saiu do seu isolamento para o doloroso diálogo com o resto do mundo". Este romance, talvez o mais expressivo de Achebe, já está traduzido para treze idiomas, recebido sempre com gerais aplausos.

Rodeo Drive — A rua do puxo e do prazer, de Barney Leason, trad. de Luiz Corção, Ed. Record, RJ. Escritor e jornalista, o autor arma uma trama em torno de uma rua onde circulam grandes astros e personalidades californianas. Neste universo, ele mostra a vida de pessoas que tudo possuem, porém querem mais. Verdadeiro best-seller, com os ingredientes do gênero e que atrai tantos leitores.



UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Profundo e assustador

Doze reis e a moça no labirinto do vento, **texto e ilustrações de Marina Colasanti, ED. Nórdica, RJ.**

Eglê Malheiros



Poemas em prosa, prosa poética: qualquer rótulo limita o encanto que flui destas páginas. À primeira vista, histórias de fadas, já que se passam no reino de quimera, no tempo do era uma vez, tratam de reis e rainhas, princesas, donzelas, unicórnios. Alguém mais desatento observará: lá me vêm com narrativas requentadas, prefiro os contos da carochinha, que são originais.

Deixado de lado o item originalidade, pois desses contos pode-se seguir as pegadas até pelo menos os que falavam sânscrito, e muito além, é bom que se avise: aqui nada de histórias requentadas, é produção nova, velhas questões enfocadas por uma sensibilidade contemporânea e profunda.

Quem leu **Uma idéia toda azul**, da mesma Autora, há de ter pensado que Marina já tirara todo o ouro do filão. Porém, este livro não só desmente a suposição como demonstra que ainda muito havia a explorar.

A linguagem é clara e musical. A simplicidade voluntária lembra as túnicas, que melhor revelam a forma dos deuses.

A narrativas se faz em dois planos. No primeiro, a linguagem denotativa nos contrói uma história perfeitamente objetiva, uma vez aceitas as convenções literárias. No plano mais profundo, a história se desdobra numa metáfora poética, em que se discute e interroga o relacionamento homem-mulher, o eterno feminino, o patriarcalismo, o papel do mãe na manutenção do sistema. Mas que por sua vez é uma metáfora deo jogo dialético entre sonho a realidade, submissão e desejo, o que se pretende que exista e o que pode vir a existir.

Para que idade recomendar? Para todas. As crianças pequenas ouvirão ler e se embalarão no maravilhoso, que lhes é tão familiar. Os maiores irão aos poucos penetrando as várias camadas, e terão nestas páginas um recursos contra um objetivismo árido que, a título de mostrar o que existe, na maioria das vozes oculta a realidade. Os adolescentes encontrarão na música que emana das palavras um incentivo para que prossigam em suas buscas. Os adultos se sentirão um tranto ou quanto inquietos, e os que ainda têm salvação passarão a ver melhor.

São muito belas histórias, mas de minha parte há uma por excelência, que deveria ser distribuída como advertância a todos que teimam em manter a mulher alienada e manobrável. Trata-se de "A moça tecelã". É preciso muita empatia com a condição feminina, ser capaz de vivenciar a experiência de muitas gerações e transmutar em imagens sombólica a luta pela auto-afirmação, para escrever conto tão singelo. Mas tão profundo e assustador.

Ainda bem que, em se tirando lição dele, belas coisas são possíveis de tecer. E um dia, todos nós, aí incluídos por certo e por direito a parte masculina da humanidade, estaremos habitando a alvorada que teremos construído.

MOMENTO DA POESIA

A verdade

Thiago de Mello

A verdade é a luz pequena
ardendo na escuridão.
Da terra, ela nasce e cresce
de vida, na tua mão.
Quem a encontra, gasta um rio
de palavras, inaugura
braços e barcos, mostrando.
Ninguém a vê. De repente,
é um sol imenso no peito
da multidão: é a verdade
no centro do seu poder.
Mas ela também se acaba.
E quando quando se acaba
é uma brasa oca, faminta,
devorando o coração.

(**Poesia comprometida com a minha e a tua vida,** Thiago de Mello, 5.ª edição, Ed. Civilização Brasileira, RJ)

* * *

Nome significativo da chamada "geração de 45", Thiago de Mello tem já uma obra expressiva e que vem sendo devidamente analisada e reconhecida por nomes como Otto Maria Carpeaux e Alceu de Amoroso Lima. Neste livro, em 5.ª edição, que ele sub-intitula de "Pequena história natural do homem no fim que vem vindo do século vinte", oferece versos que são uma síntese de sua caminhada de poeta e de homem integrado no seu tempo.

Registro

O Veredicto, romance, de Barry Reed, trad. de A.B. Pinheiro de Lemos, Ed. Record, RJ. Um caso de negligência médica que transforma uma mulher num vegetal. Na trama, um advogado em decadência que tenta esclarecer tudo e as pressões que ele sofre e enfrenta. Adaptado para o cinema, Paul Newman interpretando o advogado, o filme concorreu ao Oscar e vem causando impacto no público por sua verdade.

Acertos finais, romance, de Ann Beattie, trad. de Louisa Ibañez, Ed. Francisco Alves, RJ. Livro considerado, para os nossos dias, o que **Coração, solitário caçador,** de Carlson McLlures representou para a década de 40 e **O apanhador no campo de centeio,** de J. D. Salinger, para a de 50. Satírico e melancólico, traça, através de uma galeria expressiva de personagens, um painel vivo dos EUA hoje.

Rajac — A estória de uma baleia, romance, de Stanley Spain, trad. de Aurora Fornoni Bernardini, il. de Eric Maché, Difel, SP. A autora estudou a vida dos cetáceos; o resultado é um romance que teve boa recomendação da imprensa norte-americana. Considerado um alerta ecológico, narra a trajetória de uma baleia pelos mares do mundo.

Família em preto e branco, novela, de Pedro Bloch, Ed. Nórdica, RJ. Autor de teatro, muito representado e com vários prêmios, autor de livros para os leitores jovens, aqui ele reescreve uma sua peça teatral em forma de novela para jovens. Retrata problemas do jovem de hoje, entre eles o do tóxico, e a busca de soluções num mundo em processo de transformação.

Ciranda, Cirandinha, a contradança de uma vida, memórias, de Lilli Palmer, trad. de Wilma Ronald de Carvalho, Ed. Nórdica, RJ. Não só temos aqui a trajetória de uma atriz sensível, mas o panorama do mundo a partir de Hitler no poder. A necessidade de sair, o crescimento do hitlerismo, a busca de afirmação, os anos de Hollywood, tudo flui neste texto de alguém que tem o que transmitir. Há em tudo uma leve ironia, um toque de lirismo. E a recriação de uma galeria impressionante de figuras do mundo da política, do cinema, das artes.

Gente da cidade, romance, de Cyprian Ekwensi, trad. de Sérgio F. G. Bath, Ed. Ática, SP. Através da figura de Amusa Sango, repórter policial e músico, acompanhamos o processo de transformação de um país africano, a Nigéria. Livro direto, que flagra o clima e as contradições sociais num momento crucial, revelando como isso influi também no comportamento das pessoas. Mais um bom título da col. Autores Africanos.

O jardineiro espanhol, romance, de A. J. Cronin, trad. de Luzia Machado da Costa, Ed. Record, RJ. Os entrechoques de um velho cônsul, seu filho de nove anos e o jardineiro da casa. Com tais elementos, centrados num pequeno porto da Espanha, Cronin cria um clima de tensão permanente. O Autor é conhecido do público por livros como **A cidadela** e **O castelo do homem sem alma.**

A governanta, romance, de Catherine Gaskin, trad. de Flávia Maria Vasconcelos Pereira, Ed. Record, RJ. Caribe: plantações de cana, senhores de engenho, escravos rebeldes, revoltas sociais, vodu e magia negra. De repente ali chega Fiona, jovem escocesa, que vai ser governanta numa fazenda. Tudo aquilo a envolve; e também ela se deixa envolver. Best-seller com todos os ingredientes do gênero.

Borrador, poesia, de Sylvio de Barros Reis, Ed. Pannartz, dis. Nobel, SP. Nesta coletânea de anotações poéticas, como o próprio autor denomina seu livro, ele se deixa levar e vai registrando tudo aquilo que fere sua sensibilidade. Um exemplo: "Historinha — Espelho mágico/ diz espelho meu,/ haverá alguém/ mais infeliz do que eu?/ — Sim majestade, TODA UMA HUMANIDADE".

O analista de Bagé, em quadrinhos, de Luís Fernando Veríssimo e Edgar Vasques, LePM - editores, PA. Depois de ganhar o Brasil analisando sua gente, e cada qual criando o seu, eis que o analista volta, agora pelo traço de Vasques. Não só, pois em traços seguros temos toda a comparsaria, incluindo Lindaura, a recepcionista. E é claro que este Analista com fisionomia também vai fazer o mesmo sucesso.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

308 - MIGUEL, Salim. Livros – A memória da cultura alternativa nos anos 70 .... **O Estado,** Florianópolis, 4 jun. 1983.

308

LIVROS O Estado - 4/6/83

Salim Miguel

A memória da cultura alternativa nos anos 70

Criado para coletar e preservar a produção independente da geração 70, a geração mimeógrafo, chamada também nanica, alternativa, marginal e underground, o **Centro de Cultura Alternativa do Rioarte** continua firme em seus propósitos, funcionando no mesmo prédio há mais de dois anos, desde que foi criado sob a proteção da antiga Fundação Rio, presidida por José Rubem Fonseca, hoje Instituto Municipal de Arte e Cultura ou Rioarte, como é mais conhecido. Se o endereço, Rua Rumânia, n.º 20, não mudou, os objetivos foram ampliados, o espaço cultural aumentado. Hoje o centro acumula mais de dois mil e quinhentos títulos, publicações e discos enviados pelas mais diferentes fontes e os mais distantes Estados da Federação. É de doações que o Centro vive e cresce.

Entre todos os objetivos o mais importante é a preservação do material colhido, através do registro das manifestações alternativas brasileiras de qualquer espécie e de qualquer lugar. Tudo isso aberto ao público, durante todo o dia, das 10 às 17 horas. Palestras, reuniões, encontros, projeções e discussões sobre o que é a produção independente dos anos 70 atraem intelectuais de todas as artes do Brasil que encontram em Maria Amélia Mello, a criadora do Centro, o polo catalizador de todo o interesse despertado por essa atividade cultural:

— A distribuição dispersa da produção alternativa, com o material circulando de mão em mão, em teatros, cinemas, bares e praças, dificultou a sua preservação, explica Maria Amélia. A cultura alternativa é uma realidade incontestável em nossos dias, e temos como exemplo os centros em atividade na Inglaterra e nos Estados Unidos. No Brasil, por diversas razões, o movimento ganhou tamanha força e expressividade que não se pode mais ignorar sua atuação na vida cultural. Sem estudar a cultura alternativa não se pode compreender em profundidade o nosso tempo.

Do grupo inicial do projeto coordenado por Maria Amélia, apenas ela resistiu aos cortes de verbas e outros problemas administrativos. Atualmente, trabalham Maria Amélia (que é jornalista), Alice Pougy (historiadora) e Luiz Moreira Gonçalves (arquivista), sempre com o mesmo entusiasmo:

— Sabemos que boa parte do material que chega às nossas mãos não tem peso literário que possa ser entendido hoje. Não nos compete julgá-lo e sim guardá-lo. Essa produção cultural prova que não existiu o chamado "vazio cultural" da década de 70, alegado por fontes oficiais. Na verdade, afirma Maria Amélia, nunca se produziu tanto quanto naqueles tempos.

Para Alice Pougy, o trabalho como assistente proporciona-lhe tempo para analisar a época e a conjuntura, além de um contato constante com a "memória recente".

O material coletado e preservado é fundamental para a compreensão dessa época, um estudo histórico muito sério para nós e principalmente para as gerações futuras.

Entre a coleção completa do jornal **Opinião**, da revista **Pif-Paf**, das revistas **Inéditos**, **Escrita**, **Ficção** e dos jornais **Versus**, **Bondinho**, encontram-se também no Centro, à disposição do público, trabalhos menos conhecidos, "xerocados" ou mimeografados, ou ainda batidos à máquina, um a um, folha por folha, num verdadeiro trabalho artesanal. Santinhos, carimbos e retratos servem como ilustração, enquanto uma embalagem de ovos torna-se capa de um livro e envelopes de papel pardo ostentam poesias, mostrando que a criatividade é a tônica dos trabalhos desde os títulos como: Poesias Alimentícias (Carlos Potyguar), Mamando na Vaca (edições Paulistas) ou Rainha do Frango Assado ou Pic-nic no Glicério (Paulo Yutaka), até ao acabamento como fotos de revistas coladas que viram capa de livro ou folhas de papel Kraft que se transformam em posters autografados. Tudo é válido.

Esse ano o **Centro de Cultura Alternativa do Rioarte** pretende publicar um catálogo com o máximo possível de dados sobre as obras coletadas à margem da grande imprensa, para que o público do Rio e principalmente de outros Estados do Brasil possa tomar conhecimento de todo esse material colocado à disposição de estudiosos. O Centro está sempre com as portas abertas aos pesquisadores e aos doadores de material que possam enriquecer o seu acervo cultural.

MOMENTO DA POESIA

Dois e dois: quatro

Ferreira Gullar

Como dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
embora o pão seja caro
e a liberdade pequena

Como teus olhos são claros
e a tua pele, morena

como é azul o oceano
e a lagoa, serena

como um tempo de alegria
por trás do terror me acena

e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena

— sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena

mesmo que o pão seja caro
a liberdade, pequena.

(**Toda Poesia**, de Ferreira Gullar, Ed. Civilização Brasileira, RJ)

* * *

Em 3.ª edição, volume que reúne a obra de um poeta que no dizer de Vinicius de Moraes é o último grande poeta brasileiro; já para Pedro Nava, Gullar é a última voz significativa da poesia; enquanto isso, Sérgio Buarque de Hollanda afirma que, exceção feita de algumas peças de Mário de Andrade e também Carlos Drummond de Andrade (mormente em Rosa do novo) (Gullar) é o nosso único poeta maior dos tempos de hoje. E neste **Toda poesia**, de onde extraímos "Dois e dois quatro", estão 30 anos (1950-1980) de poesia em 50 anos de vida.

Registro

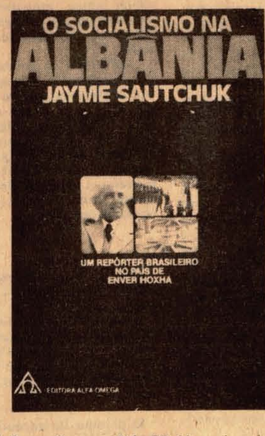
O socialismo na Albânia, de Jayme Sautchuk, Ed. Ilustrada, Ed. Alfa-Omega, SP. Neste livro-reportagem o A. nos leva para um passeio objetivo e revelador: temos a visão de um país socialista onde a figura de Stalin permanece acima de qualquer crítica. Pequeno país de menos de três milhões de habitantes, Jayme fala da experiência que ali se processa e que ele acompanhou de perto.

I Ching-Steps, de Roberto Campadello, Ed. Global/Ground, SP. A primeira parte, I Ching, ensina a interpretar e a lançar o oráculo para o futuro ser revelado; no segundo, há um quebra-cabeça esotérico, um sistema filosófico-visual com um trabalho de 48 pranchas que possibilita infinidade de combinações. Na Introdução o A. esclarece que o I Ching tem sido uma influência constante em sua vida.

Encontros na América do Sol, de Carlos E. de Senna Figueiredo, Ed. Antares, RJ. Exposição e análise das idéias e dos métodos de quatro pensadores que tiveram grande influência na América Latina nos anos recentes. São eles: Oscar Varsavsky, Stafford Beer, Humberto Maturana, Stéfano Varese. No prefácio, Darcy Ribeiro situa o tema básico do livro que quer incitar a redescoberta da América e do que ela pode significar.

Programa Pritikin de Dieta & Exercícios, de Nathan Pritikin, Global Ed., SP. Mais de um ano na lista dos best-sellers, este livro vem ao encontro daqueles que necessitam de um regime alimentar e de exercícios. O programa foi testado e desenvolvido no Longevity Center na Califórnia, trazendo um plano de saúde e dieta-exercício. E ao final, mais de 300 dietas especialmente preparadas de acordo com o regime.

O que toda empresa pode fazer com o Video-Cassete, de Floriano



Serra, Summus Ed., SP. Um guia prático de uma das mais significativas conquistas da tecnologia contemporânea. O A. não discute minúcias eletrônicas, mas mostra as aplicações do vídeo e sistemas de produção. Informa sobre os equipamentos à venda, analisa o emprego do vídeo na seleção e treinamento de pessoal e em outros setores. Ed. ilustrada.

Literatura infantil — teoria e prática, de Maria Antonieta Antunes Cunha, Ed. Ática, SP. Neste livro, de características nítidas e voluntariamente didáticas, enfoca-se a literatura para crianças e jovens por vários ângulos. A A. aborda aspectos teóricos, depois aplica os postulados a determinados textos. Além do mais analisa algumas obras por inteiro. E por último faz sugestões de trabalho. Seguindo esta metodologia, trata da história e situação atual da literatura infantil; literatura e educação; características da obra literária infantil; narrativa para crianças; poesia para crianças; e folclore, sua utilização na escola. No final, uma biblioteca referente aos temas abordados. O conhecimento que A. tem do assunto, sua rica prática pedagógica e sua sensibilidade para a arte tornam o livro uma importante contribuição para o aperfeiçoamento de nosso professorado e, portanto, para a evolução de nosso esclerosado sistema educacional.

Também da Ática, novos títulos para os bem pequenos e os neoleitores: **O gatinho trapalhão**, de Doris Beling Quintella, il. de Daisy Startari. Um gatinho às voltas com questões de identidade. Linguagem divertida, ilustrações movimentadas; **João Feijão**, de Sylvia Orthof, il. de Walter Ono. Uma lição de botânica, de ecologia e de vida, que diverte e faz pensar; **A menina da garrafa verde**, de Doris Beling Quintella, il. de Osmar Grasseti. No jogo entre necessidade e liberdade, entre mundo da imaginação e realidade objetiva, a solidão de Ana, em procura de amigos. As crianças encontrarão aqui ocasião de debater muitos problemas que enfrentam.

As ilustrações fazem um comentário bem humorado do texto; **A princesa dos cabelos azuis e o horroroso homem dos pântanos**, de Fernanda Lopes de Almeida, il. de Carlos Veiga. Um conto de fadas, em que a princesa ama um monstro; em que a bela princesa não é bondosa, e o homem do pântano sim. A sugestão de "teatro interior" é feita pelas ilustrações.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ENTREVISTA

309

Jair Ferreira dos Santos:

Faz parte dos meus hábitos nadar contra a corrente



Jair Ferreira dos Santos nasceu em Cornélio Procópio, no Paraná, em 1946. Desde 1971 reside e trabalha no Rio, onde se formou em Comunicação e Editoração pela UFRJ, e prepara atualmente dissertação de mestrado sobre Pós-Modernismo.

É autor do livro de contos **Kafka na cama**, publicado em 80 pela Civilização Brasileira, trabalho que apresenta "um tom indiscutivelmente pessoal no domínio de recursos literários modernos, voltando-se para o interior do homem, sem com isso tornar-se hermético". (JB 10/5/80).

A faca serena é seu primeiro livro de poemas. Eugenio Montale, Mario Faustino, Wallace Stevens, Hart Crane, Jorge de Lima e René Char estão entre suas principais preferências poéticas.

Segundo o escritor e crítico Victor Giudice: "Com uma dicção ora límpida ora pesquisada, **A faca serena** tenta pensar poeticamente, isto é, restituir à linguagem seu poder de revelação, atraindo para uma transparente surpresa o que existe em nós informulado".

Bem recebido pela crítica, o contista de **Kafka na cama** envereda pela poesia com a mesma segurança, misturando emoção e técnica, dosando palavras e idéias, construindo um verso de alta qualidade.

Para **Jair Ferreira dos Santos**: "Sou por um poema mais conciso, mais coeso, contra a ideologia poética que sempre está no ar à disposição do coração meio descompassado".

A faca serena é seu primeiro livro de poemas, vindo em seguida ao de contos Kafka na cama. Como foi essa passagem da prosa para a poesia?

Não tenho explicação lógica para isso, mas se a palavra ainda faz sentido eu diria que foi por inspiração, na acepção surrealista de campo magnético, inclinação lírica para certos objetos. E também por fastio com o experimentalismo oco e a marginália frouxa, intelectualmente pobre, que durante os anos 70 fomos obrigados a ler. Logo após a publicação de **Kafka na cama**, uma noite eu estava num bar e comecei a sentir que tinha coisas a dizer que escapavam à sintaxe, à emoção significada da prosa. Imagens vinham até mim com um sentido oculto que era preciso desenvolver. Escrevi de enfiada 26 poemas, para mais tarde extrair deles, com muito suor, os cinco que compõem a **Suíte do Bar**, em **A faca serena**.

Por que seu livro quase não explora temas atuais, falando antes de perda, isolamento, mito e objetos inéditos em poesia?

Há pelo menos uma parte no livro — **A Ronda Diurna** — que aborda assuntos atuais, porém de maneira um tanto experimental, como se vê nos poemas **Caracas** e **Epigrama Pequeno-burguês**. Nos outros textos, onde ocorrem às vezes referências a Pã, a Narciso, ou fala-se de objetos pouco habituais em poesia como o gavião, o filodendro, o turbante, procuro atingir experiências bastante atuais, pois através desses elementos estou visando a vivência moderna de frustração, abandono, negação, irrealidade, e por aí vai. Se não me refiro explicitamente ao computador ou à violência urbana, é que prefiro o sentido velado aos acontecimentos. O sentido, por ser menos acessível, me leva à reflexão. Talvez por temperamento inclino-me para a reflexão lírica, em que o coração bate no mesmo ritmo da cabeça. Pois como queria Pessoa "o que em mim está pensando". Nada pior em poesia, a meu ver, do que emoção ou informação sem pensamento, sem a criação de um sentido antes inominado.

A maioria de seus poemas tem estrofes regulares, rimas, aliterações, senso de medida. Por que esse formalismo?

Porque faz parte dos meus hábitos nadar contra a corrente. O coloquialismo debochado e anti-intelectualista da poesia marginal me desagrada quanto o derramamento lírico das donzelas pequeno-burguesas imitam Drummond. Sou por um poema mais conciso, mais coeso, contra a ideologia poética que sempre está no ar à disposição de todo coração meio descompassado. Daí minha procura de uma poesia mais retórica, ao feitio da geração 45. Eu queria também revitalizar uma idéia mais literária do poema, usando torneios sintáticos e introduzindo palavras distantes da fala, para com isso escapar à necrose da linguagem praticada pela comunicação de massa. A poesia sempre foi uma potencialização da palavra, mas tem contra si agora, condenando-se à clandestinidade (nas livrarias não se localiza a olho nu a estante de poesia), a depreciação da língua que nos impõem os meios eletrônicos. Dos 450 mil vocábulos da língua portuguesa, apenas 850 são utilizados pelo "Jornal Nacional" para se fazer entender pelo maior número. Acho que caberia aos poetas e prosadores, com apoio no mercado editorial, reanimar a língua como força modeladora da cultura.

O que você quer dizer com "poema coeso ... contra ideologia poética"?

Ideologia poética é aquele alumbramento espontâneo, natural, inerente à vida, que está dentro de cada um e nos permite reconhecer a poesia do mar, do céu e em geral dos maus poemas escritos no jargão de uma época. Já o poema é um objeto verbal, de apreensão custosa, de desvendamento progressivo. É mistério e lógica, criação e montagem, obsessão e projeto. É aquele misto de acaso e cálculo que nos permite descobrir alguma coisa que muitos pressentiam mas não tinham como formular. Assim o poema é uma surpresa pertinente e só começa quando se avança para além da ideologia poética, do facilmente reconhecível. Este avanço é uma luta pela descoberta, pelo pensar poeticamente. Isso nada tem a ver com hermetismo. Os últimos poemas que escrevi — **Casaco atrás da porta**, **Vento sul**, **As botas de Van Gogh**, tendem a uma dicção clara, transparente, entre a retórica e a fala. Seu sentido, no entanto, como em qualquer poema, deve ser construído também pelo leitor.

Em A faca serena os objetos estão sempre isolados e os poemas se deixam ler num tom de celebração pungente. É esta sua visão das coisas?

Deve ser. Embora haja no livro poemas com humor, o tom dominante tem qualquer coisa de rsignação reflexiva. O título vai neste sentido. Acho que é típico da nossa época, cheia de problemas e com tão poucas esperanças, cheias de generais e tecnocratas confiscando a liberdade em toda parte, ter uma experiência negativa da vida, da História. Então nossa reação é solenizar certos momentos, certos objetos, ainda que negativos, realizando com eles uma espécie de liturgia secreta. A poesia, aliás, em sua origem esteve muito ligada à religião, e é por isso que para mim, mesmo não sendo religioso, numa época de mistificação, de alienação orquestrada, ela assume a forma de uma heresia pessoal.

Quais os vínculos de A faca serena com suas origens pessoais e as suas preferências literárias?

No livro a seção **O Nastro Herança** é quase toda sobre minha família e a região onde nasci, Cornélio Procópio, Paraná, há 36 anos. São poemas em que tento resolver os enigmas criados em mim por objetos e figuras da infância. No seu todo, literariamente, **A faca serena** é o caminho que tive de fazer em busca da minha voz: como dizer com sinceridade e gerar surpresa, conhecimento, satisfação. Passei assim uns dois anos me livrando de outras vozes a que a minha se misturava: Hart Crane, Montale, Mário Faustino. O livro está pronto, mas depois dele fico sabendo que a conquista de uma voz pessoal é sempre uma vitória parcial numa luta sem fim.

Registro

Missão de guerra, de L. Perdigão Fonseca: **A quinta vida do avio Marabá**, de L. Perdigão Fonseca, Ed. Civilização Brasileira, J. O primeiro livro, já em 3.ª edição, é uma visão da II Guerra, om fatos reais em termos ficcionais, narrada por um piloto brasiiro que dela participou. No dizer de Rubem Braga, é "um livro que dos precisam ler e lerão comovidamente." **A quinta vida...** remete eitor a um universo marítimo, revelando o drama por que passam tripulantes, vindos de diferentes regiões e ali reunidos, à sombra o navio que adquire como que uma vida própria.

Um casamento sem amor, de Doris Lessing, trad. de Tati de orais, Ed. Record, RJ. Menos de um mês após apublicação do imeiro romance da série **Filhos da violência**, aparece este sendo. Aqui a personagem Martha, mal saída da adolescência, se vê volvida num clima que não desejava, invadida por sentimentos traditórios e cada vez mais afastada do marido, buscando liberde e independência.

Os reis malditos, de Maurice Druon, trad. de Nair Lacerda, el, SP. Primeiro volume (**O rei de ferro**) de uma série de romanc históricos. São sete volumes e a cada mês aparecerá um deles, mpondo um painel de um determinado período da história. Aqui nos a história do Rei Filipe, o belo, soberano que se tornou noso, vivendo um dos dramas mais conhecidos da Idade Média.

Histórias para leitores sem medo, coordenação de Alfred Hitbck, trad. de Ruy Jungmann, Ed. Record, RJ. Mais um volume sta série do mestre do suspense, reunindo autores especialistas no nero. E os leitores reconhecerão com facilidade nomes como lward D. Hoch, Henry Slesar, C.B. Gilford, Donald E. Westlake. estes e nos demais, a preocupação do diretor de tantos filmes, ao lecionar os textos, é manter a tensão, o terror e o suspense.

MOMENTO DA POESIA

AS BOTAS DE VAN GOGH

Jair Ferreira dos Santos

As marcas do humano aqui estão:
lama, tempo, mando e os torturados
cravos do imperfeito que não mais
avança rumo ao core.

No entanto
o velho e o roto do seu ocre,
cor de silêncio, antecedem o céu
dos corvos, o trigal e mesmo a estrela
que levou o pé primeiro a pôr
na terra uma fronteira
um soluço em outra boca.

No meu quarto, que é fátuo e gris,
elas mantém o fogo, duas candeias
para a lenta rosa do único
num mundo em perpétua separação.
Penduradas linha abaixo
do horizonte, meu rosto curvam
cada manhã segundo o ângulo
mais humilde. De onde vêm
elas perduram, passo bruno,
na piedade.

(**A faca serena**, poemas, de Jair Ferreira dos Santos, Ed. Achiamé, RJ)

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS JORNAL O ESTADO DIA 11/06/83 310 Salim Miguel

Três visões plásticas de Portugal

Três livros, três épocas, três visões das artes plásticas em Portugal. Todos os três livros são edições recentes, e otimamente cuidadas, da Coleção Arte e Artistas, editados pela Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa. Distribuição no Brasil: Livraria Camões, RJ.

A arte em Florença no Séc. XV e a Capela do Cardeal de Portugal, de Manuel Cardoso Mendes Atanásio, é um precioso volume que ajuda a recuperar a identidade de um país e uma época. O A. é doutor em Arqueologia e História da Arte pela Universidade de Louvain e professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Durante cinco anos em Toscana (Itália) procurou recolher documentos em arquivos, que lhe serviram de base para o presente estudo. Fartamente ilustrado, o livro mostra as relações entre Portugal e Florença da época e faz uma análise da História da Arte no período.

Maternidade, 26 desenhos de Almada Negreiros, com texto de Ernesto de Souza, mostra o que foi este artista inovador e inquieto, de tão forte personalidade e viva participação no movimento moderno em Portugal, amigo e colaborador de Sá Carneiro e Fernando Pessoa. Nas 26 pranchas, num traço sutil e inventivo, a criação de um universo todo





peculiar. Ao explicar não só os desenhos, mas a própria personalidade do artista, Ernesto de Sousa diz que como artista "Almada inaugurava um serviço próprio, uma função dele, uma direção única que no entanto englobava Tudo e em particular o Universal e o Nacional..."

Longos dias têm cem anos — Presença de Vieira da Silva, de Agustina Bessa-Luís. Uma grande pintora vista por uma grande escritora. Maria Helena Vieira da Silva, artisticamente Vieira da Silva, fez praticamente toda a sua carreira em Paris. Neste estudo, Agustina traça um perfil minucioso da arte e da vida desta mulher que se dedicou com paixão constante à sua obra. Feito de análise, de entrevistas, de interrogações, de dúvidas, o livro vai se armando lentamente e construindo como que um quadro da artista e do ser humano que é Vieira da Silva.

310

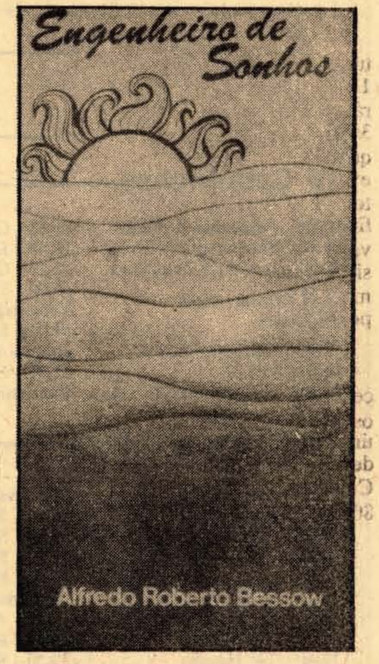
MOMENTO DA POESIA

Última canção

Alfredo Roberto Bessow

Falarei de uma canção
uma canção que fala
da fala das canções
Falarei de uma canção,
destas que o povo canta baixinho,
nos fins de tarde,
depois da faina diária
Falarei de uma canção
uma canção que fala
da fala das canções
Muitos já a ouviram
e a esqueceram da mesma maneira:
sem sentir
sem saber!
Me lembro de tudo isto sempre
que busco saber quem sou, nesta canção,
se o pescador que fala com o rio
ou o pássaro triste que fala com o pescador

(**Engenheiro de sonhos,** *poemas, de Alfredo Roberto Bessow. Ed. do Autor, PAI.*



Alfredo Roberto Bessow, 24 anos, é formado em jornalismo pela PUC/RS, tem três livros publicados, todos de poesia (**Horas de pensar,** 1979); **Diário de um trabalhador,** 1980; **Engenheiro de sonhos,** 1982, de onde extraímos o poema acima transcrito) e três por publicar, sendo outro de poemas, uma novela e um de contos. Tem trabalhos na área de literatura, nos jornais Zero Hora, Folha da Tarde e Correio do Povo; manteve uma coluna semanal de informação literária na Gazeta do Sul, de Santa Cruz do Sul/RS; e vem colaborando no Tchê, o jornal da Bombacha-mensal. Preocupado com o que dizer e o como dizer, Bessow, para o crítico Antônio Hohlfeldt, tem uma poesia "feita não de certezas, mas de seus contrários".

Bessow está em Florianópolis e por aqui pretende ficar, trabalhando e poetando — quer dizer, vivendo.

Registro

Poesia de Vanguarda no Brasil, de Antônio Sérgio Mendonça e Álvaro Sá, Ed. Antares, RJ. Um balanço da poesia brasileira de Oswald de Andrade ao poema visual. Utilizando-se de um instrumental teórico baseado nas mais novas correntes de análise do texto, os Autores buscam situar e aprofundar problemas e questões ligadas à nossa poesia. De interesse para todos, em especial professores e estudantes da área.

Os voluntários da pátria (e outros mitos), de J. J. Chiavenato, Global Ed., SP. Mais uma vez, como em seus livros anteriores, o A. invade um terreno da história do Brasil para uma análise de um ângulo novo. Mostra que durante a guerra do Paraguai os chamados voluntários não existiram como tal: O "voluntários", no caso, era um artifício, pois eram homens agarrados à força, na maioria pretos e mestiços.

Você X a crise no jogo da economia, de Moyses Resnitzky, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Uma reflexão sobre a perplexidade em que mergulhou o País depois da ilusão do "milagre". Prêmio Badep de Publicação, o A. é especializado em engenharia econômica. Karlos Rischbieter diz no prefácio, vendo a maneira como o assunto foi tratado, com seriedade e conhecimento, que "foi realmente um prazer descobrir o livro".

Por um nascimento consciente, Org. de Haroldo e Flávia de Faria Castro, Ground Ed., SP. Uma nova visão do nascer, a partir do momento mesmo da concepção. Depois de colocarem o assunto em duas partes, na primeira "O nascimento da nova era" e na segunda, "Yoga para parto natural consciente", há o resultado de um simpósio sobre gestação e parto natural. Volume fartamente ilustrado.

Leitura: teoria e prática, revista semestral da Associação de Leitura do Brasil, Ed. Mercado Aberto, RS. Depois do n.º 0, com a proposta desta nova publicação, o n.º 1, confirmando tudo o que dela se esperava. Temas de real interesse, debatendo o esclarecendo o papel da leitura. Mostrando, em síntese, que não basta ler, é preciso saber ler, e que ler é um ato criador que pode ser aperfeiçoado.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS O Estado - 15/6/83 311 Salim Miguel

Chamada geral, uma volta necessária

Vindo dos tempos heróicos de **Verde**, a revista que lançou Cataguases para o Brasil, Francisco Inácio Peixoto cedo se iniciou na carreira literária. Além de participar efetivamente da aventura que representou manter uma revista na década de 20 no interior mineiro (há pouco tivemos uma edição fac-similar graças à visão de José Midlin, da Metal Leve), Peixoto publicou, com Guilhermino César, um volume de poemas, **Meia Pataca** (1928), hoje raridade bibliográfica.

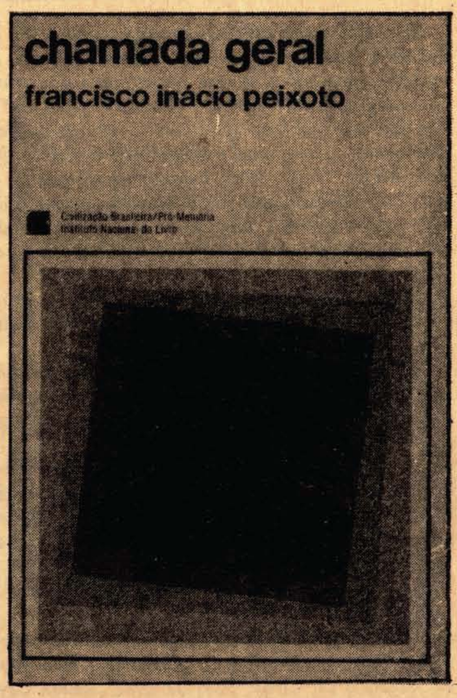
Depois, embora sempre convivendo nos meios literários, ele tomou outros rumos. Impulsionou a educação em Cataguases, levou para lá arquitetos e pintores que transformaram a cidade num dos redutos da arte moderna — e até há pouco ali se encontrava uma das principais obras de Portinari.

Mas, e a obra literária de Francisco Inácio? Condições para realizá-la ele tinha. Certamente continuava sendo escrita, pois ainda não se encontrou antídoto contra o vírus. Mas não a divulgava, ou raramente o fazia a instâncias de amigos.

Foi assim que só em 1940 apareceu seu segundo livro, de contos, **Dona Flor;** o seguinte, também de contos, **A janela,** é de 1967; e em 1981 as poesias de **Erótica,** agora numa refinada edição, com desenhos de Aldary Toledo em planejamento gráfico de José Maria Dias da Cruz.

Mas era preciso dar, para as novas gerações, uma visão da prosa de Peixoto. É o que temos neste **Chamada geral,** sugestivo título onde estão reunidos contos que ele veio escrevendo ao longo dos anos. A edição é da Civilização Brasileira/Pró-Memória/INL, com prefácio de Francisco de Assis Barbosa.

Há, neles, uma peculiar visão de mundo, que caminha lado a lado com uma constante preocupação artística. Situações se armam com precisão, diálogos fluem com verdade, recriando um singelo universo de seres sofridos. E que renascem graças à sensibilidade de alguém que sabe ver e transmitir.



Registro

Passagem das luzes, de Humberto Mariotti, Ed. Codecri, RJ. Romance centrado em dois personagens (Lúcio e Marisa) vivendo a noite paulistana. Numa trama policial-psicológica, em linguagem coloquial, o Autor procura revelar um painel de vidas desencontradas. Contista premiado no Concurso de Contos do Paraná, Mariotti publicou pela Ática outro romance bem recebido pela crítica, **Peixes deitados de lado.**



Poema sujo, de Ferreira Gullar, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Em 5.ª edição. Para Carpeaux "**Poema sujo** mereceraria ser chamado **Poema nacional**, porque encarna todas as experiências, vitórias, derrotas e esperanças da vida do homem brasileiro". Já Vinícius disse que "o **Poema sujo** é o mais importante poema escrito no Brasil nos últimos dez anos, pelo menos". Pedro Dantas afirma que "Gullar é a última grande voz significativa da poesia brasileira". E Nelson Werneck Sodré: "Há muitos e muitos anos não acontece, no Brasil, em termos de poesia, nada tão importante como este poema de Ferreira Gullar".

Minhoca no asfalto quente, de Jane Maleck, Ed. Achiamé, RJ. Uma poesia que busca compreender o ser humano e que pede para a sua entrega a participação do leitor. E ela diz: "busco um caminho.../basta de dor doída doendo dentro/noite afora/noite adentro/".

Arca da memória, de Belkis Morgado, Ed. Achiamé, RJ. Uma estréia onde se mesclam emoção e lirismo. A propósito da poesia de Belkis, diz Paulo Mendes Campos: "Uma poesia (a sua) de quem se colocou no seu espaço arte, e quando encontramos nosso espaço, não precisamos mais refletir". Assim começa o poema A Casa: "Muito tempo se passou até rever a casa/e foi um choque ver que tudo que lembrava/era preterido passado de tempo tão brilhante".

Convivium, n.º 6 — nov. — dez — 82. Mais um número desta revista dirigida por Adolpho Crippa. Entre as matérias, teses fundamentais da Ética, de Hubert Lepargneur; O programa e as perspectivas do Partido Social Democrata da Inglaterra, de Antônio Paim; Uma nova constituição: a proposta parlamentarista, de Elival da Silva Ramos; o quorum para emendar a constituição, de Ronaldo Poletti; Eu tenho medo do nacionalismo, de Paulo Edmur de Souza Queiroz.

MOMENTO DA POESIA

Nu, de Martinho de Haro

Francisco Inácio Peixoto

A moça
no fundo abstrato
as coxas redondas
no redondo do corpo

Expungido o óbio triângulo
apenas guarda o intumescido púbis
tarja estreita
estreito pente
tão gentil.

(**Erótica**, *poemas, de Francisco Inácio Peixoto, desenhos de Aldary Toledo, Imprensa Editora, RJ*)



UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS O Estado - 18/6/83 312 Salim Miguel

De como um poeta vê (e canta) o Rio

Lançado recentemente pela Civilização Brasileira em convênio com o Rio Arte, **Cantos do Rio** ocupa lugar de destaque na paisagem literária da cidade. Ou melhor: o Rio é a cidade, o motivo, a poesia transformada em cantos — roteiro lírico que nos leva a percorrer a cidade num **sight-seeing** poético. O duplo sentido do título traduz toda a ternura com que o poeta "canta" (no sentido trovadoresco do verbo) os **cantos** — aqui e ali — que ele conhece tão bem.

De um poema para outro, Geir devolve-nos um Rio renovado, revisitado, numa leitura turístico-poético-emocional, rica de imagens, fundamentalmente criativa.

Neste depoimento sobre **Cantos do Rio**, Geir nos fala de seu **olhar** pela cidade, seu cotidiano e da trajetória — fruto de amor e observação — para narrar e cantar um Rio muito seu.

" Um dia, há muitos anos, ia eu de barca, de Niterói, onde moro há mais de 40 anos, para o Rio, onde sempre trabalhei e tenho a maior parte de minhas preocupações, ocupações e vida profissional. Era um começo de manhã, com os edifícios da orla marítima custando a assumirem seus contornos à luz do sol ainda meio frio. Sentindo mais funda, nesse dia, uma impressão que me deveria ocorrer todos os dias, dei por mim verbalizando a sensação numa frase, pouco mais que uma interjeição: Cidade minha! — Mas logo caí em mim e percebi que, em vez de a cidade me pertencer, era eu quem a ela pertencia. E esse idéia levou anos indo e vindo no meu **pensentimento**, por assim dizer, até tomar a forma definitiva, que é a do segundo poema do livro. Veja a epígrafe de Camões: 'Transformar-se o amador na coisa amada por virtude do muito imaginar'. E a coisa amada não era outra senão a muy leal cidade de Sam Sebastiam, já cantada em prosa e verso por cantadores superiores a mim, o que não invalida, entretanto, os meus Cantos do Rio, que não pretendem ser senão mais um roteiro lírico do Rio de Janeiro.



Meu projeto era o de falar objetivamente de alguns lugares e coisas cariocas, sim, mas ao mesmo tempo falar subjetivamente de uns quantos outros lugares e coisas. Daí resultou a estrutura final do livro, com os poemas das páginas pares, as do lado do coração de quem lê, mais sobre o lírico e o sentimental, e os das páginas ímpares mais sobre o épico e o cerebral, descritivo, eventualmente histórico. Os poemas seguem o mapa da cidade, desde o extremo sul, com a Pedra da Gávea, indo, ora pela praia, ora pela várzea, ora pelo morro, até o extremo norte, por onde fica o aeroporto internacional. E não foi por menos que o poema de despedida é uma vista aérea dessa cidade que aprendi amar como maravilhosa.

Das muitas cartas que já me escreveram sobre os **Cantos do Rio**, a que mais me comoveu foi a de Paulo Rónai, que começa assim: Muito obrigado pelos **Cantos do Rio**. Você é o poeta mais imprevisível que conheço: cada novo livro seu é uma surpresa completa. Gostei demais dessas aquarelas gostosas, que têm a coragem de ser leves e risonhas; há tanto tempo que não lia uma poesia assim francamente alegre. O seu bom humor contagia o leitor, que revê nesses poeminhas o Rio de Janeiro que adorava: despreocupado, ensolarado, lindo, espontâneo... Dou-lhe parabéns, e desejo para a segunda edição um ilustrador à altura. Seria o melhor **souvenir** para turistas sentimentais".

MOMENTO DA POESIA

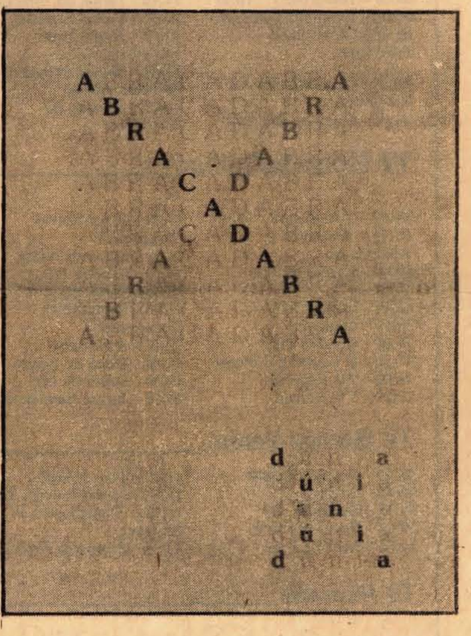
Dois poemas

Dúnia de Freitas Toaldo

A chuva
A chuva faz piano
na minha janela...
E eu canto a vida!

Expectativa
Debrucei meus sonhos
Diante da vida.
Nada mudou.
Continuo ainda.

(**Abracadabra,** *poemas, Ed. da Autora, Dúnia de Freitas Toaldo, Joinville, SC).*



Catarinense de Lages, Dúnia é formada em História pela Furj; na mesma Furj leciona desde 1973, sendo Chefe do Departamento de Ciências Sociais e Coordenadora do Laboratório de História Oral. **Abracadabra** é seu segundo volume de poemas (**Rastos** apareceu em 1980). Pesquisadora e inquieta, Dúnia busca, por um lado, uma poesia experimental, onde através do jogo de palavras procurar recriar emoções, e por outro lado, através de uma sensibilidade afinada com seu tempo e seu meio, comunicar-se. Se há poemas visuais, como molduras ("Jacatirão" seria um deles), em outros a A. se entrega a um ritmo interior ("Abraço", por exemplo). Muitas vezes ela se realiza nos mini-poemas, como os dois que transcrevemos. Em outros, porém, mais longos, cria um clima de envolvimento (veja-se "Ipê"). Nas ilustrações, Índio Negreiros contribui com seu traço para a agressão de tudo aquilo que Dúnia quer transmitir.

Registro

O último sonho de Lobato: o georgismo, de Cassiano Nunes, Ed. do Autor, SP, 1983. Ensaísta e poeta, Nunes tem se dedicado à análise da obra e do pensamento lobatianos, procurando tornar mais conhecido o criador da Emília. Para isto, vem reunindo parte da vasta correspondência do escritor paulista, estudanto-a. Aqui o enfoque é outro: Nunes mostra que ao final da vida Lobato procurou se aprofundar e divulgar as teorias econômicas de Henry George.

Como sair da Crise?, de Carlos. A. Afonso e Marcos Arruda, Ed. Codecri, RJ. Com Ilustrações de Henfil, primeiro volume de nova coleção, "Em cima do fato". Texto direto, linguagem simples. Neste prognóstico, os autores, dois economistas, mostram como a submissão integral ao FMI pode trazer prejuízos imensos ao País e quais as saídas, indicando providências.

A dinâmica da vida — iniciação à ecologia, de Benjamim de Carvalho, Ed. Civilização Brasileira, RJ. A preocupação com a ecologia vem se apliando. Arquiteto e ecólogo, o A. busca, em linguagem direta, contribuir para esclarecer problemas que dizem de perto a todos e mostrar de que maneira se pode ajudar a preservar a natureza.

Janues Korczak, mestre e mártir, de Zalman Wassertzug, trad. de Bluma Sahm Paves, Dist. Summus Ed., SP. Narrativa da vida de um nome importante na pedagogia de nosso século, com a descrição de seus métodos e seu sistema num célebre orfanato que ele manteve até o final da vida.

O corpo em depressão, de Alexander Lowen, trad. de Ibanez de Carvalho Filho, Summus Ed., SP. Mais um título da col. Novas Buscas em Psicoterapia, reforçando a literatura sobre terapia corporal. Ao longo do livro, junto à descrição de casos, são indicados exercícios bionergéticos.

Curso de teologia patrística I, de Fernando Antônio Figueiredo, O.F.M., Ed. Vozes, RJ. Um trabalho que visa facilitar o estudo do pensamento teológico elaborado pelos padres nos dois primeiros séculos da nossa era.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Um irreal muito real



Uma ficção onde o fantástico se insere na linha do dia-a-dia marca a literatura de Murilo Rubião. Desde seu primeiro livro, **O ex-mágico** (1947), vem o escritor se mantendo fiel à sua temática, recriando um universo todo peculiar e muito próprio.

Sua obra, pequena, é das mais significativas da prosa brasileira dos nossos dias. Isto se explica facilmente: o Autor é um perfeccionista, preocupado com o dizer, que retrabalha meticulosamente cada texto, cada frase, cada palavra, na busca de uma medida exata para o que quer transmitir. Murilo Rubião não se peja de mexer e remexer naquilo que já publicou. Pelo contrário, cada conto seu num novo livro é o mesmo e é outro. Às vezes com a simples troca de uma palavra todo um período ganha novo contorno. Daí o prazer que se extrai a cada releitura — e mais ainda para os que se preocupam com a análise do texto, se esta releitura é acompanhada do texto anterior, permitindo que se estude e aprenda o porquê de certas modificações.

Pioneiro do fantástico bem antes do gênero se tornar moda e ganhar o mundo atraindo para ele cultores de várias latitudes, Murilo Rubião reaparece agora com uma nova edição de **O convidado,** desta vez pela Editora Ática.

Para senti-lo e à sua proposta bastaria a (re) leitura do primeiro conto, justamente o que dá título ao livro. É ele paradigmático do estilo, da linguagem, das preocupações formais e humanas que informam a arte de um criador dos mais inventivos, forte e sutil ao mesmo tempo, que diz-não-diz, insinua para melhor ser compreendido. Ele ao mesmo tempo nos leva e se deixa levar por um jogo de imaginação que rompe com o convencional para melhor se situar no mundo; e então arma a trama e ergue com rigor suas histórias, que vivem da contradição entre o irreal que chega a uma realidade mais candante ainda.

MOMENTO DA POESIA

Colheita

Yeda Prates Bernis

No tempo que não existe
revolvi meu chão de ânsia
com mãos de seda e inocência.
Adubei com imprudência
de fé, paixão e constância
a terra desta certeza.
Semeei minha verdade
no futuro da alegria.
Reguei com fresca poesia
o que fruto me daria.
No tempo que não existe
— primavera em calendário —
espantalho solitário
sem rumo, sem endereço,
colho a safra da agonia,
recolho a vida ao avesso.

(**Pêndula**, poemas, de Yeda Prates Bernis, Massao Ohno-M. Lydia Pires e Albuquerque Editores, SP)

* * *

Trabalhando sob o signo do tempo, a poeta constrói e reconstrói seu verso num clima entre o lúdico e o lúcido. Mas há, sempre, nesse jogo, lirismo e ironia, de alguém atenta ao que a cerca, preocupada não só com o que dizer mas com o como dizer.

Revista Plural, México, abre concurso de poesia, conto, ensaio

Poesia, conto, ensaio, eis os três gêneros do Prêmio Literário 1983 da revista **Plural,** do México. As inscrições estão abertas até o dia 30 de setembro e os resultados serão divulgados até o final de outubro. Originais em espanhol ou português. O prêmio, para cada gênero, é de 50 mil pesos mexicanos, aí incluídos os direitos autorais da primeira edição do trabalho, que apaecerá na revista Pural.

Eis as bases: poderão participar, inscrevendo-se com o próprio nome ou sob pseudônimo, autores de toda a América. Na poesia e no conto, tema e forma livres; no ensaio, o tema deverá abordar um aspecto literário, econômico, político ou histórico da América Latina. Neste gênero podem participar também entrevistas ou reportagens. Nenhum autor pode participar com mais de um trabalho e todos eles devem ser inéditos. As poesias os contos não devem exceder 12 laudas; o ensaio, 25 laudas. Espaço dois. Os jurados poderão recomendar outros trabalhos para publicação em Plural; caso publicados receberão direitos autorais correspondentes. A publicação se dará nos primeiros números de Plural de 1984. Juntar aos originais endereço completo e número telefônico. A decisão dos jurados é irrecorrível. Para remessa de originais ou pedido de maiores informações: Revista Plural, Reforma 12, despacho 505, Centro, Delegación Cuauhtémoc, 06680, México, D.F., México.

Registro

Imagística do espaço fechado na poesia de Fernando Pessoa, de Leland Robert Guyer, trad. de Ana Hatherly, col. Temas Portugueses, Imprensa Nacional — Casa da Moeda Centro de Estudos Pessoanos, Lisboa, distribuição no Brasil pela Livraria Camões, RJ. A fascinante e enigmática personalidade de Fernando Pessoa continua atraindo e intrigando leitores e pesquisadores. Tese de doutoramento apresentada à Universidade da Califórnia, este trabalho investiga não só o papel da imagística na obra pessoana, mas vê a importância dos heterônimos em seus poemas em relação uns com os outros e à obra hortônima.

Tarsila do Amaral, de Nádia Battella Gotlib, col. Encanto Radical, Ed. Brasiliense, SP. Figura que marcou época pelo papel que desempenhou na renovação das artes plásticas no Brasil, Tarsila surge aqui num retrato de corpo inteiro. Mulher atraente e excêntrica, artista criativa e inovadora, sua participação na vida artística, seu relacionamento com personalidades fortes como um Oswald de Andrade tornaram-se figura polêmica. O livro aclara muito dela e de sua época.

A alma do homem sob o socialismo, de Oscar Wilde, trad. de Heitor Ferreira da Costa, col. Biblioteca Anarquista, LePM - editores, PA. Um texto menos conhecido mas não menos importante de Wilde. À luz da realidade do séc. XIX ele vê o socialismo como uma grande opção — mas desde que mantida a individualidade. Assim começa o ensaio: "A vantagem principal de consolidação do socialismo está, sem dúvida, no fato de que ele poderia nos livrar dessa imposição sórdida de viver para outrem, que nas condições atuais pesa de forma implacável sobre quase todos".

Tratado da imortalidade da alma, de Samuel da Silva, fixação do texto, prefácio e notas de Pinharanda Gomes, col. Pensamento Português, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa, distr. no Brasil pela Livraria Camões, RJ. Escrita em 1623, raríssima, esta obra é considerada um dos últimos escritos categorizados da Segunda Escolástica Luso-Hebraica. Neste livro se discutem as idéias de Uriel da Costa, que provocaram enorme confusão na comunidade judaico-portuguesa.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Nos desvãos da Zona Sul

Trio, contos, de Renard Perez, prêmio Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, LR-editores, SP.

Um Rio de Janeiro miudinho, que se esconde nas sombras e sob a pompa da cidade faiscante de luzes e artifícios — eis o novo livro de Renard Perez. Basicamente não interessa ao escritor o Rio dos cartões postais nas revistas coloridas, nem o das novelas globais; mas um Rio de Janeiro escamoteado, com sua gente noturnal e anônima, vagando pelas ruas ou enfurnada em apartamentos sem cor. Gente que ele vê, sente, acompanha, entende.

Aliás, dedicando o livro à memória de Marques Rebelo, Renard Perez já nos dá uma primeira chave para a sua proposta ficcional e melhor apreensão de seu universo. Um universo que vem de livros anteriores, especialmente **Irmãos da noite.**

Da mesma forma que o criador de **Oscarina** e **Stela me abriu a porta** constrói e ambienta na paisagem morna suas sofridas gentes suburbanas, temos em **Trio** a visão de uma cidade que só se entremostra em seu todo para os que sabem vê la e senti-la em sua complexidade; e não para os turistas que se deixam embasbacar por exterioridades.

A humanidade de ontem de Rebelo e a humanidade de hoje de Perez se complementam. Nem importa, para o caso, se uma é dos subúrbios e a outra da zona sul. São seres opacos que vivem isolados e arredios em qualquer parte. O microcosmo da zona sul tudo comporta. E a gente de Perez se movimenta e vive nos desvãos da zona sul.

Nos três contos que integram o volume, quase novelas pela extensão e pelo enfoque, o perfil de três vidas que se diferenciam e se assemelham, muito embora cada qual tenha uma individualidade própria. São figuras baças e cinzas na maneira de ver e encarar a vida, de sofrê-la e vivê-la: Belmina nem agregada nem empregada; o guarda-noturno em busca de um amigo; o homem que, perdido na loucura do carnaval, quer-não-quer participar de tudo aquilo, mas não sabe como.

O tratamento ficcional é idêntico, tanto nos dois primeiros trabalhos, narrados na primeira pessoa por uma espécie de alter-ego do Autor, como no último narrado numa falsa terceira pessoa.

Linguagem aparentemente simples é um dos encantos da prosa de Renard Perez. Uma linguagem pensada, cuidada, para recriar um clima de envolvimento do leitor, prendendo-o em sua teia, num tom confidencial e ajudando-o a compreender melhor aquelas vidas marginais.

A noite é o grande personagem de Renard. A noite e o Rio. A noite e sua sub-humanidade. A noite com seus mistérios e fascínios. E mesmo quando, como no primeiro conto, "Belmira e o tempo", a história se centra não na noite (o que acontece nos outros dois), é ela peça básica no desenrolar da trama.

Pois é no cinema, à noite, quando o jovem Lourival toma a mão de quase velha Belmira, que tudo se desencadeia e ela procura uma razão de ser para sua vida. E é à noite que o narrador tudo ouve e tudo tenta reconstruir.

Na sua rusticidade de nordestina Belmira é a personagem mais complexa da galeria de tipos criados por Renard Perez. Ela vive numa constante dicotomia entre a formação rígida e tradicional que teve em seu chão e o que vê no mundo copacabanense. Isto lhe cria conflitos que ela procura superar. Inutilmente. E ao findar o conto Belmira é, se possível, mais ainda uma derrotada, "dobrada sobre o seu **Coração.** O seu coração".

Belmira pede uma aproximação que poderia — e deveria — ser mais desenvolvida: seu aprentesco com **Um Coração Simples,** de Flaubert e **Uma Vida em Segredo,** de Autra Dourado.

São três retratos de mulher de vidas frustradas, apagadas. Sombras que passam. No caso de Belmira, porém, o drama se faz mais pungente. Deslocada de seu eixo, vive-não-vive no apartamento de Copacabana. Não é empregada e não é agregada. Quer-não-quer voltar para sua terra. E quando aparece que um novo horizonte se abre para ela, é ilusão. Tudo se torna mais fechado. Uma noite sem retorno e sem fim.

MOMENTO DA POESIA

Decisão - I

Pedro Lyra

Matei a inspiração
— comecei a ser poeta

Passam coisas
num jardim à minha frente, passam
pela graça e beleza do lirismo de sombras desta tarde
passam
e nenhuma me diz nada:

— Eu
é que devo dizer
algo.

(Sobre coisas, sobre a vida
— sobre a passagem.)

(**Decisão** — poemas dialéticos, de Pedro Lyra, Ed. Tempo Brasileiro, RJ)

* * *

Uma poesia de compromisso. Compromisso com o homem e compromisso com a palavra. A proposta do Autor está explícita logo no poema acima transcrito com que ele abre o livro. A sensibilidade do poeta recria o que o cerca para que, como ele mesmo diz em outro poema, "antes do texto" — o poeta e sua crença;/depois do texto — o leitor e sua resposta." Pois entre autor e leitor deve existir uma interação, este não só interpretando mas até mesmo completando e indo além do que aquele quis dizer. Toda a dura realidade, o aqui e o agora estão presentes nos versos de Pedro Lyra, seja quando diz que "chove um luar de flores/sobre o mundo." ou quando constata que "O povo/não tem/o que comer — está nos jornais".

Registro

A verdade seduzida, Por um conceito de cultura no Brasil, de Muniz Sodré, Col. Cultura Brasileira/1, Editora Codecri, RJ. Jornalista, escritor, professor, Sodré busca, neste seu novo livro, não só repensar mas principalmente discutir, sob um novo enfoque, o problema da cultura brasileira. E sua proposta básica está contida na seguinte frase: "Cultura é um termo bastante impreciso e constantemente manipulado pela elite pensante ocidental de acordo com a conveniência, com o lugar e com a hora."

* * *

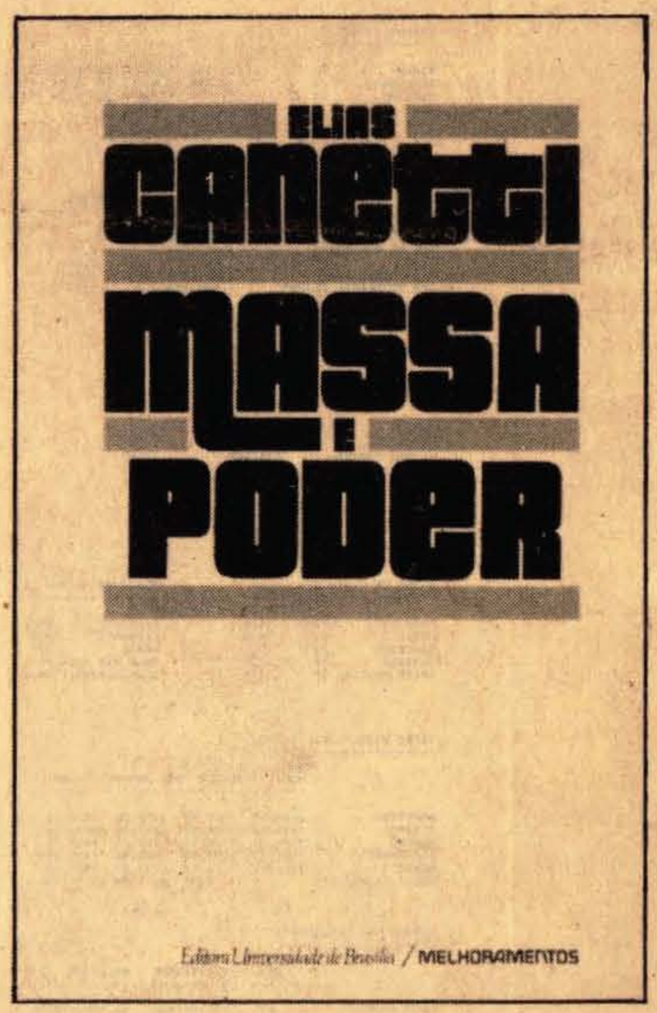
O argumento liberal, de José Guilherme Merquior, Col. Logos, Ed. Nova Fronteira, RJ. Polêmico e controvertido, Merquior é hoje figura de destaque entre os pensadores brasileiros. Neste seu mais recente livro ele reúne artigos já publicados na imprensa, mas que assim oferecem uma outra visão de suas concepções a propósito de temas como os conceitos de direita e esquerda, relações entre justiça social e consciência jurídica, estado e sociedade civil.

* * *

Massa e poder, de Elias Canetii, trad. de Rodolfo Krestan, Ed. da Universidade de Brasília/Ed. Melhoramentos, Brasília-SP. Instigante como tudo que sai da pena deste escritor de obra pequena e até há pouco praticamente desconhecido entre nós: louve-se, ao menos por isso, o Prêmio Nobel que o fez chegar ao Brasil logo depois de receber a láurea em 1981. Primeiro foi **Auto-de-fé** e agora **Massa e poder.** E embora o primeiro seja um romance e este um ensaio, em ambos está nítido o pensamento de Canetti e estão claras suas preocupações: uma busca de compreensão do homem, dos homens, da massa, do poder.

* * *

Ética, de Adolfo Sánchez Vásquez, trad. de João Dell'Anna, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Trabalho importante que pela abordagem e pela forma didática como está redigido interessa a vários tipos de leitores, ainda que dirigido mais especificamente aos estudantes da matéria. O autor é professor da Universidade do México; e o livro, em pouco tempo, chega entre nós a 6.ª edição.



UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

DEPOIMENTO

Ary Quintella:

"Jamais poderia imaginar que a memória nacional fosse tão fraca"

Depois do sucesso de *Titina*, curtido pelos leitores, recomendado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, premiado pela Academia Brasileira de Letras, Ary Quintella conlui novo livro para o mesmo público infanto-juvenil, *Mamma mia!*, que já foi entregue à Editora Record. Para este carioca inquieto, que vive e sofre vida e literatura, escrever é paixão do dia-a-dia. Resultado: livros como *Combati o bom combate; Um certo senhor tranquilo; Retrospectiva; Sandra, Sandrinha; Qualquer coisa é a mesma coisa; Cão vivo, leão morto; Titina.* Em todos, com sua maneira peculiar de ser e de escrever, Ary está presente. Presença que se nota neste curto depoimento sobre seu mais recente livro, do qual damos, também, o capítulo I.



"Este meu último livro, **Mamma mia!**, surgiu assim: neste ano, todos os veículos de comunicação falaram profusamente de Getúlio Vargas. Curiosamente, ninguém se lembrou de que Getúlio destriu os sindicatos livres no País, através da Consolidação das Leis do Trabalho, elaborada pelo Lindolfo Collor.

Isso, ninguém ter mencionado esse fato, me deixou espantado. Sempre soube que a memória nacional é fraca, mas jamais poderia imaginar que fosse tão fraca assim. O que eu poderia fazer a respeito, não sendo jornalista, nem radialista, nem sendo comentarista de TV, etc.? Escrever um livro, claro.

Ficção, a revista da qual você foi um dos editores, tinha publicado um conto meu, bastante curto: **A data magna:** com apenas duas laudas de texto, uma coisa assim. Lembrei-me do continho. Reli o continho, parte de um livro de contos que estou terminando, chamado **Racha-quente.**

Gostei da petulância, cinismo, deboche do continho. Aí, aconteceu me lembrar de duas coisas: a grande invasão cultural norte-americana foi desencadeada durante a Segunda Guerra Mundial e o problema do pai ausente numa casa ainda não tinha sido suficientemente explorado em nossa literatura.

Ao mesmo tempo, imaginei encaixar nesses dois ingredientes já mencionados a problemática fundamental de toda minha obra: o respeito à dignidade humana, ao direito dos seres humanos de serem tratados com dignidade pelos outros seres humanos. Lembrei-me dos incômodos e vexames sofridos pelas famílias japonesas, italianas e alemãs durante a Segunda Guerra Mundial, aqui e em outros países.

Já tinha o enredo para uma história: um garoto, de família italiana, que vive no Rio de Janeiro durante a Segunda Guerra Mundial, cujo pai é da FEB e está lutando na Itália, e como esse garoto reagiria à divisão de poder em uma casa com o pai ausente, etc.

Aí, comecei a escrever a história. A primeira versão tinha seis laudas, a segunda nove, a terceira 12, a quarta 18. Então, descobri que o término de **A data magna** não teria nada a ver com essa história que estava escrevendo, resolvi que o garoto teria de vencer o **triunfo maníaco** dele. A essa altura, tive de apelar para a Imelde Farah, uma psicanalista minha amiga, pois eu não tenho conhecimento de psicanálise juvenil.

Consegui resolver o problema, e resolvi que o guri teria de ter — além de tudo — Complexo de Édipo. Muito bem. Mas acontece que cada reviravolta dessas significava escrever uma nova versão do livro. Aproveitei para fazer uma pesquisa específica sobre eventos, hábitos, músicas e detalhes, em geral, da época. Vali-me da coleção de revistas do Plínio Doyle, que ainda não tinha tido o enfarte.

A essa altura, já estava na nona versão da história e ainda tive de checar as expressões e frases em italiano, que joguei no texto. Para isso, vali-me do Carlo Bicchieri, que releu o texto umas cinco vezes. Enquanto isso, minha amiga Élia Ferreira Edel, da Editora Record, já tinha lido o texto de umas tantas vezes, até que um dia ela me disse: "Pára!" E parei. Aí, mandei o livro para duas amigas o lerem, elas fizeram umas observações, arrumei novamente o texto em função dessas observações, etc. Um dia, eu não mais conseguia ler o texto e o entreguei à editora. As amigas foram a Laura Sandroni, a Eglê Malheiros e a Tatiana Belinky, pois amigo é para ser explorado, não é? Eis aí, de maneira rápida, como o livro foi "composto".

Primeiro Capítulo, onde são apresentados os personagens, como Piero — ou Pierino —, o menino solitário; Vantuil, o caseiro, de moral talvez duvidosa; Marta, a cozinheira, mulher de Vantuil; Tio Gianni, o boa-via, que fará dobradinha com Pierino, conforme vão se sucedendo os acontecimentos; alguns gambás, galinhas e outros animais; e Laura, a Mamma, de quem o Autor — como sempre hesitante — não conseguiu fixar a personalidade, talvez exuberante demais.

Vale a pena acentuar as atividades confusas — às vezes cruéis — de alguns personagens, beirando mesmo o sadismo, o que ficará bem mais claro no surpreendente capítulo final.

Como todos os Autores fazem, o deste livro penou bastante para conseguir situá-lo num tempo certo e determinado, o que poderá ser percebido bem depressa, quer através dos fatos narrados, quer através do vocabulário, organizado cuidadosamente em função da época descrita.

É desejo — sincero — do Autor que os Argutos, Joviais e Augustos Leitores deste capítulo o apreciem tanto quanto o Autor ao escrevê-lo.

Auguri!

Pus a máscara de **El Zorro,** fui devagarinho por dentro do quarto. Todas as revistas da semana ficavam na mesinha de cabeceira da **Mamma.** Queria apanhar a última **A Cigarra.**

Apesar do frio no quarto, o aparelho de ar condicionado fica sempre ligado. Freddo cane! É um aparelho Carrier, trazido dos Estados Unidos por nosso Cônsul em Nova Iorque, e o velho teve de suar bastante para fazer a instalação dele.

Coisa mais linda: a cabeleira da **Mamma,** toda aberta como leque, recobrindo seus olhos verdes. Já fechava a porta. **Mamma** suspirou. Seu corpo dourado ondulou debaixo do lençol. Meu corpo tremeu.

Nesse número de **A Cigarra,** tinha reportagem sobre **Sangue e Areia,** que está passando no Metro Tijuca, lá na Praça Saenz Peña. Saí mais cedo do colégio, dizendo: "Que baita dor-de-cabeça", fui até o cinema, juntei todos os meus cruzeiros — esta nova moeda — comprei ingresso, não me deixaram entrar.

— É proibido para menores — O porteiro, fantasiado com farda azul, cheia dos dourados, levantou a ponta do bigodinho.

A reportagem tinha fatos e fotos da Rita Hayworth, estrelíssima do filme. Recortei as fotos com todo cuidado. Talvez o Vantuil queira caçar gambás, se ficar entusiasmado com as fotos. Apesar de ser casado com Marta, nossa cozinheira, gosta de ver fotos das artistas de Hollywood.

Não sei porquê. Eu prefiro ver a **Mamma** andar. Ou como digo: desfilar. Agitando os cabelos ruivos, arqueando as finas sobrancelhas, acendendo o cigarro.

MAMMA dormia, pois tinha chegado de São Paulo cansada. Como sempre, foi resolver um problema do Tio Paolo, que vive enrolado com o tal de DOPS — não tem nada a ver com Drops — entrando, saindo da prisão quase todos os meses.

MOMENTO DA POESIA

Pauta

Celso Martins

Encontrei um caso típico:
"João da Silva, operário,
casado, 49 anos, cinco filhos.

Débil mental, tocou fogo na casa
e morreu queimado dentro dela".

1) Rotina do turno,
botina diurna,
ponto batido,
nevralgia,
rouquidão, hora extra.

2) Quero comida — diz o menor,
material escolar, passe,
uniforme, leite, aveia.

3) Salário. Falta mês,
no fim do salário.
Descontos, a pinga,
carteado, a pinga.

4) Chegou tarde — grita a mulher.
Feijão sem sal,
ovos estralados, pimenta.
Panela de pressão também explode,
caldeira, não cuida, explode.
Porque não explodiria a cabeça!

(**Vida Dura,** *poemas, de Celso Martins, Florianópolis, 1981).*

Poeticamente apoético, duro como a própria vida, temos aqui um retrato pertinente dos nossos dias, reproduzido através de versos que nada escondem ou enfeitam. Pouco interessa ao Autor se o verso sai "impuro" — pois mais impura e contaminada é a realidade que o cerca. Celso reclama que nenhuma palavra saiu a respeito de seu livro. E daí? O que importa é o próprio livro, o recado que ele dá e que inquieta as pessoas bem postas na vida. Por tal motivo, talvez, o silêncio. Para alguém que ama a poesia e ama a palavra, adorando truncá-la para melhor transmitir, nem haveria necessidade da apresentação (lúcida) de Emanuel Medeiros Vieira, nem do lebelo acusatório (igualmente lúcido) do próprio autor. Para os que querem ver-ler, bastam os poemas incluídos neste pequeno livro, quadros dramáticos que tão de perto nos tocam e sensibilizam.

Registro

Televisão, de Carlos Alberto M. Pereira e Ricardo Miranda, Ed. Brasiliense, SP. Mais um volume da série "O nacional e o Popular na Cultura Brasileira", desta vez estudando a televisão e sua influência (cada vez maior) no comportamento geral. Embora escrito há algum tempo e necessitando de atualização de dados, o livro é importante pelo enfoque e pela visão que dá do problema.

* * *

Linguagem e ser, de José Enes; Etologia a ciências humanas, de Antônio Bracinha Vieira, Col. Estudos Gerais, Série Universitária, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, dist. no Brasil pela Livraria Camões, RJ. Nestes dois novos títulos da série, Enes, em seu trabalho de filósofo, deve muito a São Tomás e Heidegger na aplicação do seu método filosófico-linguistivo; e Vieira mostra com o a Enologia se constitui como disciplina da Biologia evolutiva ligada à observação e descrição do comportamento dos animais na natureza.

* * *

Alongue-se, de Bob Anderson, il. de Jean Anderson, Summus Ed. SP. A cada dia se torna mais premente a necessidade de se cuidar do preparo físico e da saúde, diante da vida sedentária que se leva. Daí o aparecimento de métodos e métodos. Este **Alongue-se,** com mais de mil desenhos explicativos, mostra de que maneira se pode manter os músculos flexíveis e o corpo pronto para o movimento. As instruções são claras e concisas e o A. dá aulas em universidades e clínicas.

* * *

Administração de saúde no Brasil, coord. de Ernesto Lima Gonçalves; e **Mudança social e pobreza no Brasil: 1970-80,** de José Pastores, Hélio Zylberstajan e Garmen Silvia Pagotto, Ed. Pioneira, SP. Dois títulos importantes, o primeiro com a colaboração do Programa de Administração Hospitalar e Sistemas de Saúde mostra como melhor administrar os recursos para atendimento da população na área de saúde; e o segundo discute o que ocorreu com a família brasileira, numa avaliação da realidade sócio-econômica do País. Os autores da pesquisa encetam uma análise da evolução do quadro social na década de 70 a partir de dados familiares.

Belo Horizonte tem concursos

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ENTREVISTA

Suzana Vargas:

"Busco restaurar o poético, a emoção"

Gaúcha de Alegrete, 28 anos, **Suzana Vargas** mora no Rio, onde é professora universitária, tradutora de espanhol e resenhista ocasional para jornais cariocas. Poeta, Suzana lançou recentemente pela Achiamé **Sem r Recreio.** Após quatro anos em silêncio, este seu segundo trabalho (embora tenha participado de duas antologias em 80) confirma o que já foi dito sobre seu livro de estréia — **Por Um Pouco Mais** — editado pela Tempo Brasileiro em 79.

Para o escritor e crítico Maurício Salles: "Matéria de interior doméstico, o poema de Suzana Vargas, sem culpa nenhuma, reivindica um horário nobre, passível de arejar o escritório dos artífices e de refrear as naves loucas da utopia que singram a dourada água das fontes".

O leitor vai constatar. Nada é fácil em **Sem Recreio.** Cada palavra é medida, pesada, ouvida como em voz alta e, depois de pronunciada, ressoa em nossos ouvidos como um aviso, até um alerta. Seu estilo é pessoal, destilado, de visível preocupação em produzir uma linguagem simples, direta, ainda que elaborada, extremamente comovente e verdadeira.

E a própria autora quem nos revela: "Procuro restaurar o poético, que parece perder-se em meio à tendência cerebral que assola nossa poesia hoje. Em outras palavras, restaurar a emoção".

— O que significa "Sem recreio "? Fale-nos de sua proposta e de seu estilo.

— O título **Sem recreio** está diretamente ligado ao tom geral do livro, que problematiza a mulher enquanto ser dividido entre casa e trabalho, sendo, portanto, o indivíduo que não possuiu descanso em nossa sociedade. **Sem recreio** também são nossas relações familiares, essencialmente urbanas, excessivamente culturais. No livro, falo da casa e do caminho por demais esquemático de todos nós, questionando esse destino aparentemente já traçado e propondo uma mudança. Esta mudança pode acontecer de várias formas, inclusive através da própria leitura de um poema. O ato poético pode significar, e significa um rompimento com o destino, com a reverência. Bem, meu estilo? Procuro restaurar o poético, que parece perder-se em meio à tendência cerebral que assola nossa poesia hoje. Em outras palavras: restaurar a emoção. Trabalho muito com o factual, procurando nele sua universalidade. As rimas são ocasionais, o ritmo, nunca. Também posso dizer que trabalho sinteticamente a realidade. Meus poemas, em geral, são pequenos.

— De seu primeiro livro — "Por um Pouco Mais" — até "Sem recreio", quais os caminhos traçados, as pistas, as descobertas no campo da poesia?

— Em meu primeiro livro também trato do cotidiano e nisto ele se parece com **Sem recreio.** É um livro, talvez, mais espontâneo, o que não quer dizer que não tenha trabalhado seus poemas. Na época me deixei levar, seduzir por alguns modismos, jogo de palavras que hoje abandonei em função de querer significar. **Sem recreio** já faz parte de um projeto. Trabalhei dois anos, organizei e aí está — pronto. Com ele aprendi que a poética está em todos os lugares, também incorporei a casa e o trabalho da mulher à minha poesia. Em geral, me interesso muito pela realidade, sem abrir mão da imagem e do conceito.

— Como você vê a chamada "geração do mimeógrafo"?

— Vejo como um dos movimentos mais belos e produtivos da década de 70. Nasceu como real alternativa político-editorial, desidealizando a figura do escritor como elemento de gabinete, isolado de sua realidade. Hoje o escritor está em toda parte, nas ruas expondo suas feridas, suas dificuldades "econômico-poéticas". E isso é muito bom. Reparo também na solidariedade que envolveu e ainda envolve grupos, bem como na criação de uma linguagem e uma postura novas diante, não só da literatura, como da cultura em geral.

— E as vanguardas? O que significam para você?

— Primeiro: o que é ser vanguarda? Não é a novidade pura e simples, embora, às vezes, passe como tal. Camões é vanguarda porque é eterno. Ou mesmo Baudelaire, Mallarmé... São novos porque a cada leitura deles aprendemos coisas novas. É antiético dizer, mas vanguarda e eternidade em literatura, para mim, andam juntas. A vanguarda, no sentido de ruptura com os padrões estéticos vigentes, nasce e vive com os dias contados. Quem disse isso foi um crítico alemão de quem gosto muito: Hans Magnus Enzenberguer.

— O que é ser poeta hoje no Brasil, no Terceiro Mundo?

— Produzir cultura (não só poesia)no Brasil é como desbravar a selva amazônica. Mas a culpa não é do povo, é de toda a educação enganosa, escolar e familiar, insensível à criação. Nós, poetas, não lutamos apenas com as palavras, mas contra todo um sistema que tenta, constantemente, nos cuspir fora da engrenagem tecnicista na qual sou poeta, apesar de viver no Brasil, apesar de viver no Terceiro Mundo.

— Você acredita numa crise editorial? E sobre esta ausência de leitores, vê alguma saída para a literatura?

— A chamada "crise editorial" existirá enquanto o regime capitalista continuar implantado entre nós. O pior é que é um regime, um capitalismo de terceiro time. O editor brasileiro sofre, em geral, de falta de cultura, inteligência, e de um amadorismo crônico. Por vezes dariam mais certos como feirantes. Quanto à ausência de leitores, se deve tanto a não comercialização dos livros pelas editoras, como a uma educação distorcida, precária. As escolas não educam, elas adestram, adaptam o indivíduo, levando-o a crer na ausência de alternativas. Fora o problema do analfabetismo. Bem, a saída não está muito clara na minha cabeça, a não ser uma mudança de direção na economia brasileira e na política editorial, dando-se mais oportunidades aos mais jovens e, principalmente, valorizando o artista que, por enquanto, parece pregar no deserto.



Suzana Vargas lança um novo livro.

MOMENTO DA POESIA

Memorial

Suzana Vargas

Já prevejo a casa
Fechada
Ensimesmada
Cheirando ausências

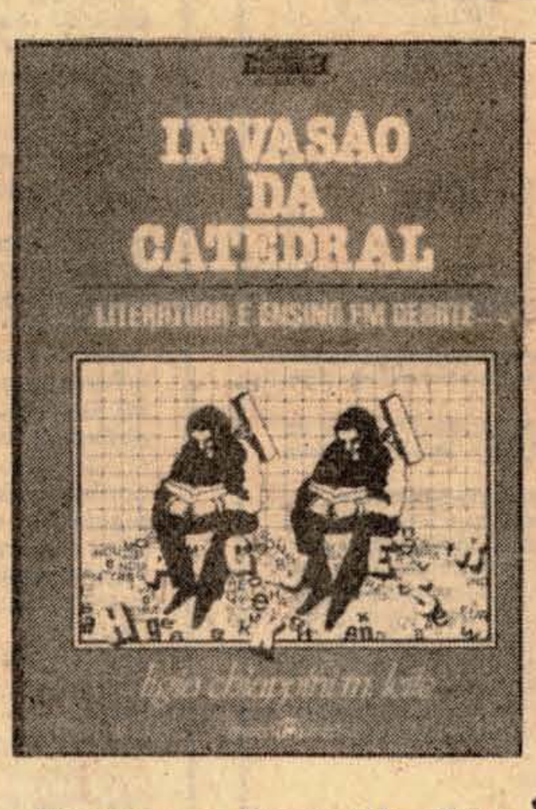
Pego musgos antecipados
Abro novas fechaduras
E meus olhos encerram
a imagem noturna das três
Marias

São líquens de despedida
e um coqueiro derrubado
com inscrições cravadas
à distância

Mas quer ser apenas uma casa
— Fechada —
Ausências aromando
o que fica
na memória.

(Sem recreio, *poemas, de Suzana Vargas, Ed. Achiamé, RJ)*

Registro





Raça e cor na literatura brasileira, de David Brookshaw, trad. de Marte Kirst, Ed. Mercado Aberto, RS. Numa pesquisa que abrange autores e livros de várias épocas, Brookshaw conclui que há forte preconceito de cor na literatura brasileira. Para chegar a tal conclusão, este brasilianista, professor da Universidade de Bristol, faz um aprofundado estudo do tratamento dado ao negro no século passado e nas primeiras décadas do século XX, inclusive por autores afro-brasileiros.

Invasão da Catedral, de Lígia Chiappini M. Leite, Ed. Mercado Aberto, RS. Um texto polêmico, que questiona os métodos da escola brasileira e comprova a ineficiência das práticas pedagógicas tradicionais. Lígia se pergunta se educar é isto que vemos hoje no Brasil. E ela mesmo responde que não, mostrando porque. Diz Marilena Chauí no prefácio que, embora "iconoclasta, este livro não é de desesperança".

* * *

Como funciona a mente humana, de Ivar Feijó, Editora Pan, PR. Resultado de vários anos de pesquisa, aqui o Autor, conhecido jornalista que já atuou no Rio, no Paraná e hoje vive em Florianópolis, aborda temas controvertidos sobre o funcionamento da mente humana. Entre suas teorias mais polêmicas situa-se, por exemplo, aquela sobre o canhotismo, ou a que explica o homossexualismo como incidência na correção da linha genética. Texto para ser lido e debatido.

* * *

Graciliano Ramos, de Marilene Felinto, col. Encanto Radical, Ed. Brasiliense, SP. Neste 30º aniversário da morte de mestre Graça, mais um título que busca colocá-lo mais próximo do leitor. Se a proposta da Autora pode ser discutida, pois algumas aproximações nos parecem apressadas, não deixa de ser simpática a visão que ela dá do autor de tantas obras-primas da literatura brasileira.

* * *

Cela 13, de Rudá de Andrade, Ed. Brasiliense, SP. Preso na França, acusado do porte de cocaína, o Autor esteve durante 10 meses numa penitenciária. Daí extraiu estas "memórias do cárcere", onde relata sua experiência até ser solto por falta de provas. Nascido, como ele mesmo diz, sob a ágide do Movimento Antropofágico, filho de Oswald de Andrade e Pagu, escritor, cineasta, Rudá é hoje assessor da Secretaria de Cultura de São Paulo.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS **317** Salim Miguel

Entrega dos Prêmios Jabuti/83 na Biblioteca Mário de Andrade

Será realizada a 26 de outubro, às 20 horas, no auditório da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, à Rua da Consolação, 94, São Paulo, a cerimônia de entrega do Prêmio Jabuti/1983. O prêmio Jabuti é conferido pela Câmara Brasileira do Livro desde 1959, como parte das comemorações da Semana Nacional do Livro, de 23 a 29 de outubro.

A estatueta de bronze, que representa o Jabuti — animal que simboliza, na mitologia indígena, a pertinácia e a astúcia — foi criada pelo artista Bernardo Cid.

Para os catarinenses há, este ano, uma atração à parte, pois desde o dia 10 de outubro, e até o dia 30, estará em exposição na Biblioteca Municipal Mário de Andrade a Exposição **Artepoema,** com poemas de Silveira de Sousa e pintura de Hassis.

São os seguintes os contemplados este ano:

Romance - **Aquele mundo de vasabarros** - José J. Veiga (Difel)

Poesia - **Alba** - Orides Fontela - (Roswhita Kempf Editores)

Conto - **O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro** - Sérgio Sant'Anna - (Ática).

Estudos literários - **Dostoiesvski: ProsaPoesia** - Boris Schnaiderman - (Perspectiva).

Biografia e/ou memórias - **Cela 3** - Rudá de Andrade - (Brasiliense).

Tradução (obra literária) - **Poemas** - Tradução José Paulo Paes - (Nova Fronteira)

Revelação de autor - **Feliz Ano Velho** - Marcelo Rubens Paiva - (Brasiliense)

Literatura infantil - **A Vaca Mimosa e a mosca Zenilda** - Sylvia Orthof - (Ática).

Literatura juvenil - **Ciganos** - Bartholomeu Campos Queiroz - (Miguilim)

Ilustração - **Bisa Bia, Bisa Bel** - Regina Yolanda - Salamandra

Ciências Humanas - **Televisão e Capitalismo no Brasil** - Sérgio Caparelli - (L e P.M.)

Ciências Exatas - **Implementação de Linguagens de Programação** - Tomasz Kowaltowski (Editora Guanabara Dois).

Ciências Naturais - **Geologia do Brasil** - Setembrino Petri e Vicente José Fúlfaro. (T.A. Queiroz e Edusp).

Tecnologia - **Solução Energética** - Eduardo Celestino Rodrigues - (Editoras Unidas)

Tradução (Obra científica) - não foi concedido prêmio a essa categoria.

MELHOR CRÍTICA E/OU NOTICIÁRIO LITERÁRIO:

Revista - Revista Visão - Livros

Jornal - Jornal da Tarde - Livros e Crítica

Rádio - Rádio Excelsior - Álvaro de Faria, pelos programas na Rádio Excelsior.

Televisão - RTC - Rádio e Televisão Cultura - Programa Panorama.

PRÊMIO JABUTI - Atividade Editorial -

(destinado às editoras)

Melhor produção editorial (obra avulsa) - **Era uma vez uma menina**

Editora - Berlendis e Vertecchia.

Autores - Walmir Ayala e Milton Dacosta.

Melhor produção editorial (obra Coleção) - **História da Pintura Brasileira Séx. XIX.**

Editora - Edições Pinakotheke

Autor - Quirino Campofiorito

Melhor livro de arte - **Facchinetti** - Editora: Record - autor Donato Mello Jr.

Prêmio Jannart Moutinho Ribeiro (Revelação de autor infantil) - **João, pobre João** - Luis Diaz Correa - Edicon

Homenagem especial - Escritora Odette de Barros Mott

Personalidade literária do ano - Escritor Pedro Nava.

Cartazes: Cr$ 1,5 milhão em prêmios

Dois prêmios (Cr$ 1 milhão e Cr$ 500 mil o 2.º) vão ser atribuídos aos dois melhores cartazes, dentro da programação da 1.ª Feira Internacional do Livro do Rio de Janeiro, a se realizar de 3 a 13 de novembro no Copacabana Palace.

A promoção é do Snel — Sindicato Nacional dos Editores de Livros — e o tema é **O abuso da reprografia.**

De há muito o órgão, traduzindo o pensamento da classe, vem se preocupando com o uso abusivo da reprografia, sob todas as suas formas. Daí, ao mesmo tempo que a Feira será encerrada com um painel sobre o tema, promove-se um concurso para escolha de um cartaz que simbolizará a luta que se vem travando no setor para disciplinar o uso da reprografia.

São os seguintes os critérios que nortearão a premiação:

O cartaz deverá transmitir, dentro de suas características básicas, a idéia do prejuízo material que representa, para diversas atividades, a prática abusiva da reprografia, sob todas as suas formas; a idéia do prejuízo material deverá estar ligada à da destruição cultural que a médio prazo a reprografia provoca, caracterizando-a como uma atividade predatória; no que se refere à predação cultural, o texto do cartaz deve sublinhar o perigo que representa, para a formação do cidadão e para a atividade acadêmica, acentuando o prejuízo que resulta avaliar um autor por meio de uns poucos capítulos reproduzidos sob qualquer forma; de forma veemente, posto que não agressiva, devido à aceitação **natural** do fato em quase todos os setores, o cartaz deverá deixar claro, também, que o abuso da reprografia, sob todas as suas formas, representa uma violação da lei.

Os originais deverão ter as seguintes características técnicas: formato de 60 cm x 40 cm (ilustração e texto) ou 33 cm x 22 cm (só texto) para impressão em quatro cores e em duas cores, respectivamente, em **offset,** apresentados em arte final e prontos para impressão; os originais deverão ser enviados sob pseudônimo, acompanhados de nome e endereço completo do concorrente em envelope fechado;

poderão concorrer artistas radicados no País e que aqui exerçam o seu trabalho, assim como estudantes de Comunicação, Desenho Industrial e profissionais das áreas de Publicidade e Propaganda e dos departamentos de Arte e Criação das Editoras; o concorrente poderá apresentar mais de um original, sob pseudônimos diferentes; as inscrições estarão abertas até o dia 25 de outubro de 1983, às 18 horas, considerando-se válido o carimbo do correio para fixação da data limite da entrega; os originais deverão ser remetidos, sob registro, pelo correio, ou entregues, sob protocolo, na sede da Snel, na Av. Rio Branco, 37, 15.º andar - CEP 20097, RJ; o resultado do concurso será divulgado no dia 10 de novembro e os prêmios entregues em cerimônia pública no encerramento da 1.ª Feira Internacional do Livro do Rio de Janeiro, no dia 13 de novembro de 1983, no Hotel Copacabana Palace; serão atribuídos dois prêmios (Cr$ 1 milhão para o 1.º e Cr$ 500 mil para o 2.º); o Snel poderá promover, durante a Feira, exposição de todos os trabalhos enviados ou aqueles selecionados, a seu critério; os vencedores concederão ao Snel plenos direitos, sem outra remuneração, para toda e qualquer reprodução do cartaz, nacional ou internacionalmente; os originais não premiados poderão ser retirados, na sede do Snel, no prazo de 60 dias, a contar da data da divulgação dos resultados, sendo que os trabalhos não retirados dentro do prazo serão incinerados; o julgamento dos originais será feito por uma Comissão nomeada pelo Snel e integrada por dois representantes seus, um artista plástico, um representante da Funarte e um representante da Associação Nacional de Propaganda; a remessa dos originais para o concurso significa inteira concordância, por parte do concorrente, com os termos deste regulamento, não cabendo qualquer recurso da decisão; o Snel se reserva o direito de aproveitar, mediante condições livremente ajustadas com seus autores, qualquer dos cartazes não premiados, para combate à prática da reprografia.

Entrevista com Guido Wilmar Sassi

Interrompemos hoje a entrevista com o Guido para a publicação de duas matérias sobre o Concurso de Cartazes do Snel e a entrega dos Prêmios Jabuti; as últimas partes da entrevista serão publicadas nas duas próximas semanas, quando também, será divulgado o título escolhido para o romance que começou sendo **Lindamar** e agora poderá ser **Verde mar azul** ou **O calendário da eternidade.** O romance, que sai pela Editora da UFSC, devolve aos leitores um escritor que durante 20 anos parara de escrever. Mas antes do romance, já na próxima semana estará nas livrarias **Este mar catarina,** antologia de contos que tem como tema o mar e seu aproveitamento pelos ficcionistas catarinenses, de Virgílio Varzea aos nossos dias, e onde Guido comparece com o conto "O naufrágio do Black Ship". **Este mar catarina,** é também lançado pela Editora da UFSC.

Registro

A dinâmica da vida (Iniciação à ecologia), de Benjamim de Carvalho, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Exposição sintética, clara e didática, que mostra a ligação íntima do homem com toda a natureza. E esclarece porque a consciência ecológica precisa ser formada para garantir a continuidade da vida.

***

O que é biblioteca, de Luiz Milanesi, col. Primeiros Passos, Editora Brasiliense, SP. Mostrando que a história da biblioteca é a história do registro da informação, o Autor mostra porque é impossível destacá-lo da própria história do homem. E busca, então, de maneira objetiva, esclarecer a importância da biblioteca e como utilizá-la.

***

Em busca da vida, de Carl Rogers, John K. Wood, Maureen Miller O'Hara, Afonso Henrique L. da Fonseca, trad. de Afonso Henrique L. da Fonseca, Summus Ed., SP. Texto para profissionais da área de saúde mental, aconselhamento e serviço social, com um enfoque que mostra "da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa".

***

Entre Capitalismo e Socialismo: a empresa humana, de Paul- Eugène Charbonneau, col. Novos Umbrais, Livraria Pioneira Ed. SP. Mais uma vez o Padre Charbonneau questiona as estruturas do nosso mundo — e diante da opção capitalismo x socialismo, ele quer evitar o dilema e procurar uma saída na qual haja lugar para uma liberdade que ilumine, diz ele.

***

O engenho colonial, de Luiz Alexandre Teixeira Jr.; e **Os Abolicionistas,** de Antonio Augusto da Costa Faria e Edgard Luiz de Barros, são os dois primeiros títulos da série "O cotidiano da história", que acaba de aparecer pela Ed. Ática, SP. Num misto de ficção e reportagem, busca mostrar o processo da história, como se faz no dia-a-dia e de que maneira o homem comum contribui para ela. Para o público jovem.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

318

Salim Miguel

MOMENTO DA POESIA

POEMA-ORELHA

Carlos Drummond de Andrade

Esta é a orelha do livro
por onde o poeta escuta
se dele falam mal
ou se o amam.

Uma orelha ou uma boca
sequiosa de palavras?
São oito livros velhos
e mais um livro novo
de um poeta inda mais velho
que a vida que viveu
e contudo o provoca
a viver sempre e nunca.

Oito livros que o tempo
empurrou para longe
de mim
mais um livro sem tempo
em que o poeta se contempla
e se diz boa-tarde
(ensaio de boa-noite,
variante de bom-dia,
que tudo é o vasto dia
em seus compartimentos
nem sempre respiráveis
e todos habitados
enfim.)

Não me leias se buscas
flamente novidade
ou sopro de Camões.
Aquilo que revelo
e o mais que segue oculto
em vítreos alçapões
são notícias humanas
simples estar-no-mundo
e brincos de palavra
um não-estar-estando
mas de tal jeito urdidos
o jogo e a confissão
que nem distingo eu mesmo
o vivido e o inventado.
Tudo vivido? Nada.
Nada vivido? Tudo.
A orelha pouco explica
de cuidados terrenos
e a poesia mais rica
é um sinal de menos.

(Este Poema de Drumond serviu de orelha para o livro **Poemas,** de 1959, e serve agora de orelha para a edição de **Nova Reunião,** onde estão 19 livros de poesia do Autor, num lançamento da Livraria José Olympio Editora/ Pró-Memória-INL, RJ- Brasília)

Reunião. Eis os 19 livros deste **Nova Reunião**: Alguma Poesia, Brejo das Almas, Sentimento do Mundo, José, A rosa do Povo, Novos Poemas, Claro Enigma, Fazendeiro do Ar, A vida Passada a Limpo, Lição das Coisas, A Falta que Ama, As impurezas do Branco, A Paixão Medida, Boitempo I, Boitempo II (Menino Antigo), Boitempo III (Esquecer para Lembrar), Viola de Volso, Versiprosa e Discurso de Primavera e Algumas Sombras. A presente edição traz, ainda, uma cronologia biográfica e uma bibliografia de e sobre o Autor, além de um índice de poemas pelos títulos para facilitar o manuseio pelo leitor.



REGISTRO

Casulo das águas, de Márcia de Almeida, Ed. Marco Zero e Studio Alfa, RJ. Nos tempos mais duros (início da década de 70), um jovem desaparece na Guerrilha do Araguaia; a família tenta em vão localizá-lo. Manipulando tais elementos, Marcia, jornalista e escritora combativa, nos dá um relato tenso e denso, ao mesmo tempo em que pela primeira vez as lutas do Araguaia aparecem na ficção brasileira.

***

A arca dos marechais, de Marcos Rey, Ed. Ática, SP. Num estilo aliciante e irônico, um retrato do Brasil de hoje centrado na São Paulo megalópole. Os marechais do título, que surgem magicamente por intermédio de uma "guitarra", permitem que um homem insatisfeito com sua vidinha realize seus mais fantasiosos sonhos. Mas do outro lado da história há um drama de solidão e uma busca de não se sabe o quê.

***

Os amores da pantera, de José Louzeiro, Ed. Record, RJ. A ficção de Louzeiro é quase toda ela trabalhada sobre fatos do dia-a-dia. Aqui temos, como o próprio romance informa, "o outro lado do crime de Búzios". O livro foi montado em cima do roteiro do filme. 2ª edição.

***

Piloto de guerra, de A. de Saint—Exupery, trad. de Rui Belo, Ed. José Olympio, RJ. O poetada aviação em mais um de seus livros. Mundialmente famoso com **O pequeno príncipe,** o Autor soube como poucos sentir a vida de um piloto, transmitir a sensação dos amplos espaços. **Piloto de Guerra** foi escrito em 1942; em 1944 o A. desaparece num vôo.

***

Um mundo transparente, de Morris West, trad. de A.B. Pinheiro de Lemos, Ed. Record, RJ. Autor de best-sellers como **As sandálias do pescador** e **O advogado do diabo,** aqui West, baseado num simples registro, recria, num romance, a história de uma sessão de psicanálise entre Carl Jung e uma paciente denominada Magda von G.

Editora da UFSC na Feira do Livro de PA

Inaugurada ontem, dia 28, fica aberta até dia 13 de novembro a Feira do Livro de Porto Alegre, já em seu 29.º ano. Promovida pela Câmara Rio-Grandense do Livro, conta com a colaboração de várias entidades, e este ano tem como patrono José Bertaso, falecido em julho passado. Bertaso dedicou grande parte de sua vida ao desenvolvimento das artes gráficas no Rio Grande do Sul: e através da Editora do Globo incentivou novos escritores e talentos, desenvolvendo um trabalho pioneiro na literatura, com reflebos na cultura brasileira. A Feira do Livro de Porto Alegre é considerada hoje a mais importante do País. E mais uma vez lá estará presente a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina. Dia 10, autores que tiveram títulos publicados este ano pela Editora da UFSC estarão participando de uma noite de autógrafos.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

319

Salim Miguel

Memórias, biografias, etc.

Depoimentos, memórias, biografias, entrevistas, etc., passaram a ter, nos últimos tempos, maior aceitação por parte dos leitores. E não importa se os autores são nomes conhecidos ou simples anônimos. É crescente o espaço que as editoras vêm dedicando a estas áreas. Entre os títulos que vêm chegando à coluna estão:

Na col. Encanto Radical, da Ed. Brasiliense, SP, **Leila Diniz,** por Cláudia Cavalcanti. A A. era menina e não chegou a conhecer Leila. Mas, o mito ipanemense chegou até Cláudia — e ela procura, de maneira objetiva, traçar um retrato de uma figura, que rompendo todo tipo de preconceitos, marcou sua curta passagem pelo mundo (1945-1972) morrendo num desastre de aviação na Índia.

Já **Ai de vós,** da Ed. Civilização Brasileira,RJ, nos traz o diário de uma doméstica. É um documento humano de grande força e autenticidade, narrado por alguém "de poucas luzes" como diriam os eruditos, mas, que tem uma carga de vivências mais forte do que a daqueles ditos portadores de "grandes luzes". Francisca Souza da Silva, a Autora e seu livro tem, para Pedro Nava, "relevância social", sendo "ao mesmo tempo gemido de queixa, desabafo de desgraça, advertência, denúncia e acusação".

Duas mulheres possuem afinidades, se encontram/desencontram. Uma é atriz, a outra escritora. Falam em escrever juntas um livro, que seria uma longa entrevista onde entrevistada e entrevistadora se desnudariam. O livro pronto vira filme, o filme causa escândalo e polêmica no Festival de Cannes.

Agora, editado pela Brasiliense, SP, na col. Cantadas Literárias, em tradução de Regina Tirello e Luís Nazário, chega ao Brasil. Trata-se de **História de Piera,** assinado por Piera Degli Esposti e Dacia Maraini.

Coreógrafa e bailarina, Maria Fux transmite, em **Dança, experiência de vida,** sua atuação de mais de 30 anos na área. Mais do que depoimento, o livro revela como pode uma pessoa se expressar através do corpo, que serve como meio de comunicação a serviço da educação, mesmo havendo problemas de deficiência física, e sem limite de idade. O livro é mais um título da col. Novas Buscas em Educação, da Ed. Summus, SP, e foi traduzido por Norberto Abreu e Silva Neto.

Raymundo Moniz de Aragão é professor, membro do Conselho Federal de Educação, foi ministro da Educação e Cultura e reitor da UFRJ. Neste **O terceiro degrau,** lançado pela Livraria José Olympio Editora/Pró-Memória-INL, RJ, ele reúne textos onde dá sua visão dos problemas educacionais, ao mesmo tempo em que contribui para a formação de uma memória da educação brasileira.

Poeta, artista plástico, espírito inquieto e expoente da vanguarda brasileira, Wlademir Dias-Pino tem uma contribuição importante nas artes brasileiras. Nascido no Rio, vive em Cuiabá. E tanto de lá, como de outros centros, sua participação foi sempre intensa, seja lecionando, participando de movimentos vanguardistas, ou ainda como programador visual e gráfico.

Agora, um catálogo completo, produzido pelas Edições do Meio, com a colaboração do Departamento de Letras da UFMT, nos permite uma visão de Wlademir e de seu trabalho, devolvendo-nos o poeta e o artista através do que há de mais expressivo em sua obra. O volume faz parte do Projeto "Amostra permanente de Obras de Escritores Mato-Grossenses".

Ator e autor, Oduvaldo Viana Filho, o Vianinha, já tem um lugar definido e definitivo no teatro brasileiro. Mais do que isto: na cultura brasileira. Ativista político e cultural, deixou obras importantes — e bastaria para situá-lo a peça **Rasga coração.** Aqui, neste **Vianinha,** Teatro, Televisão, Política, estão reunidos artigos, entrevistas e textos inéditos, recuperados do esquecimento num volume que tem seleção, organização e notas de Fernando Peixoto. O volume faz parte da col. Antologias e Biografias, da Ed. Brasiliense, SP. Lê-lo é conhecer um pouco mais do Autor e um pouco mais do difícil Brasil em que ele viveu.

O precário equilíbrio

O que logo identifica a prosa de Liberato Vieira da Cunha é uma linguagem clara e despojada. Também lirismo e humor, ingredientes que ajudam a compor os contos e as crônicas de Miss Falklands, lançamento de Martins Livreiro-Editor, RS. **E se por um lado o "ele" (às vezes até com nome) da maioria das histórias cria uma unidade ficcional, isto se completa com a cidadezinha de Santaclara, mesmo quando ela não é explicitada. Mas, explícita ou implícita, é ali que se situam, pelo clima ou pelo tratamento, grande parte dos trabalhos com os quais o Autor dá sua visão de mundo, um mundo no qual seres em deriva tentam se equilibrar precariamente. A comunicação do texto com o leitor é imediata, talvez resultado da prática do dia-a-dia no jornal. Aliás, procurando se justificar, Vieira da Cunha diz que escreve "porque é divertido". E continua: "Conto histórias com um começo, um meio e um fim.**

Falo de homens e mulheres, de suas paixões, de seus medos e de seus desencontros". Especialmente de seus desencontros, diríamos nós. Porque, se de um lado mesmo em histórias sem começo, meio ou fim ele seria um narrador seguro, de outro se há uma constante em seus escritos é o da temática do desencontro e do descaminho. Isto tanto pode ser observado em "Sol sobre as colinas", onde os dois personagens num átimo se encontram/perdem, como em "Na quietude da tarde", com sua calma melancólica de encontros que se sucedem desencontrando-se.

De repente eis que o Autor nos apanha e surpreende com uma insólita história toda calcada em cima de uma palavra, rebômboros, onde um homem cansado de tudo investe contra o mundo com o seu rebômboros, que nada sendo adquire significações insuspeitadas ("Pelo século dos séculos"). Mas não só nos contos temos o escritor seguro e atilado nas observações dos fatos e na capacidade de transmitir. Veja-se, por exemplo, crônicas como "Dois escritores a bordo", onde Liberato flagra John dos Passos e Érico Veríssimo em Porto Alegre, ou "Réquiem por uma jovem paineira", com toda a sua pungência.

Uma análise da Universidade Brasileira

As universidades e o governo federal, de Pedro Lincoln Carneiro Leão de Mattos, é o novo título editado pela Universidade Federal de Pernambuco.

No momento em que a instituição universitária está sendo debatida, revista e reformulada em todo o País, surge esta publicação de leitura e consulta obrigatória, para todos os que procuram enriquecer sua compreensão sobre o problema.

Trata-se de um estudo que, excetuando o último capítulo, segue metodologia acadêmica quando enfoca especificamente o problema político-administrativo da Universidade Federal. Aprofunda-se na política de controle ou "supervisão ministerial" que o Governo mantém sobre as autarquias, e conclui que esta função tem sido exercida de uma forma que ignora a dinâmica peculiar organização - universidade, provocando a hipertrofia das atividades-meio, a introversão e a rigidez do processo de informação e decisão. Permanecem mal aproveitadas no processo amplo de um controle estimulante, forças sociais internas e externas, pois a política do Governo Federal levou à concentração do poder.

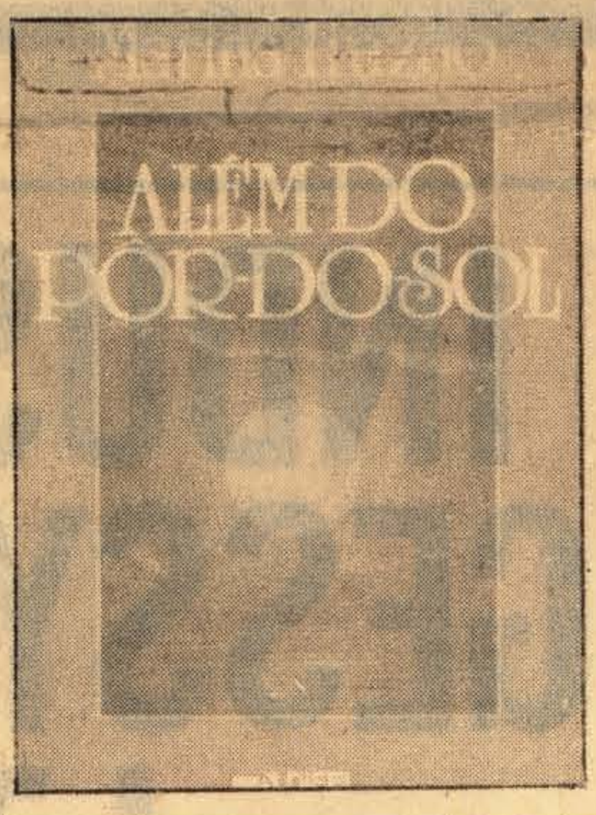
Traz uma análise cuidadosa da história administrativa das universidades federais autárquicas e do equívoco do modelo único, que neutraliza a diversificação e anula os impulsos experimentais. Lembra que é necessário voltar a pensar o ensino superior a partir da sala de aula, de seus agentes, clientela e finalidades sociais.

Registro

Algo amarelo à minha esquerda, de Marcelo Suppa Meira, Ed. Cátedra/Pró-Memória - INL, RJ. Recife é o universo do autor. E numa Recife misto de realidade e fantasia, envolvidos num clima de tensão, personagens jovens que buscam se encontrar e afirmar. Nos personagens, algo do próprio Marcelo inquieto e insatisfeito, que com este volume de contos faz uma promissora estréia em livro. Apresentação de Jorge Amado.

***

Os bons e os justos, de Lourenço Cazarré, Ed. Mercado Aberto, RS. Um delegado negro que não é aceito pelo mundo "branco" e que se revolta contra o preconceito e o mundo; uma jovem que se mandou



em busca de nem sabe o quê; uma cidade pequena do sul com suas fofocas. Reunindo tais elementos, o vencedor do Nestlé, na categoria romance, constrói uma novela de suspense e crítica social. Na Col. Novela.

***

Eles não usam black-tie, de Gianfrancesco Guarnieri, Ed. Civilização Brasileira, RJ. Desde sua apresentação, em 1958, esta peça faz sucesso. Transformada em filme, o sucesso aumentou, inclusive fora do País. Retratando uma família de operários, o A. traça um quadro do Brasil, com suas lutas sociais em busca de uma sociedade justa.

***

Além do pôr-do-sol, de Marina Frazão, Difel, SP. A partir do encontro com um bispo, D. Márcio, por quem sente estranha atração, Deborah/Mária Ângela se vê recuando no tempo e vivendo outras vidas. Com tais elementos, temos, numa linha romântica, um romance com muita trama e ação, revelando uma nova ficcionista.

***

O vento soprou mais forte, de M.M. Kaye, trad. de Antônio Pena, Ed. Record, RJ. Baseado em fatos reais, um romance histórico sobre o comércio de escravos em Zanzibar no século XIX, quando a ilha se tornou o último e maior centro de tráfico de escravos.

***

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Mais livros para a criançada

Eglê Malheiros

Fala-se muito na importância da leitura: por certo está implícito o conceito de que é importante ler bons livros. Contudo, acho que é hora de explicar isto: ler por ler nada representa.

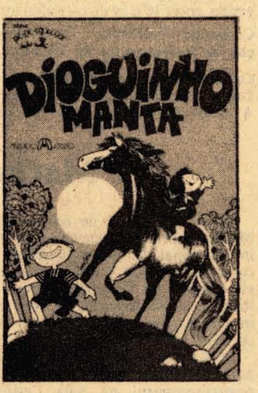
Os tempos estão mudando, e o livro infantil e juvenil virou um bom negócio, para editoras, e mesmo para autores, e até para alguns ilustradores. Embora o público atingido seja ínfimo, se levarmos em conta o número real de crianças e garotos, leitores em potencial. Infelizmente, a mesma pirâmide que reserva para muito poucos os bens materiais também exclui dos bens culturais a esmagadora maioria.

Mas aí a luta para superar a indignidade já não se trava no campo da literatura, salvo no aspecto de que os livros que abrem as mentes e os corações dos jovens são meios de formarmos uma geração mais informada, inconformada e combativa.

Quem fala de livros diante dos inumeráveis títulos que se publicam fica também na obrigação de ser mais exigente, por respeito ao leitor. Assim, voltamos ao início, a alegria de falar de dois títulos dirigidos a leitores de 10 anos ou mais, embora um bom leitor mais jovem (ou mais velho) possa curtí-los.

O ladrão de palavras, de Marco Tulio Costa, Ed. Record, RJ, é um livro engraçado, divertido, inquietante. Num ritmo intenso, acompanhamos super-heróis às voltas com o Camerântropo, tentando libertar os Atlantes de seu domínio cruel. A linguagem é viva, irônica, inventiva. O A. usa da paródia, faz uma sátira pertinente da sociedade e nos leva pelo bico, página após página, até o final. Desafio qualquer "gente grande" que pegue o livro, a largá-lo sem virar a última página. Estamos diante de um escritor seguro e imaginativo, que não aeride seus presumíveis jovens leitores com bobagens pasteurizadas e moralizantes lições embutidas em calda de açúcar. No entanto, brota do livro uma fraterna confiança nos seres humanos, a começar por nós outros brasileiros, e a certeza de que um dia poderemos por Midas a correr. Marco é autor de outro livro que infelizmente desconheço: **O mágico desinventor. O ladrão...** traz imaginativas ilustrações a bico-de-pena, infelizmente sem o nome do artista.

Um novo coração, de Derek Walter, il. de Mieko Kofuji, Ed. Comunicação, MG. Um livro muito belo, um poema de amor à vida. A linguagem, em ritmo pausado, quase confidencial, serve para aumentar a intensidade do drama vidido pelo calango, quando vê a mata invadida pelo animal que não



segue de modo fatalista a voz da natureza: o homem. A capacidade de empatia com as plantas e bichos, a sensibilidade ecológica (essa palavra tão desgastada, mas apesar disso tão importante em seu verdadeiro significado científico e político) que resuma do livro, fazem da leitura uma experiência importante. Somente pessoas educadas no amor e no respeito à vida, seja plantas, bichos ou agentes, serão capazes de nos tornar mais humanos. Pranchas a **crayon** de grande beleza e denotando carinhosa observação da mata enriquecem o livrinho.

OUTROS

Uma família tão comum, de Maria de Lourdes Ramos Krieger Locks, Ed. Brasiliense, SP. Uma noitada divertida, ao lado de uma família anti-convencional e anti-conformista, em que a imaginação desempenha um papel libertador e compensatório. A garotada vai rir, mas por certo também vai pensar.

O amor é um pássaro vermelho, de Lucilia Junqueira de Almeida Prado, Ed. Record, RJ. Prêmio Alfredo Machado Quintella, 1982. Passado nas décadas de 30 e 40, trata da colonização japonesa em São Paulo. O protagonista é Tadashi, que menino ainda deixa sua terra, fugindo da miséria que ronda sua casa. O encontro com Elisa faz com que abandone a obediência cega a sua cultura de origem e se adapte a sua nova pátria. Lidando com dados reais do processo migratório, escrito de maneira agradável, há contudo no livro um clima excessivamente romântico que se choca um tanto com a complexidade e a profundidade do tema.

Dioguinho Manta, de Newton Alvim, il. de Marco Cena, Ed. Mercado Aberto, RS. Um menino da cidade vai descobrindo a vida numa estância da fronteira gaúcha. Acompanhamos seu amor por uma égua madrinheira, sua primeira montaria, a conquista que ele faz de um potro bravio. As cenas que enfocam o relacionamento de Dioguinho com os animais, seu convívio com a natureza, são o ponto alto do livro. Há no entanto um certo didatismo, uma vontade de ensinar "gauchismo" que cheira um pouco a CTG. Não creio que a função da literatura seja descrever, mas sim ajudar a ver, indagar, questionar. E usando as palavras como material de realização artística. O A. mostra que tem condições de se tornar um bom escritor, se deixar de lado o lugar comum e a vontade de ensinar.

A primeira reportagem, de Silvio Pereira, il. de Negreiros, Ed. Ática, SP. Um seqüestro de duas crianças é desvendado por um jovem "foca" e sua namorada adolescente.

Os ladrões da meia-noite, de Josué Guimarães, il. de Cruz, LePM-editores, RS. Um sherlock mirim e seu watson resolvem o mistério do roubo de comida.

Assim falou o 833, de Origenes Lessa, il. Guidacci, Ed. Salamandra, RJ. Com ilustrações muito criativas, uma história da vida de Rui Barbosa por meio das memórias de seu automóvel.

Filho de pinguço, de Alciene Ribeiro Leite, il. de Isabel Cristina, Ed. Comunicação, MG. 1.º prêmio coleção do Pinto. Os problemas que enfrenta um menino filho de um alcoólatra.

E se mamãe não voltar para casa?, de Henry Correa de Araújo, il. de Waltolato, Ed. Comunicação, MG. Um menino dividido entre seguir como modelo o pai pedreiro e realizar os sonhos de ascenção social de sua mãe, doentemente apegada às telenovelas.

Para os néo-leitores, das Ed. Melhoramentos, SP.

Minha primeira biblioteca Nesta coleção já foram publicados **A aviação; A fazenda; O fogo** Enciclopédia infantil, com texto e pesquisa de Eliana Sá, um ilustrador diferente para cada livro. A linguagem é clara e interessante, as ils. motivadoras.

O barril, de Mirna Pinsky, il. Roberto Borges, Prêmio INL-1982. O mundo da fantasia das crianças em interação com a realidade, no jogo e aprendizado da vida. Um texto movimentado e poético, que torna a leitura um prazer.

Gabriela e a titia, de Ruth Rocha, il. de Alfredo Linares. História muito divertida de uma tagarela: as ils. sustentam o clima.

A casinha da chaminé azul, de Bárbara Vasconcelos de Carvalho, il. de Vera Muccilo. Uma história tradicional, com períodos um tanto longos e complicados.

E na coleção **Meu primeiro livro,** já apareceram **Tamanhos; Meu corpo; Palavras opostas.** Texto correto de apoio para os excelentes desenhos de Eva Furnari.

Entrevista com Flávio José Cardozo

Com a entrevista, há pouco encerrada, de Guido Wilmar Sassi, um projeto antigo vai ser agora concretizado: ouvir o que têm a dizer os ficcionistas de Santa Catarina, como se iniciaram, dificuldades enfrentadas, problemas de criação e de publicação, etc. O segundo entrevistado será Flávio José Cardozo. Mas o colunista não vai realizar o trabalho sozinho. Como deverá se prolongar por alguns meses, passa a dividir a tarefa com o escritor Silveira de Souza. E é ele que a partir do dia 19 estará entrevistando o autor de **Singapura e Zélica e outros.** Depois de Flávio, teremos, entre outros, Holdemar Menezes, Adolfo Boos Júnior, Amílcar Neves, Emanuel Medeiros Vieira. E para o segundo semestre de 1984, a reunião das entrevistas em livro, o que vai permitir que leitores, professores, estudantes e estudiosos do fenômeno de criação literária tenham uma visão mais clara da ficção que hoje se pratica entre nós.

Registro

Corpo a corpo, de Elisa Lispector, Ed. Antares / Pró-Memória - INL, RJ-Brasília. Neste romance, que apesar do clima carregado deixa entrever um fundo lirismo, a Autora retoma seus temas da incomunicabilidade. E, através de um tênue fio de história, traça a trajetória de uma mulher que tenta se reencontrar e fugir de suas obsessões.

***

Alice e Ulisses, de Ana Maria Machado, col. A prosa do Mundo/ Brasil, Ed. Francisco Alves, RJ. Na aparência, mais um convencional triângulo amoroso: marido, mulher, a outra. Visto do ponto de vista da outra. Mas tal leitura é enganosa. Outras. Para se entregar. A chave está nas duas páginas de abertura do livro.

***

300 histórias do Brasil (pequenas vergonhas), de Marcos de Vasconcellos, LePM-Editores, RS. Arquiteto e escritor, o Autor recolhe fatos que com ele aconteceram ou dos quais tomou conhecimento. E com eles vai construindo seu universo — um universo por vezes amargo, por vezes kafkiano, mas sempre irônico. E sempre bem arquitetado.

***

O pão do medo, de Francisco Raupp, Ed. Movimento, RS. Nesta série de histórias curtas o Autor tenta abarcar um universo bem amplo. Cronista conhecido no Rio Grande, agora ele mostra que assimilou a técnica do conto, flagrando com sensibilidade o que o cerca.

***

O astrolábio do mar, de Chems Nadir, trad. de Sérgio Tapajós, col. Autores Africanos, Editora Ática, SP. Aos poucos, através desta coleção, o leitor brasileiro vai tomando conhecimento do que se produz nos diversos países africanos, revelando-nos uma literatura que mostra a realidade em sua complexidade e diversidade. Deste livro que tem a simbologia das fábulas de **Mil e uma noites** diz Jorge Amado: "Chems Nadir une o antigo e o moderno na busca daquilo que é eterno".

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

321 - MIGUEL, Salim. Livros – Momento da poesia – Do norte ao sul, ... **O Estado,** Florianópolis, 9 nov. 1983.

LIVROS

321 Salim Miguel

MOMENTO DA POESIA

Do Norte ao Sul, de pequenos municípios ou de grandes centros, do litoral ou do mais distante interior do País, poetas brasileiros de diferentes formações e gerações continuam publicando e dando seus recados. Líricos, épicos, elegíacos, irônicos — mas sempre sensíveis ao fluir do tempo e à realidade que os cerca.

Cada qual com uma linguagem própria, um estilo que o identifica, uma mensagem estética e humana. Aqui cinco deles: dos gaúchos Carlos Nejar e Antonio Carlos Osório ao paraense João de Jesus Paes Loureiro; da mineira Lina Tâmega del Peloso ao baiano Fernando Coelho. E deles, para a sensibilidade do leitor, um fragmento de seus últimos livros.

Comecemos por Nejar, de quem a Ed. Record, RJ, acaba de publicar **Cinco poemas dramáticos** (Fausto; As parcas; Joana das Vozes; Miguel Pampa; Ulisses). O trecho transcrito é de **Miguel Pampa,** quando o personagem, como se fosse um saltimbanco, se apresenta para o público:

"Que sei de Mim?
Que sei
de meus pobres traços,
os pobres trajes
de brim
a vestir-me
nos costados
com a nuvem
o sol, o breu,
os sapatos
descalçados
(o calo
já me doeu)
na terra boa,
malsã
ou terra
de cada um."

***

O desafio do branco, de Antonio Carlos Osório, traz óleos de Siron Franco inspirados no texto e a edição é da Massao Ohno-Roswitha Kemps, SP. Eis o poema **Meu Avô:**

"Imagino-te a galope nas tuas barbas brancas
com teu cavalo prateado
pisoteando na madrugada as geadas
da fronteira que rompeste.

O ar severo do retrato
guardou-te inteiro
para os olhos da infância".

***

Altar em chamas fecha o ciclo de uma trilogia amazônica de João Jesus Paes Loureiro, iniciada com **Porantim** e continuada em **Deslendário.** A edição é da Civilização Brasileira. Vejamos este **Poema:**

"As palavras arfando entre virilhas
entre lábios
cópulas de consoantes e vogais.
Saboreadas palavras
defloradas palavras
túmidas palavras
ávidas
oh! palavras
arfando umidamente entre pentelhos.
Suor. Calor. Odor. Linguagem.
Gozo."

***

Lina Tâmega del Peloso fez parte do grupo **Meia-Pataca**, de Cataguazes, a terra de **Verde.** Nos idos de 50, a SUL chegou a publicar textos da turma de **Meia-Pataca**, inclusive de Lina. Agora ela nos reaparece com este **Entretempo**, pela Ed. Record, co-edição Pró-Memória - INL. **O galo** é um exemplo de sua poesia:

"Lembro teu canto.
Crepitava como salmo
na beirada da tarde.
E me lembro que te dividias em dois
no ofego andar da crista e da espora.
Eras um para cada infância
de que eu era a filha.
Guardo a brancura que te fiz nas penas
e o jeito de perdão de tua cabeça
encurvada, sob disfarce do sono
para coçar a sobremanhã de meus dedos.
Lembro que, de leve, te moveste
nesta tarde plúmbea
enquanto discava o tempo a tua procura".

***

O parto das águas, de Fernando Coelho, é o título inaugural da coleção Navio Pirata, da Global Editora, SP. Fernando diz: "A minha poesia não tem enfeites, nem sutilezas. A demagogia dos manipuladores da vida já é o suficiente sutil pra nos enganar e nos desservir". Vejamos um dos poemas da segunda parte do livro intulada **Uma estrela na garupa:**

"Minha amada feliz, queimada.
Minha amada, marcada de gases.
Minha amada, suja de nada.
Minha amada, suspiro e náuseas.
Minha amada feliz, morta-viva.
Minha amda terra, banhada de mangue-sangue.
O céu chove todo em cima das crianças.
Os fugutivos pingam andinamente.
As madrugadas amolecem os peitos.
Os cadafalsos andam de sobretudo.
A América rouca, está posta para os convivas.
Quepes, bombas.
Presídios, tragédias.
Favelas.
A ceia tem velas de cristal.
Pães de alabastro".

Lançamentos da Editora da UFSC

Hoje, às 20 horas, no prédio da antiga Alfândega, Rua Cons. Mafra, Jair Francisco Hamms estará autografando seu **O detetive de Florianópolis**, crônicas, Editora da UFSC, co-edição de O ESTADO. E amanhã, dia 10, quinta-feira, também às 20 horas, na Feira do Livro de Porto Alegre, estarão sendo autografados os seguintes livros da Editora da UFSC: **Partidos e políticos de Santa Catarina**, de Carlos Alberto Silveira Lenzi; **Os governantes de Santa Catarina**, de Carlos Humberto Correa, **Paisagismo de baixo custo**, de Walmy Bittencourt; **Reflexões para uma política de cultura**, de Osvaldo Ferreira de Melo; **O detetive de Florianópolis**, de Jair Francisco Hamms; **Antologia do varal literário**, introdução e organização de Alcides Buss; **Este mar catarina**, antologia de contos, organização de Flávio José Cardozo, Salim Miguel, Silveira de Souza.



Acreditar na narrativa

Neste seu segundo livro de contos (**O homem que amava cavalos**, Ed. Movimento, RS), Laury Maciel, ao mesmo tempo em que retoma sua proposta ficcional do volume anterior (**Corpo e sombra**, 1977), confirma e amplia suas qualidades de narrador seguro. O mesmo estilo enxuto e tenso, a mesma estrutura básica a partir de uma situação limite que se desenvolve quase em círculo, a mesma solução num corte brusco, o mesmo lirismo difuso envolvendo situações e personagens de um mundo carregado. As histórias se abrem como se soubéssemos do antes, numa continuação, a coisa narrada um prolongamento; e se fecham num repente, rápidas e precisas, pedindo a participação do leitor para sua integração naquele universo onde o Autor nos quer envolver. Assim, sob certos aspectos, o conto que abre o volume é paradigmático. Veja-se a primeira frase: "A cano já navegava havia algum tempo"; e agora o fecho: "O velho desembarca e inicia a caminhada, os passos trôpegos, vacilantes". No entanto, em três páginas, a trama rapidamente esboçada, que nos coloca no centro de um drama, o drama de um homem que volta à sua terrinha depois de trinta anos de fuga, sem saber o que vai encontrar e como será recebido ao se defrontar com seu passado. ("Travessia"). Na mesma linha de concepção é "Vendetta", também uma chegada: "A luz fraca mal conseguia disfarçar a escuridão da madrugada e o vulto galopava pelas ruas", que aqui se fecha com uma fuga que poderia ser a do personagem anterior ao deixar sua terra depois do crime: "Em desabalada carreira, o cavaleiro atravessou a cidade e desapareceu na escuridão". Mas tal aproximação não diminui nem o impacto nem a força das narrativas de Laury. Pelo contrário: de tal unidade ressuma vida e luta, os embates do dia-a-dia narrados por alguém que acredita no que narra — passo essencial para quem deseja escrever.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

322

Salim Miguel

Realidade copia ficção

Mais uma vez a realidade copia a ficção — foi o de que me lembrei ao assistir, outro dia, uma chamada na televisão para um programa no qual se ia mostrar um bebê de proveta, e que deverá no futuro ser um gênio, pois o sêmen usado ao programar a criança foi de um banco onde estão somente pessoas inteligentíssimas, inclusive vários prêmios Nobel. E de um desses prêmios Nobel a criança proveio. Por isso, agora, já no seu primeiro aninho, a infeliz criança foi apresentada como um fenômeno que terá, daqui a pouco, a obrigação de ser o gênio dos gênios.

Pois bem. Aí está, tirando o simples detalhe de que na ficção a programação é pelas chamadas "vias naturais", sem o uso do sêmen do banco, o tema central do último romance de Herberto Sales, **Einstein, o minigênio**, que acabo de ler, em edição da Civilização Brasileira.

A trama: bem antes de casar, nos sonhos da futura vida-a-dois, um casal destes avançadinhos começa a pensar o filho que irão ter. Mas é claro que sendo ambos pra lá de inteligentes, eles não querem nem podem se contentar com um filho qualquer, como qualquer dos mortais. Querem nada menos do que um gênio, um novo (ou superior) Einstein. E começam, então, a elaboração programada da criança. Examinam todas as possibilidades, consultam tudo que se possa imaginar, se disciplinam através da uma vida regrada, realizam todos os tipos de exames físicos, se condicionam física e espiritualmente. Até que a criança (excepcional) nasce. Assinale-se que a mãe é mais "gênia":

Mas a programação não pára aí. Nem poderia, claro, elementar. É preciso que também depois de nascer a programação prossiga.

Com tais elementos, Herberto Sales nos oferece uma sátira violenta e virulenta de um estrato da sociedade, violenta e virulenta mas por igual deliciosa pela maneira como ele situa e desenvolve sua história, numa narrativa que flui e envolve. Através de um texto pleno de ironia, de bom humor, de gozação, o Autor toca em muitos pontos bastante sérios, que fazem pensar e que dizem respeito a humanidade em geral. Tem mais: para os interessados em prospecções detetivescas, há uma série de figuras caricaturadas e que podem, sem exigir demasiado esforço, ser identificadas. Elas transitam no nosso dia-a-dia e são encontradiças tanto no meio intelectual como nas altas rodas, as chamadas "camadas bem-pensantes".

Para os que só conhecem uma faceta do Autor (o romance **Cascalho**, por exemplo) esta incursão de Herberto por um gênero pouco praticado no Brasil poderá causar surpresa. Não porém para os que lhe acompanham a carreira literária. Nele a raiz satírica é uma constante, perpassando por sua obra, explícita ou implícita, em títulos como **O Fruto do vosso ventre** ou **Armado cavaleiro o audaz motoqueiro**, entre outros. Mas nunca com igual força e virulência como neste **Einstein, o minigênio.**

Jorge Medauar e seu mundo de Água Preta

No microcosmo de Água Preta, Jorge Medauar ergue e cria seu multifacetado universo ficcional. Centrando ali seu mundo, e nele trafegando com desenvoltura desde seus primeiros trabalhos de ficcção publicados na década de 50, Medauar foi, aos poucos, concretizando uma obra de profunda ressonância humana e social. Iniciando-se pela poesia (**Chuva sob a tua semente**, 1945), logo o poeta e o prosador passaram a conviver harmoniosamente a partir da publicação de **Água Preta**, contos (1958).

Agora, mais um livro vem se juntar a esta saga do sul da Bahia e da região cacaueira, traçando um painel ambicioso de um mundo áspero que lentamente se modifica — não se sabe se para melhor ou pior. Mas se neste **Visgo da terra**, que acaba de aparecer pela Ed. Record - Pró-Memória/INL, o Autor prossegue fiel em sua caminhada, há, sob certos aspectos, uma sutil diferença, seja no tratar e traçar personagens e situações, seja na proposta do livro como um todo. Pois **Visgo da terra** é ao mesmo tempo um livro de contos e um romance desmontável, pela preocupação formal e estilística e pela recorrência de temas e figuras que transitam com freqüência de uma história para outra, principais ou figurantes, acrescentando e completando dados para ao final termos uma visão panorâmica de tudo aquilo que o Autor busca nos transmitir.

Revistas

Muito embora os problemas crescentes e a dificuldade em editar, algumas revistas conseguem sobreviver, enquanto outras buscam um mercado alternativo.

O primeiro caso é o de **Tempo Brasileiro**, dirigida por Eduardo Portella, e que chega ao número. 72. Em mãos temos também o número 71, quando a revista completou 20 anos (1962-1982) e publica um número sob a rubrica de "Reflexão e Participação", no qual colaboram Jorge Amado, João Cabral de Melo Neto, Roberto Cardoso de Oliveira, Barbara Freitag, Luiz Costa Lima, Nelson Saldanha, Vamireh Chacon, Kátia de Carvalho; o 72 é um número monográfico, tendo como tema "Teatro Sempre", com uma colaboração bastante variada e, conforme se diz na apresentação, pretendendo "desenvolver uma visão panorâmica da convenção teatral desde os trágicos gregos até as mais recentes manifestações do teatro de rua".

Já **O eixo e a roda**, revista de literatura brasileira da Faculdade de Letras da UFMG, conseqüência de um livro do mesmo título lançado em 1982, e onde quatro autoras discutiam temas ligados às letras. Neste número 1 Ano 1, organizado por Maria do Carmo Lanna Figueiredo e Ruth Silviano Brandão Lopes, colaboram professores dos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG. A periodicidade é anual, e está aberta à colaboração de professores de outras universidades e de outros estudiosos que se preocupam com problemas de criação literária.

Por outro lado, a **A Revista Memória IFP/ Cartel**, do Departamento de Publicações do Instituto Freudiano de Psicanálise, neste seu 1.º número vem com uma proposta definida: seu tema é a Psicose. A revista quer "contribuir de forma substancial para a discussão com relação à psicanálise e às práticas psicanalíticas". Além de trazer para um público mais amplo a experiência do Cartel, uma inovação da Escola Freudiana de Paris, o número tem também o testemunho do grupo fundador do Instituto Freudiano de Psicanálise, pois "assim se faz a memória de uma instituição", conforme se declara na apresentação.

REGISTRO



A galeguidade na obra de Guimarães Rosa, de Valentin Paz-Andrade, trad. e introdução de Paulo Rónai, Difel, SP. Além de pela primeira vez nos trazer um texto de um autor da Galiza, traz também a descoberta de um fundo galego — léxico, folclórico, ecológico — na obra de Guimarães Rosa. Para o seu estudo, o A. pesquisou durante anos.

***

As cerimônias da destruição, de Eduardo Kalina e Santiago Kovadloff, trad. de Sonia Alberti, Ed. Francisco Alves, RJ. Um inquietante estudo sobre a destruição e auto-destruição. Num mundo permanentemente angustiado pela possibilidade de um extermínio total, os Autores expõem lucidamente as razões das condutas sociais autodestrutivas.

***

Fundamentos do psicodrama, de J. L. Moreno, trad. de Maria Silvia Mourão Neto, Summus Ed., SP. Criador do psicodrama, aqui o A. expõe os conceitos que fizeram do psicodrama em instrumento terapêutico célebre. Neste volume, que faz parte da série "Novas buscas em psicoterapia", estão reunidas seis palestras com os temas básicos de Moreno.



***

Anarquismo — Uma história das idéias e movimentos libertários, de George Woodcock, trad. de Júlia Tettamanzy, LePM-editores, RS. Neste I volume, "A idéia", um ensaio-exposição das origens, idéias, histórias e correntes do movimento anarquista internacional através dos tempos, traçando as coordenadas que formaram o movimento anarquista. Expõe o pensamento de teóricos como Proudhon, Bakunin, Kroptkin.

***

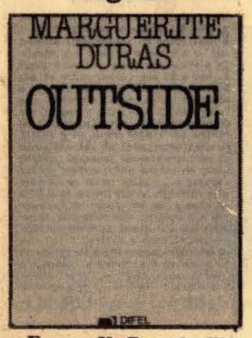
Autonomia ou submissão, de Carlos Reinaldo Mendes Ribeiro (org.), Ed. Mercado Aberto, RS. Onze especialistas analisam a situação do Rio Grande do Sul diante da crescente centralização político-administrativa do País. Os ensaios, pelo enfoque, interessam para além do Estado gaúcho, pois o impasse em que a Nação se encontra é um só.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS **323** Salim Miguel

Novos títulos portugueses

Registro



Franz Kafka, de Flávio Moreira da Costa, col. Encanto Radical, Ed. Brasiliense, SP. Neste centenário do nascimento do autor de **O processo**, um livro que revela como a importância de Kafka cresce e como ele se torna tão mais atual num mundo kafkiano para além de tudo que ele possa ter imaginado. Boa iniciação ao escritor.

* * *

O Aleijadinho, de Luiz F. Papi, col. Minibiografias, Ed. Cátedra, RJ. Poeta e crítico, Papi vê aqui as relações do "anjo e bruxo do barroco", como ele denomina Antônio Francisco Lisboa, com seu tempo e seu meio. Claro e objetivo, o texto nos aproxima do maior artista da escola barroca do período colonial.

* * *

Teatro: a cena dividida, de Gerd A. Bornheim, LePM-Editores, RS. Série de ensaios ("Sobre o teatro popular"; "Teatro e literatura"; "Os caminhos do teatro contemporâneo") que têm como linha mestra discutir, em suas diferentes dimensões, os problemas com que se defronta o teatro contemporâneo, situando-o com precisão dentro do nosso tempo.

* * *

O som nosso de cada dia, de Tarik de Souza, LePM-Editores, RS. Ao resgatar os artigos reunidos neste livro do dia-a-dia do jornal, o Autor presta um serviço para o melhor conhecimento da música que se pratica hoje no Brasil. Aqui estão trabalhos sobre nomes tão divergentes como Erasmo Carlos ou Arrigo Barnabé, Chico ou Rita Lee.

* * *

Ouside, de Margueritte Duras, trad. de Maria Filomena Duarte, Difel, SP. Conhecida entre nós pelo roteiro de "Hiroshima, meu Amor", Duras é ficcionista que tem livros importantes como, por exemplo, "Moderato Cantabile". Neste volume ela mostra outra faceta de seu talento: reúne artigos que foi publicando, sobre temas diversos, em jornais e revistas da França e dos Estados Unidos.

Novos títulos de autores portugueses ou tratando de temas portugueses acabam de chegar à coluna. São edições da Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa, distribuídos no Brasil pela Livraria Camões, RJ.

À col. Temas Portugueses pertencem:

Espírito e letra em Gil Vicente, de Stephen Reckert, onde o A., professor emérito da Universidade de Londres, estuda a obra do teatrólogo português, revelando sua importância no contexto do nascente teatro europeu;

Literatura e sociedade na obra de frei Lucas de Santa Catarina (1660-1740), de Graça Almeida Rodrigues, analisa as obras de um autor que procurava unir o sagrado ao profano. Rei Lucas escreveu sob diversos pseudônimos, onde exercita seu espírito satírico, burlesco e iconoclasta, o que é mostrado no estudo agora publicado;

Vilarinho da Furna — Uma aldeia comunitária, de Jorge Dias, tem nota preliminar e prefácio de Orlando Ribeiro, situando obra e autor, cancioneiro de Margot Dias e desenhos de Fernando Galhano. É a recuperação da memória de uma localidade que não existe mais, submersa por uma barragem;

Camões e a identidade nacional reúne, subordinadas ao tema, palestras que foram proferidas por Virgílio Ferreira (1977), Jorge de Senna (1977), Fernando Namora (1978), Vitorino Magalhães Doginho (1979), David Mourão-Ferreira (1980), Eduardo Lourenço (1980), Austina Bessa-Luís (1981), José de Azeredo Perdigão (1982);

Estão a assassinar o português é o resultado de uma enquete dirigida a 68 escritores portugueses, convidados a depor a respeito da língua em que se exprimem e do seu possível "assassinato". Apenas 17 deles responderam — e são estas respostas que estão aqui reunidas. É de interesse, também para nós brasileiros, ver de que maneira nomes tão diversos como um Antônio Rebordão Navarro, um Eugênio Lisboa, um João Gaspar Simões, um José-Augusto França, um Urbano Tavares Rodrigues, um Vergílio Ferreira, entre outros, encaram o problema: se é pertinente que o idioma permaneça na sua pureza ou se ele tem e deve se daptar aos novos tempos e costumes;

L'expansion des portugais dans l'histoire de la civilisation, de Jaime Cortesão, reproduz um texto aparecido em 1930, durante a Exposição Internacional de Anvers, há muito esgotado, é ele republicado agora, por ocasião da XVII Exposição Européia de Arte, Ciência e Cultura, pois é um retrato suscinto e preciso do período das grandes descobertas portuguesas;

Ortografia e origem da língua portuguesa, de Duartec Nunes de Leão, introdução, notas e leitura de Maria Leonor Carvalhão Buescu, devolve aos estudiosos uma obra que se situa, cronologicamente, nos inícios do barroco, sendo um testemunho da transição do espírito do Renascimento para o espírito Barroco.

Já da col. Biblioteca de Autores Portugueses são:

Narrativas dos livros de linhagens, seleção, introdução e comentários de José Mattoso, contendo, além das sucessões genealógicas de nomes fidalgos, lendas, episódios e anedotas a propósito de personagens cujas ligações familiares pretendem perpetuar através da narrativa, algumas delas bem conhecidas;

Crônica do Imperador Maximiliano, Cód. 490, col. Pambalina da Biblioteca Nacional, prefácio de João Palma-Ferreira, transcrição de Luís Carvalho Dias, revisão ortográfica de Fernando Filipe Portugal. No estudo que antecede o texto deste romance de cavalaria, mostra-se como ele é marcado por elementos de interesse para o itinerário da prosa de ficção em língua portuguesa e qual sua importância;

Peregrinação, de Fernão Mendes Pinto, com Apêndice de Agolfo Casais Monteiro. Neste clássico português, cuja primeira edição é de 1614, o Autor fala de suas viagens pelo Oriente, do que passou, viu e ouviu, ou como assinala Casais Monteiro, "do que nem passou, nem viu, apenas ouviu e leu", a ponto de a respeito do Autor se afirmar: "Fernão: Mentes? Minto!" De qualquer forma é um texto importante e elucidativo; pena que a edição presente não traga a transcrição para o português de hoje, feita por Casais Monteiro, e se limite ao texto original, num português arcaico que dificulta a leitura.

Outra Coleção da mesma fonte é a Plural, publicando textos diversos (ficção, poesia, ensaio, crítica), de autores conhecidos ou novos. Eis alguns:

Sombras e transparências da literatura, de Manuel Frias Martins, tem estudos sobre **autores portugueses, publicados em jornais** revistas entre 1978 e 1982; **O menino de sua mãe**, de José Dias de Souza, utilizando para título um conhecido verso de Pessoa, oferece-nos uma novela onde, num clima poético e onírico, entrelaça memória e ficção; **Último princípio — o enredo da distância**, de Eduardo Paz Barroso, reúne prosa poética e poesia de um jovem autor nascido em 1957. Eis um exemplo de sua poesia: "Um manto antigo cobre estes versos/que do tempo se afastam,/sem que saiba exatamente como/ deixar/intactas as mãos que o revolvem/ simulando redemoinhos./; **Natureza morta com desodirizante**, de Manuel Resende, é outro livro de um jovem poeta, também jornalista e tradutor, e que, às vezes, entre sua voz própria de poetar, lembra um Fernando Pessoa, como no trecho que transcrevemos a seguir: "Arre estou farto de não haver aqui nada/De perscrutar com o mínimo olhar o mínimo gesto/De ver o barbeiro da rua colecionar selos sebosamente/De haver sempre este cheiro a peixe frito de ser sempre tão fisicamente meio-dia/Quanto é meio-dia/De estar telhados sobre telhados casas sobre casas olhando a imensidade/De ser sempre tão irremediável o que ontem foi outro hoje/De haver pigarros no corredor nas escadas e rádios soando alto e a más horas a mau som/De haver Douro em vez de Tejo ou Sena ou Pó ou Via Láctea/..."

Gang 90 e Absurdetes em vários shows em SC

O grupo musical Gang 90 e Absurdetes inicia amanhã um roteiro por quatro cidades em Santa Catarina, numa promoção do empresário Almir Passos. A primeira será na boate Le 88, na Capital, amanhã, a partir das 21 horas. Na sexta-feira o grupo vai a Itajaí, onde faz um show na Sociedade Grêmio XXI de Julho, às 21 horas. Na mesma noite, às 23 horas, estará em Balneário Camboriú, na Hollywood Disco. No sábado será a vez de Tubarão, no Ginásio Salgado Filho (Salgadão), 21 horas. E, no domingo, terminando o roteiro, o Gang 90 estará em Palhoça, no Palhoção, a partir das 20 horas, indo depois, às 23 horas, para São José, na Boate Chaplin, onde se realiza a promoção "A Noite de um Lou[illegible] Amor".

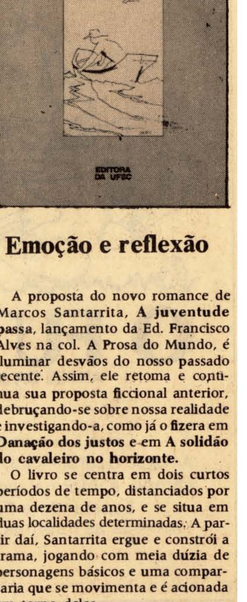
UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

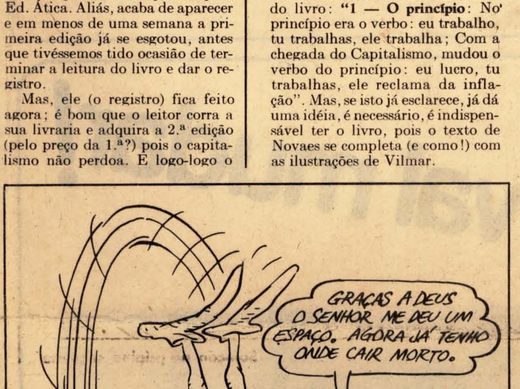
Lançamento: "Este mar catarina", na Assembléia

324

O mar, direta ou indiretamente, está presente na ficção de significativo número de escritores de Santa Catarina. **Este mar catarina**, editado pela Editora da UFSC, que vai ser lançado dia 6, terça-feira próxima, às 20 horas, no Salão Nobre da Assembléia, numa promoção da Assembléia Legislativa e da Universidade Federal de Santa Catarina, tomou tal fato como ponto de partida. O resultado é um volume de características paradidáticas, reunindo 18 autores, de Virgílio Várzea aos dias atuais. Organizado por Flávio José Cardozo, Salim Miguel, Silveira de Souza, o livro inclui notas biográficas sobre os autores, estudo crítico de Nereu Corrêa, ilustrações de Hassis. Participam da antologia: Adolfo Boos Jr., Amílcar Neves, Emanuel Medeiros Vieira, Flávio José Cardozo, Glauco Rodrigues Corrêa, Guido Wilmar Sassi, Harry Laus, Herculano Farias Jr., Holdemar Menezes, Iaponan Soares, Miro Morais, Othon D'Eça, Raul Caldas Filho, Ricardo L. Hoffmann, Salim Miguel, Salomão Ribas Jr., Silveira de Souza e Virgílio Várzea.



Novaes e Vilmar explicam o capitalismo: não perca



O capitalismo trocado em miúdos (embora os resultados, para os capitalistas, sejam sempre graúdos) também poderia ser denominado este novo livro de Carlos Eduardo Novaes, **Capitalismo para principiantes**, ilustrado por Vilmar Rodrigues, que acaba de aparecer pela Ed. Ática. Aliás, acaba de aparecer e em menos de uma semana a primeira edição já se esgotou, antes que tivéssemos tido ocasião de terminar a leitura do livro e dar o registro.

Mas, ele (o registro) fica feito agora; é bom que o leitor corra a sua livraria e adquira a 2.ª edição (pelo preço da 1.ª?) pois o capitalismo não perdoa. E logo-logo o preço terá que ser alterado: a inflação delliniana se encarregará disso, não tenhamos dúvida.

Em linguagem clara, onde o humor serve como elemento detonador de todo um processo de esclarecimento, Novaes nos traduz coisas como esta, bem no comecinho do livro: **"1 — O princípio**: No princípio era o verbo: eu trabalho, tu trabalhas, ele trabalha; Com a chegada do Capitalismo, mudou o verbo do princípio: eu lucro, tu trabalhas, ele reclama da inflação". Mas, se isto já esclarece, já dá uma idéia, é necessário, é indispensável ter o livro, pois o texto de Novaes se completa (e como!) com as ilustrações de Vilmar.



Primeiros resultados do novo IEL-RS

A reativação do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul, agora sob a direção do escritor Assis Brasil, é fato auspicioso para todos que se preocupam com os problemas culturais, em geral tão descurados.

Depois de ter sido considerado, na gestão Lígia Averbuck, modelo para outros no País, com promoções culturais que marcaram época e edição regular de livros, o IEL-RS esteve praticamente desativado. O acervo desapareceu, títulos aprovados foram devolvidos aos autores.

Assis Brasil só aceitou assumir com liberdade de ação, planos concretos e objetivos. Procurou, desde logo, recuperar o órgão e traçar um plano de trabalho factível a curto e médio prazos. E os primeiros resultados aí estão: levar autor e livro ao interior e editar escritores de todas as gerações, tendências e formações.

Mas autor e livro não chegam inesperadamente ao interior; há antes toda uma preparação, livro e autor são estudados, para que haja uma interação e o contato se torne mais proveitoso.

Quanto às edições, também já saíram os primeiros títulos: três belos volumes de poesia, em co-edição com a Editora Movimento, e o primeiro volume, dedicado a Cyro Martins, da série Autores Gaúchos.

Os livros de Silvio Duncan (**Profetas do cimento**) e Fernando Castro (**Material de exposição**), egressos do Grupo Quixote, têm estudo de Regina Zilberman, que fala do que aquele movimento representou e da obra dos poetas; de Gastão Torres (**Lua O**) fala Donaldo Schuler.

Com tiragem inicial de 10 mil exemplares, distribuição para bibliotecas e escolas de todo o Estado e venda em bancas, o projeto Autores Gaúchos visa dar uma panorâmica dos nomes mais significativos das letras gaúchas de hoje. Um Conselho Editorial selecionou os nomes que constarão da série. O primeiro, dedicado a Cyro Martins, que completa 50 anos de literatura, tem estudo crítico de Carlos Jorge Appel. A editoria da Série é de Vera Regina Morganti, secretaria editorial de Ana Luiza Fleck Saibro e arte de Maria Baladão.

Registro

A crítica literária no Brasil (2 volumes), de Wilson Martins, Ed. Francisco Alves, RJ. Em quase 1.200 páginas, um panorama da crítica literária no Brasil, de seus primórdios até os nossos dias. Reedição (e ampliação, pois o Autor estuda o problema até a década de 80) de um livro publicado em 1952, Martins vê o tema sob um enfoque que situa os críticos em ascendência gramatical, esteticista, sociológica, humanista, etc.. É um levantamento minucioso e exaustivo.

* * *

Psicolinguística aplicada, de Renzo Titone, trad. de Áurora F. Bernardini, Summus Ed., SP. Tendo como tema central o atual estágio de conhecimento da psicolinguística, o A. nos dá um enfoque crítico, ao mesmo tempo em que analisa problemas referentes ao ensino de um segundo idioma e à realização de traduções com o que elas implicam.

* * *

Escritos de Antonin Artaud, seleção e notas de Cláudio Willer, col. Rebeldes e Malditos/5, LePM-editores, RS. Mais conhecido por sua contribuição ao teatro, Artaud foi um gênio romântico, rebelde e marginalizado. Só depois de sua morte passou a ser reconhecido como um inovador e criador de grande força em várias áreas do pensamento. Nesta antologia, um pouco de seu pensamento e de sua atuação.

* * *

Os homoeróticos, de Délcio Monteiro de Lima, Ed. Francisco Alves, RJ. A proposta básica do A., dentro de um enfoque sob vários aspectos novo, é examinar a problemática do homossexual brasileiro e a condição psicosocial de milhões de homens e mulheres engajados na prática das sexualidades não convencionais que vivem no País. Ele examina as interações decorrentes das relações de gays e lésbicas na sociedade, família, trabalho, cultura, política, religião, lazer. Do Autor, há pouco tempo, saiu outro livro igualmente importante, **Os senhores da direita.**

Emoção e reflexão

A proposta do novo romance de Marcos Santarrita, **A juventude passa**, lançamento da Ed. Francisco Alves na col. A Prosa do Mundo, é iluminar desvãos do nosso passado recente. Assim, ele retoma e continua sua proposta ficcional anterior, debruçando-se sobre nossa realidade e investigando-a, como já o fizera em **Danação dos justos** e em **A solidão do cavaleiro no horizonte.**

O livro se centra em dois curtos períodos de tempo, distanciados por uma dezena de anos, e se situa em duas localidades determinadas. A partir daí, Santarrita ergue e constrói a trama, jogando com meia dúzia de personagens básicos e uma comparsaria que se movimenta e é acionada em torno deles.

A ação se inicia na Itália. Alexandre, agora servindo na Embaixada do Brasil, mas que teve alguma participação controvertida como contestador do regime de 64, vai a uma pequena cidade ao encontro de uma jovem para checar informações para um livro que está sendo escrito. O livro pretende retratar acontecimentos desenrolados na Bahia durante os dias de um carnaval, quando a repressão aos contestadores do regime se mostrava mais violenta.

O romance se desenvolve em dois planos: o plano do hoje, quando os dois personagens, mais um misterioso cubano que de repente ali aparece, se encontram/desencontram, todos desconfiados de todos, pois seriam ou não o que diziam ser; e o plano do passado, que mais e mais os empolga e domina, fazendo-os retornar aos dias tensos e dramáticos de Salvador naquele carnaval que os envolve e confunde.

Neste recuo, procuram apreender os fatos de então, procurando autocompreender e àquele interrelacionamento carregado de sexo e desespero, de dúvida e amargor, enquanto sentem na própria carne que a juventude rapidamente se esvai, lhes escorre por entre o suor e a angústia. Como pano de fundo, 64 e suas trágicas conseqüências.

Sabendo estruturar, sabendo conduzir e fechar a trama daquelas vidas desgarradas, Santarrita, ao mesmo tempo em que dá um depoimento e uma reflexão sobre o pós-64, oferece-nos um romance de força, que emociona e prende o leitor.

Nova editora

Uma nova editora (Anima) começa a lutar por espaço no mercado brasileiro. Idealizada por Júlio César Monteiro Martins, jovem escritor e professor, a Ed. Anima já mandou para as livrarias os três primeiros títulos: **Nós**, romance, de Eugene Zamiatin; **O preço da paz**, novela de William Styron; **As forças desarmadas**, contos de Júlio César Monteiro Martins. São livros de editoração bem cuidada e excelente apresentação gráfica.

Em **Nós**, Zamiatin (trad. de Lia Alverga Wyler) projeta uma história do futuro, quando D-503, na forma de depoimento poético, narra o que se passa no Estado Uno, governado pelo tirano Benfeitor. Por intermédio desse fio condutor, o que o Autor na verdade nos oferece é uma suma de sua filosofia de vida; em **O preço da Paz**, Styron (trad. de Aluízio Abranches), importante escritor americano, mas, que entre nós só passou a se tornar conhecido a partir do sucesso do filme **A Escolha de Sofia**, nos relata a marcha forçada de um grupo de homens e os desencontros que dali advém. Aliás, com o título de **A longa marcha**, que reproduz a do original, **The long march**, esta novela já havia sido publicada no Brasil, pela Ed. Lidado, num volume denominado **sete novelas clássicas**; nos contos de **As forças desarmadas**, Martins retoma temas e situações de livros seus anteriores, um retrato preciso e amargo dos jovens de hoje, num estilo nervoso e tenso. Não tendo ainda atingido os 30 anos, o Autor chega ao seu sexto livro, mantendo-se fiel ao seu universo ficcional e traçando um quadro pertinente do aqui e do agora.

Salim Miguel

Sátira num jogo de armar



Pacientemente, como num complexo jogo de armar, catando uma peça aqui outra acolá, num desafio permanente, vai se construindo, a partir do momento mesmo da sua morte, a vida de Pedro Pederneiras da Silva, advogado carioca, nesta carioquíssima história.

O jogo se inicia pelo próprio título, que contém dentro dele, desdobrado e deturpado, o nome do personagem, como desdobrada e deturpada vai ser a reelaboração da figura do Pedro. Pois a reconstituição através da evocação de amigos, desafeitos, parentela, é aleatória e falaz. Cada qual tem o seu Pedro — que pode inclusive ser o mesmo e ser outro dentro de instantes.

Então, a escrita coleia, avança e recua, oferecendo várias leituras, num estilo ágil e mordaz. É que o autor de **Empedradura ou empedriada?**, Luiz P. Cardoso não se satisfaz com o estabelecido, no caso contar a história e reconstituí-la utilizando o artifício de recorrer às múltiplas vozes da comunidade (e ele manipula grande galeria de tipos), sintetizadas nas pessoas que conheceram o personagem central e com ele conviveram.

O que faz? Vai além: convoca, por contrato de prestação de serviço, para ajudá-lo na tarefa, outro personagem, Tertuliano Teixeira da Silva. E o Autor, como Peça, é ele e é por igual personagem. Mas a ambição de Tertuliano é maior. Ele não se contenta com o papel de segunda voz do Autor, deste Luiz P. Cardoso. Quer interferir, quer opinar na condução do causo, quer tomar as rédeas, quer se liberar do jugo. Todos os ficcionistas sabem muito bem a dor de cabeça que provoca um personagem que não quer se comportar e não se conforma com o papel que lhe é atribuído. A partir daí tudo é permitido.

Eis os elementos básicos formadores da estrutura romanesca que nos oferece Luiz P. Cardoso (ou seria Tertuliano?). Humor e sátira são os ingredientes que temperam a trama. Mas, embutido no humor e na sátira, explodem conflitos, numa visão bastante pertinente da realidade que nos circunda.

Tem razão Antônio Carlos Villaça quando diz: "É um texto instigante que nos faz rir. E pensar". Esperamos a continuação que Luiz P. Cardoso (com a colaboração de Tertuliano?) nos promete. A edição de **Empredadura ou Empedriada** é da Global Editora, na coleção Múltipla.

De humor e de humoristas

A crise, cada vez mais aguda, está aí mesmo, firme, acabando com a paciência e o bom-humor do brasileiro. Enquanto não acaba com o próprio. Mas o humor, numa espécie de auto-defesa, parece que se torna mais vivo e ferino justamente nas épocas de crise e de regimes fortes. Daí, também, aumentar a produção e o consumo de tal gênero.

Nos últimos tempos, não são poucos os títulos que, gozando ou refletindo sobre a nossa realidade, trazem pitadas (ou doses cavalares) de crítica, de sátira, de humor. Nos jornais, no cinema, na televisão, no teatro, em livros. E o sucesso é a marca mais visível: veja-se, no caso do livro, o êxito de um **O analista de Bagé,** que em menos de dois anos já vendeu mais de 80 edições.

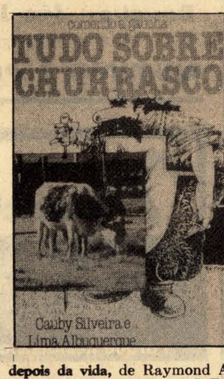
Agora o próprio Luís Fernando Veríssimo ataca de novo. Desta vez com **A velhinha de Taubaté,** a única pessoa que ainda acredita no sistema que aí está. A edição é, como as anteriores do Autor, da LePM-editores, RS; e para não perder o costume o analista de Bagé comparece em várias das crônicas do volume. Se o analista às vezes se cansa da profissão, a ponto de exclamar "o que me aparece de louco, tchê", por outro lado, embora se declare "freudiano de oito costados", ele não deixa de aceitar o novo, achando que é preciso dinamizar a análise; já a velhinha é, sem dúvida, "o último bastião da credulidade nacional".

Mas, pela mesma LePM-editores, surge outro humorista, este conhecido dos televisivos: Jô Soares com o seu **O astronauta sem regime.** Nesta outra face do autor temos fábulas, testes, frases, o Pequeno Dicionário Imbecil, o Jô-Jornal, tudo repleto de verve, de crítica, de sátira — e para sentir até onde ele pode ir basta ler textos como "O glubador" ou sessões como "Você sabia que...", onde se lê que "as estatísticas provam que durante uma partida de futebol a bola é tocada todas as vezes que um dos jogadores consegue atingí-la". Mas o melhor mesmo é pegar o livro e só largá-lo na última página. Não esquecendo, é claro, de ler o prefácio de Millôr Fernandes, ótimo.

As anotações do dia-a-dia também podem servir para nos afastar um pouco das tragédias do dia-a-dia. Basta que elas sejam feitas no **Um ano de bom humor,** que só pode existir no título (a não ser que ele queira ser mais irônico do que imaginamos). O volume, da Summus Editorial, aparece pelo oitavo ano consecutivo, sempre com textos de Souza Freitas e ilustrações de Nicoliélo. Eis algumas tiradas desta agenda: "detido ao investir com uma moto-serra sobre seus funcionários, justificou-se o gerente: "Foi o patrão que me mandou cortar o pessoal pela metade!"; "Subindo feliz e satisfeita por uma escada que não existia a dita classe média agora chora e se descabela porque a escada foi tirada"; "Com o maior empenho eu colaboraria pra tirar o País do buraco desde que me explicassem direitinho como o puseram lá"; "Do jeito que vai o carnaval, desodorante será daqui a pouco a única coisa que as mulheres usarão no corpo".

Roberto Gomes, catarinense de Blumenau, residindo há muito em Curitiba e ali fazendo sua carreira literária, é um ficcionista que sabe dosar visão da realidade com crítica e humor. Bom exemplo disso é seu romance **Alegres memórias de um cadáver.** Mas até agora seu livro mais conhecido e admirado é **Crítica da razão tupiniquim,** 1.ª edição em 1977 pela Movimento de Porto Alegre, e que chega à 6.ª edição pela Cortez Editora, de São paulo, texto filosófico escrito com grande senso de realidade e inquestionável ironia. Agora, em **O demolidor de miragens,** Gomes nos oferece uma série de crônicas saborosas, plenas de verve e crítica social. Basta ler "Velhor conhecidos" ou "Um ministro transistorizado" para se sentir o pulso de um escritor que sabe trabalhar seu texto na medida exata e transmitir com força.

REGISTRO



Universo em expansão, de Patrick Moore, trad. de Aulyde Soares, Ed. Melhoramentos, SP. Uma fascinante caminhada pelos avanços no campo da Astronomia e o incrível progresso que ela apresentou nos últimos 25 anos. O A. mantém, há 25 anos, um programa intitulado "Céu Noturno"; assim, teve oportunidade de acompanhar a evolução que se processou no período. Edição fartamente ilustrada.

***

Tudo sobre churrasco, de Cauby Silveira e Lima Albuquerque, LePM - editores, RS. Um tratado de como preparar — e comer — churrasco. Aqui temos a história do churrasco, a maneira de servir, a churrasqueira, os tipos de carne, quantidades por pessoa, acompanhamentos, tempo necessário para assar. Prepare a carne, prepare-se e bom apetite.

***

Tribunal Tiradentes, Ed. Marco Zero, RJ. A famigerada Lei de Segurança Nacional vai a julgamento. O Tribunal Tiradentes foi idealizado pela Comissão de Justiça e Paz; e a idéia foi colocar a LSN diante de um Conselho de Jurados escolhidos entre os mais representativos da sociedade brasileira. Neste livro, a íntegra do julgamento.

***

Teologia e cosmologia, Concilium-186; e **O concílio ecumênico na estrutura da igreja,** Concilium-187, são mais dois n.ºs desta publicação da Ed. Vozes, RJ. No 1.º, procurando mostrar que o enfoque científico e o teológico não devem necessariamente conflitar, e no 2.º, os autores mostram a importância que a instituição do concílio ecumênico teve para a igreja.

***

Vida pretérita e futura, de H.N. Banerjee; e **Reflexões sobre a vida depois da vida,** de Raymond A. Moody Jr., Ed. Nórdica, RJ. Enquanto Banerjee situa seu trabalho sobre reencarnação e fenômenos psíquicos, Moody Jr. continua suas pesquisas sobre casos de indivíduos que experimentaram a morte clínica e reviveram — e o que dizem ter visto do outro lado.

***

O mito da infância feliz, antologia, org. de Fanny Abramovich, col. Novas Buscas em Educação, Summus Ed., SP. Escritores de várias tendências e formações discutem algumas das fantasias que se criam em torno das crianças e da felicidade que elas gozam. O catarinense Werner Zotz, por exemplo, diz que "não gostaria de voltar a ser criança".

***

História do Século XX, de Luiz Roberto Lopez, Série Revisão/ II, Ed. Mercado Aberto, RS. Panorama de decadência dos grandes impérios europeus e do surgimento das grandes potências tecnológico- militares que hoje dominam o mundo, de um lado; do outro, as nações englobadas sob a expressão "Terceiro Mundo". Indicado para estudantes de 2.º e 3.º graus.

***

Gênese: As origens do homem e do universo, de John Gribbin, trad. de João Guilherme Linke, Ed. Francisco Alves, RJ. Proposta do livro: a humanidade não é somente produto da evolução da vida na terra ou de um único sistema solar ou galáxia, mas de uma estrutura interna do universo em que vivemos. Temos aí, a evolução do homem e do cosmos.

***

Meio ambiente e câncer, de Antônio Franco Montoro e Diogo Paulo Nogueira (org.), T.A. Queiroz, Ed. e CNPq, SP. Síntese dos temas apresentados por especialistas de renome internacional no Seminário de Brasília do Bradepca (Grupo Brasileiro de Estudos para Detecção e Prevenção do Câncer). Indispensável para todos que se preocupam com a saúde e o meio ambiente.

***

Como evitar filho, texto coletivo de SOS-Corpo - Recife, Ed. Marco Zero, RJ. Trabalho sobre os métodos anticoncepcionais, em linguagem clara e acessível, de mulheres para mulheres. E até para homens que se interessem pelo assunto. Boa base científica e ilustrações bastante elucidativas, relacionando **todos** os métodos disponíveis, o que são, como atuam, como alteram o corpo da mulher.

Salim Miguel

LIVROS

Presente de fim de ano, presente do ano todo

326

Por **Eglê Malheiros**



Eis alguns dos títulos mandados há pouco para as livrarias, dedicados, em especial, ao público infanto-juvenil, muito embora vários deles encantem, por igual, o leitor adulto:

Portinari para as crianças

O grande artista que foi Cândido Portinari é infelizmente pouco conhecido entre nós. Se mesmo a maioria das crianças cariocas o desconhece (e no Rio há um bom acervo de suas obras), que dizer das do resto do País?

Esta é uma das razões para saudarmos com entusiasmo a publicação, pela Ed. Record, de **Maria Rosa,** texto de Vera Kelsey, ilustrações de Portinari e tradução de Laura Sandroni.

Foi Laura que, possuidora de um exemplar da edição original americana de 1948, conseguiu, depois de muitas tentativas, entusiasmar um editor, no caso o Alfredo Machado, da Record, para fazer uma edição fac-similar (apenas com o texto em português) da história que a jornalista americana contou sobre o carnaval carioca e uma menina chamada Maria Rosa. Seu objetivo era revelar para as crianças outros tempos, outros costumes, porém a mesma capacidade de sonhar que tem a nossa gente.

As ilustrações nos trazem um Portinari inteiro, sem concessões, respeitador da sensibilidade infantil, estabelecendo contato com as crianças pela delicadeza dos tons e pelo ritmo vivo de seu traço.

***

Metade de quase nada, de Eliane Ganem, ilus. de Ana Raquel, Ed. Codecri, é um livro belo e forte, um poema em prosa, um poema visual nas pranchas (aquarela ou gouache). Um objeto com dignidade e que convida ao aprofundamento da leitura, tanto das palavras quanto das imagens. Poderia se chamar "retrato do brasileiro quando criança", e, sem concessões nem lamúrias, reacende em nós a indignação e a esperança. Os bons leitores a partir dos 10 anos mergulharão no livro. O grande leitor que foi Alceu de Amoroso Lima considerou-o "uma síntese extremamente valiosa da verdadeira literatura infantil". Os adultos deveriam lê-lo, coisa de meia-hora, pra ficar horas pensando.

***

Sapomorfose ou o **príncipe que coaxava,** de Cora Rónai, ilus. de Millôr Fernandes, Ed. Salamandra. Divertidas aventuras de um sapo, que vira príncipe porém conserva alma de sapo, mais uns vampiros e uma bruxa temperamental. O traço irônico e vivo de Millôr chega às vezes ao sarcasmo e casa bem com o ritmo ágil do texto.

***

Coleção Abre-te Sésamo, da Record. Belíssimo lançamento, uma apresentação de grandes autores da literatura mundial em textos acessíveis à infância. Alguns foram escritos visando o leitor mirim, outros não. Fartamente ilustrados por grandes artistas, e com paginação cuidada, são uma alegria para os olhos. Tal como cada autor tem seu estilo e sua visão de mundo, também os ilustradores são variados e exprimem uma concepção própria de seu trabalho. Realmente, para todas as idades, os menorzinhos verão com satisfação as figuras e ouvirão ler, os maiores ficarão curiosos em conhecer mais de quem escreve tão bem. Aqui fica uma sugestão para a editora: no final de cada volume uma pequena notícia biográfica do Autor e uma lista de seus livros, assinalando os de mais fácil leitura para quem se inicia; dos ilustradores também deveria haver uma breve notícia. Já foram publicados: **O elefante,** de Carlos Drummond de Andrade, il. de Regina Vater; **O dedo mágico,** de Roald Dahl, il. de Henri Galeron; **O bom leão,** de Ernest Hemingway, il. de Enrica Agostinelli; **O gato e o diabo,** de James Joyce, il. de Roger Blachon; **O leite da leoa,** de Isaac B. Singer, il. de Philippe Fix; **Babine, o tolo,** de Léon Tolstoi, il. de Claude Lapointe; **Como matei um curso,** de Mark Twain, il. de Jean-Michel Nicollet.

***

Lili inventa o mundo, de Mário Quintana, il. de Heloísa Schneiders da Silva, Ed. Mercado Aberto. Poemas e historinhas do grande poeta para todas as idades; primeiro lançamento de uma coleção realmente importante, que ajudará a preencher uma lacuna em nossas edições para gente miúda: a poesia. No volume, entre dezenas de textos lindos, está a magnífica "Velha história". Acho que os pequenos leitores vão pedir mais. Uma sugestão aos editores: no final do livro uma nota biográfica do A. e uma relação de suas obras, assinalando as mais acessíveis ao jovem leitor. Não devemos nos esquecer de que informação sobre literatura nem sempre é fácil de se conseguir por esse Brasil afora.

***

Leonardo e o pé grande, de João das Neves, il. de Rubens Matuck, Ed. Escrita. Uma viagem divertida pelo próprio pé é a que Leonardo faz. E as muitas peripécias são narradas em linguagem viva e intrigante. Em preto e branco, é uma demonstração de que não é preciso obrigatoriamente côr para se obter um bom rendimento gráfico e conseguir um livro estimulante.

*

Cantigas da vida e Festa 2500, de Sonia Robatto, il. de Michele Iacocca, Ed. Nova Fronteira. Uma história de Natal e outra de Ano Novo, cheias de encanto e esperança, ilustradas com sensibilidade.

***

Série Leituras Preferidas, da Melhoramentos. Livros de bolso, com il. a traço, paginação agradável, boa tipologia. Pelos dois exemplos já editados deverá interessar aos leitores de oito anos em diante.

***

O espião de Júpiter, de Marta Melo, il. de Natanael Longo de Oliveira. Um estranho ser desce no interior do Brasil para conseguir informações sobre os seres humanos. Acaba se envolvendo com dois meninos e se humanizando. A história prende a atenção, faz rir e pensar.

***

O conde do Toquinho, de José M. Monteiro, il. de Roberto Caldas. Um menino e seu reino encantado que a especulação imobiliária bota contra a parede. Estabelece empatia com o sentimento infantil de desvalimento ante os incompreensíveis propósitos do mundo adulto.

***

Era uma vez duas avós, de Namim Aizen, il. de Patrícia Gwinner, Ed. Brasil-América. Já em sua quarta edição, este livrinho é uma beleza. Pelo texto, simples e revelador, pela ilustração elaborada e instigante.

***

A barriga de H. Linha, de Sylvia Orhof, il. de Tato, Ed. Brasil-América. A complicação que é entender uma galinha, mesmo quando a ilustre ajuda a explicar.

***

A bruxa malvada que virou borboleta, de Walmir Ayala, il. de Vera Mucullo, Ed. Mercado Aberto. Um indiozinho — Poti — e o Saci passam por aventuras mil para ajudar a livrar a sereiazinha das garras da bruxa dos Espinheiros. Há uma comparsaria numerosa e divertida. No final, um ensinamento: não é por ficar bonita que a bruxa deixa de ser má.

***

O pavoroso gargalhão, de Stella Carr, ol. de Jorge Oliveira, Ed. Pioneira. Aventuras de um personagem horrível, fruto da falta de higiene e da poluição ambiental. Mas as histórias são movimentadas e divertidas.

***

A armadilha e outras histórias, de Lais Carr Ribeiro, il. de J.E. Villanova Conceição, Ed. Pioneira. Contos em torno de fatos do cotidiano.

***

O passarinho Rafa, de Regina Drummond e Lima, il. de Vera Mucello, Apel Dis. de Livros. Uma bela alegoria sobre o valor da liberdade, dirigida aos bem pequenos.

***

Aventuras no rio escuro, de Charles Kiefer, Ed. Mercado Aberto. Noveleta que se passa no interior do R.G. do Sul, zona de colonização alemã. Dois garotos em busca de matas e aventuras se defrontam com o prosaísmo do cotidiano. Acho que o A. tem condições de, usando os mesmos elementos em jogo, fazer um romance juvenil, daqueles que eletrizaram minha infância e, por certo, a dele, e que tanto está faltando hoje em dia. Se souber pegar o leitor pelo pé, ele enfrenta páginas e páginas e se aprofunda na selva do imaginário. Vamos lá, ponha carne e nervos nessa sinopse.

***

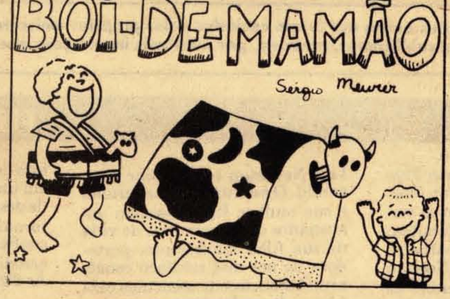
Chico fantasia e João Macio, de Evelina Krynski, il. de Lulude, Ed. Almed. Dois irmãos opostos em temperamento e figura convivem com uma avó imaginativa e alegre. O texto tem bons momentos, quase de farsa; infelizmente em outros o didatismo é de bocejar. Se a A. tomar ciência de que a ciência se aprende em livro de estudo (e cabe aos pedagogos fazê-los interessantes), ele poderá se firmar como uma boa cantadora de histórias.

***

Peter Pan, baseado no desenho de Walt Disney, adap. de Eliane Vieira Costa, Ed. Melhoramentos. Album de capa grossa, fartamente ilustrado. Em nenhum momento se faz menção à obra original de J.M. Barrie.

***

Boi-de-mamão, de Sérgio Meurer, Ed. do Autor, R. São Judas Tadeu, 12 - Florianópolis. Primeiro livro de um jovem desenhista que tem, por certo, futuro. Demonstra inventiva, senso de humor, ritmo e movimento. Só vai depender de bastante estudo, trabalho e dedicação. Quem viu os primeiros passos de artistas hoje consagrados, como Rico e Patrícia Gwinner, e os compara com sua produção atual, percebe logo a caminhada que foi trabalhosa, mas produtiva. Não deixem de adquirir o livrinho, e depois guardem-no e aguardem para conferir mais adiante.



Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Literatura portuguesa: viagem com Cremilda

Retomar contato, através das felizes e elucidativas entrevistas de Cremilda de Araújo Medina, com escritores portugueses, saber o que hoje eles pensam e como reagem diante do seu país e do mundo, foi para nós gratificante. A maioria dos nomes incluídos nesta **Viagem à literatura portuguesa contemporânea**, editado pela Nórdica, já eram nossos conhecidos, quase todos quando em início de carreira. É que, durante a década de 50, quando da revista Sul, mantínhamos frutífero intercâmbio com amigos e escritores de Portugal e das então colônias portuguesas, mandando-lhes o que por aqui se publicava e recebendo o que de melhor aparecia por lá, conseguindo driblar a ditadura salazarista. Depois, o contato se perdeu nos descaminhos da vida; e raramente conseguíamos um ou outro livro que nos mostrava a evolução de tais autores ou nos revelava um nome novo.

Quase inteiramente desconhecida entre nós, a literatura portuguesa contemporânea possui, nas mais diferentes áreas, uma plêiade de nomes extremamente significativos. Dão-nos um recado humano e estético mais do que válido; e mereciam ser editados com mais regularidade no Brasil. O que conhecemos deles? Mesmo do passado? Um Camões, um Eça, um Camilo, um Pessoa. E de agora? O mais divulgado é Fernando Namora. Bom, claro, mas, não podemos ficar nele só para uma visão da literatura portuguesa. Há pouco, pela Difel, foram lançados dois importantes romances de José Saramago (**Levantados do chão** e **Memorial do convento**), que precisam ser lidos logo por todos que se interessam pela boa literatura. São livros recentes. Também muito bons, mas da década de 50, **A sibila**, de Agustina Bessa-Luís, e **Aparição**, de Vergílio Ferreira. Mas, quando, para ficarmos em mais dois ou três nomes só, chegará a vez de um Miguel Torga; Ou de um poeta como José Gomes Ferreira? Ou um Alexandre O'Neill?

Se o livro de Cremilda animar nossos editores e ajudar a reativar um intercâmbio entre os escritores e leitores de Portugal e do Brasil, já terá prestado um excelente serviço; isto, lógico, para além da alta qualidade das entrevistas, pois com sua garra de repórter ela soube nos dar não só uma visão dos escritores e da produção dos mesmos, mas, através deles também uma boa visão de Portugal e do atual momento que aquele país atravessa.

1983

O mundo pela imagem

Belos álbuns de artistas plásticos e de fotógrafos, em edições bem cuidadas e com textos e elucidativos, têm sido publicados, com regularidade, pela Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Portugal, dando-nos uma visão do que naquele país se realiza no gênero e da importância do trabalho reunido em tais edições. A distribuição no Brasil é da Livraria Camões, Rio, e ainda há pouco mais três títulos chegaram para o colunista.

Da coleção Musarun Officia é **30 desenhos da série poeta,** de autoria de Julio, pela qual acompanhamos 40 anos da vida e da produção do artista, com um mesmo tema sendo retomado, revisto, repensado, reelaborado com finura e sensibilidade. E embora o título seja 30 desenhos, proposta inicial do artista para o álbum que ele imaginara, na verdade o livro reúne 33 desenhos, seleção que Julio deixou pronta ao morrer e que foi conservada, já que os organizadores não chegaram a conclusão de quais eliminar, tal a qualidade dos trabalhos. Em traços simples e puros, de grande lirismo, acompanhamos a evolução do artista e de seu poeta. Sobre a arte de Julio fala José Régio, que ressalta a independência e a fidelidade a sí próprio e a seu universo pictórico e humano do artista, "que nunca se deixou arrastar pelo efêmero modernismo das modas".

Já para nos introduzir na arte de **Menez**, novo volume da coleção Arte e Artistas, temos Salette Tavares. Aqui são reproduções a cores e em preto e branco, captados com extrema fidelidade. Trabalhos de uma artista inquieta, que se busca e ao seu mundo todo peculiar. De Menez diz Salette: "A têmpera da mulher, da artista, da intelectual tem vindo a ser confirmada pela sua obra".

Muipiti — Ilha de Moçambique, fotos de Moira Forjaz, texto de Amélia Muge, volume da coleção Presença da Imagem, é álbum que nos dá uma visão da sensibilidade de Moira no captar a realidade de uma região e de seu poder de recriar, através de fotos de grande beleza e plasticidade, a ilha e sua gente. Distribuída em blocos (A ilha e a gente; A ilha e o mar; Paredes de coral; Espaço e ilha; A ilha e o tempo; A ilha e o continente), recuperam e gravam, em imagens de grande força, um mundo ao mesmo tempo distante e próximo.

REGISTRO

O dia em que O Alegrete atravessou a fronteira, de Sérgio Caparelli, LePM-editores, RS. Pitico está voltando, de trem, para sua terra; mas, o calor é tanto que dilata os trilhos. Com este fio de história o A. cria uma novela de tensão, num clima ao mesmo tempo fantástico e simbólico. Pois o "tempo quente" reflete o clima de sufoco que pesou durante anos sobre a sociedade brasileira.

* * *

Milonga porteña, de Fernando Borges, Ed. Movimento, RS. Nestes contos o A. retoma a temática do gaúcho a pé, de Cyro Martins. Mas, a proposta pode se assemelhar, a visão tem um enfoque novo, revelando de maneira realista a vida na campanha, com seus entrechoques, suas misérias, suas lutas. A linguagem é direta e sem modismos.

* * *

Assunção de Salviano, de Antônio Callado, Ed. Nova Fronteira, RJ. Reedição do romance de estréia (1954) do A.. Aqui estão temas que retornariam na obra futura de Callado: as contradições políticas e filosóficas da sociedade brasileira, através de Salviano. Que assinala Tristão de Athayde, "nega Deus a fim de melhor realizar sua catequese revolucionária".

* * *

A Buganvília — O jardim do rei, de Fanny Deschamps, trad. de Octávio Mendes Cajado, Difel, SP. Utilizando uma trama romântica e repleta de peripécias, na linha dos **best-sellers**, a A. traça um afresco da vida na França durante o Século das Luzes. Neste quadro, realidade e ficção se unem.

* * *

O aplauso final, de Monique Raphel High, trad. de Maria Célia Castro, Ed. Record, RJ. Com todos os ingredientes do **best-seller**, o livro conta a história de uma jovem russa para chegar a grande bailarina e o seu envolvimento com dois homens, um poderoso e protetor das artes, o outro jovem e melancólico pintor.

* * *

Brasil: as raízes do protesto negro, de Clóvis Moura, col. Passado e Presente/28, Global Ed., SP. O A., neste último volume de um ciclo, discute a influência da escravidão na estrutura e comportamento da sociedade brasileira, o colonialismo, imperialismo e racismo e faz uma análise crítica da ideologia da "negritude".

* * *

Hegel, de Roger Garaudy, trad. de Suely Bastos, LePM-editores, RS. Neste volume 2 da coleção "Para conhecer o pensamento de...", o filósofo francês Garaudy dá uma ampla visão do pensamento de Hegel e da influência que ele exerceu em outros pensadores. No final do volume, uma antologia de textos básicos de Hegel.

* * *

O sexo na história, de Reay Tannahill, trad. de Luíza Ibañez, Ed. Francisco Alves, RJ. Um apanhado, do mais longínquo passado até os nossos dias, das atitudes, costumes e práticas sexuais. O impulso sexual é situado numa perspectiva histórica e como um imperativo da humanidade. Edição fartamente ilustrada, num texto informativo.



* * *

Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga, de Cassiano Nunes, Ed. do Autor, SP. Nunes prossegue em sua tarefa de ampliar a divulgação da correspondência que Lobato prodigamente espalhou por todo o País. Com isto passa-se a conhecer mais e melhor o escritor. Aqui Nunes comenta e/ou transcreve trechos de correspondência remetida a uma escritora e pintora, revelando-nos o mesmo e outro Lobato.

* * *

Ginseng — A raiz que cura todos os males, de Nathan S. Bennet, Ed. Global-Ground, SP. Considerada raiz milagrosa pelos chineses, o Ginseng, quando se procura no Brasil uma medicina alternativa, começa a ser consumido regularmente. Aqui, algumas informações a respeito dele e de suas qualidades terapêuticas. Mais um título da coleção Cadernos de Vida Natural.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

Mais poetas e poesia 328

Através de concepções e propostas diferentes e de diferentes maneiras de poetar e de sentir, temos aqui visões de vida e de mundo filtrados pela sensibilidade de poetas que se distanciam no tempo e no espaço, mas buscam se aproximar na preocupação do transmitir. Vamos a eles:

Memória Imprecisa, de Joel Rogério Furtado, FCC — Edições, SC, é a estréia em livro de um catarinense que fala do amor, da solidão, da dor, da saudade. O livro está dividido em cinco partes, cada qual com um tema. Na segunda, o poeta se questiona e interroga. Eis um trecho do poema "E se os poetas não mais cantarem?":

"E se os poetas não mais cantarem?
O que será do mundo?
Que será daqueles que encontram, na poesia,
um lenitivo para suas dores,
um impulso para suas vidas?
E se a lira dos poetas quedar-se quieta
manter-se muda
trancar-se a sós, consigo,
onde buscarão os homens a coragem-harmonia
para mitigar a sede de beleza
e encantamento?"

Nosso pequeno grande mundo, de Luiz Saulo Adami e Maria Cristina Rosa, Ed. dos Autores, reúne dois jovens catarinenses que se amam e falam do amor e buscam uma expressão pessoal para se comunicarem. Vejamos o poema "Fantasia":

"Eu gostaria de poder parar o tempo,
De controlar o sol e o vento...
Gostaria de ser alguém com poder suficiente
Para comandar toda a gente
E realizar uma velha fantasia...
Parar o mundo por um dia
E ficar em paz com você,
Sem explicações, sem porquê".

O Menino submerso, de Afif Jorge Simões Filho, de Martins Livreiro-Editor, RS, se compõe de poemas onde o apuro formal convive com o sopro lírico, tendo como presença mais marcante no poetar deste gaúcho a infância, a solidão, a passagem do tempo. Leiamos "Meu tipo inesquecível":

"Nunca me sairá das retinas fatigadas ó seu
Drummond
Aquele moço que vinha do Uruquai e pernoitava lá por
casa.
Trazia um contrabando de buqiqanqas, trazia
Uma respiração de cavaleiro perseguido.
Marcado por balaços; amigo, todavia.
Ludibriador do fisco e da guarda aduaneira.
O menino deslumbrado quer um presente de
estranqeiro.
O moço clandestino lhe afaga o rosto e diz: depois.
Um vulto chegou de ponche, chegou de nome trocado.
E na grande sala da memória expõe os pregadores".

O poço do calabouço, de Carlos Nejar, Ed. Record, RS, chega à 3ª. edição. E falar deste outro gaúcho é falar de um dos nomes mais altos da poesia brasileira contemporânea, no dizer de Tristão de Atahayde "uma das figuras dominantes de nossa poética deste fim de século", enquanto Hélio Pólvora acrescenta: "Eis um dos poucos poetas brasileiros a ombrear com Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto". Vamos conferir; vamos ler "Fluvial":

"O povo é um rio — me acompanha,
o que é seu não se abdica;
o que é do amor se destrama,
morte pequena é infinita.
Dele é o meu dia. A estranha
mutação que faz a vida
rosto a rosto. E a noite banha
como trincheira ou saída.

O povo é um rio — me acompanha
por avenidas e horas
com liberdade tamanha

que, secando, sempre jorra
em sua pedra de insânia.
Tudo se perde ou se ganha".

Rede fluvial, de Lúcia Fonseca, prêmio Emílio Moura, Livraria José Olympio Editora, RJ, é, no dizer de Paulo Rónai, "uma poesia de inspiração profunda, comunga com a natureza, os seres e as coisas". Vejamos, desta carioca, "O Poeta":

"Ia repartindo as palavras com o bisturi,
fisgava uma com o garfo de ouro,
mordeu-a entre língua e dentes.
Passavam as idéias,
o sono com sua cabeleira de alga,
a tarde caía, doce,
o peixe nadava solto na onda.
Repartia novas palavras,
pesava uma, comparava com outras.
As estações passavam sobre sua fronte curva,
muito altas passavam, em dourado e névoa,
poente, chuvas, vento e nevadas.
E ele continuava o meticuloso exercício".

O exercício da morte, de Santos Moraes, Ed. Cátedra/Pró-Memória - INL, RJ. Poeta, romancista, crítico, o baiano-carioca Moraes retorna ao gênero em que se lançou (**A nuvem de fogo**, poesia, 1948), agora mais maduro, debruçando-se sobre o tempo, a vida, a morte. Eis um exemplo da sua maneira de poetar neste "Exercício da morte":

"Um personagem de um romance inglês
Que era um altíssimo poeta
Tal como o imaginou o seu autor
Mandou construir um sarcófago de vidro
E todas as noites dormia seu sono provisório
Deitado nele, solenemente, como se fosse o último
sono.
Era o seu exercício da morte.

Como outros fazem o exercício da vida
E se agitam e se amam e se odeiam
Ele buscava a postura final
Como um esteta procura realizar sua obra-prima".

Trinca de copas, de Paulo Mendes Campos, Ed. Achiamé, RJ. Poeta e cronista, tradutor de poesia, nome altamente expressivo dos nossos meios intelectuais, neste volume temos, lado-a-lado, o poeta sensível e o tradutor igualmente sensível, que sabe sentir o verso e trazê-lo para o português, recriando-o. **Trinca de copas** abre com um depoimento onde PMC relata sua experiência com o LSD, prossegue com traduções de poetas de vários idiomas e conclui com inéditos do autor. Entre os traduzidos, Neruda, Borges, Emily Dickinson, Sandburg, Eliot, W. Blake, Joyce, Auden, Dylan Thomas, Antonio Machado, J.R. Jimenes, Lorca, Claudel, Verlaine, Apollinaire, Eluard. Mas vamos a um trecho do poema "Impressão do Brasil", do próprio PMC:

"Brasil é quando se começa a crer
no vir a ser do que se pode ser
pode ser uma fuga de impoméia
pode ser contraponto de ninféias

Brasil é um riachão com um cavalo
fio de sangue a madruqar o galo

dourados agarrados na tarrafa
do lenço da baia anil garrafa

O pescador atira o aranhol
de teias luminosas: cai o sol"

Poesias escolhidas, de Pedro Homem de Mello, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa. A visão de um poeta português de 1934 a 1970: sua evolução, sua preocupção com a palavra, seu domínio do verso e da estrutura do poema, sua sensibilidade refinada para sentir e aprender. Assim fala o poema em "Canção indecisa":

"Qual delas me engana
E, assim, me domina?
Talvez a cigana...
Talvez a varina...
Mas... quem não engana
Com arte, o que ensina?"

Últimos poemas (O mar e os sinos), de Pablo Neruda, L e PM - Editores, RS. Por fim, fechemos este registro (e muito bem), com um alto poeta, em tradução de outro excelente poeta, Luiz de Liranda. Aqui, os derradeiros versos, alguns terminados no leito da morte. Vibremos com esta pequena obra-prima, "Obrigado, violinos":

"Obrigado, violinos, por este dia
de quatro cordas.
É ouro o som do céu,
a voz azul do ar."

REGISTRO

A lâmina do espelho, de Ronaldo Lima Lins, Ed. Francisco Alves/Pró-Memória /INL, RJ. Internado num hospital fora de seu país, um professor se questiona e sofre. Neste microcosmo, através de outros doentes que com ele convivem, procura desvelar as razões do ser e do existir. Com tais elementos o A. constrói um romance de tensão e contensão, denso, marcado por um distanciamento que não elimina a emoção.

* * *

Triângulo das águas, de Caio Fernando Abreu, Ed. Nova Fronteira, RJ. Três novelas que se fecham e completam, uma visão veraz e amarga do hoje e do aqui. Estamos diante de um texto instigante e inquietador, marca registrada do autor de **Morangos mofados**. E, se cada texto é uno em si, a proposta ficcional de Abreu é fiel ao seu mundo peculiar.

* * *

Um corpo estranho entre nós dois, de Josué Guimarães, L e PM - editores, RS. Nesta peça, o fato mais presente é a ausência da mulher, Débora, com a qual dois grandes amigos, Arnaldo e Cesar, estão envolvidos. Agora, enquanto esperam que ela chegue, passam a limpo suas vidas. Um triângulo amoroso narrado por um escritor que domina seu ofício.

* * *

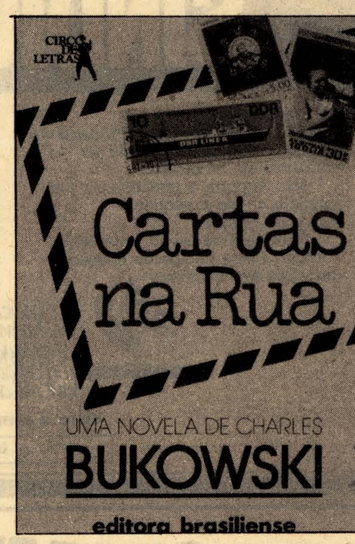
Cartas na rua, de Charles Bukowski, trad. de Alberto Alexandre Martins e Marilene Felinto, Col. Circo de Letras, Ed. Brasiliense, SP. Um fio de história simples: as andanças de um carteiro pelas ruas e becos de uma cidade. Mas a cidade adquire uma conotação surpreendente. Sátira contundente em linguagem desabusada, num texto que fascina.

* * *

Sursis, de J.P. Sartre, trad. de Sérgio Milliet, col. Grandes Romances, Ed. Nova Fronteira, RJ. Neste segundo volume de "Os caminhos da liberdade", sartre retoma personagens do livro anterior; e prossegue em sua análise dos homens em tempos de guerra, dos homens em busca da liberdade e em busca do autoconhecimento.

* * *

1984, de George Orwell, trad. de Wilton Velloso, Cia. Ed. Nacional, SP, em 17ª. edição. Agora que nos encontramos com um pé em 1984, é bom ler (ou reler) este romance que marcou época e causou tanta polêmica. Sátira contra os totalitarismos, dele disse B. Russel: "passo a passo, o mundo tem marchado rumo à realização dos pesadelos de Orwell".



Vidas amargas, John Steinbeck, trad. de A.B. Pinheiro de Lemos, Ed. Record, R J. O romance, com o título original de "A leste do Eden", acompanha por várias décadas a vida de duas famílias americanas, e de dois irmãos, Caleb e Aaron. Steinbeck é prêmio Nobel e prêmio Pulitzer; e este livro foi sucesso no cinema, dirigido por Kazan, tendo como ator J. Dean.

* * *

Até agora tudo bem... - Estórias de turismo. de Hélio Lima Duarte, Ed. Nórdica, RJ. Causos bem humorados de viagens e de turistas, flagrados em momento de descontração. Luis Antônio da Costa **Mondego**, em traços igualmente bem humorados, ilustra passagens das estórias.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Salim Miguel

Leitura apaixonante

Se a obra de Camilo Castelo Branco é extremamente volumosa e valiosa, igualmente volumosa e valiosa é sua vastíssima correspondência. Torna-se impossível, hoje, saber quantas milhares de cartas ele escreveu e o que elas representam para o melhor conhecimento do homem e do artista. Mas ainda assim o que se tem conseguido recolher é significativo. Até agora, contudo, não havia um ordenamento de todo este material, cada volume recolhendo mais ou menos aleatoriamente parte das cartas.

Pois bem. Alexandre Cabral, ficcionista, crítico, pesquisador, apaixonado pela vida e obra camiliana, há longos anos vem se dedicando (por vezes em prejuízo de sua própria obra de criador) à ingente tarefa de recolher e catalogar e interpretar o material esparso.

Agora, pela Livros Horizonte, de Portugal, com o patrocínio do Instituto Português do Livro, nos chegam os dois primeiros volumes da Correspondência. No primeiro, aquela com os irmãos barbosa e Silva; no segundo, ainda com os mesmos e com Sebastião de Souza.

No prefácio ele explica seu método de trabalho, justifica sua luta para recuperar parte de um acervo tão substancial para o melhor conhecimento de Camilo e que é ao mesmo tempo parte da memória portuguesa, o critério adotado para a fixação dos textos. Mais do que isto: fala das dificuldades encontradas na sua busca do material. E começa afirmando: "A tarefa de coligir, comentar, anotar e datar o imenso acervo da **Correspondência de Camilo Castelo Branco** deve ter sido considerada da ao longo dos anos uma autêntica loucura". Mas de tais loucuras necessitamos todos.

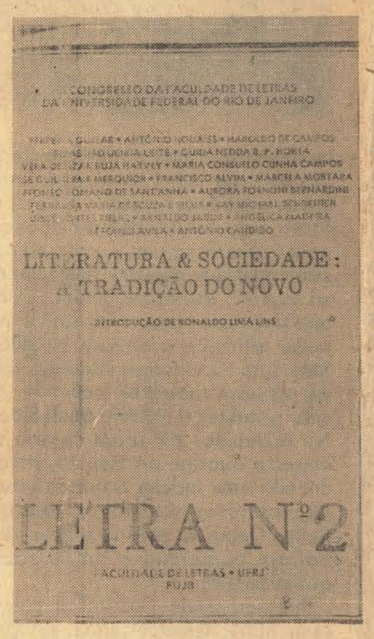
Cabral não se limita a recolher cartas, onde quer que existam, e anotá-las. Vai além. Cada carta é acompanhada de um minucioso comentário, situando-a numa perspectiva de tempo e das preocupações de Camilo (cuja vida daria mais romance do que alguns de seus numerosíssimos romances), indicando se a carta já havia sido publicada e onde, se é inédita, se foi visto o autógrafo ou se a transcrição foi baseada em publicação anterior.

Leitura apaixonante, que nos devolve Camilo, sua vida, seu tempo, sua obra e as condições em que ele a realizava.



Para exame e discussão

Um tema instigante e provocador, **Literatura e Sociedade: a tradição do novo**, atravessa todo o nº. 2 da Letra, revista da Faculdade de Letras da UFRJ. Neste número monográfico, resultado do II Congresso realizado pela Faculdade de Letras em outubro de 1982, estão reunidos os trabalhos então apresentados por nomes de gerações, formações e tendências as mais diversas, entre eles um Ferreira Gullar, um Antonio Houaiss, um Haroldo de Campos, um José Guilherme Merquir, um Affonso Romano de Sant'Anna, uma Dirce Côrtes Real, um Antônio Cândido, um Arnaldo Jabor, um Affonso Ávila. A introdução e edição é de Ronaldo Lima Lins, que ao justificar a publicação dos trabalhos acentua: "Já há algum tempo o desafio da inovação representa o principal tópico de discussão da arte moderna". E mais adiante: "O novo tornou-se de tal modo dominante que nos dois lados de seu território, o da criação e o da reflexão, os espíritos inquietos, onde antes viam decadência e revolução, começam a temer pela confirmação e pela reprodução das estruturas básicas da sociedade". A revista começa com uma conferência de Ferreira Gullar significativamente intitulada "A vanguarda: limites no Brasil", a que se segue uma mesa-redonda tendo como participantes Antonio Houaiss, Haroldo de Campos, Sebastião Uchoa Leite, subordinada ao tema "A transcrição poética de Joyce e Lewis Carrol". Antes de se encerrar com a mesa-redonda sobre "Literatura e sociedade" que teve como participantes Antônio Cândido, Affonso Ávila, Ferreira Gullar, houve uma série de Seminários e Conferência sobre temas tão variados como "O Ulisses homérico", por Guidda Nedda B. P. Horta; "A forma da crítica e a crítica das formas", por José Guilherme Merquior; "Negritude: busca de identidade — perda de identidade", por Kay-Michael Schreiner; "Maiakóvski e a criação de novos mitos", por Aurora Fornoni Bernardini; "A reinvenção do novo. Lautréamont e



Jorge de Lima", por Dirce Côrtes Riedel; "Novos textos cinematográficos", por Arnaldo Jabor; "A tradição do novo" por Affonso Ávila. São textos para leitura e discussão.

Um novo conceito de enciclopédia

Um projeto ambicioso começa a ser executado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, de Lisboa, com distribuição para o Brasil pela Livraria Camões, do Rio de Janeiro. Trata-se da publicação, em português, da Enciclopédia Einaudi, de que acabam de aparecer os dois primeiros tomos, dedicados, respectivamente a 1.Memória - História e 2.Linguaguem-Enunciação.

Justificando a publicação de mais uma enciclopédia, os editores esclarecem que esta parte de um novo conceito e uma nova concepção, visando atender outras necessidades dos nossos dias e não apenas referir os resultados alcançados em cada campo. Assim, ela busca substituir os milhares de verbetes das inciclopédias tradicionais (que hoje podem chegar até amplas camadas através de outros meios de comunicação) por um determinado número de temas (aqui em torno de seiscentos) que aprofundam o saber e ampliam o conhecimento.

Selecionados por uma equipe de especialista se distribuídos entre tantos outros especialistas, eles representam verdadeiros ensaios. E agora, na edição portuguesa, cerca de 10% dos colaboradores são portugueses, no sentido de ampliar a abrangência da obra para o leitor de língua portuguesa.

A edição original foi concebida tematicamente na forma de 79 conjuntos de entradas e se completa em 14 volumes; já a edição em português reagrupou os conjuntos para um total de 41 volumes, a fim de torná-los mais facilmente manuseáveis, estando prevista a publicação de oito volumes por ano.

O escritor Ítalo Calvino, referindo-se à Enciclopédia Einaudi como "uma espiral no infinito", acentua que é um trabalho particularmente rico e que foi realizado em menos de cinco anos, a partir de 1977. E para os editores em português, ela "pretende ajudar a ler outros livros, mesmo os de argumento pouco familiar ao leitor não especialista."

Registro

Domingo 22, *José Carlos de Oliveira, Ed. Atica. Charlot, um* **alter-ego** *de José Carlos de Oliveira, o Carlinhos da noite carioca, é o fio condutor deste romance de violência e intriga desenrolado no Rio dos anos 50. História datada, propositadamente centrada numa fatia da população, não será difícil identificar, por entre a grama e as subtramas, alguns dos personagens, que se movimentam em especial na noite e nos chamados "pontos chics" da urbe. Tendo vivido naquele meio, o Autor sabe transmitir e criar figuras patéticas como a de Olívia.*

Olha para o céu, Frederico, *José Cândido de Carvalho, Ed. José Olympio. Lançado em 1939, este romance chega à sua 6.ª edição, revelando em sua estréia um autor que viria a se consagrar com* **O coronel e o lobisomem**, *sem dúvida uma das obras-primas do romance brasileiro. Aqui já se encontram algumas das qualidades que se cristalizariam pouco depois: humor, recriação da região açucareira do Rio, sensibilidade afinada, sugestão e força num estilo muito pessoal.*

* * *

A flecha de ouro, *Joseph Conrad, trad. de Marques Rebello, LePM-editores. Bem-vindo retorno de um dos grandes da literatura universal; depois da publicação de* **Coração das trevas**, *nossos editores resolveram investir neste polonês que se tornou num dos nomes mais expressivos da literatura inglesa. Neste romance que tem muito de autobiográfico, ele está com 19 anos, mas já experimentou a paixão do mar; então, em Marselha, se envolve nas lutas por Don Carlos de Bourbon, que almejava o trono da Espanha. Como sempre, aqui, o fascínio da prosa do autor de* **Vitória**.

* * *

Fabulário geral do delírio cotidiano, *Charles Bukowski, trad. de Milton Person, LePM-editores. Parte II de Ereções, ejaculações, exibicionismos, onde temos o mesmo linguajar desabusado. Série de contos ou* **flashes** *que tem por fulcro o submundo americano, o outro lado do sonho americano visto pelo outro Bukowski. Espécie de Henri Miller só que dentro dos EUA, é um autor que, ignorado no Brasil durante anos, agora caiu no gosto do leitor.*

* * *

O absurdo no teatro, *Teresinka Pereira, Ed. Ateneu Angrense de Letras e Artes. Professora universitária, contista, poeta, há muito residindo nos EUA, a Autora, numa série de conferências proferidas no curso de Teatro Latino-Americano, na Universidade de Colorado, 1982, discute e situa sua visão de um teatro onde o absurdo se insere no dia-a-dia. Ela começa por uma "pequenissima historia do teatro hispano-americano; ou antes do absurdo"; mais adiante fala de autores significativos e do que eles representaram para a implantação de um expressivo teatro em seus respectivos países. Na conclusão diz que "o teatro do absurdo é o mesmo que teatro realista". É conferir.*

* * *

A fascinante história do livro/I, *José Teixeira de Oliveira, Ed. Cátedra. Um passeio pela trajetória do livro desde seus primórdios até nossos dias. Aqui, o Autor começa falando do livro de 25 milênios e vem ao livro do Islame. De forma clara e objetiva ele conta, paralelamente, do desenvolvimento da cultura de cada um dos povos e de como eles sentiram o livro e sua importância. Edição fartamente ilustrada.*

* * *

Uma cangaceira de Lampião, *Ilda Ribeiro de Souza "Sila" Israel (Zai) Araújo Orrico, Traço Ed. A bibliografia sobre o cangaço já é vasta; mas aqui temos um título único, de alguém que durante anos conviveu com os cangaceiros, viveu com um deles, "Zé Sereno", que foi chefe de bando e lugar-tenente de Lampião. Em linguagem simples, com a ajuda de Zai, ela fala de um novo Lampião, dá uma visão diferente do problema do cangaço, suas raízes, conseqüências, lutas, sentido.*

Jair Francisco Hamms

O colecionador

Ansioso, o Dr. Vilmar Pacheco entrou na minha sala e indagou:

— Acreditas na existência de um colecionador de penicos?!

— Não.

— Mas existe!

Quem é?

— Chama-se Olivério e mora na Palhoça!

— Tens o endereço completo?

— Tenho!

— Dá mais detalhes.

— E velho, viúvo e mora sozinho! Vamos lá?

— Claro que sim! Já!

* * *

Aparentes setenta anos, toicinho da barriga debruçado sobre uma bermuda marrom, peito frouxo com pêlos brancos, um penico azul tatuado sobre a mama esquerda, cachimbo apagado nos beiços, cara pálida e enrugada, cabelo ralo, ele veio até o portão.

— Boa tarde.

— O senhor é o seu Olivério? — indaguei.

— Sim.

— Coleciona penicos? — perguntou o Vilmar.

— Sim.

— Podemos ver a coleção? — tornei eu.

— Sim. Entrem.

* * *

Olivério descansou o cachimbo num cinzeiro em forma de penico, pendurou o óculos na ponta do nariz, mirou-nos sobre as lentes, indagou:

— Também colecionam?

— O quê?

— Penicos? Colecionam?

— O Vilmar, sim. Eu, não.

— O senhor tem muitos?

— E brincadeira dele. Não coleciono, não.

* * *

— Este foi o meu primeiro. E de porcelana. Ganhei da minha madrinha quando fiz um ano. E português.

— Lindo! — exagerou o Vilmar.

— Uma gracinha — ponderei eu.

— O senhor o usou muito tempo? — tornou o Vilmar.

— Até seis anos. Depois ganhei este, que já é maiorzinho, do falecido tio Afonso.

— Aí, o senhor usou este até que idade?

— Até os quatorze. Mas só pra fazer cocô, que eu nunca fui de mijar sentado.

— A Roberta Close mija.

— Como é que podes saber disso, Vilmar?

— O Sílvio Garcia me contou.

* * *

— Este é uma raridade. Pertenceu ao Napoleão.

— Bonaparte?

— Napoleão Bonaparte! — exclamou o Olivério, brilhozinho de soberba atrás das lentes.

— E este enorme aqui?

— Foi de Alexandre, o Grande.

— E este de pedra?

— E inca. Comprei em Cuzco. Pertenceu a Manco Cápac!

* * *

— Estes aqui são duplos, né?

— Não são duplos. São gêmeos. Foram de Cosme e Damião!

— Santos penicos! — observou o Vilmar.

— E este aqui, com o brasão imperial?

— Este urinol foi da marquesa de Santos!

— Urinol? Por quê?

— Quando a peça pertenceu a uma dama, é hábito entre nós, colecionadores, usarmos a expressão urinol. Por respeito.

— Essas coisas me comovem! — declarou o Vilmar.

— E aquele vermelhão ali?

— Era do Drácula! Do conde Drácula!

* * *

— Quantos?

— Penicos?

— Sim.

— 1985!

— Qual o de maior valor?

— Estimativo, claro que o meu primeiro peniquinho, aquele azulzinho, esmaltado, presente da dindinha Carmelita, que Deus a tenha!

— Tô falando em grana. Qual o de maior valor no mercado peniqueiro?

— Como obra de arte, seguramente o do faraó Amenemés II . Agora, o do rei Faiçal é de ouro puro! Puro!

* * *

— Excluído o seu, é evidente, o senhor tem alguma preferência?

— Tenho. Tenho por este aqui.

— Este cor-de-rosa?

— Sim.

— Por quê?

— Este urinol foi da Marilyn! Da Marilyn Monroe! Comprei de uma tia dela, em 1935, em Los Angeles!

Vilmar olhou pra mim e confidenciou:

— Freud explica...

* * *

Indaguei:

— Alguma decepção, nessa vida de colecionador?

Olivério, triste.

— Sim. O advento da água encanada. Isso, praticamente, acabou com os penicos.

— Outra.

— Decepção?

— Sim.

— O penico de plástico! O penico de plástico é uma verdadeira agressão!

— A bunda?

— A bunda!

* * *

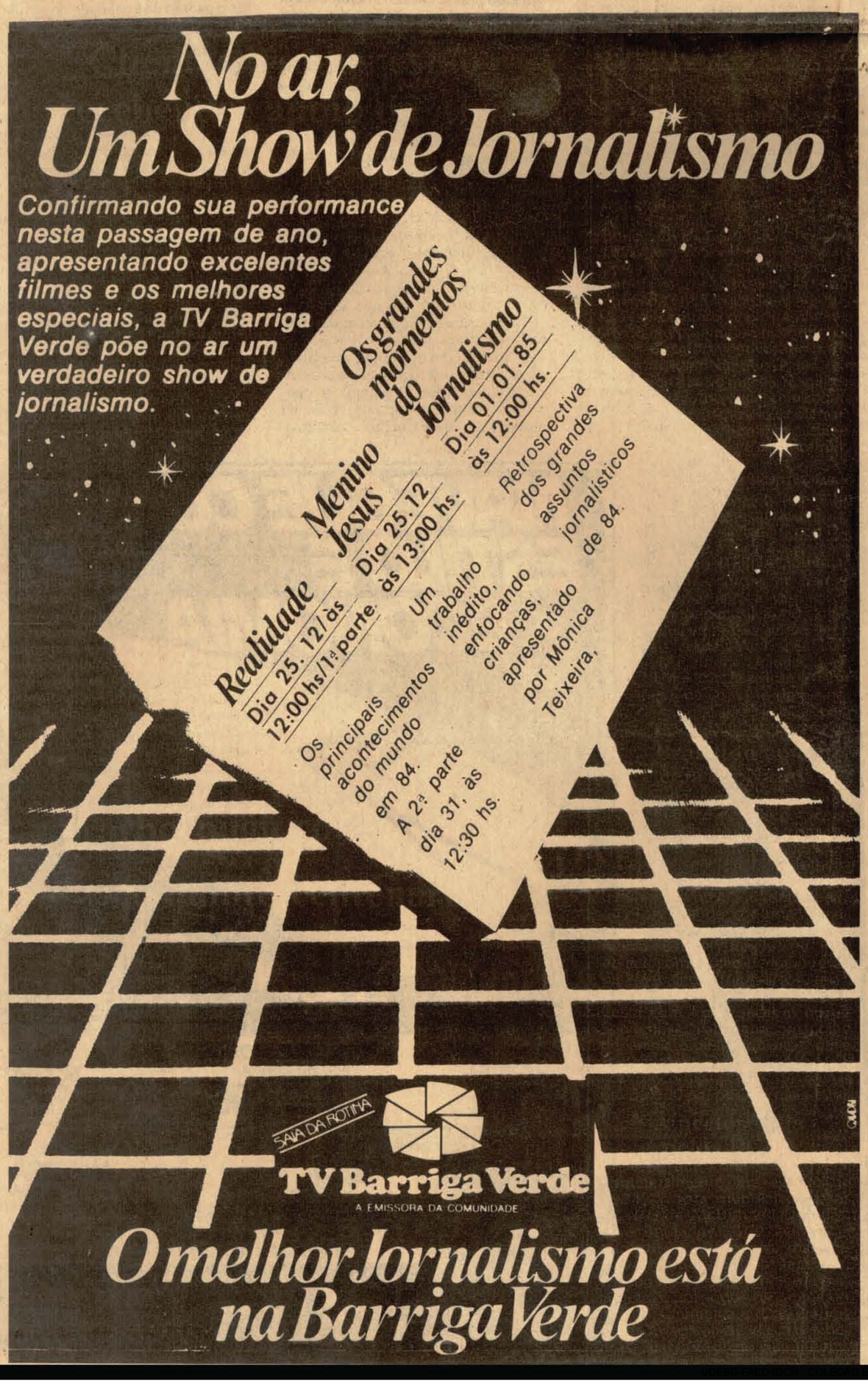
— Este aqui ainda tem uma titiquinha! — berrou o Vilmar erguendo um peniquinho de prata com debrum doirado.

— O senhor veja se está escrito Paulinho na asa! — exclamou o Olivério.

— Tá! Tá aqui!

— Pois este, faz algum tempo, comprei de uma viúva milionária de São Paulo!

Emocionado, o Dr. Vilmar Pacheco caiu num choro convulsivo.



COMUNICADO

O Restaurante Lindacap comunica a sua distinta clientela, que segunda-feira dia 31 e dia 1.º do ano, funcionará normalmente.

A DIREÇAO

330 - MIGUEL, Salim. Livros – Poesia, neste fim de ano .... **O Estado,** Florianópolis, 16 dez. 1984.

Poesia, neste fim de ano

A poesia resiste. E continua dando seu recado. Os poetas insistem; e transmitem, de acordo com uma sensibilidade afinada com seu tempo e seu meio, uma visão de mundo, de vida, do homem.

Aqui, poetas de várias gerações, tendências, formações, muito ou pouco conhecidos, em edições de grandes editoras ou editoras anônimas, contribuem para este momento da poesia.

Não vamos analisá-los; vamos, simplesmente, em rápidas palavras, tentar situá-los; e transcrever um poema ou um trecho do fazer poético de cada qual deles.

Para começar, ninguém melhor do que Drumond. Especialmente quando o nosso poeta maior surge, inteiro, com novos poemas, neste **Corpo**, da Ed. Record, com ilustrações de Carlos Leão. Falar o quê de Drumond? Ele é sempre sensível e íntegro, lírico e irônico por igual, atento ao que está no mais íntimo do ser humano e ao que rodeia. Vejamos este "Passatempo": O verso não, ou sim o verso?/Eis-me perdido no universo/do dizer, que, tímido, verso,/sabendo embora que o que lavra/só encontra meia palavra./

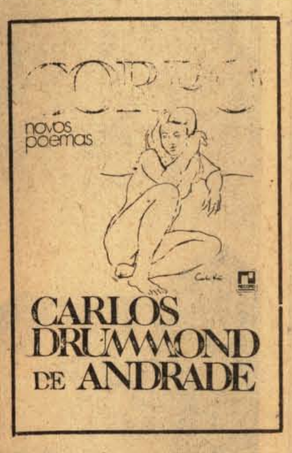
Num país de memória curta, não é de estranhar que Jorge de Lima ande meio esquecido. Neste **Jorge de Lima: Poesias esquecidas**, pesquisa e nota introdutória de Moacir Medeiros de Santana, da Edufal, reunião de trabalhos que o poeta havia publicado em jornais de Alagoas, na sua maioria. Se não temos, nestes primeiros versos ainda o grande poeta que explodiria pouco depois, já se pode sentir sua sensibilidade afinada. Eis o início de " La coxia": O velho tirava a máscara/ e embaixo de cada máscara/ uma outra máscara surgia./ Surgiu um homem sisudo/ fingindo um jeito de guia/ mas logo o homem sisudo/ virou um bobo que ria./

Ruy Espinheira Filho é conhecido nosso, ganhador que foi do Concurso Nacional de Poesia, Prêmio Cruz e Sousa. Aqui, numa edição da Philobiblion/Pró-Memória/INL, na col. Poesia, Sempre, ele reune em **Morte secreta e poesia anterior**, sua obra poética até agora. São 18 anos de poetar, um poetar, segundo o autor, que se dá quanto há "predisposição". Sensibilidade e apuro formal são as marcas do Ruy, como neste trecho de "Fuga": Escuto o tempo fluindo/no rumor azul da tarde./E sinto-o ventar em mim/e doer bem onde arde/meu coração — doer com/incontáveis estilhaços/de idos objetos e/de mim mesmo./, extraído do livro **As sombras luminosas**, livro vencedor do Cruz e Sousa.

Se é raro um livro de poesia ultrapassar a primeira edição, o que dizer daquele que alcança a vigésima. Mas o espanto pode diminuir se estamos falando de **Morte e vida severina e outros poemas em voz alta**, de João Cabral de Melo Neto, Ed. José Olympio. A aceitação e a fortuna crítica do Autor, e mais especificamente do "Morte", ultrapassaram há muito nossas fronteiras. E ele, hoje, uma de nossas mais altas vozes. Quem, interessado em poesia, não se lembra deste início, quando o retirante explica ao leitor quem é e a que vai: "—O meu nome é Severino,/não tenho outro de pia./Como há muitos Severinos,/que é santo de romaria,/deram então de me chamar/ Severino de Maria:/

Livro de gazéis, Ed. Record, nos devolve o mesmo Carlos Nejar tão conhecido de outros livros, hoje sem dúvida um nome significativo de nossa poesia, aqui trabalhando seus gazéis, que são cânticos de amor árabes e persas. Incentivo, lírico, amoroso, atento à palavra e seu fascínio, Nejar nos oferece momentos de encantamento, como neste "Agua





dormida": O remo,/ andorinha da água./E o meu corpo/sobre o teu/ avançava./Andorinha/na alma./

Sérgio Santânna é ficcionista criativo, com uma prosa forte e sensível; aqui, outra faceta de seu talento, neste **Junk Box** (Ed. Anima), que ele denomina de "Uma tragicomédia nos tristes trópicos", onde os versos servem (ou irrompem) para que ele nos dê uma visão do nosso hoje, numa caminhada rica de idéias e sugestões. Vejamos o funcionamento deste "A junk-box": Meto a moeda na máquina/ e o tempo se põe a girar/ para trás./O **pick-up** rompe uma teia/ afugentam a aranha/os **spot-lights**./

Em **Rio das almas** (Ed. Cátedra-Pró-Memória/INL), Afonso Felix de Sousa, uma das mais expressivas vozes poéticas da chamada "geração 45", nos dá uma rapsódia dramática, oferecendo-nos, em sua linguagem dúctil e forte, um quadro entre histórico e lendário de um fato ocorrido durante a descoberta do ouro no sertão goiano. Eis um trecho do "Pregão", que abre o livro: 1.ª voz — Era uma vez: Junto às lavras/passava um rio sem nome./Lá, o que foi brilho de ouro/ o tempo apaga e consome./Lá, a história das pessoas/o tempo passa e não come./

Sérgio de Castro Pinto é das novas gerações. Dono de um verso tenso e de uma linguagem muito pessoal, desde logo marca um lugar definido entre os nossos novos poetas. Mas não só o verso e sua busca da perfeição preocupam o poeta; ele também se preocupa com o homem e sua destinação, atento ao seu meio e seu tempo. **Domicílio em trânsito e outros poemas**, Ed. Civilização Brasileira/Pró-Memória/INL reune sua produção de 1966 a 1982. Vejamos estes "Dois poemas 3 x 4": a) a máquina da manhã espoca/ e aciona o seu (dia) fragma:/o sol é um flash que me flagra/ após me revela às negativas do dia./ b) entro na fotografia/ como quem do mundo/se homizia./ sem livrar o flagrante./ (instantâneo eu sei que sou/neste mundo lambe-lambe)./

Rio do vento, de Antonio Pinto de Medeiros, da Nossa Editora/ Fundação José Augusto, nos chega, nesta 2.ª edição (a 1.ª é de 1951 em edição do autor) pelas mãos da contista Edna Duarte. Foi bom retomarmos contato com um poeta que sabe se expressar e transmitir. E concordamos com Dorian Jorge Freire quando fala da "saudade de toda a magia dos versos de Pinto, de seu ritmo, de sua cadência". Vejamos então: Presença inquieta sobre a noite imóvel/ E vã. Sons em delírio sobre o mármore/ Matam o silêncio que nasceu das águas/Para afogar o esquema em desespero/ (do poema "Enigma número trezê).

O sonhado e o sofrido, Ed. Cadernos da Serra, é o mais recente livro de poemas de Oliveira e Silva. Em silêncio, vem ele, ao longo dos anos, construindo uma obra marcada por fina sensibilidade; atento ao fluir do tempo, ele se debruça sobre seu ser e sobre o passado para extrair momentos de reflexão ou lições de vida. Eis um exemplo, neste "Sim, Goethe": Goethe! Sim, tens razão, enquanto no universo,/Tudo se expressa em imortalidade,/As estrelas, nas noites de verão,/Mostram que, além do nosso tempo, irradiarão,/E a lua comove os corações românticos./E o crepúsculo inspira sonhos e cânticos./Somente a felicidade humana é transitória./ Depois de nos dar momentos de glória./Escapa, foge, sem qualquer explicação.../

Poesias de alguém e do eu também, de Jacy de Siqueira, Ed. Oriente, se subordina ao que o autor chama de "ou a quase história das nossas alegrias e misérias cotidianas". Tênue melancolia perpassa os versos, a que não falta certa dose de ironia. Eis uma amostra neste "Sobrevivência": Enorme lagarta verde/comeu a única folha/ do meu pé de couve gorda./Refestelou-se no caule/gozando a fresca manhã/bem bom da vida boa./Questão de sobrevivência/dela e minha também./Como tudo se transforma,/agora como a largata?/

Raízes aéreas, Ed. Movimento, é a estréia em livro de Sandra Losekann. Mas, como acentua Maria Helena C. Regis na Apresentação, a Autora "não adere a cacoetes modernistas, mas nem por isso deixa de inovar, quer pelo toque poético que consegue dar às coisas do dia-a-dia, quer pela maleabilidade que dá à língua. Vejamos o final do poema "Espera": Eis que me olho e não me compreendo/no gesto ou no silêncio,/na superfície ou na profundidade./Que me lasco dia a dia no tempo,/me multiplico ao vento,/e arranho a alma nesta ingrata luta por ser eu/tão somente eu,/que me espero em mim e não chego./

Do que foi antes, Lucy Assumpção, Ed. Nórdica, a partir do título já nos situa na proposta desta poeta catarinense que há muito reside no Rio. Na Aparesentação ao livro diz Lucia Aizim: "Sem extravasamentos, sem palavras em demasia, sua marca é a densidade". Tomemos este "Exercício de delicadeza": Naquele correr de dias errantes/ Porejando mágoas sem fim/—caladas, por isso sem ecos—/desfilaram anos./ Polindo e luciluzindo/suave reflexo./

Mas não só de poesia brasileira se vive. Anotemos, então, livros de outras terras e outras vozes.

Uivo — Kaddish e outros poemas, de Allen Ginsberg, **LePM-editores, prefácio, seleção**, tradução e notas de Cláudio Willer, chega-nos quase trinta anos depois de sua publicação nos EUA. Aliás, só agora se dá para valer a descoberta da geração **beat** entre nós. Pouco importa insistir se chega cedo ou tarde. Importa é nos debruçarmos sobre o poeta e sua mensagem, e como assinala Willer, "nos ajudar a interrogar criticamente sobre nossa produção. Assim começa o poema "Uivo: Eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela loucura morrendo de fome, histéricos, nus/ arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada em busca de uma dose violenta de qualquer coisa/ "hipsters" com cabeça de anjo ansiando pelo antigo contato celestial com o dínamo estrelando da maquinaria da noite./

Escritos de William Blake é o sexto volume da coleção Rebeldes e Malditos, da LePM. A tradução é de Alberto Marsicano e Regina de Barros, com introduções de Yeats e Eliot, sendo que alguns dos poemas são também publicados em inglês. Nascido em 1757 e morto em 1827, Blake não só marcou a poesia de sua época como sua influência se faz sentir em muitos poetas do século XX. Desde cedo ele passou a ter estranhas visões, intensas e coloridas — e isto se refletiu na sua obra. Para Yeats, Blake foi "mais puramente um poeta do que qualquer outro em seu tempo"; e Eliot acentua: "Blake foi dotado de uma capacidade de compreensão da natureza humana considerável, de um senso de linguagem e de uma musicalidade da língua notável e original, e da dádiva de uma visão alucinada". Exemplo de sua arte neste **Poema**: "Num grão de areia ver um mundo/Na flor silvestre a celeste amplidão/Segura o infinito em sua mão/E a eternidade num segundo./"

Fronteira azul carregada de futuro, A. Vicente Campinas, Ed. do Autor. Ficcionista, memorialista, poeta, combatente experimentado nas lutas do povo português, tendo vivido no exterior durante a ditadura salazarista, Campinas vem, ao longo dos anos, realizando uma obra coerente e que se qualifica por seu forte conteúdo humano, sua carga de denúncia, sua clara visão do homem e sua destinação. Ele assinala repetidamente que se, "com seu trabalho de escrita, qualquer pessoa pode conseguir a transmissão de suas idéias, mais ou menos perfeitas ou imperfeitas, a determinadas camadas de gente sensível aos atropelos da injustiça sobre os mais desfavorecidos de uma sociedade de explorados e exploradores, deve com isso sentir-se compensado". Mas na obra de Campinas, marcada pela denúncia e pela ironia, para além disso nota-se também uma preocupação com o como dizer. Eis um trecho do poema "A outra poesia", onde ele glosa uma Festa de Poesia efetuada em Afife: "Enquanto os meus irmãos (ou adversários)/poetas portugueses/e universais/se entretêm a descascar a querida Poesia/afifando-lhe em Afife/o fogo da beleza que merece/eu velho perseguidor/de um lugar ao sol no seu rebanho/descasco batatas e cebolas/para a panela de sopa poética/que há-de aconchegar o espaço/onde florece o estômago da fome./"

REGISTRO

Canudos na literatura de cordel, *José Calazans, Ed. Atica. A controvertida figura de Antonio Conselheiro vista através da literatura de cordel. O Autor, da Universidade da Bahia, colheu documentos valiosos, que se juntam aos versos onde se fala de Canudos, reunindo além dos ABCs recolhidos por Euclides da Cunha, mais quatro importantes folhetos populares. Vol. 110 col. Ensaios.*

* * *

A vida no barbante — A literatura do cordel no Brasil, *Candice Slater, Ed. Civilização Brasileira. Minucioso estudo da literatura de cordel, por uma brasilianista que viveu dois anos entre nós dedicando-se a examinar esta manifestação cultural popular. A Autora apoia seu trabalho em bases sociológicas seguras e numa conceituação teórica da antropologia cultural, além da pesquisa de campo.*

* * *

Política cultural, *Marilena Chauí, Antonio Candido, Lelia Abramo, Edélcio Mostaço, Ed. Mercado Aberto. Os Autores, nomes sobejamente conhecidos, buscam romper com a tradição elitista da área e refletir sobre a classe trabalhadora e de que maneira ela não só deve participar, mas também contribuir para uma efetiva política cultural. Volume 1 da Série Tempo de Pensar, co-edição com a Fundação Wilson Pinheiro.*

Manaus, amor e memória, *Thiago de Mello, Ed. Philobiblion. Um hino de amor à Manaus, mais especificamente, e ao Amazonas, de forma indireta. O Autor fala, com lirismo e paixão, da cidade, das florestas, do povo, de tudo enfim que feriu sua sensibilidade. Antes de seu ABC-dário íntimo para uso público: "um ABC que já perdeu a voz mas nos ensina a soletrar o tempo", ele nos diz de como e porque o livro nasce.*

* * *

História da sexualidade — II — O uso dos prazeres, *Michel Foucault, Ed. Graal. Discutido filósofo e historiador francês falecido em meados deste ano, Foucault trabalhou longamente nesta obra. Esta 1ª parte só viria a aparecer oito anos após a primeira. Ao examinar a genealogia do desejo a partir da mais remota antigüidade, ele coloca, ao mesmo tempo, importantes questões sobre a formação da moral.*

* * *

Como aprendi a escrever, *Máximo Gorki, Ed. Mercado Aberto. Neste ensaio autobiográfico, Gorki conta de que maneira se aproximou da literatura, e a partir daí passou também a escrever, sua luta com a palavra (paralela à sua luta pela sobrevivência), suas descobertas e inquietações. Este pequeno texto autobiográfico, tranqüilamente, ser colocado ao lado de outros que ele deixou, como* **Infância; Ganhando meu pão, Minhas universidades.**

* * *

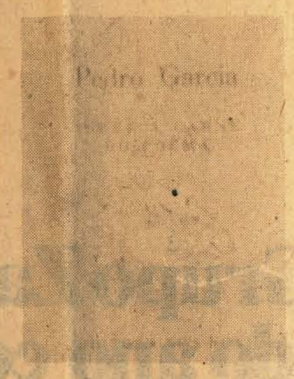
UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O livro em Santa Catarina/84















Um rápido exame do ano que finda revela, no que diz respeito ao livro em Santa Catarina, que se a produção não foi excepcional em termos de quantidade (e qualidade) foi bem acima da média. Ao longo de 1984 foram sendo lançados no mercado livros para todas as áreas do conhecimento, deixando uma contribuição variada e válida, visando um melhor conhecimento da nossa realidade e de nossa gente.

Numa análise do problema deve-se levar em conta, em primeiro lugar, a profunda crise que o País atravessa, talvez a maior de todos os tempos, com reflexos que se fazem sentir em todos os campos. Claro que o mercado do livro teria que se ressentir disso. Como conseqüência, num período de um ano os preços quase quadruplicaram.

Ainda assim, considerando-se a Editora da UFSC, a Editora Lunardelli, a Editora Noa Noa, a FCC-edições, publicações alternativas financiadas pelos próprio autores, alguns títulos de autores do Estado lançados por editoras de fora, teremos um número significativo, que se aproxima do sessenta, entre ensaios, teses, didáticos, poesia, conto, romance, crônica, etc. Certo que algumas editoras (e aqui nos lembramos da FCC-edições) poderiam e deveriam ter publicado mais; outras, como a Noa Noa, continuam voltadas para um tipo de livro quase artesanal, de alta qualidade gráfica e trazendo autores considerados difíceis, para uma faixa específica de leitor.

Não vamos, neste balanço, nos deter nos títulos da Editora da UFSC (quase 40). Ao longo do ano foram eles noticiados à medida que iam sendo colocados à disposição dos leitores. Só na segunda quinzena de dezembro, três novos títulos foram lançados: **História de São Francisco do Sul**, de Carlos da Costa Pereira; **Educação física**, de Alberto Saturno Madureira; **Prisão: um parodoxo social**, de Odete Maria de Oliveira. Também das demais editoras a maioria foi resenhada, seja pela coluna seja nas páginas de O ESTADO ou de outros jornais.

Aqui, vamos nos referir a alguns títulos que, por um ou outro motivo escaparam ao registro da coluna. Certamente, por não nos haver chegado, ou por não termos tomado conhecimento, algum título ainda assim deve ter escapado ao balanço.

Comecemos pelo conto. Um veterano e dois novos estão na praça com livros que confirmam nossa antiga acertiva de que dois gêneros se destacam, em Santa Catarina, no campo da criação literária: o conto e a poesia.

Com **Os eleitos para o sacrifício**, publicado pela Ed. Movimento, Holdemar Menezes confirma suas qualidades de ficcionista, reunindo uma série de histórias marcadas pela força narrativa e por flagrar com precisão a nossa realidade. Ele, por igual, se mantém fiel ao seu universo e se renova no retrato que traça de um mundo de desencontros e frustrações. Já Amilcar Neves, neste **Dança de Fantasmas**, ironicamente subintitulado "contos de amor", prêmio Virgílio Várzea/1983, lançado pela FCC-edições co-edição L e PM, confirma as qualidades de seu volume de estréia (**O insidioso fato — algumas historinhas cínicas e moralistas**), retraçando com ironia mas também com sensibilidade um quadro que "revolve mazelas e disseca traumas", como assinala na "orelha" Iaponan Soares. Também com um segundo livro de contos aparece Bento Silvério. A propósito de **O último desejo**, publicado pela editora Movimento, cremos que caberia o que dissemos em resenha ao livro anterior: "buscando seu melhor meio de expressão, ele vai do realismo à alegoria, da introspecção à ironia, sempre com um toque bastante pessoal, numa prosa que flui e preocupado com o fato social".

Também no romance mais três são os títulos a registrar, dois deles pela Editora Lunardelli: **Confissões de uma filha do século**, de Silveira Júnior, onde uma de sete moças que vêm do interior para a cidade grande narra, através de um diário, o que foi sua vida e as lutas que enfrentou até se tornar alguém; **Um beijo na tempestade**, de Cláudio Bersi de Souza, chega à 2ª. edição e conta, em termos ficcionais a experiência do próprio autor como homem do mar, ele mesmo afirmando que fez "um romance do mar, vivido entre tormentas e bonanças". Já **A cachoeira do pilões**, de Pedro Antônio Corrêa, é edição do autor, trata do encontro-desencontro de uma "família peninsular que se separou, durante o ciclo das grandes navegações, dois dos seus membros embarcados para o Brasil", conforme acentua Wilma de Castro Valente no prefácio.

Seis são os livros de poesia a anotar, sendo três deles os vencedores do Prêmio Estadual de Poesia Luís Delfino/1983, da FCC-edições (**Força de expressão**, de Carlos Damião; **A sagração da matéria**, de José Gomes Neto; **O ciclo da imagem**, de Artêmio Zanon). Não é fácil situar, em poucas linhas, a proposta dos três autores, ainda mais, sabendo-se que não houve um primeiro colocado, mas três prêmios idênticos. De qualquer maneira, parece-nos, enquanto Damião é mais contido e centrado no dia-a-dia e na preocupação social, Gomes Neto busca a precisão do texto, reelabora o verso mas sem esquecer o ser humano, e Zanon, conforme assinala na "orelha" Silveira de Souza, incorpora mais um título a "uma obra poética em construção, pródiga e vária". Da Editora Noa Noa é **Sobre a carne do poema**, de Pedro Garcia, nome bastante conhecido, que aqui realiza uma nova experiência, trabalhando seu material poético sobre notícias de jornais aos quais dá maior dimensão. **Poesia Sertaneja**, edição Lunardelli/RBS-TV, reúne os vencedores do 1º. concurso nacional de poemas do gênero, tendo participado centenas de autores de todo o País, representando, no dizer do crítico Lauro Junkes, que assina a orelha, "um marco de integração nacional". Por último, **Poesias póstumas**, editado pela Federação Espírita Catarinense, reúne trabalhos de um autor que deixou obra prolífica em gêneros os mais variados, sendo seu primeiro livro de 1914 e este de agora com cerca de 600 páginas, onde ele verseja temas diversos.

Da FCC-edições é o volume **dramaturgia**, reunindo os trabalhos vencedores do III Concurso Estadual/83, que premiou, na categoria adulto, **Em tua homenagem ou não**, de José Darcy da Silva Jr. (1º. lugar), e **Aguardia**, de Silvia Gioso (2º. lugar), e na categoria infantil, **A viagem do pescador na ilha dos quadrados**, de Valmor Beltrame (1º. lugar), e **Papelões do quartel**, de Clécio Antônio Espezim (2º. lugar).

Outros títulos: **Guerra civil em Caçador**, de Nilson Thomé, Ed. Fearpe/Caçador-Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, onde o autor retoma um tema que lhe é caro, enfocando aqui a participação de Caçador nas lutas que durante quatro anos enlutaram os catarinenses; **Morte na ferrovia do carvão**, de Pedro Albeirice, Ed. do Autor, toma um fato real e nele injeta personagens e situações fictícias; **Anotações do Front italiano**, de Ferdinando Piske, FCC-edições, são as memórias de um expedicionário e do que ele viu e sentiu na frente italiana; **História de Joinville**, de Apolinário Ternes, ed. do autor, examinando os fatos históricos ao longo dos 130 anos de fundação do município; **Ondas mentais positivas**, de Mari T. Koeche, Ed. da Autora, que na apresentação diz que o livro "é um manual prático destinado ao desenvolvimento de capacidades como: a descoberta de talentos escondidos, a intensificação da intuição e da percepção, o aceleramento das células curativas, respostas através dos sonhos e outros poderes que permitem a você controlar sua vida conseguindo a saúde, a riqueza e a felicidade"; **Função Social do Estado contemporâneo**, de Cesar Luiz Pasold, co-edição Ladesc, procura, conforme o prof. Paulo Blasi, que assina a Apresentação, "subsidiar, a nível de ambiente acadêmico, exercício críticos quanto ao Estado Contemporâneo, especialmente no que concerne à função social por ele exercida".

Para concluir: **Santa Catarina — A Ilha**, de Virgílio Várzea, edição comemorativa do cinquentenário de criação da Imprensa Oficial do Estado. Um trabalho importante, publicado pela primeira vez em 1900, e que volta agora numa edição modelar sob o ponto de vista gráfico, devolvendo-nos um texto que merece ser lido num livro que deve ser carinhosamente guardado. Em apêndice, estudo de Victor Antônio Peluso Júnior: **A Ilha de Santa Catarina no último quartel do século XX.**

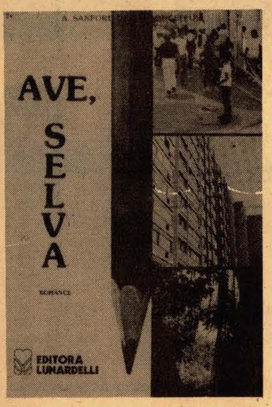
UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

332

Uma crônica de costumes

Através do Sr. Morena, espécie de fio condutor, temos uma crônica de costumes (maus costumes, na maioria das vezes) centrada numa cidade indeterminada, mas que pode ser facilmente localizada, amálgama de muitas que conhecemos por aí. Como (re)conhecemos muitos dos seres que transitam pelas páginas deste **Ave, Selva**, romance de A. Sanford de Vasconcellos, que acaba de aparecer pela Ed. Lunardelli.



Quarto livro do autor, nele Vasconcellos se mantém fiel a um tipo de escrita que retrata determinados segmentos da nossa sociedade. Também aqui estão presentes seus diálogos rápidos e sua constante ironia.

Ao lado do Sr. Morena, anjo mau que de tudo se vale para "subir na vida", há figuras patéticas como o Chico do Tesouro, inocente na sua ingenuidade que, de repente, desiludido, "caindo de ébrio, o surrado terno em desalinho... discursava na calçada o braço erguido como Cristo Redentor" deblaterando... "castigo pra rico, existe isso?"

Mas não só destas duas figuras vive a trama do autor. Ele se utiliza, para desenvolver sua história, de uma variada comparsaria, a fim de recriar climas e situações, valendo-se de mudanças de enfoque de acordo com a necessidade da proposta ficcional.

REGISTRO

O discurso oral em Grande Sertão: Veredas, de Teresinha Souto Ward, Livraria Duas Cidades/Pró-Memória/INL. Embora a fortuna crítica do autor seja das mais substanciais, a riqueza e profundidade da obra de Guimarães Rosa comporta sempre novas abordagens. Aqui, realizando uma pesquisa de campo e outra de gabinete, a Autora oferece um novo aporte crítico, dentro de uma hipótese nova, para chegar mais intimamente ao universo ficcional e mítico roseano. Centrada na oralidade do texto, ela toma como proposta básica de sua visão o fato de que o romance de Guimarães Rosa "é um discurso escrito para ser lido como se estivesse sendo ouvido".

* * *

Alguns temas da literatura brasileira, de Pavla Lidmilová, Ed. Nórdica/Pró-Memória/INL. Há mais de 15 anos esta escritora tcheca vem se debruçando sobre a literatura brasileira, divulgando-a. Este livro é parte do seu trabalho — e ainda que sejam colaborações publicadas esparsamente, ao final adquirem unidade. Ela vem do indianismo até sociedade, terra e homem no romance contemporâneo, passando pela ficção regionalista e pelo conto. Referindo-se a Guimarães Rosa, por exemplo, que Pavla considera "contista por excelência", diz que ele condensou sua obra "nos símbolos lingüísticos que revelaram a surpreendente riqueza dos significados". Tradução da própria autora.

* * *

Aspectos da literatura colonial brasileira, de Oliveira Lima, Ed. Francisco Alves/Pró-Memória/INL. Oportuna reedição de um livro que analisa as manifestações literárias no Brasil colônia dentro de uma proposta filosófica e metodológica incomuns à época. O Autor é mais conhecido como historiador, em especial por seu **D. João VI no Brasil**. Na Introdução, Hildon Rocha, diretor editorial da coleção "Dimensões do Brasil", de que este é o volume 16, diz que Oliveira Lima "talvez pensasse em ser crítico literário e não historiador político e diplomático, tal é a preocupação, exibida nos **Aspectos**, de demonstrar sua capacidade crítica, seu conhecimento vasto e profundo da literatura colonial".

* * *

Jorge Amado, Km 70, revista Tempo Brasileiro, nº. 74. Número monográfico, comemorativo dos 70 anos do nosso mais conhecido e admirado romancista. São diferentes visões críticas, abordando aspectos variados de seu fazer literário, que vão do antropólogo Roberto da Matta ao professor e ensaísta Eduardo Portella, passando por Maria do Carmo Pandolfo, Afonso Romano de Sant'Anna, Ilana Strozemberg, Luciana Stegagno Picchio e Vera Figueiredo. Contribuições significativas para um melhor conhecimento da obra amadiana.

* * *

Machado de Assis, crítico da classe ociosa, de Cassiano Nunes, Ed. do Autor. Deixando por um momento de lado sua preocupação com Monteiro Lobato, de quem vem recolhendo cartas esparsas e analisando aspectos da vida e da obra, por um lado, e por outro esquecendo sua própria obra poética, Nunes nos dá, nesta plaqueta, uma visão não muito estudada do bruxo do Cosme Velho. Partindo de anotações por vezes sucintas, o próprio Nunes poderia, quem sabe, desenvolver o tema, tão importante, para um trabalho de maior fôlego, que viria enriquecer ainda mais a bibliografia machadiana.

* * *

Blaise Cendrars, o Aleijadinho e o Modernismo Brasileiro, de Adrien Roig, Ed. Tempo Brasileiro. A partir de um contato eventual com Oswald de Andrade e Tarsila, em Paris, e de um convite para conhecer o Brasil, Cendrars apaixonou-se por nosso país, aqui voltando várias vezes, mantendo íntimo relacionamento com figuras do modernismo e entusiasmando-se em especial com a obra do Aleijadinho. Agora, outro interessado nas coisas brasileiras, Roig, procura recuperar do passado a presença do poeta francês no Brasil, o que ele tentou realizar, inclusive um frustrado romance que teria como base a figura do grande escultor mineiro. São três ensaios ("Encontro com a poesia moderna: Blaise Cendrars e Oswald de Andrade"; "Tarsila do Amaral e Blaise Cendrars ou o encontro da pintura e da poesia"; "Encontro com a arte barroca: Blaise Cendrars e o Aleijadinho"), todos de grande interesse.

* * *

O canibalismo amoroso, de Affonso Romano de Sant'Anna, Ed. Brasiliense. Jornalista, poeta, ensaísta, professor — de tudo isto se vale o Autor para esta sua instigante análise, que ele subintitula de "O desejo e a interdição em nossa cultura através de poesia". Para se ter uma idéia da abrangência do livro e da proposta de Affonso, eis os capítulos: Mue desejo é...; A mulher de cor e o canibalismo erótico na sociedade escravocrata; Da mulher esfinge como estátua devoradora ao **strip-tease** na alcova; Do canibalismo melancólico sobre o corpo da amada à eroticidade de Lúcifer; Manuel Bandeira: do amor místico e perverso pela santa e a prostituta à família mítica permissiva e incestuosa; Vinícius de Morais: a fragmentação dionisíaca e órfica da carne entre o amor da mulher única e o amor por todas as mulheres."

Prêmio Nórdica de Jornalismo Literário/1984

Para estimular todos os que no Brasil se dedicam à divulgação da produção literária, na imprensa, rádio e televisão, a Nórdica instituiu em 1974 o Prêmio Nórdica de Jornalismo Literário, ao qual concorrem os jornalistas que trabalham no setor, mesmo que não especificamente inscritos para o efeito.

Este ano, 10 anos depois, a Nórdica vai premiar mais um jornalista literário, estando prevista a indicação em agosto próximo para coincidir com a Bienal do Livro de São Paulo.

O Prêmio Nórdica 1984 é constituído por uma plaqueta de prata, peça única do joalheiro Hans Stahr, e uma importância estipulada este ano em Cr$ 1 milhão.

Haverá um júri que apreciará os concorrentes indicados e escolherá o vencedor. E, por falar em vencedor, aqui está a lista dos que, até hoje, já foram premiados: Remy Gorga Filho (**Jornal do Brasil**), Leo Gilson Ribeiro (**Veja**), Paulo Fontoura Gastal (**Correio do Povo**), Carlos Menezes (**O Globo**), Geraldo Galvão Ferraz (**Playboy**) e Manoel Carlos (**TV Globo**).

Salim Miguel

Jango - filme e livro importantes



O documentário **Jango**, de Sílvio Tendler, vem recuperar parte da memória do País; e traz, até as novas gerações, fatos que eles ignoravam por completo, ou lhes chegavam de forma deturpada. Por isso o sucesso retumbante e imediato. É boa parte de nossa história que ressurge das sombras, num momento importante, quando se tenta consolidar a abertura democrática. Onde quer que o filme tenha sido exibido (em sessões especiais, em festivais, em cinemas normais) o êxito é o mesmo.

Agora, calcado no filme, surge **Jango**, livro, trazendo para o leitor, através de ampla documentação visual e do texto de Maurício Reis, a proposta de Tendler. A edição é da LePM. E o subtítulo, "Como e porque se depôe um Presidente", ajuda a situar o trabalho.

Jango contém mais de 100 fotografias e reproduz depoimentos do filme, de pessoas que tiveram, de um lado ou do outro, participação direta nos fatos, como, por exemplo, o General Andrade Muricy ou Leonel Brizola. Ainda, entre tantos, o líder estudantil Aldo Arantes e o jornalista Raul Ryff, Francisco Julião e Celso Furtado. Complementam o livro: a entrevista de Tendler à "Veja" e ficha técnica completa do filme.

Premiado como Melhor Filme pelo júri popular do XII Festival de Gramado, e com o Troféu Margarida de Prata da CNBB, elogiado unanimemente pela crítica, parece-nos que este trecho do crítico de "Veja" sintetiza bem a proposta do filme: "seja qual for a opinião que se tenha a respeito da tumultuada trajetória de João Goulart, será impossível assistir com indiferença ao filme de Sílvio Tendler."

Por tudo isto, o livro agora publicado é de suma importância para todos que queiram melhor se debruçar sobre o trágico passado recente do País, tenham eles visto ou não o filme.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

333 - MIGUEL, Salim. Livros – O melhor de Marques Rebelo .... **O Estado,** Florianópolis, 14 out.1984.

O MELHOR DE MARQUES REBELO

Selecionar os melhores contos de Marques Rebelo não é tarefa fácil. Por um simples motivo: tudo na ficção dele é melhor. Vai depender, então, de um fator imponderável e subjetivo, que se chama gosto. Ele (O gosto) se situa para além da qualidade intrínsica e extrínsica do trabalho.

Dono de um estilo personalíssimo, Rebelo sabia, como poucos, traçar um quadro, sugerir, fundir lirismo e ironia, erguer uma figura dando-nos humanidade em rápidas pinceladas, situar-se naquele Rio que ele tanto amou — um Rio a que ele dava dimensão universal.

Continuador de uma escola que vem de Manuel Antonio de Almeida, passando por Machado de Assis e Lima Barreto, ele foi, sem dúvida, um de nossos grandes ficcionistas. Morto faz uma dezena de anos, só a distância começa a mostrar o que Rebelo representou para as nossas letras.

Daí ser importante (e correta) a seleção de Ary Quintela para esta edição de **Os melhores contos de Marques Rebelo**, que acaba de aparecer pela Global Editora, SP.

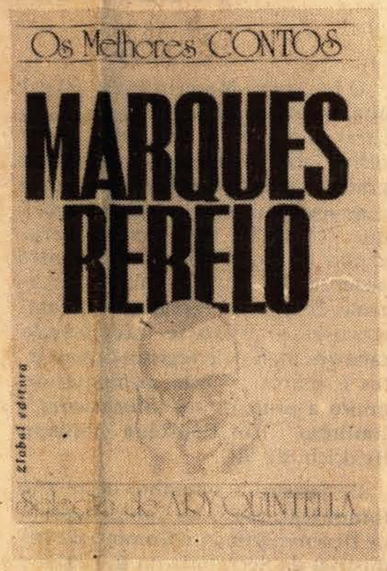
É correta porque, além de nos oferecer exemplos significativos da prosa rebeliana nos dá, por igual, uma visão do também importante ficcionista carioca (e dizemos carioca na mais profunda acepção do termo) Ary Quintela.

Não vamos aqui colocar a velha e revelha questão: foi reunido no volume e que de mais representativo nos legou, no campo da história curta, o autor de **Espelho Partido**? Repetimos o que dissemos em comentário anterior para volume da mesma coleção da Global: foi e não foi.

Foi porque temos, nos trabalhos enfeixados, um pouco do autêntico Rebelo, em histórias extraídas desde seu primeiro livro (**Oscarina**), até contos avulso, revelando sua preocupação com o ser humano e o texto, seu trabalho minucioso com a palavra, sua busca da melhor estrutura ficcional, como que para ele era a história curta, com a visão que ele tinha daquela humanidade miudinha e sofrida de um Rio suburbano que desapareceu ou tende a desaparecer bem logo.

Em longas conversas com Rebelo, durante anos de convivência, muitas vezes lhe indagávamos o porque de ele, contista dos mais completos, havia praticamente deixado de escrever contos. E ele: basicamente por dois motivos, primeiro porque estava se dedicando em tempo integral ao ambicioso projeto de **O Espelho Partido**, vasto painel do Brasil de sua época, e segundo porque dominava a técnica do conto tão bem que não sentia mais emoção em escrever um conto, temendo repetir formas e fórmulas. Infelizmente a morte o levou antes que concluísse **O Espelho Partido.**

Dissemos que a seleção de Quintela foi e não foi correta. Agora a segunda afirmativa. Não foi porque, a nosso ver, contos



como "Em maio"; "Onofre, o Terrível, ou a sede de justiça", ou qualquer um dos reunidos em "Três caminhos", não poderiam estar ausentes. Agora, quem nos diz que outros rebelianos não teriam títulos a acrescentar (ou a retirar) da nossa seleção? Isto é bom, pois mostra que Rebelo continua muito vivo e inquietando, com seu sarcasmo e sua literatura.

A PRÁTICA DO ATLETISMO

Um livro objetivo e prático — **Antologia do Atletismo,** metodologia para iniciação em escolas e clubes, de August Kirsch, Karl Koch, Ubirajara Oro, tendo coordenação do prof. Jurgen Dieckert e revisão técnica de Ubirajara Oro — acaba de aparecer pela Editora Ao Livro Técnico. Vm ele ao encontro não só de um público escolar, mas de todos que desejem se aperfeiçoar fisicamente.

Para os autores, "os resultados obtidos em altura, distância e velocidade nada mais são do que a conseqüência de um correr, lançar e saltar. As crianças necessitam do desenvolvimento destas habilidades, que deveriam ser ministradas nas escolas brasileiras, sob as formas de corrida, lançamento e salto."

Dividido em vários capítulos, o livro apresenta as técnicas para a implantação e aprimoramento dessas três habilidades básicas para o preparo do Atletismo, unindo teoria e prática.

Diz o coordenador do volume, prof. Jurgen Dieckert, professor **visitante da Universidade Federal de Santa Maria, RS: "Os fantásti**cos resultados obtidos em altura, distância e velocidade, em conhecidas competições internacionais de Atletismo, realizadas em estádios perfeitos, com as técnicas mais aprimoradas, nada mais são do que a conseqüência do correr, lançar e saltar."

E mais adiante: "O Atletismo para crianças e jovens apresentado nesta antologia pode também ser praticado sob as condições mais elementares. Por esta razão, este livro (a edição original é alemã) se adapta também ao Brasil, mesmo quando as instalações para a realização de competições de Atletismo se apresentam deficitárias ou ausentes."



REGISTRO

Os melhores contos, *Moacyr Scliar, seleção de Regina Zilbermann, Global Ed. Mais um volume desta coleção que vem traçando um mapeamento do conto no Brasil através de alguns de seus principais cultores no passado e no presente. Aqui temos uma excelente visão de Scliar, marcado sempre pela precisão narrativa e pelo humor. Bons exemplos de sua técnica são "A balada do falso Messias", "O dia em que matamos James Cagney", "O anão no televisor", "Os contistas".*

* * *

No bar, *Luiz Vilela, Ed. Ática. Com este livro, publicado em 1968 (que agora reaparece em 2.ª edição), Vilela confirmava suas qualidades de contista, consagrado a partir de 1967 com o lançamento de* **Tremor de terra:** *num estilo que flui, direto e sensível na recriação de fatos do cotidiano que ele domina e sabe captar como poucos.*

* * *

A chave de vidro, *Dashiell Hammett, trad. de Marcos Santarrita, col. Circo de Letras, Ed. Brasiliense. Poucos livros deixou Hammett, mas todos de alta qualidade. É bom reencontrar aqui sua prosa forte, seu retrato da sociedade americana. Tendo como ponto de partida a morte de um senador, Ned Beaumont nos conduz através de uma trama que envolve corrupção, gangsterismo, assassinatos, ambições políticas e traições familiares.*

* * *

Almoço nu, *William S. Burroughs, trad. de Mauro Sá Rêgo Costa e Flávio Moreira da Costa, col. Circo de Letras, Ed. Brasiliense. As experiências de alguém que viveu e conviveu com o mundo das drogas, seu mergulho nesse mundo e sua luta para dele sair. É importante ler com atenção o depoimento de introdução ao livro, onde o Autor fala de sua luta ao "acordar da doença", como ele diz, doença cujos componentes eram drogas e vício, homossexualismo, corrupção, tirania psiquiátrica, perversões e crimes.*

* * *

Odeio reuniões, *de Stephen Baker, com cartuns de Arnie Levind, trad. de Jaguar, Ed. Melhoramentos. Humor em cima de um tema controvertido: se todo mundo abomina reuniões por que então se insiste não só em fazer reunião de tudo e para tudo e delas participar? A partir daí, o autor dá algumas dicas. Por exemplo: como participar de uma reunião e pôr o sono em dia; ou como parecer uma autoridade mesmo não sendo; ou como acrescentar mais confusão à confusão.*

* * *

O mais vendido, *Toninho Neto, LePM-editores. Um novo humorista na praça. Que não se satisfaz com menos; já a partir do próprio título diz ao que vem. Mas como se isto não bastasse vem munido de variados prefácios do Veríssimo, do Woody Allen, do Sartre, do Millôr. E mais prefácios teria se para tantos prefácios tão curto não fosse o espaço disponível. Agora é ler e concordar (ou não) com os autoprefácios de tantos autores diferentes.*

* * *

Nick Homes, *Alex Raymond, LePM-editores. Os quadrinhos estão de volta, seja enfeixando histórias de humor, mistério, ficção científica, policial. Aqui de um dos grandes do gênero: Alex Raymond, que inclusive foi parceiro de Dashiell Hammett. Nick Holmes (nos EUA, Rip Kirby) também no Brasil fez sucesso em tempos passados. Nesta primeira história, de 1946, o detetive particular aparece já com todos os elementos que fixariam sua figura nas quadrinizações seguintes.*

* * *

Fora de órbita, *Thomas H. Block, trad. de Luiz Corção, Ed. Record. Um avião de passageiros foge ao controle do piloto e passa a girar desgovernado em torno da terra. A partir daí, envolvendo tripulações e passageiros, tudo pode ocorrer. O autor volta com um novo romance tendo a aviação por tema, juntando pesadelo, emoção, suspense.*

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ALMIRO CALDEIRA

334

III

Chegamos à terceira e última parte da entrevista com Almiro Caldeira. Aqui ele volta a explicar os principais motivos que o levaram a realizar uma ficção calcada, quase toda, no passado da Ilha de Santa Catarina, recuperando-a; fala de seu livro de contos Maré Alta, **acentuando que "embora tenham entrecho imaginário, essas "histórias da ilha" procuram retratar o homem típico das nossas praias, a gente que remanesceu das raízes açorianas", diz de suas influências e preferências, mostra os motivos que o levaram a trocar a Ilha por Porto Alegre e termina afirmando que se o panorama das letras em Santa Catarina "não cresceu como seria desejável, por certo acusa progresso expressivo". No próximo domingo, dia 29 estaremos dando início à quinta entrevista desta série** Ficcionistas de Santa Catarina, **feita por Silveira de Souza com Enéas Athanázio.**

"Lamento que a espécie esteja desaparecendo sob a avalanche massificadora dos instrumentos de comunicação, o que levou a dizer, no pórtico do livro, que a minha ficção de hoje poderá transformar-se no documentário de amanhã".



AC (em 1946, aos 26 anos) e seus irmãos Fernandino e Dalmiro (sentados), José e Lauro.

Sua obra toda se calca no passado da Ilha de Santa Catarina. Onde são feitas as pesquisas para o embasamento histórico da trama ficcional?

Não só o passado ilhéu, mas também o presente (este em menor escala) formam o pano de fundo da minha novelística. A preferência pelo passado possivelmente se explique pelo fato de que é mais fácil romantizar, poetizar e idealizar o que foi do que o que é. A realidade de todo-o-dia, que nos entra pelos olhos cruamente, como transfigurá-la? Sei que se pode fazê-lo, pois os fatos não existem senão na interpretação que lhes damos, mas exige um esforço, em engenho, que só logrará compensação se chegar a atingir o convencimento de quem lê. Daí, creio, a tendência ao retorno daquilo que já passou, numa tentativa de reelaborar a vida, reordená-la, se possível corrigi-la, numa forma de passagem a limpo do borrador do tempo.

Excetuando as pesquisas que fiz diretamente nas áreas rurais de Florianópolis, levantando o folclore do ilhéu, os seus ditos, a sua filosofia de vida e de morte, a sua paisagem, as demais pesquisas — de natureza histórica — são feitas nos excelentes livros da nossa rica historiografia.

Fale-nos sobre o seu último livro publicado.

Saiu em 1980, intitula-se **Maré Alta** e consiste numa coletânea de contos ambientados na Ilha de Santa Catarina, onde não há linha bem definida entre a verdade e a ficção — digo na apresentação do volume. Embora tenham entrecho imaginário, essas "histórias da ilha" procuram retratar o homem típico das nossas praias, a gente que remanesceu das raízes açorianas, com as características tipificadoras que tanto a singulariza na fisionomia social do País. Lamento que a espécie esteja desaparecendo sob a avalanche massificadora dos instrumentos de comunicação, o que me levou a dizer, no pórtico do livro, que a minha ficção de hoje poderá transformar-se no documentário de amanhã. Um valor extraliterário...

Quais as suas maiores influências literárias?

A propósito de **Ao Encontro da Manhã**, um crítico levantou a suposição de que fui fundamente influenciado por José de Alencar. Lastimo tão tarde ter lido esse admirável autor, que descobri muito depois de escrever aquele romance. Na verdade, aos 13 anos li **O Guarani**, sem consequências. **Iracema**, que foi apontado como meu livro de cabeceira, que muito me teria influenciado, confesso só ter lido depois que o crítico — aliás um excelente mestre, de alto conceito — indicou a mencionada aproximação. Como é temerário fazer-se certas colocações nesse terreno escorregadio!

A admiração da minha juventude — por que esconder? — foi Coelho Neto, hoje totalmente esquecido; a maior influência veio dos clássicos portugueses e do até hoje insuperável Eça de Queiroz, e entre os brasileiros, Machado de Assis, Monteiro Lobato, Érico Veríssimo. A inspiração devo aos catarinenses Virgílio Várzea, Crispim Mira, Tito Carvalho, Othon D'Eça.

Qual a sua participação em antologias, ensaios, enciclopédias?

Compareço em duas antologias: **Antologia de Autores Catarinenses**, organizada por Celestino Sachet, Editora **Laudes**, Rio de Janeiro, e **Panorama do Conto Catarinense**, organizada por Iaponan Soares, Editora **Novimento/INL.**

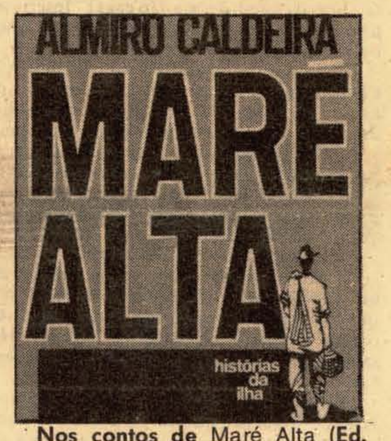
Ensaios e referências: Nereu Corrêa, in **Tapeçaria Linguística D'Os Sertões e outros Estudos**; Carlos Jorge Appel, in Introdução ao volume **Panorama do Conto Catarinense;** Celestino Sachet, in **A Literatura de Santa Catarina**; **Grande Enciclopédia Delta Larousse**, e notas críticas de autores diversos publicadas em jornais. Contos meus foram publicados em jornais e revistas, tais como 'Caderno de Sábado', do Correio do Povo, Porto Alegre e 'Ficção', revista dedicada excessivamente ao conto, Rio de Janeiro.

Por que trocou a Ilha por Porto Alegre?

Porto Alegre foi, na minha infância, a Tubarão de Flávio José Cardozo, guardadas as proporções. Foi a cidade-miragem, a metrópole com bonde elétrico, largas avenidas asfaltadas, arranha-céus e, principalmente, o lugar em que faziam-se de onde vinham os fascinantes livros que ostentavam na lombada estranho logotipo (naquele tempo se dizia marca): a letra era esguia como um pescoço de girafa assentada sobre um globo terrestre. Esses novos e belos livros, à vezes coloridos, traziam não raro ilustrações a bico-de-pena de Edgard Koetz ou Ernst Zeuner. Recebia-os o meu tio Laércio (escritor, um dos fundadores da Academia Catarinense de Letras), o mesmo que, por sinal, teve publicado um estudo sobre o município de São José naquele número do "Anuário Barriga-Verde" a que me referi no início desta entrevista. Voltando ao assunto, esses livros me encantavam e nesse encantamento envolviam a cidade grande do sul, que só vim a conhecer aos vinte anos de idade, após uma viagem tumultuada, sacolejante e aventurosa que deixa muito para trás, como passeio tranqüilo e pachorrento, e feita pelo grupo de escritores catarinenses em seu retorno da última Feira do Livro porto-alegrense, que mereceu pitoresco relato em saborosa crônica de Nereu Corrêa. É que o nosso ônibus (um autêntico calhambeque se comparado à viatura da UFSC) gastou 24 horas no percurso Florianópolis—Porto Alegre, trepidando, cabritando, desconjuntando-se sobre uma estrada de terra, de lama, de buracos e crateras (não existia a BR-101 e de Araranguá ao Mampituba o trajeto se fazia pela orla da praia), de modo que desembarquei na Praça Rui Barbosa massacrado e moído, extenuado, doente. Mas compensou, pois conheci a cidade idealizada, à qual, daí em diante, passei a visitar regularmente até que, em 1961, aqui cheguei para o lançamento do meu livro **Rocamaranha**, editado pela mesma casa que criara, para o menino de 1930, um mundo mágico feito de papel e tinta, letras e sonhos. Sempre acalentei o desejo de aqui morar, coisa que veio afinal a acontecer inesperadamente, sem que influisse a minha vontade, em resultado de circunstâncias aleatórias. E assim cá estou desde 1970. Embora saudoso da Ilha, me sinto perfeitamente feliz (tenho três netos gaúchos), a cada esquina esperando esbarrar com personagens do Érico, mas enquanto isso não acontece me satisfazem os frequentes encontros com esse fabuloso personagem de Deus chamado Mário Quintana.

Afastado há tantos anos do Estado, como é que você vê o panorama das letras em Santa Catarina nestes últimos anos?

Nestes treze anos que me separam do nosso Estado, não deixei de acompanhar a atividade cultural barriga-verde. Parece-me que, se não cresceu como seria desejável, por certo acusa progresso expressivo. Em 1970 não havia editora em SC, hoje há várias e bem equipadas, particulares e oficiais, como a Lunardelli, a da UFSC, a da UDESC, a da FCC, e da Associação Catarinense de Escritores, todas lançando razoável número de títulos por ano nos mais diferentes campos e gêneros. Especificamente na área literária, novos nomes surgiram e outros se consolidaram. Não os cito pelo óbvio motivo de não querer incorrer em omissões injustas. O que vejo, em suma, é a prosa e a poesia catarinense firmando-se, impondo-se, destacando-se no cenário nacional, a atestar que continuam vivas as estirpes dos Várzea e Cruz e Sousa.



Nos contos de Maré Alta **(Ed. Movimento, Porto Alegre, 1980), AC fixa aspectos de uma Ilha de Santa Catarina em extinção.**

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

HOLDEMAR MENEZES

I

"Não posso negar que São Francisco é uma marca forte em minha literatura. É a minha Macondo... E por que não o Ceará ou Rio? Porque, conscientemente, quando me dispus a fazer ficção, me dispus fazer uma literatura que pudesse ser classificada como catarinense."

Começando a publicar relativamente tarde (quando a praxe, entre nós, é quase todos nascerem gênios à la Rimbaud), isto permitiu que Holdemar Menezes fizesse sua estréia na ficção brasileira. Os demais livros, aparecidos, com regularidade, só fizeram confirmar as qualidades do primeiro e fixar a marca registrada de sua literatura.

Mas aqui ele explica que vinha escrevendo há muito — e que talvez não tenha publicado antes por uma espécie de pudor duplo: porque queria se convencer da necessidade do escrever e por não desejar ver o médico metido nesta coisa de fazer ficção. Ou, quem sabe, até com um certo temor de que suas clientes (médico de senhoras que é) não o procurassem ou se afastassem (da primeira vez saiu-me da máquina um "agastassem") do médico novo necessitado de clientela para iniciar a vida. E ele, cearense formado no Rio, veio iniciá-la (s) profissionalmente (carreira e vida) em São Francisco.

Mordido pelo vírus da literatura, não mais parou. Livros foram (e continuarão) saindo, escritos num estilo pessoal e numa linguagem dura. Como a realidade que nos cerca. Nono autor desta série Ficcionista Santa Catarina, **ele conta um pouco de sua carreira de médico e escritor, de suas preocupações como homem e como cidadão, de sua proposta ficcional, de seu processo criador e de projetos futuros.**

Ainda um esclarecimento: diante da aparição, neste mês, de um novo livro de contos de Holdemar, resolvemos antecipar a publicação da entrevista que nos concedeu, deixando para mais adiante a de Adolfo Boss Jr.

1 — Fale um pouco de sua infância no Ceará, dos estudos no Rio e de como e por que acabou indo clinicar em São Francisco.

Não tenho fixação na infância. Não sofro com saudades dela. A infância é mais um mito do que uma perda irreparável. Mas, fui um menino normal, membro da classe média ansiosa em galgar postos de mando, de conquistar fama e riqueza. Quando penso na infância, penso em Aracati, a cidade do Ceará onde o Jaguaribe, o maior rio seco do mundo, depois de percorrer 800 quilômetros de inanição, ainda consegue desaguar no oceano.

Ter sido criança, para mim, é ter morado em Aracati. Lá fiz o Curso Primário, tomei banho de chuva, nu, pelas ruas pavimentadas com capim-de-burro. Minha infância é também a fazenda do Major Francisco Joaquim Venâncio, meu avô materno. E todos sabem dos privilégios de uma criança numa fazenda, mesmo que uma fazenda situada no polígono das secas.

Fui estudar Medicina no Rio de Janeiro. À época, não havia Faculdade de Medicina em Fortaleza. Minha geração ia estudar Medicina em Belém do Pará, em Recife ou em Salvador. O importante era estudar na Bahia. Mais importante do que fazer Direito em Coimbra.

Optei pelo Rio pela oportunidade de ir residir na casa de uma tia, moradora em Bangú, viúva do maestro Manoel Brígido, ex-regente da Filarmônica de Penedo, cidade de Belmiro Gouvêia. Ela me falou muitas vezes da lendária e legendária figura de Belmiro Gouvêia, de sua luta para salvar a fábrica de linhas das mãos rapaces dos ingleses.

Quando procuro analisar a minha opção pela Medicina, admito que a minha "vocação" veio do desejo de escapar do bridão paterno e das intolerâncias da Igreja Presbiteriana.

No Rio, além de estudar Medicina, no período de 1941/1950, participei intensamente da política universitária e da política partidária. Fui Diretor de Alimentação da UNE, dirigindo o restaurante da Praia do Flamengo.

Formado, com estágio findo, e não desejando permanecer no Rio, aceitei o primeiro emprego que mé apareceu: cirurgião do Iapetc em São Francisco do Sul. Vale a pena dizer que quem me conseguiu o emprego foi o Gal. Canrobert Pereira da Costa, Ministro da Guerra, em cartão enviado ao presidente daquele Instituto, que era, ao mesmo tempo, presidente do Flamengo.

2 — Quais as suas primeiras sensações e emoções, na mais remota infância, as primeiras histórias ouvidas ou lidas, e como isto transparece (ou não) em sua literatura.

Guardo da remota infância duas emoções marcantes: meu primeiro dia de aula na Escola de Dona Francisca Clotilde e o empastelamento de "A Região", jornal de meu pai. Ainda sonho com os capangas destruindo as máquinas, virando as caixas de tipo, inutilizando as resmas de papel, numa tentativa de fazer calar a voz do único jornal de oposição do Vale do Jaguaribe.

Minha avó materna, conhecida como Dona Aninha Parteira, era uma emérita contadora de histórias de Trancoso. Após o jantar, se não havia novena, reunidos adultos e crianças, ela narrava, como uma profissional de teatro, com entonações de gestos, lindas histórias. De amor não correspondido, de cavalaria, de mistério, de assombração, de heróicos cangaceiros, de príncipes encantados, etc...

Havia um seriado — as histórias eram contadas por capítulos, como nas novelas de TV de hoje —, cujo personagem principal se chamava João Grilo, um indivíduo muito vivo, muito mentiroso, porém muito simpático. Muitos anos depois, em o "Auto da Compadecida", do Suassuna, vim a conhecer personagem muito semelhante com o que minha avó Aninha Parteira elaborava magistralmente.

Quanto a livros, havia muitos em nossa casa. Entretanto, só tínhamos acesso aos livros de Andersen, de Monteiro Lobato, de Grimm e ao Tesouro da Juventude. Revista era o Tico-Tico.

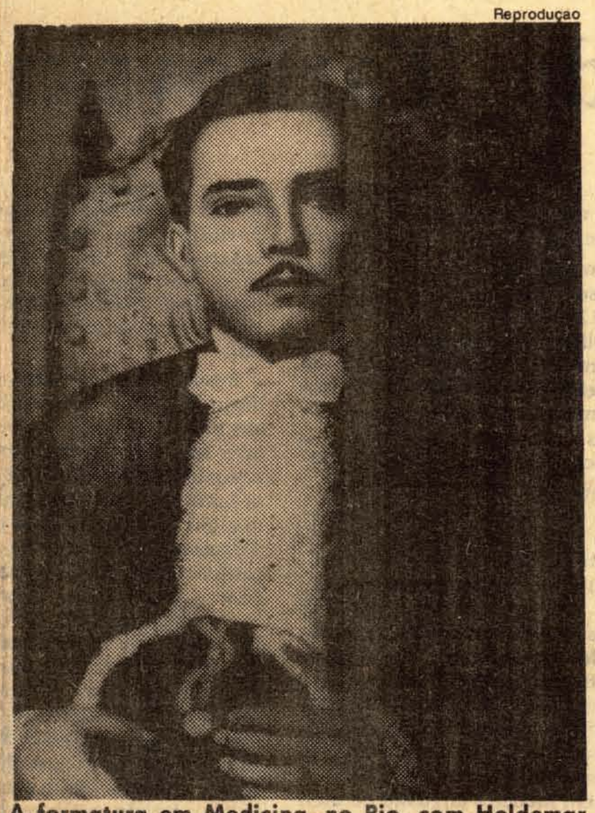
Não percebo se os livros que li na remota infância ou se as histórias contadas por minha avó transparecem na minha literatura. Vou fazer uma pesquisa sobre a possibilidade.

3 — São Francisco é marca forte em sua literatura. Isto resultou do choque com a cidade portuária ou do contraste com o que conhecia do Ceará e do Rio?

Não posso negar que São Francisco é uma marca forte em minha literatura. É a minha Macondo. Não resultou de choque algum, creio. Em Fortaleza, morei, até o final do Ginásio, próximo às pontes de embarque e desembarque. Representavam o cais, que não existia na época. No Rio, por alguns anos, morei na Saúde, perto de Santo Cristo, zona portuária. Meu quarto, no Hospital da Gamboa, ficava em frente ao Armazém 11, na Rodrigues Alves.

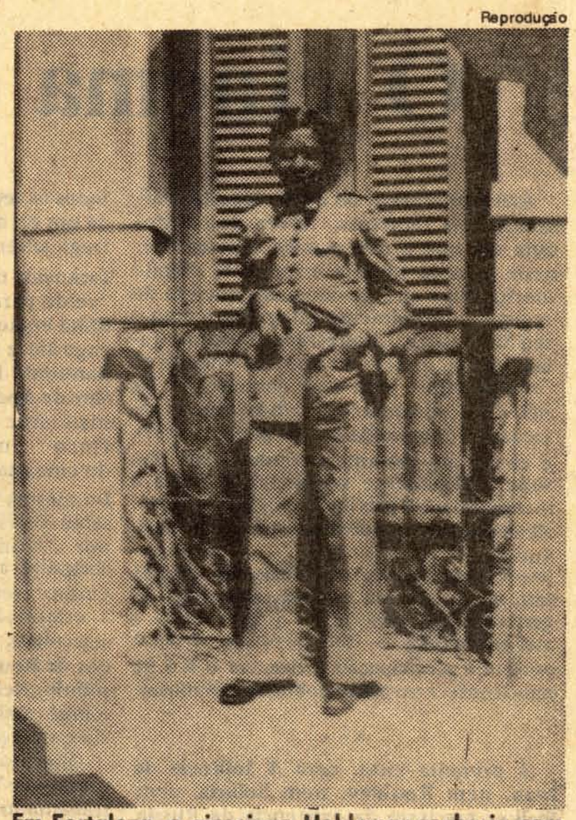
Assim, quando cheguei a São Francisco, já era um iniciado. Pós-graduei-me em São Francisco, em assuntos do cais. Foram nove anos de convivência diária com estivadores, terrestres, marítimos. Fui membro da elite da cidade, amigo de embarcadores, madeireiros, oficiais da Marinha e do Exército, membro de clubes de serviço, cônsules, conrabandistas, rufiões e prostitutas. Eu ocupava um lugar de liderança no município. Fui presidente de clube de futebol e vereador pelo PTB. O vereador mais votado da história da cidade, de todos os tempos. Depois, já residindo em Florianópolis, fui eleito, por São Francisco, suplente de deputado estadual.

Reprodução



A formatura em Medicina, no Rio, com Holdemar preparando-se para enfrentar a vida profissional em São Francisco.

Reprodução



Em Fortaleza, o ginasiano Holdemar sonharia com a glória das Letras?

Assim, São Francisco marca a minha literatura. E por quê não o Ceará ou Rio? Porque, conscientemente, quando me dispus a fazer a ficção, me dispus a fazer uma literatura que pudesse ser classificada como catarinense. Lutei para ser um escritor catarinense. No início, fui rejeitado como tal por críticos e antologistas. Ainda há resistência em certa área: se eu nasci no Ceará, como ouso ocupar um lugar na literatura de Santa Catarina? Entre estes intelectuais estão Pisani e o Caruso, dois descendentes de italianos.

Após o aparecimento de "A Coleira de Peggy", eu tentei esconder que o cenário dos meus contos era São Francisco. E isso em virtude da onda de protesto e de revolta que o livro de contos provocou entre a elite da cidade. Fui criticado no Rotary, no Lions, na Câmara de Vereadores, nos clubes sociais, na intimidade dos lares tradicionais. A elite de São Francisco esperava um livro de louvores à cidade, falando das velhas famílias, dos colonizadores, da arquitetura colonial, etc...

Essa elite não conseguiu, e não conseguirá, entender a minha ficção, na verdade insólita e pioneira em Santa Catarina. Amigos íntimos me aconselharam a não comparecer à cidade por uma temporada, até que os ânimos serenassem. Fui até cortado da lista de padrinho de casamento de importante matrimônio da cidade.

Houve tentativa de processo-crime contra mim. Fui censurado, recriminado, por carta. Após o Prêmio Jabuti, mesmo assim, os clubes de serviço se negaram a aprovar telegrama de congratulações proposto por amigo.

São Francisco do Sul é uma cidade com todos os ingredientes para pano de fundo de um grande romance. Se possuísse talento, seria eu o autor do romance, pois naquela cidade tudo e todos estão impregnados de realismo mágico.

4 — Explique de que maneira se faz a convivência médico-escritor. É ela pacífica ou tumultuada?

Se eu fizesse uma literatura mais comportada, seria ainda possível a convivência médico-escritor. Em mim, entretanto, por muitos anos, o médico sufocou o ficcionista, ainda mais o tipo de ficção que pretendia realizar.

Não me parecia correto — e era assim como pensavam os clientes — um médico de senhoras escrever estórias do submundo, usando uma linguagem do submundo. Se fossem estórias de médicos humanitários, dedicados à profissão, pobres, daqueles que os clientes acham que não devem cobrar honorários, ainda bem. Há um falso romantismo envolvendo a profissão médica. O cinema e, posteriormente, a televisão, se encarregaram de vender uma imagem do médico herói, salvador de vidas, do tipo do Dr. Kildare.

Não fosse isso, aqui chegado em 1950, poderia até ter participado do Grupo Sul, através de Ilmar Carvalho, com quem convivi em São Francisco por alguns anos e que foi o primeiro a saber que eu era um médico que sabia ler e escrever ficção. O ficcionista esteve, por muito tempo, oculto no médico militante. Era a não-convivência pacífica entre o parteiro e o escritor de ficção.

Por outro lado, ao decidir deixar nascer e crescer o ficcionista, o escritor sempre se encondeu do médico. Poucas são as clientes que sabem que sou também escritor. Meu gênero de ficção, meus temas e minha linguagem não recomendam o médico de senhoras.

Hoje, com o passar dos tempos, com menos necessidade econômica de ser médico, o escritor vem ganhando personalidade, sufocando o médico ainda existente. A convivência, portanto, é tumultuada. (**continua**).

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

336

O ESTADO - Fpolis, 22/04/84

LIVROS

HOLDEMAR MENEZES

III

"Quando o movimento militar foi deflagrado, eu fazia parte da Executiva Estadual do PTB e era suplente de deputado em exercício na Assembléia Legislativa do Estado. Em virtude disso, respondi a vários inquéritos. Fui inquerido, vigiado, delatado, humilhado. Tive muito medo. Já fiz alguns depoimentos sobre esse tempo de provações. Sem coragem para continuar na política militante de oposição ao governo, mas sem disposição de fugir à luta completamente, optei pela ficção definitivamente".

Fechando, com esta terceira parte, a entrevista que nos concedeu para uma série Ficcionistas de Santa Catarina, **Holdemar fala dos problemas que enfrentou em 64 e de como isto se reflete em sua obra, da violência e do inconformismo em sua ficção, do movimento cultural em Santa Catarina, do novo livro de contos,** Os eleitos para o sacrifício, **a aparecer ainda este mês pela Editora Movimento, de Porto Alegre, e que se insere na proposta ficcional do autor, comprometida com a liberdade e com a realidade econômica do País, como ele faz questão de acentuar, e do novo romance em que está trabalhando e que já tem título,** O inventário da agonia, **"um desafio total".**

As duas próximas entrevistas da série serão com Emanuel Medeiros Vieira e Adolfo Boos Jr.

10 — A indignação que não conseguiu "soltar", inibido ou intimidado com os problemas surgidos no pós-64, transparecem agora em sua ficção. Isto, ou mais ou menos isto, ficou claro num debate com estudantes. Pode explicar melhoro sentido da frase?

A Revolução de 64 teve uma importância muito grande na eclosão da minha atividade literária. Como já afirmei, estando o médico sufocando o escritor que havia em mim, como atividade substitutiva e complementar, optei pela política partidária, ainda em São Francisco.

Quando o movimento militar foi deflagrado, eu fazia parte da Executiva Estadual do PTB e era suplente de deputado em exercício na Assembléia do Estado. Em virtude disso, respondi a vários inquéritos. Fui inquerido, vigiado, delatado, humilhado. Tive muito medo. Já fiz alguns depoimentos sobre esse tempo de provações.

Foi-me fácil continuar vivendo da Medicina, uma vez que, mesmo fazendo política, não me descurei da especialidade. Trabalhava no Hospital de Caridade, que se tornou reduto dos médicos revolucionários. O ambiente ficou sufocante, motivo pelo qual optei pela Maternidade Carlos Corrêa, onde me encontro até hoje, em fim de atividade profissional.

Sem coragem para continuar na política militante de oposição ao Governo, mas sem disposição de fugir à luta completamente, optei pela ficção definitivamente. Iniciei minhas atividades literárias como cronista semanal de "O ESTADO". Da crônica cheguei ao conto e ao romance, tendo antes passado pelo ensaio. Toda minha atividade literária foi e é essencialmente política. Quando publiquei meu primeiro livro de contos, em 1972, assumindo riscos, fui logo classificado de escritor pornográfico, subversor da linguagem e dos costumes. Embora correndo riscos, era a minha forma de sobrevivência como ser humano ultrajado.

O romance "A Maçã Triangular" pretendeu ser o meu engajamento no movimento pelas liberdades, minha forma de luta contra o arbítrio. Admito que até influenciado pelos romances "Quarup", do Callado e "Pessach" do Cony. Ele foi escrito entre 68 e 70. Seria um livro pretensioso se tivesse sido publicado na versão original. Depois de "congelado" por três editoras, amigos mais íntimos me fizeram desistir do propósito de publicá-lo.

Foi o que eu pretendi dizer no debate com os estudantes a que você se refere. Minha literatura, surgida do Movimento de 64, é comprometida com a liberdade, com a realidade sócio-econômica do País.

Eu já disse em outra ocasião que pretendo ser um escritor participante, e não um escritor militante. Escritor militante cai facilmente no sectarismo pelos compromissos que assume. Não quero compromissos com partidos políticos. Meu compromisso de escritor é com a vida, com o homem, com as liberdades individuais.

No final de tudo, às vezes, eu me surpreendo a citar a epígrafe de Camus, repetida em "A Coleira de Peggy": "No fim de contas, é isso mesmo o que sou, profeta vazio para tempos medíocres".

11 — Há uma constante de violência e inconformismo na sua obra ficcional. É assim que sente o mundo e a realidade que o cerca? Que solução veria para os nossos problemas?

— Há violência e inconformismo na minha obra ficcional. Embora mau profeta, procuro ser profeta do meu tempo. Nem é preciso ser muito arguto para sentir o clima de violência que se abateu sobre todos nós. A violência contra a liberdade, entretanto, é a que mais me sensibiliza. Esse inconformismo perpassa toda a minha pequena obra, e se não é mais evidente é porque eu o vigio, para não cair na mensagem panfletária.

Por outro lado, não me seria fácil, num espaço tão pequeno, dar a solução para os nossos graves problemas estruturais. Certamente, obviamente, não é mantendo o que aí está, nem tendo esperanças no que está para vir através de eleições indiretas, eleições consentidas pelo sistema dominante.

12 — Como vê o movimento cultural em Santa Catarina e o que poderia (ou deveria) ser feito para aperfeiçoá-lo?

— Historicamente, Santa Catarina é um Estado em que a cultura não é matéria prioritária, quer por parte da população, quer por parte dos dirigentes. Tome-se, por exemplo, um universitário de qualquer área, mesmo da de Letras e é fácil verificar-se, em minutos, a sua incultura. A mesma experiência pode ser feita com um deputado, um vereador, um secretário, um profissional liberal. São poucos os que freqüentam livrarias, galerias de arte, teatro, cursos, conferências, palestras. É terrivelmente frustrante ver-se, repetitivamente, o auditório da Universidade ocupado em menos de um terço por estudantes e professores, quando o assunto em debate é cultura geral.

Como fazer para que o professor universitário ou de outro grau goste das atividades culturais? A mesma pergunta é válida para os estudantes. Não saberia dizer ou propor. Certamente teria que ser reformado o professor primário. A partir daí o processo cultural teria um andamento mais eficiente. Santa Catarina é um Estado pioneiro na educação, no ensino, no combate ao analfabetismo. Essa situação, sem dúvida, é muito importante para a implantação de um plano cultural coletivo.

Agora, quanto ao movimento dos que fazem cultura, ele é promissor. No campo da literatura, das artes plásticas, da música, sente-se um crescimento em qualidade, com a projeção de escritores, pintores, músicos, escultores e tapeceiros nos outros Estados.

13 — Fale de seus livros, do que eles lhe significam agora, depois de publicados. Mexeria neles para futuras edições? Alguma coisa o desgosta? Seja na estrutura, na concepção, no texto, no que está dito?

— No decorrer da entrevista, já falei um pouco dos meus livros. Não nutro preferência por nenhum deles, seja romance, conto ou crônica. Significam muito para mim, pois nasceram de uma necessidade interior, como uma forma de luta, de equilíbrio emocional até. Através deles eu assassinei muitos dos meus fantasmas. Os outros eu os domei provisoriamente.

Não mexerei neles, com respeito à concepção e à estrutura, em futuras edições. Guardo muito respeito pelo texto original, pelo menos enquanto ele não se tornar envelhecido. Acredito que pela, temática, meus textos não envelhecerão precocemente, pois tão cedo os temas abordados estarão superados, em face da realidade sócio-econômica do País.

Entretanto, em quase todos eles há incorreções de composição e de revisão que me desgostam. Em "A Maçã Triangular", por exemplo, há um empastelamento que atinge três capítulos, que muito me deprimiu. Em virtude do empastelamento, creio eu, um crítico do Rio escreveu que o romance, em determinadas passagens, torna-se complexo, exigindo grande participação do leitor.

Divulgação



Centrada numa maternidade, a trama deste romance, em linguagem direta e dura, é um microcosmo que reflete o macrocosmo.

Divulgação



A estréia em livro, ainda assinando Oliveira de Menezes, foi com um ensaio sofre Kafka, dos primeiros aparecido no País.

Tal afirmação, aplicada a mim, soa falsamente. Minha maior preocupação tem sido a de aclarar o texto, torná-lo facilmente assimilável. Talvez, por isso mesmo, é que Fábio Lucas afirma ser o meu texto, especialmente o dos contos, de natureza social-popular.

Entretanto, incorreções desse tipo não me tiram o sono. Ainda mais porque o editor de "A Magão Triangular" me prometeu uma segunda edição revista.

14 — Fale de seus projetos, dos livros prontos para publicar e daqueles que se encontram em elaboração.

— Ainda este mês, abril, a **Movimento** lançará meu último livro de contos: "Os eleitos para o sacrifício". Trabalho num romance, que já tem título: "O Inventário da Agonia". Tem sido um desafio total. Primeiro, porque estou a escrevê-lo na terceira pessoa; segundo, porque alguns personagens guardam traços coincidentes com parentes meus, pelo que sofro bloqueios intransponíveis. Mas é um projeto que pretendo levar até o fim. Estou prejudicado no meu ofício de escrever pelos apelos da minha chácara, na Vargem Pequena.

E são apelos gratificantes, sem sofrimento, sem angústia de qualquer espécie. E mais gratificante a preocupação com as tilápias, com as terneiras, com a horta, com o pomar, com o pontilhão destruído pela enxurrada, com a saúde da égua de sela, do que com os capítulos inconclusos do "O Inventário da Agonia".

Por outro lado, o inconformismo dos Pisanis e dos Carusos me conscientizam de que a literatura de Santa Catarina deve ser construída pelos catarinenses, mesmo que vindos da Europa. Para estes tipos, ser nordestino é mais aviltante do que ser negro na África do Sul.

Pretendo deixar o meu espaço, o espaço que procurei ocupar, para os catarinenses de nascimento ou importados da Itália. Por outro lado, depois de "O Inventário da Agonia", não terei muito o que dizer.

Terei envelhecido. E envelhecer, segundo o mestre Aurélio, é também "tornar-se desusado ou inútil". Pretendo, dessa forma, que este romance seja minha última incursão no mundo da ficção.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

HOLDEMAR MENEZES

II

A maçã triangular não foi um romance fácil de escrever. Deu-me muito trabalho. Até porque os tempos eram de terrível repressão cultural, e isso também influi na produção literária. Escrevi o romance com medo e tive mais medo ainda quando imaginei publicá-lo. Por motivos óbvios, três editores "congelaram" o romance.

Nesta segunda parte da entrevista, Holdemar Menezes continua a explicar quais as dificuldades de relacionamento, no início, entre o médico e o escritor. Depois fala do ficcionista nascente na época ginasial, mas que ficou embutido uns bons tempos. Explica, a seguir, porque enveredou pelo ensaio. Mas sua vocação era mesmo a ficção. E então fala do seu relacionamento com as editoras, do seu processo de criação, dos problemas que enfrentou para escrever e editar A maçã triangular. Esta segunda parte termina com uma relação de alguns em âmbito nacional e internacioal, de seus autores preferidos.

Reprodução



Holdemar Menezes num desenho de Fossari.

5 — Uma influência o outro, ou existem entrechoques que dificultem o relacionamento? Os residentes tem algo de autobiográfico ou só se baseou na observação dos fatos?

Não. O médico não influencia o escritor de ficção. São até antagônicos. Há entrechoques que dificultam o relacionamento, como já foi dito.

Sou um grande admirador da literatura autobiográfica, ao meu ver a única verdadeira, com tendência à permanência definitiva, pois os problemas do homem serão os mesmos em todas as épocas. Praticando-a desde as minhas primeiras produções, não quer dizer, entretanto, que o romance "Os residentes" seja autobiográfico. Eu também estou presente em "A maçã triangular" e em muito dos meus contos.

meus contos.

"Os residentes" é um romance de denúncia, no qual eu focalizo a violência e o sexo sem amor. Como gosto de escrever os fatos na primeira pessoa, no caso quem seria eu em "Os residentes"?

Muitos me identificam como o Doutor Camargo. Na realidade, nós temos traços em comum. À noite, entretanto, todos os gatos são pardos. Todos os hipopótamos se parecem gêmeos univitelinos. São tão poucos os médicos cultos — explicito para evitar enganos — que gostam de música erudita, de artes plásticas, de literatura, de teatro, que participam do processo de libertação nacional, que um personagem de ficção com essas características pode ser apontado como este ou aquele profissional conhecido do leitor.

Aceito que "Os residentes" seja um romance violento, que retrata fatos reais de parte de uma classe corrompida pelo sistema previdenciário implantado após 64. Não são fatos apenas acontecidos em Florianópolis, mas aqui, também.

Um professor de Natal, da área médica, escreveu-me para me parabenizar pela coragem da denúncia, e afirmou ter identificado todos os meus personagens no hospital onde trabalha. Em primeiro lugar, denunciar não é uma questão de coragem, mas um problema de ética.

O romance de que falamos é produto da observação de fatos. Muito mais do que literatura autobiográfica. O que acontece é que minha pequena obra ficcional tem os pés plantados na realidade que nos cerca.

6 — Quando surgiu o ficcionista? Sabemos que antes dele existia o ensaísta, inclusive publicando um dos primeiros trabalhos sobre Kafka, no Brasil, e o estudioso e apaixonado da música, jazz em especial.

O ficcionista tentou nascer ainda no ginásio, quando teve um conto premiado e publicado na "Revista Contemporânea", editada em Fortaleza por um grupo de jovens que gravitava em torno do Grupo Clã. O conto, se convenceu à comissão julgadora, não me entusiasmou. Era uma estorinha fúnebre, abordando a degradação de uma família pobre.

Em resumo, o chefe da família era assassinado pela Gestapo do Estado Novo, a mãe ficava tuberculosa de tanto lavar roupa para fora e alimentar-se mal, e eu, o filho, entrava para a delinqüência. Um dramazinho com todos os condimentos de cinema mexicano.

Não convencido dos meus dotes ficcionais, entreguei-me aos sonetos, procurando imitar Augusto dos Anjos. Tinha um que falava de um urubu "negro, esquálido e fedorento". Um horror! Desisti de ser contista e poeta e passei a ler alucinadamente, desordenadamente, nadamente, desordenadamente, que livros havia muitos em nossa casa.

Dando um salto no tempo, já após 64, uma multinacional de medicamentos promoveu um concurso de contos para médicos. A comissão julgadora era constituída por Fausto Cunha, Homero Senna e Valdemar Cavalcanti. Fui classificado e editado em volume que recebeu o título de "Os dez melhores contos de médicos", em 1965, pela Editora Pulso, do Rio. Entre os 10 contistas classificados estavam Breno Accioly, Moacir Scliar, Reginaldo Guimarães, Paulo Saraiva e Eduardo Adami, que se projetaram como escritores.

O ensaísta veio depois. Tendo sido eleito, por condescendência de amigos, membro da Academia Catarinense de Letras, fiz imprimir um pequeno ensaio sobre Kafka, abordando os componentes psicossexuais do controvertido escritor.

Este livro foi publicado em 1970, ano de minha posse na Academia. Ainda separando o médico do escritor, eu assinei o livro como Oliveira de Menezes. Nessa época eu já concluíra "Introdução ao estudo do jazz", um ensaio sobre as origens e evolução do jazz, que até hoje permenece inédito.

Certa vez, no reitorado de Roberto Lacerda, este ensaio esteve por ser editado pela Imprensa Universitária. Aliás, o próprio reitor me solicitou os originais. Entreguei-os ao seu chefe de gabinete. O livro nunca foi publicado, nunca me deram qualquer satisfação pelo ocorrido nem me devolveram os originais. A partir daí não mais me interessei pela publicação do ensaio. Hoje, infelizmente, para ser publicado, teria que atualizar a discografia, citada, e eu não teria mais disposição para tal.

7 — Quando e onde surgiram os primeiros trabalhos: foi fácil editar; como foram recebidos?

Em ficção, muito embora já tivesse um romance concluído, "A maçã triangular", o primeiro livro editado foi "A coleira de Peggy",

Reprodução



A sonda uretral, **segundo livro de contos de Holdemar Menezes, igualmente bem recebido pela crítica, foi editado pela Codecri.**

Reprodução



Depois de alguns problemas (na entrevista Holdemar explica os porquês), sai pela Movimento seu primeiro romance, A maçã triangular.

contos, em 1972. Eu financiei a metade da edição deste volume. Foi editado pela **Movimento**, de Porto Alegre, por indicação e prestígio pessoal de Iaponan Soares. O livro foi bem recebido pelo crítica, obtendo o Prêmio Jabuti.

O prêmio constituiu-se numa boa carta de apresentação. Em face disso, não tenho tido muitas dificuldades em publicar meus livros. Sou editado pela **Flama** e a **Movimento**, de Porto Alegre; pela **Ática**, de São Paulo, pela **Codecri**, do Rio. No ano passado, a **Mercado Aberto**, de Porto Alegre, solicitou-me uma novela para publicar. Já no decorrer do ano em curso, a **Atual**, de São Paulo, pediu-me originais para editoração. Infelizmente não pude atender às duas editoras, visto que não possuo livros inéditos.

8 — Fale do seu processo de criação literária, de que maneira lhe surgem os temas, se retrabalha muito o texto.

Meu processo de criação não tem nada de original. Os contos são elaborados mentalmente, de forma lenta, numa gestação que pode ultrapassar os nove meses. Quando vou para a máquina, já sei o que vou dizer. O resto é artesanato literário. Retrabalho o texto no sentido de simplificar a linguagem, de oralizar a narrativa, de tentar tansmitir a sensação de uma literatura popular, fácil, aliterária, despida de qualquer intelectualismo. Esse processo não é fácil. Há uma tendência natural ao eruditismo. Verdade é que os meus temas e os meus personagens me facilitam a tarefa de popularizar os meus contos.

Já não acontece o mesmo com a criação do romance. Escolhido o tema, monto um organograma com capítulos, personagens, episódios. Cada personagem recebe um perfil cultural e um perfil psicológico. Sempre ou quase sempre desprezo o perfil físico. Deixo que o leitor imagine como é fisicamente o personagem. Claro que o organograma não é um arcabouço rígido, inflexível. Modificações são introduzidas nele quando acho necessário.

Depois, no final, vem a carpintaria, a montagem, os cortes. "A maçã triangular" não foi um romance fácil de escrever. Deu-me muito trabalho. Até porque os tempos eram de terrível repressão cultural, e isso também influi na produção literária. Escrevi o romance com medo e tive mais medo ainda quando imaginei publicá-lo. Por motivos óbvios, três editores "congelaram" o romance.

Reescrevi-o em 1980, diminuindo-lhe o número de páginas, cortando-lhe capítulos, tornando-o publicável, isto é: sem criar novos problemas políticos para mim.

9 — Cite algumas de suas leituras preferidas, de seus autores do "peito", brasileiros e estrangeiros, e de possíveis influências.

Já li de tudo. Hoje só suporto ler ficção. Releio, aliás, mais do que leio. Mas estou em dia com o que se publica no Brasil. Dos autores estrangeiros, meus prediletos são Kafka, Faulkner, Cervantes, **Joyce, Camus,** Sartre, Steinbeck, Remarque, Durrel, Hardy, H. Miller, Graham Greene, Stendhal, **Thomas** Mann, Proust, W. Woolf, Salinger, Hemingway, Tchecov, Dostoievski, Tolstoi, Gogol, Bunin, Borges, Miguel Astúrias, Onetti, Cortazar, Vargas Llosa, Scorza, Garcia Marquez. Dos brasileiros, Machado, Graciliano, José Lins, Jorge Amado, José Candido de Carvalho, Guimarães Rosa, Maria Alice Barroso, Lígia Fagundes Teles, Mário Palmério, França Junior, Antônio Torres, Rubem Fonseca, João Ubaldo, Márcio Souza, e tantos outros. **(Continua)**

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

AMILCAR NEVES
I

"Não sei, assim, se existe esta coisa vaga chamada vocação; acredito que haja uma certa tendência de ordem talvez psicológica que pode ser aprimorada ou descartada. Ou criada. **É necessário que existam as ferramentas: o conhecimento do idioma, as leituras (de novo) e a faculdade de liberar a imaginação, a fantasia e a memória."**

Iniciamos hoje a sétima entrevista da série Ficcionistas de Santa Catarina (**a sexta, com o romancista Miro Morais, infelizmente foi interrompida, pois por motivos inexplicados ele não entregou a continuação), ouvindo o contista Amilcar Neves. E vamos ouví-los justamente quando acaba de lhe ser atribuído, por unanimidade, mais um prêmio: o Virgílio Várzea de contos, promoção da Fundação Catarinense de Cultura. Amilcar concorreu com a** Dança dos fantasmas, **que, de acordo com o regulamento, além do prêmio em dinheiro, deve ter o livro publicado. A estréia de AN se deu com** O insidioso fato — Algumas historinhas cínicas e moralistas; **os contos nos revelaram uma vocação inequívoca para o gênero, já com um estilo pessoal; Amilcar não mais parou de escrever — e de concorrer. Ganhou concurso na UFSC; na revista** Status **e no Fernando Chinaglia/UBE-RJ foi finalista; tem participado em diversas antologias, sempre bem recebido pela crítica. Mas continua, como todo escritor novo, em busca de editor. Ele mesmo diz em certo trecho da entrevista que todos aceitam o original para ler, são simpáticos, examinam, elogiam — porém devolvem dizendo que o texto é de bom nível, às vezes de excelente nível, mas sabe como é, o gênero conto está em baixa e o autor ainda não tem nome. Ora, convenhamos, como sair do círculo vicioso, fazer o chamado nome sem antes publicar? Aqui AN fala deste e de outros problemas, de sua formação, de suas preocupações, de uma literatura.**

1. Fala um pouco de tua infância, das tuas primeiras sensações e emoções, das tuas primeiras histórias ouvidas ou lidas.

R. Até onde me lembro, minha infância não me deixou grandes recordações. Tive em Tubarão, onde nasci, uma infância extremamente metódica e controlada, durante a qual fui sistematicamente afastado de qualquer risco ou perigo, ainda que imaginários: não nadava no Rio Tubarão, onde todo ano alguém morria afogado, não caía de árvores, nunca quebrei braço ou perna, não andava pelo mato nem corria por campos ou sítios, nunca dormi fora de casa nem passava a noite ouvindo o barulho das ondas quebrando na praia. Em uma pequena cidade do interior, vivi uma existência urbana. O simples fato de caminhar alguns metros para chegar sozinho ao centro da cidade constituía-se em temerária aventura que só me foi permitida depois de muito tempo e sob severas recomendações, excursão a que me atirei deslumbradamente.

Além disso, britânicos horários regiam minha vida (razão pela qual, creio, hoje só uso relógio para saber o quanto estou atrasado): meio-dia era hora sagrada de almoçar, nem um minuto após, cinco e meia, hora do banho diário, seis horas, jantar, e às sete, impreterivelmente, horário de ir para a cama, chovesse ou não, fosse inverno ou verão, e ainda que todas as outras crianças da rua ficassem até tarde (isto é, até oito ou nove da noite nas noites de abafado verão) fazendo algazarra nas calçadas — impossível sair para correr após a janta, pois ia suar e já havia me banhado, e ainda: já estava de pijama, e ainda: havia a necessidade de dormir cedo para ir à aula no dia seguinte, cedinho: a aula começava às oito da manhã e o Grupo Escolar Hercílio Luz ficava quatro casas acima da minha, do mesmo lado da rua.

Minha infantil inocência foi preservada com rigoroso cuidado: os palavrões, ou melhor, os nomes feios eram estritamente vedados (e "vai tomar banho" já era uma expressão muito mal-educada), não tinha noção de que existisse uma função humana primordial como o sexo, e o Papai Noel e o Coelhinho da Páscoa habitaram por muitos e muitos anos meus sonhos de criança. Justapondo-se a este ambiente, carregava ainda comigo a enorme responsabilidade de me cuidar com o que fizesse ou dissesse fora de casa, pois meus atos ou palavras, diziam-me, poderiam prejudicar a atividade de meu pai, Promotor Público da cidade durante muitos anos.

Uma das impressões mais fortes que trago da infância localiza-se numa manhã de agosto, quando a normalidade das aulas no primeiro ano do primário no Hercílio Luz foi subitamente rompida: D.Walkyria foi chamada à porta da sala, seu rosto se decompôs e se fez vermelho, os olhos incharam de lágrimas que acabaram explodindo enquanto a turma de garotos era arrebanhada e, apressadamente, colocada em fila dupla como se fosse hora do recreio, o que efetivamente não era. Soubemos que havíamos sido dispensados das aulas naquele dia, percebemos que as demais classes, como a nossa, se dirigiam para a saída do Grupo, enquanto todas as professoras e a diretora choravam desconsoladamente. De uma forma
que não imagino qual tenha sido, fiquei sabendo que morrera Getúlio Vargas, o Presidente do Brasil. Eu tinha sete anos, e penso que a partir daquela manhã descobri que poderiam ocorrer acontecimentos em distantes cidades capazes de perturbar a rotina de minha vida e da vida de muitas pessoas. Desde então comecei a tomar consciência dos fatos mais marcantes da vida política da nação, seja através de jornal e rádio (o **Repórter Esso** da Rádio Nacional era muito ouvido em casa), seja ouvindo avidamente as conversas dos adultos quando se reuniam nos aniversários ou para jogar dominó.

Em casa fui muito estimulado a ler, atividade que olhava a princípio com certa relutância mas que fui aceitando aos poucos porque os livros eram razoavelmente finos e eu podia sentir o progresso da leitura. Lia contos de fadas, de Andersen e dos irmãos Grimm, literatura então disponível. Até que um dia meu pai me fez uma surpresa que me arrasou: encomendou de fora as obras infantis completas de Monteiro Lobato. Quando o caixote foi aberto em minha presença, respondi meio amargurado que tinha gostado muito do presente, mas só me lembrava que agora teria que ler aquilo tudo: ia levar anos e por certo jamais concluiria a tarefa. Minha mãe leu para mim e meu irmão os primeiros capítulos das **Reinações de Narizinho**, para que nos interessássemos e tomássemos gosto por aqueles volumes encadernados de verde. Há uma lenda lá em casa que diz que cheguei a ler três vezes cada um daqueles 17 livros. Não posso jurar que é verdade, mas lembro que usava muito de meu tempo lendo Lobato.



2. Qual a tua formação e quais as influências mais perceptíveis em todos os sentidos: uma pessoa, uma paisagem, um som, uma imagem que te marcaram, etc.

R. Cresci numa família puratana, estudei em colégio de padres, o Ginásio Sagrado Coração de Jesus posteriormente promovido a Colégio Dehon, e não tinha religião, qualidade que mantenho até hoje: minha mãe é católica e sempre foi à missa toda semana e meu pai, soube depois de algum tempo, é espírita. Quando queriam intrigá-lo com a Diocese de Tubarão, com quem teve uma série de problemas, sussurravam que ele era maçom.

As origens da família, tanto por parte de pai quanto de mãe, estão plantadas aqui na Desterro, e o ramo
materno integrou uma certa aristocracia local: vários tios-avôs foram deputados estaduais e o próprio avô materno chegou a prefeito da Capital, tendo fortes ligações com o já citado Hercílio Luz. Acabou falido — não o governador, lógico, mas o ex-prefeito. De qualquer forma, não cultivei grande intimidade com estas veneráveis figuras: minha mãe é a caçula de 11 filhos, meu avô morreu antes que eu nascesse e uma viagem de Tubarão até a Desterro era uma aventura que só se fazia uma vez por ano — levava-se de oito a doze horas de ônibus. Quando as coisas melhoraram, a TAC (Transportes Aéreos Catarinenses) nos trazia em meia hora num DC-3 que se dava ao luxo de fazer escala em Laguna.

No Dehon tive quatro anos de aulas de Latim com professores pouco competentes ainda que conhecedores da matéria (hoje lamento não ter retido as quatro gramáticas do Padre Milton Valente, conterrâneo do Sul do Estado — os **Ludus Primus, Ludus Secundus, Ludus Tertius** e **Ludus Quartus**), além de um excelente professor de Português, extremamente exigente e profundo conhecedor do idioma, o Aloysio Ivo Urnau. Esta a base que tive, em função da qual eu deveria estar escrevendo bem melhor do que o faço. Em casa, lia (livros das recém-ressuscitadas coleções Terramarear e Paratodos) e escutava Aracy de Almeida interpretando Noel Rosa ou então Libertad Lamarque — acho que a nebulosa América Latina começava então a me enfeitiçar.

A grosso modo, creio que completei minha formação humanística participando do movimento estudantil então efervescente. Ainda se passariam dois anos até que o Golpe de 64 trouxesse sua enorme carga de azares que vêm se multiplicando espantosamente. Foi na verdade muito importante para mim esta atividade paralela aos estudos, o contato com idéias que borbulhavam à esquerda e à direita,
as solidariedades e as manobras, os jogos pelo poder e os interesses do próprio poder público, os congressos e as reuniões e a sensação, a nível municipal, de que efetivamente participávamos da vida da comunidade: semanas do estudante, jogos estudantis, jornais, programas de rádio, reivindicações junto ao prefeito, campanhas públicas, conferências com professores universitários especialmente convidados na capital, campanhas eleitorais e eleições estudantis — sempre diretas, naturalmente. A cidade se movimentava com aqueles irrequietos secundaristas. Guardo comigo a convicção sincera de que nem Tubarão nem as outras cidades de Santa Catarina perdiam com o movimento estudantil existente. Hoje, isso acabou. Muito embora uma parcela ponderável dos homens que hoje mandam tenham começado sua vida nessas origens. E se, por um lado, pode-se dizer que o modelo que eles patrocinam e sustentam não deu certo nestes últimos 20 anos, deve-se lembrar, contudo, que existem outros tantos que estão do outro lado, condenando o que se tem feito com este triste País e propondo outras soluções e outros métodos.

Profissionalmente, enveredei pela trilha das ciências exatas: vim para esta Ilha mágica cursar Engenharia Mecânica, a seguir fiz pós-graduação em Fabricação, na UFSC, e saí para trabalhar em Processamento de Dados, como analista de sistemas, em Curitiba, em Londrina e finalmente nesta Nossa Senhora do Desterro.

3. Como e quando apareceu o interesse pelas chamadas "belas letras", tão difíceis num mundo hoje tão feio? Acreditas em vocação, em inspiração, ou achas que escrever é dez por cento inspiração e noventa por cento transpiração?

R. Quando lia aqueles contos de fadas, cheios de gnomos (simpáticos, estes sujeitinhos), duendes, fadas e princesas, às vezes suspeitava que eu talvez pudesse até escrever alguma coisa parecida. Podia ser muita pretensão, mas acho que eu já intuía a existência de um esquema mais ou menos comum nas histórias. De lá para cá realmente nunca tentei a literatura infantil, que me parece muito difícil de realizar. De qualquer forma, mesmo sem ter me aventurado pelos contos de fadas, já estava contaminado pelo vírus. E continuava lendo, o que me parece fundamental para quem deseje escrever.

Não sei, assim, se existe esta coisa vaga chamada vocação; acredito que haja uma certa tendência de ordem talvez psicológica que pode ser aprimorada ou descartada. Ou criada. É necessário que existam as ferramentas: o conhecimento do idioma, as leituras (de novo) e a faculdade de liberar a imaginação, a fantasia e a memória — e o quanto mais livre e desinibidamente forem elas liberadas, melhor tende a ser o resultado. E o exercício constante, naturalmente. Desta forma, escrever é trabalho, é suor, é angústia. O conto, a novela, o romance não surgem assim de repente, prontos. Pode surgir de repente uma boa idéia, o que ainda é pouco frente ao resultado final.

O exercício, para mim, implica em raciocinar constantemente em termos da literatura que se pretende construir, em uma espécie de auto-treinamento para se estar inconscientemente ligado a essa literatura. Só entendo a inspiração como a sugestão que uma palavra, por exemplo, pode nos dar acerca do andamento a obra de ficção, função que pode ser desempenhada também por um personagem secundário que num dado instante começa a abanar para o autor, chamando a atenção para potencialidades que ele conhece.

E, finalmente, é fundamental retrabalhar exaustivamente o texto, reler, re-escrever, suprimir, acrescentar, achar a palavra exata, ou seja, aquela que é a única que cabe, encontrar a forma e a frase precisas que transmitam a sensação ou a emoção perseguidas — processo que em nada difere, essencialmente, de qualquer outro tipo de trabalho intelectual.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ALMIRO CALDEIRA

I

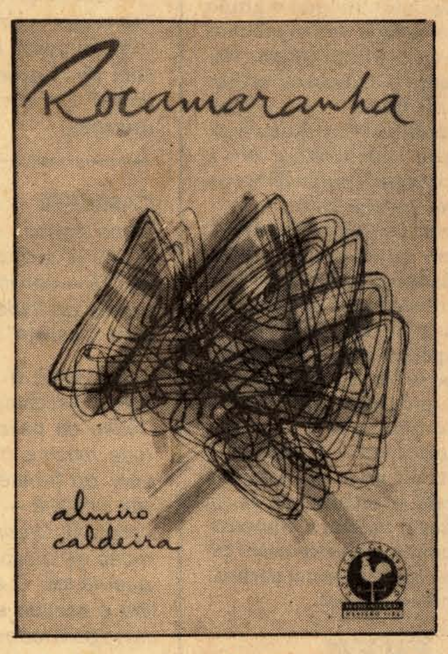
"Não fiz uma opção propriamente, ou seja, uma escolha voluntária entre várias alternativas. A rigor, ninguém a faz. Em arte há um certo determinismo a ditar as principais características da obra."

A quarta entrevista desta série Ficcionistas de Santa Catarina **é com um escritor cuja obra até agora publicada centra-se por inteiro na Ilha de Santa Catarina, sua gente e sua história. Assim, pode-se afirmar, sem medo de erro, que o Autor é extremamente fiel à sua Ilha, aos seus hábitos e costumes, ao seu passado e ao seu linguajar tão saboroso, que ele busca recuperar e recriar com sensibilidade e verdade. Nesta primeira parte, AC fala de sua infância na velha Florianópolis da década de 20, de sua precoce vocação para as letras, de seu início de carreira, do seu processo de criação literária. Almiro Caldeira (de Andrada) é autor de três livros:** Rocamaranha **(novela);** Ao encontro da manhã **(romance);** Maré alta **(contos). Neste 1984, pela Editora da UFSC, ele terá outra novela publicada. Trata-se de** Arca Açoriana, **continuação de** Rocamaranha, **onde ele, avançando no tempo, retoma temas, situações e personagens. Mas, embora interligadas pelo assunto, as duas novelas são independentes como estrutura, cada qual se fechando num todo que pode ser lido independentemente.**

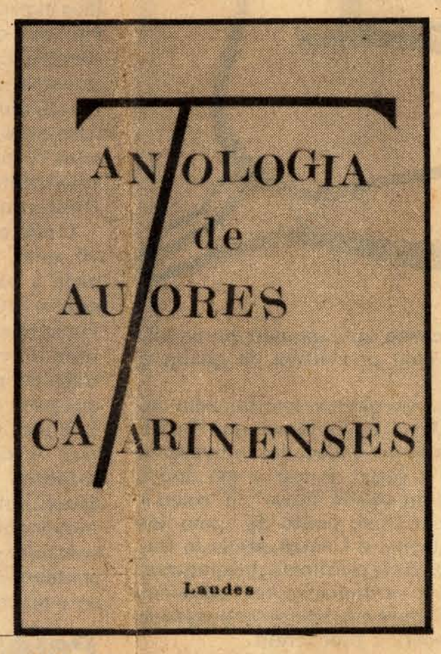
Arquivo



AC em foto recente.



Rocamaranha, **primeiro livro publicado de AC, apareceu em 1961 pela Ed. Globo.**



AC está presente na Antologia de autores catarinenses, **editada pela Laudes, RJ**

Dê-nos alguns dados pessoais, como local e data de nascimento, cursos realizados, cargos exercidos etc.

Sou antigo. Nasci na velha Florianópolis de 1921, ano em que saía o 2.º número do "Anuário Barriga-Verde", organizado por Altino Flores e Ary Tolentino. Segundo aquela publicação, a nossa capital contava então com 32 "automóveis a frete" contra 19 carros de praça e 81 carretas e carroças. Naquele ano a receita orçamentária do Estado alcançava 7 mil e 157 contos de réis e o porte simples de uma carta custava um tostão (cem réis).

Nesse volume foi publicado em primeira mão o conto "Bulha d'Arroio", do meu sogro Tito Carvalho. O prognóstico que ali aparece para os nascidos no dia em que vim ao mundo — 6 de março — assinala a tendência de que "serão prudentes em negócios e farão carreira". Quanto aos negócios, tenho sido muito prudente, e quanto à carreira o vaticínio acertou também, pois vivo correndo atrás da máquina. Fiz o curso primário no Grupo Escolar Lauro Müller, o secundário no Instituto de Educação e bacharelei-me em Direito pela Faculdade de Santa Catarina, hoje integrada à Universidade Federal. Exerci função pública no Departamento de Estatística do Estado, na Fundação IBGE e, atualmente, na Sudesul, órgão vinculado ao Ministério do Interior, em que ocupo cargo de Procurador. No primeiro ano da administração Osvaldo Machado (1960) desempenhei a função de Chefe do Gabinete do Prefeito de Florianópolis, quando tive ocasião de recolher material sobre os usos e costumes do nosso ilhéu interiorano, elementos mais tarde aproveitados em minha ficção, especialmente na feitura dos contos de "Maré alta".

Pertenço à Academia Catarinense de Letras, da qual fui presidente, e à Associação Catarinense de Escritores. Presidi o Conselho Estadual de Cultura.

Quando apareceu sua vocação para as letras?

Muito cedo. Fui um prematuro literário... Basta dizer que o desejo de me tornar escritor antecedeu à idade escolar, surgindo assim a vocação escrevinhadora antes que aprendesse a escrever (coisa que ainda busco), numa premonição da fatalidade do destino.

Acho que sou, como Érico gostava de chamar-se (sem a pretensão de comparar-me a ele), um contador de histórias. Nato. Adolescente, houve tempo em que narrava a meus irmãos, todas as noites, intermináveis aventuras inventadas ao sabor do momento. E eles gostavam, penso, pois me cobravam a continuação (era em capítulos, como as telenovelas de hoje).

Vem portanto dos mais verdes anos o chamamento das letras. É um apelo muito forte, mas às vezes me faço de surdo e então sou infiel à amada literatura, de que já estive separado (sem romper o vínculo) por largos períodos, a exemplo de 1968/78.

Reavivando a memória, vejo-me aos 11 anos a catar letras no teclado de velha máquina sem fita (utilizava uma folha de carbono para imprimir as letras) abandonada num canto do escritório do meu pai, tentando datilografar um diálogo a ser apresentado por mim e meu irmão Fernandino no circo que montáramos no quintal de casa.

Mas acho que tudo começou mesmo com o meu trabalho de redator na Rádio Guarujá, nos anos 50, quando lancei alguns programas, como "Prenda Minha" e "Lendas de Todo o Mundo", este último de radioteatro, apresentado todas as semanas por excelente elenco sob a direção do saudoso Palmeiro da Fontoura e de que participavam artistas de valor, como Albano Lúcio, Félix Kleis e Alda Jacinto.

O locutor-narrador era Ciro Marques Nunes e o contra-regra Mozart Régis, Pituca, hoje na Rede Globo de Televisão. O outro — "Prenda Minha" —, um dos programas de maior audiência naquela infância do rádio em nossa terra, versava sobre o folclore ilhéu, sendo diretor musical o hoje laureado professor Osvaldo Ferreira de Melo e a principal intérprete a hoje não menos ilustre professora Dilza Dutra.

Por que a opção por uma literatura de fundo histórico?

Não fiz uma opção propriamente, ou seja uma escolha voluntária entre várias alternativas. A rigor, ninguém a faz. Em arte há um certo determinismo a ditar as principais características da obra. De qualquer modo, para oferecer uma explicação, diria que o fundo histórico serve, para mim, como justificativa ou desculpa do que pode haver de fútil ou lúdico na ficção. Ficção pela ficção poderia resolver-se em banalidades mais ou menos brilhantes, mas consistentes. Então talvez dissesse: se o que criei não tem valor, salve-se ao menos o cenário e os acontecimentos reais, que hão de ensinar história, e nem tudo será perda de tempo.

No curso secundário — naquele tempo se estudava história catarinense no primário e secundário, e parece-me que hoje não a ensinam nem no curso superior de história! — calou-me na alma, impressionou-me fundamente o drama sofrido pelos casais açorianos em sua temerária travessia do oceano para vir estabelecer-se em nossa terra.

A idéia de um dia escrever essa página épica e lírica, de fazer reviver a epopéia açoriana, perseguiu-me desde os 18 anos, mas só aos 37 tive coragem de enfrentar o desafio de que resultou a minha primeira novela.

O romance que se seguiu mantém como "back-ground" episódio histórico (revolução federalista), o mesmo ocorrendo com outras narrativas.

Até aqui, o que não se fundamenta na história é a coletânea de contos, se bem que a ela não fujam inteiramente. Nessas "histórias da ilha", em vez do depoimento histórico, a justificativa está no documentário social e lingüístico.

Qual o seu processo de criação literária?

No princípio não é o verbo, é a imaginação. Este o nascedouro das histórias, que no pensamento vai se desenvolvendo e se robustece para ser texto ou definha e se extingue.

O desenho concebido a largos traços aos poucos ganha densidade no sentido do geral para o particular, tudo em elaboração mental, até que, suficientemente amadurecida, a história ganha o papel. Então as personagens já estão identificadas, o entrecho tem sua sinopse, as pesquisas efetuadas, a estrutura montada, inclusive as motivações para intercalar cenas de segundo plano.

Manda a verdade, porém, que confesse as constantes e inúmeras alterações a que está sujeito o planejado, principalmente as "dicas" para inserções de planos, coisa difícil de ser feita a frio, sem o calor da criação.

A dificuldade está em prefixar-se o momento em que se pode ou deve substituir o tempo da ação.

Cabe aqui dizer que não me abalanço a encetar uma narrativa, longa ou curta, sem saber exatamente como terminará. Não raro escrevo as últimas páginas antes das antipenúltimas, a fim de evitar o prejuízo da clareza e da qualidade do estilo no ansioso atropelo do arremate.

Sei que há os que se deixam conduzir pelos acontecimentos, nada premeditando, nada preconcebendo. Quanto a mim, não saberia trabalhar desse modo, mesmo porque a arte de contar uma história tem as suas artimanhas... às vezes você tem de, habilmente, inserir uma referência ou um detalhe aparentemente gratuitos que só vão funcionar páginas ou capítulos adiante. Eu pergunto como poderá o narrador preparar o espírito do leitor para determinada ocorrência se não souber de antemão o que vai acontecer?

(continua)

Salim miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ALMIRO CALDEIRA

II

Nesta segunda parte da entrevista, AC ainda fala de sua proposta ficcional, de suas preocupações no retratar a Ilha e seu passado, afirmando em certo trecho que com seus escritos busca "um largo mural em que pretendi debuxar aspectos da vida ilhoa". Explica, a seguir, de que maneira isto vem sendo alcançado, pois embora não tenha havido um planejamento antecipado, há uma unidade de tratamento e de pesquisa na obra de AC. Mais adiante, a uma pergunta feita, "Não tem nenhum livro editado em Santa Catarina?", lamenta-se: "Não, infelizmente". Só que entre a data em que a entrevista foi feita e sua publicação, a resposta fica alterada. É que, neste meio tempo, AC teve um original, *Arca Açoriana*, novela, aprovado pela Editora da UFSC, que já se encontra em produção, devendo ser publicado no decorrer deste 1984.

Fotos: Arquivo



Almiro Caldeira, em 1930, aos 9 anos, entre seus irmãos Ezilda (Falecida), Dalmiro, Helena, Fernandino, José, Lauro e Almira.



AC em Panorama do conto catarinense, Ed. Movimento, 1971, comparece com o conto "Vigília de ano bom".

Quando apareceu o primeiro livro, e quais as dificuldades para publicá-lo?

Meu primeiro livro — **Rocamaranha**, novela, "romancelho" como foi rotulado pelos críticos portugueses — surgiu em 1961 na coleção Catavento da Editora Globo. O contrato foi assinado em novembro de 1960, mais ou menos dois anos após a conclusão do original, que não cheguei a enviar a editora alguma, pois todas as casas consultadas o rejeitaram de plano alegando as mesmas razões de hoje e de sempre. Tive a sorte de contar com a boa vontade de José Otávio Bertaso, que se dispôs a encaminhar o manuscrito a seu pai, o editor Henrique D'Avila Bertaso (falecido há poucos anos), que por sua vez o confiou a uma comissão julgadora permanente de que fazia parte Érico Veríssimo. Essa comissão votou favoravelmente à edição, sendo interessante mencionar que o estimado romancista quis a princípio que se mudasse o título (achava-o, mais tarde me explicou, um tanto esquisito e desfavorável para um estreante), entretanto acabou aceitando o mesmo, admitindo até que pudesse despertar a curiosidade do público ledor.

Como vê, não tive muita dificuldade em publicar o primeiro livro, tive, isto sim, uma boa estrela.

Quais os livros publicados, a publicar e projetados?

Os publicados são: **Rocamaranha**, novela (Editora **Globo**, Porto Alegre, 1961), **Ao Encontro da Manhã**, romance (Editora **Leitura**, Rio de Janeiro, 1966), e **Maré Alta**, contos (Editora **Movimento**, Porto Alegre, 1980). A publicar: os romances **Arca Açoriana** e **A Esperança, Talvez.** Não trabalho, no momento, em nenhum projeto novo. Estou em recesso das musas...

Não tem nenhum livro editado em Santa Catarina?

Não, infelizmente. Gostaria de ter, mas me parece muito difícil, pois se a reedição do meu romance **Ao Encontro da Manhã** (há muito esgotado) foi proposta por um Secretário de Cultura e nem assim saiu! Se o meu inédito **A Esperança, Talvez**, com que concorri ao Prêmio Cruz e Sousa/82, teve sua publicação recomendada pela Comissão Julgadora (formada de notabilidades nacionais) e ainda assim a Fundação Catarinense de Cultura não se interessou em editá-lo (e apesar também do seu Superintendente haver asseverado que lançaria os 3 originais catarinenses distinguidos em tão magnífico certame)... depois disso, que esperança posso alimentar de me ver editado na minha terra? Não há nem talvez...

> "Entendo que a ficção não tem compromisso com o verídico, porém quando busca sua temática na História não tem o direito de contrariar os fatos ou distorcê-los ou subraí-los ou omiti-los, se sobre tais fatos repousa parcela expressiva da verdade histórica."

Até que ponto você preserva a verdade dos fatos ao escrever obra de ficção com fundo histórico?

Em minha ficção de fundo histórico procuro respeitar a verdade histórica essencial, isto é, a que avulta como significativa. Entendo que a ficção não tem compromisso com o verídico, porém quando busca sua temática na História não tem o direito de contrariar os fatos ou distorcê-los ou subtraí-los ou omiti-los, se sobre tais fatos repousa parcela expressiva da verdade histórica. Em **Ao Encontro da Manhã** juntei no mesmo guisado novelesco gente e fatos da realidade e da ficção. Enquanto os da realidade não somente são, mas também devem parecer reais, os imaginários apenas podem aspirar a dar tal impressão, para o que evidentemente foram escritos. Quanto ao real ser e parecer realidade, por mais paradoxal que pareça, é pouco esperável em alguns lances daquele livro, lances esses que, embora verdadeiros, guardam indisfarçável aparência de fantasia. É o caso, por exemplo, da espetacular fuga do Neco embarcando numa canoa no cais da cidade, diante da escolta estupefata. Só o protagonista foi inventado. O curioso é que, na ficção, a fantasia deve parecer realidade, e para isto o escritor precisa esmerar-se, mas o que dizer quando a realidade se veste com o manto, nem sempre diáfano, da melhor fantasia humana? E isto acontece...

Há uma continuidade ficcional intencionalmente buscada, no sentido de dar uma visão ampla da terra e da gente da Ilha de Santa Catarina?

A unidade temática do conjunto dos meus escritos permite que sejam visualizados como uma só peça, um largo mural em que pretendi debuxar aspectos da vida ilhoa. À parte o mérito da tarefa, pode-se falar em continuidade e intencionalidade nessa projeção do homem interiorano de Florianópolis. Todo um percurso foi procurado e trilhado no afã de revelar o indivíduo e seu meio, os caracteres humanos e suas circunstâncias, numa análise que se foi aprofundando de pincelada a pincelada, num recorte de figuras que tendeu a enriquecer-se em contornos. Isto, de qualquer modo, persegui. Há sem dúvida uma sequência muito claramente transposta, o que evidentemente nada tem a ver com a cronologia.

Por falar em cronologia, é interessante observar que, agora, 22 anos após a publicação de **Rocamaranha** e 17 depois de **Ao Encontro da Manhã**, escrevi o livro intermediário entre ambos — **Arca Açoriana** — que com esses dois compõe uma trilogia a cobrir cerca de 150 anos.

Essa trilogia surgiu espontaneamente ou havia sido planejada?

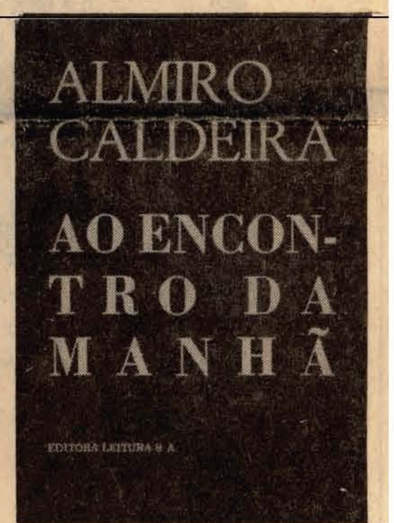
Não foi planejada. Nunca me passou pela mente escrever a segunda parte de **Rocamaranha**, embora amigos me tivessem aconselhado a fazê-lo desde o aparecimento da novela. Só depois de me decidir a escrever a continuação da história de Duda/Nanda é que me ocorreu a idéia de estender uma ponte entre as duas histórias, preenchendo o vazio temporal que as separava.

O trabalho burocrático prejudica o fazer literário? Quais as horas dedicadas à criação ficcional?

Prejudicaria, se desejasse dar dedicação exclusiva a essa atividade. Não sendo este o meu caso, pois não tenho tal propósito, o serviço burocrático em nada afeta o rendimento do meu labor escrevinhadeiro. Quando a pleno vapor e dentro da temporada, chego até a ocupar-me com literatura cerca de três horas diárias, no máximo. A mais não vou para evitar o ponto de saturação.



No lançamento de Rocamaranha (1961), ladeado pela esposa Léa Maria (filha do escritor e jornalista Tito Carvalho) e pela mãe (D. Gilete, hoje com 94 anos), com os filhos Lorena, Vânia e Almiro; os irmãos Lauro e Dalmiro e a sobrinha Nara.



Ao encontro da manhã, **romance de AC, foi publicado pela Ed. Leitura, RJ, 1966**

RESENHA



Páginas verdes, de Edilson Martins, Ed. Codecri, RJ. Reunião de artigos, reportagens e entrevistas, onde o Autor, preocupado com a defesa dos índios e da ecologia, denuncia, a partir de fatos concretos, a violência que nos atinge diariamente. Diz: "a luta é de todos nós. Precisamos adotar novas posturas de vida".

* * *

O universo encantado, de Robert Jastrow, trad. de Sérgio Augusto Teixeira, Ed. Francisco Alves, RJ. O Autor mostra como novas descobertas científicas deram origem a uma nova visão do homem — e até onde isto pode nos conduzir. E expecula: o homem não será a última palavra no desenvolvimento da ciência, mas apenas um passo em direção a uma nova e ainda mais inteligente forma de vida.

* * *

A experiência do prodígio, de Ana Hatherly, col. Temas Portugueses, Ed. Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa. Um fascinante recuo no tempo, dando-nos as bases teóricas e uma antologia de textos visuais portugueses dos séculos XVII e XVIII. Historia-se, assim, uma área da literatura atualmente denominada Poesia Visual, demonstrnado-se como suas origens remontam à mais distante antigüidade.

* * *

Réquiem para um burocrata, de Arnaldo Campos, Ed. Mercado Aberto, R.J. Depois de uma estréia auspiciosa com um volume de contos, o Autor silenciou. Só agora, quase quinze anos mais tarde, retorna com uma novela de tema atual: um funcionário público exemplar durante 23 anos, de repente se vê envolvido numa trama kafkiana: um inquérito contra subversivos. E a tensão que envolve o personagem atinge o leitor.

* * *

Cadernos de psicologia biodinâmica/2, Summus Ed., SP. Vários autores examinam e estabelecem a existência de um elo direto entre o **stress** emocional e a tensão muscular crônica e que os conflitos e ansiedades produzem em nosso organismo tensões internas com múltiplas conseqüências.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS 341



Jair Francisco Hamms

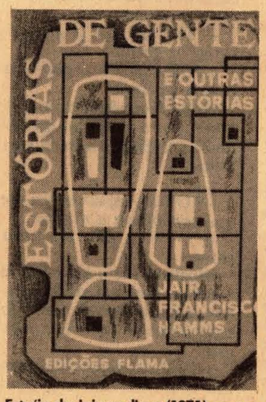
Desde seus primeiros escritos, Jair se caracterizou por ser um retratista da Ilha, por flagrar com pertinência o ilhéu, esta figura tão típica. Aliás, o próprio Jair é um ilhéu típico. Veja-se seu humor, sua inquietação, sua ânsia de viver em plenitude, seu beber-comer e seu falar-gargalhar.

Sem prejuízo, claro, de seu compromisso com seu tempo e seu meio.

Como escritor, ele se caracteriza pela marca, muito pessoal, de transmitir como quem conversa. Através de sua oralidade, seu texto flue — e logo o leitor com ele se identifica, identificando situações e personagens encontradiços no nosso dia-a-dia.

Os que conhecem Jair mais intimamente observam outro fato igualmente importante: enquanto há uma gama de escritores que se entregam ao escrever, tornando-se, "como pessoas falantes", de reduzido interesse, com Jair isto não se dá. Ele conta suas histórias com inteira propriedade, através de gestos, da expressão fisionômica, de entonações que acompanham as diferentes situações, do riso modulado — e por uma gargalhada que reboa e se eleva até o paroxismo. Mas se tudo isto não pode, logicamente, ser transferido para o papel, existem os artifícios da escrita de que um ficcionista deve saber se utilizar. Então, transferido para o papel, muito dele e de sua maneira de ser lá está: na fluência do diálogo, no estilo elétrico, nas pinceladas com que ele ergue e constrói uma cena, imagisticamente. A preocupação com a imagem talvez se explique pelo fato de nele se encontrar enrustido o artista plástico que não se completou, embora Jair diga agora que não "tinha prazer em desenhar ou esculpir". não sei se aí se encontra uma verdade verdadeira. Por que? Porque, numa espécie de transferência que Freud explica, se Jair não se realizou nas artes plásticas, nunca se desligou do setor, seja entupindo (é o termo que logo me surgiu) sua casa com quadros, desenhos, esculturas, seja apoiando e incentivando de todas as maneiras os artistas novos, menos novos, conhecidos e desconhecidos.

Mas o melhor mesmo é ouvirmos (em ambos os sentidos da palavra) o que Jair tem a nos dizer — e ele, nesta entrevista, tem muito a dizer. De sua infância, com seu toque proustiano quando fala "no sabor daquela bala e do odor do açúcar queimado" que jamais esqueceu, de sua adolescência, de suas experiências de vida tanto no meio universitário como na administração, de suas lutas pela sobrevivência e de suas lutas, igualmente difíceis, com a palavra. Vamos, então, a primeira parte de mais um escritor nesta série Ficcionistas de Santa Catarina.



Estréia de Jair em livro (1971) contos e crônicas publicadas em O ESTADO.

Infância. Quais as primeiras sensações de vida? Quais as primeiras histórias contadas ou lidas que mais te impressionaram?

Puxo a saia da minha mãe pedindo colo, posto que estou diante de uma mesa bem mais alta do que eu. Do colo de minha mãe, vejo então, toda a mesa coberta de balas pretas e retalhos retangulares de papel branco. Uma velha embrulhava as balas. Ganho várias. Estou certo de que esta é a minha mais remota lembrança de vida. Uma doce lembrança, pois. Ainda a respeito desta cena, devo acrescentar que não existe a hipótese de tratar-se de um sonho, uma vez que do sabor daquela bala e do odor do açúcar queimado jamais esqueci. Eram as chamadas balas queimadas, muito comuns em Florianópolis.

Quanto às histórias que mais me impressionaram, estou seguro de que foram as contadas por minha mãe. À época, era ela uma singela capiau recém vinda da Enseada de Brito. À noite, costumava conversar com as vizinhas a respeito de passagens incrivelmente fantasmagóricas que teriam acontecido lá, na Enseada. Histórias de procissão das almas, do demônio, de bruxas. Eu ficava terrificado. Aliás, o ambiente ajudava, eis que na minha casa não havia luz elétrica.

A fraca chama da lamparina ou vela se encarregava de completar o meu grande medo, pois iluminava pequenas áreas, deixando o resto às escuras. Diga-se, a propósito, que o advento da luz elétrica acabou a pau com os fantasmas do mundo inteiro. Por mias corajoso e violento que seja um lobisomem, ele não enfrenta uma lâmpada de quarenta velas.

Qual, nessa fase, a figura humana que mais te impressionou?

Foram duas. Duas mulheres. Eu morava então, numa casinha de madeira à Rua Bocaiúva. Elas eram vizinhas: habitavam uma casinhola, quase um rancho, que distava uns dois metros da minha.

Uma era bem velha, cabelos grisalhos, sebosos, lisos e compridos, boca cheia de dentes podres. A outra era mais nova, uma negra magra que tomava uns porres que a deixavam incrivelmente agressiva.

A primeira, a mais velha, chama-se Tomásia. Era mendiga. Usava um dos braços, verdadeiro aleijão que mais parecia um molambo de carne, vermelho e inerte, como apelo para mendicância. Seu mau hálito era inenarrável. Um sopro apodrecido de que jamais esqueci. O miasma.

Não recordo o nome da segunda nem sei o que fazia Mas me lembro dos esporros que ela dava, à noite, quando chegava encharcada de cachaça. Brigava com a Tomásia e desafiava todos, homens e mulheres. Duas desgraçadas, vítimas da nossa sociedade cruel e impiedosa.

Formação escolar?

Comecei no então chamado Grupo Escolar Arquidiocesano São José. Depois, cursei a Escola Industrial, que além de ser grátis, fornecia lanche, almoço e uniforme completo. Era uma excelente alternativa para os pobres. Fiz algum tempo de Filosofia, curso de Geografia, mas só concluí o de Direito. Posteriormente, fiz alguns estudos de especialização, em Educação, no México e nos Estados Unidos.

Quando e como surgiu a vontade de escrever e dar para os outros o teu recado através da palavra?

Em 1967. Portanto, relativamente tarde. Eu era, então, redator do jornal O ESTADO. Durante o dia, trabalhava na Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina e à noite enfrentava o batente no jornal, lá na Rua Conselheiro Mafra.

À época, circulava uma espécie de esboço do que seria, pouco após, o excelente e saudoso Caderno-2. Certa noite, pouco antes da hora de rodar o caderno, o Osmar Schlindwein, então pau-para-toda-obra no jornal, me procura e diz: "Jajá, dois colaboradores falharam. Estou com um espaço enorme para encher. E não estou disposto a botar um tijolo qualquer... Não quero escangalhar o caderno. Vê-se bolas alguma coisa aí". Sentei à máquina e escrevi um conto sobre um pescador. Deu certo. Foi a minha primeira incursão no mundo da ficção. da ficção.

É bem verdade que, muito antes, eu sentia que tinha qualquer coisa de ficcionista. Até mesmo na maneira como armava e coloria as minhas narrativas do dia a dia, do cotidiano. Mas todo o meu tônus de criação era gasto no desenho, na pintura, na caricatura e na escultura. Eu tinha, verdadeiramente, muita facilidade para desenhar, pintar ou esculpir. Em fração de minuto, fazia uma caricatura. Entre 1953 e 1959, fiz e vendi cerca de cinquenta delas. Foi a maneira que encontrei de aumentar o hoje chamado ingresso familiar, posto que, sendo o papai operário, a pobreza lá em casa era quase alarmante! Tinha, também, com perdão da expressão sofisticada, destreza digital suficiente para transformar, mediante um simples canivete, uma pequena bola de gesso na cara de qualquer amigo ou conhecido. Mas eu não tinha prazer em desenhar nem em esculpir. Sou um ex-quase artista plástico.

Como aparece, como se arma uma história?

É relativamente simples. Primeiro, eu armo o esqueleto, isto é, a parte essencial. E isso, embora pareça incrível, é o que há de mais demorado. Uma vez iniciada a estória, uma vez escrita a primeira frase, ela, a estória, flui como se eu narrasse algo que tivesse verdadeiramente ocorrido, algo que alguém tivesse me contado. As situações, os ambientes, os sons, os aromas, as fisionomias, são tão reais, tão presentes, que nada me resta fazer além de contar o que estou sentindo, vendo. É um negócio meio pirado, meio "esquizo".

Qual o teu processo básico de criação literária? Partes de uma, sensação, de uma figura, de um som, de uma imagem ou de que?

Varia. Varia bastante. Mas, ordinariamente, meu ponto de partida é uma figura. Mas uma figura humana. Um personagem. Uma vez pronto o personagem no atinente às suas características essenciais, feito idade, tipo físico, grau de instrução, caráter atividades e outras, procura um ambiente para ele, que tanto pode ser uma cidade ou um avião, quanto um hotel ou uma fazenda. Então, começo, por assim dizer, a "conversar" com ele: procura "saber" o que faz, o que quer, quais as suas maneiras de agir e reagir, suas principais derrotas e vitórias, seus beijos e porradas, idéias e ideiais, suas ambições. Aí, vem a estória.

Quando criei o Domingos Tertuliano Tive, por exemplo, segui mais ou menos essa ordem. Eu viajava, de avião, de Porto Alegre para Florianópolis, quando tomei por leitura de bordo um jornal paulista ou gaúcho, cuja página policial fazia alusão ao trabalho de um detetive particular na solução de um intrincado crime passional. Imediatamente, imaginei a existência de um detetive em Florianópolis. Como tenho a pretensão de achar que conheço muito a nossa Ilha, seja sob os seus aspectos étnicos ou sociológicos, seja sob os geográficos ou históricos, julguei que poderia criar um personagem com características marcadamente ilhoas. A tarefa mais difícil, a fim de que o seu comportamento não acordasse somente o interesse e humor regionais, seria emprestar a ele um certo sabor nacional.

Ora, quem quer que seja que, um dia, se arrisque a desempenhar a profissão de detetive particular em Florianópolis, inevitavelmente cairá na nossa maledicência, na nossa irreverência, em nossa usina de boatos e nossa rede de intrigas. Sua figura, seu retrato, pouco tempo após, estará definitivamente colada nm álbum de tipos folclóricos e caricatos que o calçadão da Felipe Schmidt e a Figueira colecionam. Alguém já me disse, não nu de razão, que é difícil envelhecer com dignidade em Florianópolis. Que, por uma piada, manchamos uma reputação. Exagero à parte, senti que o meu detetive teria que ser caricato, folclórico e irreverente, bem ao gosto da Ilha, pois.

Imaginei, então, um homem de quarenta anos, estatura média, magro, pálido, cabelo besuntado de brilhantina, unha comprida no dedo mínimo da mão esquerda, inteligente mas de pouca instrução. E passei a "conversar" com ele. "Soube", então, que estava desempregado, que morava numa quitinete, que era ensimesmado a ponto de "discutir" com seus botões e que vinha de uma série de insucessos, derrotas. Mas que tinha grandes sonhos, grandes ambições, embora sem estrutura, sem norrau para tanto. Pronto: nascia o Domingos Tertuliano Tive, o D. T. Tive, o Detetive de Florianópolis.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS **342**

Jair Francisco Hamms

II

Com Anibal Nunes Pires, primeiras boas leituras

Nesta segunda e última parte da entrevista, Jair fala de onde e quando foram editados seus dois primeiros livros, conta de seus projetos, dizendo que os contos, ou crônicas-contos, pois nele os dois gêneros se interpenetram, que estão sendo publicados em O ESTADO, denominados genericamente de Contos de Lendária, **fazem parte de uma novela em processo. Tanto podem ser lidos independentemente, pois cada qual se fecha em si mesmo como um todo completo, ou em bloco, quanto então se interligam pelo clima, pelas situações, por personagens que vão e voltam. Depois de dizer já ter sido abordado na rua por pessoas que julgam servir de inspiração para seus personagens de ficção (o que deve ter acontecido com quase todo criador literário), Jair conclui falando de obras e autores que mais o impressionaram, ao mesmo tempo em que se refere a pessoas (Anibal Nunes Pires, Zulmar Lins, Hercílio Medeiros, Henrique Stodieck) que mais o influenciaram e marcaram.**

A próxima entrevista desta série Ficcionistas de Santa Catarina, **a se iniciar no próximo domingo, será feita com a romancista Urda A. Klueger.**

Como se situa o relacionamento entre o administrador e o escritor?

Como é impossível, mental, espiritual ou emocionalmente separar o administrador do escritor, esforço-me para conciliar as obrigações do primeiro com os impulsos do segundo. Isso, claro está, exige disciplina, renúncia e aplicação. Mas como sou razoavelmente organizado, divido o tempo — no meu caso a semana — de maneira que o administrador viva de segunda a sexta-feira e sobrem o sábado e domingo para o escritor. Não é nada fácil. Tu bem sabes.

Onde e quando apareceram os primeiros trabalhos?

Como já disse, no saudoso Caderno-2, do jornal O ESTADO, *em 1967.*

E o primeiro livro?

"Estórias de gente e Outras Estórias", em 1971, pela Editora Flama, de Porto Alegre. Uma seleção de crônicas, publicadas entre 1967 e 70.

E o segundo?

Foi "O Vendedor de Maravilhas", editado pela Edeme, em 1973. Igualmente, uma seleção de crônicas e alguns contos publicados, quase todos, no O ESTADO *e um ou dois no suplemento literário do "Correio do Povo", de Porto Alegre.*

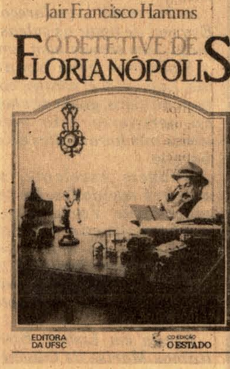
Quais os projetos futuros? Já pensate em partir das crônicas e contos para um trabalho de mais fôlego, no caso, uma novela ou romance

Sim. Na verdade, quando escrevi os dez contos que têm como personagem principal o Detetive de Florianópolis, fundamentalmente estava exercitando um trabalho de mais fôlego. Por igual, nesta série que estou publicando e que denominei "Contos de Lendária", a paisagem literária é a mesma, o clima e o tratamento são os mesmos e alguns ambientes e personagens se repetem.

Mas desejando evitar o folhetim, isto é, não querendo fragmentar ou capitular o todo, transformei cada uma das partes em contos literalmente completos e acabados. Desse modo, a série pode ser lida livre de qualquer ordem ou seqüência. O conjunto, todavia, forma uma novela, posto que cada parte, embora com vida, com existência independente, se justapõe à outra. Quando reunidos num livro, o que pretendo, esses "Contos de Lendária" darão ao leitor a sensação de haver conhecido uma cidade. E quem tenha lido somente alguns contos, terá a impressão de haver conhecido certos habitantes de uma cidade. Quero dizer, com isso, que os "Contos de Lendária" são uma novela para quem lê o conjunto. E contos para quem lê parte. Como vês, parti para a novela pelo caminho mais árduo. Literalmente.

Já te aconteceu ser abordado na rua por pessoas que se identifiquem com personagens de tuas estórias?

Já. E isso é realmente muito interessante. Muitos dos que me abordam e me abordaram viraram personagens. Mas outros que eu criara, que eu urdira, que eu pensava não existir, já existiam. Física e psicologicamente. O Domingos Tertuliano Tive, o Detetive de Florianópolis, é um deles.



Ao criá-lo, imaginei um tipo magro, pálido, cabelo preto, furiosamente trajado. Essa, a figura externa. Internamente, um sujeito audacioso, atilado, pândego e comunicativo. Fui ver, já havia! Até no desenho do bigode!

Quais os autores e obras que mais te influenciaram e impressionaram?

No início da minha adolescência, tive a sorte de ser vizinho do saudoso amigo e mestre Anibal Nunes Pires. Mais do que me emprestar os primeiros bons livros, ele orientou a minha leitura, iniciou a minha formação literária. Inicialmente, pela janela de sua casa, ele me passou os brasileiros: Machado de Assis, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Manuel Bandeira, Raul Bopp, Jorge de Lima. Depois, os portugueses Eça de Queirós e Fernando Pessoa. Mas o Anibal não se limitava a emprestar os livros. Ele complementava a minha leitura falando do romancista ou do poeta, da forma, do estilo, de suas vidas, influências, épocas. Essas informações suplementares foram aulas valiosíssimas e inesquecíveis.

Pouco mais tarde, meu irmão Betinho iniciou uma grande amizade com outro extraordinário tipo humano de nossa terra, muito conhecido pela sua atividade profissional mas muito pouco pela sua faceta intelectual: o médico Zulmar Lins Neves. Do Zulmar, mediante o Betinho, acabei por ter às mãos Stendhal, Martin Du Gard, Edgar Allan Poe, Friedrich Dürrenmatt, Camus, Simenon.

Posteriormente, já com vinte anos, na tua livraria, conheci alguns componentes do Grupo Sul. Foi a época em que mais peguei livros emprestados, mesmo porque comprar não podia. Li, então, Tolstoi, Dostoievski, Cervantes, Thomas Mann, Faulkner. Nessa ocasião, firmei amizade com outra figura notável de Florianópolis, até hoje meu caro amigo, o desembargador Hercílio Medeiros. Com ele, no fluir de mais de dez anos, mantive os meus mais importantes diálogos a respeito da literatura francesa. E dele tomei emprestado o que havia de melhor na ficção inglesa e francesa.

Como pudeste observar, fiz referência a três espécies de patronos que tive na minha formação literária. O Anibal, o Zulmar, o Hercílio. Citaria, ainda, o saudoso Henrique Stodieck, de quem, igualmente, fui grande amigo e aluno. Mas dele tomei, sobretudo, obras de filosofia, sociologia, psicologia, direito, política. Pouca ficção.

Complementando, cito algumas obras que me impressionaram fortemente: "Guerra e Paz", do Tolstoi; "Crime e Castigo", do Dostoievski; "A Montanha Mágica", do Thomas Mann; "Dom Quixote", do Cervantes e "O Crime do Padre Amaro", do Eça.

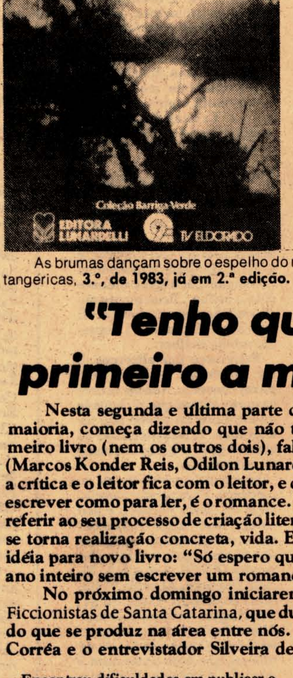


Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

URDA A. KLUEGER II

Reproduções





As brumas dançam sobre o espelho do rio, **2.º romance, é de 1982; e** No tempo das tangerinas, **3.º, de 1983, já em 2.ª edição.**

"Tenho que ser fiel primeiro a mim mesma"

Nesta segunda e última parte da entrevista, Urda, ao contrário da maioria, começa dizendo que não teve problema em publicar seu primeiro livro (nem os outros dois), fala de três amigos que a tem ajudado (Marcos Konder Reis, Odilon Lunardelli, José Gonçalves), diz que entre a crítica e o leitor fica com o leitor, e que seu gênero preferido, tanto para escrever como para ler, é o romance. Ela não poderia, é claro, deixar de se referir ao seu processo de criação literária, quando o ponto inicial, a idéia, se torna realização concreta, vida. E conclui que anda à espera de uma idéia para novo livro: "Só espero que ela chegue logo, porque ficar um ano inteiro sem escrever um romance é uma coisa muito angustiosa."

No próximo domingo iniciaremos a última entrevista desta série Ficcionistas de Santa Catarina, **que durante quase um ano fez um balanço do que se produz na área entre nós. O entrevistado é Glauco Rodrigues Corrêa e o entrevistador Silveira de Souza.**

Encontrou dificuldades em publicar o primeiro livro e os outros?

Ao contrário do que costumo ouvir de tantos colegas que se queixam da dificuldade de publicação, eu não encontrei nenhuma. Após ler os originais de "Verde Vale", o meu terno poeta Marcos Konder Reis deve ter me avalizado junto a um mago chamado Odilon Lunardelli, do qual passei a receber recados para que lhe enviasse os originais. Eu morria de medo de me defrontar com um editor, embora pensasse em um dia editar, mas "um dia". Foi preciso um ultimato do amigo escritor José Gonçalves para que eu fosse conhecer o famoso editor. E então, como num passe de mágica, ele estava me comunicando que meu livro seria publicado, mais ou menos quando sairia, etc. Foi como um conto de fadas. E parece-me que o conto-de-fadas ainda não terminou.

Alguém a incentivou, ajudou-a, orientou-a, leu os originais e opinou?

Vamos por partes: Incentivou. Ninguém o fez, porque, como já falei mais para trás, eu morria de vergonha por estar escrevendo. Escondia cuidadosamente o que escrevia e nem me passava pela cabeça mostrar para alguém. Só quando "Verde Vale" já estava pronto é que alguma coisa dentro de mim me disse que era hora de mostrar. Quanto à ajuda e à orientação, acho que a pergunta já está respondida.

Sobre ler os originais e opinar, duas pessoas o fizeram: Marcos Konder Reis e José Gonçalves. Lembro-me bem de como o Marcos opinou desfavoravelmente sobre o final de "Verde Vale", e eu sei que o final do livro não é bom. Na época, passei um domingo inteiro tentando mudá-lo, sem conseguir. E acho que nem agora conseguiria mudá-lo. O livro acabou saindo exatamente como tinha sido escrito, o que é uma pena, pois tem um final no qual falta sal ou açúcar. Muitas pessoas já criticaram o final dele, só que foi assim que ele foi escrito e agora não dá mais para mudar. Sintetizando a resposta, acho que sempre fui mais pela minha cabeça, talvez em detrimento do que escrevo. Mas tenho que ser fiel primeiro a mim mesma. Se depois não for bem sucedida, pelo menos fui fiel a mim.

Como a crítica tem se pronunciado a respeito da sua obra? De que maneira isso a atinge? Ou não atinge?

Dizer que não atinge é exagero, pois a gente sempre quer saber sobre o que os outros pensam. Sei que é importante o que dizem os críticos literários, e eles têm sido muito bondosos para comigo, mas não é a crítica deles a que mais me interessa. A crítica importante mesmo é a dos leitores, a do estudante de 11º e 2º graus, que tem que ler para fazer um trabalho para a escola; a da empregada doméstica, que emprestou o livro da patroa e leu de noite; a do aposentado que se entusiasma e acaba comprando uma porção de livros para dar de presente de Natal; a da mocinha bancária, que gosta e acaba mandando o livro, pelo malote, emprestando para colegas de outros estados. Acho que não se deve escrever para agradar ao crítico literário: deve-se escrever para que as pessoas leiam e gostem, ou leiam e não gostem, mas leiam. Respeito as pessoas que escrevem para uma elite, mas não gostaria de fazer isso. Se para mim escrever é uma festa, por que escrever de uma forma que acabe tendo poucos participantes na festa? festa?

Seu gênero preferido é o romance. Já tentou outros? Enveredou pelo conto? Os poemas existem?

Só escrevi um poema na vida, e foi o bastante para nunca mais pensar nem tentar. Acho muito mais fácil escrever um romance do que um conto. Fiz alguns poucos esparsos contos, mas sei que eles não são bons. O que eu gosto mesmo de escrever é romance.

Sua leitura preferida é também o romance?

Sim, inegavelmente. Gosto de certo gênero de poesia, ou melhor dizendo, certos gêneros, como a de Marcos Konder Reis, como a de Martinho Brunning, como a poesia épica e grandiosa de Castro Alves. Gosto de ler teatro, gosto de um pouco de filosofia, gosto de ler o que pensam os orientais, mas o que eu mais gosto e mais leio é o romance.

Qual seu processo de criação literária? Como se estrutura em você um romance? E personagens? Interferem pedindo mais espaço?

No começo, deve haver uma idéia. E essa idéia sempre tem sido, pelo menos até agora, um fato histórico: Havendo a idéia e ela me apaixonando, o resto é fácil. Acho que fácil é dizer pouco: a idéia se torna vida, e eu passo a respirar de uma forma mais acelerada, passo a ter menos sono e a sentir menos cansaço. De repente, a história está se formando dentro de mim. Há personagens pedindo para chegar, há lugares e coisas pedindo para ser descritos, há uma grande ansiedade para pegar uma caneta e começar a escrever. Mas para começar a escrever tenho primeiro que saber direito com o que estou tratando. E para isso é necessário fazer pesquisa, o máximo possível, para, mesmo escrevendo ficção, não ser infiel à história. Essa pesquisa tem as mais variadas formas: lembro como conversava com pessoas que entendiam de agricultura para saber da época do plantio e da colheita de todas as coisas que crescem aqui no Vale, na época em que estava pesquisando para "Verde Vale"; lembro da grande quantidade de livros que li, livros que falavam sobre a Segunda Guerra Mundial, onde adquiri um monte de conhecimentos sobre o assunto, dos quais devo ter aproveitado 1% para escrever "No tempo das tangerinas"; lembro de tantos episódios relacionados à pesquisa! Pesquisa feita, é hora de começar. Nessas alturas, os personagens já tomaram conta da minha cabeça, e estão quase explodindo de impaciência. E então começo e me sinto extremamente viva — a vida se torna uma coisa maravilhosa quando estou escrevendo. E de repente não sou mais eu quem está criando: os personagens adquirem vida própria e começam a abrir caminho por si — eu me limito a acompanhá-los com sofreguidão, com ansiedade crescente, temendo que eles caminhem tanto que eu os perca de vista. E é extremamente deprimente acabar um livro. É como se, de repente, tivesse perdido a alegria e a esperança. Fica um vazio muito grande quando um livro acaba, a vida parece ter perdido o sentido. Talvez porque haja sempre um medo secreto de que aquele pode ter sido o último, há uma angústia quando se pensa que talvez nunca mais se consiga escrever de novo. Até que uma nova idéia me domine.

Quais seus projetos futuros? Tem algum livro em preparo?

Para o futuro, a tentativa de aperfeiçoamento. Tenho consciência de que poderia ter escrito muito melhor muitas coisas; tenho consciência que a perfeição está longe, se é que algum dia poderei atingi-la. Talvez até não seja bom atingi-la — depois da perfeição, não há mais nada para ser conquistado. Há planos, sim. Gostaria de um dia poder falar sobre aquele tempo maravilhoso que foram os anos 60, gostaria de um dia contar a história da Enchente, gostaria de falar sobre um monte de coisas que aconteceram nesses 130 anos de história do Vale do Itajaí, gostaria de poder fazer uma pesquisa profunda sobre a história da Armação do Itapocoroy e tentar descrever seu clima de mistério e de magia — planos não faltam. Mas acho que ando hibernando, e escrever não é uma coisa que se force. Estou esperando a chegada de uma nova idéia que me carregue de roldão outra vez. Só espero que ela chegue logo, porque ficar um ano inteiro sem escrever um romance é uma coisa muito angustiante.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O ESTADO - Fpolis, 24/06/84

344

Urda L. Klueger

I

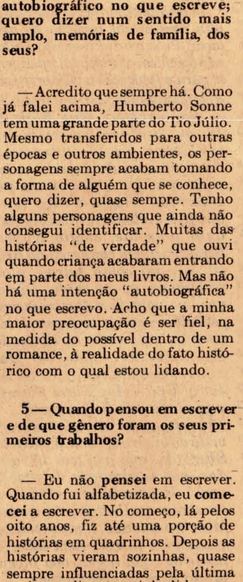
O gênero romance (ao contrário do conto e da poesia) não é muito praticado em Santa Catarina. Costumo dizer que pouco mais de uma única mão é suficiente para relacionar nossos (bons) romancistas. E então, menos comum ainda é a ficção de fundo histórico. Pois, de repente, surge em Blumenau uma jovem escritora que vem se dedicando exclusivamente ao gênero: romance de fundo histórico. Trata-se de Urda A. Klueger. Nesta primeira parte da entrevista ela fala de sua infância, formação, influências, pessoas e personagens que mais a marcaram. E de como tudo isto se reflete em seus três romances até agora publicados.

1 — Fale um pouco da sua infância e da sua formação.

— Minha infância foi igual a de milhares de outras crianças na mesma época e no mesmo lugar. Com um intervalo de dois anos, em que minha família mudou-se para a beira do mar e vi coisas que não se vêem mais, coisas encantadas, como marés de conchinhas cor-de-rosa ou de grandes conchas brancas que atapetavam a praia de Camboriú, minha infância passou-se num bairro de Blumenau, numa rua alemã, numa família alemã, embora minha mãe, descendente de portugueses e açorianos e criada numa colônia italiana, tivesse um monte de histórias para contar, diferentes das histórias que, por exemplo, os meus primos ouviam. Era um tempo encantado, quando ainda não se via televisão e havia cigarras cantando nos pessegueiros e grandes cachos de uvas pendendo das parreiras na época de Natal. Era um tempo muito bonito, precisaria escrever um livro para poder contá-lo. Na escola, sofri grande influência das minhas mestras, as queridas freiras que vinham de Minas Gerais para lecionar no nosso bairro, e que nos traziam coisas novas, como a filosofia de Antoine de Saint Exupèry, como as inesquecíveis histórias sobre os Bandeirantes e sobre a Inconfidência Mineira, que nos liam histórias da literatura alemã de francesa, que nos abriam os horizontes. Por esse tempo, lembro-me de ter prestado muita, mas muita atenção numa coisa que era trazida pelo rádio e pelas revistas: a Guerra de Biafra. E mais ou menos por essa época aconteceu uma coisa que alterou muita coisa na estrutura da vida: surgiram os Beatles, os hippies, havia a Guerra do Vietnã e os valores estavam sendo reescalonados. Tudo estava acontecendo ao mesmo tempo e eu estava no meio. Minha formação deve ter sido feita a partir de um pouco de tudo isso.



A estréia, com Verde Vale, **em 1979**



O que a gente escreve é uma projeção da gente.

2 — Quais as influências mais perceptíveis desse período: alguém da família, parente distante, amigos, professores?

— As minhas professoras primárias foram muito importantes. Como já citei acima, elas nos abriam sempre e sempre novoso horizontes, foi até uma delas quem nos contou que o homem tinha ido ao espaço. Elas nos transmitiam o vislumbre da possibilidade de sonhar, nos ensinavam os meios de tentar chegar a outros mundos. A leitura era um deles, o maior deles. Também havia o rádio, com todo o seu imenso caudal de informações. Muito criança, eu tinha até cinco ou mais programas fixos que ouvia diariamente. Havia, também, figuras inesquecíveis, como o tio Júlio. Não que o meu pai ou os outros parentes e vizinhos fossem menos honestos e trabalhadores que o tio Júlio, mas o tio Júlio era uma figura impressionante, que parecia ter uma determinação e uma força insubjugáveis. Eu era uma admiradora incondicional do tio Júlio. Meu personagem Humberto Sonne, do "Verde Vale", onconscientemente, acabou tendo pelo menos uma metade do tio Júlio. Mais tarde, já na adolescência, houve outra pessoa impressionante: Marcos Konder Ries. Ele não era o tio Júlio; era como uma gaivota voando muito alto no espaço, maravilhosamente branca contra o céu azul. É claro que as influências foram muitas. Não dá para recordá-las todas agora.

3 — Quais as primeiras histórias ouvidas e/ou lidas- Algum resíduo delas em sua obra?

— A primeira mesmo não foi lida nem ouvida: foi olhada, num inesquecível livro de pano que minha tia tinha trazido do Rio. Era a história da Gata Borralheira, e seus desenhos eram tão perfeitos, tão encantadores, que posso lembrar-me deles perfeitamente agora, embora na época não devesse ter mais que dois ou três anos. Depois veio "O Patinho Feio", que me fez chorar desconsoladamente. E aí as histórias se sucederam, acho que todos os clássicos infantis, misturados com histórias de origem folclórica, como a "Moura Torta", por exemplo, que as crianças maiores contavam para as menores. Mas o que mais me impressionava mesmo eram as histórias "de verdade", como as que minha mãe contava, ouvidas do pai delas, sobre a imigração italiana para o Vale do Rio Tijucas, ou as que minha avó contava, sobre a sua própria história de imigrante vinda de uma obscura aldeia da Lituânia, ou as dos tempos de menino e de soldado do meu pai. Se ficaram em minha obra? Devem ter ficado, o que a gente escreve é uma projeção da gente. Devem ter ficado, principalmente *as histórias "de verdade"*.

4 — Há algo(muito ou pouco) de autobiográfico no que escreve; quero dizer num sentido mais amplo, memórias de família, dos seus?

— Acredito que sempre há. Como já falei acima, Humberto Sonne tem uma grande parte do Tio Júlio. Mesmo transferidos para outras épocas e outros ambientes, os personagens sempre acabam tomando a forma de alguém que se conhece, quero dizer, quase sempre. Tenho alguns personagens que ainda não consegui identificar. Muitas das histórias "de verdade" que ouvi quando criança acabaram entrando em parte dos meus livros. Mas não há uma intenção "autobiográfica" no que escrevo. Acho que a minha maior preocupação é ser fiel, na medida do possível dentro de um romance, à realidade do fato histórico com o qual estou lidando.

5 — Quando pensou em escrever e de que gênero foram os seus primeiros trabalhos?

— Eu não **pensei** em escrever. Quando fui alfabetizada, eu **comecei a** escrever. No começo, lá pelos oito anos, fiz até uma porção de histórias em quadrinhos. Depois as histórias vieram sozinhas, quase sempre influenciadas pela última revista ou livro que tinha lido e gostado. Tipo imitação. Só que escrevia muito escondido, sempre morrendo de medo que alguém pegasse e lesse — morreria de vergonha. Paralelamente, escrevia diários, pilhas e pilhas de cadernos de diários, onde nada era imitação: era uma procura de uma identidade verdadeira. Assim as coisas foram indo; um dia, muito mais tarde, estava escrevendo histórias que não eram mais nem imitação nem diário. Acho que comecei a escrever mesmo ainda antes de saber usar um lápis. Foi naquele tempo em que olhava para uma figura vinda no rótulo de uma lata de bolachas ou em algum calendário e ficava imaginando uma comprida e maravilhosa história a partir da figura. Ressalve-se que a figura tinha que ser colorida, harmoniosa e bonita, ou possuir muita força. Até hoje me pego fazendo isso.

6 — Por que a opção por um tipo de ficção de fundo histórico, pouco praticado entre nós, presente em seus três romances?

— Garanto que não houve opção. Eu passei a escrever o que me agradava, o que estava dentro de mim, o que me satisfazia, e deu no que deu. É só o que sei escrever. Já quis fugir disso, tentei outras coisas, mas não consegui fazer nada que se aproveite.

7 — Leituras preferidas, autores preferidos e que mais a marcaram.

— Como começar? Talvez por Robinson Cruzoé, lá na infância. Ou por Júlio Verne, na adolescência. Mas daqueles tempos, o que mais marcou foi a leitura de uma série de oito livros(recentemente publicaram um nono, após a morte da autora), de uma escritora americana chamada Laura Ingals Wilder. São oito livros pejados de doçura, de ternura, de emoções, de aventuras do dia a dia que se tornam inesquecíveis. Mais que Tom Sawyer, muito mais. Eu aconselharia a leitura desses livros para todas as crianças. Acredito que a coleção ainda será muito conhecida. Ela esteve sumida das prateleiras das livrarias por mais de dez anos; recentemente, voltou a existir. São os livros "Uma casa na Floresta", "Uma casa na Campina, etc.".

Bem, depois. Não sei, muito cedo li de tudo. Dostoiewsky e Machado de Assis aos quatorze anos, e fui enveredando por todos os caminhos de quantos livros aparecessem e que fossem bons. Não havia uma pessoa que me orientasse na leitura, e o meu conceito sobre se um livro era bom ou não era o de se ele me agradava ou não. Muito mais tarde, quando apareceu uma pessoa que me orientou, olhei para trás e vi como havia tido muito tino nas minhas leituras, como soubera escolher. Mas minhas leituras preferidas? Devo dizer que sempre é o romance. José de Alencar foi meu ídolo brasileiro durante muito tempo, só suplantado quando travei conhecimento com Érico Veríssimo. "O tempo e o Vento", de Érico Veríssimo, para mim é a melhor obra (romance, claro) que já se escreveu no Brasil. Principalmente os episódios de "O Continente", que considero como obra-prima da literatura brasileira. Logo em seguida no meu coração está Jorge Amado, tão grandioso, tão versátil, tão estupendo! E depois, tantos outros: Euclides da Cunha, o sempre grandioso Machado de Assis, um escritor que só escreve coisas de ternura chamado José Mauro de Vasconcelos, um gaúcho chamado Josué Guimarães, não dá para lembrar todo o mundo. Aliás, este é um assunto muito complicado para ser resumido assim, numa entrevista. Vou fazer o que posso. Saindo das fronteiras brasileiras, há autores que nunca deixam de me comover profundamente, como Shakespeare, com sua eterna atualidade. Dos russos, me dou bem com Dostoiewski e Tolstói. Conheço pouco os franceses, tirando a turma do século passado (Alexandre Dumas, etc, que a gente lê na juventude), pois bem, tirando a turma do século passado, meu grande contacto é com Simone de Beauvoir. Isto para não falar de um francês que não é francês, é universal: Saint-Exupèry. E Marcel Proust, é claro. Lembro-me muito bem dos longos meses que passei de mãos dadas com Swan, uns dez anos atrás. Gozado como agora, pensando em Proust, percebo como ele influenciou um colega nosso aqui no Estado: Ricardo Hoffmann.

Talvez eu esteja me precipitando no julgamento, mas não consigo ler Ricardo Hoffmann sem estar comparando-o o tempo todo a Proust. Já vi, porém, que estou fugindo da pergunta. Acredito que até hoje o autor que mais me marcou foi Kafka. Ele é inexplicável, nem vou tentar dizer do impacto que sinto ao esbarrar com ele. Kafka realmente me faz a cabeça. E sei, que os colegas "intelectuais" vão me malhar, mas amo um romance americano chamado "... E o vento levou". Acho uma perfeição de romance: um fato histórico marcante na vida de um país aliado a um estudo profundo de todas as coisas, costumes e acontecimentos da época, a história da queda de uma civilização inteira, uma história de amor muito bem construída correndo pelo meio — é um grande romance, perfeito em cada detalhe, escrito por uma pessoa que não tinha a menor pressa de acabá-lo e que talvez nem desejasse acabá-lo.

Li na vida muito poucos romances que tivessem o mesmo nível. E como já falei, este é um assunto complicado demais para poder ser assim resumido. Acho que até já me alonguei demais.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ENÉAS ATHANÁZIO

Entrevista a Silveira de Souza

II

Vimos na parte anterior da nossa entrevista, quando Enéas Athanázio nos apresentou rápido mas sugestivo flash de sua infância no Planalto, que o escritor ainda tem a sua frente um rico manancial temático a ser explorado. Mas Enéas não é somente o contista regional, que a cada livro busca o melhor equilíbrio entre o pitoresco da linguagem, dos tipos humanos e da paisagem, e as exigências de expressão estética da narrativa literária. É também o ensaísta disciplinado, autor inclusive da única biografia existente no Brasil do escritor Godofredo Rangel.

E é a propósito de seus ensaios que iniciamos hoje a segunda — e última — parte da nossa conversa. Como também saberemos de seu processo de criação literária, das características de seu regionalismo e da visão que o escritor tem do mundo e da vida.

A partir do próximo domingo, estaremos publicando a sexta entrevista desta série Ficcionistas de Santa Catarina, ouvindo o romancista Miro Morais.

"Eu tenho procurado valorizar à minha maneira todos os elementos — linguajar, paisagem, psicologia do povo e sua filosofia de vida — além de casar o regionalismo com o fantástico, o mistério e até o detetivesco, dependendo do tipo de conto."

Arquivo



EA em noite de autógrafos de Meu Chão, contos, 1980.

S. — Boa parte de seu trabalho de ensaísta se prende à vida e à obra dos escritores Monteiro Lobato, Lima Barreto e Godofredo Rangel. Explique as preferências.

E. — O encontro com Lobato, através da biografia de Edgard Cavalheiro, por volta de 1955/1956, foi fascinante. Estava ali um homem que era ao mesmo tempo escritor e homem de ação, intelectual e empreendedor, coisa para mim inusitada, acostumado como estava a ver os homens de letras enfurnados na "torre de marfim" (como diziam). Da biografia parti para a obra, pois, como a maioria dos brasileiros, só o conhecia dos livros infantis. E desde então ele se mostrou inesgotável, quer como exemplo do aprendizado de escrever, quer como gerador de idéias que até hoje andam de boca em boca sem que ninguém se lembre dele. Sua busca quase desesperada de um estilo próprio e de dominação da técnica do conto é impressionante. Cada releitura mostra novas facetas de Lobato, tanto que tem dado margem a incontáveis trabalhos críticos, em livros e ensaios esparsos. As cartas e notas que ele escreveu quando era promotor em Areias ainda hoje me afetam de forma meio dolorida: senti na pele o que é ser acometido do "carnegão literário" num ambiente totalmente alheio, quando não hostil a tais elocubrações.

Lima Barreto, ao contrário, não se importava com o estilo. Importava-lhe dizer, transmitir a idéia, mesmo que às vezes fosse chocante. Escritor extraordinário e homem de personalidade, ele se comprazia em afrontar os figurões. Também não se colocou na "torre de marfim". Perambulava pelas ruas para sentir e descrever a própria alma do povo e foi assim que criou uma obra imorredoura. Esses são alguns motivos da minha preferência. Os demais são conhecidos.

S. — E Godofredo Rangel?

E. — Leitor de **A barca de Gleyre**, livro que reúne 40 anos de correspondência literária de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel, intrigava-me o silêncio do destinatário daquelas cartas, um "outro lado" que parecia o receptor passivo do tumulto de idéias que era o taubateano. Isso me levou a procurar um contato maior com a obra de Rangel e revelou um grande escritor, em vários aspectos superior ao seu célebre correspondente e como este, honestamente, reconhecia e proclamava aos quatro ventos. Estilista, criativo, observador, cheio de humor, Godofredo Rangel era, no entanto, um tímido, inimigo de qualquer tipo de promoção, fato que prejudicou a divulgação de sua obra. Sua amizade com Lobato ao invés de ajudá-lo teve efeito negativo, pois a árvore, mesmo que perfeita, fica diminuída quando nasce à sombra do carvalho mais frondoso. Valendo-me dos minguados elementos existentes, escrevi a primeira biografia de Rangel (1977) e a única até agora existente. As conseqüências desse livro, sua repercussão e pronunciamentos sobre ele estão comentados em capítulo de meu livro **Figuras e Lugares**, lançado no ano passado. Mas, o que fiz sobre o retraído escritor de Minas é apenas um começo, muita coisa ainda está por ser feita. Espero que outros ensaístas retomem o assunto e procurem alargar os estudos sobre o autor de **Vida Ociosa**. Ele bem o merece.

S. — E quanto aos catarinenses? Você já pensou em escrever sobre algum de nossos autores?

E. — Tenho comentado praticamente todos os livros de autores catarinenses que têm surgido nos últimos anos, ou, pelo menos, a maioria deles. Mas, em termos de um ensaio mais sério, tenho pensado em Crispim Mira, a respeito do qual escrevi vários artigos, um deles publicado recentemente no "Jornal de Santa Catarina". Essa idéia ainda não é um compromisso e nem um plano definido. Sua realização vai depender de vários fatores, inclusive de ordem profissional, além de que tenho um novo livro de ensaios e outro de contos em fase de conclusão, como já foi dito. Entrementes, o Crispim fica na mira.

S. — A literatura chamada "regionalista" em SC tem outros cultores também ilustres e talentosos. Que diferenças básicas você apontaria — sob o ponto de vista específico do "tratamento regionalista" — entre os seus trabalhos e os de, por exemplo, Tito Carvalho, Guido Wilmar Sassi e Édson Ubaldo, que têm como palco a mesma região?

E. — Tito Carvalho, iniciador do regionalismo catarinense, deu maior ênfase à linguagem; Guido pôs em destaque a civilização do pinho, criando o "ciclo do pinheiro", com toda a problemática surgida em torno dele, especialmente a social; Édson Ubaldo se confessa um "contador de histórias", sem a preocupação de literatizar os seus contos. Todos eles, cada um com suas características, têm trabalhos modelares. Eu tenho procurado valorizar à minha maneira todos os elementos — linguajar, paisagem, psicologia do povo e sua filosofia de vida — além de casar o regionalismo com o fantástico, o mistério e até o detetivesco, dependendo do tipo de conto. Mas, acima de tudo, tenho procurado ser autêntico, retratando a região tal como a conheço.

S. — Sabe-se que as edições de seus livros se esgotam com rapidez, o que é raro neste País onde a venda do livro talvez ainda seja o maior problema do escritor. Qual é o segredo? Você acha que o escritor deve empenhar-se pessoalmente no trabalho de divulgação e venda de seus livros?

E. — Não vejo outra saída a não ser o empenho do próprio autor na venda de sua obra, principalmente em lançamentos. Tenho alguns amigos já bem idosos e de muito renome que continuam de mangas arregaçadas no trabalho de divulgação de seus escritos, escrevendo cartas, enviando livros, colaborando em jornais. Lançar o livro e ficar sentado comodamente, esperando os resultados, só funciona para um ou dois privilegiados em cada país. Fazer o livro circular, não deixando nunca de fazê-lo chegar às mãos de um interessado. Na venda e na divulgação do livro as entidades oficiais poderiam ajudar e muito, mas, fazendo um trabalho idêntico com todos os autores e não apenas com seus editados.

S. — Gostaria que falasse sobre o seu processo de criação literária.

E. — Meus contos são "gestados" muito lentamente. A idéia vem e vai, mas, quando é boa ela volta, já acrescida de novos elementos. Fica bailando na cabeça, amadurecendo, criando forma. Às vezes fica faltando alguma coisa para "fechar" e isso leva tempo, até que, de repente, surge a solução. Então o conto está pronto para ser escrito, pois nunca o escrevo enquanto não estiver completo. A experiência me ensinou que é muito difícil refazer um conto, pois a gente não consegue fugir de todo à primeira versão. Então ele vai para a gaveta e só depois de algum tempo é que retorno a ele, passando-lhe então o "pente fino" — como dizia Lobato. O ensaio é mais fácil, pelo menos o tipo de ensaio a que me dedico. Escolhido o assunto, vou fazendo rápidas anotações e elas aos poucos se tornam um roteiro. Chegado a esse ponto, o ensaio progride na medida da minha decisão. Mas, o conto é exigente e caprichoso, só nasce de uma gravidez a termo. Se forçado, ele vira aborto.

S. — Um personagem, o advogado Janary Messias, é protagonista de boa parte de seus contos, em histórias que parecem interligar-se e até mesmo complementar-se, como em "Poço da Bica" e "Os Quatro Degraus". Fale sobre ele. Não será o personagem de um futuro romance, que começa a ensaiar-se?

E. — Janary Messias é um romântico incurável. Vivendo num meio em que a sentimentalidade é posta em ridículo pelo machismo desbragado, o coitado se vê na obrigação de agir de forma misteriosa e suas sortidas me forneceram matéria para diversos contos. Mas, o personagem, apesar de tudo, ainda não se realizou por completo, de maneira que é possível que venha a surgir movimentando-se num romance. Eu, porém, não encaro essa empresa como coisa fácil, pois observo que me torno cada vez mais conciso, qualidade negativa para o bom romancista.

S. — Como vê a literatura contemporânea em SC?

E. — Pelo que tenho lido, seja em livros adquiridos nas livrarias ou naqueles que recebo de toda parte, como em suplementos e páginas literárias, a nossa literatura não é melhor nem pior que a restante. Têm coisas ótimas e têm coisas sofríveis, além de que tem sido boa a nossa produção, em quantidade. Acho que falta melhor divulgação fora do Estado e uma distribuição melhor, inclusive nas cidades do interior. Não se pode pensar em criar o hábito da leitura sem colocar o produto à mão do consumidor.

S. — É harmônica a convivência entre o ficcionista e o promotor de justiça? Quanto ao pessoal ligado ao Direito, alguma admiração especial?

E. — O ficcionista e o promotor se entendem bem e como que se completam. O ficcionista contribui com a dose de humor e compreensão para que o outro enfrente a sucessão de misérias humanas com que se depara no exercício da atividade. O promotor entra com a vivência adquirida no contato direto com o povo que desfia os problemas no seu gabinete. Diversos professores, juízes, promotores e advogados têm ficado na lembrança, mas, entre estes últimos, um marcou fundo a minha memória — Brasílio Celestino de Oliveira. Homem culto e inteligente, tanto escrevia como falava, e manteve até o fim uma independência admirável de idéias e posições. E há, naturalmente, o Cid Pedroso, mas, esse é meu compadre e meu amigo há duas gerações (nossos pais eram inseparáveis), de modo que tudo que dissesse sobre ele seria suspeito.

S. — A literatura regional de certo modo não dificulta uma visão universal do homem? Diga: como o escritor Enéas Athanázio vê o mundo?

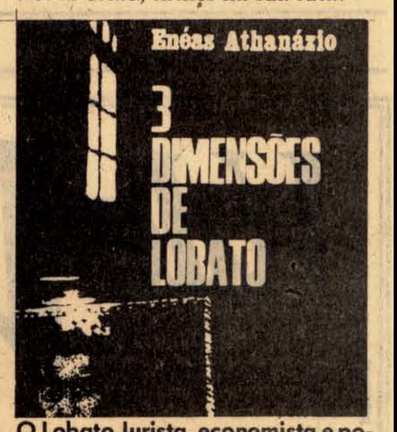
E. — Existem os regionalistas típicos, aqueles que se comprazem em estilizar as coisas de sua província, fugindo às grandes questões universais do homem e, em conseqüência, dando dele uma visão incompleta. Mas, também há os regionalistas que se libertaram dessa tradição e para cuja criatividade não há limite. Embora situando suas estórias num determinado local ou região, mostram o homem na sua visão universal. Se nós, os regionalistas, não conseguimos explorá-lo em todas as suas potencialidades, foi por incapacidade nossa. A limitação é dos autores, não da escola. Apesar de preconceitos que existem contra ele, o regionalismo brasileiro ainda tem muito a dar. E o catarinense, então, nem se fala.

Vejo o mundo com angústia e tristeza. Creio que assim o vêem todos os homens modernos, diante da corrida nuclear, da degradação do meio ambiente, da crescente violência, de natureza política ou simplesmente criminal. A indiferença geral diante da injustiça social num mundo em que ninguém abre mão de nada em favor do próximo, me leva a enxergar nuvens negras no horizonte. Quando um intelectual sensível como Pedro Nava declara, do alto de seus 80 anos, que ao longo de sua existência o mundo ficou um pouco pior a cada dia, parece que muito pouco há a esperar. Mas, apesar de tudo, mesmo que apelando inconscientemente para um milagre improvável, aloja-se no meu íntimo a esperança. Pois sem ela não poderiam continuar existindo os escritores e os juristas. E eles aí estão, firmes na sua luta.

Arquivo



A paisagem interiorana de Campos Novos se integra na ficção de EA.



O Lobato Jurista, economista e político, nesses ensaios de 1975.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ADOLFO BOOS JR.

III

"Toda uma galeria de personagens veio ao meu encontro, com sua maneira diferente de viver, falas e hábitos impostos pela própria natureza, como se ela tivesse a qualidade de imutável e moldasse o homem à sua feição. Tudo enriquecendo minha visão de homem. Como já falei, mau caçador e mau pescador, andei pelos sertões da Bahia, com os olhos e o coração abertos, vivendo num outro Brasil."

Neste final de entrevista, Adolfo Boos Jr. começa falando do que, a seu ver, significou o grupo sul na Florianópolis da década de cincoenta, acentuando que ainda hoje "toda e qualquer discussão sobre a história da literatura em Santa Catarina continua girando em torno do Grupo Sul." Depois, ele explica os motivos da tão brusca e longa parada no publicar, o que significou o contato com uma realidade inteiramente diversa da que conhecia (o transplante de Santa Catarina para o interior da Bahia), isto lhe permitindo uma visão que ao mesmo tempo alargou suas perspectivas e reativou sua memória. Mas para além disto, o contacto com aquela realidade lhe deu elementos para trabalhos de ficção já prontos ou em elaboração — da mesma forma que outros, conclui ele: como um romance, uma novela, outro livro de contos.

A próxima entrevista desta série Ficcionistas de Santa Catarina **será feita por Silveira de Souza com Emanuel Medeiros Vieira.**

07 — Participaste do Grupo "SUL": o que significou ele para ti: achas que representou alguma coisa dentro de Santa Catarina, como ponto de ruptura com uma situação estabelecida?

Sou cria da SUL: portanto, toda a minha formação foi feita em cima das tendências do Grupo. Acontece que peguei o Grupo já em sua última fase e, sobre a ruptura causada nas artes da Província, não posso prestar um depoimento — digamos — ao vivo, porque o impacto maior já havia passado. Existia, é verdade, ainda o ranço contra os modernos, havia ainda a conotação de malditos e tal e coisa, mas o choque maior já fora absorvido pela sociedade, porque ela reconhecesse os méritos do movimento, pelo menos na sua condição de desbravador, mas — simplesmente — porque era preciso imitar os centros maiores, era bem estar emdia, mesmo que a Semana de 22 já fosse coisa do passado. Neste particular, as coisas pouco mudaram. Muito a contragosto, a sociedade gosta de ter o artista a seu serviço, mesmo que ele seja um crítico nada simpático dela mesmo. E ela gosta de mostrar o pouco de Mecenas que ainda lhe resta, para que no futuro não seja chamada de retrógada. Hoje, toda e qualquer discussão sobre a história da literatura em Santa Catarina continua girando em torno do Grupo Sul. Evidencia-se que o Grupo ainda é um marco, que o tempo não tirou sua importância. Quando ele pendurou as chuteiras, é porque já tinha dado — e bem dado — seu recado e deixava o campo para as gerações subsequentes. Acabou, não porque estivesse exaudiro: apenas achou que a mensagem está entregue, a missão cumprida e, que tinha talento ou perseverança, que continuasse. Enquanto esteve atuando, ganhou destaque no cenário nacional, não apenas pela sobrevivência acima do comum, mas — ainda — pela qualidade do trabalho e pelo número de revelações que apresentou. E, se hoje lhe cabe somente o papel de ponto de referência, acredito que seja o maior laurel que seus fundadores poderiam ambicionar. A propósito, os fundadores, seus mentores durante sua longa vida, ainda estão devendo o raconto das histórias maravilhosas das encenações no "Álvaro de Carvalho", as virações para a saída de cada número, o romance traduzido do inglês e publicado, em fascículos, num dos jornais da Capital, as aventuras do contra-regra Carreirão, os "cacos" do Ody Fraga, e tudo que o Grupo fez, transformando sua história numa aventura sem paralelo, até hoje, na história de Santa Catarina.

08 — Por que uma parada tão longa depois de teres o teu primeiro livro de contos bem recebidos pela crítica?

É fácil explicar. Quando "Teodora e Cia." foi editado, o que o volume continha e, muito especialmente a forma, já não me satisfazia. Pelo menos para mim, "Teodora" saiu no momento errado. Mais maduro, não teria consentido na edição; porém era a estréia em livro, havia a presença de uma coisa chamada vaidade, as indefinições de estilo, o enjôo, poderiam ser passageiros, além de toda uma série de "porêns" a dificultar o momento. Hoje, vendo as coisas por um prisma que só o tempo permite, "Teodora" foi apenas um pecadilho, mas até os pecadilhos deixam mossas e traumas e alguma sequela restou da edição apressada: uma permanente insatisfação quanto ao estilo, indecisões (é preciso ser mais escorreito, é necessário mais vigor, e a poesia onde fica?), como se o compulsivo ato de passar a vida para o papel fosse o prolongamento do dia-a-dia aflitivo, muitas vezes árido e, no entanto, sempre desconcertante. De qualquer maneira, "Teodora" era uma fase que se encerrava, quando foi para o prelo, a parada se fazia necessária para uma tomada de posição ou para um amadurecimento maior. Até hoje, ocorre um fato que eu acho estranho: o trabalho considerado pronto, relido depois de algum tempo, desagrada,a narrativa perde a força e o interesse. Pode ser o resultado de um trabalho muito prolongado em cima do texto, repetido em excesso, resultando que tudo fique enjoado e descolorido. Um dos integrantes do Modern Jazz Quartet, Milt Jackson, dizia que uma peça de jazz fazia parte do repertório deles, enquanto pudesse ser trabalhada. Esgotadas as possibilidades de continuarem improvisando sobre o tema, era descartada. Aí, o músico leva uma vantagem: enjoou, não executa mais. Eu, infelizmente, reino em livro. Virtualmente, antes do lançamento de "Teodora", já estava parando. Depois, veio o Banco, o casamento e, já em Brusque, um pouco de jornalismo, com Enio Laus e Guido Krieger, n'O Rebate. A ficção ficou para trás, pelas novas ocupações e pela insatisfação. Faltava alguma coisa e eu era um músico a procurar de um som: a melodia estava na cabeça, porém — na hora de colocar na pauta — o acorde se revelava incompleto. E as histórias continuavam nas gavetas, rascunhos, simples anotações, que de uma mudança para outra — trocavam apenas de gaveta, o papel amarelando, os personagens envelhecendo. Entretanto, ficavam sujeitos a ocasionais, uma emenda aqui, outra acolá, enquanto entulhava a cabeça de idéias e o desânimo crescia. Postergava-se o reinício da atividade, a certeza maior era a falta de vocação. Escrever deixara de ser a antiga compulsão, era apenas uma mania mais ou menos besta. Ficara o que era quase um sestro: os olhos abertos para a vida, o hábito de — na imaginação — estender as situações, imaginar diálogos e reações de gente que cruzava o nosso caminho. Um dia, de repente, a coisa aconteceu, dentro de uma natureza de relâmpago e a inibição foi vencida. Foi, na realidade, um ato de coragem abandonar um modo de escrever arraigado dentro da gente, soltar a imaginação e, com ela, a frase. Escrever, então, tornou-se outra vez instigante e, para o meu bem ou para minha maior danação, aí estamos nós. Outra coisa que pode ter sofreado o trabalho de criação: durante meu tempo de bancário, sempre andei pelo interior, em cidades de simples bancas de revistas e nenhuma livraria, dificultando o intercâmbio de idéias e leituras. Pode ser. Mas, acho que — realmente — durante muito tempo, faltou coragem.

09 — Do interior de Santa Catarina, de repente foste parar no interior da Bahia: o que representou isto para ti com experiência de vida?

Qualquer coisa que não pode ser dita apenas com palavras. Até hoje, perpétuo apaixonado por esta minha Desterro, acho que foi a salvação do menino da Bocaiúva, a preservação e o alargamento da minha Biguaçu, do meu Macondo ou do meu Yoknapatawpha. Algo que aconteceu de forma ocasional, mas — de qualquer maneira — não menos heróica ou de menor valor. O homem, que procedeu do menino, poderia ter sido sufocado pela infância. A mudança alargou minhas perspectivas e, por outro lado, valorizou a memória do escritor. As lembranças ganharam uma nova dimensão, enquanto toda uma galeria de personagens veio ao meu encontro, com sua maneira diferente de viver, falas e hábitos impostos pela própria natureza, como se ela tivesse a qualidade de imutável e moldasse o homem à sua própria feição. Tudo enriquecendo minha visão do Homem. Como já falei, mau caçador e mau pescador, andei pelos sertões da Bahia, com os olhos e o coração abertos, vivendo num outro Brasil. De lá, tirei "As Esperas", "Os Retratos", os personagens de uma novela em preparo e alguma coisa do romance que estamos terminando. Se a minha passagem pela Bahia não tivesse validade para mais nada, os contos "Requinta: um" e "A noiva" seriam recompensas bastante. Assim, do ponto de vista pessoal, minha permanência no Nordeste por quase dez anos, foi inteiramente válida.

10 — Fala de teus projetos, dos livros que escreveste ou que estás escrevendo.

Agora, escasseia o assunto. Um romance, uma novela em preparo, o eterno trabalho em cima do texto, as histórias curtas. O romance mais adiantado, de um ponto de vista muito pessoal, muito instigante. A novela meio parada, quase esquecida, esperando que falte fôlego no romance, para uma possível retomada. O romance é o projeto mais ambicioso, que — honestamente — não sei se será concluído, mas que vai caminhando bem, ainda que muito distanciado do esquema original. É que a história está tomando rumos diferentes, personagens julgados menos importantes desbancando outros. Trata-se de uma experiência inédita para mim, que sempre fui ave de vôo rasteiro, jamais me aventurando além da história curta. Existem, ainda, um livro de contos pronto e outro em preparo, ambos sem título. E nada mais responderei, porque nada mais me será perguntado.

Salim Miguel



Na antologia Este mar catarina, **Boos comparece com um conto extraído de** As famílias.



Com As famílias, **lançado pela FCC-edições, Boos conquistou o prêmio Virgilio Várzea de contos.**

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

347 - MIGUEL, Salim. Livros – Adolfo Boos Jr. II. **O Estado,** Florianópolis.

LIVROS

ADOLFO BOOS JR.

II

Nesta segunda parte da entrevista, Adolfo Boos Jr. explica de que maneira um personagem surge (e interfere) na criação literária, do seu processo de elaboração ficcional, de leituras e influências, autores com os quais mais afina — ele que, quando do surgimento dos primeiros contos, se deixou influenciar fundamente por um Graciliano Ramos (o que, convenhamos, não é demérito para ninguém), à memória do autor de São Bernardo tendo dedicado Teodora e Cia. Boos conclui esta parte dizendo que lê pouco, não pode se considerar um "devorador de livros", ainda que "faça da leitura um hábito diário".

"Agora, o que deflagra a ação, o mecanismo interior? Um som, uma cor, uma voz, alguém que passa por nós, anonimamente e apenas uma vez na vida inteira?... É difícil dizer, mesmo porque o fato é irrelevante. O grande mistério é procurar a força que nos faz tecer uma história em torno daquilo que ficou no crivo da memória ou da sensibilidade".

03 — Como te surge um personagem, uma situação e como isto é resolvido em termos ficcionais?

Para mim, personagem é um negócio meio complicado e muito difícil de explicar. Acontece, às vezes, você se defrontar com alguém ou com uma situação e pensar que vale a pena desenvolver o episódio, etc. Entretanto, pouco a pouco tudo vai se diluindo, perdendo o vigor ou a beleza, acaba sumindo. Pode até, mais tarde, ressurgir; porém, é raro. Outras vezes, o embrião da história é tão insignificante, que — mais tarde — se torna impossível identificá-lo com o resultado final. Na maioria dos casos, meus personagens vão chegando de mansinho, vão ficando, encastelam-se na memória, assim como um parente distante, que chega sem aviso e que — quase indesejável — vai ocupando espaços, até predominar em nosso cotidiano. De repente, descobre-se que a sensação, a idéia tímida e incompleta, virou personagem, o centro ou o complemento de uma narrativa e chega a hora — sempre difícil — do parto. Aí, sempre negaceia, parece perder a cor e a força, parece fugir, renasce, acaba ficando e vai para o papel. Durante muito tempo, não me considerei escritor: era um bancário, mau pescador e mau caçador, que escrevia nas horas vagas. As idéias continuavam na cabeça, mas os projetos eram insistentemente postergados, porque a carreira estava em primeiro lugar e era necessário prover o sustento e caçar a estabilidade. Entretanto, de uma maneira ou de outra o escritor continuava latente, alimentando-se e armazenando a vivência que o bancário ia conseguindo em suas andanças. Assim, os personagens entravam e saiam da vida e da memória, os mais fortes foram ficando, impondo-se com naturalidade, esperando pelo momento em que o destino determinasse: morreu o bancário, renasce o escritor. Então, para assumir a identidade de escritor, precisei voltar para Florianópolis e descobrir o que estava tentando achar em outras terras, dentro de um processo que, ainda agora, não sei o que é: clima, cor, presenças, sei lá. Pode ser até simples mania, mas não luto contra ela, como geralmente não luto contra a vida. De qualquer forma, estou vivendo dos personagens que sobreviveram ao período bancário, aproveitando o que eu chamo de "estoque". Porém, até hoje — isto é, dentro dos períodos de maior ou menor produtividade, de inspiração mais parca ou mais farta — o personagem vai crescendo como um feto e, quase sempre, deixo-o à vontade, sem violentá-lo. Não forço a barra; ele é quem rompe o cordão. Às vezes somos forçados a criar um personagem de apoio, uma espécie de alinhavo, mas eles não me agradam.

História boa, para mim, é a que nasce quase completa, sem a necessidade de acessórios ou personagens complementares, restando-nos somente trabalhar em cima do texto. Dentro deste e squema, o personagem já vem pronto com a história e ele é quem se impõe, ele sozinho é que justifica sua presença. Percebe-se, então, que praticamente nada resolvo em termos de ficção, sou mais agente do que outra coisa qualquer.

04 — Acontece um personagem secundário interferir na trama?

Dentro desta minha concepção de "história boa", acontece raramente, mas acontece. No volume "As famílias", no grupo de histórias "Os retratos", por exemplo. A idéia original era somente para o conto "Requinta: um"; entretanto, os outros dois personagens (que apenas serviriam para compor o universo da primeira solteirona) foram ganhando corpo e acabaram por merecer um tratamento mais aprofundado e completaram o tríptico. Também no segundo grupo ("As manhãs de antigamente"), a idéia original envolvia apenas uma história, denominada "Duas arraias" e, tanto "Um mar de anchovas" quanto "Uma canoa, dois galos, uma cabra", nasceram depois, pela força do cego e da mulher como personagens. Interessante é que "Duas arraias" continua inédito, à espera de uma melhor oportunidade. Ainda agora, numa tentativa para terminar um romance, defrontei-me com casos semelhantes, obrigando-me a reescrever partes inteiras, quando um simples elemento de ligação avantajou-se em relação aos outros, forçando-me a levar a narrativa para direções que não estavam em meus planos. Acho que, nas narrativas mais longas, a expansão desses personagens sejam comum, demonstrando que, afinal, não eram tão secundários assim: simplesmente nasceram depois. Acredito, ainda, que seu aparecimento resulta em proveito tanto na espontaneidade quando no revigoramento do enredo. Recebo-os com alguma surpresa, mas de bom grado, e não me queixo do trabalho que me dão.

05 — Qual o teu processo de criação: há um fato especial que te motiva e que faz deflagrar o mecanismo interior que leva à criação da obra?

A pergunta, em parte, já foi respondida: sou mais agente. Poderia acrescentar que a geração, os fatores que determinam o ato da criação é que são variáveis e imprevisíveis. Não sou eu (na qualidade já citada de agente) quem determina o valor maior ou menor de uma história. Esta, com seu personagem ou personagens, é que cresce, mesmo ainda sem ir para o papel, mas sempre se impondo, muitas vezes incomodando (quase como o nascimento de um dente), até ela própria se declarar pronta. Agora, o que deflagra a ação, o mecanismo interior? Um som, uma cor, uma voz, alguém que passa por nós, anonimamente e apenas uma vez na vida inteira?... É difícil dizer, mesmo porque o fato é irrelevante. O grande mistério é procurar a força que nos faz tecer uma história em torno daquilo que ficou no crivo da memória ou da sensibilidade. De qualquer maneira, raramente a coisa acontece com rapidez. Leva tempo, vai e volta, desaparece a coisa acontece com rapidez. Leva tempo, vai e volta, desaparece, retorna com mais força. É preciso, entretanto e pelo menos para mim, que — antes do papel — o episódio mostre toda a sua força, que realmente passe a ocupar um espaço ponderável dentro do meu cotidiano. Então a história sai de um jato só, sem muitas maquinações. O resto já falei: é trabalhar em cima do texto. Não tenho talento para criar um personagem ou uma história por vontade própria, transformando minha cabeça num laboratório. Compulsivo e intuitivo é como me considero e criar do nada, por obrigação ou por encomenda — se alguma vez tentei — nunca deu certo.

06 — Leituras e influências; autores com os quais mais afinas.

Minhas preferências de leitura logicamente são reflexo de uma formação não planejada e que se processou aos saltos. Nesta espécie de acervo existem hiatos, grandes espaços que jamais serão preenchidos. Possivelmente, se tivesse ocorrido qualquer espécie de ordem ou coerência, um autor hoje difícil de digerir (especialmente entre os chamados "clássicos") seria assimilado, se precedido pela leitura de um outro, assim como se procede na escola, um conhecimento servindo de base para outro. Como isto não aconteceu, contento-me com o que ficou ao meu alcance e simplifico as coisas: autor bom é aquele que fica, livro bom é que aquele que a gente inveja não ter escrito. Depois de três ou quatro anos, relendo, pode não causar a mesma impressão, mas fica valendo o impacto da primeira leitura. Influências reconhecidas: até uma certa época, Graciliano Ramos, de uma forma quase vergonhosa e incontestável. Hoje, já é difícil dizer se Fulano ou Beltrano influenciaram ou influenciam o que tento escrever. De um modo geral, considero-me influenciado por tudo o que li e gostei. Às vezes, nem toda a obra de um autor ou um livro: somente um trecho, uma situação. Leio com prazer Dostoiewisky, Faulkner, Vargas Llosa, continuo fascinado pelo universo de García Marques e, das últimas leituras, Günther Grass. Mas leio pouco, não sou o que se chama de grande leitor, de devorador de livros, embora faça da leitura um hábito diário. **(continua)**

Salim Miguel

347

21 DEDOS DE PROSA

ENÉAS ATHANÁZIO
ADOLFO BOOS JR.
FLÁVIO JOSÉ CARDOZO
JOÃO NICOLAU CARVALHO
GLAUCO RODRIGUES CORRÊA
DAVID GONÇALVES
AMALINE ISSA
INÊS MAFRA
EGLÊ MALHEIROS
HOLDEMAR MENEZES
SALIM MIGUEL
VILSON NASCIMENTO
PINHEIRO NETO
AMILCAR NEVES
OLDEMAR OLSEN JR.
DEONÍSIO DA SILVA
BENTO SILVÉRIO
SILVEIRA DE SOUZA
EDLA VAN STEEN
EMANUEL MEDEIROS VIEIRA
ARTEMIO ZA'ION

ACE

ASSIM ESCREVEM OS CATARINENSES

ANTOLOGIAS ALFA-OMEGA

Osmard de Andrade (*)
Wilson Vidal Antunes Jr. (*)
Lindolf Bell
Adolfo Boos Jr.
Raul Caldas Filho (*)
Flávio José Cardozo
Glauco Rodrigues Corrêa (*)
Dupuy Antônio Cortês (*)
Roberto Costa (*)
Herculano Farias Jr. (*)
Jair Francisco Hamms
Ricardo Hoffmann
Harry Laus
Holdemar Meneses
Salim Miguel
Osmar Pisani
Guido Wilmar Sassi
Iaponan Soares
João Paulo Silveira de Souza
Cesar Valente (*)
Carlos Adauto Vieira
Emanuel Medeiros Vieira/organizador

(*) Autores inéditos



EDITORA ALFA-OMEGA

A presença de Adolfo Boos Jr. em duas antologias de contos.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

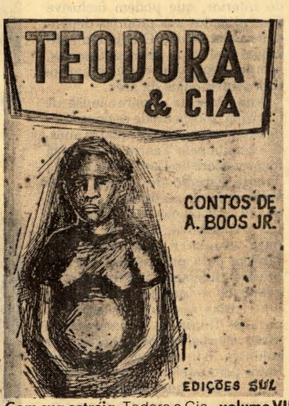
348

ADOLFO BOOS JR.

I

"Os livros, como uma forma de libertação, uma fuga para os diálogos que a gagueira tornava impossíveis, foram entrando na vida do menino esquisito."

O entrevistado de hoje da série Ficcionistas de Santa Catarina **é Adolfo Boos Jr. Egresso do chamado Grupo Sul (embora não da primeira fornada), mesmo antes do aparecimento de seus primeiro livros, Boos se destacou como um dos melhores contistas de sua geração.** Teodora e Cia., **publicado pelas Edições Sul em 1956, só fez confirmar as qualidades do ficcionista. Depois, Boos parou de publicar, não de escrever, pois ninguém se livra do vírus literário. Sua volta, em livro, se deu em 1980, com** As famílias, **prêmio Virgílio Várzea da Fundação Catarinense de Cultura, onde reúne contos interligados pelo clima, pela proposta ou pela preocupação com o dizer e o que dizer, todos de grande força e inventiva. Aqui, nesta primeira parte da entrevista, ele fala de sua infância em Florianópolis, de amigos e companheiros, de suas elocubrações de menino solitário, das primeiras leituras e das primeiras tentativas de escrita, procurando se auto-conhecer e levar até os outros seu mundo interior e sua visão de mundo.**



Com sua estréia, Teodora e Cia., **volume VII das Edições Sul, Adolfo Boos Jr. marcou lugar entre os bons contistas catarinenses.**

01 — Fala um pouco do menino Adolfo, das primeiras sensações e reações diante da vida, como foi tua infância, quais as primeiras leituras.

Salim, o menino Adolfo, na infância, foi um milionário, o latifundiário de um quintal imenso, quando a Rua Bocaiuva era muito mais Praia de Fora do que Rua Bocaiuva, quase toda feita de chácaras e quintais enormes. Fui um menino criado na esquina do Largo São Sebastião, latifundiário também de uma grande solidão (que, para mim, era uma infelicidade irreparável), olhando o mundo pelas grades dos portões da casa de meu avô, impedido de ir à rua por causa de uma gagueira espetacular. Único neto homem, a família não queria o menino objeto de deboches e gozações dos moleques. Para comprar qualquer coisa nos armazéns do Seu João Cristakis ou nos Katcips, era com bilhete na mão. Assim, nas vastidões do quintal de meu avô, entre coqueiros, parreiras, pés de fruta-pão e goiabeiras, pândanos e um pinheiro solitário, o menino cresceu tímido, brincando mais sozinho do que com as primas e os tios mais moços, e foi fazendo crescer sua imaginação. Na galharia das árvores, nas palmas secas dos coqueiros, foi Tarzan solitário e, nos ranchos que se erguiam contra o muro dos fundos, ouvindo as ondas levantadas pelo nordeste, o batelão de garapuvu transformou-se em galeão e participei de abordagens incríveis, fui pirata e herói, salvador de donzelas distantes, nebulosas e inacessíveis, que salvava sem mesmo saber porque. Era herói apenas nas brincadeiras e nos sonhos individuais. Quando participavam os outros, ou pouco mais velhos, cabia-me — sempre — o papel de bandido e, excusado dizer, derrotado. Meu tio, os outros moleques (Azeitona, Mário Gaguinho, Aroldo Veiga, Kuka, Paulinho Manara, alguns Katcips), faziam as peladas onde hoje é a praça dos Namorados, na Beira-Mar Norte. O menino assistia e — pela força da imaginação — brilhava de goleiro, alcançava as glórias que o pai tinha desfrutado, durante anos, no time do Avaí. E o menino foi crescendo, buscando nos livros o alimento para os sonhos impossíveis, preparando-se para sair à rua, deixando para trás um mundo — que, para ele, era o verdadeiro — a fim de enfrentar um outro totalmente irreal. No meio de uma severidade familiar quase russiana, entre o rigorismo de pais, avós e tias professores, sem saber, aquele quintal enorme — que não se continha nos limites impostos pelos muros, que se espraiava pela Baía Norte a fora e deixava para trás as ilhas dos Guarás e dos Patones — seria o núcleo do seu Macondo, do seu Yoknapatawpha — por que não, do seu Biguaçu. Em meio a tudo isso, o sortilégio de um Natal tipicamente alemão, quando — durante a ceia — a disciplina era relaxada com uma liberalidade distante, própria dos adultos, e a conversa era franqueada até para os menores. Ainda, o futebol de botões, a imaginação voando atrás dos navios do Koepcke — Anna, Max, a beleza incrível do Carl Hoepcke — que entravam e saíam pela barra norte. E os cães — Sam, Diana, Flai — enormes "policiais" mestiços, fazendo nascer um amor pela espécie que perdura até hoje. Os livros, como uma forma de libertação, uma fuga para os diálogos que a gagueira tornava impossível, foram entrando na vida do menino esquisito: Coleção Terramarear, a Ilha do Tesouro, Robison Crusóe, e depois, os Três Mosqueteiros, o Conde de Monte Cristo. Monteiro Lobato passou de raspão: seus heróis eram nacionais, transitavam por terrenos conhecidos, não se arriscavam por terras e povos estranhos. Não davam muita oportunidade à imaginação e — modéstia à parte — herói nacional eu já era, quando brincava sozinho. Mais tarde, foi a vez de Karl May, já no curso médio do Colégio Catarinense e — de repente — de supetão, Dante e Camões, sem qualquer preparo, sem interpretação, só análise lógica e coisa e tal, de sorte que receberam a etiqueta de chatos, etiqueta evidentemente injusta, mas que — apesar dos meus esforços — perdura até hoje. Aliás, é um fato até meio constrangedor, porém, até hoje, sou incapaz de enfrentar determinadas leituras.

Thomaz Mann, por exemplo. "Uma Fábula", de William Faulkner, não consegui passar da trigésima página. Safo-me do que pode ser indisciplina, preguiça ou incompetência, dizendo que a culpa cabe à forma com que me empurraram Dante e Camões pela goela abaixo. Mas, a infância foi isso aí: solitário e sonhador, vagando num mundo que, dia a dia, mais se afirmava como verdadeiro, porque — lá fora — é que estava a liberdade, tão próxima e tão impossível, que era a coisa mais irreal na vida do menino esquisito.

02 — Tua formação, como e quando apareceu a vontade de escrever, quais as primeiras experiências e qual o primeiro trabalho publicado.

Individualmente a coisa toda foi um desastre. Passado o tempo de Grupo Escolar, onde — por influência de uma tia (professora de renome considerável) — as demais dispensaram um tratamento diferenciado ao menino gago, dispensando-o de leituras em classe, de recitativos, etc., o Ginásio já o colocou diante de uma nova realidade, onde as opções não eram muitas: ou aprendia a falar, ou viveria comprando briga diariamente. E, aprender a falar sem gaguejar, era menos doloroso. As proibições aumentavam, extrapolavam o rigor próprio da educação jesuítica: o pai não queria o filho jogando futebol, havia uma recomendação expressa ao Prefeito do Externato, porque futebol aumentava a excitação, excitação aumentava a gagueira, etc. e tal. Mesmo que eu não quizesse, tudo me encaminhava para a leitura e o sonho e, assim, o menino continuou solitário, raramente burlando a fiscalização paterna, num hábito que perdura até hoje, mortificando-se com a mentira diante da vida, mas sendo obrigado e continuando a mentir e, quase sempre incompetente, adotando atitudes quixotescas, próprias dos solitários. Porém, o choque maior foi ao término do ciclo ginasial, porque — até aí — a vida era uma extensão natural do que fora visto e sentido no quintal da infância. O primeiro emprego, o curso noturno da Academia de Comércio, a vizinhança no trabalho com um militante do PC, conduziram o adolescente para a verdadeira realidade, a vida cheia de mistério e fantasia, porém — e aí é que entrava o impacto — viver era qualquer coisa alucinante, porque tinha a Zona, o Miramar e o Foguinho, e o mundo fia acabar naquela madrugada. Mas viver também era uma coisa dolorosa, não a dor física, mas a outra espécie de dor, que se não marca a carne, deixa seu ferrete no espírito e na memória. A gagueira fia desaparecendo, mas ficaram suas seqüelas e escrever era mais fácil do que falar. E foi assim que começamos, sem qualquer embasamento, porque — já vimos — literariamente, a minha formação foi a mais caótica possível. Até aí, o meu interesse estivera concentrado apenas em livros de aventuras e, somente depois de sair do Ginásio, dois ou três anos depois, é que travei contato com autores nacionais, os chamados modernos: Zé Lins do Rego, Graciliano Ramos, Vinícius, Bandeira e Drummond, a força e a mensagem de Jorge Amado. Antes, aconteceu uma rápida passagem por Machado e Humberto de Campos. Entrava na moda a compra de obras completas e um tio adquirira as duas coleções. Meu pai sempre foi de pouca leitura e, na minha infância, recordo minha mãe lendo Madame Delly. Mesmo entre as tias professoras, a leitura não era um hábito muito regular e, desta maneira, se fui uma espécie de devorador de livros e, posteriormente, artífice de pequenas histórias, devo tal inclinação à gagueira, e não a qualquer tipo de herança. O resto foi chegando por influência do Grupo Sul, das estantes da Livraria Anita Garibaldi, os estrangeiros misturando-se com os nacionais, tudo entrando de roldão na cabeça de quem procurava ser um leitor mais consciente. Porém, o que ficava retido no filtro de uma sensibilidade discutível, ajudava o posicionamento do jovem, diante de um mundo que já era aceito como verdadeiro e, nem por isso, afastava as saudades daquele que ficara para trás. Aí, a gente já tinha um caderno, onde os manuscritos nasciam, na cozinha da casa paterna, tarde da noite, envergonhados.

Não é difícil calcular, dentro do ambiente de disciplina rigorosa e sempre voltado para as coisas de ordem prática, como era encarada a inclinação do adolescente, o menino solitário do dia anterior prolongando-se pela puberdade, atingindo o estágio de homem feito e que, conseqüentemente, já deveria andar às voltas com coisas mais úteis. Assim, a vontade de escrever pode ter surgido em decorrência da clausura da infância, pela chegada da noite na vida do adolescente, logo depois do Ginásio posto a trabalhar numa loja de ferragens: ou tudo isso pode ter auxiliado o crescimento de uma vocação, que — como todas as vocações — prescinde de análises e explicações. Miramar, Foguinho, Lira e Doze (como penetra), um bife com fritas no Estrela, quando o dinheiro chegava para tanto ou, então, o café, a média com pão e manteiga, de madrugada, no Café do Mercado. O mundo entrava aos borbotões na vida do rapaz recém-egresso de um colégio jesuíta, viver era uma coisa muito diferente do que lhe fora ensinado, o cotidiano fascinava, era um choque em cima do outro. Nas madrugadas de uma Florianópolis que já não existe mais, o encontro com um primo, Hugo Mund Júnior e, por sua mão, o conhecimento com Silveira de Souza, em cima de uma mesa do Foguinho, recitando Drummond. Aí, pela primeira vez, ouvi falar no Grupo Sul. E foi aí, também, que Silveira de Souza leu um conto intitulado Fim, que a Revista publicou. Uns dois números depois, saiu Teodora, que chamou a atenção do Movimento. Nas mesas do Rio Branco, no balcão da Anita, eu era ouvinte atento e invejoso e você, Eglê, Silveira de Souza, Aníbal, Sagaz, Carreirão e Ody, eram monstros quase sagrados, falando de coisas jamais ouvidas antes, esbanjando uma cultura, da qual eu jamais chegaria perto. E fui aprendendo a seriedade e a humildade que revestem o trabalho literário, a preocupação social, as exigências da forma: enfim, todo o artesanato que envolve a criação artística. Em meio às conversas e à leitura (já nesta altura, desenfreada), escrever tornou-se um ato quase compulsivo, as idéias ferviam, a imaginação estourava, a vida estava diante dos olhos da gente, era só estender a mão. (continua)

Salim Miguel

AMILCAR NEVES

II

"Quem são afinal estas pessoinhas? Geralmente uma colagem de amigos, parentes, desconhecidos e de mim mesmo — um pouco de cada um. Muitas vezes também não é ninguém, apenas alguém em quem aflora o lado sombrio da mente, um ser mais instintivo que racional."

Nesta segunda parte da entrevista, AN fala de seu início, da maneira como lhe surgiram os primeiros trabalhos, ainda em Tubarão, da parada brusca por um período de 10 anos — e do recomeço, então para valer, do seu processo de criação e de como situações e personagens surgem e se impõem. Vamos lá.

4. Onde e quando surgiram teus primeiros trabalhos? Qual o incentivo que tiveste e de quem? Como se deu a edição do teu primeiro livro?

R. Meus primeiros trabalhos surgiram ainda em Tubarão, precisamente em função do movimento estudantil. Tínhamos dois programas semanais de meia hora nas rádios da cidade, a Tubá e a Tabajara. O drama era conseguir algo que se assemelhasse a uma crônica.

Um dia me pediram para escrever, afinal eu fazia discursos no Centro de Oratório Rui Barbosa, do Dehon (o nome não sei se é bem esse, o patrono, todavia, é, e meus trabalhos de pesquisa escolar eram relativamente extensos, comparados com os outros. E isso impressionava. Acabei aceitando, e me arrependi em seguida. O quê escrever? Sobre o quê? Tudo já havia sido dito. Falei com meu pai. Ele me disse para sentar e começar a escrever que as idéias surgiriam. Senti, abri o papel e aquela folha branca me assustava, me oprimia.

Parecia-me que se decidia ali o meu futuro. Escrevi sobre esta dificuldade de escrever. Bem original, como se vê. O pessoal gostou, afinal aparecia alguém que topava o encargo, era preciso manter aquecido o meu entusiasmo.

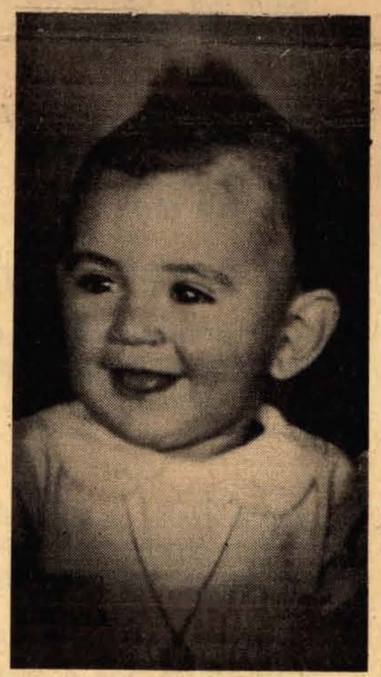
Daí comecei: escrevia e ia para o estúdio ler minhas crônicas. Depois vieram os jornais: **O Líder,** do Colégio (de que às vezes chegava a escrever 85% do conteúdo), e o **Debate,** da União Estudantil Tubaronense. Falava sobre tudo; em fins de 64 publiquei um virulento artigo criticando a ditadura militar pelo tratamento que vinha dando aos estudantes. Creio que ninguém leu.

Em 65, durante o primeiro ano da Faculdade, cheguei a publicar cinco ou seis crônicas no jornal **O Estado:** levavam o título geral de **Tópicos Típicos,** mas não tive coragem de assiná-las. Usava o sugestivo pseudônimo de R.A.C. Lima, nada mais do que a inversão de meu nome: temia ser ridicularizado por colegas do curso de Engenharia pelo fato de escrever em jornal sobre assuntos não especializados.

Depois parei; meu curso me absorvia muito, comecei a dar aulas para me manter, casei e iniciei a fase de afirmação perante a vida, a busca de um lugar. Durante 10 anos não escrevi nada, quando muito conseguia manter um pálido ritmo de leituras, desatualizando-me completamente.

Em 75 retornei à Ilha e resolvi fugir a um esquema competitivo e alucinante que vinha aceitando aos poucos como algo inescapável. Redirecionei meus objetivos de vida, e o retorno à velha Desterro ajudou muito nesse sentido: estive a ponto de aceitar uma transferência para o Rio ou para São Paulo, onde acabaria por me tornar um técnico especializadíssimo ou um executivo competentíssimo (caso a minha natureza não se rebelasse mais cedo ou mais tarde, o que acredito que acabaria acontecendo). Nessa época ressurgia a revista **Ficção,** no Rio, cujos dois números da primeira fase, 10 anos antes, eu tinha comigo.

Trazia ela seu Concurso Permanente de Contos. Tudo isso estimulou. Passei então, a partir de 76, a escrever ficção, o que não havia feito antes. Achei que era possível inventar, criar, mentir, e assim dizer coisas que, diretamente, não se podia falar.



Nosso futuro autor posando para a posteridade em Tubarão.

Escrevia e escrevia e de vez em quando mandava um conto para a revista. Nunca aceitaram um trabalho meu (só mais tarde, já nas derradeiras edições, é que saiu um).

Comecei a tremer. Estava perdendo noites e noites que poderiam ser consumidas com leituras, por exemplo. Fora Maria Vitória, ninguém lera meus textos. Não conhecia pessoalmente um único escritor a quem pedir para dar um palpite, uma opinião, a não ser o João Nicolau de Carvalho, ainda inédito. Em Tubarão discutíamos muito literatura, o João falava de seus romances e de seu entusiasmo pelo Hemingway. Um dia procurei-o e pedi-lhe para ler um pequeno maço de contos. À época ele era Reitor da Udesc e ativara as edições da Universidade. O João leu e achou que eu devia submeter ao Conselho Editorial da Udesc. Não esperava por este tipo de sugestão e achei que era brincadeira dele, mas acabei encaminhando os originais do que chamei **O Insidioso Fato - algumas historinhas cínicas e m moralistas.**

Corria o Ano da Graça de 1978. Em 79 o livro saiu publicado, depois de uma série de confusões que resultaram na supressão de quatro contos do volume original, mesmo após a aprovação, a duras penas, pelo Conselho Editorial da Udesc, do parecer favorável do Silveira de Souza.

5. Sei que tens outros livros prontos e batalhas para editá-los. Como tem sido teu contato com as editoras?

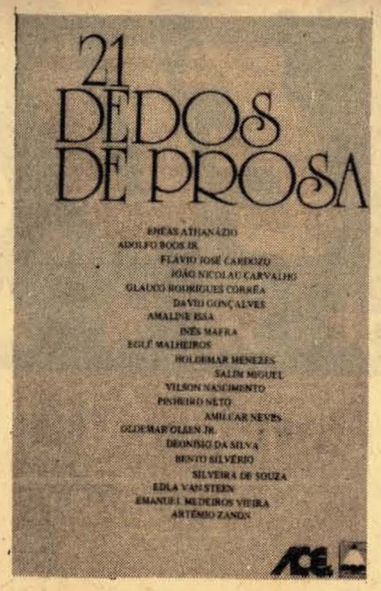
R. Penoso. Os editores, os diretores e sócios de editoras via de regra têm me recebido com muita cortesia, como se tivessem todo o tempo disponível para conversar. Só que os originais acabam voltando sob os mais variados pretextos, às vezes sem pretexto algum, simplesmente devolvidos. Poder-se-ia dizer: certamente o livro não presta. Certo.

Só que as duas coletâneas de contos que tenho prontas foram destacadas em concursos de nível nacional: uma com menção especial no Fernando Chinaglia de 81 e outra com menção honrosa no Fernando Chinaglia de 82.

Já percorri boa parte das maiores editoras nacionais com um dos livros, cujos contos, quase todos hoje publicados, foram premiados individualmente em diversos concursos literários, inclusive nos da UFSC. O volume intitulava-se **O Imprevisível Pavão - pequenas tragédias absolutas e únicas.** Decidi acrescentar-lhe a pequena novela **Movimentos Automáticos,** finalista do concurso de 82 da revista **Status,** e chamá-lo, por sugestão do Roberto Gomes, de **A Revolução Vista do Aeroporto** - sub-título de um dos contos do volume. Mas é preciso ter paciência, disso eu sei. Hoje eu acredito que um dia as coisas vão acontecer.



O primeiro livro publicado de AN enfrentou alguns problemas até ser aprovado.



Primeira seleção de contos em que aparece trabalho de AN.



AN na noite de autógrafos de O incidioso fato.

6. Qual o teu processo de criação literária? De que maneira te surge um tema e é desenvolvido? Tens preferência de horário para escrever?

R. No início, caso de **O Insidioso** e de **A Revolução,** eu costumava sentar para escrever e levantar somente após ter concluído a primeira redação do conto. Depois vinha o trabalho de burilamento do texto, releitura, aquela história toda, até dá-lo por findo e concluído. Hoje os contos se ampliam em extensão, as tramas se sofisticam, os personagens se tornam mais complexos e problemáticos. O trabalho, então, avança por partes, o que muitas vezes traz o inconveniente de ter de ler o já escrito para dar seqüência à obra: e acontece que dificilmente me contento em reler; acabo reescrevendo muita coisa antes de prosseguir.

Isso faz com que a escritura vá surgindo aos poucos, se alterando, e nunca sei como as situações vão se resolver. O texto acaba revelando novas possibilidades. É comum então que eu comece a escrever um conto, por exemplo, sem qualquer plano definido, até sentir a necessidade de esquematizá-lo em poucas linhas a partir deste início, a fim de ordenar as idéias que vão se atropelando. Ainda assim, esse roteiro inicial costuma ser seguidamente desobedecido, e estimulante. E sinto que estou me preparando para obras de maior fôlego.

Prefiro escrever à noite, mesmo porque trabalho durante o dia. Mas independente desta circunstância, é depois das 21 horas que o trabalho rende mais. Fiz a experiência um domingo destes: durante o dia, avancei a muito custo; à noite, o trabalho fluiu mais livre e desenvolto.

Escrevo de preferência à máquina, parece-me que o ritmo se coaduna mais com este relogiinho interno que temos dentro da gente, um tipo de marca-passo que define a frequência de pulsação do pensamento, se é que se pode dizer isso. Redigindo à mão, aumenta minha dificuldade em acompanhar as idéias, elas acabam se engavetando umas nas outras.

Com relação ao tema, é uma incógnita. A gente sente o assunto, ele entra em ressonância com a gente, e então serve. E sai então a ficção. Pode ser uma conversa, um caso narrado por alguém, um sonho, um retalho de diálogo, uma cena vista da janela de um ônibus em movimento. Dado este achado, o resto é a bagagem individual e coletiva, de experiências e sentimentos, que todos nós carregamos, que se incumbe de dar cor e forma às palavras.

7. E o teu relacionamento com os personagens, é conflituoso ou pacífico? De que maneira eles surgem: calcados em alguém determinado que conheces ou composição de figuras que contigo convivem ou entrevês?

R. Meus personagens muitas vezes me surpreendem: dizem coisas ou tomam decisões de que não os julgava capazes. Há momentos em que eles próprios dão cursos inesperados à ação. Já ocorreram ocasiões em que o conto estava praticamente pronto e eu não encontrava seu final, de tal forma as coisas se enredaram. Mas no banho (geralmente é durante o banho que isso ocorre), refletindo sobre suas vidinhas sem perspectiva, a situação se desenvolve com autonomia, chegando a um final altamente satisfatório. Corro então, meio molhado, a anotar a sugestão que eles tiveram a graça de me fornecer. Ou seja: eles também, os personagens, devem se angustiar com um conflito não resolvido.

Outros já são mais renitentes: venho brigando e discutindo com um estranho cidadão há quase dois anos. De início seria um pequeno conto. Comecei-o três ou quatro vezes e nenhum de nós dois se satisfez com o resultado. Depois uma curta notícia de jornal praticamente refletia seu drama. A idéia evoluiu para uma pequena novela em seis capítulos. Hoje, ainda não sei. Temos discutido bastante, mas acredito numa solução. Romance? Com ele até é possível.

Quem são afinal estas pessoinhas? Geralmente uma colagem de amigos, parentes, desconhecidos e de mim mesmo — um pouco de cada um. Muitas vezes também não é ninguém, apenas alguém em quem aflora o lado sombrio da mente, um ser mais instintivo que racional.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

AMILCAR NEVES

III

"O que falta? Uma política cultural por parte do governo estadual e que não seja nem paternalista nem restritiva. E aqui, em Santa Catarina, não temos sequer uma política cultural. Acredito que a função do poder público seja canalizar a produção cultural e difundi-la, colocando-a ao alcance do público interessado."

Concluímos com esta terceira parte a sétima entrevista da série Ficcionistas de Santa Catarina. **Aqui, Amílcar Neves fala do seu trabalho e de como ele se situa no tempo e no espaço, da relação entre sua atividade profissional e sua atividade literária, de como encara o movimento cultural em Santa Catarina, do inter-relacionamento dos diversos setores e do que seria necessário para dinamizá-lo, de seus autores preferidos e dos livros prontos para o prelo, ao mesmo tempo em que diz que tem em projeto um romance, primeira investida no gênero de alguém que até o presente tem se dedicado mais especialmente ao conto e à novela. No próximo domingo, dia 18, iniciaremos a oitava entrevista da série, com o escritor Ricardo Hoffmann sendo entrevistado por Silveira de Souza.**

8. Situa tua ficção no tempo e no espaço e como isto aparece no que escreves.

R. Meus personagens vivem hoje e moram em grandes cidades ou em cidades menores. Por vezes transitam por lugares conhecidos cá da Ilha. Muitos deles são egressos dessa classe média muito animada e repentinamente abandonada, mas sempre reprimida e controlada, com doces ou com chicote; alguns sabem que assim tem sido, outros não têm consciência disso e esperneiam porque seu egoísmo foi ferido; outros ainda, e me parece que são muitos, apenas se conformam e se curvam esperando que a tormenta passe. Mas é evidente que, se depender destes tudo ficará cada vez pior.

Outros provêm de classes sociais econômica e historicamente postas à margem de todo o milagre e convocadas a pagar a falência deste milagre. Estes já se comportam, creio, com mais respeito a seu orgulho próprio: fazem o que têm que fazer e seguem em frente. Não sei. Está é uma opinião muito pessoal, possivelmente distorcida e idealizada.

Eles, os personagens, e a ficção que já fiz, não me pertencem mais. Devem falar por si mesmos. Se não o conseguirem, é somente porque me falta capacidade.

9. Até agora tens trabalhado preferentemente em contos e novelas; já pensaste partir para o romance? Só trabalhas na área da ficção?

R. Devo citar um período de cerca de um ano, entre 78 e 79, em que comparecia quase todo domingo escrevendo para o jornal O ESTADO uma série de trabalhos que seriam talvez um misto de crônica e artigo. Pude dar algumas opiniões de uma forma que procurei fazer leve e agradável. Foi uma experiência interessante, além de ter ajudado a divulgar meu nome especialmente na capital do Estado.

Mas penso, sim, num romance. Tenho uma série de fichas e anotações sobre uma fobia coletiva que tomou conta de um bairro da cidade.

A classe média aí residente, comprimida pelo chamado Sistema, ao invés de se voltar contra ele, começa a ver bandidos por todos os lados, fixando-se numa comunidade vizinha muito mais antiga, constituída por gente simples e humilde, e começa a hostilizá-la. Por definição, os bandidos (muitos criados pela imaginação excitada) tinha que provir dali. Guardo também algumas idéias e uns poucos rabiscos a respeito da história, que pretendo contar, da trajetória de uma mulher que, sem o saber com clareza, vive alguns anos à frente de sua época. A sociedade a reprime por isso e ela vai aceitando suas provações, atribuindo-as à excentricidade de seus hábitos. Não tenho a menor idéia de como ela vai terminar.

Mas tenho, sim, me restringido à prosa de ficção. Impus-me estes limites, ao menos por ora.

10. Há, na tua literatura, uma preocupação flagrante em retratar o hoje, o aqui e o agora da nossa realidade; sendo assim, utilizas muito o factual. Ele não interfere e te perturba?

R. Realmente, tento refletir sobre o drama que vivemos, uma sociedade desorientada e atônita, em que as coisas acontecem à sua revelia e, mesmo, contra sua vontade. E aqui não falo apenas de Brasil. A degradação do meio ambiente, o terror de um arrasamento nuclear, o esgotamento de sistemas políticos e econômicos e a endemia de fome e pobreza são preocupações universais. Procura-se um novo comportamento humano, uma escala de valores que seja um pouco mais decente. Escrevo na esperança de poder entender melhor o que vai acontecendo por aí. E se estas indagações servirem também para outras pessoas, tanto melhor.

A realidade interfere no meu trabalho, sim. Mas procura extrair dela o que há de fundamental, ou seja, os sentimentos básicos e eternos deste curioso bicho homem. Tento não amarrar muito minha ficção a pontos de referência externos à obra. Os sistemas de referência são intrínsecos: gostaria que um conto meu pudesse ser lido daqui a alguns anos sem que o leitor precise recorrer a fontes documentais para entender o que lê. Não sei também se algum dia conseguirei isso.

11. De que maneira tua atividade profissional se situa em relação à tua atividade literária?

R. Empenho-me com obstinação para que as duas atividades não interfiram uma na outra, ou interfiram apenas o mínimo indispensável. Não posso evitar, por exemplo, que, ao ir falar sobre computadores, me perguntem sobre meu livro ou sobre um conto meu lido algures. As pessoas com quem lido diariamente se espantam ao descobrirem que o técnico com quem conversam sobre assuntos específicos da profissão também escreve ficção, tanto quanto se surpreendem aqueles que conhecem meu trabalho literário ao saberem que trato com coisas esotéricas e futuristas como cibernética e informática. Não deixa de ser divertido testemunhar esta quase incredulidade das pessoas. Mas me tenho dado bem com esta espécie de dupla personalidade. Afinal, sou pago para prestar meus serviços profissionais durante oito horas diárias. O resto do tempo é de meu uso exclusivo e inalienável. Atrás de tudo, há somente um ser humano carregando suas dúvidas e suas inquietações. Acima de tudo, desprezo este tecnicismo muito difundido que só vê sua ciência como fim último e absoluto. Qualquer técnica e qualquer ciência são condenáveis se não tiverem os olhos postos no homem como destinatário único dos benefícios que elas possam trazer.

De qualquer forma, e este talvez tenha sido o espírito de tua pergunta, nunca me vi tentado a ou interessado em escrever sobre computadores ou fazer ficção científica.

12. Como vês o movimento cultural em Santa Catarina: o que falta, o que funciona, de que modo ele poderia ser dinamizado?

R. As pessoas estão aí, trabalhando. Escreve-se, compõe-se, toca-se, representa-se, pinta-se. Cumprem seu papel, executam sua tarefa que no mais das vezes é uma atividade solitária. Quero dizer que fazer cultura — escrever um livro, compor músicas, pintar, tocar, fazer teatro, etc. — é um encontro do artista consigo mesmo e com sua arte.

O problema vem depois: a obra fica engavetada, o desengano se instala. Desestimulado, o artista vai parando de produzir.

O que falta? Uma política cultural por parte do governo estadual e que não seja nem paternalista nem restritiva. E aqui em Santa Catarina não temos sequer uma política cultural. Acredito que a função do poder público seja canalizar a produção cultural e difundi-la, colocando-a ao alcance do público interessado. É preciso valorizar e estimular o movimento cultural: levá-lo às escolas, às faculdades, às fábricas, apresentando-o como algo valoroso e importante, e não como uma obrigação que se cumpre com um misto de embaraço e de vergonha como se dissessem "olhem, este pessoal andou fazendo umas coisinhas aí que gostaria de mostrar para vocês".

A Fundação Catarinense de Cultura, entidade a que cabe este papel difusor, ainda não se firmou. Continuo achando que ela ainda corre o risco de ser extinta simplesmente por não ter criado suas bases. Se ela desaparecer agora, pouca coisa se altera no panorama cultural do Estado — o que é triste, tanto por não ter feito grande coisa quanto pelo trabalho que poderia realizar. A FCC, acredito, deveria estar empenhada em promover o intercâmbio com outros centros culturais, trazendo gente de fora, levando gente daqui, organizando seminários, debates, promovendo, enfim, e estimulando, o movimento cultural barriga-verde que, no geral, ainda não se desvencilhou de seus cacoetes provincianos. Parece-me importante, também, que uma política cultural interesse a iniciativa privada a bancar o jogo da cultura: que se criem editoras, livrarias, distribuidoras, gráficas — para ficar apenas na área do livro.

Por fim, há que criar o hábito com a cultura: entre a população em geral, simultaneamente beneficiária e sustentadora de um movimento cultural, e nas escolas, entre os estudantes, para que no futuro não se viva numa flutuação ditada pelos humores e pela disposição (ou falta de) de uma ou duas pessoas.

13. Quais as tuas leituras preferidas e quais os autores que mais te influenciaram?

R. Atualmente ando às voltas com Thomas Mann: **Morte em Veneza, O eleito**, no momento a teatralogia de **José e seus irmãos**; ou então **Fome**, de Knut Hamsun, **Santuário**, de William Faulkner, Franz Kafka, Eça de Queiroz, os russos — esta literatura tem um sabor de perenidade, parece-me que a verdade e o caminho devem ser procurados nesta direção.

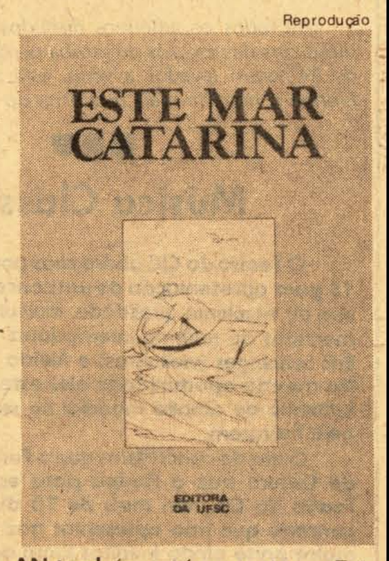
Gosto muito também da obra de Mario Vargas Llosa, de Julio Cortázar, de Ernesto Sábato (seu **O escritor e seus fantasmas**, é um roteiro intelectual valioso para quem deseja escrever). No Brasil, além de Lobato, herança cultural e sentimental da infância, devo anotar Graciliano Ramos, Machado de Assis (que preciso reler) e Rubem Fonseca. Creio que, se puder identificar influências em meu trabalho, uma delas talvez seja a obra de Fonseca, especialmente **Feliz ano novo**. Confesso que tenho dificuldade em olhar minha ficção e rastrear influências: a gente se influencia por tudo aquilo que entra em ressonância com o que se é. Sob este aspecto, não se pode descartar a possibilidade de influências inclusive de uma literatura de terceira classe.

Reprodução



Finalista do concurso de Status, **AN aparece no volume** 4 novelas eróticas.

Reprodução



AN também está presente em Este mar catarina, **em edição da Editora da UFSC.**

Reprodução



Em 1982, AN conquistou o 1.º prêmio no concurso Prae/UFSC, com os contos "O caminho de volta da figueira" e "Um jantar no Grande Hotel".

14. Livros prontos, gênero (conto, novela, etc.), projetos outros.

R. Além de **O insidioso fato — algumas historinhas cínicas e moralistas**, livro de contos e único que tenho publicado até o momento, participei de algumas coletâneas: **Contistas e cronistas catarinenses, 21 dedos de prosa e Este mar catarina**, todos editados aqui nesta Nossa Senhora do Desterro, e **4 novelas eróticas** que a **Status** e Editora Três, de São Paulo, publicaram com finalistas de concurso promovido pela revista.

Tenho prontas mais duas coletâneas de contos. Para uma delas, **A revolução vista do aeroporto**, venho buscando editora há mais de dois anos. Já houve algumas aprovações em fase de leitura de originais mas nenhum editor decidiu-se a arriscar seu capital na empreitada.

Os projetos são aqueles que já citei: uma série de idéias e anotações para um romance e uma novela, enquanto trabalho hoje numa ficção que evoluiu do conto para a novela e ameaça assumir ares de romance — tudo depende das releituras e dos personagens.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

351 - MIGUEL, Salim. Livros – Enéas Athanázio I. **O Estado,** Florianópolis, 29 jan. 1984.

351

ENÉAS ATHANÁZIO

Entrevista a Silveira de Souza

I

Nesta quinta entrevista da série Ficcionistas de Santa Catarina, vamos conversar com Enéas Athanázio, contista, ensaísta, promotor público e professor universitário, nascido em Campos Novos e residindo hoje em Blumenau. A sua obra de ficção, de cunho regionalista, busca recriar literariamente os costumes e a linguagem dos Campos Gerais, de que faz parte a sua região natal. E' autor dos seguinte livros: O Peão Negro, contos, 1973; Três Dimensões de Lobato, ensaios, 1975; O Azul da Montanha, contos, 1976; Godofredo Rangel, biografia, 1977; O Promotor Público na Justiça Eleitoral, ensaio 1978; Meu Chão, contos, 1980; O Mulato de Todos os Santos, ensaios, 1982; Tapete Verde, contos, 1983 e Figuras e Lugares, ensaios, 1983. A sua colaboração em jornais, revistas e coletâneas, aqui e em outros Estados, tem sido constante e numerosa.

Na primeira parte da nossa conversa, Enéas Athanázio relembra a sua infância no planalto, fala da sua formação de escritor, da publicação do primeiro livro e da sua participação em movimentos e atividades culturais.

S. — Você é conhecido como o escritor dos Campos Gerais catarinense. Fale de sua vida em Campos Novos e na região do Planalto.

E. — Minha vida — refletida, como é natural, na minha literatura — tem muito de Campos Novos, mas também tem um pouco de Porto União, de Calmon, de Anita Garibaldi. Cada um desses lugares em épocas e fases diferentes da existência, mas todos dando alguma contribuição. Na paisagem, por exemplo, o "Porto" deu o grande rio, largo e fundo, o velho Iguaçu, que agora tem andado raivoso e também está poluído; Calmon, pequena vila dos campos do norte do Estado, sugeriu alguns "polacos" que aparecem nos meus contos (Estefano é um exemplo), além de incontáveis histórias do "tempo dos jagunços" que haviam destruído a vila e o fato interessante de ser quase toda "propriedade" de uma empresa que hoje chamaríamos multinacional, a "Southern Brazil Lumber e Colonisation Company". Anita Garibaldi forneceu socavões, serras, despenhadeiros, afunilamentos e outros acidentes geográficos como não encontrei outros. Todas elas contribuiram para que eu retivesse na memória a linguagem típica do planalto, embora nesse particular a colaboração de Campos Novos seja bem mais expressiva, pois ali a fala era mais rica de expressões locais e foi ali que passei os primeiros anos de vida.

Embora nascido e criado no interior, fui um menino urbano, pois nunca morei no sítio ou na fazenda. Talves seja por isso que o meu regionalismo seja mais o urbano das pequenas cidades (às vezes uma simples vila), circunstância meramente fortuita mas que alguns críticos apontaram como uma característica diferente de outros autores do gênero.

Mas voltemos à pergunta. Perdi o pai aos dois anos de idade. Ele era médico e as pessoas que o conheceram afirmam com ele. Embora falecido em 1937, José Athanázio ainda hoje é lembrado.

Houve muitos anos de internato. Os frades não eram muito rígidos; eram até tolerantes. Alguns deles eram enciclopédicos. Mas quem marcou mesmo nessa época foi o Prof? Estevão Juk (o "Jucão"), homem independente, crítico e cujas opiniões não escondia. Seu relacionamento com os padres me parecia um milagre, mas a verdade é que se davam muito bem. Culto e exigente, seu elogio, esperando com ansiedade, era seco, não passava de um "muito bem!" Creio que ele foi meu primeiro estímulo para escrever. No colégio eu estava sempre numa roda em que havia alemães, italianos, polacos e ucranianos. E uma raça à parte, que eram os "palmeanos", em geral valentões e briguentos. Recordo desses tempos com alguma melancolia. Era um colégio triste, silencioso, com poucos momentos de alegria e expansão. Nos domingos de "saída" eu preferia, muitas vezes, remar rio acima e nadar nas águas frias do Iguaçu, quando o sol conseguia furar o cinzento do céu que recobria a cidade quase todo o ano.

Mas havia, em compensação, os meses de férias em Calmon. Aqueles campos ficavam pequenos para minhas andanças no "Luar de Prata", cavalo baio de longas crinas douradas cujo destino ignoro e do qual lembro com saudade. Conhecia estradas e carreadores, sítios e fazendas, serrarias, rios, pinhais e açudes. Caçando e pescando, visitava um amigo aqui e outro acolá. Não me cansava de ouvir um caboclo que desfolhava uma gaita de botão na bodega do Arigó ou repinicava um violão num dos bancos da estação enquanto o misto não chegava.

E também havia Campos Novos das duas épocas — o da infância e juventude, com as férias na fazenda dos avós, os banhos do Poço da Bica, as caçadas e pescarias, os namoricos na pracinha, as visitas ao "Pinheiro Ralo"; o dos tempos de advogado, na luta profissional do dia-a-dia, dos júris e dos comícios, da vereança e das aulas. Todos os dramas e as comédias se desenrolando na pequena cidade cercada de campos, de chão vermelho e céu azul, de homens sérios e introvertidos, pouco afeitos às exteriorizações sentimentais.

"...não tenho muita fé em políticas culturais. Acho que a cultura vem sendo feita muito mais pelos escritores, artistas, jornalistas da área cultural — líderes e agitadores culturais, enfim — numa luta permanente e solitária."



Enéas Athanázio

S. — Como se formou o escritor?

E. — Sempre fui um grande leitor e sempre andei às voltas com os livros. Mas não consigo fixar o momento em que comecei a escrever. Comecei muito cedo e nunca mais deixei de escrever para jornais. Mas eu sempre tive uma consciência muito aguda das dificuldades do escritor e dos meus próprios limites, e por isso tentei fugir ao compromisso mais sério com as letras. Só depois dos trinta me decidi pela publicação do primeiro livro. Foi uma decisão meio repentina, numa tarde de sol amarelo e céu muito azul. Eu estava só no meio do campo silencioso, a perdiz piava longe, o vento embalava as árvores. Aquela beleza, tão suave e serena, me tocou fundo e eu me admirei de que nenhum catarinense tentasse retratá-la nos seus escritos. Resolvi então que eu o faria, pelo menos tentaria. Meio canhestro, comecei a encher laudas de papel que já compõem hoje quatro volumes de contos.

S. — Os costumes e a linguagem de seu regionalismo literário persistem ainda hoje nos Campos Gerais de SC?

E. — Muitos desses costumes ainda persistem, principalmente nos lugares mais isolados. O chimarrão, o uso de botas e bombachas, os ponchos e os chapéus de abas largas ainda são vistos com frequência. A linguagem tem sofrido alterações, com grande parte devidas à televisão e ao rádio. Ela está ficando igual em toda parte, nivelada nas gírias, nos cacoetes e até nas piadas. Nas pessoas de mais idade a linguagem local persiste como brasa sob as cinzas, meio apagada, pronta a reacender na primeira oportunidade. Eu me surpreendo com freqüência usando expressões e ditos regionais que julgava esquecidos. E nessas ocasiões eles se mostram sempre de uma precisão de dar inveja à lingua corrente. Coisa curiosa, também observada por críticos que comentaram meus livros, é que muitas palavras de uso local, por mais acabocladas e primárias que possam parecer, têm origem no português que veio da Metrópole e que sofreram deformações mas permaneceram em uso.

S. — Há pouco você comemorou os 10 anos desde a publicação de O Peão Negro, seu primeiro livro. Quais as alegrias e decepções nesse tempo de vida literária? Por que não lançou uma segunda edição do livro?

E — O Peão Negro tem muitos defeitos mas foi bem recebido, creio que, em grande parte, porque retomou os caminhos de uma corrente regionalista com poucos expoentes, pois Tito Carvalho era falecido e Guido Wilmar Sassi na época estava "brigado" com as letras. Poucos livros foram tão divulgados em nosso Estado e de vez em quando. Creio que isso facilitou o caminho dos que vieram depois, de modo que, apesar das dificuldades, não tenho decepções mais graves. Nunca pretendi as glórias do mundo das letras, nem tampouco ser ovacionado nas ruas ou carregado nos ombros na via pública. Não me considero o melhor contista do país ou do Estado e contento-me em relembrar que nestes últimos dez anos estive sempre presente nas atividades literárias e culturais, procurando dar minha contribuição. E acima de tudo gosto da quantidade enorme de amigos que a literatura me deu, aqui e pelo Brasil afora. Em julho, viajando pelo Nordeste, tive o prazer de comprovar mais uma vez essa realidade. Agora, quanto a saber da permanência ou não da minha obra, se conquistei ou não meu lugarzinho, esse é um problema para os críticos e historiadores literários. Creio que essa preocupação deve ser afastada pelo autor. Ele fará o melhor que puder; o resto não é com ele.

Como O Peão Negro ainda está sendo lembrado, creio que é cedo para uma nova edição, além de que tenho outros originais já quase prontos para publicação — um de ensaios e outro de contos. E o editor Luz e Silva pensa lançar em volume uma seleção de contos de todos os livros, incluindo alguns de O Peão Negro.

S. — Você tem participado em movimentos e atividades culturais de Blumenau, pertencendo — pelo que sei — ao Conselho de Cultura desse município. Pelo que fale dessa experiência e do seu pensamento relativamente a uma política cultural para Santa Catarina.

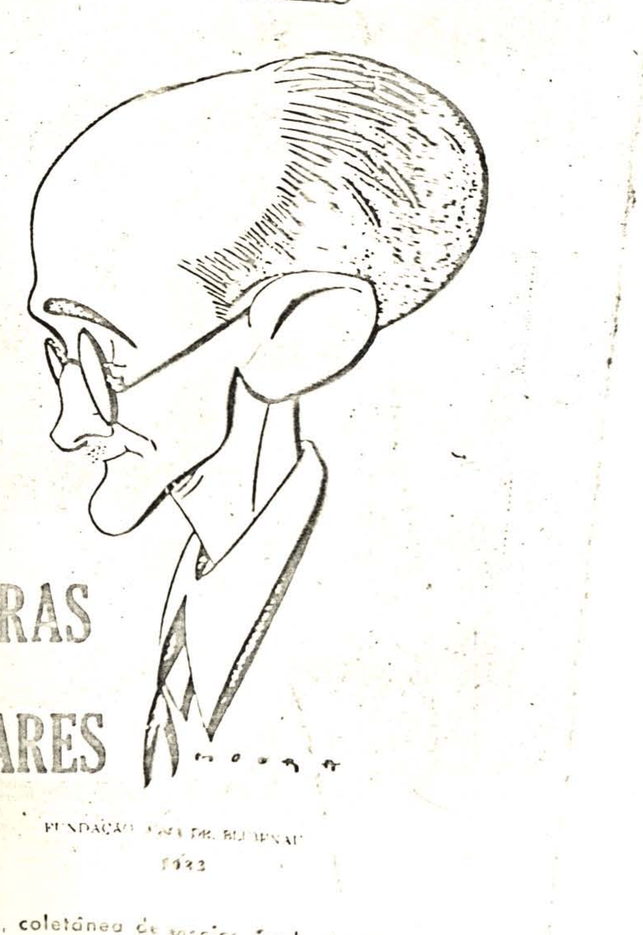
E. — De fato, sou membro e fui o primeiro presidente do Conselho de Cultura de Blumenau. Embora sem nenhum recurso (os conselheiros no início não tinham nem cadeiras para sentar...), graças ao empenho de alguns conselheiros abnegados e à colaboração de boa parcela da população, consegui realizar alguma coisa. Mas agora, apesar do esforço do atual presidente, a chamada "cultura oficial" está em recesso, pois ela é sempre a primeira a sofrer cortes em qualquer dificuldade. Os eventos culturais em Blumenau têm sido poucos e de reduzida expressão. A experiência [illegible] vezes até de antipatia por parte [illegible], dificultando e [illegible]. Os homens públicos [illegible] felizmente com [illegible] não querem investir [illegible] vendo nela uma espécie de perfumaria dispensável. O povo, por sua vez, desconfia um pouco dessa "cultura oficial". Tenho observado que, no caso do livro por exemplo, as publicações desse setor são recebidas com um pé na frente, e outro atrás. Ninguém [illegible] observou que isso se deve ao Estado Novo, naqueles tempos em que as biografias laudatórias do "paizinho dos pobres" e outros figurações eram publicadas aos milhões e distribuídas nas escolas. Por isso não tenho muita fé em políticas culturais. Acho que a cultura vem sendo feita muito mais pelos escritores, artistas, jornalistas da área cultural, críticos — líderes e agitadores culturais, enfim — numa luta permanente e solitária.



O Peão Negro marcou a estréia de EA em livro (1973).



EA, com Vilson Nascimento e Roberto Diniz Saut, no Conselho de Cultura de Blumenau.



Figuras e Lugares, coletânea de ensaios, Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1983.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

352

LIVROS

O texto como pesquisa

Quatro livros, quatro propostas que levam em conta um compromisso com o novo, quatro diferentes preocupações com o texto e a linguagem, quatro modos muito pessoais de captar e de transmitir.

Para inaugurar uma nova coleção, Circo de Letras, a Ed. Brasiliense, SP, escolheu Waly Salomão e seu **Gigolô de Bibelôs**. Um livro inteligente e diferente, descontraído, reunindo uma novela em 2.ª edição ("Me segura qu'eu vou dar um troço"), letras de música, poesias, brincadeiras sonoras, poemas gráficos, jogos gráficos, e até uma peça de teatro. Salomão (que já se assinou Sailormoon) é letrista de músicas de Jards Macalé, Caetano Veloso, Moraes Moreira, Gilberto Gil. Livro, como se diz, para "ler com olho fóssil ou ler com olho míssil".

Até onde Marta é Marta e até onde o autor pode interferir na estrutura de sua ficção e na vida de seus personagens; até onde a visão do pós-64 pode ser desmembrada e discutida de um novo ponto de vista que interliga sons e vozes; e até onde Júpiter e o Eu estão neste novo romance de Oscar Araripe, **Marta, Júpiter e Eu**, lançamento da Editora Marco Zero, RJ? Em suas variadas leituras, o livro de Araripe intriga e irrita, prende e afasta, com seu jogo lúdico, sua simbologia, sua distorção do real e busca do real.

Por igual instigante é **Depois do nada**, de Nélson Coelho, Global Editora, SP. Uma ficção de idéias, a história de uma jovem numa situação-limite, questionando-se (e nos questionando) se há uma razão para continuar vivendo. Conclusão: não há conclusão. Ou melhor: existem milhões de razões e não existe uma razão. A partir daí, com este fio de história, o Autor nos coloca problemas do homem de hoje, dos jovens de hoje, do mundo de hoje.

E no jogo entre Maria Mary Marie, Marius Mário, o Autor, ele nos inclui e nos interroga. Para, ao final, nos abandonar — ou nos pedir que o ajudemos na busca de resposta. O livro se insere não só nas preocupações do Autor, como nas propostas de seus livros anteriores.

A fascinante proposta de desmontagem e reelaboração do texto, para que ele possa ser abarcado de vários ângulos, marca este **Maciste no inferno**, de Valêncio Xavier, Ed. Criar, PR. Através de texto e fotos, e até pauta de música, o raconto (como quer o Autor), nos introduz numa sala de cinema. Mas, a sala se transmuta: estamos nela, estamos no filme, estamos dentro e fora do que nos quer ser transmitidio. Assim, Xavier retoma e amplia a proposta de seu trabalho anterior, **O mez da grippe**, quando criava uma história a partir de recortes de jornais e revistas, anúncios, bulas de remédio, receitas. Com tal inovação e com exemplar economia de meios, o hábil jogo visual nos remetia para um passado febricitante, que procurávamos acompanhar na escrita inovadora e aliciante. Agora, sob outro (outros) enfoque (enfoques), a mesma prosa revolucionária abrindo novas perspectivas para a abordagem e compreensão da realidade.

A crítica e "A origem de Deus e de tudo"

O novo livro de Jeferson Ribeiro de Andrade recebeu a atenção de toda a imprensa brasileira.

A transcrição de alguns destes comentários retirados dos mais diversos jornais apontam "A origem de Deus e de tudo" como um livro de contos importante editado em 1983.

* * *

"Uma grande habilidade na narrativa e sobretudo no uso do diálogo ágil e contundente, a capacidade de retratar o miserável e o lírico do cotidiano são as maiores virtudes de **A origem de Deus e de tudo.**" (Geraldo Galvão Ferraz, **Isto É**).

"**A origem de Deus e de tudo**, edição da Record. Destaque para os contos **Adeus, Amor, Acabou**, análise dos sentimentos de um casal que se separa após um grande amor, e **Hoje eu não tenho dinheiro para o gás**, que Jeferson com facilidade poderia ter transformado em uma boa peça de teatro." (Jaime Copstein, **Letras e Livros**, Correio do Povo, Porto Alegre).

"Em resumo: o novo livro de JRA, com um título bastante sugestivo, revela um contista mais amadurecido, dono de um estilo que se avigora de livro para livro, espontâneo, vivo, próprio, que conhece o seu ofício de escritor e,



se não chega a desvendar "a outra realidade", faz com que reflitamos sobre problemas que estão à nossa volta, reflexos da sociedade que estamos construindo e sobre a qual, desnudando-a, o escritor nos convida a meditar." (Torrieri Guimarães, **Folha da Tarde**, São Paulo).

"Mineiro, 36 anos, JRA trabalha devagar, mas, seguramente a sua literatura. Desde o início, os contos de JRA — claros, desprovidos de truques — focalizam de preferência aspectos banais do cotidiano vivido por pessoas perplexas e sem história, algumas vezes das pequenas cidades, quase sempre das metrópoles." (**Jornal do Brasil**, Rio).

"Pode um livro de contos ser escrito e cada uma de suas nove peças de maneira diferente? E mesmo assim manter uma certa unidade temática e de qualidade? Pode. Quem prova esta possibilidade é JRA em **"A origem de Deus e de tudo"**. (Nílson Monteiro, **Folha de Londrina**, PR).

"Nove histórias curtas do consagrado autor de **Um homem bebe cerveja no Bar do Odilon**, marco do gênero em 1971. Ele continua muito fluente e excelente narrador. O brasileiro JRA está por dentro, sabe comunicar-se e há mais profundidade nos seus escritos do que simples contos de amor ou de aventuras, da magreza do povo e do cotidiano... Procurem lê-lo, amigos." (Osvaldo Lopes de Brito, **O Diário**, Ribeirão Preto).

"Jeferson Ribeiro de Andrade é peça importante na geração de 70, que foi a que revirou o esquema da história curta brasileira e impôs novas regras no jogo. A proposta que estes jovens contistas apresentavam foi de uma simplicidade irritante, mas, que por isso mesmo se impôse frutificou: refletir o homem brasileiro nos seus anseios mais elementares, sociais, econômicos, políticos e sexuais." (**Estado do Maranhão**, 03.07.83).

Registro

Uma interpretação da literatura brasileira de Vianna Moog, Ed. Antares/Pró-Memória-INL, RJ. Reedição de uma conferência sub-intitulada "Um arquipélago cultural", pronunciada em 1942 a convite da Casa do Estudante do Brasil e nunca republicada. Por seu enfoque e pela visão nova do fenômeno cultural teve ampla repercussão; mesmo com o passar do tempo, as colocações de Moog continuam válidas e pertinentes.

* * *

O que é semiótica, de Lúcia Santaella, Ed. Brasiliense, SP. Um be-a-bá da Semiótica: deixando de lado as brincadeiras que se fazem com a palavra, como Semiótica — ótica pela metade, a Autora começa por tentar desenredar a confusão, dando a raiz da palavra. Daí, parte para explicações a respeito dessa nova ciência da linguagem.

* * *

Sertão Mar (Glauber Rocha e a estética da fome), de Ismail Xavier, Ed. Brasiliense-Embrafilme, SP. Partindo da análise de dois filmes de Glauber (**Barravento** e **Deus e o Diabo na Terra do Sol**), e confrontando-os com dois outros filmes quase do mesmo período (**O Pagador de Promessas** e **O Cangaceiro**), Ismail traça um paralelo de sua proposta de análise, calcada numa relação entre a arte e a ideologia.

* * *

Pornografia e Sexualidade no Brasil, de Carlos Roberto Winkler, Ed. Mercado Aberto, RS. Baseando-se no conceito de "sublimação repressiva" de Marcuse, o Autor estuda as relações entre sexualidade e pornografia e indaga até que ponto a aparente liberação sexual é uma libertação.



Estudo importante e pioneiro no Brasil.

* * *

O pensamento clínico em diagnóstico da personalidade, de Walter Trinca, Ed. Vozes, RJ. Abordando, na área da psicologia clínica, um assunto pouco explorado, o livro destina-se em especial a todos que se interessam pelo estudo da personalidade. O autor é psicólogo e doutor em psicologia.

* * *

A foto fatídica, de Ngaio Marsh, trad. de Edna Jansen de Mello, Ed. Franrisco Alves, RJ. Com uma carreira, na literatura policial, paralela à de Agatha Christie, esta Autora teve duas constantes: sempre o mesmo detetive e centrar suas histórias no meio artístico. Aqui, numa mansão isolada, o assassinato de uma cantora lírica e a luta do Superintendente Alleyn em busca da verdade. Col. Horas em Suspense.

* * *

A ilha do Dr. Moreau, de H.G. Wells, trad. de Mário Molina, Ed. Francisco Alves, RJ. Um clássico da literatura de terror: numa ilha perdida, um homem desembarca; e se depara com seres de aparência assustadora, misto de homens e animais. Para Fausto Cunha, Wells nos dá aqui mais uma de suas imperecíveis obras-primas. Coleção Mestres do Horror e da Fantasia.

* * *

Um rei perde a França, de Maurice Druon, trad. de Homero Silveira, DIFEL, SP. Chega ao fim a série **Os reis malditos**, com a qual o Autor traça um amplo painel de um bom período da história da França. Aqui a trama se centra no desafio do rei inglês Eduardo III, que quer para si a coroa da França, e a reação do rei Felipe IV.

* * *

O imigrante feliz, de Mário Puzo, trad. de Carlos Nayfeld, Ed. Record, RJ. Tornado famoso com **O poderoso chefão**, Puzo tem outros títulos de sucesso; entre eles, este que chega à 7.ª edição no Brasil, cuja trama envolve um jovem imigrante que anseia pelo Sonho Americano e que se vê envolvido na selva da cidade grande e de seus desafios.

* * *

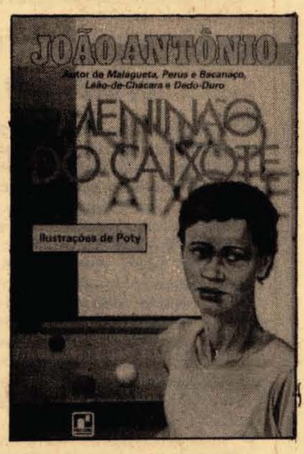
O feitiço do amor, de Heinz G. Konzalik trad. de Reinaldo Guarany, Ed. Record, RJ. Autor prolífico de **best-sellers**, sabendo manipular todos os ingredientes do gênero, neste volume temos a história de um médico alemão na África, lutando contra uma estranha doença e pelo amor de uma bela mulher.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

OS MENINOS DE JOÃO ANTÔNIO

Como se não bastassem o sucesso de crítica e de público e os prêmios atribuídos a Dedo Duro **(o de Brasília e o do Pen Clube) para o livro de ficção, João Antônio fechou 1983 mandando para as livrarias um novo livro de contos,** Meninão do Caixote, **também pela Editora Record. O texto a seguir, a propósito do novo livro e do autor, é do crítico e ficcionista** Fausto Cunha, **que em certo trecho afirma: "Meninão do Caixote", se quisermos ser absolutamente sinceros, é uma obra-prima do conto brasileiro". Vamos ao texto do Fausto (e também ao livro, é claro).**



Há estréias que por si definem o futuro de um escritor. Foi o caso de João Antônio com o livro de contos **Malagueta, Perus e Bacanaço**. Essa obra estava destinada a uma bela carreira no Brasil e no exterior, já tendo sido traduzida para várias línguas. Os contos figuram em antologias nacionais e estrangeiras. Um deles foi filmado.

E João Antônio, felizmente para ele e para a literatura brasileira, que precisa de talentos autênticos e duradouros, não ficou nas glórias da estréia. Outros livros se seguiram, com igual sucesso de crítica e de público: **Leão-de-Chácara, Malhação do Judas Carioca, Casa de Loucos, Dedo-Duro** e um estudo sobre Lima Barreto, sua mais fervorosa admiração — além de todo um trabalho que ele tem desenvolvido, nos meios de comunicação, pela causa do escritor e do livro. Porque integrado visceralmente no espírito do povo, suas paixões, sua linguagem e seus problemas. João Antônio é um escritor que ousa ir à luta, para desentravar a situação cultural deste país. Vale dizer com isso que, pelo fato de ser tido como um autor eminentemente popular (e hoje até popularizado), ele não se distancia da questão literária. Pois seus textos são também literatura, no melhor sentido da palavra.

Aí estão como prova de tudo isso os contos reunidos em **Meninão do Caixote**. Quando escrevi sobre a memorável estréia em **Malagueta, Perus e Bacanaço**, eu já chamava a atenção para "os meninos de João Antônio". Em sua ficção adulta e para adultos, ele reservara um espaço particular para o mundo infantil.

"Meninão do Caixote", se quisermos ser absolutamente sinceros, é uma obra-prima do conto brasileiro. Não a única de João Antônio, bom que se diga. Não é todo dia que um jovem contista pode ver seu nome na restrita galeria onde estão os mestres, os Monteiro Lobato, João Alphonsus, Alcântara Machado, Mário de Andrade, Marques Rebelo.

Herói infantil num jogo de homens, o Meninão do Caixote é quase o oposto do garoto pobre de "Frio", que sai em meio da noite para cumprir a missão que ele mal compreende. No mundo duríssimo da criança abandonada à própria miséria, há lugar para a amizade, a lealdade.

Mas os meninos de João Antônio não são crianças enfeitadas de bons sentimentos nem andam de sapatinhos e velocípede. (Como escreveu mestre Antônio Cândido, ele não enfeita nem se enfeita). O menino de "Frio", e o mesmo que vemos todas as noites perambulando a esmo pelos grandes centros urbanos, o menino brasileiro que dorme sob as marquises, quando dorme. É um conto patético em sua terrível realidade.

"Bolo na Garganta", menos que um conto, é um cena e descreve, com delicadeza e ternura, aquele momento difícil em que a criança começa a querer compreender o mundo que a cerca e só recebe respostas incompletas ou indiferentes.

Dedicada a seu pai e a Lima Barreto, "Lambões de Caçarola" tem as proporções e o andamento de uma novela. Nela, João Antônio reconstitui uma época, a partir do povo do Beco da Onça: o getulismo, os expedicionários que voltam da Itália, o futebol, as sessões de cinema, as primeiras eleições depois da guerra.

Os mundos de João Antonio, seus vários mundos. Crus e diretos como os ventos no dia-a-dia, mas banhados pela luz quente de um escritor que não recua do ser humano, e o encara como ele é.

REGISTRO

Uma arma para Maria, de Socorro Trindad, Edições Ponto Oito, RJ. Nestes textos (prosa, poesia, prosa-poética) duros de um tempo duro, temos a volta de uma escritora que, com sua prosa forte e inventiva, marca um lugar entre nossos novos autores. Aqui ela retoma e amplia a proposta de seu anterior livro de contos, **Cada cabeça uma sentença,** que mereceu calorosa acolhida de parte da crítica.

* * *

Por que me olhas, Maria Carolina, de Antônio Carlos Resende, LePM-editores, RS. Uma novela que dá continuidade, pelo clima, pelas preocupações, à obra anterior do Autor. O tema: o relacionamento entre uma menina-moça de 15 anos e um "coroa", permite que Resende nos dê, mais uma vez, uma narrativa que prende e interessa até o final.

* * *

Dom Gesualdo, de Giovanni Verga, trad. de Vera Mourão, Global Ed., SP. Não poderia ter melhor início a coleção Magias, dirigida por Led Ivo. De Verga, importante autor italiano, até há pouco nada se conhecia no Brasil. Depois da reunião de alguns de seus contos, aparecida este ano, surge este romance onde o Autor retrata com profundidade e sensibilidade a vida siciliana, através de um fio narrativo que acompanha a história de um pedreiro que atinge a riqueza e por ela é destruído. Desta forma, acompanhando a trajetória de Dom Gesualdo, temos um painel amplo e preciso da Sicilia, num livro que é considerado do mesmo nível de **Os noivos**, de Manzoni.

* * *

O povo de Deus assume a caminhada, apresentação de D. Adriano Hypolito sobre trabalho da Diocese de Nova Iguaçu, Ed. Vozes, RJ. Nesta história contada em imagens, um grupo de pessoas decide agir a fim de mudar o que percebiam de errado: a violência, a opressão, a injustiça. Querem, assim, ajudar a mudar e construir sua própria história.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Coleções para público determinado

Duas coleções, para públicos bem diferenciados, acabam de ser lançadas no mercado livreiro, pelas Editoras Hemus e Melhoramentos, ambas de São Paulo.

Da Hemus são quatro os títulos, tratando de numerologia, tarô, velas, aura, temas que têm interesse para uma variada gama de leitores que buscam o insólito e o desconhecido.

Numerologia, de Mary Anderson, por exemplo, fala do poder secreto dos números, explica o guia numérico para os segredos da vida, dizendo que eles são parte da própria trama do universo. Mostra como, durante séculos, ocultistas e magos usaram o poder dos números para revelar o mundo oculto por detrás dos sentidos e explica de que maneira os números se relacionam com as letras do alfabeto; **Tarô**, de Frank Lind, ensina a interpretar este jogo, misteriosa coleção de imagens que continuam a ser utilizados para desvendar os segredos da psique humana e de que modo influenciam a vida das pessoas; **Velas**, de Michel Howard, mostra como o simples fato de acender velas (ou apagá-las) já é parte de um ritual mágico. A partir daí o livro avança por uma série de outras colocações onde a vela atua como objeto simbólico, funcionando como um emissor-repetidor de vibrações mentais; e **Aura**, de W.E. Butler, por fim, ensina a desenvolver técnicas para a percepção da aura e apreensão de seu significado profundo. O livro começa explicando o que é a aura, para avançar pela estrutura da aura, o circuito da força, a aura mental-emocional e o desenvolvimento da percepção áurica.

A Melhoramentos, por sua vez, em três volumes de capa dura, com numerosas fotos e desenhos ilustrativos, fala de caças e bombardeiros da II Guerra Mundial. O Autor da série é Bill Gunston e cada livro traz, minuciosamente, as características identificadoras de cada tipo de avião.

Bombardeiros da II Guerra Mundial relaciona quase todos os modelos, tanto dos aliados como dos países do Eixo. São 50 modelos e suas variações, descritos e documentados com mais de 270 fotografias e ilustrações; **Caças dos aliados**, por sua vez, mostra como para enfrentar o poderio aéreo do Eixo, os aliados tiveram que projetar aparelhos cada vez mais ágeis. São 40 modelos com cerca de 300 fotos e ilustrações; já **Caças do Eixo** explica como a Alemanha, o Japão e a Itália foram gradativamente, no decorrer da Guerra, aperfeiçoando suas forças aéreas, para fazer face a todas as eventualidades. Cerca de 50 modelos e mais de 180 fotos e desenhos em diferentes ângulos estão documentados no livro.

Saiu o prêmio Alfredo Machado Quintella

A FNLIJ acaba de conceder seu prêmio anual "Alfredo Machado Quintella" para Literatura Juvenil aos originais **Zé Carrapeta, o guia de cego** de Assis Brasil e **O Outro lado do tabuleiro** de Eliane Ganem.

Ambos os premiados têm já obras publicadas para jovens: Assis Brasil: **Um preço pela Vida, O primeiro amor, O velho feiticeiro, A viagem proibida,** todos os episódios das Aventuras do Gavião Vaqueiro (Melhoramentos). Eliane Ganem: **Coisas de menino** (Paz e terra), **O coração de Corali** (Rocco), **Metade de quase nada** (Codecri — prêmios INL e Monteiro Lobato da ABL).

O prêmio, cujo valor é o correspondente a 1.000 dólares, será entregue aos vencedores no próximo dia 7 de março em lugar e hora a serem divulgados.

A Comissão Julgadora foi composta pela Profª. Glória Pondé da FNLIJ, Profª. Francisca Nóbrega da UFRJ e Naumin Aizen, editor.

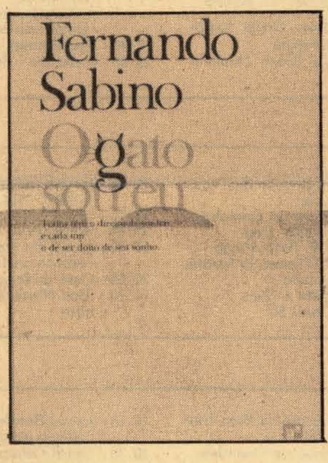
O prêmio Alfredo Machado Quintella foi instituído por Teresa e Ary Quintella em memória de seu filho desaparecido prematuramente.

É concedido anualmente a originais de no mínimo 120 laudas e já foi ganho por Drummond Amorim com **História de um primeiro amor** e Lucília Junqueira de Almeida Prado com **O amor é um pássaro vermelho.**

Por convênio assinado entre a FNLIJ e a Editora Record os originais premiados são por ela publicados.

Registro

O gato sou eu, de Fernando Sabino, Ed. Record, RJ. Reunião de crônicas, naquele estilo tão pessoal e saboroso de Sabino, temperadas de humor e lirismo. São temas vários, que feriram a sensibilidade do Autor e que ele transmite com a qualidade de tratamento literário e humano que todos lhe reconhecem.



* * *

Quase baixo, de Vera Sant'Anna, Ed. Codecri, RJ. Para além da declaração inicial de A., onde diz que desde os sete anos só pensa em sexo, temos, neste depoimento-ficção, um pedaço do Brasil. Contundente, cáustica, veraz, Vera, pintora bastante conhecida, fala aqui de suas vivências e experiências — e de pessoas com quem conviveu.

* * *

Aparição, de Vergílio Ferreira, DIFEL, SP. Outro significativo escritor português chega ao Brasil pela DIFEL. E com um de seus romances mais fortes: a inquietante história de um professor que tenta recuperar o passado e saber qual sua participação na desestruturação de uma família. Muito bem escrito, num estilo envolvente e nuançado.

* * *

Asteca, de Gary Jennings, trad. de José Sanz, Ed. Record, RJ.

Através de um personagem, Mixtli (Nuvem Negra), a saga da última e maior civilização nativa das Américas. É o encontro do herói com Cortés e seus conquistadores, que vêm destruir a civilização asteca. Romance histórico bem construído e de leitura atraente.

* * *

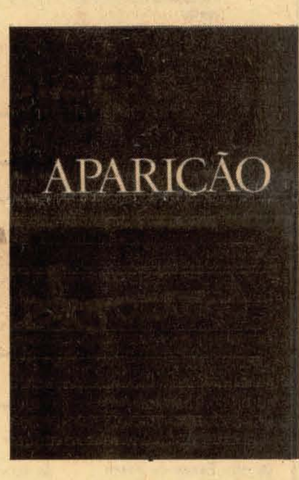
O cascateiro de Ipanema, de Júlio Camargo, IBREX, SP. Crônicas que buscam nos dar uma visão bem humorada da fauna ipanemense em todas as suas variações. Tipos e situações vão desfilando, dentro de um dos conceitos lançados pelo A. de que "a praia é uma selva: lá estão a caça e o caçador".

* * *

Coronel dono do mundo, de Luiz Luna e Nelson Barbalho, Ed. Cátedra — Pró-Memória/INL, RJ. A história brasileira recontada, não pela ótica do dominador, mas do povo. Para o crítico Haroldo Bruno, "com este livro os Autores escreveram o estudo mais extenso, completo, acurado, rico de sugestões e aspectos novos, até então suscitado pelo tópico do coronelismo".

* * *

Um brasileiro velejando as Antilhas, de Geraldo Tollens Linck, Ed. Metrópole, RS. Depois de nos ter levado a percorrer a costa brasileira com seu Plâncton, o Autor nos leva agora às Antilhas. A linguagem é clara, o estilo agradável — e com ele conhecemos localidades e gentes, histórias e situações que nos chegam com sabor de aventura real e vivida. Como complemento, dezenas de belas fotos em cores.



* * *

Etiqueta e boas maneiras, de Martha Calderaro, Ed. Nova Fronteira, RJ. Um guia completo para viver com tranqüilidade reuniões sociais de todos os tipos — assim se apresenta ao leitor este livro. Então vamos a ele. Não sem antes uma informação: a Autora tornou-se bastante conhecida como tradutora (excelente) de Marguerite Yourcenar.

* * *

O grande livro do congelamento, de Audrey Ellis, Ed. Melhoramentos, SP. Manual prático para trabalhar com freezer. Ensina como manusear os alimentos visando sua melhor conservação, revela técnicas adequadas, descreve materiais e equipamentos, tudo acompanhado de numerosas receitas de salgados e doces e de como congelá-los.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

355

POESIA

Será a poesia ainda necessária, neste ñosso conturbado mundo de hoje, tão apoético? Parece que sim. Pelo menos — felizmente — assim continuam pensando os poetas, que prosseguem na luta, publicando, assistindo em dar um recado humano e estético. E, quem sabe, mirando-se no espelho do Drummond, que financiou a edição de seu primeiro livro e que agora tem seu passe adquirido por Cr$ 120 milhões. Depois de mais de 40 anos, ele deixa a Editora José Olympio, que está em vias de fechar, e passa-se, com armas e bagagens (no caso quatro novos livros além dos já publicados), para a Editora Record.

Vamos, então, torcendo para que o exemplo de Drummond se torne realidade, ao registro dos últimos títulos recebidos pela coluna, reunindo num mesmo pacote poetas de várias formações e tendências:

Da constante canção nos devolve, pela Ed. Cátedra/Pró-Memória - INL, um poeta maduro, Manuel Caetano Bandeira de Mello, vindo de outros livros nos quais exercita o seu estro. Ele se mantém fiel a temas que lhe são caros, como o amor e a morte. Uma visão doce-amarga, perpassada por suave lirismo, atravessa seu verso. Dividido em três partes distintas (O corpo; A rua; A alma), para Josué Montello "Os poemas aqui reunidos compõem assim um todo, como unidade, como seqüência, como princípio, meio e fim". Eis exemplo de sua poesia: Soberania — "O vagabundo na rua se espreguiça/ sentado o corpo forte à espera de esmolas/ Vagabundo-vagamundo/ senhor senhor de si mesmo/ senhor do mundo";

Drops de abril, da Ed. Brasiliense na col. Cantadas Literárias, é de um poeta novíssimo, Chacal. Ele ama o jogo de palavras, o absurdo que subsiste no fundo da sisudez — e como muitos poetas jovens, também busca a música, onde é parceiro de Moraes Moreira e Lulu Santos. Ele diz: "Esse drops é um vôo de reconhecimento na minha gíria de poeta". Reúne livros anteriores que saíram em edições alternativas. Vejamos um exemplo: Enigma — "Por que come o pão que o diabo amassou/ por que escolhe o pomo da discórdia/ por que essa paixão que me cega/ se sei que se pode escolher/ entre a vida e a morte/ num segundo./ Flash flecha flechada.";

Seara de cantos é de Fernando Jorge Uchoa, publicado pela Editora do Escritor. Poeta e ficcionista (quase simultaneamente teve publicado pela mesma editora um livro de contos, **Um músico solitário)** seu verso é contido, marcado por funda emoção, resultado de um manuseio constante da palavra até chegar ao seu significado mais íntimo. Vejamos trechos de A Poda — "A lâmina diária/ era pura leveza/ cortando/ a espessura da vida/ fio pálido ao sol/ uma lâmina prova/ estruturas de carne";

Olhos, peixes navegantes, de Geraldo Dias da Cruz, publicado pela Editora do Escritor, nos devolve um poeta que fez parte do Grupo "Igrejinha", de Cuiabá, reunindo Wlademir Dias Pino, Silva Freire e José Lobo e que ativou as letras e artes por aquelas plagas. Neste poema, o Autor tenta recuperar sua infância mineira numa linguagem clara não isenta de angústia. Eis o último trecho do poema Os Passos— "Ai de mim/ se no cansaço de escrever/ o enigma de Minas,/ procuro em mim mesmo/ a têmpera do ferro/ o agudo de seus cumes/ e só encontro o parco e o consumido/ o frio como a seda/ o escrito apagado/ de tudo o que se foi";

Autologia, de Yolanda Jordão, é uma edição Antares/ Pró-Memória - INL. A partir do neologismo do título, uma preocupação com o transmitir. Para outro poeta, Antonio Carlos Osório, "esta Autologia veio para ficar". Por certo, não só o neologismo, mas o licro com sua proposta poética. Leiam este Execução — "Um olho de terra e outro de algas/ as mãos de árvores e os pés de ervas./ Ficaremos presos na voz da raiz/ do coração em primeira escolha. / Depois extirparemos a roupa de nossos sinais/ lavaremos as mãos no sangue assim/ fazendo um fogo da cor de água morta/ que vai nos devorar para nos liberar enfim".

REGISTRO

A grande arte, de Rubem Fonseca, Ed. Francisco Alves, RJ. O romance começa numa linha policial bem definida, na tradição de um Hammettou ou Chandler. Depois passa a ser um dramático painel da realidade que nos cerca. Em linguagem dura e forte, o Autor retoma, com a propriedade de estilo que o identifica, temas que lhe são caros.

Noite sem madrugada, de Adonias Filho, Difel, SP. Abandonando por um momento seu habitat baiano, neste romance de factura urbana, Adonias também envereda pelo romance de linhagem policial. Isto não o impede, contudo, de manter-se fiel ao seu universo ficcional, traçando um quadro pertinente do aqui e agora do nosso conturbado mundo.

Começo de caminho — O áspero amor, de Renard Perez, Ed. Civilização Brasileira/Pro-Memória-INL,RJ. Singela história de amor, narrada com intensa emoção e inegável propriedade. Em 2.ª edição e novo texto — que deve ser de especial interesse para os estudiosos do processo de criação literária.

Meu querido assassino, de Dalton Trevisan, Ed. Record, RJ. Mais uma vez, como vem fazendo nos últimos anos, Trevisan nos brinda com novo livro de contos; presentes nas 16 histórias, o seu peculiar mundo curitibanense, seus Joãos e suas Marias. Amor e ódio, ciúme e desencontros, em linguagem personalíssima e diálogos certeiros e enxutos.

Cabeças de segunda-feira, de Ignácio de Loyola Brandão, Ed. Codecri, RJ. Nestas 20 histórias podemos acompanhar a trajetória do Autor no seu fazer literário. Pois elas abarcam um período que vai de 1964 a 1981, do início à maturidade de Brandão. A maioria dos contos já havia sido publicada, mas a reunião em livro ajuda a compreender a proposta do Autor, ao mesmo tempo que nos devolve saborosos textos.

Casos da fazenda do retiro, de Villas-Bôas Corrêa, Ed. Salamandra, RJ. Um dos mais conhecidos e respeitados comentaristas políticos do país abandona por uns tempos sua área e nos oferece saborosos causos, reconstituindo um tempo perdido no ontem. Diz ele que foram escritos para seus netos — mas todos irão lê-los com agrado.

A diferença selvagem, Dirceu Lindoso, Ed. Civilização Brasileira/Pró-Memória/INL, RJ. Dividido em três partes (A metáfora e o signo; As traições do arcaico; O espaço devorador), este livro, no dizer de seu Autor, "foge ao sistemático dos estudos da tradição universitária" e é uma associação entre a pesquisa hostoriográfica e a abordagem antropológica das categorias de pensamento de espaço e tempo.

A cidade é nossa, 2 volumes, org. por Estrella Bohadana, Ed. Codecri/Ibase, RJ. A luta da maioria do nosso povo, nas cidades e no campo, pelos direitos humanos fundamentais que são a moradia e o meio primário de produção, a terra. No 1.º vol. a história do parcelamento do solo e no 2.º dados gerais sobre a questão urbana no Rio e S. Paulo.

Discursos sobre o filho-da-puta, de Alberto Pimenta, Ed. Codecri, RJ. Publicado em 1977 em Portugal, já traduzido na Itália e na Suécia, este livro analisa, de forma satírica, radical e lúdica, uma figura tão conhecida, numa linguagem livre e franca. Diz Eduardo Kac, no posfácio: é "uma pequena obra monumental".

O futuro da família, tendências e perspectivas, de J. Marcos Bach, Ed. Vozes/Inef, RJ. destinado às pessoas interessadas num processo de rearticulação da família, neste livro o Autor encara a "crise da família" como um fato político e não puramente moral. Diz que a família está em crise porque sua estrutura bioeconômica não corresponde mais às necessidades da nova sociedade industrial e urbana.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

356

LIVROS

Novidades para crianças e jovens

Para a coluna continuam chegando novos títulos destinados ao público infantil e juvenil. São de editoras de todo País e abordando temas os mais variados. Como sempre, a resenha de tais livros é de Eglê Malheiros, que há anos se dedica ao estudo do gênero.



O menino mais bonito do mundo, de Ziraldo, il.: óleos de Sami Mattar, desenhos de Apoena Horta G. Medina, Ed. Melhoramentos, SP. Um livro muito belo, pelo texto, pelas ilustrações, pelo trabalho gráfico.

A história se baseia na lenda do Éden: o A. narra como a satisfação inicial de sentir-se vivo e ser admirado, vai desaparecendo até que Adão cai em melancolia. Ao despertar certa manhã e deparar-se com Eva, fica enamorado e feliz, a vida retoma sua razão de ser. Ele acha a mulher muito bela e Eva, por sua vez, exclama: Como você é bonito, Adão. Linguagem poética e sem babados, livro para crianças e gente grande, a sempiterna história da atração sexual, do amor e da perpetuação da vida.

Quanto à parte visual, a mesma festa. Os blocos de texto distribuídos com equilíbrio e harmonia. As cores das páginas e o tom das ilustrações variando para poder obter determinados efeitos expressionais. As ilustrações são um desenho da menina Apoena Medina e três óleos de Sami Mattar. Apoena revela grande sensibilidade, um inteligente uso da cor e uma grande alegria de viver; Sami dá sua versão das duas paisagens diurna e noturna e cria uma figura de Eva adolescente (em que presta homenagem a Botticelli). Um artista dirigindo-se às crianças sem concessões, certo de que elas merecem o melhor. As ilustrações são apresentadas ora em secções ampliadas, ora completas, num inteligente jogo: além da obtenção de grande rendimento gráfico há uma verdadeira aula de como "ver" e de sensibilização para o equilíbrio das massas, o foco do olhar, a influência dos tons e matizes.

O livro é de fins de 1983, mas, vale a pena adquiri-lo em 1984, e nos anos vindouros.

Fauno e Flora, de Diane Mazur, ilustração de Eliardo França, Ed. de Orientação Cultural.

O livro recebeu o prêmio Unesco, no Ano Internacional da Criança, pelo texto de uma jovem escritora e pelas ilustrações de um artista já consagrado. Está em sua 3.ª edição, e por certo muitas outras virão. A história é poética e divertida: a transformação de um mundo neutro e cinza, numa festa de cor, inclusive na pele das pessoas. Uma contribuição para que "as cores do mundo sejam novamente tons de aurora", como bem observou Francisca Nóbrega na apresentação do livro.

Conversa de corpo, de Priscila Freire, ilustração de Benjamim, Ed. Miguilin, MG.

A aventura de conhecer o próprio corpo e sua capacidade de expressão, num texto rico e sugestivo. Os desenhos têm humor e um toque de mistério, reforçado pelas cores usadas; como a fazer refletir sobre um tanto de segredo e encobrimento que paira sobre o corpo nesta nossa civilização judaico-cristão. Muito bom para a criança ler sozinha, mas, serve também para motivar conversas e processos de autoconhecimento e expressão corporal.

Viva, jacaré, de Cora Rónai, il. Riu de Oliveira, Ed. Nova Fronteira, RJ.

Uma história que começa divertida e acaba muito triste. E o pior é que, fora do livro, ela continua acabando triste. E para que um dia ela tenha um final feliz é preciso que as consciências se esclareçam e sensibilizem. Entre outras coisas, com livros assim. Desde cedo, pois o mundo é quem está amanhecendo.

As il. de Riu de Oliveira são de grande nível; é de se ressaltar o contraste, de excelente efeito, entre o clima desafogado do início e a força trágica a partir do aparecimento do caçador, bem como a sátira **art-nouveau** das duas pranchas finais.

Hão de perguntar: de que trata o livro? De jacarés, ora... e sem lágrimas de crocodilo.

Passarinho me contou, de Ana Maria Machado, il. de Ivan e Marcello, Ed. Nova Fronteira, RJ.

Fábula que se passa numa ilha de tranqüilidade que um dia descobre ter problemas. O rei manda buscar cavaleiros estrangeiros para desmanchar os nós, sem resultado. Um dia as pessoas resolvem dar sua opinião, discutir as questões do reino e terminam dispensando os cavaleiros, pois além dos problemas serem da gente, o tesouro também é da gente. Retrabalhando motivos das histórias de fada, a A. diverte e faz pensar sobre muitas coisas, principalmente o Brasil.

Mistérios do grande rio, de Antonieta Dias de Morais, il. Cláudio Martins, Ed. Nova Fronteira, RJ.

Em boa hora o relançamento deste texto. A saga da descoberta do Amazonas pelo homem branco e a tragédia que essa penetração constituiu para as populações indígenas. É um belo livro de aventuras, narradas pela voz de um menino quechua. Só que a ótica não é a do conquistador. O que é muito bom e ainda muito raro em nossa literatura para jovens.

A paginação, os tipos, as entrelinhas convidam à leitura.

A revelação do segredo, de Elisabeth Kubler-Rois, il. Heather Preston, Ed. Record, RJ.

Uma apresentação do problema da morte, enfocado de um ponto de vista espiritualista, num texto sensível e delicado.

As belas il. criam um clima de poesia e encantamento.

O piá e seu bezerro azul, de Ibiapaba Martins, il. de Carlos da Cunha, Ed. Pioneira, SP.

Aventuras bem brasileiras, com boiadeiros, índios, matas e sertões. É bom que o imaginário de nossas crianças seja descolonizado e que de seus sonhos passem a fazer parte gentes e paisagens nossas, e também e sempre a liberdade.

Apenas um reparo: o A., no epílogo, devia alertar que nas aldeias e vilas habitadas por índios, brancos e negros descendentes do piazinho a vida está longe de ser um final feliz.

As asas de Tilde, de Maria Heloísa Penteado, il. da Autora, Ed. Pioneira, SP.

Tilde resolve usar antes da hora sua roupa de anjo da procissão. Sai pela cidadezinha a voar em plena noite, perseguida por Laurinha que tenta evitar que a roupa se estrague. As duas amigas entram na floresta e enfrentam estranhas aventuras.

Zero três, de Aloysio Sampario, il. Radamés Sant'Anna, Ed. Pioneira, SP.

Livro de mistério envolvendo a família de um rico e poderoso fazendeiro. Há cartas inacabadas, exílios voluntários e moças enigmáticas.

A toca do Edu e a Copa, de Giselda Laporta Nicolelis e Ganimedes José, il. Vitor Martins, Ed. Pioneira, SP.

Em plena Copa do Mundo a população da cidadezinha se vê às voltas com roubos na igreja. Edu e sua turma bancam os detetives e tudo se esclarece.

A bruxinha Domitila e o robô morto-de-fome, de Edson Gabriel Garcia, il. João Lano, Ed. Vozes, RJ.

A inauguração da biblioteca da escola fica animada com o aparecimento de um penetra: um robô que arranja mil e uma complicações.

Testemunha em perigo; Um morto no elevador; O mistério da estrada de Viamão, de Zahira de Albuquerque Petri, Ed. Sulina, RS.

Aventuras e mistérios policiais, cujos protagonistas são adolescentes que vivem em Porto Alegre.

Torta de maçã, de Cleonice Rainho, il. Eliana Silva Biolechini, Ed. Salamandra, RJ.

A história de Tê, menina bela e encantadora, porém pobre. Sua festa de aniversário tem bolo de velh.., e passeio de táxi. O episódio do bolo é glosado de uma crônica de Fernando Sabino.

Eu quero ser, de Yone Rodrigues, il. Dulce Helena, Ed. Forense Universitária, RJ.

Poemas tendo como motivo brinquedos e aspectos do mundo infantil.

Preto e branco, de Teresinha Eboli, il. Regina Yolanda, Ed. Forense Universitária, RJ.

Uma continuação de **Carneirinho**, que transmite para as crianças conhecimentos sobre o ambiente rural. A diagramação e as il. valorizam o livro.

O palácio encantado; A gata borralheira, Ao Livro Técnico, RJ. Pretendem ser para crianças pequenas. Bem coloridos e com pouco texto, com letras grandes. São resumos grosseiros de histórias tradicionais, em linguagem própria para leitores mais velhos do que os visados.

O incrível Hulk, Ao Livro Técnico, RJ.

Aventura do herói da TV, com texto primário e boas ilustrações (há efeito de 3.ª dimensão).

REGISTRO

O círio perfeito, de Pedro Nava, Ed. Nova Fronteira, RJ. Através destas memórias, o Autor nos dá um panorama preciso de sua época e de seu meio. Este 6º volume abarca um período que se estende de 1930 a 1940. Para além do minucioso levantamento realizado, o livro prende e fascina pela força narrativa e pela qualidade do texto.

* * *

Pier Paolo Pasolini: as últimas palavras do herege, entrevistas com Jean Duflot, Ed. Brasiliense, SP. Figura controvertida, louvada e detestada, é inquestionável a importância de Pasolini como escritor e como cineasta inventivo e polêmico. Nestas entrevistas, espécie de testamento, ele se revela e fala de sua vida e sua obra.

* * *

MERGULHE NESTA DE CABEÇA

Compre este título para sua família.

Paula Ramos Esporte Clube

O Clube da Alegria

Informações fone: 33-0655

Felini por Felini, LePM-editores, RS. A vida e a obra de outro grande cineasta italiano contadas por ele mesmo. Neste auto-retrato ele fala de seus filmes, de sua vida, retraça passagens pitorescas e curiosas de sua carreira, descrevendo com encanto sua terra natal, seus sonhos, suas lutas, seus personagens, seus mitos.

* * *

Henry Miller, de Marcos Moreira, Ed. Brasiliense, SP. Mais um volume da col. Encanto Radical. Nela temos, em rápidas pinceladas, o retrato de um escritor maldito, cuja vida foi marcada até o fim por perseguições e incompreensão. Mas deve-se reconhecer que ele ajudou a criar tudo isto — e tudo isto transparece claramente em sua obra, autobiográfica, desabusada e franca.

* * *

Matsuó Bashô, de Paulo Leminski, Ed. Brasiliense, SP. Mais um título da col. Encanto Radical, trazendo até nós um nome que é considerado o maior poeta que o Japão já produziu, mestre do haikai, que aos 25 anos, em pleno século XVII, abandona sua casta social de origem, os samurais, para se dedicar à sua obra.

* * *

Histórias da beira do rio, de Odylo Costa, Filho, Ed. Recorde, RJ. Este livro, que só agora aparece, estava pronto quando o Autor morreu. Nele transparecem as qualidades de narrador de Odylo, afirmando Jorge Amado na apresentação: "A virtuosidade do ficcionista, a maestria do narrador se revelam em cada página".

* * *

Makaloba, de Edilson Martins, Ed. Brasiliense, SP. Novo título da col. Cantadas Literárias: uma visão da Amazônia vivida pelo Autor. Nesta experiência singular, ele viajou por aldeias indígenas e experimentou a bebida alucinógena (Makaloba) que desvenda estranhos conhecimentos. Misto de ficção e realidade é o que é este diário lítero-alucinógeno de brancos e índios.

* * *

Pathé Baby e Prosa turística: o viajante europeu e platino, de Antônio de Alcântara Machado, Ed. Civilização Brasileira-Pró-Memória/INL, RJ. Um retorno necessário. É preciso reeditar, como está fazendo a Civilização, a obra de AAM, um dos nomes mais expressivos da primeira fase do modernismo. E aqui já se pode ter uma boa idéia dele.

* * *

O enforcado, de Georges Simenon, Ed. Nova Fronteira, RJ. Outra aventura do Comissário Maigret e mais um título deste Autor prolífico mas que mantém uma qualidade que o destaca entre os escritores da linha policial. Aqui Maigret, cruzando várias cidades, busca o fio que o levará a desvendar um intrincado mistério.

* * *

A Ilha de Helice, de Júlio Verne, vol. 1, Ed. Francisco Alves, RJ. Outro escritor prolífico, que se ensaiou com sucesso por vários gêneros, é Verne. Aqui ele cria uma imensa ilha flutuante, transportando 10 mil habitantes que devem viver num paraíso. Não fosse a rivalidade que logo interfere e cria os elementos da trama.

Salim Miguel

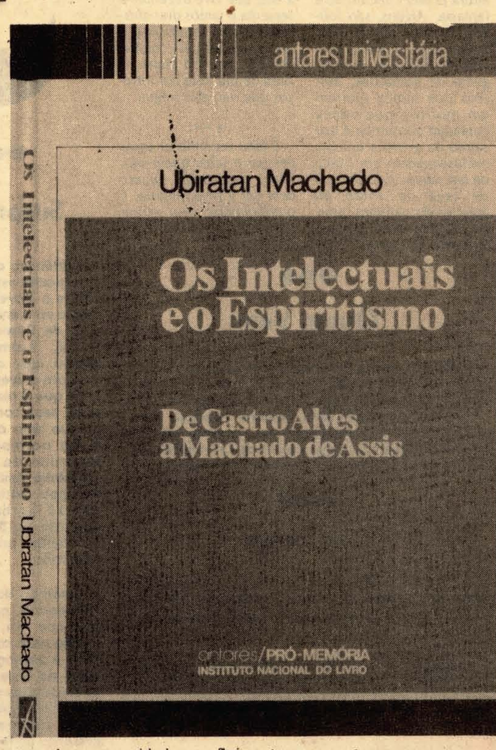
UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

357

LIVROS

Para espíritas e não espíritas

Acaba de chegar às livrarias o ensaio de Ubiratan Machado, *Os intelectuais e o espiritismo*, de Castro Alves a Machado de Assis, editado pela Antares, co-edição Pró-Memória-INL. Abaixo o prefácio que escrevemos para o livro:



Se o leitor, atraído pelo título, for a este livro em busca apenas do que ele sugere, se ilude. Pois o livro de Ubiratan Machado é o que o título propõe e muito mais.

Temos aqui, sem dúvida, um levantamento minucioso e exaustivo de todo um período da história do Brasil. Claro que o enfoque se centra na proposta do título; e fornece ao leitor uma pesquisa inédita. Ao que nos consta, nunca antes o tema havia sido abordado sob tal aspecto. Para melhor compreender o fenômeno estudado e suas repercussões nos meios intelectuais, o Autor abre o leque de sua investigação.

A fim de rastrear de que maneira os intelectuais brasileiros sentiram o espiritismo e como ele aparece em suas obras, seja aceitando-o seja negando-o, desde seu surgimento em meados do século passado até inícios do atual, Ubiratan realizou uma verdadeira prospecção detetivesca. Foi à raiz dos fatos, estudou de que forma o espiritismo começou e se alastrou na Europa, seus pródromos, mostrou sua chegada ao Brasil, primeiro timidamente no Rio de Janeiro, depois na Bahia onde logo adquiriu força, a volta ao Rio, o avanço para outras regiões, seus defensores e seus detratores.

Aceito, assim que chega ao Brasil, como aliado do catolicismo, então religião oficial, logo surgem divergências que vão se ampliando. De modo concomitante o espiritismo sofre influências das religiões afro e do fetichismo indígena, num sincretismo que perdura até hoje.

Mas se o leitor não espírita se afasta do livro por preconceito, comete outro erro. O prefaciador não sendo espírita, melhor, não professando qualquer religião, se deixou no entanto levar, fascinado pelo nível da pesquisa, pelo volume de informações recolhidas, pela honestidade do trabalho, pela qualidade do texto.

Aliás é bom assinalar: se por um lado a pesquisa se revela exemplar, num país onde raramente ela é aprofundada, por outro junta-se a essa consciência profissional de fazer bem, um texto altamente cuidado, que flui e que se lê com crescente satisfação e interesse.

Ubiratan Machado, com **Os intelectuais e o espiritismo,** alarga o conhecimento da realidade brasileira num período que vai de 1860 a 1910, ilumina vários de seus desvãos, justamente quando se processavam transformações de vulto e lutas como a guerra do Paraguai, a libertação dos escravos, a proclamação da República. De maneira direta ou indireta, tudo isto transparece no livro.

Le réel est étroit, le possiole est immense — diz uma das epígrafes do livro, extraída de Lamartine.

Sim, certo. Mais ainda, se este "real" é o passado, que nos chega esfumado, deturpado, sujeito a interpretações espúrias, eivadas de preconceitos ou de conceitos que nada possuem de verdade científica.

Conheço o Autor há anos. Logo uma mesma paixão pelo livro nos aproximou. Sei de sua inquietação, de seu amor à pesquisa séria e fundamentada. Trabalhamos juntos (se bem que nunca no mesmo órgão), na mesma empresa jornalística. Acompanhei a preparação do livro, a busca de fontes, sempre tão escassas. E em nossas conversas havia por igual pontos de afinidade e de distanciamento: enquanto eu vou ao livro pelo que ele possa conter em áreas ligadas a problemas culturais que mais de perto me digam respeito, ou por pura fruição do texto, Ubiratan vai ao livro também pou outros motivos, em especial o livro pelo livro, numa relação quase física. Ele procura o livro antigo com gana, como objeto raro e pelo acrescentamento que lhe possa trazer na recuperação do passado.

Freguês contumaz de todos os sebos do Rio, de São Paulo, do Brasil (percorre o País vasculhando sebos e livrarias), do exterior, Ubiratan não viaja para se enfurnar em sebos e vibrar a cada livro resgatado à poeria e ao esquecimento. E um novo/velho título encontrado é uma fruição do espírito, uma aventura maior, para alguém que fez do livro e da pesquisa a principal razão de ser.

REGISTRO

Signagem da televisão, de Décio Pignatari, Ed. Brasiliense, SP. De repente, um novo meio de comunicação surge e se impõe. Não importa saber aqui o significado ta TV; importa analisar até que ponto ela penetrou, modificando hábitos e costumes. É o que faz o A. neste volume, reunião de trabalhos anteriormente publicados na imprensa. Ele estuda temas tão diversos Como Chacrinha e o futebol, as novelas e o humor.

* * *

A economia do século XXI, de Herman Daly, Ed. Mercado Aberto, RS. Professor da Universidade de Louisiana, o A. defende a tese de que o crescimento econômico descontrolado e caótico levará a sociedade mundial ao caos ou a um estado policial planetário. Ele examina o problema entre teoria econômica e realidade e a possível saída para países como o Brasil ou para as nações superdesenvolvidas.

* * *

Marquês de Tamandaré, patrono da Marinha, de José Francisco de Lima, Ed. Francisco Alves/Pró-Memória/INL. Alentado volume (Prêmio Literário Nacional 1982, gênero biografia, categoria de obras inéditas) onde o A. traça o perfil histórico do patrono da Marinha.

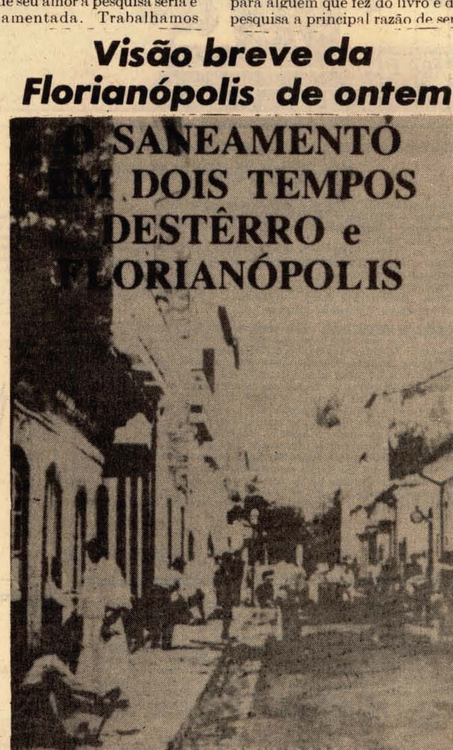
* * *

Idéias e Ideais, — de Clementino Fraga Filho, Liv. José Olympio Editora/Pró-Memória/INL. Reunião de trabalhos diversos, nos quais o A. faz, no dizer de Josué Montello, "um texto participante, firmemente engajado no alto propósito de servir à educação e à cultura do Brasil, sem descurar-se de associar essa educação e essa cultura ao universo e ao tempo atual".

* * *

Psicologia da criança, de Regina Vieira, Ed. Vozes, RJ. Nesta proposta para a orientação de mães, a A. aborda problemas de desenvolvimento, partindo da discussão de questões como a separação precoce entre a criança e a mãe ou o isolamento da família nos pequenos núcleos constituídos apenas de pais e filhos.

Visão breve da Florianópolis de ontem



Informações sucintas e fotos antigas, centradas no problema do saneamento de Desterro (e de Florianópolis), quer dizer, ontem e hoje da capital catarinense, são a base desta publicação (**O saneamento em dois tempos — Desterro e Florianópolis)** de Átila Alcides Ramos, Ed. do Autor, Florianópolis 1984). O volume abre com uma cronologia sobre o Abastecimento de Água de Florianópolis e os Serviços de Esgotos Sanitários, de 1909 até 1983, isto é, da implantação das primeiras redes de água no Governo Gustavo Richard até o início do sistema de água e esgoto da Lagoa da Conceição no atual Governo. Trabalho de pesquisa, o livro vale também pelo farto material fotográfico da época, o que nos situa num passado mais ou menos distante. Além disso, são numerosos os desenhos a bico-de-pena do próprio autor, que é bastante conhecido por sua obra de pintor e desenhista.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

358

LIVROS

Mais poesia

Os poetas insistem. O que é bom. De várias gerações, de várias regiões, de várias tendências, de várias formações — eles escrevem, editam, lutam por um lugar ao sol. Vejamos.

Em primeiro lugar, a **Revista de Poèsia e Crítica**, já no seu sétimo ano de existência, editada entre Brasília—São Paulo—Rio, tendo como diretor responsável José Jezer de Oliveira e no conselho diretor Afrânio Zuccolotto, Cyro Pimentel, Domingos Carvalho da Silva, Waldemar Lopes. A proposta da publicação é clara, no sentido de dar uma contribuição isenta para a poesia que hoje se pratica no País; e como diz em seu expediente, "por não ter objetivo comercial ou de lucro, não publicará nenhum tipo de anúncio". Além dos poemas inéditos de 15 autores, a revista tem ainda artigos sobre a poesia, rascunhos e notas. Os pedidos de exemplares devem ser feitos a Thesaurus Livraria, CLRN 702/703 - BL-E - Loja 61 - 70730 - Brasília - DF.

Celebrações do outro é de Ana Maria Miranda, também artista plástica, que funde com sensibilidade os desenho e a palavra. Edição Antares/Pró-Memória/INL, RJ. Um exemplo: "Caixas fechadas (trecho) — Se apressam os olhares; as aves avançam/ num vôo que veio do início do tempo. / Do vento ruidoso que trouxe as ruínas e as mortes das velhas montanhas de ferro. / Os grandes relógios balançam os pêndulos / e as faces perdidas que ocres se tornam/ moldam da terra árida a vida/ que cheira a charutos velhos guardados/em caixas fechadas de maçaranduba.!"

Artifício dos fogos, de Sanura Quintella, Edições Ponto Oito, RJ. Para o crítico Jorge de Sá, este livro "é a luta travada em silêncio, onde as palavras se harmonizam em estruturas analógicas que liberam a imagem geradora de outras imagens, tudo girando em torno do bastão a ser passado a outras mãos, nessa corrida com barreiras que é o cotidiano". Nos pequenos achados poéticos de Sandra há muito de sugestão, como nesse "Teia de aranha — mata-se a aranha / fica a teia presa à memória".

O corpo do amor, de Gustavo Adolfo P. da Silva, Ed. Vozes, RJ.

Para Rose Marie Muraro, em nota a respeito deste livro, ele é "um canto para a vida". São pequenos e sensíveis poemas como este nº. 18: "Sejamos como o rio / que cava seu caminho / pela sua própria força".

Cronoscópio, de Anderson Braga Horta, Ed. Civilização Brasileira / Pró-Memória / INL, RJ. Vencedor, em sua primeira versão do prêmio Fernando Chinaglia / UBE-RJ, neste livro tempo e memória se cruzam tratados pelas mãos de um poeta que domina seu fazer literário. Eis o poema "Tempo", que abre o livro: "Soa a hora, sonora, / no relógio de pêndulo. / Que sabemos do tempo? / O tempo não se deixa capturar. / E pulsa, no escuro, / como um grande pássaro. / Inútil acender o dia. / Passa (e não passa) o tempo. / Mas / não fluvial, nem nuvens: como / as correntes marinhas / no mar imóvel, / flue o tempo em si mesmo."

Domicílio em trânsito e outros poemas, de Sérgio de Castro Pinto, Ed. Civilização Brasileira - Pró-Memória - INL, RJ. Lúcido e lúdico, o poeta faz experimentos com a palavra e se experimenta na sua dimensão. Diz Moacyr Félix na "orelha": "Livros com este fazem-nos evocar, mais uma vez, a injustiça dos mapas literários elaborados pelos grupinhos que dominam os meios de comunicação do Rio e de São Paulo. Leiamos este "Burocrata — um jeito botânico / de quem cultiva folhas / de papel cabono. / de quem as enxerta / nos gestos e na fala. / de quem arvora / no caule do silêncio / de quem cala / uma primavera burocrática".

Elementos, de Antônio Carlos Secchin, Ed. Civilização Brasileira / Pró-Memória - INL, RJ. A proposta da poesia de Secchin está contida nestes versos que abrem seu livro: "O real é miragem consentida, / engrenagem da voragem, / língua iludida da linguagem / contra a sombra que não peço. / O real é meu excesso." E a partir daí, numa linguagem dosada, ele elabora seu universo poético, marcado pelo ar, pelo fogo, pela terra, subdivisão da primeira parte do livro, que se fecha com **Aria de estação**. Na "orelha", Gilberto Mendonça Teles se refere "à superioridade do texto poético de Antônio Carlos Secchin".

Novíssima Gramática da Língua Portuguesa

Uma edição reformulada da tradicional **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**, de Domingos Paschoal Cegalla, acaba de ser lançada pela Companhia Editoral Nacional, SP. E a respeito dessa reformulação diz o Autor: "... não nos limitamos a mudar a aparência material do livro, a corrigir lapsos de revisão, a fazer um ou outro retoque, a remover este ou aquele deslize. Pelo contrário, procedemos a uma reformulação bem mais ampla e profunda, conforme se pode constatar. Atualizamos conceitos, revimos definições, aclaramos tópicos obscuros e questões gramaticais geradoras de dúvidas, aplanamos dificuldades, reformulamos exercícios, enriquecemos profusamente as atividades práticas; em suma, efetuamos, ao longo de todo o livro, substanciais acréscimos e sensíveis melhorias."

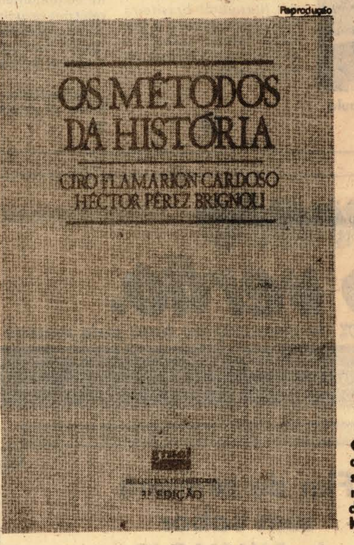
A volta dos quadrinhos

Duas editoras de Porto Alegre investem nos quadrinhos, uma já há algum tempo e a outra iniciando-se agora. Trata-se da L e PM e da Mercado Aberto. São histórias de humor e sátira, aventura e sexo, de nomes tradicionais no gênero ou de novos autores. Da L e PM chegam à coluna três títulos: **Valentina**, de Guido Crepax, na linha do erótico, traz uma personagem que ficou famosa, tornando igualmente famoso seu criador. Acompanha o volume um estudo de Oreste Del Bueno analisando, a partir das primeiras tentativas, "As mulheres em quadrinhos", para chegar até Valentina, de quem diz: "De uma visão pessoal nova sobre a mulher, surge uma nova mulher nos quadrinhos". Já em **A filha do tesouro**, Hugo Pratt adapta o famoso romance de aventuras de R.L. Stevenson. No mesmo volume, "Capitão Cormorant". Pratt procura, com seu traço caricatural, recriar o universo de Stevenson, que encantou gerações com suas histórias.

Hagar, de Dik Browne, é um dos mais conhecidos personagens de histórias em quadrinhos. Neste volume, intitulado **Hamlet vai à luta**, as aventuras de Hagar e seu filho Hamlet — e o que é comum nestas humorísticas históricas, pai e filho não se compreendem, provocando situações impagáveis. Da Mercado Aberto temos **Cadê a graça que tava aqui?**, história de Canini que, com seu fino humor e seu estilo tão peculiar, revela a estranha graça (quantas vezes sem graça) seja na Amazônia ou na medicina, na ecologia ou nos super-heróis, nos chavões ou no velho oeste, no poder e no mundo moderno. É ler e conferir.

"Os métodos da História" em nova edição

Reprodução



O livro apresenta a atual situação da metodologia da ciência histórica.

Chega às livrarias, em nova edição, pela Editora Graal, o livro **Os Métodos da História**, de Ciro Flamarion Cardoso e Héctor Péres Brignoli. O livro apresenta a situação atual da metodologia da ciência histórica (em seus ramos econômico, demográfico e social) e é destinado especialmente aos estudantes de história e demais ciências sociais, bem como aos pesquisadores e a todos os professores desejosos de renovar sua perspectiva metodológica.

Mais do que um guia indispensável ao estudo da história, o trabalho dos historiadores Ciro Cardoso e Héctor Péres propõe-se a abrir combate contra uma posição passiva diante do ensino que forma meros repetidores de fatos e palavras do passado, e procura enriquecer no estudioso a capacidade de compreensão e de crítica, através de uma participação ativa e de novas maneiras de conhecer, e fazer história.

Ciro Cardoso (brasileiro) e Héctor Péres (argentino) elaboram **Os Métodos da História** para atender às necessidades específicas da pesquisa histórica nos países da América Latina: os novos métodos e técnicas são didaticamente exemplificados por meio de aplicações ao contexto latino-americano.

REGISTRO

Claridade e sombra na música do povo, de Edigar de Alencar, Ed. Francisoc Alves / Pró-Memória - INL, RJ. Jornalista e musicólogo, o A. vem, ao longo dos anos, espalhando pela imprensa sua contribuição e o melhor conhecimento da música popular brasileira, de como ela se faz e dos nomes que a fazem. Aqui, agora, ele recolhe parte do seu trabalho, discutindo os temas com franqueza.

Previsões e Premissas de Alvin Toffler, Ed. Record, RJ. Conhecido por seus livros **Choque do futuro** e **A terceira onda**, o A. dá aqui uma longa e minuciosa entrevista onde discute temas como "Quem controla a tecnologia" e "O que o futuro reserva para as empresas, os sindicatos, os empregados?", além de outros assuntos de grande interesse.

Planejamento familiar e libertação do Brasil, de Mário Victor de Assis Pacheco, Ed. Vozes, RM. O A. discute o tema do planejamento familiar e alerta para o perigo de algumas experiências médicas, que considera jurídica e eticamente proibidas.

sociedade, medicina e genética, de Ademar Freire Maia, Ed. Vozes, RJ. Dirigido ao leitor comum, o livro trata das implicações da genética e da medicina em temas variados: bebê de proveta, hábito de fumar, explosão demográfica, aborto, ética médica, subdesenvolvimento.

Do fruto à raiz, de Zeca Tiago, Ed. Vozes, RJ. Vol. 6 dos Cadernos de Educação Popular, aqui se procura ampliar o enfoque e atemática do político. O texto do livro é montado em cima das filmagens e das entrevistas feitas com Zeca Tiago, procurando-se dar a visão de um político, seu horizonte e sua participação na comunidade. Assim, através da vida de José Tiago Araújo, o Zeca Tiago, tem-se uma idéia de como o poder e a política perpassam as práticas sociais.

Salim Miguel

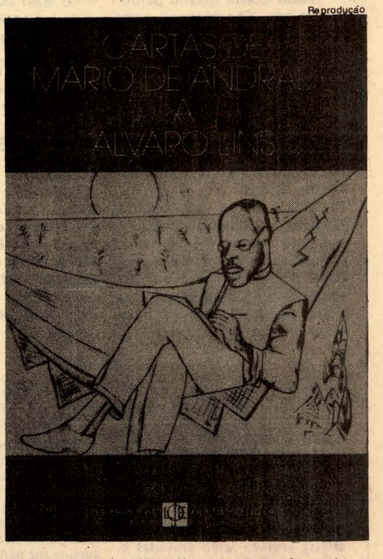
UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

359

Novas cartas de Mário de Andrade

Reprodução



A produção de Mário de Andrade, nas mais diferentes áreas culturais, foi extremamente intensa. E sempre instigante. Seja como criador, seja como pesquisador, seja como administrador e ativador da cultura, ele teve uma participação de maior importância. E espalhou, ao longo dos anos em que viveu (que não foram muitos), volumes de poesia, de contos e romances, de crítica literária, de ensaios, de estudos sobre música ou folclore, etc. etc. E não faz muito outra faceta se tornou igualmente conhecida: a de fotógrafo, tendo documentado com pertinência aspectos da vida brasileira, em especial durante sua viagem pelo Norte–Nordeste.

Como se tudo isto não bastasse, foi um fértil e incorrigível epistológrafo. Espalhou centenas de cartas por este Brasil inteiro, para velhos amigos, para novos amigos, para pessoas de sua geração ou para jovens que buscavam uma palavra de incentivo ou apoio.

No dia em que se tornar possível a publicação de todo este vasto material, em ordem cronológica, ter-se-á uma idéia precisa do que representou sua correspondência. Mas: ter-se-á uma visão do homem e do artista Mário de Andrade — e também do próprio País.

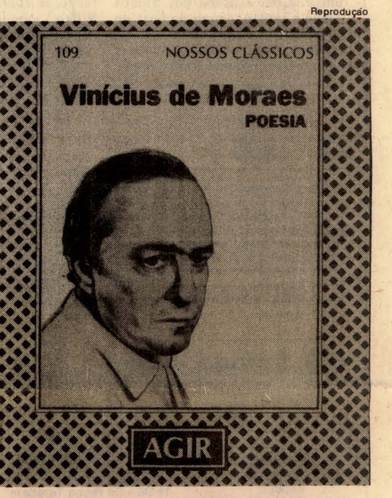
Mais um volume veio há pouco se juntar aos vários já publicados. Trata-se das cartas que ele escreveu a Álvaro Lins, que surgem em edição da Livraria José Olympio editora. São 17 cartas, a primeira de 1942 e a última de janeiro de 1945, cerca de um mês antes da morte de Mário de Andrade.

Completam o volume: apresentação do professor e ensaísta Ivan Cavalcanti Proença, comentários e notas de pé de página de José Cesar Borba e Marco Morel.

É leitura imperdível. E não só para os admiradores do autor de **Macunaíma**. Mas para todos que se preocupam com o processo de criação literária e com a honestidade intelectual — marca primeira do homem e do artista que foi Mário de Andrade.

A volta de uma boa coleção

Reprodução



Vinicius de Moraes, poesia, por Pedro Lyra, é o primeiro volume da nova fase da coleção Nossos Clássicos, da Livraria Agir Editora.

Lançada na década de 50, com mais de uma centena de títulos publicados, esta coleção de livros de bolso, que mereceu excelente aceitação por parte do público e crítica, volta agora com o mesmo formato, porém em nova roupagem: melhor apresentação gráfica e acabamento.

A proposta, contudo, é a mesma. Dar uma visão de nomes representativos das letras, situando-os no tempo e no espaço. Começa por dados biográficos, continua com uma apresentação seguida de antologia, e conclui com uma bibliografia do autor, sobre o autor e julgamento crítico a respeito da obra.

É o que temos neste **Vinicius de Moraes.** Aqui o leitor tem oportunidade de acompanhar a trajetória do poeta (depois da década de 60 mais conhecido por sua atuação na música popular brasileira) desde seu primeiro livro, **O caminho para a distância,** 1933, até **A mulher e o signo,** 1980, ano da sua morte.

O pequeno estudo de Pedro Lyra é significativo. Dá um retrato pertinente do mais popular poeta do modernismo brasileiro, conforme o próprio Lyra faz questão de acentuar, para a seguir afirmar: "pode-se concluir que sua obra foi uma ascensão contínua e que ele evoluiu do verso-jorro ao verso-contenção, do tom encantatório ao tom denunciante..."

Mais títulos da Encanto Radical

Reprodução



Quase 50 títulos, reunindo nomes os mais diversos, começando por um Dostoievski, continuando com um Noel Rosa, prosseguindo por figuras como Oswald de Andrade ou John Lennon, Hemingway ou Kafka, Cruz e Sousa ou Allende, Leila Diniz ou o Barão de Itararé, compõe o painel inicial desta Coleção Encanto Radical, editada pela Brasiliense. Em formato de bolso, não ultrapassando as 100 páginas, procuram situar as figuras estudadas dentro de um contexto de tempo e espaço, mostrando como elas atuaram em suas diferentes áreas.

Há pouco, mais quatro volumes foram publicados:

Lima Barreto, de Régis de Morais, nos mostra o que foi este escritor que lutando contra tudo e contra todos nos deixou uma das obras mais inquietantes da literatura brasileira;

Ema Goldman, de Elisabeth Souza Lobo, traça o perfil de uma combatente que percorreu os caminhos do mundo em busca permanente, dividindo-se sempre entre a militante anarquista e a mulher apaixonada;

Carmen Miranda, de Luiz Henrique Saia, devolve-nos um pouco desta portuguesa que se tornou símbolo brasileiro, com seu poder de fascínio e sua contestada voz, mas que marcava os que a (ou)viam;

George Orwell, de Ricardo Bonalume Neto, relembra, neste 1984, o autor de um romance célebre por sua antecipação do futuro, o discutido **1984**, que, sem se entrar numa avaliação qualitativa, deixou num segundo plano tudo o mais que Orwell escreveu.

REGISTRO

A celebração da poesia, de Angélica Maria Santos Soares, Ed. Cátedra/Pró-Memória-INL. Camões, Álvares de Azevedo, Mário Cesariny Vasconcelos, Helena Parente Cunha, Ildásio Tavares. Cinco poetas (dois portugueses, três brasileiros) de visão e concepção de mundo inteiramente diferentes. Sobre eles se debruça a Autora para nos dar com segurança, e, como diz Pedro Lyra, "confirmando seus méritos de crítica", uma leitura onde ressalta a celebração do humano no poético.

* * *

A epopéia Brasileira, de Henry Bacon, Ed. Antares/Pró-Memória-INL. Um tema fascinante e que sempre oferece novas possibilidades de leitura. Eis **Os sertões**, de Euclides da Cunha. É o que faz o ensaísta Bacon, neste trabalho que ele subintitula de "Uma introdução a **Os sertões**".

* * *

O teatro da espontaneidade, de J.L. Moreno, Summus Ed. Mais um livro de Moreno, depois de **Fundamentos do psicodrama**, pela mesma editora. Escrito em 1923, o texto atual é o de 1973, pouco antes do falecimento do Autor. Aqui, as bases do teatro da espontaneidade.

* * *

O que é romance policial, de Sandra Lúcia Reimão, Ed. Brasiliense. Enquanto a discussão sobre a literatura policial prossegue, o gênero continua prendendo em sua teia multidões de leitores que buscam um momento de relax. Mas como recusar-se as qualidades de literatura "série" para um **O falcão Maltês**, de Hammett, por exemplo? Por sinal, nova edição acaba de chegar às livrarias pela mesma editora.

* * *

Lampião, de Ranulfo Prata, Traço Editora. Editado pela primeira vez quando o célebre cangaceiro ainda vivia e lutava contra as forças policiais, este livro acompanha as andanças de Lampião pelo sertão, detendo-se antes em falar de seu nascimento, sua infância, família, tipo físico e psíquico, etc. Na apresentação, Antônio A.C. Araújo diz que Lampião chegou a ter em mãos um exemplar do livro e que fez observações sobre pontos dos quais discordava.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

360

Um batalhador das letras

Trabalhando paulatinamente o texto, reelaborando-o constantemente, eterno insatisfeito, Armindo Pereira é, para os nossos padrões convencionais, autor de obra reduzida. Em mais de 30 anos de atividade literária ininterrupta, três romances, um livro de contos, dois de crítica, pouca coisa esparsa.

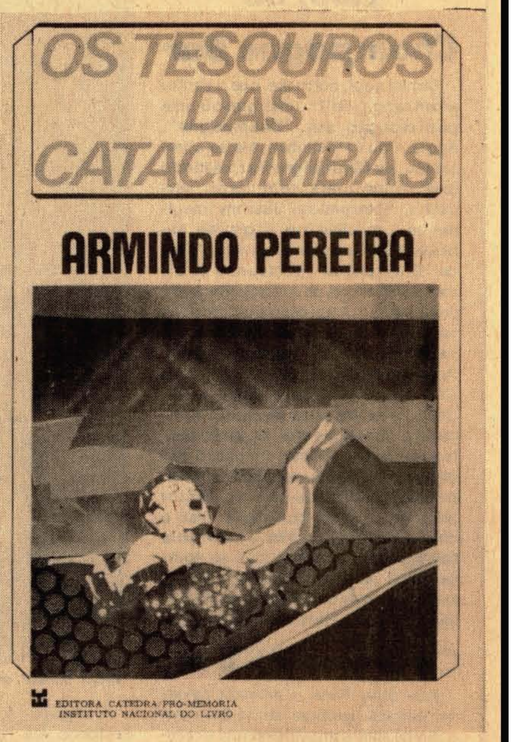
Mas, parece-nos, isto satisfaz plenamente o autor de **Flagelo**. Para ele pouco importa a quantidade: preocupa-se com a qualidade, com o que dizer e o como dizer. Além disso, cada reedição de trabalho seu é revista, reexaminada com cautela, numa luta constante com a palavra.

Desta forma, sua escrita se torna fonte permanente de pesquisa para todos que se preocupam com o processo de criação, na tentativa de penetrar na intenção última do autor e saber o porque da substituição, em determinado trecho, de uma simples palavra por outra.

Os tesouros das catacumbas, volume três da "Tetralogia da Predestinação", permanece fiel a esta linha e mantém a proposta básica da ficção pereiriana.

Aqui ele se debruça sobre um fato histórico. Mas a história, com seus componentes de recuperação do passado, lhe serve de artifício para a criação da trama, da estrutura narrativa. A partir daí, realidade, fantasia, mito, alegoria, tudo se entrecruza. E o homem, com sua destinação terrível ou sublime, é a razão de ser de tudo que interessa ao artista e ao ser humano Armindo Pereira.

O romance começa como um raconto tradicional ("Foi há muito tempo, muito tempo — nem se pode contar os números —, há tanto tempo quantas estrelas têm no céu...") e prossegue no estranho envolvimento que é a busca dos tesouros dos subterrâneos das catacumbas de Nossa Senhora das Agonias e do Desterro, do Monte Jaboatão. Mas a própria busca do tesouro é outro artifício — artifício para nos introduzir naquele universo de homens sofridos e explorados numa terra que sofre pela inclemência do clima e pela inclemência do homem.



Prêmio de poesia Juan Ramon Jimenez

Mais um prêmio literário, desta vez da Espanha. Trata-se de Concurso de Poesia, em homenagem ao poeta Juan Ramon Jimenez, com dotação única de um milhão de pesetas, patrocinado pela Província de Huelva.

O encerramento das inscrições é a 30 de abril e a entrega do prêmio, com a presença do vencedor, em 29 de maio, data da morte do poeta.

Eis as bases do concurso: poderão concorrer todas as pessoas de nacionalidade espanhola ou americana; será outorgado um prêmio único e indivisível; os trabalhos deverão ser inéditos e escritos em espanhol, não podendo ser tradução ou adaptação de outras obras; a temática é livre, com uma extensão aproximada de 1.000 versos; serão necessárias cinco cópias, em papel ofício, espaço dois, datilografado em um só lado do papel; em envelope à parte, nome, pseudônimo, nacionalidade, endereço e telefone do autor; a decisão do júri, composta de seis membros, é irrecorrível, podendo o prêmio deixar de ser atribuído; neste caso, a importância será acumulada para o concurso seguinte; os originais não premiados terão que ser retirados até 15 de julho, sendo após esta data incinerados. Endereço para remessa: Prêmio Hispanoamericano de Literatura — Prêmio de Poesia Juan Ramon Jimenez — Diputación Provincial de Huelva — Espanha.

Outra face da propaganda

Um livro informativo e polêmico, este **A tragédia da propaganda no Brasil**, de José Maria Campos Manzo, lançado pela Collector's Editora, do Rio.

Jornalista e publicitário, o autor conhece os meandros de uma profissão que, em pouco tempo, tornou-se uma grande força no Brasil. Mas como toda profissão de influência na opinião pública e que cresce muito rapidamente, passaram a existir nela distorções, com jogos de interesse e estranhas manobras que Manzo revela de maneira direta e objetiva.

Ele deixa claro que não é contra a propaganda; é contra a utilização da propaganda com o força de pressão em muitos setores de atividade. E começa explicatando com seu próprio caso, depois de se referir à sua experiência no setor: exercendo atividades na área por mais de 20 anos, quando resolveu aceitar o convite para fazer, no jornal **O Globo**, uma coluna independente e que continha críticas a determinadas posições da categoria, viu-se (primeiro ele e depois o jornal) pressionado. Até que, não resistindo à pressão, o jornal (e ele se recusando a modificar a linha da coluna) o dispensou sumariamente.

Leitura recomendada para anunciantes, publicitários, veículos, autoridades.

Lançamento de "Mensageiros das fúrias"

Nesta sexta-feira, dia 13, a partir das 20 horas, na sala de exposições do Museu de Arte de Santa Catarina, prédio da antiga Alfândega, Rua Conselheiro Mafra, Janer Cristaldo estará autografando seu mais novo livro, **Mensageiros das fúrias**, lançado pela Editora da UFSC. Jornalista, escritor, tradutor, professor da Universidade Federal de Santa Catarina, a proposta do ensaio de Cristaldo está expressa no sub-título do trabalho, "Uma leitura camusiana de Ernesto Sábato". Com a tese de que resulta agora o livro, o autor obteve um **Très Bien** na Sorbonne. Ao resenhar o livro para o **Jornal do Brasil**, Marcos Santárrita, também jornalista, escritor e tradutor, acentua a validade da aproximação entre o francês Albert Camus e o argentino Ernesto Sábato, dizendo que Janer Cristaldo a faz "com brio e brilhantismo".

REGISTRO

O barato da história, de Elisabeta Remini, Ed. Escrita. Uma viagem pelo tempo e pela história, revelando que o consumo da **cannabis** não é de hoje. Os primeiros indícios da agora chamada maconha datam de 3.000 a. C.. Dos povos primitivos, a profa italiana segue os passos da planta pela Grécia, Roma, Índia, África, América. Ao final, um apêndice sobre o Brasil, calcado em livro do prof Jaime R. Pereira.

* * *

Em psicanálise, de Ruth Bueno, Ed. Tempo Brasileiro. Conhecida por sua obra ficcional, a autora, neste diário, se debruça sobre seus fantasmas para nos oferecer um depoimento sensível. A epígrafe de Hsin Hsin Ming, tirada do livro **A confiança na mente** (e quando mais nada pode causar ofensa, então todos os obstáculos deixam de existir), situa a proposta do texto de Ruth Bueno.

* * *

O problema da análise social, de Carlos Roberto Faccina e Luís Alberto Peluso, Livraria Pioneira Ed. co-edição Mackenzie. Resultado de discussões sobre as idéias de Popper e Dahrendorf, o livro deixa implícito que a moderna teoria da Ciência possibilita o estudo da Sociedade independentemente dos liames impostos por modelos tradicionais.

* * *

A ordem satânica (reflexões sobre a moralidade burguesa), de A. C. Medawar, Ed. Alfa-Omega. A propósito desta radiografia da moralidade burguesa, assim se refere o escritor Jorge Medawar na carta-prefácio: "Acabo de ler seu livro. Ainda estou desconcertado". E adiante: "Cada linha, cada pensamento, cada conceito, cada página de seu livro manifestam o alto nível a que chegou o seu poder de análise".

Salim Miguel

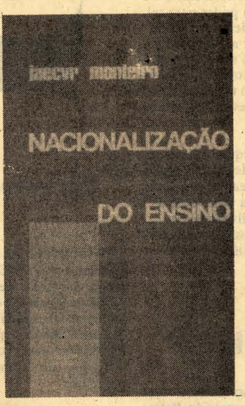
UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

361

Editora da UFSC lança hoje mais dois títulos

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina lança, hoje, às 18 horas, no hall da Reitoria, dois novos livros, intitulados "Nacionalização do Ensino", do professor Jaecyr Monteiro, e "Mimetismo Tecnológico", do professor Habah Benakouche. O primeiro analisa o processo histórico do ensino na década de 30, enquanto que o segundo critica as alternativas de solução para países em desenvolvimento, sob o rótulo de país pobre, tecnologia pobre.





Ambos são veteranos da literatura. Monteiro publica o seu terceiro livro, enquanto Benakouche está no número seis, ressaltando, entretanto, que **Mimetismo Tecnológico** é o primeiro que sai pela Editora da UFSC.

Os dois autores são também professores da Universidade. Jaecyr Monteiro atua no Centro de Ciências da Educação, e Rabah Benakouche coordena o Núcleo de Política Científica e Tecnológica.

NACIONALIZAÇÃO DO ENSINO

Este livro de Jaecyr Monteiro é o resultado de sua tese defendida para que obtivesse o grau de mestre em História Social e Econômica do Brasil.

Seu trabalho aborda a preocupação dos imigrantes em fundar a escola da comunidade nos núcleos de colonização que se formavam no interior do Estado. Com esta iniciativa, que substituia o que deveria ser atuação do Estado, os professores, que também eram estrangeiros membros da comunidade ou vindos especialmente para exercer a função, os laços com a Europa eram firmemente mantidos. As autoridades só resolveram tomar posição no século seguinte, e executar seus planos na década de 30, quando foi criada a Inspetoria de Ensino com o objetivo de nacionalização das escolas. Bruscas transformações ocorreram. Sob influência da implantação do Estado Novo, a política nacionalizadora atuou fortemente. Monteiro apresenta esta situação em dados estatísticos. Um dos exemplos é queda de matrículas de 1937 para 38 nas escolas particulares isoladas, de 4.134 para nenhum. Todos estes alunos foram conduzidos para escolas públicas e municipais, ou para grupos escolares. Falar português era imprescindível para todos, mesmo para crianças que já estudavam em alemão há anos. "Fa ar bem a língua nacional e amar a pátria" eram considerados fatores intrinsecamente ligados.

O autor conclui seu trabalho, afirmando que "a nacionalização das áreas rurais dos municípios colonizados por imigrantes alemães é um processo complexo e demorado que ainda está por ser concluído.

MIMETISMO TECNOLÓGICO

Rabah Benakouche é de opinião que a fome e a miséria são os reais agentes alimentadores da dependência, e não a tecnologia. Seu livro parte da premissa de que se os países desenvolvidos transferem conhecimentos e sabedoria para os do terceiro mundo, o efeito só pode ser positivo. Para ele, a técnica rica tem efeito multiplicador, o que maximiza o produto e otimiza resultados, elevando o bem estar social, enquanto a tecnologia dos pobres tem efeitos quase nulos em qualquer área.

Benakouche começa discutindo duas posições: recusar a tecnologia, retornando à sociedade tradicional, ou aceitá-la como um mal necessário. Ele fica com a segunda hipótese, afastando cada um dos fantasmas que sombreiam a lógica deste raciocínio.

Sua obra, que fala de adaptações a realidades diferentes, analisa ainda a questão da exportação de **know how** brasileiro para a África e Oriente Médio, o que se dá a partir da década de 70, quando somos elevados a um novo lugar e uma nova função na divisão internacional dos trabalhos. É o Brasil em pleno processo de industrialização.

Universo miudinho de seres miudinhos

Com suas novelas e contos, em especial **O 35.º ano de Inês**, a gaúcha Tania Jamardo Faillace chamou a atenção da crítica para as suas qualidades de ficcionista. O envolvimento da mulher numa sociedade preconceituosa, temas fortes tratados com extrema propriedade, visão peculiar da realidade brasileira, tudo isto marca e identifica a autora.

Agora ela deixa as novelas e os contos por um projeto mais ambicioso: no romance há pouco aparecido, **Mário/Vera**, sub-intitulado "Brasil 1962/1964", traça, através de uma trama amorosa amarga, um painel do País e de seus desencontros. Aliás, poder-se-ia mesmo dizer que há, neste retrato de dois seres que se buscam e se distanciam, muito do próprio Brasil, com suas lutas, seus desacertos.

O fio de história é tênue: Vera se relaciona com Mário, ambos se sentem inexplicavelmente atraídos, se encontram/desencontram. São da baixa classe média, lutam com dificuldades, enfrentam momentos difíceis dentro e fora deles, que não sabem apreender em sua plenitude. Então, tudo isto se reflete neles de forma tumultuada, criando os conflitos.

Na "orelha", logo no início, Caio Fernando Abreu situa bem a proposta do romance de Tania ao assinalar: "Este é um livro vivo. Não há, em nenhuma frase, nada de "literatura" complexos efeitos estéticos, formas complicadas, enfim, acessórios dispensáveis".

Isto dá o tom que Tania conscientemente procurou: um universo miudinho de seres miudinhos envolvidos em tramas que não deveriam lhes dizer respeito. Mas que dizem, pois eles pertencem a esta nossa humanidade e estão bem dentro do hoje e do aqui da realidade que nos cerca e sufoca.

Lançamento da Editora Marco Zero, RJ.

Novo número de artis

Com a mesma qualidade gráfica e a apresentação de matérias selecionadas, a revista Artis continua dando (e bem) seu recado. Desde seu lançamento, em novembro de 1982, ela tem se preocupado em divulgar, regularmente, os assuntos ligados à arte e à cultura, abordando, a cada dois meses, os acontecimentos mais importantes das artes plásticas, teatro, cinema, literatura, fotografia, música, dança, arquitetura, design. No n.º7, entre outras, matérias sobre o II Enapp: Bienal: as vagas tendências da Arte: Cinco tapeceiros catarinenses vistos por Janga: Sete anos sem Visconti, por Luiz Carlos Merten: um ensaio fotográfico intitulado "por um pedaço de terra", por diversos fotógrafos: em A busca da memória, Renato Pinto da Silva analisa o último livro de Roberto Bittencourt Martins: e ainda o "Serviço", com roteiro de exposições em Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro. Com tiragem média de 5.000 exemplares, Artis é vendida nas bancas de revistas de Porto Alegre e Florianópolis, além de livrarias, museus e galerias de arte de Curitiba e Rio de Janeiro.

REGISTRO



Educação, a nova ideologia, de Emil Farhat, T.A. Queiroz, Editor. Chega à 3ª. edição este livro no qual o A. coloca suas idéias sobre um problema básico do país: a educação. Ele parte de um pressuposto: "o povo burro é povo pobre", explicitando que "a miséria só é permanente onde as mentes são vazias". Lançado o livro em 1974, seus temas continuam tão (ou mais) atuais do que naquela época, pois a crise educacional no país, em todos os graus, se agudiza. Concordando-se ou não com algumas colocações de Farhat, necessário é lê-lo e discuti-lo. É um tema que precisa estar sempre em pauta — até se encontrar solução, mas uma solução adequada e convincente, que atenda ao interesse geral.

Pornéia, de Aline Rousselle, Ed. Brasiliense. Subintitulado "sexualidade e amor no mundo antigo", este livro, através de pesquisa que inclui cartas, pinturas, esculturas, investiga as relações amorosas e sexuais na etapa final do mundo antigo. Alguns dos capítulos: o homem e seu corpo controlado; a mulher e seu corpo dominado; a virgindade e o adultério; a criança e o corpo oprimido; a força do desejo; da continência à impotência; da virgindade à histeria. A Autora é graduado em história e professora assistente na Universidade de Perpignan, sendo especialista em história das mentalidades, tendo pesquisado principalmente o mundo greco-romano, em particular na época da cristianização.

CS-4 caça submarinos Gurupá, de João Palma Netto, Jubiabá Distr. de Livros. Nestas Memórias de um Marinheiro, um panorama da participação da Marinha de Guerra Brasileira no conflito 1939/1945. A linguagem é simples e direta, procurando recriar com precisão aqueles dias. O livro estava pronto há muito, tanto que Monteiro Lobato, chegou a ler os originais na já longínqua década de 40. Mas só agora, o Autor conhecido homem de cinema, resolveu trazê-lo à luz. A recomendação de Lobato já é aval suficiente para a leitura.

Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa, de Celso Pedro Luft, Scipione Autores Ed., dist. Ed. Ática. Um novo dicionário de bolso, prático e de fácil consulta, visando, diz o autor, informar o mais possível com o máximo de economia. Para tal, há a redução de verbetes, com a omissão de arcaísmos, regionalismos restritos e em geral de palavras de baixa freqüência.

O livro verde, de Muammar Al Qathafi. Editado originariamente em Trípoli e posteriormente na Renascença Gráfica, Sarl, Lisboa, este livro traz o pensamento de um político polêmico e discutido. Seus temas: A solução do problema da democracia (a autoridade do povo); A solução do problema econômico (socialismo); A base social da terceira teoria universal.

O cérebro consciente, de Steven Rose, Ed. Alfa-Ômega. Doutor em psiquiatria e professor de biologia, o autor discute temas que buscam a interpretação dos mecanismos do cérebro, mostrando que ele representa um dos últimos mistérios biológicos. E pergunta: como funciona o cérebro humano? Qual a sua relação com os processos do pensamento? Será que o cérebro humano coloca o ser humano numa categoria à parte entre os seres vivos? Tudo isto é discutido num contexto social.

O fortalecimento da empresa familiar, de João Bosco Lodi, Livraria Pioneira Ed. Nome conhecido na área de administração, o autor coloca aqui questão de importância para a sobrevivência do setor privado nacional, que, diz ele, "é mais eficaz do que a empresa estatal".

Caminhos da reconstrução, de Antonio Dias Leite, Livraria Pioneira Ed. Defendendo a necessidade do crescimento econômico, o autor analisa os aspectos da evolução recente do País e sugere diretrizes para a sua reconstrução após a crise. Dias Leite é engenheiro, foi presidente da Vale do Rio Doce (1967/68) e Ministro das Minas e Energia (1969/74).

Salim Miguel

em
RIO DO SUL
Koerich
gente nossa

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

362



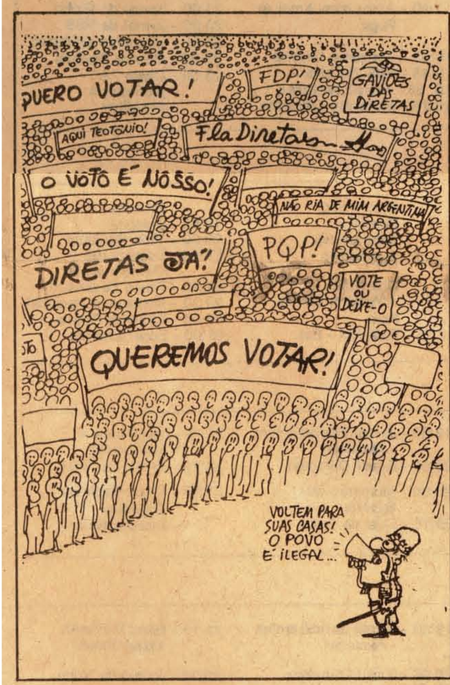
É HOJE O DIA

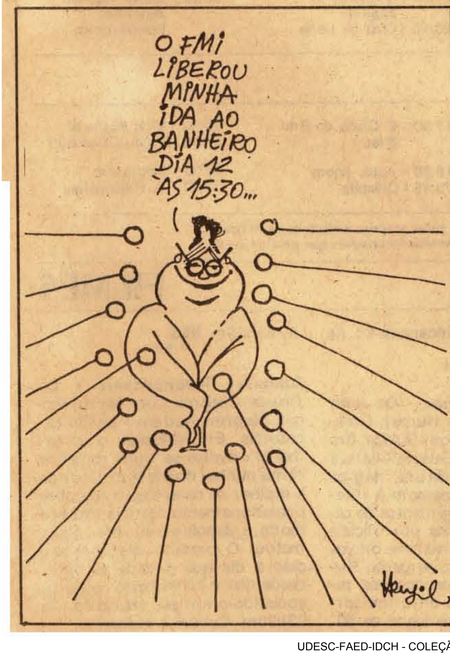
A Nação, como um todo (menos o colégio eleitoral e meia dúzia de gatos pingados), está torcendo pelas Diretas Já!

Os humoristas também. Enquanto as Diretas Já! empolgam o País, Henfil, entre tantos de seus colegas, aproveita o momento político e o tema para dar seu recado.

Em seu mais recente livro (**Diretas Já!**, de Henfil, Ed. Record, RJ), ele reúne algumas de suas famosas Cartas à Mãe, publicadas na imprensa; e também cartuns, quase todos centrados no tema.

A abertura da coluna, hoje, dia da votação da Emenda Dante de Oliveira, não poderia ser outra. E então, damos a vez ao Henfil, publicando dois de seus cartuns extraídos do livro (além da capa, que tem uma figura muito conhecida e admirada).





O mundo de Gertrude Stein

Utilizando-se de um artifício, a autobiografia de uma amiga muito íntima com quem conviveu durante um quarto de século, Gertrude Stein relata, em **Autobiografia de Alice B. Toklas**, não só boa parte de sua vida, primeiro nos Estados Unidos e depois na França, como também sua convivência com alguns dos nomes mais representativos no mundo das artes e das letras do século XX.

Stein nasceu em 1874 e morreu em 1946; e este seu livro, que só agora aparece no Brasil, em tradução de Mílton Persson, pela LePM Editores, vai até a década de 30.

Durante muito tempo Stein foi conhecida por uma frase: "A rosa é uma rosa, uma rosa, uma rosa". Isto acabou, pelo menos entre nós deixando em segundo plano a obra de uma escritora importante e fascinante, por sua vida e por sua obra. E que ajudou a cunhar a expressão "Geração Perdida".

Um de seus livros mais significativos (**Três Vidas**), editado há alguns anos no Brasil, não teve nenhuma repercussão; e praticamente o mesmo ocorreu com o relançamento, ainda há pouco, por outra editora. No entanto, está nele (e em outros textos da autora) uma das vertentes da prosa moderna.

Mas, mesmo que isto não viesse a interessar, certamente deveria interessar a vida da Stein, seu relacionamento com nomes então desconhecidos e que se tornariam basilares nas artes do nosso século, como um Matisse ou um Picasso, um Apolinaire ou um Cocteau, um Hemingway ou um Fitgerald, entre tantos. E tudo isto está presente e vivo, narrado com verdade e graça, neste **Autobiografia de Alice B. Toklas.**

A longa estrada de Kerouac

Sucesso nos Estados Unidos quando do seu lançamento, vai para 30 anos (meados da década de 50), **On the road**, de Jack Kerouac (**Pé na estrada** na tradução de Eduardo Bueno e Antônio Bivar, Ed. Brasiliense), transforma-se agora em igual sucesso no Brasil.

Considerado um clássico da geração Beat, jogando com ingredientes como liberdade e liberação, sexo e música, em menos dois meses esgota-se a 2.ª edição do livro que chega às listas dos mais vendidos e começa a fazer a cabeça da geração mais jovem.

O estilo é coloquial, a linguagem solta — e o leitor, engolfado pelas intermináveis caminhadas dos personagens, nem percebe que o texto se alonga, centrado em Sal, espécie de alter ego do autor.

Aliás, esta espécie de livro se projeta como que em ciclos, vai e vem, surge, some, reaparece. Se Sal Paradise se cansa da rotina, também os jovens de hoje se cansam da rotina; e vão buscar no livro um pouco de um mundo que eles desconhecem/conhecendo. Mundo de vagabundos, de caroneiros, de bêbados, de gente que procura uma saída... que saída? pouco importa.

Kerouac, que falava com fanatismo do escrever, situa bem seu livro e sua proposta em poucas palavras, quando afirma que não se considerava um Beat, mas, "um estranho e solitário católico, louco e místico". E fala de suas ocupações e/ou empregos que lhe deram grande carga de vivência. Foi ajudante de cozinha e lavador de pratos em navios, empregado de posto de gasolina, limpador de convés, jornalista esportivo, guarda-freio nas linhas férreas, condensador de "scripts" de cinema, balconista de lancheria, bagageiro de estação ferroviária, etc., etc., etc.

Presença da Paraíba

Trazendo matéria variada e de qualidade, chega ao seu terceiro número a revista **Presença Literária**, publicação trimestral editada pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba, que tem como diretor Damião Ramos Cavalcanti e Juca Pontes como editor.

O 8.º Festival de Arte da Paraíba (ex de Areia) serve de motivo para reflexões sobre o problema da cultura. E tanto Raimundo Nonato Batista, em "Um novo cenário para a festa da cultura", como José Otávio em "Areia — criação, tensões e problemas num festival hoje em João Pessoa", situam com lucidez um assunto que pode ser polêmico, mas, que está merecendo a melhor atenção de todos.

Mas, não só do Festival vive este n.º 3. Há reportagens sobre os dois anos de criação da Fundação Casa de José Américo e a primeira de uma série sobre Monumentos Históricos Paraibanos, começando pela Igreja de São Francisco; há análise dos livros de poesia, "Domicílio em trânsito", de Sérgio de Castro Pinto (por Moacyr Félix), e 'Varadouro", de Políbio Alves (por Jomard Muniz de Britto); há poemas, há contos, há resenhas; e há **Leve Metal** (lembrando o Heavy Metal), suplemento dedicado aos quadrinhos brasileiros, revelando o que no setor produz-se na Paraíba. É ler e conferir. Tudo de interesse.

Falamos acima de Sérgio de Castro Pinto. E então nos lembramos que sempre é bom falar das boas coisas. Uma delas é o quinzenário **Correio das Artes**, de que Sérgio é editor. Suplemento literário do jornal **A União**, na verdade, por sua colaboração, é um traço de união entre intelectuais de várias tendências, formação e regiões. Aliás, CA ressurgiu há pouco, pois ele nasceu mesmo foi em 1949, pelas mãos do poeta Édson Régis. Por que outros Estados não seguem, neste caso, o exemplo da Paraíba?

REGISTRO

O pêndulo do relógio, de Charles Kiefer, Ed. Mercado Aberto. Capítulos curtos, em estilo ágil e linguagem direta, trazem até nós o drama de Alfredo Müller, que vê seu mundo desmoronar. Ele não sabe porque, mas de repente compreende que seu estilo de vida não tem mais saída possível. Ele é um fraco num mundo de fortes e insensíveis. Mas o fraco que ele é se deve à sua natureza ou a violência e crueldade que o cerca? A partir destas colocações, Kiefer traça um painel do interior do país, seus desacertos e entrechoques. Série Novelas, volume 15. Do Autor, na mesma série, **Caminhando na chuva**, em 2.ª edição.

* * *

A lâmpada flutuante, de Woody Allen, trad. de Caulos, LePM Editores. Um garoto gago e complexado, Paul, é o eixo desta peça de Allen. Aqui, o mesmo humor e a mesma visão humanística de um autor, ator e diretor dos mais expressivos dos nossos tempos. A LePM vem publicando no Brasil as obras deste humorista sensível, que criou fama no cinema com obras como **Annie Hall** ou **Manhatan**, entre outras.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Lançamento de "Arca açoriana"

1777. Muito embora o sistema de fortificações existente, os espanhóis tomam a Ilha de Santa Catarina sem que um único tiro fosse disparado, sem que os portugueses esboçassem qualquer resistência. É este o ponto de partida de Arca Açoriana, **novela histórica de Almiro Caldeira, que acaba de aparecer pela Editora da UFSC, e que será lançada nesta sexta-feira, dia 23, às 21 horas, no hall da Reitoria, campus da Trindade. Antes, às 20 horas, o Autor falará sobre as raízes açorianas neste seu novo livro, que se insere na proposta geral de sua obra, toda ela centrada no passado açoriano da Ilha de Santa Catarina — passado que tem, pela primeira vez, uma semana inteira de estudo, na promoção iniciada dia 19 na UFSC.**



A seguir, a "orelha" de Arca Açoriana, **escrita por Osvaldo Ferreira de Melo:**

Almiro Caldeira de Andrada tem sido, ao longo de sua atividade intelectual, extremamente fiel a um tema que lhe toca de perto. Refiro-me à saga açoriana que, enquanto história, o escritor domina em razão de sua reconhecida erudição e, enquanto estórias e lendas o ficcionista cria, recria, vivifica com sua sensibilidade e arte.

Insistindo com o tema que lhe ficou tão íntimo, o Autor bem escreveu uma trilogia, embora por linha tortas: inicialmente publicou a novela "Rocamaranha" (1.ª edição em 1961) sobre o drama da travessia dos açorianos ao findar-se a 1.ª metade do século XVIII. Cinco anos depois publicou "Ao Encontro da Manhã", cuja narrativa se passa na última década do século XIX, já ao tempo das lutas entre "pica-paus" e "maragatos", da revolta contra o déspota Floriano e as repressões que em Santa Catarina tiveram por palco central a Fortaleza de Anhatomirim. Com "Arca Açoriana", o Autor pretende (e consegue) articular os dois livros publicados, com uma estória intercalada. Não obstante nada há de artificial na empreitada. Percebe-se um astro harmônico nas articulações que permitem o suceder de gerações a partir dos imigrantes de 1748 (marcados pelos personagens de "Rocamaranha") até seus bisnetos em "Ao Encontro da Manhã".

Arca Açoriana, mesmo sem conter as preocupações filosóficas do 3.º volume nem a leveza do 1.º é o mais belo da trilogia. Pelos aspectos técnicos é obra madura e sólida. Pela plasticidade e cores da narrativa é obra de arte, contendo páginas antológicas como as que formam o capítulo final, Arca II.

O pano de fundo da obra é a invasão da Ilha de Santa Catarina pelos espanhóis em 1777 e os acontecimentos imediatos. O que é histórico foi observado com uma fidelidade que vai além da obrigação do artista. O que é ficção permite a desenvoltura da criatividade do escritor que conseguiu marcar, na literatura brasileira. Sem mistificações, sem pieguismos, mas, também, sem preconceitos, os traços principais dessa singular cultura que se instalou no litoral catarinense, trazida pela gente sofrida de um longínquo arquipélago. Dessa gente que trocou as desgraças e as alegrias conhecidas e habituais por desgraças e alegrias imprevistas, mas, que se revelaram, no tempo e no espaço, desigualmente iguais. Pois assim é o drama humano, histórico e regional nos seus acidentes, mas, histórico e universal na essência das falas, dos fatos e das paixões.

Mais títulos portugueses

O trabalho editorial que vem sendo desenvolvido pela Imprensa Nacional — Casa da Moeda, nas suas diversas coleções, seja na recuperação de obras há muito esgotadas seja na publicação de autores contemporâneos consagrados ou novos, é da maior relevância para a divulgação das letras portuguesas.

Ainda há pouco tivemos oportunidade de resenhar a **Correspondência** de Eça de Queirós, dois preciosos volumes que nos trazem um retrato de corpo inteiro do autor de **Os Maias.**

Agora, mais títulos nos chegam, através da Livraria Camões, do Rio, distribuidora para o Brasil das edições da Imprensa Nacional. Ei-los:

Da Coleção Arte e Artistas são **O maneirismo e o estatuto social dos pintores portugueses,** de Vítor Serrão, ensaio que analisa as lutas desencadeadas pelos pintores portugueses, na segunda metade do século XVI e no primeiro terço do século XVII, contra a estrutura corporativa a que estavam subordinados; **Le sens de l'art,** de Nadir Afonso, volume fartamente ilustrado a cores, mostrando como a estética deve seguir a correlação entre o homem e seu meio; **Pensar a dança,** de José Sasportes, uma introdução ao bailado como arte do nosso tempo e uma reflexão estética de Mallarmé a Cocteau.

Da coleção Plural — Gota de água, poesia e prosa de novos autores, temos **Polifemo e outros poemas,** de José Emílio Nelson; **Pedra de afiar,** poesia de Jorge Fazenda Lourenço; **Outra coisa,** de Miguel Serras Pereira, artigos sobre poesia, psicanálise e política.

Da coleção Temas Portugueses: **Fernando Pessoa** — esboço de uma bibliografia, de José Blanco, levantamento sobre a bibliografia ativa e passiva do grande poeta, o que torna o livro um valioso instrumento para os estudiosos; **Fernando Pessoa — Ricardo Reis: os originais, as edições, o cânone das odes,** de Silva Belkior, pesquisa filológica e ecdótica abrangendo o exame de questões relativas, às edições e ao cânone das odes do heterônimo pessoano Ricardo Reis; **Garcia da Orta e o seu tempo,** do Conde de Ficalho, reprodução fac-similada da 1ª edição, com introdução de Nuno de Sampayo, situando esta obra no seu devido tempo e espaço; **Descobrimentos e renascimento,** de Luis Filipe Barreto, em 2ª edição, um levantamento detalhado sobre as formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI.

Edições esparsas: **A visão do Oriente na literatura portuguesa de viagens: os viajantes portugueses e os itinerários terrestres (1560-1670),** de Luis Graça, texto que acompanha um grupo de portugueses, que foram os primeiros viajantes europeus em terras orientais; **Memórias das antiguidades de Mértola,** de Sebastião Philippes Martins Estacio da Véiga, edição fac-similada de 1880, levantamento de ruinas de antigos edifícios de que não havia noção escrita nem tradição oral, e que ficaram visíveis após enchentes no rio Guadiana, em 1876; **A ouriversaria portuguesa contemporânea e os metais e as pedras preciosas,** por Pedra Fazenda, edição fac-similar, ilustrada com exemplos do trabalho de ouriversaria portuguesa e de sua história; **Castelo de Óbidos,** novo volume da série Monumentos, fartamente ilustrado, dando uma visão completa do Castelo de Óbidos e do seu significado na história de Portugal.

Dia Internacional do Livro Infantil

Instituído em 1954 pela **Ibby** — Organização Internacional para o Livro Infantil e Juvenil — é celebrado, anual e mundialmente, no dia 2 de abril, o Dia Internacional do Livro Infantil. A data foi escolhida por ser a do nascimento do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, patrono mundial da literatura infantil. A cada ano (neste é o Brasil) cabe a um país filiado à **Ibby** patrocinar o Dia Internacional do Livro Infantil, sugerindo atividades comemorativas, elaborando a mensagem e um cartaz, que serão remetidos aos demais países-membros da **Ibby. Livro: A Troca,** de Lygia Bojunga Nunes, é a mensagem deste ano. Lygia, uma das mais importantes escritoras brasileiras contemporâneas na área de livros para crianças e jovens, publicou sete livros entre 1972 e 1983, alguns deles já traduzidos. Em 1982 ela recebeu, pelo conjunto de sua obra, a medalha de autor do Prêmio Hans Christian Andersen da **Ibby.** Eis o texto de Lygia:

"Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida.

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado. E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro. De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras.

Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça. Mas, fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas. Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação. Todo o dia a minha imaginação comia, comia e comia; e de barriga assim toda cheia, me levava pra morar no mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me dava. Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca tão gostosa que — no meu jeito de ver as coisas — é a troca da própria vida: quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava. Mas, como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cismei um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra — em algum lugar — uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar."

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

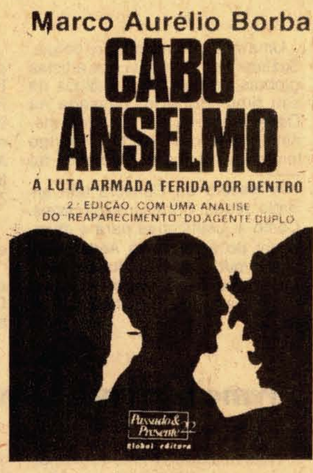
LIVROS 364

Cabo Anselmo traidor?

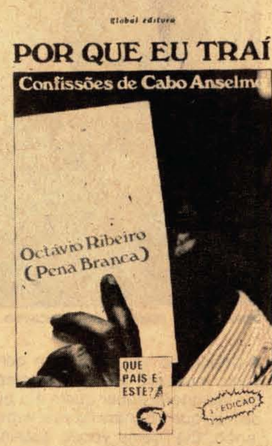
Dois livros recém-lançados pela Global Editora (**Por que eu traí** — Confissões do Cabo Anselmo, por Octávio Ribeiro, e **Cabo Anselmo** — A luta armada ferida por dentro, por Marco Aurélio Borba) recolocam na ordem do dia esta figura tão controvertida e que teve uma participação, também controvertida, nos acontecimentos que antecederam 1964. Participação, assinale-se logo, nunca devidamente esclarecida, pois até hoje pairam dúvidas se na verdade ele chegou a trair mais tarde seus companheiros, ou se, desde o início, não estava mesmo era ligado aos articuladores do golpe e a serviço da CIA.

O trabalho de Marco Aurélio Borba, que reaparece em 2.ª edição, acrescido de um capítulo analisando o reaparecimento do chamado "agente duplo", resultou de uma minuciosa pesquisa e de um demorado levantamento de dados e fontes, todos avaliados. E é por isso mesmo que o Autor afirma: "Ao longo das investigações que fiz — e que constam do livro — dois pontos ficaram muito claros: 1.º) Anselmo era (é?) um super-agente, treinado carinhosamente por serviços secretos nacionais e estrangeiros (Dan Mitrione?), com a incumbência específica de se infiltrar nas Forças Armadas e precipitar o processo de derrubada do governo constitucional; 2.º) Exatamente por isso — e esse ponto foi discutido quando da escolha do título do livro — não o considero um 'traidor'. Ele, na verdade, nunca mudou de lado."

Já o livro de Octávio Ribeiro (também conhecido como Pena Branca) aproxima-se, pela maneira como o autor chegou a realizá-lo, a um livro de espionagem saído da



cabeça de um ficcionista de grande imaginação. Pois ali estão todos os ingredientes do gênero: Octávio encontrando num bar um mendigo ou falso mendigo, que ele deveria conhecer mas não reconhece graças a uma operação plástica; no papo que se segue a dica de que também Cabo Anselmo havia se submetido a uma plástica semelhante que lhe modificou por inteiro o rosto; a busca empreendida para chegar até o Cabo Anselmo: os olhos vendados para conseguir ser levado até o homem; as exigências para que a entrevista pudesse ser feita; enfim, a entrevista, em parte conduzida de acordo com os interesses do entrevistado, publicada, primeiro, em essência, na revista **Isto É**, e agora reunida em livro.



Não é sem certa repugnância que se lêem certos trechos do livro. Um exemplo: aquele onde Cabo Anselmo relata de que maneira armou, com homens do Fleury, uma armadilha em Recife, para massacrar alguns de seus ex-companheiros (e aqui titubeamos diante do "ex"), entre eles a mulher com quem vivia e que estava grávida. Muitos pontos poderiam (deveriam) ser assinalados. Limitemo-nos a mais um somente: o pedido de um pagamento antecipado para que a entrevista fosse concedida. Novamente paira, como tudo na vida deste homem, uma dúvida: seria o pagamento em si que lhe interessava, ou a divulgação da entrevista exatamente neste momento em que o País atravessa mais uma crise e quando se procura uma saída honrosa do impasse institucional?

Carioca, natalense e recifense ganham Prêmio Guararapes de 84

O **Prêmio Guararapes** de 1984, da União Brasileira de Escritores e que tem o apoio da Prefeitura Municipal do Jaboatão (Pernambuco) destinado à poesia e no valor global de Cr$ 2 milhões 500 mil, foi ganho por um rio-grandense-do-norte, de Natal, uma carioca e um pernambucano do Recife. O prêmio da categoria **A**, para obras inéditas de qualquer autor, coube ao poeta natalense Franco Maria Jasiello, que, com o livro **Correspondência atrasada**, irá receber quantia equivalente a 20 vezes o maior salário-mínimo ora vigente no País. O prêmio da categoria **B**, para obra inédita de autor inédito em livro, foi concedido à carioca Deize Ferreira, que concorreu com a coletânea de poemas intitulada **Entre eu e mim**. Ela receberá importância igual a 15 vezes o maior salário-mínimo. O prêmio da categoria **C**, para livros publicados, foi atribuído ao poeta Fernando Monteiro, do Recife, pelo seu livro **Econométrica**, que lhe dara quantia correspondente a 10 vezes o maior salário-mínimo em vigor no País.

O **Prêmio Guararapes**, dividido nas três categorias, **A, B** e **C**, será entregue às 16 horas do dia 4, no Salão Nobre da Academia Brasileira de Letras, ocasião em que também serão entregues os diplomas aos concorrentes que obtiveram menções especiais e honrosas e às personalidades e aos méritos culturais de 1984. O livro premiado na categoria **A** será editado pela Fundação José Augusto, órgão de promoção cultural do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, enquanto que o vencedor da categoria **B** será publicado, em co-edição, pela Editora Nordestal e Edições Pirata, do Recife. A comissão julgadora das obras concorrentes ao **Prêmio Guararapes** foi constituída de Stella Leonardos, Fagundes de Menezes e Luiz F. Papi.

DIPLOMAS

A União Brasileira de Escritores (UBE) fará entrega também a 04 de maio, na Academia Brasileira de Letras, de diplomas de Personalidade Cultural e do Mérito Cultural àqueles que se destacaram por sua atuação no campo da cultura, seja pela publicação de obras literárias ou científicas, seja por seu trabalho nas artes plásticas, na música, no teatro, no cinema, no rádio ou na televisão. A homenagem a personalidades e instituições se dará por ocasião da entrega do **Prêmio Guararapes** — concedido pela UBE juntamente com a Prefeitura Municipal do Jaboatão, Pernambuco — este ano destinado a obras de poesia e dividido em três categorias que contemplam livros inéditos de qualquer autor, livros inéditos de autores inéditos e obras publicadas.

Na mesma ocasião, serão alvo de homenagens especiais o maestro Francisco Mignone, o Prefeito do Jaboatão, José Fagundes de Menezes, o prof. Neves Manta, a Câmara Municipal do Jaboatão e o editor Adolfo Aizen. O título de **Personalidade Cultural** será dado aos escritores Ruth Rocha, Afonso Ávila, Caio Porfírio Carneiro e Gerardo Mello Mourão, ao compositor e intérprete Oriano de Almeida, à atriz Bibi Ferreira, ao ator Sérgio Brito, ao cantador e poeta popular Azulão, ao editor e escritor Moacir C. Lopes e ao escritor e tradutor Ivan Junqueira. Receberão o diploma de **Mérito Cultural** os escritores Delso Renault, José César Borba, Carlos Fonseca, Virgílio Moretzson Moreira, Duílio Gomes, José de Arimatéia e Lauro Junkes, o poeta Hermínio Belo de Carvalho, os radialistas Adelzon Alves e Gerdal R. dos Santos, o publicitário e jornalista José Steinberg, o jornalista Paulo Macedo e o editor Pedro Paulo Moreira.

REGISTRO

As poesias de Anchieta em português, de Leodegário A. de Azevedo Filho e Sílvio Elia, Ed. Antares/Pró-Memória-INL. Dois estudiosos de filosofia e literatura se unem para nos dar não apenas uma visão da vida e da atuação e obra de Anchieta em terras brasileiras, mas também de sua poesia, tão citada e tão pouco conhecida. Eles, além de estabelecer o texto, fazem uma apreciação literária dos poemas incluídos.

* * *

Pedras rolando, de Carlos Roque, Global Ed. De repente, o A. se apercebeu de que, para além das páginas de jornais e revistas, devia dar uma permanência maior a entrevistas com personalidades representativas da cultura brasileira. Elas formam como que um painel que pode (e deve) interessar leitores os mais diversos que queiram saber como pensa e/ou age um Elomar e um Mautner, um Arrigo Barnabé e um Hermeto Pascoal, um Mário Schenberg e um Volpi, um Darcy Penteado e um Alceu Amoroso Lima, um Paulinho da Viola e um Pepe Escobar, uma Regina Boni e um Arthur Moreira Lima, um José R. Aguilar e um I.Ivo.

* * *

As palavras, de Sartre, trad. de J.Guinsburg, Ed. Nova Fronteira. Filósofo, ficcionista, nome maior do existencialismo, Sartre foi um mestre em todas as áreas nas quais atuou. Neste livro, fascinante, ele nos conta um pouco de sua infância e de que maneira isto se refletiu na sua vida e na sua formação de homem e de escritor. "Obra prima em estado puro", diz Debray deste livro. Em 6.ª edição.

* * *

O dólar azul, de Mauro Chaves, Summus Ed. Seleção de artigos que o A. foi publicando ao longo dos últimos anos na imprensa paulista.

Neste apanhado da realidade que nos cerca, seja nos campos social, político, econômico ou administrativo, Chaves busca, sempre, uma visão que permita compreender mais o Brasil e seus múltiplos problemas. Para além do factual, ele tenta buscar soluções.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Mais livros para o público infanto-juvenil

Outra vez o espaço da coluna é ocupado por *Eglê Malheiros,* **que aqui fala dos últimos lançamentos na área do livro para o público infantil e juvenil; mas não só de ficção fala ela; também se reporta a ensaios que estudam o tema, analisando-o sob os mais diversos aspectos.**

A produção de livros para crianças e adolescentes continua grande e variada. Têm sido lançados títulos novos e feitas reedições. O tratamento gráfico se aprimora. Entre os últimos lançamentos merece especial atenção **Rio Liberdade**, de Werner Zotz. Há também a publicação de títulos sobre literatura infantil e juvenil, e nesse campo cabe salientar **Relatos de experiência na escola**, de Vânia Maria Resende, e o livro de Walter Benjamin, **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação.**

* * *

Rio Liberdade, Werner Zotz, Ed. Nórdica. Uma novela de aventuras? Sem dúvida; há ação e peripécias, a atenção fica cativa desde a primeira página, o interesse não decai. Bastariam essas qualidades para despertar interesse pelo livro, mas ele ficaria ao lado de muitos outros que se lê e se esquece.

O entrecho pleno de interesse é na verdade a formação de um jovem brasileiro que, saindo da infância, busca se situar em nossa realidade e se construir como gente.

Dividido em quatro partes, nas duas primeiras predomina a reflexão, na terceira a ação, enquanto a quarta é uma abertura para o futuro.

A ambientação predominante é no Pantanal, região que por si só é um hino à vida e uma súmula das forças que a negam.

No "primeiro pensar", o menino Moreno redescobre seu país, depois de ter estado no estrangeiro, acompanhando os pais exilados. O episódio do gavião Garrancho, ao mesmo tempo que uma lição de amor à natureza e à liberdade, serve ao garoto de metáfora explicativa da luta contra a ditadura.

No "segundo pensar", Moreno que interioriza os valores paternos, se vê órfão, mas amparado justamente pela herança que lhe ficara: amor à liberdade, consciência dos direitos da pessoa humana (aí compreendidas desde logo as crianças, é bom não esquecer) e ânimo para lutar por seus princípios.

Na "narrativa", justamente a parte mais aventurosa do texto, se explicita o verso de Goethe: "Só merece a liberdade e a vida quem todos os dias a conquista", e o rapaz luta por elas, com unhas e dentes, mesmo quando aparentemente sozinho. O ambiente grandioso do Pantanal, tal qual um país que conhecemos, não é uma ilha de tranquilidade, desligado do contexto geral; os interesses escusos, as jogadas sujas estão ali presentes, bem como os restos de um regime ditatorial que ainda não foi devidamente enterrado.

Na "conversa" o futuro se abre, e se dá à juventude o direito de simplesmente viver, desde que tenha os horizontes abertos.

Livro de quem ama a natureza e acredita na vida, há em suas páginas uma poesia contida, um esforço de não se derramar para obrigar o leitor a refletir, penetrar, descobrir. As vezes a linguagem é quase telegráfica, o ritmo, mais lento de início, torna-se intenso no final.

O tratamento gráfico é muito bom, as fotos de José Kalkbrenner fornecendo a um tempo apoio do real e incremento da poesia. Tomara que os pais das crianças se lembrem também de ler o livro: caso contrário, que pena!

Com meu amor pelo cinema, já imaginei todo um filme. Você não, Werner?

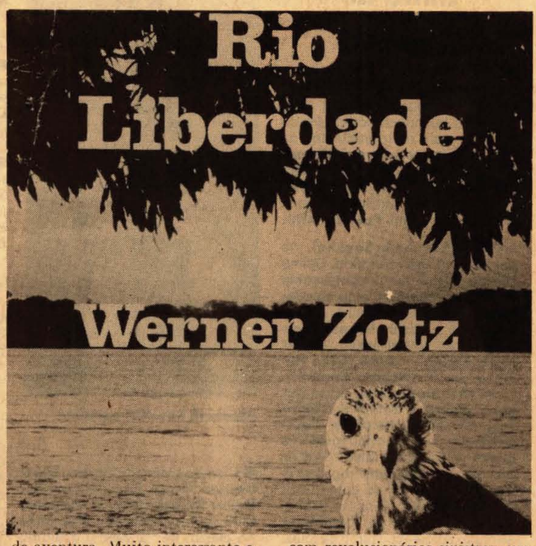
* * *

A serra do sobe-sobe, de Cesar Cardoso, Il. Mondego, Ed. Nórdica. Uma divertida fábula em versos que discute a questão do poder, da democracia e da liberdade;

Contos populares para crianças da América Latina, Ed. Ática. Histórias de folclore de vários países, co-edição latino-americana. Um primeiro e importante passo para que deixemos de nos ignorar e para que, nos conhecendo, lutemos juntos. As narrativas divertidas e cheias de vida, são enriquecidas por trabalhos de renomados ilustradores. É livro indispensável, tanto nas escolas, como nas mãos de cada leitorzinho brasileiro;

Passageiros em trânsito, de Elias José, Ed. Record. Contos que têm como preocupação central a problemática do adolescente, abordada fundamentalmente pelo seu lado gráfico: o choque do ímpeto do vôo contra a cerca de arames farpados. Da reflexão sobre livros como este talvez possam nascer forças para fazer com que no futuro todos concordem em que voar é com os pássaros e os jovens;

O jogo do vadião, de Ernesto Rosa Neto, Il. Airton, Ed. Alfa-Omega. Uma introdução à Economia Política apresentada sob forma de aventura. Muito interessante e clara, é indispensável para desmistificar o "economês" que anda por aí. A gurizada irá perceber que "nem sempre foi assim", e que também "não terá de ser sempre assim";



Gente, bicho, planta: o mundo me encanta, de Ana Maria Machado, il. Walter Ono, Ed. Nova Fronteira. Historinhas vivas e elucidativas da cadeia ecológica, com desenhos que valorizam o texto e convidam à leitura;

Hoje tem espetáculo, de Ana Maria Machado, il. Gerson Conforto, Ed. Nova Fronteira. Duas peças de teatro, na primeira, "As cartas não mentem jamais", é tematizada a rebeldia dos jovens e seu direito à auto-afirmação; na segunda, "No país dos prequetés" é retomada a trama de **Bento que bento é o frade** e se discute o que "pode" e o "não pode" e os caminhos da mudança;

Casos da fazenda do Retiro, de Vilas Bôas Vorrêa, ils. Sussy e Jimmey Scott, Ed. Salamandra. O renomado jornalista político retorna ao território da infância, levado pelo desejo de encontro com os netos. E nós também o acompanhamos prazerosos, nos muitos "causos" de bravura, medo, aventura e humor;

Cachtânca, de Anton Tchekhov, il. Jarbas Juares, Ed. Comunicação. A tradução e adaptação são de Tatiana Belinky. O conto é belíssimo, comovido e irônico. Os desenhos recriam bem o clima em que se passam as aventuras da cachorrinha vira-lata. Embora eu faça restrições a adaptações e não tenha podido confrontá-la com o trabalho integral (pois o volume que tenho dos **Contos completos** não inclui este), o resultado final é bom, e pelo visto a adaptadora agiu com muito respeito pelo original;

Romeu e Julieta, de Shakespeare, il. Charles Shaw. Ed. Melhoramentos. Volume muito bonito, trazendo uma adaptação bastante discutível da peça original. Temos traduções muito bem feitas da peça (aqui cabe citar desde logo Onestald Pennafort) que prestariam melhor serviço aos jovens leitores. O "glossário" na última página é de causar espécie. Não consegui descobrir sua função;

Sozinha no mundo, de Marcos Rey, il. Marcus Sant Anna, Ed. Ática. As aventuras de Pimpa, adolescente do interior, na selva de São Paulo. Vem para a Capital em busca de um tio e vê-se às voltas com bandidos, enquanto obtém a solidariedade da gente de um parque de diversão. A narrativa tem ritmo e prende o interesse.

Quem pintou o arco-íris?, de Fernando Lobo, il. Rui de Oliveira, Ed. José Olympio. Retomando os personagens Zezinho e "Seu" Rodrigues, o A. ambienta a história numa vila do interior. Há problemas que não foram bem resolvidos, bem como algumas contradições na descrição dos personagens. Por exemplo: "seu" Rodrigues viúvo há tanto tempo e tão "velhinho", tendo um filho púbere, que melhor seria seu neto. O trabalho de Rui de Oliveira, como sempre, de nível;

Mirilinx em 365 pedacinhos, de Antonieta Dias de Moraes, il. J. Bentes Pina, Ed. Record. Três contos para crianças, dos quais o melhor é "O garoto e o sol". Narrados com habilidade e competência, não fazem justiça à A., que tem obras como **Aventuras no grande rio**, e tantas outras;

No fundo do fundo lá vai o tatu Raimundo, de Sylvia Orthof, il. Tato, Ed. Nova Fronteira. Uma história contada em linguagem divertida. Desenhos engraçados. Mas de que se trata? Vivam as sete irmãs? Viva a livre iniciativa?;

O futebol do rei Leão, de Walmir Ayala, il. Ricarro Leite, Ed. Nova Fronteira. História muito confusa, com revolucionários sinistros, um rei despótico mas disposto ao compromisso, e um monte de bichos alucinados. Como se não se trata de história natural, tem que ser fábula. Porém difícil de entender. Os desenhos são bons, mas não entendi a formiga Tio Sam;

Na terra dos brinquedos quebrados, de Léia Ferrari Ortiz, Cia. Ed. Nacional. Três crianças sonham que reencontram novos seus brinquedos quebrados, ao acordarem o sonho vira realidade;

A árvore que dava dinheiro, de Domingos Pelletrino, Ed. Moderna. Em 8ª edição agora reescrita, esta fábula moderna. Uma cidadezinha se vê as voltas com árvores que dão dinheiro, com a indústria do turismo e outras pragas mais. Episódios turbulentos e divertidos que prendem até o final;

O menino que descobriu o sol, de Roberto Gomes, il. Moacir Calesco, ed. Criar. em 2ª edição, esta história tão bonita, que trata da amizade entre o avô e o neto, da marginalização dos velhos, do silenciamento dos jovens. Um conto de amor à vida e de esperanças no futuro. Ilustrações a traço muito criativas;

Joana, de Maurício Goulart, il. Noemia e Clóvis Graciano, Ed. Alfa-Omega. Quarta edição de um livro muito bonito. Tanto pelo lirismo da história, como pelas ilustrações: o traço etéreo e vibrante de Noêmia e as figuras fortes e trágicas de Clóvis Graciano. Uma bela iniciativa este relançamento;

Literatura infantil e juvenil, relatos de experiências na escola, de Vânia Maria Resende, Ed. Comunicação. Livro muito importante, indispensável para nosso professorado, principalmente para os que trabalham com a língua. Ao mesmo tempo em que nos transmite sua rica experiência no trabalho com o texto entre as crianças, a jovem professora discute os conceitos de literatura, expressão escrita e oral, a palavra como lugar de dominação ou libertação. Longe de pretender ser um livro de receitas, o que ele se propõe fundamentalmente é a induzir à reflexão e à liberação da capacidade criadora;

Também recebemos o livro do **V Concurso Literário Infanto-Juvenil Vinicius de Morais**, realizado sob a coordenação geral da mesma professora, em Uberaba, MG. O volume é uma demonstração concreta do que é discutido no livro anterior. Que textos carregados de vida e poesia! Talvez seus jovens autores se tornem poetas, talvez não. Não importa, de qualquer forma serão mulheres e homens mais abertos para o belo e o futuro;

Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação, de Walter Benjamin, Summus, Ed. Escritos variados, de 1913 a 1932, em que se acompanha a evolução de um importante pensador contemporâneo. Há muito que refletir nessas páginas, algumas de interesse apenas histórico, porém outras muito atuais. E principalmente, podendo dar bons frutos e iluminar a discussão sobre literatura infantil, infância proletária, menores "carentes" (para usar o eufemismo oficial), educação popular, etc. Sempre sem perder de vista que Benjamin, vítima do nazifascismo, pretendeu abrir veredas e não fechar caminhos;

Psicanálise do teatro infantil, de Manoel de Lemos Barros Neto, Traço Ed. O trabalho chama a atenção para a importância do teatro infantil e discute como fazê-lo exercer seu papel no desenvolvimento da criança. Enfatiza a necessidade de se dar à criança o melhor em termos de texto, atuação e encenação, e só por isso já seria importante. Mesmo se não concordarmos por inteiro com a posição teórica do A., teremos o que aproveitar de seu texto.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

366

Três poetas

Vindo da geração modernista mineira, Abgar Renault, por motivos nunca bem explicados, ou por uma espécie de escrúpulo também inexplicado, nunca chegou a ocupar o lugar que lhe cabe na poesia brasileira. O mais que dele se conhece são esparsos; e as referências, por nomes expressivos como um Tristão de Athayde, um Adonias Filho, um Drummond, entre tantos, sempre foram das mais elogiosas. Anunciar a publicação de sua poesia, ele sempre anunciou; aparecer o livro é que não acontecia. Agora, afinal, numa edição da José Olympio/Pró-Memória-INL, temos este **A outra face da lua**. E tudo o que se dizia é confirmado.

Pode-se, assim, ter uma visão de conjunto do clima e da preocupação que informa seu fazer poético, sensível e lírico. Vejamos um fragmento de "Antevéspera": Não estou pronto para viajar amanhã./Nunca estarei.

São escassas as malas,/numerosa e pesada a bagagem./Temo sempre esquecer alguma coisa importante: /a escova de dentes, uma escova de roupa, a linha encerada,/aquele dicionário de palavras arcaicas;/sinto-me preso por inamovível inércia/a este quarto, a certo sol, a um ausente mês (abril?);/ainda gosto de vinhos, cinemas, versos/e não sei como deixar aqui/tantos retratos, tantas ruas, azul pedaço de nuvem qualquer;/tenho sono, tardam meus pés arrastadamente para entrar nos estribos,/e como sair sem o mapa de Seul?/.

* * *

Enquanto isto, mais um título da coleção **Os melhores poemas**, da Global Ed. Desta vez temos Manuel Bandeira em seleção de Francisco de Assis Barbosa. Na breve introdução aos poemas, Barbosa fala da importância de Bandeira e da trajetória de sua poesia, de quem disse Tristão de Atayde: "Deixou uma obra que sobrevivera para sempre à sua própria morte. Em suma, não morreu." Que poderíamos acrescentar a tais palavras? Vamos, então a um poema, "O último poema": Assim eu quereria o meu último poema/Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais/Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas/Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume/A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos/A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

* * *

Agora, damos um salto no tempo e chegamos a um poeta mais jovem do que os dois anteriores citados, mas que já começa a marcar seu lugar na poesia brasileira. Com **A velhice de Ezra Pound**, lançado pela Ed. Antares, Claudio Murilo Leal se situa numa categoria à parte entre os poetas brasileiros, realizando ao mesmo tempo uma poesia de funda ressonância existencial mas não desprendida do aqui e do agora. Em "Pranto a minha pátria" ele diz: Terra minha do apocalipse,/almas calcificadas./veias abertas e desespero,/alento perdido nas estradas./ Noites negras, e a névoa/dos dias lacentados./Onde a lâmpada?/Onde os céus iluminados?/Resta-te sofrer, assim,/desvalida, Pátria minha,/ e resta aos poetas o canto/estéril, a inútil ladainha.

Qual o próximo guru?

Descoberto no Brasil por seu **Cartas na rua**, Charles Bukowski, com este segundo romance (**Mulheres**, trad. de Reinaldo Moraes, Ed. Brasiliense), há pouco lançado entre nós, já alcança igual sucesso e chega às listas dos mais vendidos.

Autor de quase uma trintena de títulos, poesia e prosa, o tratamento ficcional de **Mulheres** é idêntico ao do primeiro romance aqui aparecido. E embora ele alerte para o fato de que é uma obra de ficção e nenhum personagem pretende reproduzir pessoas ou combinações de pessoas vivas ou mortas", na verdade o que temos são seres com quem Bukowski (con) viveu, são as experiências do autor, suas vivências relatadas na primeira pessoa por seu **alter ego** Henry Chinaski.

O autor se situa claramente na linhagem de um Henry Miller; e seu personagem se chamar também Henry não é intencional, levando a uma aproximação?

Inquietação num mundo absurdo que ele (Charles/Henry) tenta apreender, bebida, drogas, sexo — tudo isto vem descrito num estilo coloquial, solto, como quem conversa querendo desabafar.

Também aqui a aproximação com Miller é válida, embora os dois estejam separados por um relativo lapso de tempo e de espaço, Miller nas primeiras décadas do século, Bukowski no início da segunda metade do século.

A aceitação de Bukowski, em especial entre as gerações mais jovens, se assemelha a que teve, entre nós, há alguns anos, Miller. E aí mais um ponto a aproximá-los.

Estranho, no entanto, é que tão pouco tempo passado (Brasil, década de setenta) os jovens de hoje (e os menos jovens agora), parecem não mais se lembrar do caústico criador dos **Trópicos** e de **Nexus, Sexus, Plexus**, e de tantos outros livros que foram a bíblia das gerações de ontem.

Qual (ou quem) será, dentro de pouco, o próximo guru?

REGISTRO

O mercado de segurança, de Clóvis Brigagão, Ed. Nova Fronteira. Temas que estão na ordem do dia, mas muito pouco estudados, estão neste livro: a corrida armamentista e o problema da segurança. A propósito dos ensaios aqui reunidos, Gerardo Mello Mourão diz que eles são "leitura obrigatória para todos os que desejam escapar da opressão interna e externa". Brigagão examina o processo de militarização dos países da América Latina e as transformações que isto implica.

* * *

Médicos e curandeiros, de Maria Andréa Loyola, Difel. A partir de entrevistas e observações, seguindo as técnicas da investigação antropológica, a A. pesquisou as práticas da população residente em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. E revela que nesse conflito social e de saúde, tais práticas são dirigidas não apenas à cura das doenças do corpo, mas também aos males do espírito.

* * *



A origem da família, da propriedade privada e do estado, de F. Engels, Global Ed. Um clássico que, ao completar 100 anos de publicação (a primeira edição é de 1884), reafirma seu valor histórico e teórico. Neste livro, agindo outra vez como testamenteiro, Engel desenvolve as notas deixadas por Marx em torno de um texto de Morgan.

* * *

Atravessando, passagens em psicoterapia, de John Grinder e Richard Bander, Summus Ed. Os autores mostram como (e porque) a hipnose pode ser um instrumento poderoso para a consecução de modificações psicoterapêuticas. Dos mesmos autores, na mesma coleção, "Novas Buscas em psicoterapia", a Summus já publicou "Sapos em príncipes".

* * *

Filosofia Política/1, primeiro número de uma publicação periódica da LePM-Editores. Na Apresentação se diz que a revista está "aberta às mais diferentes correntes de pensamento, pois considera que somente uma abordagem crítica, sem preconceitos, dos problemas de nosso tempo pode contribuir para a sua elucidação". No Comitê de Redação: José Arthur Giannotti, Guido de Almeida, Marcos Muller, João Carlos Brum Torres, Denis L. Rosenfeld, João Quartim de Moraes.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Uma volta necessária

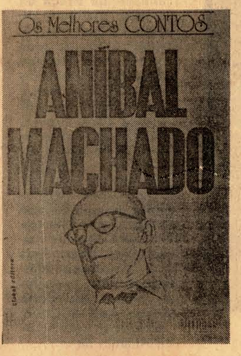
Exatamente vinte anos após sua morte, Anibal Machado continua na mesma: bastante citado por uns poucos que com ele conviveram ou que têm o prazer de lhe conhecer a obra, incluído em algumas antologias (quase sempre com "A morte da porta-estandarte"), recordado por filmes baseados em contos seus, mas ignorado pela maioria, em especial os jovens. No entanto ele é, sem dúvida, um dos nossos melhores contistas, dono de um estilo pessoalíssimo, autor de textos antológicos pelo clima, pelo tratamento, pela preocupação formal, por uma visão peculiar de mundo.

Escreveu pouco, incentivou muito, não se preocupou em publicar ou "fazer nome", apaixonado por cinema frustrou-se por nunca haver realizado um filme, embora pensasse sempre em chegar às telas não como escritor adaptado por outros, mas como realizador.

Sua casa, em Ipanema, Rio, foi, certamente, a última na qual jovens e menos jovens, nomes conhecidos e desconhecidos iam falar de tudo, papear e beber, discutir e rir, namorar e transar, num ambiente informal, descontraído. O encontro ali, uma vez por semana, transformou-se, durante anos, num hábito. Não havia necessidade de avisar. Era chegar e ir entrando, juntar-se a uma das rodas — e pronto.

Lá estive algumas vezes, já na última fase — e pude sentir a maneira simples e igual como ele recebia e ouvia os que o procuravam. Falava-se de literatura, da vida, dos problemas do País; fofocava-se. Ele a tudo ouvia, naquele seu jeitão de mineiro acariocado.

Esperemos que esta criteriosa seleção (**Os melhores contos**, de Anibal Machado, Global Editora), organizada por Antonio Dimas, volte a chamar a atenção de leitores e da crítica para a ficção de Anibal; é preciso que se tome conhecimento de trabalhos como, por exemplo, "O iniciado do vento", "Viagem aos seios de Duília", "Monólogo de Tuquinha Batista", "O telegrama de Ataxerxes", "Tati, a garota", além do indefectível "A morte da porta-estandarte".



Na pequena nota introdutória, Dimas situa bem obra e autor. E não é sem razão que ele assinala: "Intriga e incomoda a repercussão discreta de Anibal Machado dentro da nossa crítica literária". Perfeito. E ainda a propósito da prosa de Anibal, estamos com Fausto Cunha quando diz: "Anibal escapa das garras do anedótico pelo enfoque humano, pela angulação surrealista e até pelo fantástico".

Aventuras de Lawrence da Arábia

Referindo-se a **Os sete pilares da sabedoria**, de T.E. Lawrence, o ficcionista e ensaísta inglês E. M. Forster assim se pronuncia: "Descreve a revolta da Arábia contra os turcos, vista por um inglês que nela tomou parte. No que seria aparentemente uma simples crônica militar, Lawrence da Arábia teceu um painel inusitado de retratos, descrições, filosofias, emoções, aventuras e sonhos. Para levar a cabo sua missão, serviu-se de uma extraordinária erudição, uma memória impecável, um estilo que ele próprio inventou... uma total desconfiança em si mesmo e uma fé ainda maior".

Pois é este o livro que agora nos chega, numa edição da Record, em tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. E que merece ser lido seja pelo interessado em história em busca de informações sobre episódios da I Guerra Mundial, seja, para usarmos uma expressão de Forster, pelo leitor que busca "aventuras e sonhos".



Numerosas lendas (e filmes) correm a respeito da fascinante vida do chamado Lawrence da Arábia. Participante ativo no movimento nacional árabe contra a opressão turca, sua figura é bastante controvertida. Servindo aos interesses ingleses, diz-se por um lado que ele foi um "inocente útil" manobrado pelos ingleses, ou que teria como preocupação básica não propriamente libertar os árabes mas retirá-los da influência alemã e atraí-los para o lado (ou domínio) inglês.

De qualquer forma, a verdade é que ele passou a se vestir e a se comportar como um árabe lançando-se com ímpeto num movimento de guerrilhas que foi minando o poderio turco. Tudo isto — mais sua angústia, sua solidão, suas preocupações, suas buscas — vem narrado em **Os sete pilares da sabedoria** que é, no dizer de Winston Churchill "Um dos maiores livros já escritos em língua inglesa".

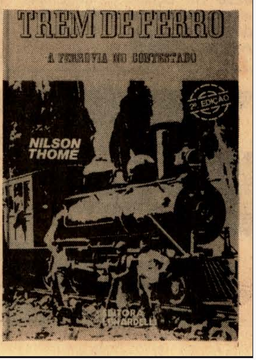
Lançamentos: "Chico XX" e "Trem de ferro"

Nesta sexta-feira, dia 25, às 20 horas, na Assembléia Legislativa, lançamento de **Chico XX**, de Célio de Morais. Romance de estréia, na "orelha", o escritor Silveira de Souza assinala: "este romance vem mostrar-nos um autor direcionado para a narrativa de cunho emfiientemente popular, na qual o dinamismo e a movimentação dos sucessivos episódios vão tecendo a estrutura da história". E mais adiante, depois de se referir ao autor e a suas preocupações: "Sem dúvida que essa ampla e diversificada experiência humana, se transfere e dimensiona agora ao universo da criação literária". Já no prefácio, Salomão Antonio Ribas Junior destaca em certo trecho: "É a estória longa, que se faz breve pela forma de contá-la do Professor Célio de Morais, das vicissitudes da alma humana". Mas o próprio Autor também situa-se romance ao dizer: "Chico XX é uma estória. Se bem que poderia tranquilamente ser uma HISTÓRIA".

* * *

Na mesma ocasião e no mesmo local estará sendo lançada a 2ª. edição de **Trem de ferro — A ferrovia no Contestado**, de Nilson Thomé, Ed. Lunardelli. Quando da aparição da 1ª. edição, diziamos: "As lutas do Contestado continuam em aberto e ainda há muito o que estudar. O livro de Nilson Thomé oferece nova e válida contribuição para o melhor conhecimento do que foi aquela época e dos seus entrechoques. Não é só significativo para a melhor compreensão do Meio-Oeste do Estado, mas de toda uma realidade da vida catarinense e de sua gente". A colocação continua pertinente, pois de lá para cá (1980) pouco ou nada surgiu de novo que viesse contribuir para um maior conhecimento do que representaram aquelas lutas. Muito embora, de repente, o Contestado tenha passado a ser motivo de tanta badalação que até já se fala em transformá-lo em enredo de Escola de Samba e/ou de carros alegóricos e motivo folclórico.





Aprendizado pelo erotismo

Anphilóphio Canabrava quer fazer a Europa, numa caminhada inversa ao daqueles que procuraram fazer a América. Para isto ele parte do inóspito sertão nordestino, com a cara e a coragem. Todos os expedientes lhe servem na busca que empreende, sempre ajudado (ajudadado?) por um jumento falante e poliglota, espécie de consciência crítica a fustigá-lo.

Eis o ponto de partida deste romance irreverente (**O cogitário**, ou as doideiras dum cabra-da-peste e de um jumento poliglota no oco do mundo, vol. 2 da Série Novo Romance, Ed. Mercado Aberto), que nos revela um novo autor bem dotado para o gênero. Desbragadamente, Napoleão, no intento de conquistar seu universo ficcional, vai nos conduzindo e orientando nesta caminhada que seu exótico personagem faz.

Anphilóphio quer apreender aquele mundo que lhe está distante no tempo, no espaço, na formação (embora com a espantosa velocidade dos meios de transporte ele chegue até tudo num jato, em ambas as assepções da palavra). Mas em lugar de apreender (ou aprender), o que ele acaba fazendo é colher, pela caminhada, numerosas mulheres. Então, o aprendizado acaba se transformando especialmente num aprendizado erótico.

De repente, Anphilóphio quer fazer um balanço de tudo aquilo que viveu — e de como sobreviveu. Então, numa técnica de história-puxa-história e num estilo coloquial, solto, desabusado, ele vai relatando suas aventuras/desventuras. Nos dois planos em que se desenvolve a trama, marcada por uma constante ironia, o leitor segue o herói em sua busca. Pois do **cogitarium**, lugar tranqüilo e silencioso onde ele se refugiou, tenta recuperar um passado não tão distante, mas sob vários aspectos absurdo e perdido no tempo.

A narrativa de Napoleão flue; e mais fluiria se ele podasse um pouco do muito que tem para contar. Como o seu homônimo que quis dominar o mundo, Napoleão quer contar tudo de uma só vez num único romance.



Salim Miguel

INGLÊS CURIOSO E DIVERTIDO

Etimologia

BRIDGE — *O conhecido jogo de cartas inglês não é nem BRIDGE nem inglês — é russo e chama-se BIRITCH. Como a palavra russa se parece com BRIDGE, os anglófonos acharam mais fácil passarem a chamá-lo de BRIDGE (ponte).*

oooooo

CATERPILLAR, *que no Brasil é conhecido como "trator", vem do latim CATTA (gato) e PILOSUS (peludo), através do francês antigo CATEPILOSE e do inglês medievo CATIRPEL. Mas o curioso é que CATERPILLAR não é nem gato nem peludo — é "lagarta"!*

oooooo

CITY *(cidade) vem do latim CIVITAS, através do francês antigo e do inglês medievo CITE. A cidade era a comunidade onde os* **cidadãos** *(CIVIS) moravam. Hoje, a cidadania está associada a país, mas naqueles tempos não havia países e sim cidades-países como Roma, Gênova, Atenas, Esparta etc. Pelo menos, assim era na Europa.*

Já que estamos falando em CITY, vale mencionar que esta palavra (salvo umas poucas exceções) não é usada a não ser que o nome da cidade coincida ser também o nome do estado, país ou de algum acidente geográfico importante.

Ex.: *MEXICO CITY (porque o país também se chama MEXICO) NEW YORK CITY (porque o estado também chama-se NEW YORK); SALT LAKE CITY (por causa do Lagoa Salgado que banha a cidade).*

oooooo

COWARD *(covarde)* — *Muita gente pensa que essa palavra vem de COW, que a* **vaca** *é um animal tão manso. Mas não. Vem do francês COUARD - "de rabo entre as pernas" (COUE - rabo; - ARD - sufixo com o sentido de "na direção errada").*

oooooo

DAISY — *Embora seja usada no Brasil como um prenome feminino inglês, essa palavra não tem no inglês a mesma aplicação que tem no português. DAISY é simplesmente o nome de uma flor, conhecida no Brasil como "margarida". Porque o miolo dela é dourado e parece um sol, os ingleses lhe deram o nome de DAY'S EYE (o olho do dia - o sol). Esse motivo foi reforçado pelo fato de que ela se fecha à noite e, portanto, seu olho só é visto durante o dia. De DAY'S EYE passou para DAYSEYE — DAISYE — DAISY.*

oooooo

MONDAY *(2ª.-feira) vem de MOON'S DAY (dia da lua) — MONAN DAEG em anglo-saxão, tradução do latim LUNAE DIES (dia da lua), que deu LUNDI em francês, LUNEDI em italiano e LUNES em espanhol.*

oooooo

TUESDAY *(3ª.-feira). Como todo o principiante brasileiro tem dificuldade em diferenciar TUESDAY de THURSDAY (5ª.-feira), digo aos meus alunos que 3ª.-feira é o Dia dos* **Tios** *(TIOS' DAY — quase a mesma pronúncia). Mas a verdade é outra. TUESDAY é o Dia de Tiw, deus da mitologia anglo-saxônica que equivale a Jesus para nossa civilização, pois tal como Jesus, TIW era filho do Criador da Terra — WODEN e, tal como Jesus, sacrificou-se pela humanidade, pois para prender FENRIR, o espírito lupino que estava disseminando o mal pela Terra, teve a mão arrancada pelas presas da fera. De TIWES DAEG (anglo-saxão) passou para TWISDAI (inglês medievo) e TUESDAY (inglês moderno).*

oooooo

Leia amnhã:
FALSOS COGNATOS

Prof. José Ricardo — Caixa postal 1223 — CEP 89.100 — Blumenau-SC

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O resgate de figuras da MPB



A paixão pela música, mais especialmente pela música popular brasileira, marca a trajetória deste poeta, jornalista, pesquisador, animador e administrador cultural, homem de mil instrumentos que se chama Fernando Sales.

Agora, graças a insistência de amigos e interessados, ele resgata do esquecimento reportagens e entrevistas com figuras da MPB, publicadas há muito em revistas do Rio de Janeiro.

Fez bem. Ao recuperar tais escritos, permite que o leitor comum e os estudiosos tomem conhecimento de informações preciosas e que situam figuras como um Alcir Pires Vermelho ou um Ataulfo Alves, um Assis Valente ou um David Nasser, entre tantos.

Na Nota Introdutória, referindo-se a este **MPB em Pauta**, que acaba de aparecer em edição da José Olympio, diz outro estudioso e apaixonado pela PMB, Ary Vasconcelos: "Fernando Sales, em reportagens memoráveis, fixou vidas inteiras de mestres da música popular brasileira, esclarecendo dúvidas, iluminando recantos de fundamental importância". E prossegue Ary: "Lembro-me de que, uma vez, pedi a J. Cascata para me contar a sua vida, pois queria torná-la capítulo do meu **Panorama da música popular brasileira**, então em **preparo**, e ele me respondeu: pra **que? Eu** já contei ao Fernando Sales. Em **A Cigarra** você encontra tudo..."

É isto aí. Vamos, então, nós também, nos abeberar neste **MPB em pauta**, gostoso de ler pelas revelações que contém e pelo texto informal e descontraído que nos põe logo em contato com os nomes enfocados.

Uma preparação para "Ulisses"



Joyce é, sem dúvida, ao lado de Proust, um dos grandes criadores da ficção contemporânea, e uma de suas principais vertentes. Depois deles, a prosa de ficção, como estrutura, como visão do homem e do mundo que o cerca, nunca mais foi o que era antes. Aproveitando ou não o que eles criaram, todos os escritores, de qualquer latitude, se beneficiaram, direta ou indiretamente, do legado tanto de um como do outro.

Retrato do artista quando jovem, que agora reaparece entre nós, na tradução de José Geraldo Vieira, pela Editora Civilização Brasileira, é, ao mesmo tempo, um romance de formação e uma introdução ao universo joyceano mais complexo de **Ulisses**. Aliás, para seus principais biógrafos e estudiosos, originariamente este livro seria, na verdade, a primeira parte de **Ulisses**, desdobrado para um livro independente.

Se aqui não temos, ainda, o virtuosismo e as profundas pesquisas expressionais e lingüísticas de **Ulisses** ou de **Finnegans Wake**, temos, contudo, como que uma preparação para o grande salto. É toda uma maneira peculiar e nova de (re) construir uma cena, de armar um espaço ou uma situação, de investigar a alma humana, de utilizar o monólogo interior (levado até as últimas conseqüências em **Ulisses**), de ampliar o interrelacionamento entre o homem e sua cidade.

Como nos contos de **Dublinenses**, este romance serve para melhor nos aproximar de Joyce, para nos fazer apreender sua proposta e suas preocupações.

Stephan Dedalus (o mesmo de **Ulisses**), é o alter-ego de James Joyce. E se a cidade de Dublin, que ele aqui nos apresenta, não tem ainda a força obsessiva que viria a adquirir, tem já o mesmo fascínio que nos inquieta e atormenta. No mais, é ler Joyce. "Que os leitores ou candidatos a leitores de Joyce se rejubilem", conforme diz, na Apresentação, Antonio Houaiss, o tradutor de **Ulisses**. E é bom lembar que Joyce, com seu **Ulisses**, volta a debate, com a descoberta do manuscrito que apresenta cerca de cinco mil alterações para o texto que conhecemos.

REGISTRO

O paraíso destruído , de Frei Bartolomé de Las Casas, trad. de Heraldo Barbuy, L&PM-editores. Sob a rubrica **História** , a editora gaúcha inicia uma nova e importante coleção, vendo os fatos históricos por um enfoque inédito, dividido em três segmentos (Visão do paraíso; Os conquistadores; A visão dos vencidos). O primeiro título lançado é deste último. O Autor mostra como foi feito o sangrento massacre de uma civilização e o que representou a história da conquista da América espanhola. Defensor dos povos indígenas, Las Casas dedicou 50 anos de sua vida à luta contra o genocídio imposto pelos espanhóis. Entre os títulos já programados estão: "Diário da descoberta da América", por Cristóvão Colombo; "A conquista do México", por Hernan Corte; "Naufrágios e comentários", por Alvar Nunez Cabeza de Vaca, "O reverso da conquista", textos astecas selecionados por Miguel Leon Portilla.

* * *

Haxixe , de Walter Benjamim, trad. de Flávio Menezes e Carlos Nelson Coutinho, col. Circo de Letras, Ed. Brasiliense. Um Walter Benjamim bem menos conhecido; não o ensaísta nem o filósofo polêmico, que marcou, com Marcuse e Adorno, lugar definido entre os pensadores alemães de meados do século. Neste livro, temos uma primeira parte em que o Autor realiza uma ficção em torno de suas experiências com a droga; e na segunda são breves anotações a respeito dos efeitos da droga, feitas quando ele a ingeria. Além dele, há anotações de amigos também.

* *

Historinhas híbridas de uma senhora de respeito , de Carmen da Silva, Ed. Brasiliense. Jornalista, ficcionista, ensaísta, a A. retorna às livrarias com um texto que é um painel de sua vida, da adolescência à maturidade. Viagens, lutas, amores, experiências suas e alheias — o que justifica o "híbrido" do título. Diz ela: "senhora-de-respeito, apesar de suas lamentáveis conotações que lembram damas rezadeiras e marchadeiras, porque não encontrei nos dicionários qualquer outro rótulo mais ou menos honroso que me fosse aplicável: mulher, na minha faixa de idade, ou é respeitável ou não existe".

* * *

Palmares — A guerra dos escravos, de Décio Freitas, Ed. Mercado Aberto. Oportuna reedição (5.ª edição) de um trabalho sobre as revoltas dos escravos negros e a organização dos quilombos no Brasil. A propósito deste livro diz Nelson Werneck Sodré: "Décio Freitas realizou uma pesquisa rigorosa, a mais ampla no assunto já efetivada no Brasil"; e Darcy Ribeiro: "Este livro é a reconstituição histórica mais completa e documentada, e é também a reflexão crítica mais severa de que se dispõe até agora, sobre um acontecimento fundamental da história brasileira".

* * *

Anarquismo — Uma história das idéias e movimentos libertários — Vol. 2 — O movimento, de George Woodcock, L&PM-editores. Neste 2.º volume (o primeiro era dedicado a "Idéia") se conclui o painel amplo que o autor dedicou ao tema, desde seu nascimento até sua expressão como movimento irradiador; e expõe, também o pensamento e a linha mestra de seus principais teóricos, a partir do momento em que Proudhon exclamou: "A propriedade é um roubo". Eis o índice: Esforços internacionais; Anarquismo na França; na Espanha; na Itália; na Rússia; diversas tradições: o anarquismo na América Latina, norte da Europa, Inglaterra e Estados Unidos; epílogo; post-scriptum.

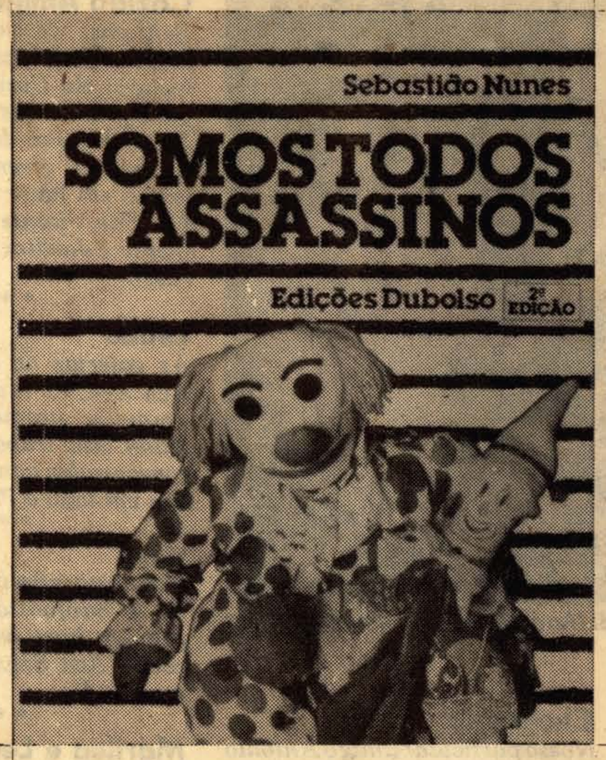
* * *

Caravelas no Novo Mundo , de Antonio Augusto da Costa Faria; Independência , de Edgard Luiz de Barros, Ed. Ática. Mais dois títulos da Col. O Cotidiano da História, que dessacraliza os grandes personagens, mostrando o dia-a-dia deles e que não realizam sozinhos, como num passe de mágica, as grandes ações que lhes são atribuídas. "Caravelas..." leva o leitor aos ambientes das navegações portuguesas, enquanto em "Independência" temos o retrato de um momento importante da trajetória histórica do Brasil. Os dois primeiros volumes abordavam **O engenho colonial** e **Os abolicionistas.**

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL





Textos provocativos Dubolso

Utilizando-se de pequenos textos que se interligam, completando-os com fotos e ilustrações, Sebastião Nunes oferece ao leitor, ao mesmo tempo, a visão, ampliada por um enfoque deformador, de como funciona o universo tão peculiar de uma agência de publicidade e uma ficção de fundo alegórico que incorpora os mais variados elementos da escrita.

A linguagem é desabusada, retrato irônico e amargo de uma agência, com sua fauna, seus problemas, suas preocupações, sua busca do novo e do inusitado. Assim, **Somos todos assassinos**, pelas Edições Dubolso (quer dizer, bolso do próprio autor, que ele esclarece ser "uma empresa de capital aberto, atuando num mercado editorial fechado"), se realiza através de colagens, de montagens inventivas. Texto e fotos são aplicados numa diagramação que joga com o branco da página, um branco funcional, para atrair o cliente e "vender" o produto, bem ao gosto da técnica consumística — que estamos cansados de ver a todo momento e que é muito dos nossos dias.

Inquietação é marca constante na obra de Sebastião Nunes, de quem já conhecíamos, por exemplo, "A cidade de Deus". E agora, além do livro acima citado, ele nos aparece também com outro, **A velhice do poeta marginal**. Claro que a edição é também "dubolso". Aqui a proposta se situa numa linha que procura desmistificar o poema altissonante — quando não parodiá-lo. De qualquer maneira, é sempre um texto provocativo e instigante, como nos desenhos onde traça a estrutura do poema em várias configurações, de que são exemplos: Lupa, para examinar talentos minúsculos, ou seringa, para injeções de talento poético; e ainda nesta **Configuração Geográfica**: "200 km a leste/ papagaios literários empinam/glórias como pipas./300 km ao norte/ panelinha literárias cozinham/ talentos como repolhos."

Como não cremos ser fácil encontrar os livros do autor nas livrarias, eis seu endereço: Sebastião Nunes — Rua Kaquende, 141, CEP 34.500 — Sabará — Minas Gerais.

Mais Hammett: agora os contos

Ainda há pouco, saudando a reapartição de **O falcão maltês**, dizíamos da importância da ficção de Dashiell Hammett — e não só para os curtidores do gênero policial. Falávamos de sua força narrativa, de sua preocupação com o texto e com o social, de seu retrato pertinente de um segmento da sociedade americana de seu tempo. E de como ele havia retirado o policial de uma espécie de torre-de-marfim, quase puro cérebro (um Holmes), para fazer com que o detetive sujasse as mãos, lutando de igual-para-igual com os fora-da-lei, utilizando as mesmas (sujas) armas. Mais: acrescentávamos que seria bom se logo tivéssemos também entre nós um volume com seus contos, em especial aquele que trazia a esclarecedora introdução de Lilian Hellman, a grande teatróloga americana e companheira de Hammett por mais de 30 anos.

Pois bem. Eis que agora surge o livro a que nos referíamos. Trata-se de **O grande golpe**, em tradução de Luiz Horário da Matta, na coleção Horas em Suspense, da Ed. Francisco Alves. Aqui estão reunidas algumas das suas mais significativas histórias, na grande maioria publicadas na revista **Black Mask**. Leia-se, por exemplo, "O rosto chamuscado". Ou "O grande golpe". Ou então a novela incompleta "Tulipa", que parecia indicar um novo caminho para o autor.

Na maioria das histórias, o anônimo detetive da Agência Continental se envolve em tramas muito reais — duras, diretas, secas. Recuperação, talvez, de situações que o próprio Hammett teria vivido quando detetive da Agência Pinkerton.

Da mesma forma que sua ficção, a vida de Hammett é repleta de incidentes e acidentes. Interrompendo os estudos aos 14 anos, foi um pouco de tudo: mensageiro, jornaleiro, balconista, estivador, manobreiro de estrada de ferro, detetive, beberrão, ativista político. Participou das duas grandes guerras mundiais. Publicou sua obra dos fins da década de 20 anos fins de 30. Depois, silêncio. Mas o silêncio voluntário não impediu que seu nome se tornasse conhecido e admirado.

Isto, contudo, também não impediu que a reação maccartista lhe pedisse contas por suas idéias, de esquerda. Por causa delas, foi preso e condenado. Mas a elas se manteve fiel; e não delatou, como outros o fizeram, ninguém.

A esclarecedora introdução de Lillian Hellman mostra algumas das lutas que ele travou: contra o maccartismo, contra a angústia, contra a máquina hollywoodiana, contra o álcool. Mas o que nunca ficou bem claro é porque um escritor tão talentoso deixa, de repente, de escrever.

Se bem que o que nos legou seja suficiente para nos mostrar, por entre o universo dos marginais, sua visão de mundo.

REGISTRO

O quarto fechado, de Lya Luft, Ed. Nova Fronteira. A propósito deste romance, dizia, pouco antes de morrer, a ensaísta gaúcha Ligia Averbuk: "Muito obrigada por me teres deixado ler estes originais. É preciso coragem para enfrentar este assunto: a Morte. Nada mais humano do que ela, centro da angústia de viver". E mais adiante: "Cada página ainda me pesa, com dor, porque hoje em dia a morte é, para mim, uma experiência menos remota". Isto situa (e bem) a proposta do livro. Que se situa, por suas preocupações existenciais e por sua economia de meios, dentro da linha dos romances anteriores de Lya Luft.

* * *

Deus é brasileiro?, de Carlos Eduardo Novaes, Ed. Nórdica. Novamente o humor, tão atual e ligado à realidade, de Novaes. Um retrato do risível hoje. Aliás, é de se concordar com ele: nossos administradores e políticos estão fazendo uma concorrência desleal aos humoristas. Só que o deles é um humor trágico, que nos fere e esmaga, enquanto o de Novaes nos faz rir (e pensar). Teme-se, como exemplo, a crônica que abre o volume, "A outra face da moeda". E veja-se a pertinência do tema e do tratamento. Pertinentes, também, as ilustrações de Vilmar Rodrigues, velho companheiro de Novaes e que sabe, como seu traço, recriar o clima próprio do autor.

* * *

Os vendedores de felicidade, de James Gunn, trad. de Reinaldo Guarany, col. Mundos da Ficção Científica, Ed. Francisco Alves. O ponto de partida deste romance é um simples anúncio perdido nas páginas de um jornal, perguntando "por que ser infeliz?" e garantindo que "sua felicidade é o nosso negócio". A partir daí, uma investigação das angústias e inquietações do ser humano, mostrando que para alguns a felicidade é um fardo insuportável. O Autor se questiona sobre o que seria um mundo perfeito. O livro se insere na corrente das utopias de nomes, na área, como um Wells, um Orwell, um Huxley.

* * *

O edifício fantasma, de Orígenes Lessa, Ed. Nova Fronteira. Edmundo Vilar chega a um edifício na Avenida Atlântica, em Copacabana, para se hospedar na casa de um irmão. Mas, embora as luzes acesas, o partamento está vazio. Não só ele: todo o prédio está vazio. Este o fio condutor do mais novo romance do autor de **O feijão e o sonho**, onde o fantástico e o real se confundem. E como sempre em Lessa, um retrato do nosso cotidiano absurdo, com pitadas de humor e senso de observação, num estilo simples e correntio.

* * *

Las Vegas na cabeça, de Hunter Thompson, trad. de Aluizio Abranches, Ed. Anima. Best-seller com mais de dois milhões de exemplares vendidos nos EUA. Considerado, por exemplo, pelo The New York Times Books Review como "o melhor livro da década das drogas". O Autor, jornalista, como um de seus personagens principais, narra muito do que viu e viveu, também ele em "viagens" alucinadas de um extremo a outro do mundo — e do mundo das drogas com todas as suas conseqüências.

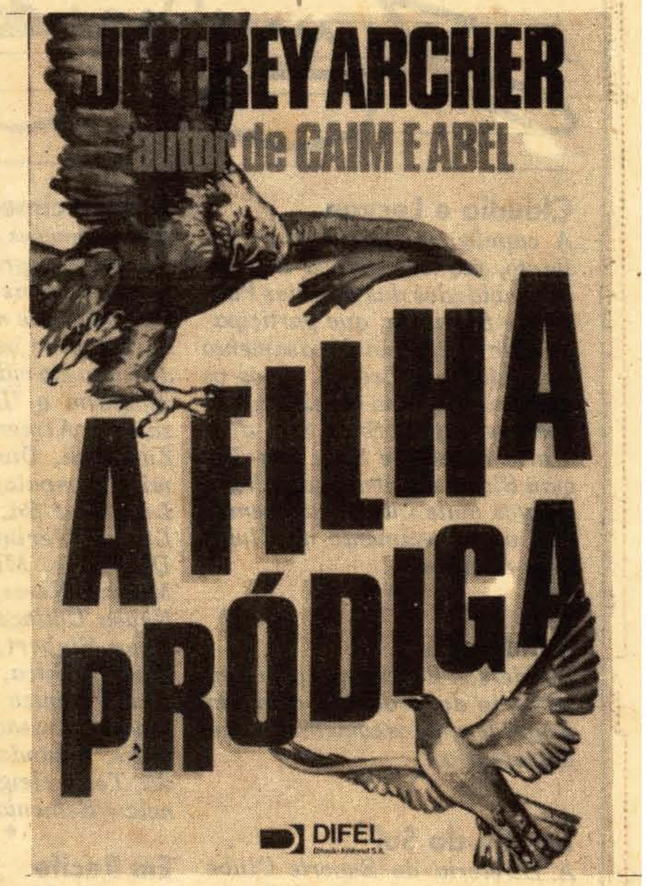
* * *

O alimento dos deuses, de H. G. Wells, trad. de Marcos Santarrita, Ed. Francisco Alves. Neste novo título da col. Mestres do Horror e da Fantasia, Wells está em seu universo preferido. A história de dois excêntricos cientistas que descobrem uma substância que acelera o crescimento, criando gigantismo em tudo. É o chamado alimento dos deuses — que logo escapa do controle dos cientistas, criando problemas. A leitura atenta revela a constante preocupação do Autor com os problemas do ser humano e implicações com a realidade circundante.

* * *

Relembrança, de Danielle Steel, trad. de Isabel Paquet de Araripe, Ed. Record. Best-seller com todos os ingredientes do gênero, narrando uma história de muitos amores, a partir da jovem Serena, que volta para a casa de seus pais logo depois da II Guerra. Todos estão mortos — e seu encontro com um major do Exército Americano parece lhe abrir novas perspectivas. Mas outros problemas surgem.

* * *



Os últimos super-heróis, de Roberto Amado, Ed. Record. Retrato sem retoques de um grupo de jovens e suas andanças pelos desnorteados caminhos e descaminhos do mundo que lhes é legado. Suas buscas, angústias, frustrações, narradas num estilo pessoal, incorporando modismos de um agora que o A. procura intencionalmente, a fim de transmitir uma visão por igual crítica e patética da realidade. A história começa em São Paulo, prolonga-se pela Europa, segue-persegue o roteiro da droga em Santa Cruz de la Sierra, embrenha-se pela Amazônia.

* * *

A fuga, de Reinaldo Guarany, Ed. Brasiliense. Não têm sido poucos os livros, na área da ficção/depoimento, que buscam recriar (e por igual avaliar) a realidade que foram os últimos anos neste país chamado Brasil, revelando de que maneira os jovens (e os menos jovens) procuraram escapar ao sufoco. Aqui mais um painel deste tempo quando, para muitos, depois do fracasso da guerrilh e do acirramento da repressão, uma das saídas era fugir ou fugir. Em cima desta proposta, e de uma visão do pessoal dahALN, sehcztra o trabalho de Guarany.

* * *

Vagas notícias de Melinha Marchiotti, de João Silvério Trevisan, Global Ed. Desde seu primeiro livro publicado, **Testamento de Jônatas deixado a David**, o A. vem sendo extremamente fiel à uma sua proposta ficcional de lançar "luz sobre a face do abismo". Aqui, contudo, sua proposta é bem mais ambiciosa, numa ficção onde ele é ao mesmo tempo autor e personagem, recriando um universo que vai fundo e, no dizer de um crítico, "não se prende a falsos moralismos".

* * *

A filha pródiga, de Jeffrey Archer, trad. de José Antonio Arantes, Difel. Este romance retoma, em parte, o painel histórico de um sucesso anterior do A., **Caim e Abel**. O livro acompanha o desenvolvimento de uma menina rebelde, Florentyna, que logo descobre o que é ser mulher numa sociedade dominada pelos homens. Ela desafia tal mundo — e sua história retrata episódios que vão de 1934 a 1995.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLE MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS **370**

Sábato recupera o Arena

Um momento, sob muitos aspectos decisivo do palco brasileiro, foi marcado pelo Arena de São Paulo. Começando por implantar no Brasil o teatro de arena, de repente abandona as peças estrangeiras que vinha representando a parte em busca de novos autores e de uma temática nacional. Foi aí que se firmaram nomes como um Gianfrancesco Guarnieri e um Augusto Boal, entre outros. Guarnieri, por exemplo, vinha trabalhando como ator; em dado momento surge com uma peça revolucionária na temática e na factura, que logo o tornaria conhecido e admirado: **Eles não usam black-tie**. Há pouco, atualizada, foi sucesso no cinema.



Para além da fama que trouxe ao ator/autor, a peça significou uma guinada na proposta do Arena, que a partir daí passou a se preocupar mais com uma dramaturgia nossa e que, lado a lado com a qualidade do texto, levantasse e discutisse a nossa realidade, os problemas nacionais num momento de tamanha efervescência política e social.

Tudo isto agora ressurge em **Um palco brasileiro — O Arena de São Paulo**, de Sábato Magaldi, publicado pela Ed. Brasiliense na col.

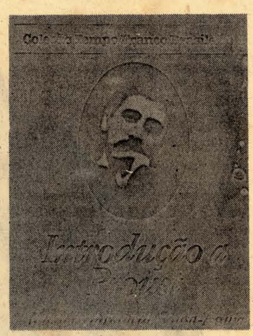
Tudo é História. Em linguagem clara e objetiva, os fatos são devidamente situados e discutidos por alguém que participou efetivamente de todo o processo, atento ao movimento que se irradiava para outras regiões.

Sábato, professor, ensaísta, administrador cultural, decano e um dos nomes mais expressivos da nossa crítica teatral, escreveu, sempre com pertinência e lucidez, a respeito de todas as peças, analisando-as devidamente. Autor de obras como **Panorama do Teatro Brasileiro; Aspectos da dramaturgia moderna; Iniciação ao teatro**, no pequeno volume de agora ele nos dá uma síntese perfeita do Arena. Mais: uma reflexão não só sobre o teatro, mas do País como um todo ao longo do período.

Para melhor ler Proust

Proust é, sem dúvida, uma das principais vertentes da prosa moderna; por isso mesmo a fortuna crítica de sua obra, dentro e fora da França, só tende a aumentar. São exegeses que procuram abarcar todas as complexidades de seu universo ficcional. E a publicação, nos últimos tempos, de inéditos e correspondência, veio dar novo aporte à visão que se tinha do escritor, mostrando que embora permaneça autor de uma obra básica para ela já vinha se preparando há muito. Assim, tudo o que ele escreveu ilumina desvãos de seu estranho mundo.

Mesmo no Brasil já existem algumas contribuições significativas, em livros e artigos de jornais e revistas, como as de Alcântara Machado, Roberto Alvim Corrêa, Álvaro Lins, Alceu Amoroso Lima, Augusto Meyer, Nogueira Moutinho, Leo Schlafman. Ajudam a situar vida e obra do autor de **Em busca do tempo perdido**, procurando aproximar o leitor de Proust e de sua proposta.



Agora, mais um trabalho importante vem se juntar aos já existentes. Trata-se de **Introdução a Proust**, de Maria Arminda de Sousa Aguiar, primeiro volume da coleção Tempo Franco Brasileiro, da Ed. Tempo Brasileiro. Embora a Autora denomine seu trabalho de "introdução", temos bem mais do que isto, temos uma expressiva análise dos principais componentes e da estrutura romanesca deste que ela chama de "romance do romance".

Detendo-se demoradamente no jogo da escritura proustiana, Maria Arminda fornece ao leitor um roteiro seguro para se penetrar no elaborado universo de um dos mais inventivos criadores dos nossos tempos, que fascina por sua linguagem e por seu poder de recuperação do passado e de recriação de inúmeras figuras que se tornam inesquecíveis. Enriquecem o livro: Marcel Proust e seu tempo; cronologia da vida e da obra; bibliografia das obras de Proust, incluindo suas traduções e correspondência; bibliografia em português de livros, jornais e revistas; e bibliografia, atualizada e selecionada, em francês.

REGISTRO

Chão da crítica, de Fernando Py, Ed. Francisco Alves/Pró-Memória/INL. Mais de 20 anos de atividade no setor da crítica e/ou da resenha de livros estão aqui reunidos. Também poeta e tradutor, Py sabe ver e sentir, seja analisando poesia ou prosa, levando até o leitor informações básicas no sentido de motivá-lo e fazê-lo mais e melhor se aproximar da obra em questão. Como acentua Fausto Cunha na "orelha", os estudos sobre o poeta Joaquim Cardozo bem que poderiam constituir livro à parte. Também o capítulo sobre Augusto Meyer nos tocou fundamente, pela propriedade com que Py nos desvolve a figura do grande escritor e humanista.

* * *

A magia transacional de "A flauta mágica", de Roberto Menna Barreto, Summus Ed. Um novo enfoque é dado para a obra-prima de Mozart, numa análise transacional do músico e de sua principal ópera. Autor de outras obras na mesma área, Menna Barreto busca ampliar o campo da análise transacional, tornando-a num instrumento de compreensão do ser humano.

* * *

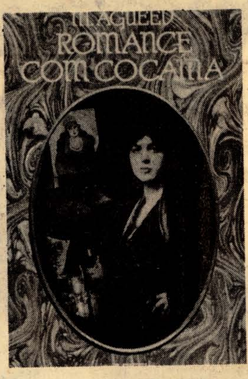
Deus e o diabo no dia do golpe, de Carlos E. de Senna Figueiredo, Ed. Antares. Subintitulado "uma rapsódia socialista", baseado nas idéias de Oscar Varsavsky, neste livro se desenvolve um método para avaliar as grandes estratégias políticas aproveitando as vicissitudes históricas da humanidade. Diz o A.: "como ninguém mais tolera fatigar textos maçantes de história ou economia, cometo blasfêmias, prodígios, e deixo um surrealismo com sol a pino correr através do livro inteiro".

* * *

Conceitos de lingüística Fabular, de J. Lourenço de Oliveira, Ed. Tempo Brasileiro. Lingüística, história e filosofia, num trabalho preocupado com a natureza profunda dos fenômenos através do tempo e do espaço. Eis o sumário deste livro, de interesse para todos os estudiosos, sejam eles professores ou alunos: Conceitos de lingüística fabular I e II; A fala e a língua; O tempo e a função fabular; Disquisição sobre o vocábulo "critério"; Ars grammatica.

* * *

Vinícius de Moraes, por Geraldo Carneiro, col. Encanto Radical, Ed. Brasiliense. O Autor deste volume é também poeta e letrista; assim, afinado com o poetinha, ele nos dá um retrato gostoso e descontraído de Vinícius, sua vida, sua formação, suas preocupações, sua participação na vida intelectual brasileira, sua luta para escapar ao esquema rígido no qual o Itamarati queria, em parte por preconceito e em parte por pressões políticas, enquadrá-lo.



* * *

Cláudio Manuel da Costa, por Sonia Salomão Khéde, col. Nossos Clássicos, Ed. Agir. Nesta sua nova fase, mantendo as mesmas características mas melhorando a apresentação, depois de Vinícius, chega a vez do poeta mineiro participante da Inconfidência. O esquema: dados biográficos, situação histórica, estudo crítico, antologia, bibliografia do autor, bibliografia sobre o autor, julgamento crítico da obra, questionário. Sonia situa bem o autor em seu tempo e em seu meio.

* * *

Jesus, por Paulo Leminski, col. Encanto Radical, Ed. Brasiliense. O poeta Leminski puxa a brasa para a sua sardinha. E sua visão de Jesus busca ser não só a mais humana possível, mas também apreender nele o **poeta**. Vejamos o que diz a "carta de intenções" que abre o volume: "Este livro é dirigido por vários propósitos".

Entre os principais, primeiro, apresentar uma semelhança **o mais humana possível desse Jesus**, em torno de quem tantas lendas se acumulara, floresta de mitos que impede de ver a árvore.

Outra, a de ler o **signo-Jesus** como de um subversor da ordem vigente, negador do elenco dos valores de sua época e proponente de uma **utopia**.

Outra ainda seria a intenção de revelar o poeta que Jesus, profeta, era, através de uma leitura **lírica** de tantas passagens que uma tradição duas vezes milenar transformou em platitudes e lugares-comuns."

* * *

Brincar de viver, de Valéria Burgos, Ed. Nórdica. Memórias, autobiografias, depoimentos, impressões de viagem são gêneros que passaram a ter um consumo bem maior. E é dentro de tal linha que se insere o livro de uma jovem que acumulou boa bagagem de experiências. Ela busca, então, num estilo coloquial, situar o leitor ao seu lado nesta caminhada onde ao mesmo tempo em que desvela o mundo também se desvela.

Romance com cocaína, de M. Aguéev, trad. de Maria da Piedade Ferreira, Difel. O título pode até iludir: só na 3.ª parte se chega à proposta nele expressa. Antes temos um romance de aprendizagem e a preparação do que virá, uma visão do universo dos drogados. Publicado na década de 30, nunca se chegou a saber ao certo quem é o A. A ação é em Moscou entre 1916/19, época de transformações profundas. Texto inquietante, que se situa na linhagem de escritores russos como um Dostoievski.

* * *

O vilarejo, de F. Dostoiévski, trad. de Elias Davidovich, Global Ed. Aquilo que marcou um dos maiores criadores de todos os tempos está presente nesta narrativa escrita, diz o A., "na Sibéria, após os trabalhos forçados, com a única idéia de retornar à carreira literária". É um Dostoiévski — e isto diz tudo. Na Coleção Magias.

* * *

O presidente, de G. Simenon, trad. de Áurea Weissenberg, Ed. Nova Fronteira. Neste romance da velhice e da solidão de um antigo Chefe do Conselho de Ministros da França temos, mais uma vez, a maestria narrativa do A. Os leitores interessados em política não terão muita dificuldade em reconhecer o personagem retratado; e constatarão que nem só do inspetor Maigret vive Simenon, pois, sem dúvida, ele sabe narrar.

* * *

Serviços especiais de John Gardner, trad. de Alfredo Barcelos, Ed. Nova Fronteira. Os leitores pediram e James Bond retorna. Com todos os ingredientes que o tornaram famoso nos livros e nas telas. E como seu criador original, Ian Fleming, se foi, Gardner tomou-lhe o lugar. Inventando novas doses de suspense, emoção, ação.

* * *

Socialismo e Democracia (Nº. 2), Ed. Alfa-Ômega. Editada por Daniel Fresnot e Jacob Bazarian, esta revista tem como objetivo principal o debate em torno do socialismo. No "Ponto de Partida" se afirma que a ela é "aberta a todas as correntes que lutam pelo socialismo e pela democracia". Dentro de tal proposta a revista aceita colaborações que venham trazer contribuição para o estudo e o debate do tema.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

371

Noções de Parapsicologia

Neste resumo (**O que é parapsicologia**, col. Primeiro Passos, Ed. Brasiliense), de um alentado volume que dedicou ao tema, Osmard de Andrade Faria nos dá, em sucintas pinceladas, um panorama desta ciência, de seus cultores e do estágio em que ela se encontra hoje.

Mostra, também, que cada vez maior número de pesquisadores vem se debruçando e estudando os fenômenos da parapsicologia, e no que ela pode contribuir em vários ramos científicos.

Estudioso do assunto, Osmard não se limita a citar e comentar autoridades ou a informar a respeito de experiências realizadas em mais de 20 universidades do mundo. Vai além: fala de suas próprias experiências (foi o primeiro cirurgião em todo o mundo a realizar uma intervenção de retirada das amígdalas atuando simultaneamente como cirurgião e operador hipnótico, dispensando completamente o uso dos anestésicos), efetuadas no decorrer das quatro últimas décadas.

Este carioca radicado há anos em Santa Catarina é ao mesmo tempo cientista, pesquisador, escritor. Partindo destas três bases, logo na abertura do livro, no capítulo "Definir e Compreender", ele já situa sua proposta em linguagem clara: não crer em tudo que lhe impingem, investigar, examinar para aceitar "aquilo que se enquadrar na sua razão e depois de minucioso estudo for aceito pela sua inteligência..." Tudo isto que Osmard diz pode ser apreendido em seus livros, mais de uma dezena, entre eles **Manual de hipnose médica e odontológica**, já com várias edições e traduções no estrangeiro; e **A batalha de Araranguá**, contos, premiado pela FCC e que antes de conseguir publicação sofreu veto da parte do Conselho Estadual de Cultura.



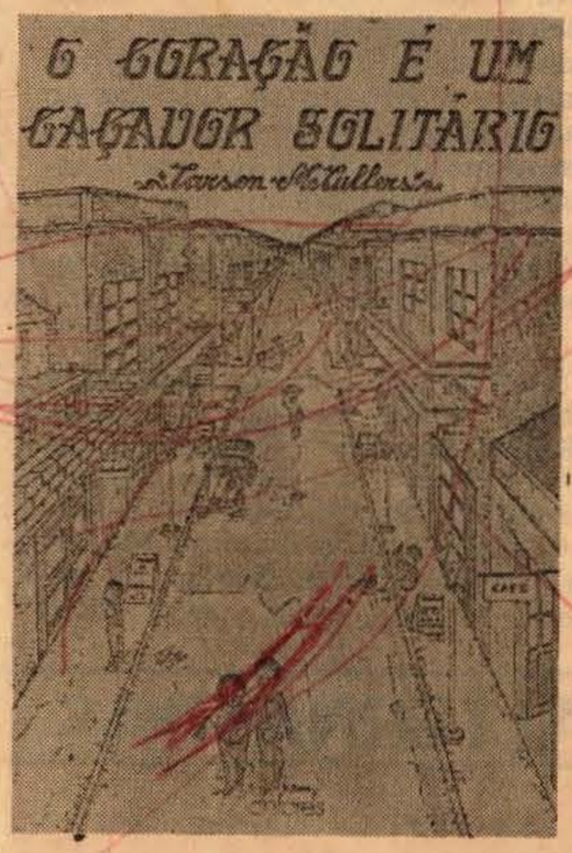
Reencontro com o passado

Para falar deste livro (**O coração é um caçador solitário**, de Carson McCullers, trad. de Marcos Santarrita, Ed. Antares), eu quase nada teria a acrescentar ao sensível prefácio de Mário Pontes. Também, como ele, não tenho como escapar ao uso da primeira leitura. Apenas — e aqui a diferença básica — enquanto Mário o lia no original inglês, eu o lia, possivelmente mais ou menos na mesma época, numa edição portuguesa intitulada **Coração, solitário caçador.**

Logo, procurei chamar a atenção de amigos para o livro; logo, busquei encontrar outros textos da autora, saber dela; pouco mais adiante fui encontrá-la em filmes adaptados de seus livros e que procuravam transmitir algo de sua fina sensibilidade e de sua visão de mundo.

Não posso afirmar se os leitores de hoje, jovens ou menos jovens leitores de hoje, afinarão com sua maneira de narrar, de armar, de construir seu universo, de trazer até o leitor uma humanidade que sua pena tão bem capta e filtra. Se não afinarem, tanto pior para eles. Pois este romance publicado em 1940, com seu perfume juvenil e seu amargor, com sua pungente galeria de personagens tão marcantes, todos entrevistos através do alter-ego da autora, a adolescente Mick Kelly, me devolve um mundo perdido.

Nem sei, agora, se o romance contém mesmo as qualidades que lhe atribuo. Pouco importa. Para mim, nesta releitura, é o reencontro com o jovem que fui, jovem e apaixonado pelo texto, pela proposta narrativa, pelas preocupações da Autora.



Mas vou parando por aqui. Penso, reconsidero — e sinto que, na verdade, o que estou fazendo é retrabalhar o prefácio do Mário — que mais e melhor diz o que eu gostaria de dizer. Remeto, então, o possível leitor, não apenas ao romance de Carson, mas também às páginas que o precedem.

REGISTRO

A antieconomia e a crise brasileira, de Sérgio Valladares Fonseca, Ed. Nova Fronteira. Temas de grande atualidade como inflação, trocas internacionais, teorias monetaristas, função da moeda, entre outros, são aqui analisados de forma objetiva. Autoridade em macroeconomia, Fonseca procura detectar os erros e equívocos responsáveis pela crise que assola o Brasil. Mas ele vai além: dá sugestões e recomendações para uma política econômica alternativa.

* * *

O estado militar na América Latina, de Alain Rouquié, trad. de Leda Rita Cintra Ferraz, Ed. Alfa-Omega. Afirmando que "a pior democracia é melhor do que qualquer regime militar", o A. mostra porque o militarismo — conservador ou reformista, de esquerda ou de direita — tem fracassado na América Latina. A partir daí ele faz uma minuciosa análise dos regimes autoritários de inspiração militar em nosso continente, oferecendo um trabalho de pesquisa e interpretação centrado na psicologia do poder militar, seus mecanismos, as diversas maneiras como se apresenta e seus agenciadores.

* * *

Textos escolhidos, de Malatesta, L&PM-editores. Mais um volume da Biblioteca Anarquista, com seleção e notas do Grupo Anarquista 1º de Maio, da França, trad. de Zilá Bernd. Eis uma definição de Errico Malatesta, que situa sua postura e suas preocupações: "É anarquista, por definição, aquele que não quer ser nem oprimido nem **opressor,** aquele que quer o máximo de bem-estar, o máximo de liberdade, o maior desenvolvimento possível para **todos** os seres humanos."

* * *

Direito, poder e opressão, de Roberto A.R. de Aguiar, Ed. Alfa-Omega, 2ª edição. Respaldado em Foucault e Marx, o A. revela "uma visão não muito comum na teoria geral do direito"; a partir daí busca caracterizar o direito dos opressores e o direito dos primidos, o direito do capital e o direito do trabalhador. Indicado para professores e alunos dos cursos de Direito, é também útil para estudiosos de Sociologia, Ciência Política e Filosofia.

Anuário da Astronomia, de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, Ed. Francisco Alves. Bastante conhecido por seus trabalhos na área, o A. tem se destacado na divulgação da astronomia e da astronáutica entre nós. Há alguns anos vem publicando seus anuários de astronomia. No deste ano insere, além das efemérides do ano, informações que digam respeito especificamente à cronologia, à metrologia, às últimas descobertas astronômicas, etc. Volume fartamente ilustrado.

* * *

As doze chaves da filosofia, de frei Basile Valenti, Ed. Global/Ground. Considerado "o mais claro expositor da Alquimia" e que este seu livro "é uma obra-prima do hermetismo e uma porta aberta para a obtenção da Pedra Filosofal e do dom de Deus", diz Márcio Pugliesi na apresentação que o trabalho é tido na mais alta conta pelos adeptos ao longo da história da Alquimia, sendo que o alquimista Fulcanelli assinala: "Basile Valenti... o artista mais considerável talvez que a arte hermética jamais produziu". Da col. Ocultismo e Esoterismo.

* * *

A arte da alquimia e a pedra filosofal, de São Tomás de Aquino, Ed. Global/Ground. Não há certeza se estes textos são realmente de S. Tomás de Aquino ou a ele atribuídos. Deixando de lado a discussão, para os adeptos eles são considerados o primeiro, extremamente claro a respeito dos princípios da Grande Arte, e o segundo como valioso instrumento para Alquimistas e Insufladores. Da col. Ocultismo e Esoterismo.

* * *

Manual de Ocultismo, de Sepharial, Ed. Francisco Alves. Considerado um mestre das Ciências Ocultas, o A. trata aqui de temas como Astropologia, Numeralogia, Kabalah, Artes Adivinhatórias, Alquimia, Psicoletria, Tarologia, Sonhos, Hipnotismo, etc. Na apresentação, Kaanda Ananda diz que "apresentar um mestre ocultista como Sepharial, na coleção Arcanos, é motivo de orgulho e alegria" e que ele tem uma linguagem simples e lúcida.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

372 - MIGUEL, Salim. Livros – Poesia, neste fim de ano.... **O Estado,** Florianópolis, 16 dez. 1984

LIVROS

372

Salim Miguel

Poesia, neste fim de ano

A poesia resiste. E continua dando seu recado. Os poetas insistem; e transmitem, de acordo com uma sensibilidade afinada com seu tempo e seu meio, uma visão de mundo, de vida, do homem.

Aqui, poetas de várias gerações, tendências, formações, muito ou pouco conhecidos, em edições de grandes editoras ou editoras anônimas, contribuem para este momento da poesia.

Não vamos analisá-los; vamos, simplesmente, em rápidas palavras, tentar situá-los; e transcrever um poema ou um trecho do fazer poético de cada qual deles.

Para começar, ninguém melhor do que Drumond. Especialmente quando o nosso poeta maior surge, inteiro, com novos poemas, neste **Corpo**, da Ed. Record, com ilustrações de Carlos Leão. Falar o quê de Drumond? Ele é sempre sensível e íntegro, lírico e irônico por igual, atento ao que está no mais íntimo do ser humano e ao que rodeia. Vejamos este "Passatempo": O verso não, ou sim o verso?/Eis-me perdido no universo/do dizer, que, tímido, verso,/sabendo embora que o que lavra/só encontra meia palavra./

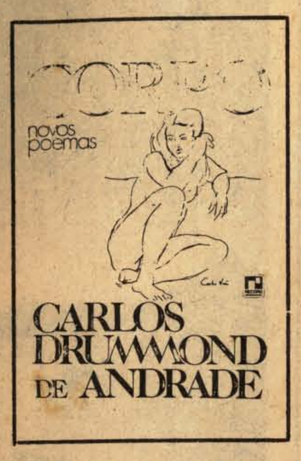
Num país de memória curta, não é de estranhar que Jorge de Lima ande meio esquecido. Neste **Jorge de Lima: Poesias esquecidas**, pesquisa e nota introdutória de Moacir Medeiros de Santana, da Edufal, reunião de trabalhos que o poeta havia publicado em jornais de Alagoas, na sua maioria. Se não temos, nestes primeiros versos ainda o grande poeta que explodiria pouco depois, já se pode sentir sua sensibilidade afinada. Eis o início de " La coxia": O velho tirava a máscara/ e embaixo de cada máscara/ uma outra máscara surgia./ Surgiu um homem sisudo/ fingindo um jeito de guia/ mas logo o homem sisudo/ virou um bobo que ria./

Ruy Espinheira Filho é conhecido nosso, ganhador que foi do Concurso Nacional de Poesia, Prêmio Cruz e Sousa. Aqui, numa edição da Philobiblion/Pró-Memória/INL, na col. Poesia, Sempre, ele reune em **Morte secreta e poesia anterior**, sua obra poética até agora. São 18 anos de poetar, um poetar, segundo o autor, que se dá quanto há "predisposição". Sensibilidade e apuro formal são as marcas do Ruy, como neste trecho de "Fuga": Escuto o tempo fluindo/no rumor azul da tarde./E sinto-o ventar em mim/e doer bem onde arde/meu coração — doer com/incontáveis estilhaços/de idos objetos e/de mim mesmo./, extraído do livro **As sombras luminosas**, livro vencedor do Cruz e Sousa.

Se é raro um livro de poesia ultrapassar a primeira edição, o que dizer daquele que alcança a vigésima. Mas o espanto pode diminuir se estamos falando de **Morte e vida severina e outros poemas em voz alta**, de João Cabral de Melo Neto, Ed. José Olympio. A aceitação e a fortuna crítica do Autor, e mais especificamente do "Morte", ultrapassaram há muito nossas fronteiras. E ele, hoje, uma de nossas mais altas vozes. Quem, interessado em poesia, não se lembra deste início, quando o retirante explica ao leitor quem é e a que vai: "—O meu nome é Severino,/não tenho outro de pia./Como há muitos Severinos,/que é santo de romaria,/deram então de me chamar/ Severino de Maria;/

Livro de gazéis, Ed. Record, nos devolve o mesmo Carlos Nejar tão conhecido de outros livros, hoje sem dúvida um nome significativo de nossa poesia, aqui trabalhando seus gazéis, que são cânticos de amor árabes e persas. Incentivo, lírico, amoroso, atento à palavra e seu fascínio, Nejar nos oferece momentos de encantamento, como neste "Água





dormida": O remo,/ andorinha da água./E o meu corpo/sobre o teu/ avançava./Andorinha/na alma./

Sérgio Santânna é ficcionista criativo, com uma prosa forte e sensível; aqui, outra faceta de seu talento, neste **Junk Box** (Ed. Anima), que ele denomina de "Uma tragicomédia nos tristes trópicos", onde os versos servem (ou irrompem) para que ele nos dê uma visão do nosso hoje, numa caminhada rica de idéias e sugestões. Vejamos o funcionamento deste "A junk-box": Meto a moeda na máquina/ e o tempo se põe a girar/ para trás./O **pick-up** rompe uma teia/ afugentam a aranha/os **spot-lights**./

Em **Rio das almas** (Ed. Cátedra-Pró-Memória/INL), Afonso Felix de Sousa, uma das mais expressivas vozes poéticas da chamada "geração 45", nos dá uma rapsodia dramática, oferecendo-nos, em sua linguagem dúctil e forte, um quadro entre histórico e lendário de um fato ocorrido durante a descoberta do ouro no sertão goiano. Eis um trecho do "Pregão", que abre o livro: 1.ª voz — Era uma vez: Junto às lavras/passava um rio sem nome./Lá, o que foi brilho de ouro/ o tempo apaga e consome./Lá, a história das pessoas/o tempo passa e não come./

Sérgio de Castro Pinto é das novas gerações. Dono de um verso tenso e de uma linguagem muito pessoal, desde logo marca um lugar definido entre os nossos novos poetas. Mas não só o verso e sua buscao da perfeição preocupam o poeta; ele também se preocupa com o homem e sua destinação, atento ao seu meio e seu tempo. **Domicílio em trânsito e outros poemas**, Ed. Civilização Brasileira/Pró-Memória/INL reune sua produção de 1966 a 1982. Vejamos estes "Dois poemas 3 x 4": a) a máquina da manhã espoca/ e aciona o seu (dia) fragma:/o sol é um **flash** que me flagra/ após me revela às negativas do dia./ b) entro na fotografia/ como quem do mundo/se homizia./ sem livrar o flagrante./ (instantâneo eu sei que sou/neste mundo lambe-lambe)./

Rio do vento, de Antonio Pinto de Medeiros, da Nossa Editora/ Fundação José Augusto, nos chega, nesta 2.ª edição (a 1.ª é de 1951 em edição do autor) pelas mãos da contista Edna Duarte. Foi bom retomarmos contato com um poeta que sabe se expressar e transmitir. E concordamos com Dorian Jorge Freire quando fala da "saudade de toda a magia dos versos de Pinto, de seu ritmo, de sua cadência". Vejamos então: Presença inquieta sobre a noite imóvel/ E vã. Sons em delírio sobre o mármore/ Matam o silêncio que nasceu das águas/Para afogar o esquema em desespero/ (do poema "Enigma número treze").

O sonhado e o sofrido, Ed. Cadernos da Serra, é o mais recente livro de poemas de Oliveira e Silva. Em silêncio, vem ele, ao longo dos anos, construindo uma obra marcada por fina sensibilidade; atento ao fluir do tempo, ele se debruça sobre seu ser e sobre o passado para extrair momentos de reflexão ou lições de vida. Eis um exemplo, neste "Sim, Goethe": Goethe! Sim, tens razão, enquanto no universo,/Tudo se expressa em imortalidade,/As estrelas, nas noites de verão,/Mostram que, além do nosso tempo, irradiarão,/E a lua comove os corações românticos./E o crepúsculo inspira sonhos e cânticos./Somente a felicidade humana é transitória./ Depois de nos dar momentos de glória./Escapa, foge, sem qualquer explicação.../

Poesias de alguém e do eu também, de Jacy de Siqueira, Ed. Oriente, se subordina ao que o autor chama de "ou a quase história das nossas alegrias e misérias cotidianas". Tênue melancolia perpassa os versos, a que não falta certa dose de ironia. Eis uma amostra neste "Sobrevivência": Enorme lagarta verde/comeu a única folha/ do meu pé de couve gorda./Refestelou-se no caule/gozando a fresca manhã/bem bom da vida boa./Questão de sobrevivência/dela e minha também./Como tudo se transforma,/agora como a largata?/

Raízes aéreas, Ed. Movimento, é a estréia em livro de Sandra Losekann. Mas, como acentua Maria Helena C. Regis na Apresentação, a Autora "não adere a cacoetes modernistas, mas nem por isso deixa de inovar, quer pelo toque poético que consegue dar às coisas do dia-a-dia, quer pela maleabilidade que dá à língua. Vejamos o final do poema "Espera": Eis que me olho e não me compreendo/no gesto ou no silêncio,/na superfície ou na profundidade./Que me lasco dia a dia no tempo,/me multiplico ao vento,/e arranho a alma nesta ingrata luta por ser eu/tão somente eu,/ que me espero em mim e não chego./

Do que foi antes, Lucy Assumpção, Ed. Nórdica, a partir do título já nos situa na proposta desta poeta catarinense que há muito reside no Rio. Na Aparesentação ao livro diz Lucia Aizim: "Sem extravasamentos, sem palavras em demasia, sua marca é a densidade". Tomemos este "Exercício de delicadeza": Naquele correr de dias errantes/ Porejando mágoas sem fim/—caladas, por isso sem ecos—/desfilaram anos./ Polindo e luciluzindo/suave reflexo./

Mas não só de poesia brasileira se vive. Anotemos, então, livros de outras terras e outras vozes.

Uivo — Kaddish e outros poemas, de Allen Ginsberg, **LePM-editores, prefácio, seleção**, tradução e notas de Cláudio Willer, chega-nos quase trinta anos depois de sua publicação nos EUA. Aliás, só agora se dá para valer a descoberta da geração **beat** entre nós. Pouco importa insistir se chega cedo ou tarde. Importa é nos debruçarmos sobre o poeta e sua mensagem, e como assinala Willer, "nos ajudar a interrogar criticamente sobre nossa produção. Assim começa o poema "Uivo: Eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela loucura morrendo de fome, histéricos, nus/ arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada em busca de uma dose violenta de qualquer coisa/ "hipsters" com cabeça de anjo ansiando pelo antigo contato celestial com o dínamo estrelando da maquinaria da noite./

Escritos de William Blake é o sexto volume da coleção Rebeldes e Malditos, da LePM. A tradução é de Alberto Marsicano e Regina de Barros, com introduções de Yeats e Eliot, sendo que alguns dos poemas são também publicados em inglês. Nascido em 1757 e morto em 1827, Blake não só marcou a poesia de sua época como sua influência se faz sentir em muitos poetas do século XX. Desde cedo ele passou a ter estranhas visões, intensas e coloridas — e isto se refletiu na sua obra. Para Yeats, Blake foi "mais puramente um poeta do que qualquer outro em seu tempo"; e Eliot acentua: "Blake foi dotado de uma capacidade de compreensão da natureza humana considerável, de um senso de linguagem e de uma musicalidade da língua notável e original, e da dádiva de uma visão alucinada". Exemplo de sua arte neste **Poema**: "Num grão de areia ver um mundo/Na flor silvestre a celeste amplidão/Segura o infinito em sua mão/E a eternidade num segundo./"

Fronteira azul carregada de futuro, A. Vicente Campinas, Ed. do Autor. Ficcionista, memorialista, poeta, combatente experimentado nas lutas do povo português, tendo vivido no exterior durante a ditadura salazarista, Campinas vem, ao longo dos anos, realizando uma obra coerente e que se qualifica por seu forte conteúdo humano, sua carga de denúncia, sua clara visão do homem e sua destinação. Ele assinala repetidamente que se, "com seu trabalho de escrita, qualquer pessoa pode conseguir a transmissão de suas idéias, mais ou menos perfeitas ou imperfeitas, a determinadas camadas de gente sensível aos atropelos da injustiça sobre os mais desfavorecidos de uma sociedade de explorados e exploradores, deve com isso sentir-se compensado". Mas na obra de Campinas, marcada pela denúncia e pela ironia, para além disso nota-se também uma preocupação com o como dizer. Eis um trecho do poema "A outra poesia", onde ele glosa uma Festa de Poesia efetuada em Afife: "Enquanto os meus irmãos (ou adversários)/poetas portugueses/e universais/se entretêm a descascar a querida Poesia/afifando-lhe em Afife/o fogo da beleza que merece/eu velho perseguidor/de um lugar ao sol no seu rebanho/descasco batatas e cebolas/para a panela de sopa poética/que há-de aconchegar o espaço/onde florece o estômago da fome./"

REGISTRO

Canudos na literatura de cordel, *José Calazans, Ed. Ática. A controvertida figura de Antonio Conselheiro vista através da literatura de cordel. O Autor, da Universidade da Bahia, colheu documentos valiosos, que se juntam aos versos onde se fala de Canudos, reunindo além dos ABCs recolhidos por Euclides da Cunha, mais quatro importantes folhetos populares. Vol. 110 col. Ensaios.*

* * *

A vida no barbante — A literatura do cordel no Brasil, *Candice Slater, Ed. Civilização Brasileira. Minucioso estudo da literatura de cordel, por uma brasilianista que viveu dois anos entre nós dedicando-se a examinar esta manifestação cultural popular. A Autora apoia seu trabalho em bases sociológicas seguras e numa conceituação teórica da antropologia cultural, além da pesquisa de campo.*

* * *

Política cultural, *Marilena Chauí, Antonio Candido, Lelia Abramo, Edélcio Mostaço, Ed. Mercado Aberto. Os Autores, nomes sobejamente conhecidos, buscam romper com a tradição elitista da área e refletir sobre a classe trabalhadora e de que maneira ela não só deve participar, mas também contribuir para uma efetiva política cultural. Volume 1 da Série Tempo de Pensar, co-edição com a Fundação Wilson Pinheiro.*

Manaus, amor e memória, *Thiago de Mello, Ed. Philobiblion. Um hino de amor à Manaus, mais especificamente, e ao Amazonas, de forma indireta. O Autor fala, com lirismo e paixão, da cidade, das florestas, do povo, de tudo enfim que feriu sua sensibilidade. Antes de seu ABC-dário íntimo para uso público: "um ABC que já perdeu a voz mas nos ensina a soletrar o tempo", ele nos diz de como e porque o livro nasce.*

* * *

História da sexualidade — II — O uso dos prazeres, *Michel Foucault, Ed. Graal. Discutido filósofo e historiador francês falecido em meados deste ano, Foucault trabalhou longamente nesta obra. Esta 1ª parte só viria a aparecer oito anos após a primeira. Ao examinar a genealogia do desejo a partir da mais remota antigüidade, ele coloca, ao mesmo tempo, importantes questões sobre a formação da moral.*

* * *

Como aprendi a escrever, *Máximo Gorki, Ed. Mercado Aberto. Neste ensaio autobiográfico, Gorki conta de que maneira se aproximou da literatura, e a partir daí passou também a escrever, sua luta com a palavra (paralela à sua luta pela sobrevivência), suas descobertas e inquietações. Este pequeno texto autobiográfico, tranqüilamente, ser colocado ao lado de outros que ele deixou, como* **Infância; Ganhando meu pão, Minhas universidades.**

* * *

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Casa de Campo, um desafio para o tradutor

Janer Cristaldo é professor universitário (lecionando atualmente na UFSC), jornalista, cronista, ensaista (ainda há pouco a Editora da UFSC publicou seu **Mensageiros das fúrias**, uma leitura camusiana de Ernesto Sabato, que nesta segunda feira, dia 5, estará sendo lançado na Feira do Livro de Porto Alegre), e tradutor (especialmente do sueco e do espanhol).

Agora, mais uma tradução de Janer Cristaldo acaba de chegar às livrarias. Trata-se de **Casa de campo**, romance de José Donoso, nome dos mais significativos da prosa hispano-americana, nascido no Chile mas há muito residindo na Espanha.

Se bem que ainda não suficientemente conhecido entre nós, ele tem mais sorte, por exemplo, do que um José Lezama Lima, considerado "o Proust do Caribe", mas que embora muito elogiado não conseguiu até hoje ver traduzido o seu importante **Paradiso**.

Com **Casa de campo**, publicado pela Difel, são já três os livros de Donoso aparecidos no Brasil: **O obseno pássaro da noite**, tradução de Remy Gorga filho, pela Ed. Francisco Alves; **O misterioso desaparecimento da marquesinha de Loria**, tradução de Maria Filomena Boavida e Alfredo Tinoco, também pela Difel.

Ao surgir, no Brasil, **O obseno pássaro da noite**, em resenha para o **Jornal do Brasil** chamávamos a atenção para o livro e o que isto significava no sentido de um melhor conhecimento do que se escrevia na nossa América; o mesmo fizemos, aqui na coluna, quando saía a história saborosa da erótica marquesinha.

Agora, a propósito de **Casa do campo** (e do autor José Donoso) passamos a palavra ao tradutor Janer Cristaldo, que neste depoimento nos fala da tradução e seus problemas, do autor e do livro.

— José Donoso é mais um destes nossos vizinhos, de obra vasta e publicada em vários idiomas, e praticamente desconhecido no Brasil. O brasileiro, com sua mania de reverenciar a exausta cultura européia, vira as costas para a América Latina. Ironicamente é aqui — e isto segundo os próprios europeus — que estão surgindo os mais importantes romances contemporâneos. Na atual literatura européia não há língua que tenha produzido, simultaneamente, autores do porte de um Ernesto Sábato, Vargas Lhosa, Garcia Márquez, Alejos Carpentier, Otávio Paz, Borges, Carlos Fuentes, Donoso e tantos outros.

— Entre os principais títulos de Donoso estão **Coronación**, **Este Domingo**, **El Lugar sin Limites**, **El Jardin de al Lado**, **O Obsceno Pássaro da Noite** e **O Misterioso Desaparecimento da marquesinha de Loria**, estes dois últimos já traduzidos no Brasil. **O Obsceno Pássaro da Noite** — onde já notamos elementos de **Casa de Campo**, tais como a luta pelo poder, o conflito entre o novo e o velho, a própria casa — foi publicado pela Francisco Alves, em 1979, e passou praticamente despercebido pela crítica, embora tenha sido o livro que projetou Donoso internacionalmente. Há poucos meses a Difel lançou **O Misterioso Desaparecimento** e o silêncio da crítica foi ainda maior, parece que os críticos carecem de coordenadas e têm medo de se manifestar. Mas não creio que o mesmo vá ocorrer com **Casa de Campo**. O romance é fascinante, obra madura de escritor que esbanja talento, e nos prende do primeiro ao último parágrafo. Mas o leitor terá de adaptar-se à respiração em grandes haustos de Donoso, onde às vezes uma frase ocupa mais de uma página.

Como toda obra maior, admite inúmeras leituras. Ora nos parece constituir uma sátira feroz à hipocrisia familiar, ora parece ser um apólogo genérico de todas as revoluções, ora parece que estamos em pleno Chile de Allende. O relato é tão nosso conhecido, é tão déjà vu, que o autor continuamente necessita intervir no romance para avisar: olha, isto aqui não é nada real, é mera fábula, ficção.

— Em janeiro passado, numa palestra na Universidade de Estocolmo, os alunos me perguntavam quais as dificuldades de tradução do sueco para o brasileiro. Nenhuma, respondi, basta saber o sueco. O difícil é traduzir do espanhol para o brasileiro. Há pouco, um amigo me dizia ser totalmente desnecessária esta tradução, o leitor brasileiro deveria deixar de lado a preguiça mental e ler no original espanhol, e um pequeno dicionário bastaria para seu entendimento.

Discordei profundamente, pois tenho três enormes dicionários e às vezes me vejo apertado como tradutor. E o mais problemático não são as palavras desconhecidas, mas justamente as que aparentam ser mais conhecidas, os famosos "falsos amigos" que tanto enganam o tradutor inexperiente. Vejamos esta frase elementar do espanhol: "el cachorro lamía el oso". Num teste que propus a alunos dos últimos semestres de espanhol do Curso de Letras da UFSC, não houve uma única resposta certa. E duvido que o leitor menos familiarizado com o espanhol consiga traduzir esta frase. Sua tendência será: o cachorro lambia o osso.

Quando a tradução correta é: o filhote lambia o urso. Multiplique-se por mil este tipo de armadilha, e se terá uma pequena idéia da "facilidade" de traduzir do espanhol para o brasileiro. Bom, estes problemas abundam no livro de Donoso, e minha lista de "falsos amigos" aumentou consideravelmente. Fora isto, a estrutura de frase de Donoso é bastante complexa, o que me fez acrescentar, cá e lá, alguns pontos e vírgulas para permitir uma certa tomada de fôlego ao leitor.

— Outro problema é a briga do tu e você, se bem que este problema não é do espanhol, nem do brasileiro, mas do eixo Rio—São Paulo. Cariocas e paulistas pretendem eliminar o tu do idioma nacional, relegando-o à condição de gauchismo. Toda a vez que eu coloco tu, o revisor da editora o troca por você. Acontece que tu não é gauchismo, a menos que passemos a considerar como gaúchos escritores como Lima Barreto, Machado de Assis, Monteiro Lobato ou Nelson Rodrigues. Em **Casa de Campo**, usei tanto tu como você, pois ambos me pareciam necessários para graduar a distância entre os personagens. O revisor, em um primeiro momento, eliminou o tuteamento.

Felizmente sua revisão me foi enviada e chegamos a um acordo sensato: a estrutura da obra exige tanto um como outro tratamento, expliquei, e minha tradução foi respeitada.

— Penso que essa uniformização da linguagem, essa imposição do você, é coisa da rede Globo. Como sou homem do livro e não assisto televisão, nada tenho a ver com isso. Diz-se, entre nós, que as traduções são como as mulheres, quanto mais belas mais infiéis. Não concordo muito com a proposição, primeiro porque conheço muita mulher linda e, infelizmente, fiel. Segundo porque, pelo menos em matéria de tradução, prefiro ser fiel.

— Outras traduções?

— Já está no prelo, pela Francisco Alves, "**Nós e o Universo**", o primeiro livro de Ernesto Sábato, uma série de ensaios onde o autor se despede da ciência. Curiosamente, era um dos livros mais apreciados por Che Guevara, que mais tarde será personagem em **Abadon, o Exterminador**. E a Difel deve estar lançando, até o final do ano, **Mazurca para dois mortos**, do mais importante escritor espanhol contemporâneo, don Camilo José Cela. **Mazurca** é o relato de uma vingança e ao mesmo tempo uma discussão da Guerra Civil Espanhola, é a História vista não pelos que a fazem, mas pelos que a sofrem. Esta tradução foi o maior desafio que já aceite, pois Cela costuma entremear galego com espanhol, e não foi fácil traduzir dois idiomas a um só.



REGISTRO

O caso Rubem Fonseca, de Deonísio da Silva, Ed. Alfa-Omega. Subintitulado "violência e erotismo em Feliz Ano Novo", Deonísio toma como ponto de partida para seu trabalho o livro de igual título de Rubem Fonseca, até hoje proibido. A partir daí examina minuciosamente o problema da censura na literatura brasileira da década de 70, e a própria literatura, como ela se fez e como procurou escapar à censura. Deonísio é profundo conhecedor da obra de Rubem Fonseca. Mas seu ensaio extrapola o tema, para se situar entre os bons ensaios publicados nos últimos tempos.

• • •

Couraça muscular do caráter (Wilhelm Reich), de José Angelo Gaiarsa, Ed. Agora. O A. tenta correlacionar dados da fisiologia muscular, visual, respiratória e nervosa, de biomecânica e de cinesiologia, com o comportamento e com os fenômenos de consciência. O livro procura mostrar o valor psicológico de nossos movimentos e de nossas atitudes. Médico, psiquiatra, Gaiarsa busca uma união entre o conhecimento científico em termos de divulgação e comunicabilidade, no sentido de atingir um público mais amplo. Edição fartamente ilustrada.

• • •

Três abordagens em psicoterapia, uma comprovação clínica, de Clemens A. Loew, Henry Grayson, Glória Heiman Loew, trad. de Ann Elizabeth Hamer, Summus Ed. Psicoterapêutas de diferentes correntes dão um enfoque teórico e prático de três casos: a personalidade obsessivo-compulsiva, a personalidade esquizóide e a disfunção sexual da frigidez. Em cada caso a abordagem é cuidadosamente examinada.

• • •

Memórias de um doente dos nervos, de Daniel Paul Schreber, Ed. Graal. O A. é considerado o paciente mais famoso da história da psiquiatria e da psicanálise. Descoberto por Freud, este seu livro de memórias foi objeto do principal trabalho sobre a psicose, conhecido como "O caso Schreber". Por muitos motivos, este livro de Schreber (1842-1911) acabou por se tornar a principal referência clínica dos estudos sobre a paranóia. Trad. do alemão e organização por Marilene Carone.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

A propósito de Memórias do Cárcere

Por mais que se leia a respeito na imprensa nacional ou internacional, por mais que se ouça a respeito a opinião de amigos e conhecidos, ainda assim **Memórias do Cárcere,** o filme de Nelson Pereira dos Santos, baseado na obra homônima de Graciliano Ramos, surpreende e emociona.

Surpreende pelo vigor da adaptação, pela proposta de recriação do universo tenso e dramático que mestre Graça retratou, pelas patéticas figuras que transitam ao longo do livro e que o fime nos devolve com igual inteireza e emoção

Se por um lado Graciliano Ramos nos remete para o passado, por outro o filme nos faz refletir sobre o presente.

Nelson procurou ser fiel à visão de mundo do autor de **São Bernardo;** mas essa fidelidade não o impediu de criar uma obra que se sustenta por seus valores fílmicos específicos. Daí, que sem falsear a mensagem contida no livro, uma clara mensagem contra o arbítrio e a violência, buscou dá-la na linguagem própria de uma arte autônoma que é o cinema. E as mais de três horas do filme transcorrem sem que percebamos, mesmo se o estamos vendo pela segunda ou terceira vez, pois a cada uma delas **Memórias do Cárcere** tem mais a acrescentar à nossa sensibilidade.

Arquivo



Graciliano Ramos

Tudo isto já foi exaustivamente examinado, discutido, louvado. Tudo isto continuará, estamos certos, a ser examinado, discutido, louvado.

Porém entre os méritos do filme, certamente um destaque para a interpretação de Carlos Vereza no papel de Graciliano Ramos. Ela apaixona: contida, exata, ao mesmo tempo de dentro e de fora.

Vereza é o homem que sofre na própria carne as agruras da prisão e é o escritor que observa e anota minunciosamente tudo aquilo, para nos mostrar o que representou para Graciliano e para os outros, para deixar um testemunho e extrair uma lição de vida.

Sem ser fisicamente parecido Graciliano Ramos, ele é Graciliano, ele se torna Graciliano, através de uma composição pela qual recupera o homem e o escritor. Nos menores gestos, na menor expressão fisionômica, na entonação, na maneira de andar e de mexer a cabeça, no escrever, no pegar um cigarro e levá-lo à boca.

De repente, sentados na poltrona do cinema, ficamos em dúvida: qual o verdadeiro Graciliano? O que havíamos conhecido, com quem havíamos convivido, debatido idéias sobre literatura e arte, sociedade e vida, ou autor que se movimentava na tela, tão diferente e tão igual?

Pouco importa. Importa é que, por intermédio dele, de sua consciência artística, do que ele nos transmite, passamos a compreender mais e melhor um período de nossa história, com todas as suas dolorosas conseqüências.

Sucesso da Segunda Bienal Nestlé e sugestões para a três

A principal inovação (e bastante válida) da 2ª Bienal Nestlé de Literatura foi que, desta vez, paralelamente à entrega dos prêmios aos vencedores nas categorias conto e poesia (o prêmio de romance deixou de ser atribuído), tivemos o lançamento dos livros. No mais, esta 2ª Beinal se assemelhou à 1ª. Reuniu escritores, professores e jornalistas de todo o País, mostrou que a literatura continua viva, que tem uma contribuição a dar e que existem nomes de valor em todos os quadrantes do Brasil.

Apenas, aqui, não houve maior interesse pelo lançamento dos livros, realizados em horário impróprio, coincidindo com os Seminários; e a cobertura de imprensa, perto da Bienal anterior, deixou a desejar. Não existiram como da primeira vez, reportagens e entrevistas, agilidade na cobertura e no atendimento aos jornalistas, que lutavam com dificuldade para passar o noticiário para os Estados.

Deve-se, contudo, acentuar que os debates do Seminário, sempre lotado foram mais vivos e menos formais do que na versão de 1982, com alguns depoimentos de forte e emocionante conteúdo humano, como, por exemplo, o de Lygia Fagundes Telles.

Mas, acreditamos, para a próxima Bienal, que foi confirmada, mostrando que o projeto deu certo e tende a se firmar, algumas modificações poderão ser intentadas. Uma delas: é difícil alguém resistir sem se saturar a uma média de seis horas de debate, por melhor que seja a qualidade dos debatedores. Outra: talvez fosse bom pensar em levar a Bienal para outro Estado, e não fazê-la tão próxima da Bienal Internacional do Livro. Mais: em lugar de **stand** de Editoras para venda de livros (e houve Editora que não vendeu um único exemplar, já que não circulou quase público e os participantes do Seminário saíam esgotados e sem ânimo para nada), apenas mostruários com exposição dos títulos do ano, bem à entrada do local do Seminário. Poder-se-ia, também, estudar uma fórmula capaz de tornar mais atraente a mostra (importante) de filmes baseados em obras de autores brasileiros. Quem sabe com debates, com a presença de diretores, argumentistas, roteiristas, atores!

tas, atores!

OS VENCEDORES

Quatro gaúchos, uma mineira e um paranaense foram os vencedores, sendo que no conto os três prêmios couberam a gaúcha, dois deles reincidentes: Aldyr Garcia Schlee, com **Uma terra só** (que na versão anterior do concurso abocanhara o 3º lugar em contos); Lourenço Cazarré, com **Enfeitiçados todos nós** (que na Bienal de 1982 fora o primeiro colocado em romance); e Renato Modernell com **O homem do carro motor**. O outro gaúcho foi Floro Freitas, de Andrade, 2º lugar em poesia com **Águas**. O primeiro lugar coube ao paranaense Foed Castro Chama, com **Pedra da transmutação**; e o terceiro à mineira Yone Rodrigues com **A razão do pássaro**.

Também escritores representativos foram homenageados, recebendo uma estatueta de bronze: Adonias Filho no romance; Lygia Fagundes Telles no conto; Rubem Braga na crônica; Fereira Gullar na poesia.

Bienal e Seminário a parte, o evento permite que se reencontrem amigos, se faça novos conhecimentos e/ou se trave conhecimento com amigos distantes que se conhece através de correspondência ou da obra.

Caracterizado o sucesso desta 2ª Bienal, a exemplo do que ocorreu na 1ª, Antonio Salgado Peres Filho e Iraty Marques Ramos, da Nestlé, puderam confirmar a realização da 3ª. Enquanto isto, Domício Proença Filho, idealizador e coordenador da Bienal, cansado porém feliz, declarava que, atendendo as sugestões que lhe estavam sendo levadas, ia começar a pensar em algumas modificações para o próximo encontro. Até 1986.

REGISTRO

Arte e sociedade — Uma visão histórico-filosófica, Márcio Tavares do Amaral, col. Antares Universitária, Ed. Antares/Pró-Memória-INL. O autor não se limita a uma abordagem estético-literária; prefere método interdisciplinar, sob a dominância do enfoque histórico-filosófico, para realizar um trabalho de reflexão sobre os modelos de relação entre arte e literatura, de um lado, e a sociedade de outro. Dada a complexidade da questão, ele começa o livro com uma introdução didática, que familiariza o leitor com o percurso da obra, para a seguir se aprofundar em tópicos que levam a um exercício da possibilidade de pensar nos limites da Metafísica.

* * *

Alma Beat — Ensaios sobre a geração Beat, L PM-editores, edição de Eduardo Bueno. De repente, ressurge com força total no Brasil, a geração Beat. Editores *lançam seguidamente livros de nomes* que dominaram a cena americana na década de 50. Agora, neste livro, alguns ensaístas brasileiros buscam situar o que representou aquela geração e o que ela significa hoje. São trabalhos de nomes como Antônio Bivar, Cláudio Willer, Eduardo Bueno, Leonardo Froes, Pepe Escobar, Reinaldo Moraes, Roberto Muggiati. Além de estudos sobre os Beats, há textos inéditos de alguns deles, como o poema de Ginsberg sobre Guevara e o texto de Snyder sobre o Brasil ou o poema de Kerouac sobre Rimbaud.

* * *

Existencialismo e Psicoterapia, Valdemar Augusto Angerami (Camon), Traço Ed. O autor discorre sobre a prática psicoterápica realizada à luz do Existencialismo, trazendo à tona reflexões *sobre aspectos inerentes à existência do* homem contemporâneo, como solidão, angústia, tédio existencial. Da Série Psicoterapias Alternativas.

* * *

Videoterapia — Ira Heiveil, trad. de Maria Silvia Mourão Neto, Summus Ed. Este livro é um guia prático que mostra aos terapeutas como usar as técnicas do vídeo para o aprimoramento de seu trabalho com os clientes. O livro transmite diretrizes específicas para mais de 100 atividades na área, incluindo capítulos sobre terapia individual e de grupo com adultos e com crianças, terapia familiar e terapia sexual, bem como tratamento dos dependentes de drogas, alcoólatras e outros.

* * *

Os olhos inocentes, Leandro Tocantins, col. O ofício de viver, Philobiblion. Prêmio Osvaldo Odorico da ABL, a respeito deste livro diz Rachel de Queiroz que é "diferente, escrito em estilo muito pessoal, surpreende pela força telúrica, pelo universalismo e pela beleza das imagens". Temos aqui, ao mesmo tempo, um retrato da infância recuperada pelo adulto, e um retrato das tradições e crendices da gente ribeirinha dos rios e florestas acreanas. Assinala o autor que "a memória real nunca é violada" e que "há uma rica profusão de fatos e de sentimentos que o menino soube perceber ou aprender".

* * *

Direito à beleza — Ivo Pitanguy, Ed. Record. Publicado originariamente na França, este livro relata a juventude e a formação de um mestre da cirurgia plástica. Para o autor, o ponto de partida de sua profissão foi o incêndio, em dezembro de 1961, no Gran Circo Norte-Americano, instalado em Niterói. A partir daí ele passou a se preocupar com a cirurgia reparadora, a cirurgia estética. Hoje, depois de ter realizado mais de 40 mil cirurgias, inclusive em figuras de projeção mundial, ele se tornou também mundialmente famoso e conhecido.

* * *

Psicologia hospitalar — Valdemar Augusto Angerami (org.) Traço Ed. Neste novo volume da Série Psicoterapias Alternativas, vários autores de diferentes áreas examinam a atuação do psicólogo no contexto hospitalar e qual sua importância. No Brasil, acentua o organizador do volume, "é uma das temáticas mais revestidas de polêmicas, quando se evocam discussões sobre o papel da Psicologia na realidade institucional.

* * *

Maçonaria — religião e simbolismo, Samuel Nogueira Filho, Traço Ed. Nesta Antologia, o autor reúne trabalhos diversos que examinam a Maçonaria sob os mais diferentes aspectos. Diz Angeli Lyrio Alves de Almeida, Grão Mestre, que aqui temos "obra laboriosa de pesquisa de vários temas maçônicos, que por si só justificam a publicação..."

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

375 - MIGUEL, Salim. Livros – O livro da semana .... **O Estado,** Florianópolis, 12 ago. 1984

REGISTRO

Diários da descoberta da América, *de Cristóvão Colombo. L PM-editores. Segundo título lançado da coleção L PM/História, subdividida em A visão do paraíso (ao qual pertence o presente volume); Os conquistadores; A visão dos vencidos (de que já saiu "O paraíso destruído", de Frei Bartolomé de Las Casas). Temos aqui o relato das quatro viagens e o testamento de Cristóvão Colombo, um relato fascinante e que é, no dizer de Gabriel Garcia Marques, "o primeiro livro de realismo mágico". Considerado um dos maiores navegadores de todos os tempos, este genovês (1451-1506) escrevia aos reis da Espanha, em 1501: "todas as marés em que hoje se navega, eu as percorri". E ainda hoje é gostoso acompanhá-lo em suas viagens e aventuras e descobertas.*

* * *

Brasil: do FMI ao caos, *de Amaury Fassy, Global Ed. Sem recorrer ao economez, o jornalista e economista Amaury Fassy traça um quadro objetivo da crise que assola o País e de nossa dependência tecnológica e financeira; revela, ao mesmo tempo, os terríveis erros cometidos pela tecnoburocracia, responsável, nos últimos vinte anos, por uma política que "transformou o Brasil num simples apêndice do sistema capitalista internacional". Novo volume da coleção "Que País é Este?"*

* * *

Crônica política do Império, *de João Francisco Lisboa, Ed. Francisco Alves/Prô-Memória-INL. Com Introdução e Seleção de Hildon Rocha, estão aqui reunidos trabalhos de valor para o melhor conhecimento da obra de um jornalista e escritor maranhense que, entre as várias lutas empreendidas, batalhou pelo estabelecimento da escola pública e a universalização do ensino. Este volume, além de outros trabalhos, reune, por exemplo, o texto integral do* **Jornal de Timon**, *coletânea de fascículos, nos quais, visando o estudo sócio-político e econômico da antiguidade greco-romana e da Idade Média nos remete para a realidade do seu tempo.*

* * *

Estrutura musical do verso e da prosa, *de José Rebouças Macambira, Pioneira Ed. Conhecido lingüista, autor de obras como* **A estrutura morfo-sintática do português** *e* **Português estrutural**, *temos aqui uma contribuição nova, explorando um tema ainda não abordado na bibliografia especializada: a teoria do verso e a relação verso-música-dança. Relação íntima e sensível, utilizável nas salas de aula.*

* * *

História da ação popular, da JUC ao PCdoB, *de Haroldo Lima e Aldo Arantes, Ed. Alfa-Omega. Um relato, por dois ex-fundadores da AP, deste movimento surgido três anos após o golpe de 64. Os autores vão além: focalizam o movimento estudantil das décadas de 60-70, a participação dos cristãos na atividade política, a evolução do movimento camponês. Haroldo Lima é deputado federal pela Bahia; Aldo Arantes é deputado estadual por Goiás. Ambos pelo PMDB.*

* * *

Os anarquistas, *trabalhadores italianos no Brasil, de Edgar Rodrigues, Global Ed. Um retrato das lutas empreendidas pelos imigrantes italianos de tendência anarco-sindicalista e a importância que eles tiveram na formação de uma consciência operária no nascente operariado brasileiro. Aqui estão lendas, figuras, personagens que marcaram a época.*

* * *

Doces Momentos, *de Marina Nogueira, Ed. Melhoramentos. Mais de 120 receitas, das mais simples às super-elaboradas, de doces e docinhos para todos os momentos e todo tipo de festa. Há também informações sobre os pontos de calda, a equivalência de pesos, medidas e conteúdos, cálculo de doces para crianças e adultos, e um glossário de termos e ingredientes culinários. Tudo ilustrado. Agora é tentar driblar a crise e ver se o orçamento comporta testar algumas das receitas.*

* * *

Receitas da Cozinha Econômica, *de Malu Favero, Ed. Melhoramentos. Dezenas de receitas que transformam as sobras de comida em outras refeições. E é isto que tem que ser feito, pois com os preços dos alimentos, nos dias de hoje não há como jogar fora as sobras de almoço ou jantar. E refazer e comer. Resultado de muito tempo na cozinha, experimentando e testando, estas receitas vem ao encontro da dona-de-casa preocupada em equilibrar o orçamento doméstico, para esticar o dinheiro e não permitir, como disse Millôr Fernandes, que no fim de dinheiro sobre cada vez mais mês. Edição ilustrada.*

* * *

Minas de Forno e Fogão, *de Maria Stella Libanio Christo. Ed. Atica. Receitas bem brasileiras das mineiras terras, doces e salgados para todos os momentos. Só as ilustrações já dão água na boca. A organização das receitas segue o calendário festivo do ano; e as receitas são, por igual, em sua maioria, feitas de maneira simples e econômica. Pudera: só assim, com a crise que assola o País, será possível algum consumidor consumir uma ou outra das receitas. E se assim for, bom proveito e melhor apetite. Caso contrário, que se imagine em tempos mais fartos — e sonhe (ajudando também) um País a sair da crise, tornando viável experimentar estas e outras receitas.*

* * *

Retratos: Entrevistas de Playboy, *de Ivo Cardozo, L PM-editores. Dez personalidades, sete homens e três mulheres, se desnudam para o leitor, nesta conversa franca. Jornalista tarimbado, Ivo soube extrair, de cada um, o melhor retrato no sentido de se ficar conhecendo um pouco mais por dentro a gaúcha Xuxa, a catarinense Vera Fischer, a carioca Betty Faria, ou Agildo Ribeiro, Ricardo Amaral, Paulo Marinho, Zózimo Barroso do Amaral, Ivo Pitanguy, Gerson, João Gilberto. Da revista para o livro, as entrevistas mantém o mesmo interesse.*

* * *

Escritos de Apollinaire, *seleção, notas e tradução de Paulo Hecker Filho, L PM-editores. Este rebelde, poeta, ficcionista, crítico de artes plásticas, marcou um lugar especial entre os renovadores de seu tempo. Em sua curta e fascinante vida (1880-1918), tudo ousou. Referindo-se a ele, um crítico do porte de Otto Maria Carpeaux não fez menos do que dizer: "Apollinaire é o maior poeta modernista, um dos maiores poetas de todos os tempos". Neste novo volume da coleção Rebeldes e Malditos, o leitor tem oportunidade de entrar em contacto com uma obra desconhecida no Brasil, através de uma seleção que nos dá alguns dos momentos mais significativos do criador de* **Caligramas.**

O LIVRO DA SEMANA

O real e o imaginário em "Os mortos estão vivos"

Até onde vai o real e onde começa o imaginário, em **Os mortos estão vivos**, novo romance de Flávio Moreira da Costa, recém-lançado pela Editora Record? Pois o Autor mistura, indiferentemente, figuras que existem (ou existiram) e personagens ficcionais, fatos e situações da história e fatos e situações criadas por sua imaginação. Na trama eles se interligam e interpenetram completando-se.

Este é o 11.º livro de um jornalista e escritor que se exercita em diferentes gêneros, tomando a realidade imediata, muitas vezes, com base de seu trabalho (Veja-se, por exemplo, **Eu vi a Máfia por dentro**).

Aqui, o fio condutor é o jornalista Mário Livramento.

Durante longo tempo, obsedado, o jornalista Mário Livramento tenta desvendar o mistério de alguns estranhos assassinatos, confirmar a existência da misteriosa organização neo-nazista denominada Odessa, que parece atuar em vários países, chegar até o cabeça do grupo de neo-nazistas que existem em diversas partes do mundo, indo do Rio a Carazinho, a Santa Cruz de la Sierra, a Paris, a Viena, a Milão a Lyon. Seria o SS Barbie/Altman o cérebro do renascimento nazista?

Para desvendar tudo isto, Mário percorre alguns países, se mete em complicações, entrevista/enfrenta neo-nazistas e caçadores de nazistas, procura um elo que venha unir tudo aquilo, conhece (e dorme com) mulheres aos milhares, incansável em tudo.

Misto de policial-político-social, com doses de suspense e humor, o livro é por igual reportagem e ficção, equilibrando-se entre os dois gêneros.

Claro que no jornalista Mário Livramento é mais do que fácil vislumbrar muito (ou quase tudo) do próprio Autor, fato que ele mesmo não procura esconder; mas a partir de determinados momentos, o jornalista-do-romance como que se desgruda da pele do jornalista-romancista-autor e passa a viver sua própria (e super tumultuada) vida.

Para além dos méritos do livro, um fato novo a assinalar: com este **Os mortos estão vivos** abre-se (como já ocorre em outros países) mais um campo ao autor brasileiro, se os resultados do investimento forem auspiciosos: a exemplo do editor Alfredo Machado, da Record (o editor Alfredão do romance), que sabe se outras editoras passarão também a financiar escritores para que, dado um tema determinado, eles entreguem em prazo também determinado um original.

Embora já tivesse trabalho em projeto semelhante, Flávio Moreira da Costa não tivera então em mãos um tão ambicioso e que lhe desse condições de se dedicar à pesquisa e elaboração posterior do original. Falando a propósito da mudança do gênero e até mesmo de estilo em seu **Os mortos estão vivos** ele diz:

– Acho que foi mesmo uma mudança interna. O tempo, a vivência, as experiências boas ou más vão atuando nas pessoas e no meu caso foram fazendo com que eu saísse de dentro de mim. Foi também resultado da minha tentativa desesperada de entrar em contato com o outro. Senti que contando uma história como um grande diálogo eu me aproximava mais do leitor, formava-se um contato íntimo, como se fosse um processo de sedução.

Não sei se já fui (ou sou) uma pessoa chata, o que sei é que no momento sou absolutamente contra o livro chato.

Ednalva Tavares



O escritor Flávio Moreira da Costa.

O que o levou a escrever sobre a Oedessa?

– Acho que foi a presença forte na minha infância, no Sul, de alemães presos por espionagem durante a II Guerra Mundial. Mas escolhi o nazismo, principalmente, como um alerta para as pessoas que não se dão conta de que ele está aí na forma de uma volta à extrema-direita, como está acontecendo na França e até mesmo no nosso Brasil atual. É só querer enxergar. Um alerta contra o nazismo cotidiano que acaba se instalando nas pessoas sob a forma de violência, de desrespeito à pessoa humana.

–Fato raro no Brasil, você foi pago antecipadamente pelo seu editor para escrever este livro. Como foi isso?

Realmente foi um fato inédito. Fiz um plano, apresentei-o ao editor Alfredo Machado por intermédio de um amigo comum e uma semana depois o contrato estava assinado. Na minha euforia pedi seis meses de prazo para entregá-lo, mas ele, do alto da sua experiência, deu-me três anos. Poisbem, o livro foi escrito em três meses, justamente os últimos do prazo findo o qual se teria de pagar multa em ORTNs. Foi uma maratona, dia e noite na máquina de escrever, o que acabou me custando o emprego que eu tinha. Mas valeu, o livro está aí.

Por que a pesquisa no exterior?

– Primeiramente por desconfiar da morte misteriosa do nazista Conde de Bernonville, assassinado na Lapa. Outros passos foram sendo seguidos e vários caminhos abertos. Eu precisava saber o que havia por trás das mortes do nazista de Carazinho, do estrangeiro na Praça do Lido, qual o envolvimento do SS Karl Barbie, o famoso "carniceiro de Lyon" com a Odessa no Brasil. Estive em Paris, Lyons e até em Viena com Simon Wiesenthal, o famoso "caçador de nazistas".

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS 376 Salim Miguel

Militarismo no Brasil

Forças Armadas e Política no Brasil

Dado o papel preponderante que as Forças Armadas adquirem em países da América Latina, não são tão numerosos como deviam ser (nem muito significativos) os estudos a respeito do tema. E quando existem, na sua maioria são de estrangeiros (uma visão de fora para dentro), os chamados brasilianistas no nosso caso, que, sendo importantes, sem dúvida necessitam ser complementados com trabalhos de estudiosos dos próprios países.

Daí o particular significado que adquire o trabalho que vem sendo preparado pelo professor Nilson Borges Filho, e de que nos dá um resumo neste **Forças Armadas e Política no Brasil**, que acaba de aparecer. O projeto total é bem mais amplo e ambicioso, aprofundando pontos que aqui são apenas esboçados; mas já se pode ter uma idéia e uma visão aproximada do que representará: de maneira clara e objetiva ele situa a influência e a interferência das Forças Armadas no processo político e o que isto representa; mostra como e porque o apogeu dos regimes militares e autoritários, na América Latina, em especial nos países do chamado Cone Sul, se deu na década de 70. Mais: assinala que para se compreender o problema Brasil, por exemplo, é preciso, antes, se examinar o que aconteceu na América Latina como um todo, pois os problemas se interligam e complementam. Em determinado momento, diz ele, 2/3 da população latino-americana, calculada em 400 milhões de pessoas, passou a viver sob a égide dos regimes militares.

Abrindo o leque de sua investigação, Nilson Borges mostra o que foi e como foi o processo no Brasil a partir da tomada do poder pelos militares em 1964, com a derrubada do governo legal de Goulart, analisa a posterior luta interna entre grupos diferentes de militares, luta que se foi gradativamente ampliado.

Suas conclusões permitem refletir sobre todo o processo e quais suas conseqüências; ele acentua, com justeza, em um dos itens, que "as FFAA quando intervêm no processo político brasileiro não exercem somente o papel de simples instrumento de grupos de pressão, mas também quando estão em jogo certos valores institucionais e corporativos". Em outros dos ítens das conclusões ele assinala que "é no Governo Geisel que vão acontecer as maiores confrontações entre as diversas correntes que trafegam dentro das FFAA...".

Para fechar este registro, estamos com o prefaciador do livro, jornalista Aluízio Batista de Amorim, quando ele diz: "Assim, **Forças Armadas e Política no Brasil** constitui importante referencial para quem busca entender o militarismo brasileiro e se preocupa com o destino do País".

Lição do Palco Verde

Durante mais de 10 anos jovens promovem intenso movimento teatral tendo por palco a Amazônia. E não era apenas um teatro de pesquisa, como forma de afirmação de seus componentes, mas também um teatro que tinha entre seus temas principais os mitos indígenas, a reflexão sobre o passado da região amazonense e a realidade do hoje. O grupo não se restringiu a atuar em Mansu: ia para outros Estados e se internava em plena selva amazônica, dando seu recado e entrando em contato com as populações das pequenas comunidades que viviam marginalizadas.

Márcio de Souza (que se tornou conhecido como romancista em especial a partir da publicação de **Galvez, Imperador do Acre**), um dos principais integrantes do grupo, procura agora, em **O palco verde**, da Editora Marco Zero, recuperar (e refletir) um pouco daquele clima, mostrando o que representou (para os que o fizeram e os que assistiram os espetáculos) aquela experiência enriquecedora. Se ele fala de percalços, fala também de alegrias e descobertas — até que um dia, quando os resultados se tornavam mais palpáveis, o palco se fecha melancolicamente, com as pressões se acentuando até impedir que o Sesc continuasse apoiando o grupo do Tesc.

Ao ler o texto, vivo e inquieto, de Márcio, fiquei pensando: quantas vezes já não vi (vimos) este filme? Lembrei-me, então de que aqui mesmo em Florianópolis um movimento cultural (teatro incluído) que procurava arejar e renovar o ambiente tirando-o da pasmaceira sofreu iguais pressões e foi obrigado, 10 anos passados, a encerrar suas atividades. A distância, no tempo, entre um e outro é de mais de 20 anos: o da Amazônia fins da década de 60; o de Santa Catarina, fins de 40. Mas o relato de Márcio, com pequenas adaptações (a proposta dos jovens catarinenses abarcava outras áreas) poderia ser o que remanescentes do Grupo Sul assinariam.

Não importa. Importa é que a semente fica e germina, que um resíduo permanece — e por mais que as forças da reação queiram a volta, ao antes, não o conseguem. Assim, é ler **O palco verde**, rico em lições instigante, recuperação do passado, mostrando os frutos de um trabalho que alcançou repercussão nacional.



Não morra pela boca

Sonia Hirsch
Idéias & Receitas

SEM AÇÚCAR com afeto

Como evitar um vício doce e mortal

Gostoso de ler, escrito com bom humor, informativo, levando-nos instintivamente a "evitar um vício doce e mortal", este **Sem açúcar, com afeto,** de Sonia Hirsch, que acaba de aparecer pela Ed. Rocco, pode também ser compulsado com prazer por outros motivos: é um livro feito com bom gosto e com afeto, bem diagramado, contendo excelentes material iconográfico, que vem desde incunábulos alemães do século XIV até ilustrações dos nossos dias.

Aliás, registre-se a bem da verdade, o livro anterior de Sonia **(Prato feito)** já revelava igual preocupação com a saúde e com a apresentação gráfica, trabalhando o objeto livro como um tudo, continente e conteúdo. Quem sabe se o fato se deve ao ser ela fotógrafa (ou também fotógrafa); pode bem ser.

Mesmo sem açúcar, o livro não é amargo. Pelo contrário: útil e agradável, bom de ler e bom de olhar; ainda que ele possa, esclareça-se logo, "alterar a sua concepção de prazer".

Na primeira parte, a autora fala do açúcar e de seus malefícios; na segunda temos dicas (eis uma: "prefira panelas grossas, de ferro, aço, barro, ou pedra-sabão") e um "atenção" (A gula é um pecado mortal) antes de chegarmos às receitas que não necessitam de açúcar. Aqui, é prepará-las e testar, seguindo as dicas de Sonia.

Para concluir, não nos furtamos ao desejo de transcrever um trechinho da abertura do livro, quando Sonia, após dizer, "Lenda é? Pois sim", começa a mostrar como o diabo ficou doente de inveja quando Deus criou Adão e Eva, e as artimanhas, nelas incluído o açúcar, para infernizar os viventes. Conclui ela: "Deus nem te digo. Se fazia de surdo. Mesmo porque andava muito ocupado planejando a era de Peixes, por coincidência esta que está terminando agora e que é curiosamente simbolizada por um bicho que morre pela boca".

É isto aí. Leia e veja — e não morra pela boca.

REGISTRO

Contos Mineiros, *col. Minas de Livros, Ed. Ática. Novamente eles atacam. Então se satifazem em vir separados; é um bloco compacto e avassalador, de gama variada no tempo, no espaço, na proposta, na factura. O que dizer além de relacionar os 18 nomes incluídos? Lembrar que ninguém se espante se outro volume, com outros nomes, igualmente mineiros, logo se seguir. Pois os contistas mineiros são incontáveis. Vamos aos autores: Adélia Prado, Aníbal Machado, Drummond, Duílio Gomes, Elias José, Fernando Sabino, Garcia de Paiva, Godofredo Rangel, Ivan Ângelo, Luiz Vilela, Manoel Lobato, Maria Lyzia Corrêa de Araújo, Murilo Rubião, Orlando Bastos, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Roberto Drummond, Wander Piroli. E ler e curtir. Com notas biográficas de cada autor.*

* * *

Alfinete e bombons , *de Mauro Mota, Liv. José Olympio Ed. Os que conhecem o poeta sabem que sua obra é marcada por lirismo e humor. Mas nem todos sabem que há muito ele pratica outro gênero, o aforismo. Que num trabalho detetivesco pode ser encontrado em seus versos. Mas agora ele vem com um livro só deles. Declara: "o meu gosto pelos aforismos vem do tempo de menino". Eis dois exemplos: "Tirou o pé da lama. Só não consegue tirar a mão", "Diga menos para dizer mais".*

* * *

O inimigo público, *de Aguinaldo Silva, Ed. Mercado Aberto. Calcado num fato real, temos a história do operário carioca Edmilson que, confundido com um marginal, acaba na prisão onde convive com marginais. O A. fez sua estréia em livro aos 16 anos; hoje dedica-se mais à TV.* O inimigo público, *agora na Série Novelas da Mercado Aberto, abriu o seriado Plantão de Polícia da TV-Globo.*

* * *

O avanço do Aquitânia, *de Robert Ludlum, trad. de Aulyde Soares Rodrigues, Ed. Nova Fronteira. Manipulando com habilidade todos os ingredientes do* best-seller, *o A. lança mais um livro (747 pgs.) fadado ao sucesso de público. Na trama, um advogado toma conhecimento de que alguns generais, de vários países, montam um esquema para tomar o poder. Ele vai combatê-los e — lobo solitário — sua principal força é o desejo de justiça. Iconstestáveis façanhas, muita suspense, muita luta.*

* * *

O Tiete do Agreste, *de Chico Anysio, Ed. Rocco. Através do diálogo de Chico e Bio, o Tiete, nascido Severino, vamos tendo, entremeado ao humor, um retrato (amargo) do Brasil. Que se*



fecha com a última frase do livro. "Isso é a lista do supérfluos, macho. Ou não sabe que na opinião deles o que é mesmo supérfluo é o povo?" Bio, cansado de tudo, imagina uma saída: proclamar a independência do Nordeste, dividindo o País em dois: Sul-maravilha, isto é, Brasil-Este, e o Brasil-da-Peste. A partir daí, Chico vai compondo quadros que buscam mostrar a malandragem política, a dívida externa, a moeda, e muito mais. Quem o conhece da TV, reconhece aqui seu humor calcado na realidade.

* * *

O cerco de Nova Iorque e outras histórias, *de Daniel Fresnot, Ed. Alfa-Omega. Na primeira história, temos uma antevisão de um cerco a Nova Iorque, de que tomamos conhecimento através de um diário encontrado um ano após as lutas; nas outras, o autor se exercita com temas que vão de uma reflexão sobre os estudantes de 68, um duelo poético de repentistas, entre outras. Do mesmo autor, pela mesma Editora,* Três continentes, *poesia.*

* * *

Cartas do meu moinho, *de Alphonse Daudet, trad. de Regina Abujamra Machado, Global Ed. Um clássico da literatura francesa. Retrata com precisão paisagens e figuras de sua terra, oferecendo-nos quadros vivos, captados com simplicidade e pungência.*

* * *

O quarto protocolo, *de Frederick Forsyth, trad. de A.B. Pinheiro de Lemos, Ed. Record. Como em livros anteriores, este autor arma uma história a partir de um fato real, e cria elementos de suspense e tensão. Exemplo:* O dia do Chacal. *Neste novo livro, que logo se tornou* best-seller, *ocorre o mesmo. O personagem principal é Kim Philby, inglês que por muito tempo espionou para os soviéticos. A partir daí, com seu domínio para este gênero de ficção, Forsyth leva o leitor para os subterrâneos dos serviços de espionagem.*

* * *

Astrologia atual — Alto Astral, *de Maggy Harrison e Melina Li, col. RBS-L e PM-editores. Subintitulado "um guia para o seu autoconhecimento", as autoras ensinam como fazer, de forma prática, um mapa astral. Há no livro um retrospecto das origens, fundamentos, métodos, evolução e aplicações da astrologia. "E essa ligação com o cosmos que se pretende avivar nesse livro, cujo objetivo é reatar os fios que compõe essa teia invisível" — dizem as autoras.*

* * *

Crédito rural no Brasil, *de João Sayad, Pioneira Ed. Uma avaliação das críticas e propostas da política de crédito rural, em face das metas propostas para a sua reforma e implementação no País. O A. é professor do Dep. de Economia da Faculdade de Economia da USP.*

* * *

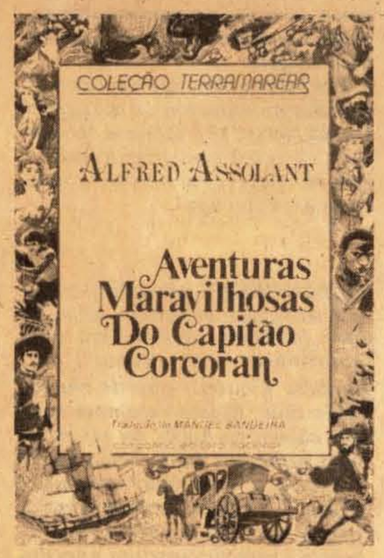
A arte da guerra, *de Sun Tzu, adaptação e prefácio de James Clavell, trad. de José Sanz, Ed. Record. Escrito há 2500 anos por um general, o livro discute aspectos da guerra, do tático ao humano, dizendo Sun Tzu que "lutar e vencer em todas as batalhas não é a glória suprema; a glória suprema consiste em quebrar a resistência do inimigo sem lutar". Clavell é autor de sagas sobre o Oriente, como* Xogum *e* Casa Nobre.

Saudosistas, atenção

Para os mais antigos e saudosistas, em busca do passado, ou para os mais novos, que procuram doses de emoção e aventura, eis uma boa pedida: o relançamento, em edição uniforme, da famosa Coleção Terramarear, da Cia. Editora Nacional. Os nomes desta segunda parte não são, é certo, tão representativos. Não há, como nos títulos há pouco republicados, um London, um Stevenson, um Kipling. Ainda assim são textos diretos e de agrado, histórias movimentadas e aventurescas que proporcionam horas de relax. Para além disso, entre os tradutores encontram-se nomes como os de Monteiro Lobato, Godofredo Rangel, Manuel Bandeira, Álvaro Moreira. Da fornada de agora (nove), três são de Emilio Salgari (**O fantasma de Sandokan; Aventuras de um garimpeiro; Song-Kay, o pirata**), dois de Mayne Reid (**Os negreiros da Jamaica; Guilherme, o Grumete**), e os outros quatro: **Ao longo do Amazonas,** de W.G. Kingston, **Diamante negro,** de Anna Sewell, **Aventuras maravilhosas do Capitão Corcoran,** de Alfred Assolant; **A ilha caída do céu,** de H.J. Magog.

Também da mesma Editora, na Biblioteca das Moças, novos títulos de uma coleção que prendia a atenção das românticas mocinhas de tempos idos. Será que nestes novos tempos as jovens de hoje irão verter lágrimas debruçadas sobre açucarados textos de uma Florence L. Barclay, por exemplo? Ou já estão bem noutra? De qualquer forma, eis os relançamentos à espera de resposta: **A caravana verde,** de Oliver Sandys, **A castelã de Shenstone**, de Florence L. Barclay, **A pequena da Casa Sloper**, de Oliver Sandys, **Rebecca de Sunnybrook**, de Kae Douglas Wiggin. E entre os tradutores, pasmem, Agripino Griecco.

Há mais ainda, da mesma Editora: agora é a vez da coleção Para Todos, que também está de volta. Eis os seis primeiros títulos relançados: **O grito da selva**, de Jack Lodon; **O anel da rainha de Sabá**, de H. Rider Haggard; **Benita**, de H. Rider Haggard; **Semeadores de glórias**, de P.C. Wren; **O prisioneiro de Zenda**, de Anthony Hope; **Scaramouch**, de Rafael Sabatini. É ler (ou reler) e curtir.



UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

377 Salim Miguel

MAIS POESIA





Embora se insista em que vivemos um momento apoético, que a poesia não mais interessa, que poesia não vende, editoras e/ou autores continuam firmes. E novos títulos vão sendo regularmente mandados para as livrarias. São de nomes conhecidos ou desconhecidos, velhos e novos, mais ou menos realizados, cada qual com sua linguagem, seu estilo, sua mensagem, sua maneira de dizer e transmitir, sua preocupação com a forma e com a estrutura do verso.

Comecemos este registro por **Poemas—Estórias**, Ed. Achiamé, da catarinense Maura de Senna Pereira. Residindo há muito no Rio, Maura para além de sua obra, tem a marcá-la o fato de que não se desliga de suas raízes, centrada sempre em sua terra e sua gente. Da mesma forma que em outros livros seus, isto está mais presente ainda (se possível) em **Poemas-Estórias**. Sensível e atenta ao mundo que a cerca, Maura saber ver e transmitir, como neste "Fragmento de Autobiografia", onde ela nos dá um retrato do que foi e do que é, começando significativamente assim: "Nasci em Santa Catarina/nela estou plantada", para dizer mais adiante: "Dirão que tive a estréia acolhida com flores/ Sim, mas com pedras também/ ...e a pedra fere, machuca/mas pode fazer emergir/o chão áspero da luta". Maura, porém, não se detém a lamber as feridas. Conforme ela mesma diz, vai para a luta;e na luta se realiza.batalha, publica livros de prosa e de poesia, participa ativamente de tudo, lado a lado presentes no seu dia-a-dia a luta por uma sociedade mais justa e a luta por sua realização pessoal como escritora. Agora, a tudo isto e muito mais nos leva este novo livro de Maura, livro que tem muito dela mesma e muito dos problemas do país onde ela vive e sofre e luta e sonha, o que pode ser observado neste "Clamor da Terra Inundada", de que transcrevemos o trecho inicial: "Eu sou a mulher plantada/na terra que era um celeiro/ que a si mesma se bastava/e ainda seus belos frutos/ lá por fora derramava/ Hoje sou planta sofrida/que a terra está inundada".

Eis os demais livros de poesia recebidos pela coluna:

Encontro, de Lupe Cotrim, col. Cantadas Literárias, Ed. Brasiliense. Morta em 1970, aos 37 anos, Lupe Cotrim ou Lupe Cotrim Garaude, como também era conhecida, já se projetara como um dos melhores nomes da nova poesia brasileira. Formada em filosofia, professora de estética da ECA/SP, sua poesia era (como ela) inquieta, sensível, marcada por forte sopro lírico. Os poemas desse **Encontro** foram selecionados por seu filho Marco Giannoti. Eis um fragmento de "A margem da poesia" onde ela situa o fazer poético: "Rilke estava enganado:/um poeta é um poeta/ e vive sem fazer versos./Por outras razões se morre/ e as forças de viver/são mais cegas, são mais ágeis/ que a direção de morrer./ Maiakovski se matou/podendo fazer poesia/e pagando seus impostos./ Como? Onde? Para quem?/ Aqui, ali, pouco importa/ em tudo a mentira sobra;/morreu na boca de um poema/o pulso farto de versos./

* * *

Os Melhores Poemas, de Carlos Pena Filho, seleção de Edilberto Coutinho, Global Ed. também é este outro poeta que morreu cedo, sem dar toda a medida de seu pujante talento. Nascido em 1929, morreu num desastre de automóvel em 1960. Lirismo e ironia balizam o verso de Carlos Pena Filho, para quem, no dizer de Coutinho, "viver e escrever são ações indissociadas." Embora praticasse o poema nas suas diferentes formas, foi no soneto onde melhor se encontrou. Eis um trecho do "Soneto de desmantelo azul": "Então, pintei de azul os meus sapatos/por não poder de azul pintar as ruas/depois, vesti meus gestos insensatos/ e colori as minhas mãos e as tuas./ Para extinguir em nós o azul ausente/e aprisionar no azul as coisas gratas,/ enfim,/ nós derramamos simplesmente/azul sobre os vestidos e as gravatas./"

* * *

Os Melhores Poemas, de Tomás Antônio Gonzaga, seleção de Alexandre Eulácio, Global Ed. Fiel aos artifícios da Arcádia, nos versos de Gonzaga encontram-se certas novidades de sentimento e expressão; para Eulálio, "raros escritores se tornaram personagem com a mesma rapidez e de modo tão definitivo como Tomás Antônio Gonzaga." Eis um fragmento de "Não sei, Marília, que tenho": "Não sei, Marília, que tenho,/depois que vi o teu rosto,/pois quanto não é Marília/já não posso ver com gosto./"

* * *

Os Melhores Poemas, de Vinicius de Moraes, seleção de Renata Pallotini, Global Ed. a fortura crítica do poetinha cresce; em pouco tempo é este o terceiro livro analisando e/ou reunindo boa parcela de sua obra. Vinicius, com seus versos, marcou uma boa fase da nossa poesia e da nossa música popular. O lírico, o sensual, o social, entre tantos outros, nele se interpenetram e completam. Vejamos um trecho deste "Soneto de Separação": "De repente do riso fez-se o pranto/ Silencioso e branco como a bruma/E das bocas unidas fez-se a espuma/E das mãos espalmadas fez-se o espanto./"

* * *

Cobra Norato e outros poemas, de Raul Bopp, Ed. Civilização Brasileira. Poucos dias depois da morte do poeta, aparecia a 13ª edição deste livro que é um marco na moderna poesia brasileira. Profundamente brasileira, esta obra, no dizer de Othon Moacyr Garcia,se completa com **Macunaíma**, de Mário de Andrade. Assinala Garcia: "Se **Macunaíma** é o povo, o homem, **Cobra Norato** é a terra." Eis um trecho: "A madrugada vem se mexendo atrás do mato/clareia/ os céus se espreguiçam/ Arregaçam-se os horizontes/ No alto de um cumandá/está cantando a Maria-é-dia/ Acordam-se raízes com sono/Riozinho vai pra escola/Está estudando geografia/" Valorizam os poemas as belíssimas ilustrações de Poty.

* * *

Os poemas perdidos e seu reencontro, de Aydano do Couto Ferraz, Ed Civilização Brasileira/ Pró-Memória/INL. Jornalista e poeta, Ferraz esteve durante bom tempo afastado das lides literárias; daí,inclusive a pertinência do título,que reúne inéditos e que mostram um poeta sensível e sua evolução, num livro onde os poemas vêm datados, de 1936 a a 1983. Vejamos os últimos versos de **Poema de Maio**, de 1936: "Luar de Maio, não desiludas as donzelas proletárias/ Oh! os silêncios cordiais das noites longas no Mercado!/Gabriela, Lúcia, Tatiana, Geny, todas juntas,/ e nós, meninos aventureiros, mirando com uma dor/quase mecânica os grandes navios parados no porto!"

* * *

Sumaimana, de Regina Célia Colônia, Ed. Francisco Alves/ Pró-Memória/INL. Em 2ª edição, este livro de quem disse Drumond: "poderosa poesia de **Sumaimana** que li encantado e me transportou às raízes da América, sem perder o sentimento do hoje, vivida tão intensamente em seus versos." O livro expressa vivências do índio, "o mais lindo dos lindos", primeiro habitante da terra. Veja-se este "Sinais": "para tocar as raízes/ cancioneiras/da ocarina/marquei meu ponto de fuga/numa estrela que luzia/e construi minha asa/na casa/de Araã". O livro se fecha com glossário e notas explicando os termos indígenas e ensaio de Antônio Hohlfeldt sobre o trabalho de Regina.

* * *

Opalas, de Fontoura Xavier,Ed.PUC/RC.Comemorativo do centenário de sua publicação, este livro nos devolve, em edição organizada pelo Centro de Pesquisas Literárias,um poeta que,no dizer de Regina Zilberman,"pertence a uma geração marcante na história da literatura e da poesia brasileira: aquela que se interpolou entre o predomínio da estética romântica e a afirmação do parnasianismo." Eis o primeiro quarteto do soneto "Massas de bronze", dedicado a Luís Delfino: "Não foram dois heróis mas foram dois chacais! /Fizeram-se no tempo em que uma tirania/Co'a descarnada mão da morta monarquia/Esbofeteava a Lei nos fojos imperiais!"

* * *

Jornada Lírica, de Cassiano Nunes, Série Alpilano, Ed. Thessaurus. Professor, ensaísta, crítico, homem de vários instrumentos, a poesia não é a menos importante das artes praticadas, por Cassiano. Ele se situa,para a crítica, como um dos nosso melhores poetas líricos, na linha de um Quintana; também o erótico está quase sempre presente no verso de Cassiano. Agora, ao publicar esta antologia poética, ele possibilita que leitores e críticostenhamuma visão global de seu trabalho, numa seleção do próprio autor. Eis "Noturno nº 1", bom exemplo de seu poetar: "Nunca me sinto pobre,/ao contemplar as estrelas./Qualquer doido/ (eu possui/o latifúndio do céu./Aguardente negra e gratuita/a noite me embriaga./Sonho melhor/acordado./"

* * *

Sucata, de Justino Vasconcelos, LLL-Ed. Uma linha mística perpassa o verso deste poeta gaúcho, autor de outras obras publicadas no campo do direito e da administração. Aqui ele se debruça sobre o ser e o existir, distribuindo sua **Sucata** em Tempo de Orar; Tempo de Sofrer; Tempo de viver; Tempo de Amar; Tempo de Cantar. Para além da linha mística da primeira parte, há como neste "Barcarola", toques de melancolia: "Passo, passo/arando areias,/passo, passo/ arando ar./do sonho a veia/como tocar?/do amor a teia/como fixar/ No passado/arando estrelas/no passado/arando o luar/Hoje, passo/arando espumas/hoje passo/arando Sal/Passo, passo/ arando cinza/e asas brancas:/não mais voar."

* * *

Blue Paixão, de Miguel de Almeida, col. Navio Pirata, Global Ed. A reelaboração do cotidiano, transfundido, é a viga mestra que sustenta o fazer poético do Autor. Jornalista e poeta, ele busca extrair do que o cerca o sumo, uma síntese daquilo que mais feriu sua sensibilidade. Eis um exemplo: "estive nas ruas do centro da cidade/lá mulheres morrem de amores/e não dizem nada/olhos apodrecem nas ferrugens/migalhas lanham roupas dos insetos/nos vôos das pestes soam epidemias/Lá nas noites de calor/moscas se envergonham/de terem asas/eu de rir dos mortos / o sangue de saber de cor as veias/".

* * *

Viola Morena, de paulo Cesar Pinheiro, Ed. Tempo Brasileiro. Mais conhecido como compositor de músicas popular, Paulo Cesar é também poeta atento ao fluir dos dias e dos acontecimentos. Aqui ele reúne parte de sua produção — e é possível então confrontar o poeta sensível com o compositor igualmente sensível. De "Estrela", soneto para Elis Regina, transcrevemos os dois últimos tercetos: "Pequena moça, que uma lenda encerra/ Nós somos gratos de saber que um dia/Teu canto lindo passou pela terra. /Pequena moça, estrela do cruzeiro,/Que a tua luz seja a da estrela-guia/A conduzir o canto brasileiro./".

* * *

Poemas, de Millôr Fernandes, LePM-ed. O teatrólogo, o humorista, o tradutor, quantos Millôres embutidos no Millôr, muitos conhecem. Não sabemos é se todos se dão conta do poeta, igualmente embutido em todos eles. Daí ser mais do que oportuna a publicação deste **Poemas**. Falar o que! Vamos a alguns exemplos: **Estilo I**: "Estilo?/É quando o detrator/Diz com desdém: "Coisas do Millôr!" Outro: "Sessenta já, xará?/Vem cá;/ Tem querem muito aqui/Ou não te querem lá?" Para além do humor, da simplicidade, quanto de verdade nestes versos? É este então, com a mania que se tem de só descobrir o valor de uma pessoa depois que ela morre: "Me elogia, vai! /Escreve um troço, aí!/Não dói não; faz de conta/Que eu morri." Agora, este "Conselho à Moda da Casa" para concluir, pois quem desejar mais que vá ao livro: "Madama/Não infunda/uma minissaia/numa maxibunda./".

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

REGISTRO 378 Salim Miguel

Utopia e Paixão, de Roberto Freire e Fausto Brito, Ed. Rocco. Através de uma perspectiva que analisa a política do cotidiano, os autores avaliam a família, a escola, a sexualidade, o lazer, os valores morais e as regras de comportamento. O livro é resultado de longos papos entre os autores, num momento em que Roberto Freire fica temporariamente cego. É, também, o diálogo entre duas gerações, separadas por um período de vinte anos. Freire é médico, psicanalista, com intensa atuação em diversas áreas culturais; Brito é sociólogo e desenvolve pesquisas sobre o Estado e uma revisão de experiências socialistas.

* * *

Relação, de Henrique Kesselmeier, Ed. Vozes. O autor é prof. de Ética da PUC/RJ e da Universidade Santa Úrsula. Neste livro, centrado sobre o amor, ele abre perspectivas procurando mostrar que só o amor resolve os problemas do homem e propõe uma abertura que é de fato a nossa libertação, sendo plenitude, alegria, paz, eternidade.

* * *

Sindicatos, autonomia e unidade, Ed. Vozes/CEDEC. Durante três anos, o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea realizou uma pesquisa consultando dirigentes sindicais de vários Estados. Ela revelou que os sindicalistas ouvidos, de S. Paulo, Rio, R.G. do Sul, Pernambuco, Paraíba, Minas, Espírito Santo, estão todos unidos em torno de três lutas principais: autonomia e liberdade sindical; direito de greve; criação de uma Central Sindical Nacional. Daí surgiu a primeira Conclat.

* * *

Momentos de Minas, col. Minas de Livros, Ed. Ática/Globo Minas. Um retrato de Minas Gerais, através do trabalho de 18 fotógrafos que flagram o cotidiano mineiro, formando um painel abrangente da vida e dos costumes da gente que ali vive. Trechos de escritores mineiros (Drummond, Nava, Sabino, entre outros) acompanham as fotos.

* * *

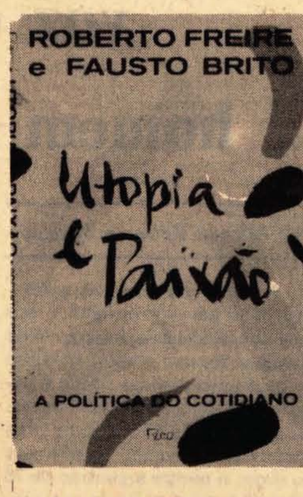
As Ligas Camponesas, de Elide Rugai Bastos, Ed. Vozes. Professora da PUC/SP e mestre em Ciências Políticas pela USP, a A. dedica-se ao estudo dos movimentos sociais do campo. Aqui ela examina o que foi e o que representou o movimento das Ligas Camponesas. Para Octávio Ianni, o livro "focaliza um problema fundamental da sociedade brasileira das últimas décadas."

* * *

A construção do homem segundo Piaget (uma teoria da educação), de Lauro de Oliveira Lima, Summus Ed. Uma aproximação às linhas do pensamento piagetiano, por um prof. que conhece como poucos a teoria e a prática do sistema pedagógico derivado das pesquisas e formulações de Jean Piaget. No Prefácio, o Dr. Francisco di Biase afirma que o livro "é de uma lucidez e de uma exuberância científica enormes, uma verdadeira síntese da obra de Piaget." Co. Novas Buscas em Educação.

* * *

Os filhos do barro, de Octávio Paz, trad. de Olga Savary, Ed. Nova Fronteira. Poeta e ensaísta dos mais importantes da América Latina, autor de tantas obras expressivas, Paz reune aqui uma série de conferências proferidas em Harvard entre 1971/2. Com lucidez e sensibilidade ele estuda o desenvolvimento da poesia moderna, passando pelo romantismo inglês e alemão, o simbolismo francês, o modernismo hispano-americano, o vanguardismo do século XX. Diz ele que a



matéria deste livro "é um prolongamento da resposta que tentou dar à terceira pergunta de outro livro seu, **O arco e a flecha**, quando pergunta como se comunicam os poemas".

* * *

Viva a saúde na família, de Márcio Vieira Muniz e Dom Paulo Evaristo Cardeal Arns, Ed. Vozes. Na Apresentação, o Cardeal de São Paulo diz que este livro "é um autêntico manual de medicina a serviço do povo", descrevendo com palavras simples as doenças do dia-a-dia e os acidentes de saúde.

* * *

O Estatuto da (Contra a) microempresa, de Carlos Reinaldo Mendes Ribeiro, Ed. Alfa-Ômega. Para o prof. de Administração de Empresas da UFRGS, o maquiavelismo desse Estatuto é que, partindo de uma idéia-força lógica e defensável, qual seja a desburocratização, se enveredou para o terreno tributário e nos meandros do mesmo se montou um esquema visando beneficiar as grandes empresas.

* * *

Lembranças obscuras de um judeu polonês nascido na França, de Pierre Goldman, Ed. Francisco Alves. Goldman envolveu-se nos acontecimentos de maio de 1968, em Paris. Autor de assaltos a mão armada, ele reconstitui aqui sua vida passada e suas atividades clandestinas, explicando os motivos de sua inadequação à sociedade e ao meio.

* * *

Em busca de Deus, de David Yallop, Ed. Record. Apenas 33 dias após sua eleição, Albino Luciani, ou o Papa João Paulo I, morre. Era setembro de 1978. O Vaticano anuncia a causa da morte: infarto do miocárdio. Agora, depois de minuciosas investigações, Yallop, autor de livros sobre crimes aparentemente insolúveis, chega à conclusão de que se tratou de um assassinato. E revela detalhes de atividades financeiras criminosas que levaram ao suborno, chantagem — até o assassinato.

* * *

Introdução ao microcomputador; Programas de jogos espaciais; Guia prático de programação Basic, Ed. Lutécia. Três livrinhos para iniciar os jovens a entender e aprender o linguajar e o manejo de microcomputadores. Desenhos e quadros coloridos vão ilustrando o texto, que começa bem simples e vai aos poucos se complicando à medida que envereda pelos novos caminhos. O primeiro dos três livros é um guia de como funcionam estes aparelhos e o que fazem, o segundo programa numerosos jogos, e o terceiro ensina muitos programas para serem executados em qualquer microcomputador.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

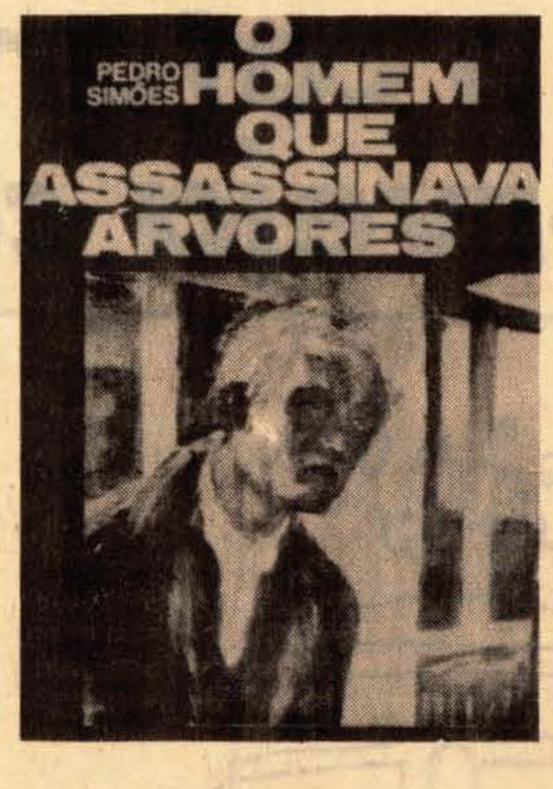
Resgatando o Real

Toda criação literária tem, bem ou mal, um ponto de partida que se insere no real; o autor pode limitar-se a relatar este real ou tentar ultrapassá-lo e alcançar o mais fantástico e alucinatório. Num e noutro caso, o factual parece-nos o elemento básico detonador de tudo. Mesmo que mais adiante o abandonemos e ele nem se torne perceptível.

Nesta série de histórias (O homem que assassinava árvores) arrancadas ao dia-a-dia, Pedro Simões tem outra proposta: ele toma o real em bruto, em toda a sua dramaticidade e verdade, e, sem dele se afastar, arma e constrói seu universo.

Ao fecharmos o livro o que fica? Que o puro real pode, muitas vezes, ser mais fantástico do que a mais alucinada fantasia. Nesta (re) leitura do noticiário policial vemos que o mundo que nos cerca é repleto de absurdo; absurdo que se saído da mente de um ficcionista se diria simplesmente "mas que absurdo".

Tome-se, ao acaso, qualquer das histórias recolhidas por Simões. Por exemplo: a primeira, "Apresentou-se ex-jogador que matou o rival"; veja-se se aqui não se encontram presentes todos os elementos do drama e da tragédia, do absurdo e da instabilidade que compõem



as relações humanas.

Simões não força a mão, não apela. Apenas, vai contando, por vezes acrescentando pitadas que ajudam a armar a urdidura, pois ele mesmo informa que "não é difícil escrever estórias. Sobretudo, se a matéria-prima nos é oferecida pelos jornais, como neste livro."

Encerrando este registro estamos com o jornalista Vicente Serejo quando anota: "O texto de Pedro não é apenas um exercício literário pelo prazer da ficção. É uma denúncia do provável, resgatando de cada personagem não apenas o seu papel no universo ficcional, mas o espaço que precisa exercer. O papel que lhe cabe no universo real."

Um novo ficcionista

Premiado há pouco, 3º lugar, no Concurso da Nestlé, com um volume de contos intitulado **O homem do carro-motor**, *e já tendo outros prêmios (em 1978 o Concurso Nacional de Contos do Paraná, em 1981 o prêmio Guimarães Rosa de romance, em Minas Gerais e o 3º lugar, prêmio Bastos Tigre de Jornalismo patrocinado pela ABI e Bayer, por uma reportagem publicada na revista "Quatro Rodas"), só agora Renato Modernell, 31 anos, jornalista e escritor, tem seu primeiro livro publicado. Trata-se de* **Che Bandoneón**, *novelas pela Global Editoral, na coleção Múltipla.*

São três novelas nas quais o autor se exercita e dá a medida de seu talento, três novelas de tratamento diferenciado, cada qual com um clima próprio, mas todas marcadas por uma maneira muito pessoal de narrar, envolvendo o leitor na fruição de um texto que atrai.

Em entrevista a propósito deste livro e de seu fazer literário, Modernelll começa dizendo que escreve desde pequeno e que se lembra que aos 8-9 anos escreveu seu primeiro conto, numa velha máquina Remington de seu pai; prossegue que aos "14-15 anos escrevia poemas e somente me decidi a escrever com regularidade depois de ganhar um prêmio de Contos no Paraná". Entre suas influências cita Cortazar e Garcia Marques, mas diz que leu muito Borges, gosta muito de Eduardo Galeano, também Carpentier — em geral os latino-americanos.

Para Renato os "problemas políticos estão embuídos na obra. Não como uma fratura exposta, como na obra de Galeano, por exemplo, que é uma denúncia clara, mas o que penso do político e social está misturado no que escrevo."

E referindo-se diretamente a **Che Bandoneón** *"é um conjunto*

Renato Modernell



de três novelas. Três ao todo. A primeira se chama "Clotilde". É a história de uma mulher atual, independente, que se separa do marido e depois volta a depender dele. A segunda novela dá o nome ao livro. É a trajetória de um músico revolucionário, de vanguarda, e toda sua luta para ser assimilado pelo público, pelas gravadoras. Sua luta para abrir portas a picareta. Esta novela foi inspirada numa reportagem que escrevi sobre a vida de Astor Piazzola. Mas ficou muito grande para ser publicada enquanto jornalismo. Aí resolvi transformar este trabalho de pesquisa em ficção, tomando como base coisas da vida dele. A terceira novela, "Sul", fala de um grupo de jovens de 14, 15 anos numa pequena cidade do Sul cujos problemas são a saída de casa, do lugar, para o mundo. Suas primeiras inquietações. Uma novela um pouco autobiográfica, mas somente como pano de fundo."

É isto aí. Vamos ao texto, sempre instigante de Renato Modernell. Lembrando que se sua proposta da luta de um músico para se afirmar e tornar conhecido serve por igual para o escritor, em "Sul" temos muitos de suas vivências, de seus sonhos, de sua luta para conseguir um lugar entre os novos ficcionistas brasileiros. Por esta amostra inicial, um lugar que lhe cabe de direito.

REGISTRO

Estado e Cultura no Brasil, *org. de Sérgio Miceli, col. Corpo e Alma do Brasil, Difel. Políticas públicas na área cultural; Mecanismos de estatização da atividade cultural; Os mercados de bens culturais; e Depoimentos, reunidos neste volume, dão uma visão abrangente da atividade cultural na década de 70, do que ela significou, de sua contribuição, seus desvios, suas perspectivas futuras. O livro é resultado dos trabalhos apresentados por especialistas durante o seminário promovido em São Paulo, no 2º semestre de 1982.*

* * *

Perspectivas e Dilemas da Educação Popular, *org. de Vanilda Paiva, Ed. Graal. Reunião de textos básicos preparados para o seminário sobre Educação Popular promovido pelo Ibrades/Centro João XXIII, no 2º semestre de 1982, Rio. É a abordagem crítica de importantes problemas da educação no Brasil de hoje, com educadores colocando em questão a evolução sofrida pelo conceito de educação popular na última década.*

* * *

Educação e Desigualdade no Brasil, *apresentação de Henry M. Levin, Ed. Vozes. Dividido em várias partes, neles vários técnicos da área examinam as limitações e as potencialidades da educação no contexto de um país em desenvolvimento, indo a temas como desigualdade econômica e educação, a educação da mulher e sua participação na força de trabalho, educação, política de estado e distribuição de renda.*

* * *

A política do Livro Didático, *João Batista Araújo e Oliveira, Sonia Dantas Pinto Guimarães, Helena Maria Bousquet Bomeny, Summus Ed/Ed. Unicamp. Pela primeira vez tem-se um levantamento completo da política do governo federal em relação ao livro didático. Análise da legislação, atos, intenções, objetivos da análise de livros didáticos pelo poder público, aquisição de livros e distribuição pelos estados, como ela começou, como prossegue, resultados, vantagens e desvantagens — bem como a controvérsia que se prolonga até hoje sobre sua eficácia da maneira como é feito.*

Os cocos, *de Mário de Andrade, Livraria Duas Cidades/Pró-Memória/INL. Trabalhador infatigável, Mário, nos seus poucos mais de 50 anos de vida, deixou uma obra múltipla e de grande importância, em várias áreas do saber. Poeta, ficcionista, crítico, ensaísta, musicólogo, folclorista, pesquisador de nosso passado cultural, epistológrafo como poucos, fica-se imaginando que o dia, para ele, tinha bem mais do que as normais 24 horas. Com preparação, introdução e notas de Oneyda Alvarenga, surge agora este* **Cocos**, *comemorativo do 90º aniversário do escritor. Oneyda, nas "Explicações", além de falar de Mário, fala do livro, de que maneira o Autor recolheu, em suas andanças pelo Nordeste, os trabalhos que compõem este livro.*

* * *

Materialismo histórico e crise contemporânea, *de Otto Alcides Ohlweiler, Ed. Mercado Aberto. O A. traça um panorama da evolução econômica do homem, em particular no Ocidente, e analisa mais detidamente as grandes formações econômico-sociais da atualidade, representadas pelos sistemas liderados pelos EUA e URSS.*

* * *

EUA x América Latina: As etapas da dominação, *de Voltaire Schiling, Ed. Mercado Aberto. Partindo dos dados do passado*



para uma melhor compreensão do presente, o A. mostra o caminho que levou os EUA, desde os tempos da Doutrina Monroe, ao atual impasse nas relações com a América Latina, desembocando na política econômica do presidente Reagan e no apoio à invasão da Nicarágua, por exemplo.

* * *

Souza da Silveira, *de Maximiano de Carvalho e Silva, Ed. Presença/Pró-Memória/INL. Subintitulado "o homem e a obra, sua contribuição à crítica textual no Brasil", temos aqui exaustivo levantamento a respeito de Souza da Silveira, situando devidamente sua importância como homem e como filólogo. Referindo-se a este livro, diz Pedro Nava no prefixo: "admirável estudo de Maximiano de Carvalho e Silva".*

Eleições no Brasil pós-64, *de Raimundo Pereira, Alvaro Caropreso, José Carlos Ruy, Global Ed. Três jornalistas se reúnem para, em linguagem direta, analisar os dados das eleições (raras e marcadas por casuísmos) realizadas de 1964 a 1982. E mostram todos os tipos de manipulações e pressões exercidas e seus reflexos na vida da Nação. A crescente e ingovernável dívida externa, os escândalos financeiros, a espoliação de nossas riquezas, fome e miséria — tudo isso transparece no texto. Mais um título da col. Que País é este?*

* * *

O livro da diretas, *texto de Júlio Cesar Monteiro Martins, coordenação de texto de Christina Moreira da Costa, Ed. Anima. Através de texto e fotos, uma visão da luta do País para sair do sufoco e buscar seu caminho em direção à liberdade e democracia plenas.*

* * *

Como terminam as democracias, *de Jean-François Revel, Difel. Jornalista e analista político, o autor estuda as crises por que passam as democracias em confronto com o que ele chama de "imperialismo soviético". Aceitando-se ou não as premissas do conhecido jornalista francês, é necessário conhecer o pensamento de quem já tem outro livro publicado no Brasil pela mesma editora: "Tentação totalitária".*

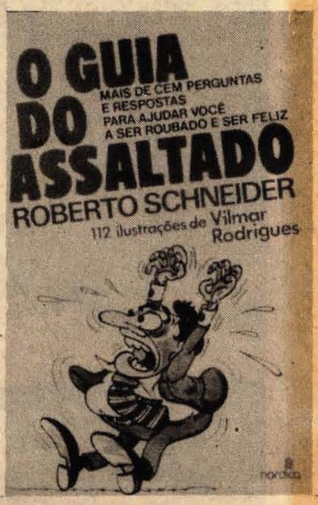
* * *

Para conhecer o pensamento de Maquiavel, *por J.F. Duvernoy, L&PM-editores. Guia para se compreender o pensamento de um dos autores mais citados e que se tornou famoso por seu espírito "maquiavélico". Seu* **O príncipe** *representou um divisor de águas, pelas colocações polêmicas e controvertidas desse florentino (1469-1527) que deixou grande número de obras de valor em vários gêneros, como, por exemplo, a peça de teatro* **A mandrágora**, *até hoje representada com sucesso. "Para conhecer", coleção basicamente destinada ao público pré e universitário, interessa também a qualquer tipo de leitor.*

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

26 - LIVROS O ESTADO - Fpolis, 09/09/84 380

Humor e Humoristas





Será que também as épocas de crise são propícias para o surgimento do humor e de humoristas? Parece que não há dúvida.

O fechamento, as ditaduras, os regimes duros, sim. É como se fosse uma válvula de escape, tentativa de desafogo. Então fórmulas e formas de driblar a censura são encontradas, adaptadas, modificadas.

Tomemos o exemplo brasileiro, no início dos setenta, com sua carga de repressão. Vejamos só um exemplo, o do "Pasquim", que conseguiu furar o cerco e chegou mesmo, na época do pique, a criar toda uma linguagem jornalística e humorística.

Abaixo do cruzeiro, de Edgar Vasques, LePM-editores, nos devolve um pouco de todo aquele clima, pois reproduz "O Brasil nas melhores histórias de Rango", abarcando um período de dez anos (1973-83), com tudo o que ele representou. Temos, assim, um retrato pertinente e de como ele foi visto por um dos nossos bons cartunistas (e quantos então surgiram e se afirmaram!).

Rango nasceu em 1960, numa publicação dos alunos da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Mas foi a partir da década de 70 que começou a se firmar e a aparecer com regularidade. Em 73 Rango estava na "Folha da Manhã" e em 74 já emplacava livro e virava **best-seller** na tradicional Feira do Livro de Porto Alegre. Não parou mais. Circulou por outros órgãos do País e do exterior. Mas não é sem uma ponta de melancolia que diz seu criador: "hoje, apesar da anistia, o Rango está exilado da grande imprensa." Quem sabe se agora, com o lançamento do livro, alguém se anima a dar vez a Rango e seus comparsas?

O guia do assaltado, de Roberto Schneider, com 112 ilustrações de Vilmar Rodrigues, não me parece que tenha sido estampado em publicações periódicas. Ou foi? De qualquer maneira, o que importa é que temos aqui "mais de cem perguntas e respostas para ajudar você a ser roubado e ser feliz". Resultado da grave crise que o País atravessa.

Acha o autor, não sem uma ponta de razão, que já temos entre nós o "complexo do não-assaltado". Sim, vejamos só: nem é necessário ir-se aos grandes centros, um Rio, uma São Paulo, uma Porto Alegre. Aqui mesmo entre nós, na até há pouco pacatíssima Florianópolis, é comum nos encontros de conhecidos e amigos falar-se nos assaltos a que somos submetidos. São vários e variados: os oficiais e os clandestinos, os regulares e os às escondidas. Quantas vezes já não participamos de papos nos quais os nossos modestos um-dois-três assaltados se depararam com outros que já o foram meia dúzia de vezes?

Partindo daí, este "guia do assaltado" é uma orientação segura para saber ser assaltado. Tanto o é que o próprio Vilmar lembra que o leitor não se admire muito pelo fato de ele ter preparado 300 ilustrações, das quais acabaram sobrando cento e poucas, "já que as outras foram roubadas".

O volume finaliza com um Teste seus conhecimentos: estou pronto para ser um assaltado competente?" Se você não alcançar o número mínimo de pontos, acautele-se. É que você não está preparado para viver no conturbado mundo de hoje.

Edição da Nórdica, 120 páginas, 112 ilustrações, Cr$ 5.900,00, o que, convenhamos, aos preços de hoje não chega a ser um assalto.

Desvelar o desconhecido

Da mesma Editora paulista, a Hemus, mais quatro títulos de uma coleção dirigida a um público específico e que se amplia, graças seja às incertezas do mundo de hoje, seja devido às inquietações do espírito humano sempre em busca de desvelar o desconhecido.

Grafologia, de Peter West, é um guia ilustrado, visando o estudo e a análise da caligrafia, com o propósito de desvendar os segredos do caráter e da personalidade. Alertando, na Introdução, que "nenhuma percepção extra-sensorial é requerida; e não se pode predizer o futuro, apesar de que um grafologista poderá estar apto a predizer as reações de uma pessoa em particular a cuja letra ele esteja familiarizado", acrescenta que "análises grafológicas são bastante comumente usadas para orientação vocacional e seleção pessoal."

Como desenvolver a clarividência, de W.E. Butler, apresenta-se como um guia para se atingir uma percepção sensorial supranormal. Para o A., embora tida como um dom, sendo "a capacidade de ver as coisas além da faixa de visão normal", a clarividência pode ser desenvolvida por qualquer pessoa.

A antiga arte de cura espiritual, de Eric Maple. Na Introdução, o A. diz que "não é de admirar que tantos homens e mulheres inteligentes estejam se afastando das falsas promessas da ciência em direção aos mistérios ocultos e às curas milagrosas das perdidas Eras da Fé." Isto é resultado, para ele, da época de ansiedade em que vivemos, cercados por guerras e rumores de guerras.

Incenso, de Leo Vinci. Guia para o preparo, uso e significado ritual do incenso, contendo um histórico do incenso, essências e óleos santos, seu preparo e uso e seu lugar entre as técnicas da magia ritual. Da Introdução: "O incenso é encontrado nas cerimônias e rituais cristãos, pagãos, hindus, budistas e outros, pois delicia a todos com seus perfumes e emanações e parece que o tmpo só tem feito aumentar seu encanto." Mais adiante: "Muitas coisas são empregadas na composição do incenso: gomas, resinas, madeiras e suas cascas, e até drogas alucinógenas."

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

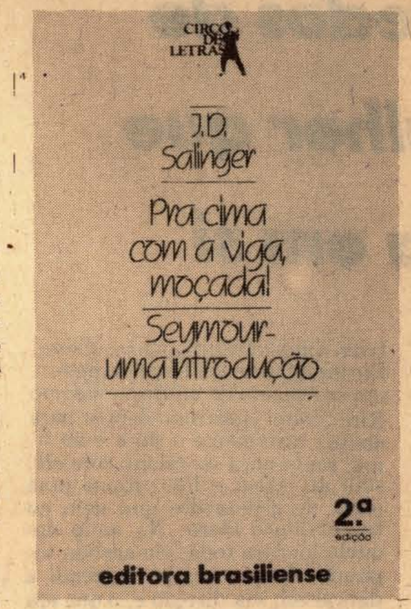
381

Salinger, um criador

Tendo também aparecido em dois dos outros três livros publicados pelo Autor, Seymour (do inglês **see more**: aquele que vê mais) é o personagem principal deste **Pra cima com a viga,moçada;** e **Semour,uma introdução,** duas novelas nas quais estão presentes todas as virtualidades de um dos mais importantes ficcionistas americanos, J.D. Salinger, conhecido entre nós apenas por seu romance **O apanhador no campo de centeio,** trauzido há alguns anos.

Na primeira novela (**Pra cima com a viga,moçada**)**Buddy Glass** narra o casamento de seu irmão Seymour — e de como o noivo não compareceu às bodas, embora tenha passado a viver com a noiva. Deste fio condutor aparentemente simples, Salinger extrai elementos de humor e lirismo e um retrato de um estrato da sociedade americana. Em **Seymour, uma introdução,** o narrador é ainda Buddy, espécie de alter ego do autor. Num amontoado de lembranças soltas ele tenta revelar um pouco da complexa personalidade de Seymour, suas idéias, seu modo de vida, seus hai-kais, fixando um retrato deste irmão mais velho e mais brilhante de uma família de minigênios (além de Seymour e Buddy temos: os gêmeos Walt e Waker, Boo Boo, e Zooey e Franny, estas duas título de outro dos livros de Salinger), profeta ou charlatão que se suicidou na juventude num quarto de hotel (tema do primeiro conto do livro **Nove histórias curtas**).

Publicados seus quatro únicos livros, que logo o situaram entre os mais significativos escritores dos Estados Unidos, J.D. Salinger parou de escrever, de aparecer, de explicar o motivo (ou motivos) do silêncio. Vive hoje recolhido numa mansão em algum ponto dos Estados Unidos, esquivo ao contato social e sem nada publicar desde 1959,



ano em que aparecia **Seymour; an Introduction.** Mas continua atento à sua obra, a ponto de fazer exigências até quanto às capas, como a desta edição brasileira, aparecida pela Brasiliense, na coleção Circo de Letras.

Dois concursos

Mais dois concursos estão à disposição dos interessados, um na Espanha e o outro em Cuba. São duas novas oportunidades para que nossos autores mostrem o que estão realizando e desengavetem seus originais. Eis as bases, começando pelo da Espanha, que é para novelas (romances, no nosso caso), com uma dotação de 5.000.000 pesetas, o que corresponde a aproximadamente Cr$ 60 milhões:

Poderão concorrer escritores espanhóis, hispanoamericanos ou de qualquer outra nacionalidade, com um ou mais original inédito escrito em castelhano; os originais devem ser remetidos para a editora em Esplugues de Llobregat (Barcelona): Virgen de Guadalupe, 2133, Espanha. Os originais devem conter um mínimo de 250 páginas, datilografadas em espaço dois de um só lado do papel, com a indicação: "Original para o Prêmio Plaza e Janés de Novela"; nos originais devem constar o nome do autor e dados a ele referentes, podendo também ser usado o pseudônimo, sendo necessário, neste caso, que o original seja acompanhado de um envelope contendo o nome do autor e as demais referências; o original premiado será publicado pela Editora (Plaza e Janés, Editores, S.A.), que assinará com o autor um contrato de edição; além do prêmio, o contrato prevê os convencionais 10% sobre o preço de venda como direitos autorais; a editora terá, também, opção, para a edição do livro em outros idiomas, sendo que já se encontra antecipadamente garantida a edição alemã pelo grupo editorial Bertelsmann; haverá um 2.º prêmio com valor de 1.500.000 pesetas, sendo a obra igualmente publicada por Plaza e Janés, Editores, S.A; a Editora se reserva, também, o direito de publicação do 2.º colocado, em outros idiomas; o prazo de encerramento do concurso é 30 de novembro e a divulgação dos resultados na primeira quinzena de março de 1985; a Editora terá, ainda, direito de opção sobre os autores não premiados pelos quais ela se interesse; após a divulgação dos resultados, os autores poderão solicitar a devolução de seus originais.

O Prêmio Casa das Américas/ 1985 será o do Grupo A, abarcando os seguintes gêneros: romances, obras dramáticas, livros de testemunho, ensaio sobre temas artístico-literários, obras de literatura brasileira e obras de literatura caraíba em língua francesa ou nacional; poderão participar do prêmio autores latino-americanos e do Caribe, naturais ou naturalizados, e os de qualquer outro país, com obras sobre temas latino-americanos e do Caribe; os autores, com exceção dos brasileiros (que o farão em português) e do caraíbas de língua francesa, (que o farão neste idioma), deverão enviar seus originais em espanhol, sempre obras inéditas; os livros de testemunhos documentarão, de fonte direta, um aspecto da realidade latino-americana e caraíba, os livros de ensaio serão integrados por um ou vários trabalhos; e nas categorias de literatura brasileira e literatura do Caribe os autores nela incluídos poderão participar nos gêneros de romance, conto, poesia, dramaturgia, ensaio, testemunho e livros para crianças e jovens; nenhum autor poderá participar com mais de um livro por gênero, e mesmo que inédito, se já tiver obtido algum prêmio nacional ou internacional; será outorgado um prêmio único e indivizível por gênero ou categoria, no valor de 3 mil dólares ou seu equivalente em moeda nacional, além da publicação da obra na coleção Prêmio; as obras deverão ser datilografadas, em espaço dois, com o envio do original e mais duas cópias, podendo ser com ou sem pseudônimo; as obras deverão ser entregues até o dia 30 de novembro de 1984; os jurados se reunirão em La Habana, para a premiação, em janeiro de 1985, e os originais não premiados estarão à disposição do autores até dezembro de 1985; os originais podem ser encaminhados aos seguintes endereços: Casa das Américas — 34a. e G, El Vedado, La Habana, Cuba; Case Postal 2, 3000, Berna 16, Suíça; ou Associação Cultural José Martí, Av. Brig. Faria Lima, 1882 — cj. 701 — 01452 — São Paulo -SP.

REGISTRO

Amazônia saqueada, *de Edmar Morel, Global Ed. As palavras de Barbosa Lima Sobrinho, a seguir transcritas, situam a importância deste novo volume da col. Que País é Este? Diz ele! "***Amazônia Saqueada** *é uma nova demonstração da grave ameaça que paira sobre os destinos do País. Retrata a situação miserável dos habitantes do grande vale, revela a decadência da Zona Franca, lembra as imensas riquezas de Carajás, as vendas de terras para americanos, uma invasão pacífica a que o Brasil assiste indiferente e inerme".*

* * *

Trabalho compulsório na antigüidade, *de Ciro Flamarion Cardoso, Ed. Graal. Dividido em duas partes, na 1.ª uma visão acerca da escravidão e de outros tipos de trabalho não-livre ou compulsório na Antigüidade; na 2.ª uma coletânea de fontes primárias que versam sobre o trabalho compulsório antigo. Destinado a professores e estudantes de História Antiga a nível de cursos de graduação em História.*

* * *

O "sonho americano" de Monteiro Lobato, *de Cassiano Nunes, Ed. do Autor. Depois de* **Jornada Lírica**, *reunião de seus poemas, Nunes retorna à sua paixão básica: o estudo da vida e da obra de Lobato. Aqui ele não se detém, como faz costumeiramente, nas cartas, mas estuda o que ele considera "o sonho americano" do grande escritor paulista.*

* * *

Corpomente, *de Ken Dychtwald, Summus Ed. Busca de pontos de contato entre a visão ocidental e a oriental do homem e seu corpo. Síntese dos caminhos do oriente e do ocidente para a autoconsciência, saúde e crescimento pessoal. O livro mostra os pontos de inserção entre o orgânico e o psíquico, valorizando as modernas idéias sobre o corpo.*

* * *

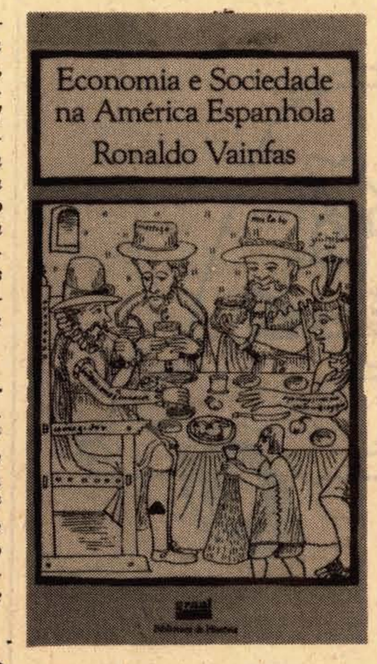
Novas formas do amor, *de Carl R. Rogers, Livraria José Olympio Editora. Enfocando o casamento e suas alternativas, o autor trata do eterno e sempre novo e irresolvido problema das relações homem/mulher. Para Rogers cada caso é um caso. Sexta edição.*

* * *

Jornalismo empresarial, *Teoria e Prática, de Francisco Gaudêncio Torquato do Rego, Summus Ed. O livro estuda as características, os objetivos, os métodos e as técnicas de elaboração dos órgãos publicados por organizações privadas e públicas, destinados tanto a funcionários quanto a públicos externos. Na parte final desta obra pioneira, uma pesquisa sobre o jornalismo empresarial no Brasil.*

* * *

Vida, paixão e mortes de Corisco, o Diabo Louro, *de Paulo Gil Soares L e PM — Editores. Estudioso e conhecedor do assunto, o Autor possibilita nova abordagem de um tema e um período contraditório da história brasileira. Ao examinar o Cangaço e suas*



implicações, Soares o recupera através de depoimentos, pesquisa de campo e interpretação do material existente.

* * *

Marx: o homem, o pensador, o revoluncionário, *organização de D. Reiazanov, Global Ed. Seleção de artigos que objetiva dar uma visão de Marx bastante abrangente, reunindo textos de Rosa Luxemburgo, Engels, Plekhanov, Lênin, Mehring, Lafargue, Lessner, Liebknecht. Novo volume da col. Luta de Classes, coord. de Antônio Roberto Bertelli.*

* * *

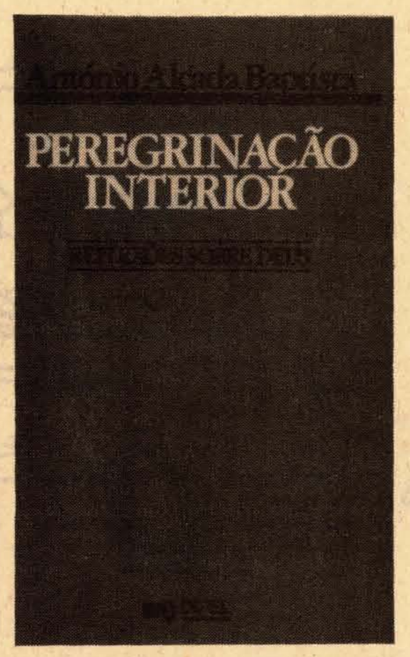
Economia e Sociedade na América Espanhola, *de Ronaldo Vainfas, Ed. Graal, Síntese da história colonial hispano-americana dirigida, em especial, aos alunos universitários de História e demais Ciências Humanas. Abordagem de questões essenciais da conquista e colonização da América pelos espanhóis, do século XV ao século XVIII.*

* * *

A consciência didática no pensamento pedagógico de Rio Barbosa, *José de Arruda Penteado, Cia. Ed. Nacional. O ensaio se detém na análise do plano de reforma elaborado em 1882-83, pelo então jovem deputado baiano Rio Barbosa; revela o que nele havia de inovador e porque foi preciso que se passasse um século para que se visse o que nele havia de importante. Volume 378 da Col. Brasiliana.*

* * *

Diário da Crise, *de Fernando Gabeira, Ed. Rocco. Mais uma vez Gabeira extrai de suas vivências e da observação do que o rodeia e de como sente o momento da crise que atravessamos, os motivos para sua escrita. Aqui, no primeiro do que ele pretende*



seja uma série, temos reflexões sobre a situação política brasileira atual, a sexualidade, a ditadura e a cabeça das pessoas, entre outros temas polêmicos.

* * *

Peregrinação interior *(reflexões sobre Deus), de Antônio Alçada Baptista. Difel. Mesclando o ensaio e o diário, o Autor relata a evolução de sua vida, e a busca constante de Deus, numa visão que ele deseja registrar e legar aos leitores. Baptista é advogado, escritor, editor e humanista, nome bastante conhecido em Portugal.*

* * *

Freud e Lacan, Marx e Freud, *de Louis Althusser, Ed. Graal. Reunião de dois importantes ensaios do conhecido filósofo francês, que se complementam, estabelecendo pontos comuns entre duas ciências revolucionárias. Na "Introdução crítico-histórica", Walter J. Evangelista diz: "Com "Marx e Freud", portanto, assim como o fizera com "Freud e Lacan", Althusser nos mostrou como a Filosofia, é, em última instância, política na teoria".*

* * *

Palavras do estrangeiro, *de Elie Wiesel, Ed. Francisco Alves. Relato do drama judeu durante a guerra, por alguém que foi enviado, ainda criança, para o campo de concentração de Auschwitz e depois a Buchenwald. O livro conquistou o Prêmio Internacional de Paz/1983.*

* * *

O que é a Psicologia, *de Richard H. Henneman, Livraria José Olympio Editora. Dividido em três partes, o trabalho nos dá respostas para inúmeras questões sobre o mundo da psicologia. O A. é catedrático da Universidade de Virgínia, EUA, e o livro chega, entre nós, à 12 edição.*

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

382

Salim Miguel

Da boa arte de narrar

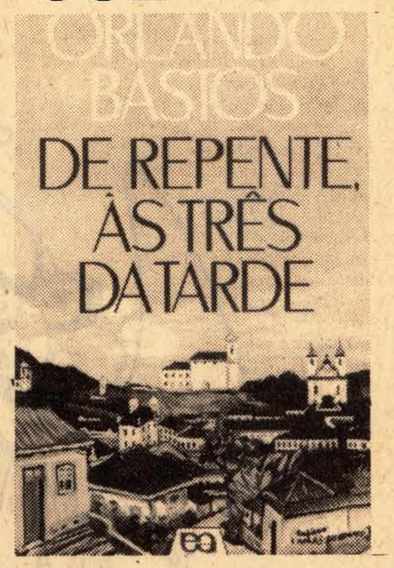
O primeiro contato que tivemos com a ficção de Orlando Bastos se deu em 1979. Co-editávamos, então, a revista **Ficção**, no Rio. E foi, para todos nós editores, uma satisfação sumamente agradável recebermos para publicação o conto "Joãozinho Liveira", bem narrado e estruturado, revelando um autor em pleno domínio de seu fazer literário. Na nota de apresentação já se anunciava o lançamento de um volume de contos, com a cooperação do prof. Alfredo Bosi.

Ficção acabou, não mais tivemos notícias do autor, não chegamos a ver seu livro **Confidências de viúvo.** Agora, com apresentação do mesmo Alfredo Bosi, nos chega **De repente, às três da tarde,** pela Ed. Ática.

Todas as qualidades de narrador que havíamos notado no conto então publicado estão presentes, em doses maiores, no volume. Como assinalava Antonio Carlos Vilaça, "Orlando Bastos tem estilo próprio e brasileiro. E torna simples pela forma o que é complexo pela substância".

Aos poucos, como quem não quer nada, Bastos vai nos introduzindo em sua Bom Jesus da Serra. Logo a cidadezinha vai nos erguendo, com seus hábitos e costumes, seus tiques e modismos, suas intriguinhas, suas figuras típicas, suas gentes sofridas e/ou sonhadoras, e vamos sendo levados a suas ruas, bares, igreja, barbearia, farmácia, alfaiataria, um mundo que nos é próximo e distante. E é pela mão segura de um **alterego** do Autor, personagem espécie de fio condutor que perpassa várias histórias (e onde não perpassa diretamente se deixa marotamente entrever), que nos tornamos íntimos e cúmplices de tudo que ali acontece.

Rastrear aproximações na ficção de Orlando Bastos não nos parece tarefa difícil. Ele mesmo dá as pistas, joga um jogo lúdico com o leitor, mostra-nao-mostra, sugere-esconde. Mas não interessa. Melhor que cada um vá descobrindo o que ali existe e se delicie com os casos e causos que lhe vão sendo narrados com simplicidade — uma simplicidade de que esconde um profundo conhecimento da arte (boa arte) de narrar.



O poema, instrumento vital para Lindolf Bell

O poeta Lindolf Bell não envelheceu nestes 20 anos de poesia. Até, parece, reinventou a juventude. Buscou espaços. Navegou, bem fundo, no rio da palavra. Entre algas e correntezas. Fiel à poesia, à emoção, ao artesanato do fazer poético. De húmus e areia, amor e participação, síntese e propósito, elaborou seu verso. Ajudou a construir a sílaba da vida. Poetou. Poeta. Sincero. No balcão do tempo, serve, alquimista da metáfora e da beleza, a magia do poema. Bell lançou há pouco **O Código das Águas** - Global Editora, Coleção Navio Pirata. Nesta entrevista ele resume seu pensamento sobre a poesia, emoção, luta pela sobrevivência como testemunha do seu tempo.

FC. Você criou o movimento de Catequese Poética em 64. Deu certo. a catequese?

LB — Deu certo à medida que surgiu no tempo certo. Os anos sessenta caracterizaram-se por uma insuspeita inquietação na cultura brasileira. Cinema, teatro, dança, música, poesia: o signo dominante inovação. Mas a redescoberta de raízes, as primeiras manifestações das memórias nacionais jogadas no lixo, começaram a ter defensores. Na poesia, a Catequese Poética assumiu um papel desconcertante destes anos da poesia visual. Voltou-se às origens do poema, sua oralidade, estruturando-se como uma bandeira solitária, arrancando o poeta da torre-de-marfim da pesquisa e da teoria, colocando-o frente a frente com leitores de maneira quixotesca, febril, dolorida. Falar para dez mil pessoas, como falei, em Itajaí, no Estádio Marcílio Dias, na abertura dos Jogos Olímpicos, num silêncio ancestral e comovido da platéia, representa um dos feitos dentro da poesia brasileira que, às vezes, não se divulga em grandes centros. O que não tem a mínima importância. Porque tudo faz parte de tudo. Ainda que pareça o contrário.

FC — Você poderia dizer onde se encontram, hoje em dia, os catequizados pela poesia?

LB — Se alguma pesso se redescobre no poema, não carece fazer alarde. O homem que se redescobre através do poema sabe que já não corre mais o risco de perder-se na sociedade consumista, pois reencontrou sua capacidade de introspecção. Em qualquer espaço encontram-se estas pessoas. Pois o poema é um caminho para a revelação do homem e seu destino profundo, longe de consumismos exacerbados nos quais o ocidente apodrece suas qualidades mais importantes: aquilo que os gregos chamavam de as "virtudes heróicas".

FC — Qual é o tamanho do poeta Lindolf Bell e o tamanho do sonho do poeta?

LB — A educação do ser poético é o tamanho do sonho do poeta. E o tamanho do poeta é a medida do seu sonho. Como a medida de todo homem é a medida do seu sonho. Por isso o sonho nunca acabou. O sonho começa sempre.

FC — Em algum momento você se sentiu traído pela poesia?

LB — A poesia não trai. Mas desafia. Se faz duvidar, no mesmo instante amplia a intuição, a consciência do nosso destino comum, ilumina a incerteza das coisas. E faz do ato poético uma dádiva onde o tempo do homem se faz de todas as estações e todas as circunstancias

FC — A poesia, de alguma maneira, lhe ajuda a *entender* homem que você está desenganado com relação ao destino humano?

LB — A poesia é um processo de revelação do homem. De mim. Que não estou além nem aquém do destino comum. Sempre sento na arquibancada geral. Não procuro camarotes para exibir os desvendar minhas perguntas e respostas.

FC — Se você fosse traduzir o Código das Águas, que palavras usaria?



LB — Transmutação.

FC — Você acredita nos poetas ou na poesia?

LB — Olha, Fernando, acredito no ser humano e sua capacidade de esperança. No poeta como um irmão sem preconceitos e na poesia como medida de grandeza, do destino comum.

FC — E o mercado para a poesia? Há ou não há?

LB — Lento, mas não impossível. Se todos os poetas entenderem que o ato final do poema é chegar ao leitor, o mercado se ampliará. Se a educação nas escolas, na casa de cada um, na universidade, assumir poema como um instrumento de auto-conhecimento, a audiência do poema crescerá. É preciso não ter vergonha da palavra poesia. Quando isto se tornar claro para todos, tudo ficará mais fácil.

FC — Onde está engajado o poeta Lindolf Bell?

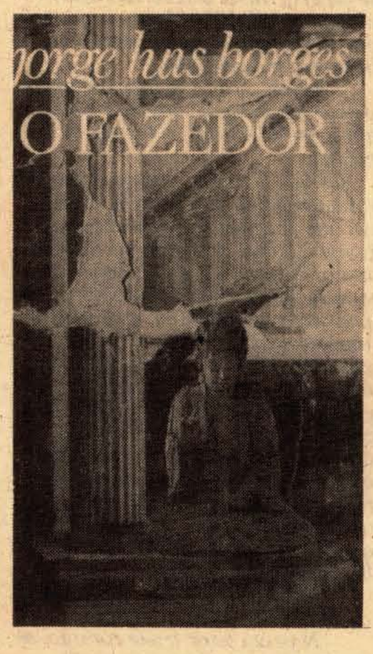
LB — Na busca do poema como instrumento de grandeza. Na certeza, aparentemente solitária, mas sempre solidária, que o destino do homem é seu destino poético. E neste destino cabem a beleza, a verdade, a dignidade a esperança aqui, gora, e já, do homem menos banal, menos incrédulo, menos cego, mais iluminado, mais motivado a reunir as forças que lhe restam para manter viva a chama da própria liberdade.

REGISTRO

O fazedor, *de Jorge Luis Borges, trad. de Rolando Roque da Silva, Difel. Ainda há pouco o bruxo Borges esteve entre nós. E se por suas posições políticas é sempre polêmico, parece não haver dúvida quanto à qualidade de sua obra de poeta, de ficcionista, de ensaista. Falar o quê dele e de sua importância nas letras atuais? O melhor mesmo é lê-lo. Ainda mais que a propósito deste livro, reunindo prosa e poesia, ele diz: "de quantos livros publiquei, nenhum, creio eu, é tão pessoal como esta indisciplinada e desordenada "silva de varia lección". E entre os vários textos aqui reunidos que se tornaram paradigmáticos, há um que passou, desde então, a ser exaustivamente citado. Trata-se do "Borges e eu", onde ele assim começa: "Ao outro, a Borges, é a quem sucedem as coisas". Para terminar da seguinte maneira: "Não sei qual dos dois escreve esta página".*

* * *

Amado meu, *de Pier Paolo Pasolini, trad. de Elizabeth Braz e Luiz Nazario, Ed. Brasiliense, col. Circo de Letras. Duas novelas publicadas postumamente, "Atos impuros" e "Amado meu". Escritas no início da carreira do autor (que se tornaria mais conhecido como cineasta) elas na verdade nunca chegaram a ser completadas. Daí a dúvida: será que Pasolini algum dia as retomaria e viria a publicá-las? De qualquer forma, nelas estão algumas das constantes desta figura controvertida como pessoa, para além da sua importância como artista. O tema único das*



duas novelas é o homossexualismo, existindo em ambas muito de autobiografia. Uma constante, aliás, na obra do autor de "Teorema", "Decamerone", entre tantos outros trabalhos.

* * *

Os melhores contos, *Breno Accioly, seleção de Ricardo Ramos, Global Ed. Mais do que oportuna reedição. Um dos mais importantes e inquietos ficcionistas da chamada "geração/45", Accioly não vem tendo o reconhecimento devido por parte da crítica e do público. Morto aos 45 anos, só agora seus contos são relançados, nesta criteriosa seleção que nos devolve alguns de seus mais expressivos trabalhos.*

* * *

Os Novos, *de Luiz Vilela, Ed. Nova Fronteira. Com seu primeiro livro, edição artezanal,* (**Tremor de terra,** *contos) Vilela se firmou como importante ficcionista. De lá para cá, os demais livros só têm feito confirmar suas qualidades de escritor. Neste romance, agora reeditado, ele traça um painel da inquietação de jovens em busca de rumo. Como sempre, seu forte está no diálogo e na criação de tipos.*

* * *

Os balateiros do Maicuru, *de Sílvio Meira, Ed. Francisco Alves/Pró-Memória/INL. Completando uma trilogia, mas podendo ser lido independentemente, este romance é um retrato de mais uma entre as numerosas Amazônias. A trama se centra na extração de balata, produto bastante valorizado no exterior, e no drama dos balateiros, com a dupla brutalidade: de um lado a colheita predatória e do outro as lutas e o sofrimento dos homens que ali procuram sobreviver.*

* * *

A invasão divina, *de Philip K. Dick, Ed. Melhoramentos. Retomando um tema que lhe é caro (a luta entre o bem e o mal), aqui Dick recria a trajetória do Cristo. Só que, nesta parábola de ficção científica, em lugar de mandar seu filho, é o próprio Deus que volta à terra na tentativa de compreender e salvar os homens. Para isto conseguir, o A. se utiliza de elementos pertencentes às tradições judaica e cristã, construído por igual um romance de aventura e de reflexões sobre o homem e seu destino.*

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Novas cartas de Mário de Andrade

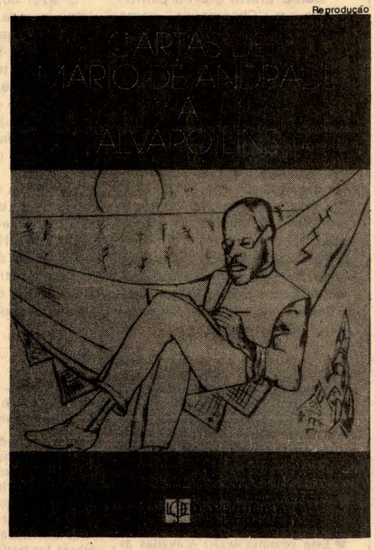
A produção de Mário de Andrade, nas mais diferentes áreas culturais, foi extremamente intensa. E sempre instigante. Seja como criador, seja como pesquisador, seja como administrador e ativador da cultura, ele teve uma participação de maior importância. E espalhou, ao longo dos anos em que viveu (que não foram muitos), volumes de poesia, de contos e romances, de crítica literária, de ensaios, de estudos sobre música ou folclore, etc. etc. E não faz muito outra faceta se tornou igualmente conhecida: a de fotógrafo, tendo documentado com pertinência aspectos da vida brasileira, em especial durante sua viagem pelo Norte–Nordeste.

Como se tudo isto não bastasse, foi um fértil e incorrigível epistológrafo. Espalhou centenas de cartas por este Brasil inteiro, para velhos amigos, para novos amigos, para pessoas de sua geração ou para jovens que buscavam uma palavra de incentivo ou apoio.

No dia em que se tornar possível a publicação de todo este vasto material, em ordem cronológica, ter-se-á uma idéia precisa do que representou sua correspondência. Mas: ter-se-á uma visão do homem e do artista Mário de Andrade — e também do próprio País.

Mais um volume veio há pouco se juntar aos vários já publicados. Trata-se das cartas que ele escreveu a Álvaro Lins, que surgem em edição da Livraria José Olympio editora. São 17 cartas, a primeira de 1942 e a última de janeiro de 1945, cerca de um mês antes da morte de Mário de Andrade.

Reprodução



Completam o volume: apresentação do professor e ensaísta Ivan Cavalcanti Proença, comentários e notas de pé de página de José Cesar Borba e Marco Morel.

É leitura imperdível. E não só para os admiradores do autor de **Macunaíma**. Mas para todos que se preocupam com o processo de criação literária e com a honestidade intelectual — marca primeira do homem e do artista que foi Mário de Andrade.

A volta de uma boa coleção

Vinicius de Moraes, poesia, por Pedro Lyra, é o primeiro volume da nova fase da coleção Nossos Clássicos, da Livraria Agir Editora.

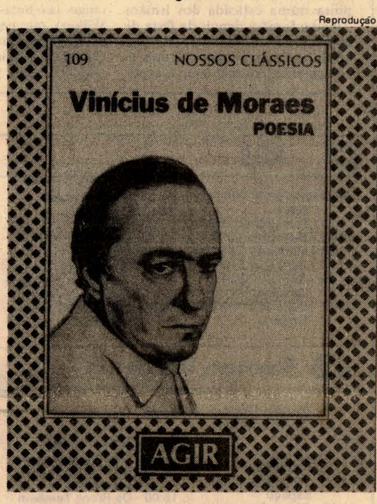
Lançada na década de 50, com mais de uma centena de títulos publicados, esta coleção de livros de bolso, que mereceu excelente aceitação por parte do público e crítica, volta agora com o mesmo formato, porém em nova roupagem: melhor apresentação gráfica e acabamento.

A proposta, contudo, é a mesma. Dar uma visão de nomes representativos das letras, situando-os no tempo e no espaço. Começa por dados biográficos, continua com uma apresentação seguida de antologia, e conclui com uma bibliografia do autor, sobre o autor e julgamento crítico a respeito da obra.

É o que temos neste **Vinicius de Moraes.** Aqui o leitor tem oportunidade de acompanhar a trajetória do poeta (depois da década de 60 mais conhecido por sua atuação na música popular brasileira) desde seu primeiro livro, **O caminho para a distância,** 1933, até **A mulher e o signo,** 1980, ano da sua morte.

O pequeno estudo de Pedro Lyra é significativo. Dá um retrato pertinente do mais popular poeta do modernismo brasileiro, conforme o próprio Lyra faz questão de acentuar, para a seguir afirmar: "pode-se concluir que sua obra foi uma ascensão contínua e que ele evoluiu do verso-jorro ao verso-contenção, do tom encantatório ao tom denunciante..."

Reprodução



Mais títulos da Encanto Radical

Quase 50 títulos, reunindo nomes os mais diversos, começando por um Dostoievski, continuando com um Noel Rosa, prosseguindo por figuras como Oswald de Andrade ou John Lennon, Hemingway ou Kafka, Cruz e Sousa ou Allende, Leila Diniz ou o Barão de Itararé, compõe o painel inicial desta Coleção Encanto Radical, editada pela Brasiliense. Em formato de bolso, não ultrapassando as 100 páginas, procuram situar as figuras estudadas dentro de um contexto de tempo e espaço, mostrando como elas atuaram em suas diferentes áreas.

Há pouco, mais quatro volumes foram publicados:

Lima Barreto, de Régis de Morais, nos mostra o que foi este escritor que lutando contra tudo e contra todos nos deixou uma das obras mais inquietantes da literatura brasileira;

Ema Goldman, de Elisabeth Souza Lobo, traça o perfil de uma combatente que percorreu os caminhos do mundo em busca permanente, dividindo-se sempre entre a militante anarquista e a mulher apaixonada;

Carmen Miranda, de Luiz Henrique Saia, devolve-nos um pouco desta portuguesa que se tornou símbolo brasileiro, com seu poder de fascínio e sua contestada voz, mas que marcava os que a (ou)viam;

George Orwell, de Ricardo Bonalume Neto, relembra, neste 1984, o autor de um romance célebre por sua antecipação do futuro, o discutido **1984**, que, sem se entrar numa avaliação qualitativa, deixou num segundo plano tudo o mais que Orwell escreveu.

Reprodução



REGISTRO

A celebração da poesia, de Angélica Maria Santos Soares, Ed. Cátedra/Pró-Memória-INL. Camões, Álvares de Azevedo, Mário Cesariny Vasconcelos, Helena Parente Cunha, Ildásio Tavares. Cinco poetas (dois portugueses, três brasileiros) de visão e concepção de mundo inteiramente diferentes. Sobre eles se debruça a Autora para nos dar com segurança, e, como diz Pedro Lyra, "confirmando seus méritos de crítica", uma leitura onde ressalta a celebração do humano no poético.

* * *

A epopéia Brasileira, de Henry Bacon, Ed. Antares/Pró-Memória-INL. Um tema fascinante e que sempre oferece novas possibilidades de leitura. Eis **Os sertões**, de Euclides da Cunha. É o que faz o ensaísta Bacon, neste trabalho que ele subintitula de "Uma introdução a **Os sertões**".

* * *

O teatro da espontaneidade, de J.L. Moreno, Summus Ed. Mais um livro de Moreno, depois de **Fundamentos do psicodrama**, pela mesma editora. Escrito em 1923, o texto atual é o de 1973, pouco antes do falecimento do Autor. Aqui, as bases do teatro da espontaneidade.

* * *

O que é romance policial, de Sandra Lúcia Reimão, Ed. Brasiliense. Enquanto a discussão sobre a literatura policial prossegue, o gênero continua prendendo em sua teia multidões de leitores que buscam um momento de relax. Mas como recusar-se as qualidades de literatura "série" para um **O falcão Maltês**, de Hammett, por exemplo? Por sinal, nova edição acaba de chegar às livrarias pela mesma editora.

* * *

Lampião, de Ranulfo Prata, Traço Editora. Editado pela primeira vez quando o célebre cangaceiro ainda vivia e lutava contra as forças policiais, este livro acompanha as andanças de Lampião pelo sertão, detendo-se antes em falar de seu nascimento, sua infância, família, tipo físico e psíquico, etc. Na apresentação, Antônio A.C. Araújo diz que Lampião chegou a ter em mãos um exemplar do livro e que fez observações sobre pontos dos quais discordava.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

384 - MIGUEL, Salim. Livros – Um poeta lê outros poetas.... **O Estado,** Florianópolis, 23 set. 1984.

LIVROS

384

Salim Miguel

Um poeta lê outros poetas

Se têm sido sempre numerosos, em quantidade e qualidade, entre nós, os poetas, não são nada numerosos, por outra parte, os estudiosos do fenômeno da criação poética. Menos ainda os que sabem com propriedade se debruçar e analisar criação e criadores, dando-nos uma visão do fazer poético em todas as suas implicações e da proposta humana e estética do poeta.

Daí a importância que adquire um livro como este A sombra de Orfeu, de Ivan Junqueira, há pouco aparecido pela Editora Nórdica/Pró-Memória/INL. Reunindo 31 ensaios, é livro onde um também poeta e tradutor fala com pertinência e sensibilidade do poema e de poetas.

Abre o livro longo ensaio sobre Eliot (de quem aliás Ivan Junqueira é tradutor); ele nos aproxima do grande poeta de "Quatro Quartetos", para que melhor possamos chegar até o íntimo mesmo da mensagem que nos é proposta. E por aí começamos a questionar a epígrafe extraída de Dámaso Alonso ("Que nada se interponga — si es posible — entre el lector y la obra"). Não, não é possível. Mesmo que cada um de nós deva ter a sua leitura própria, deve sentir a seu modo o poema e nele penetrar, é preciso que possamos confrontar esta visão com a de outrem, seja ele poeta ou ensaísta ou ambas as coisas. Este outrem, com suas colocações, nos provoca, nos açula, faz-nos pensar mais, no sentido de que tenhamos condições de ampliar a leitura (ou leituras) que um texto deve proporcionar no sentido de nos enriquecer.

Reunião de trabalhos publicados na imprensa nos últimos tempos, eles nos revelam, ainda assim, uma unidade que é resultado do trabalho de alguém que já tem, a partir de sua própria criação poética, uma linha traçada, um sentido do estético e do humano. Por isso, os ensaios se fecham num todo "de consciência estética e de estilo" como bem assinala Mauro Gama.

Não se pense, porém, que Ivan Junqueira se dedica só a estudar vultos como um Eliot. A maior parte de seus trabalhos busca iluminar aspectos da obra de poetas brasileiros, velhos ou novos, conhecidos e menos conhecidos.

Assim, se por um lado ele quer situar no lugar devido um Dante Milano, nome importante que não teve ainda o reconhecimento do leitor e da crítica, por outro chama a atenção para Olga Savary, de quem diz que, em sua poesia, se observa "o matrimônio do pensamento que se **emociona** com a emoção que **pensa.**"

Há, em quase todos os trabalhos do volume, anotações pertinentes que mereceriam ser mais debatidas, aceitas, discutidas, recusadas. E gostaríamos, aqui, de chamar atenção para uma aproximação que necessitaria ser feita a propósito de Mário Quintana, quando Ivan assinala que a crítica literária brasileira... "jamais se ocupou como devia desse imenso



poeta que é Mário Quintana." Reconhecendo a validade da colocação, ainda assim fazemos uma ressalva: é preciso não esquecer o modelar ensaio que ao poeta gaúcho dedica o crítico e ensaísta Fausto Cunha — certamente quem melhor entre nós intuiu a grandeza do autor de tantas obras-primas.

1984

Âmago do âmago

"Assim queria escrever, indo ao âmago do âmago até atingir a semente resguardada lá no fundo como um feto" — diz a personagem narradora do conto "Verde lagarto amarelo", que abre o volume Os melhores contos, de Lygia Fagundes Telles, seleção de Eduardo Portella, lançamento da Global Editora.

Se fôssemos buscar uma frase para identificar e caracterizar a prosa mágica e profunda de Lygia, certamente escolheríamos a acima transcrita. Sim, a Autora vai fundo em sua investigação da verdade expressional, da verdade última do ser humano. Ela procura, com ânsia e gana, o âmago do âmago.

Neste volume estão alguns exemplares momentos de seu texto, de sua maneira tão peculiar de erguer e construir uma situação, uma cena, uma figura, num clima que harmoniza sensibilidade e inquietação, lirismo e humor, o mítico e o real que perpassa no ficcional para alcançar a verdade no seu todo.

Esta é a seleção ideal para que se tenha uma exata visão da prosa de Lygia, do poder criador de Lygia, da proposta de Lygia como escritora e como pessoa? Pouco importa. Sim e não. Sim, porque aqui encontramos excelentes peças de seu fazer literário, de sua preocupação como o texto e o pré-texto, com o que dizer e o como dizer, com o que é narrado e o que é apenas sugerido. Não, porque cada estudioso do processo de criação literária, cada leitor atento de Lygia teria, certamente, uma seleção tão válida quanto a que aqui temos, ainda que diferindo na escolha dos contos.

Estamos com o selecionador, o professor e ensaísta Eduardo Portella, quando ele assinala que, dominando também a arte do romance, é no conto que Lygia Fagundes Telles melhor se realiza.

E este registro não poderia ser encerrado sem anotarmos que a solidão, o desencontro, a busca (infrutífera?) de uma razão de ser, o fantástico que permeia o banal do dia-a-dia marcam e delimitam a escrita de Lygia. Mas tudo isto nos chega como que transfundido por uma prosa forte e maleável, que nos envolve e nos transporta para o mundo maravilhoso da ficção, só entrevisto e sentido pelo verdadeiro artista criador. Que o faz chegar até nós outros, pobres mortais.

REGISTRO

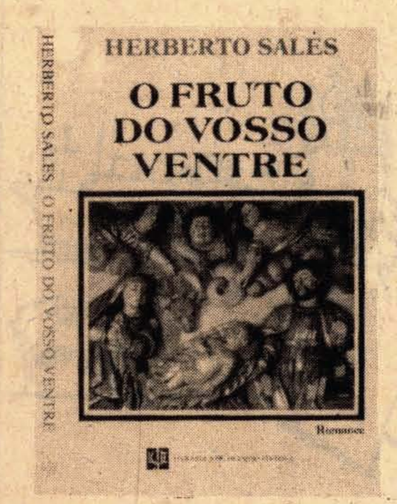
O fruto do vosso ventre, *de Herberto Sales, Livraria José Olympio Ed. "Legítima obra-prima", disse Franklin de Oliveira deste romance quando do seu lançamento. Depois de fazer a radiografia de sua região em livros como* **Cascalho**, *Herberto Sales partiu para uma ficção, com laivos de ficção-científica, na qual disseca uma sociedade baseada na tecnocracia. Com extremo humor e pertinência ele nos oferece, nesta oportuna terceira edição, a história de um povo numa ilha, que luta por se livrar de uma arrasadora invasão de coelhos, para a seguir defrontar-se com o problema da superpopulação humana. Veja-se, já a partir daí, a aproximação que o Autor faz com os coelhos e a ilação que ele extrai. Instigante parábola de um microcosmo que reflete o macrocosmo.*

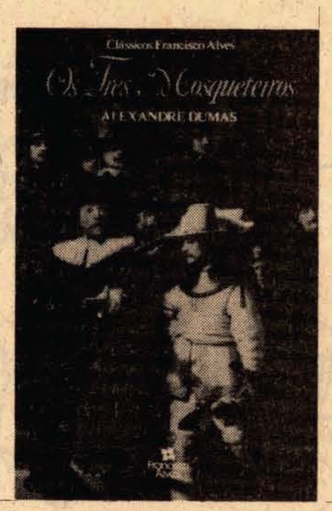
x-x-x

Doramundo, *de Geraldo Ferraz, Ed. Ática. A pequena cidade de Cordilheira é abalada por uma onda de estranhos e enigmáticos assassinatos, criando, por entre o nevoeiro que a envolve, um clima de tensão permanente. Eis o fio condutor deste romance, que a partir daí amplia sua proposta para nos dar um retrato real e amargo do cotidiano, com suas lutas e entrechoques. Marco da nossa literatura pós-modernista, de estrutura inovadora, surgiu em 1956 — e desde então vem tendo excelente fortuna crítica. Agora em 4.ª edição, com importante posfácio do crítico português Adolfo Casais Monteiro, que situa com precisão autor e obra. Texto para ser lido e curtido.*

x-x-x

Crônica de um amor louco, *de Charles Bukowski, LePM-editores. Descoberto há pouco no Brasil, Bukowski passou logo a ser violentamente curtido pelas novas gerações. Nesta Parte I de "ereções, ejaculações, exibicionismos", todos os elementos que compõem o universo do escritor, reunindo série de contos (ou fic-*





ções). O título brasileiro é do filme de Marco Ferrerri, de tanto sucesso, baseado na primeira história do volume.

Chão dos Puris, *de Heli Samuel, Ed. Cátedra. Miracema continua sendo o centro do universo ficcional deste escritor, como já o fora nos romances "Amecarim" e "João Petinga". Aqui são contos abordando temas e personagens que ele colhe na cidade e que feriram a sensibilidade do autor, tratados "sobretudo como realidade social", na apreciação de Haroldo Bruno Filho, que assina a orelha do livro. Biscateiros e ladras, prostitutas e homossexuais, transitam por estas páginas.*

x-x-x

Amor em campo minado, *de Dias Gomes, Ed. Civilização Brasileira. Oitavo volume da obra teatral do autor, que vem sendo publicada pela Civilização Brasileira, dando-nos uma visão do amplo universo de Dias Gomes. Aqui é uma versão nova de uma peça intitulada "Vamos soltar os demônios", de 1970. Como em tudo que escreve Dias Gomes, a nota política se faz presente, propondo a peça uma reflexão sobre 64, suas seqüelas e conseqüências.*

x-x-x

O adubo de Deus, *de Vitória Martins, Ed. Comunicação. Nesta ficção experimental a autora joga (por vezes brinca) com a palavra; e assim vai armando seu texto, avançando, recuando, interferindo, a partir das entidades que ela denomina de Fila e Colacha. Qual a proposta de Vitória? Vai, parece-nos, depender do leitor e do tipo de leitura.*

x-x-x

Madame Oráculo, *de Margaret Atwood, Ed. Marco Zero. Para além de sua qualidade, este romance nos permite entrar em contato com uma literatura que ignoramos, a canadense. A autora é nome conhecido no Canadá; e por sua proposta e seu humor,* **Madame Oráculo** *logo se tornou sucesso, sendo considerado pela imprensa "rico, sutil, profundo, delicado."*

Os três mosqueteiros, *de Alexandre Dumas, Ed. Francisco Alves. Em dois volumes, aventura e emoção que tem deliciado milhões. Embora não tenha sido escrito com tal preocupação, é hoje considerado um clássico da literatura juvenil. Resistindo ao correr dos anos e às modas, a narrativa continua atraindo jovens leitores de todas as latitudes, com seu lema "um por todos, todos por um", que se confundem com as figuras de D'Artagnan, e de Athos, Porthos e Aramis.*

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

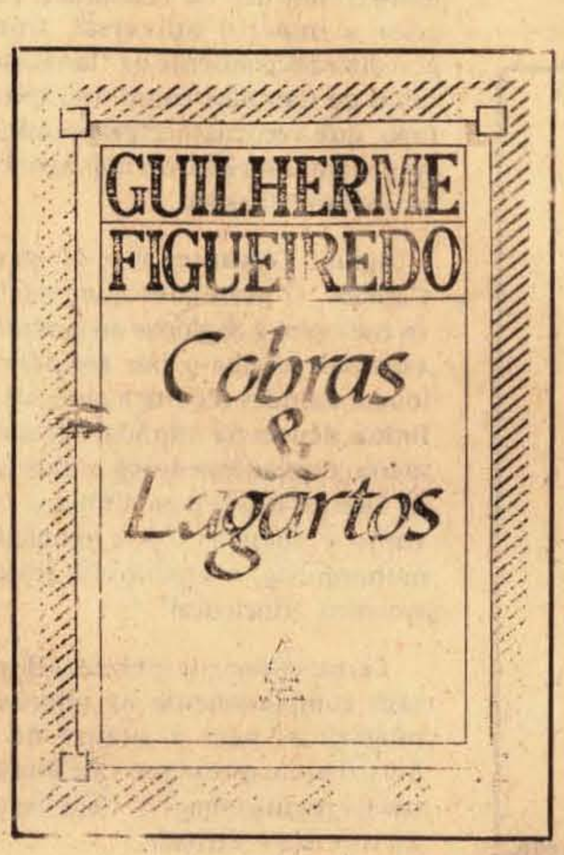
385 - MIGUEL, Salim. Livros – A crítica como arma de combate.... **O Estado,** Florianópolis, 30 set. 1984.

A crítica como arma de combate

Polêmico, cáustico, irreverente (veja-se seu livro sobre a Academia Brasileira de Letras), Guilherme Figueiredo tem atuado, ao longo dos anos, em várias frentes culturais, seja como educador, teatrólogo, ficcionista, tradutor, jornalista. Poucos, contudo, tinham conhecimento de sua incursão pela crítica literária. Daí a validade da publicação em livro (**Cobras e lagartos,** da Ed. Nova Fronteira) da colaboração que ele manteve, durante cerca de três anos (1943-1945), no Suplemento Literário do "Diário de Notícias" do Rio, substituindo no rodapé de crítica um nome como Mário de Andrade.

Explicando agora o que chama de sua "afoiteza" no aceitar o convite, diz que "não havia muita ambição literária", mas "duas razões ponderáveis: eu **precisava** do dinheiro das colaborações—eu **precisava** lutar contra o "Estado Novo". Mas a prova de que ele tinha queda para o gênero é que, passados quarenta anos, muitos dos trabalhos resistem ao tempo e nos dão a visão do autor sobre o processo de criação literária.

Pode-se agora, não só ter uma idéia do que ele produziu e da importância do que produziu, mas também do que se produziu no período, da permanência de alguns títulos, enquanto outros, bem recebidos na época, a poeira inexorável dos anos tragou. G.F. fala, por exemplo, de Eliezer Burlá, premiado num concurso da José Olympio. Depois de um início promissor, abandonou as letras (ou parou de publicar); ou ainda de Leda Maria de Albuquerque, menção honrosa no mesmo concurso, dizendo que "incontestavelmente, o seu livro é uma revelação", embora acentue não se encontrar ainda em pleno domínio do gênero. Pergunta-se: por onde andará a autora e quem dela se lembra hoje?.



É interessante ler-se o que ele disse de um livro inovador como "O agressor", de Rosário Fusco, "O misterioso agressor", como Figueiredo intitula seu rodapé, quando fala do luxo verbal de Fusco, do hermetismo do livro, da atitude de pasmo diante do livro, do que é o livro como estrutura e como proposta ficcional. Relançado há pouco, "O agressor" continua provocando discussões e incompreensão, como tudo o mais que saiu da pena de Fusco.

Se Guilherme Figueiredo transforma muito justamente sua crítica numa arma de combate contra a ditadura vigente, se ele tem um visão muito peculiar do fazer literário, isto não impede que ao mesmo tempo em que acerte profundamente, cometa equívocos lamentáveis. Vejamos dois exemplos: falando da estréia de Clarice Lispector, ele assinala, com justeza, a revolução da escrita da autora em nossas letras, o que a tornaria bem logo em um dos nomes mais expressivos da prosa brasileira contemporânea; mas falando de José Lins do Rego, não consegue enxergar o significado de uma obra-prima como "Fogo Morto". Pois enquanto diz que se lhe fosse "permitido aconselhar este livro(**Perto do coração selvagem)** a alguém, eu o aconselharia aos que escrevem e aos que pretendem escrever", é de estranhar que sua sensibilidade não tenha captado a força telúrica do romance de Zé Lins, suma de tudo que o autor de "Menino de engenho" escreveu.

É significativo ler hoje a defesa que Figueiredo faz do livro "Fronteira agreste", de Ivan Pedro Martins, apreendido pela censura; a igual defesa que faz de "Sol sobre as palmeiras", de Pascoal Carlos Magno, ignorado pela crítica; e tentar ver se resistem os ataques dirigidos a Otto Maria Carpeaux.

Ah, sim, mas será bom que o leitor comece pelo comecinho, lendo o "Prefácio Importantíssimo", que nos dá a diretriz pela qual se guiava o crítico, por um lado, e pelo outro, nos devolve mais um pouco do infatigável epistológrafo que foi Mário de Andrade.

1984

Registro

Politica e Paixão, de Affonso Romano de Sant'Anna, Ed. Rocco. O nosso dramático dia-a-dia serve de mote e inspiração para os trabalhos (prosa e poesia) reunidos pelo Autor neste seu mais recente livro. Apanhando ao vivo, e ainda sangrando, sentindo com paixão o que o rodeia e indigna, ele nos oferece um punhado de agudas reflexões, unindo sensibilidade, verdade e ironia na visão da dura realidade do País. Algumas páginas logo se tornaram, desde a publicação em jornais e revistas, verdadeiramente antológicas, como a intitulada "A preguiça do Presidente" — que conseguiu mexer com as estruturas de Brasília. Mas não só de política vive o livro: aqui temos, por igual, outros problemas candentes, como o das minorias sociais, o do índio, da mulher, do negro. É ler (ou reler) com satisfação e proveito.

* * * * *

A estruturação da inteligência do pré-escolar segundo Piaget, de Maria Judith Sucupira da Costa Lins, Ed. Anima. A Autora, estudiosa da obra de Jean Piaget, vem de há muito ministrando cursos sobre a Epistemologia Genética e suas possíveis aplicações pedagógicas. Neste livro, em linguagem clara, sem simplificações redutoras, ela nos introduz nos conceitos piagetianos e se propõe orientar os educadores para que não se tornem inibidores do desenvolvimento intelectual de seus alunos. Será, sem dúvida, importante ferramenta na mão dos que lutam por uma escola mais aberta e criativa.



* * * * *

João Caetano e a arte do ator, de Décio de Almeida Prado, Ed. Ática. João Caetano (1809-1863) não foi apenas o grande ator que deixou nome no palco brasileiro, por suas atuações e por seu repertório. Foi, também, além de empresário, o primeiro a se preocupar com a formação do ator, tendo deixado dois livros, "Reflexões dramáticas", de 1837, e "Lições dramáticas", de 1862. Décio de Almeida Prado, um de nossos mais importantes críticos e historiador do teatro, retoma um tema que o apaixona, a vida e a obra de João Caetano, para sobre ela e a cena brasileira de ontem lançar novas luzes.

* * * * *

O espírito das Épocas, de Edmundo Moniz, Elo Ed. A proposta do Autor é, através de uma dialética da ficção, examinar as condições em que viveram e atuaram determinados escritores e poetas, desde o renascimento até o século XX, realizando assim uma interpretação social e política dos componentes determinantes de tais épocas. Para isto ele estuda, entre outros, nomes como Dante e Camões, Cervantes e Shakespeare, Voltaire e Goethe, Stendhal e Dostoiewski, Machado e Eça, Proust e Brecht. Em 4ª edição.

* * * * *

Alejo Carpentier, de Jorge Quiroga, Ed. Brasiliense, col. Encanto Radical. Um dos mais instigantes criadores das Américas, visto aqui sucintamente, através de seu tempo e sua obra. Para este cubano, a América é um lugar do real maravilhoso, continente demoníaco, fonte de todas as possibilidades. E é dentro de tal visão que se desenvolve sua obra ficcional, marcada por títulos como "O Reino deste Mundo". A tudo isto nos remete Quiroga.

* * * * *

André Breton, de José Geraldo Couto, Ed. Brasiliense, col. Encanto Radical. Surrealismo e Breton se confundem. E com o surrealismo ele marcou um lugar em seu tempo e seu meio, passando a influenciar diretamente todas as manifestações artísticas de sua época. Inexistindo bibliografia sobre Breton no País (e pouca sobre surrealismo), este volume é uma introdução bastante válida e necessária.

* * * * *

O que é geração Beat, de André Bueno e Fred Goes, Ed. Brasiliense, col. Primeiros Passos. De repente passou-se a falar mais em Beat entre nós, com o relançamento (ou lançamento) de títulos de nomes que fizeram este movimento nos EUA. Aproveitando a publicação dos livros mais significativos da geração Beat no Brasil, os autores mostram o que este movimento significou nos anos 50 nos EUA e o que dele ficou.

* * * * *

Hipnodrama e Psicodrama, de J.L. Moreno e James M. Enneis, Summus Ed. Dois protocolos de trabalho psicossomático delimitam o campo de trabalho deste livro. Eles foram dirigidos por Enneis e comentados por Moreno. E resultaram da transcrição feita a partir de gravações diretas. Mostram o que é e como pode atuar a técnica de Moreno como processo psicoterapêutico. E de que maneira pode ser utilizada no psicodrama.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS **386**

Um texto inquietante

As várias leituras que comporta **Dias de fogo** (Ed. Global, Col. Múltipla) não invalidam uma conclusão básica a que fatalmente chega o leitor: de qualquer ângulo que seja examinado é um texto inquietante. Antônio José de Moura soube retraçar, através de Zanone, narrador e personagem principal envolvido num mundo de absurdos, um painel pertinente de determinado momento da vida nacional.

A proposta de Moura se situa, em termos de ficção e criação estética, dentro do que o autor já intentara em seu livro anterior, **Notícias da terra** (contos). Uma escrita densa, vigorosa, irônica. So que aqui, de forma mais ambiciosa, ele (re)cria, com estranha força, uma realidade ainda presente, num texto que flue, envolvendo-nos e nos fazendo refletir.

Para os interessados em prospecções detetivescas, há mais: ao longo das 130 páginas podem ser rastreadas e detectadas várias figuras que marcaram (e bem) determinado período de nosso passado recente. Para se chegar até algumas delas nem se torna necessário esforço maior (exemplo de Franciscato Franciscão); outras, porém, estão embutidas — mas ainda assim podem ser desveladas.

De que trata o livro? O que lhe dá unidade? Qual o fio condutor? São as amargas recordações de um homem (Zanone) que se sente fracassado em tudo, agora sob o domínio da segunda mulher. No início temos uma espécie de aprendizado que nos introduz naquele universo: Zanone fugido da seca — e para sobreviver "aperfeiçoa" o que chama de sistema para vencer "o medo da cidade grande". Medo que fará, mais adiante, com que veja um homem com três metros de altura.

Este início pode ser, em parte, enganador. Fala de gandaia, fala dos gostosos fuque-fuques, fala de busca. Num estilo ductil, numa linguagem que funde ironia e lirismo. Logo, procurando manter a mesma linguagem mas mudando o sentido e a visão, temos um retrato (mais um) da guerrilha e de seu significado, porque foi deflagrada e de que maneira foi exterminada.

Um trecho simboliza o que Zanone/Moura pretendem nos dizer daquele tempo de medo e angústia. Ei-lo: "Naquele dia os julgadores estavam com o peito que não cabia mais de medalhas, rutilantes nos uniformes engomados, chibantes como pavões com a cauda levantada. O diretor era um gaúcho de dois metros de altura, havendo quem calculasse três, mas com certeza o homem era menor, tendo crescido à medida que o nosso medo contaminava as coisas ao redor."

Eis aí o ponto crucial, uma das chaves para o melhor apreensão do universo ficcional de Moura e do que ele busca transmitir em termos de realidade. O medo de tudo, o medo da cidade grande, o medo da participação na guerrilha, o medo da repressão, o medo da mulher, o medo do homem de três metros de altura, o medo de um fim imprevisto.



A escrita coleia e procura acompanhar este estado de espírito de Zanone, sua trajetória, suas lutas e indecisões. Um Zanone que busca (debruçando-se sobre o passado para analisá-lo mas sem querer recuperá-lo) entrever um presente dramático e pressentir um futuro incerto. Mas nada consegue, tolhido de um lado pelo medo e do outro pelo álcool.

Fechado em seu círculo de medo, tenta adivinhar para onde o conduziam. E deixando aos leitores as múltiplas possibilidades de leitura, conclui, num final que é também um grito de desespero: "O pátio do hospital tem eucaliptos."

1984

"O falcão maltês": um marco

Dois nomes marcaram, quase ao mesmo tempo, uma nova postura no campo do romance policial: Dashiell Hammett e Raymond Chandler. E se o segundo leva, sob certos aspectos, alguma vantagem sobre o primeiro como factura e concepção (o que é discutível para os curtidores do gênero), é inegável que o mesmo enfoque e a mesma visão atravessam o tratamento que ambos dão ao tema. Primeiro, tirar a ficção policial como que de um porão, espécie de leitura secundária feita às escondidas; segundo, desmistificar o detetive puro cérebro e pura dedução, que nunca ou raramente sujava as mãos com o crime, pairando num mundo à parte e de lá resolvendo todos os casos.

O falcão maltês, que ora reaparece no Brasil, em tradução de Candida Villalba, pela Ed. Brasiliense, é um exemplo clássico do novo tipo de romance policial; e Sam Spade, o detetive criado por Hammett, viria servir de modelo para inumeráveis outros que lhe vieram na esteira a partir da década de trinta. Claro que, aos poucos, foi sendo deturpado. Tudo que nos livros de um Hammett ou um Chandler era funcional, dando-nos um painel não apenas do mundo do crime mas da própria sociedade norte-americana, passou a ser elevado a um grau tal de exasperação que das páginas escorriam sangue e violência gratuitas. Mesmo quando a linha mestra da história seguia a trilha dos precursores.

De repente Hammett volta e volta com força total, na lista dos mais vendidos, merecendo (com justiça, diga-se) páginas e páginas em jornais e revistas, analisado e louvado, como se fosse uma descoberta dos nossos dias. No entanto, aqui mesmo no Brasil ele já esteve em voga, com quase todos os seus livros traduzidos. Foi na Coleção Amarela, da Editora Globo, que revelou muitos autores do gênero para um público ávido de emoções fáceis. Assim, no meio de livros sem nenhuma importância, surgiam (e passavam) desapercebidos títulos de qualidade literária que iam para além do chamado romance policial — que era lido e jogado fora.

A volta de Hammett (e a mesma editora, a Brasiliense, nos promete também Chandler) recoloca-nos no



centro de uma discussão velha e revelha: a validade do romance policial como literatura pura e simples. Parece-nos discussão acaciana, já que, dentro de tal proposta, toda "literatura" pode ser questionada.

Aqui, contudo, pouco importa. Importa não só assinalar a qualidade e a força do texto de Hammett, mas também chamar a atenção para o fato de que sua vida é um componente a ser examinado dentro de um contexto mais amplo. Fiel a suas idéias, por elas lutou, sofreu, esteve preso. Para além da história, há em seu texto uma crítica, implícita ou explícita, ao modelo de sociedade na qual vivia.

O leitor pode ser preocupar com tudo isto; ou simplesmente curtir as aventuras/desventuras de Sam Spade, da busca do falcão e do que nele se continha, das implicações que podem ser extradas da trama. Tudo bem.

Esperamos é que, montada no sucesso do livro, a Editora nos traga também os outros títulos de Hammett, uma **A chave de vidro**, um **A safra vermelha,** um **Estranha maldição**, e também os contos. Que poderiam ser acompanhados do estudo introdutório de Lillian Helman, a grande teatróloga americana e sua companheira dos últimos anos.

REGISTRO

Use a passagem subterránea, de Lêdo Ivo, Ed. Record. Mais conhecido como poeta, um dos principais nomes da chamada "geração de 45", durante anos esta faceta de seu talento fez com que passasse desapercebido o prosador (ficcionista e crítico) que também é Lêdo Ivo. Aos poucos, contudo, foi se afirmando (para o leitor, pois a crítica já havia chamado a atenção para ele), o autor de romances como **Ninho de cobras** e **As alianças,** entre outros. Aqui, é o contista que retrata, num estilo límpido, com precisão, humor, lirismo, fantasia, pequenas histórias do dia-a-dia.

* * *

Minas e seus casos, de Olavo Romano, Ed: Ática. O Autor retoma a linha de seu livro de estréia, **Casos de Minas** (1982). São narrativas soltas e decontraídas, recolhidas no interior de localidades mineiras, que ele recria como se estivesse numa roda de amigos pitando e contando causos. Para Gilberto Mansur, neste livro se encontra "a voz de Minas — ressoando em cada linha, em cada expressão, em cada palavra dessas reportagens do cotidiano". Coleção Minas de Livros.

* * *

O popular, de Luis Fernando Veríssimo, L PM-editores. Fenômeno raro no mercado editorial brasileiro (seu **O analista de Bagé** já ultrapassou 80 edições), Veríssimo mantém, apesar de sua vasta colaboração, um nível de qualidade e uma linha de humor sutil. Que faz pensar e provoca mais o riso do que a gargalhada. Neste livro, em 3ª edição revisada pelo A., mais um bom exemplo de suas virtualidades de narrador.

* * *

Olívia, por Olívia, trad. de Renata Ribeiro, Ed. Antares. História de uma adolescente inglesa que vai completar sua educação num colégio para moças em Paris. O estilo e o pseudónimo fazem crer que há muito de autobiográfico no livro. Narra com sensibilidade e finura as descobertas do mundo e a progressiva tomada de consciência de uma jovem, num ambiente diferente do seu. Ilust. de Maria Regina Pedrosa de Senna Figueiredo.

* * *

Para gostar de ler, Ed. Ática. Novamente o conto, nesta série monográfica e paradidática que chega ao vol. 9, e que inclui também crônica e poesia. Aqui, separados em blocos por temas, está reunido um time de primeira: Clarice Lispector, João Antonio, Lygia Fagundes Telles, Machado de Assis, Moacyr Scliar, Murilo Rubião, Wander Pirolli. Completa o volume informações sucintas e bibliografia sobre os autores.

* * *

Recordações do escrivão Isaias Caminha, de Lima Barreto, Ed. Ática. Novo título da série Bom Livro. Agora, trazendo um dos mais representantivos exemplos da prosa do grande escritor brasileiro. Aqui, ao traçar a sofrida trajetória de Isaias, o A. traça, por igual, um retrato de determinado período do Brasil. Carmen Lydia de Souza Dias, na introdução, situa muito bem livro e autor, mostrando o que eles representam na literatura brasileira.

* * *

João Petinga, de Heli Samuel, Ed. Cátedra. Segundo livro do A., nele Heli aproveita seu personagame principal para traçar um quadro da vida em Miracema. Na "orelha", Luiz Carlos Machado diz que "malgrado a sua simplicidade", Petinga lhe lembra muito um complexo ser humano.

* * *

Históricas de Trancoso, de Gonçalo Fernandes Trancoso, Ed. Cátedra/Pró-Memória-INL. Nascido entre 1515/1520, o A. é considerado o primeiro contista português. E é um dos raros casos na literatura em que um autor cede seu nome para designar um gênero. Além disto, muitas das histórias recolhidas no populário, permanecem nele ainda hoje.

* * *

Os melhores contos do 4º concurso Osman Lins, Ed. Fenab. Contos e crônicas (estas num concurso denominado Sérgio Porto), tem serviço para promover os dois gêneros entre funcionários do Banco do Brasil, revelando novos autores ou confirmando nomes. Neste 4º concurso, dez contistas estão reunidos. Abordam temas variados e mostram porque o gênero continua sempre atraindo mais cultores (e leitores).

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

387

Boa leitura: o Rio nos anúncios

Se o livro de Delso Renaut (**O Rio antigo nos anúncios dos jornais**, Ed. Francisco Alves/Pró-Memória-INL) se limitasse ao que o título propõe, já seria o suficiente: teríamos, num texto curioso e gostoso, informações valiosas. E a recuperação deste aspecto do passado certamente iria interessar a uma gama variada de leitores. Pois através dos anúncios fatalmente ampliaríamos nossa visão da época pesquisada.

Mas o livro vai muito além da proposta do título. Debruçando-se sobre o tema, esmiuçando os jornais até a exaustão, Renault realiza, também, uma análise de fundo sociológico. De maneira abrangente, costurando a pesquisa com um estilo agradável, ele nos devolve hábitos e costumes de um período pouco conhecido de nossa história, que vai de 1809 a 1849.

Sem dúvida que a evolução dos anúncios, dos reclames, da propaganda, acompanhou a evolução da sociedade como um todo. E se não existia (nem podia existir) a sofisticação de hoje, os anúncios atendiam a uma necessidade da época, tentando



motivar e influir nas decisões dos leitores.

A fórmula, a forma, pode ter mudado. Mas o conteúdo e as intenções continuam as mesmas: promover, divulgar, vender, competir.

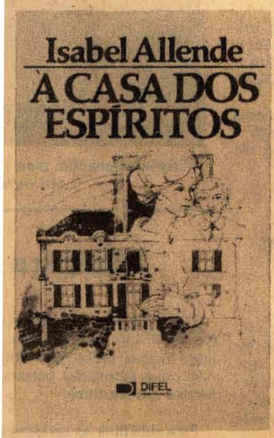
Como curiosidade (e também no sentido de "vender" o produto, interessando o leitor na compra do livro) vamos a dois exemplos de anúncios da época:

"O ELEPHANTE. Acha-se este raro e obediente animal na rua dos Ciganos nº. 67, tendo crescido dous palmos e meio, e com mais ensino do que tinha; as pessoas que desejarem ver este único elephante existente no Brazil queiram vir quanto antes, pois não se demorará muito".

"DOS MALES O MENOR. João da Rocha Mazarem, com casa de armador na Praça da Constituição nº. 40, do lado do theatro, tendo reformado de fazendas novas a sua casa, encarrega-se de todos os enterros, sejão simples ou com todo o luxo, pelos preços mais razoáveis, afim de que as famílias dos mortos, sentindo a falta que lhes fazem, não sintao além disso grandes prejuízos, verificando-se assim a epigraphe: — Dos Males o menor".

No livro, porém, há muito mais. Agora o reclame: se desejar saber o resto, vá à sua livraria. E boa leitura.

1984



Retrato do Chile ou da América Latina?

Na esteira de uma tradição literária hispano-americana, mais marcadamente a partir do chamado "boom" das últimas décadas, o romance de estréia de Isabel Allende (**A casa dos espíritos**, trad. de Carlos Martins Pereira, Ed. Difel) revela-nos não apenas mais uma autora bem dotada para o gênero mas alguém que já surge com um lugar definido entre os bons ficcionistas do continente.

A proposta é ambiciosa: retraçar, através da trajetória de uma família, os conflitos e as contradições da nossa América. E a partir daí, uma reflexão sobre o que somos e o que deveríamos querer.

Uma neta, de posse de um diário da avó, tenta recuperar o passado — e dele partir para uma investigação do porquê dos problemas que enfrentamos. Mas se do que ficou dito pode parecer que temos um texto fatigante, é ilusão. Sabendo narrar e prender o leitor em sua teia, Isabel constrói uma estrutura novelesca que envolve com sua fantasia e oferece momentos da mais pura fruição.

Clara, Alba, Nívea — eis as figuras femininas que nos introduzem naquele universo fechado. A simbologia é nítida, centrada nos nomes de conotação com o branco. Mas isto é para ir sendo descoberto pelo leitor. E no caso de Clara, outro componente, clarividência.

O fio condutor da história é a figura de Esteban Trueba. E ele, com [illegible]cibilidade, cresce e domina todos que o cercam. Ao final, consciente do que fez, o que sobra é uma estranha sensação de perda, perda de um mundo que poderia ser melhor, mais humano.

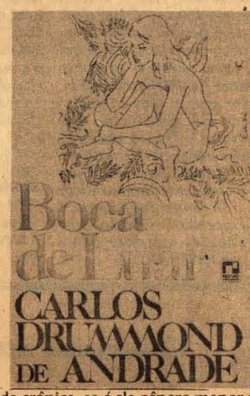
O retrato que a Aurora nos dá e de Chile? Sim e não. Sim, sem [illegible] até para o leitor menos informado será possível perceber, no todo ou mais diretamente na parte final do romance, uma clara referência, a tentativa de Salvador Allende de criar um País alternativo e livre de influências, e sua posterior derrota para as forças simbolizadas no futuro ditador Pinochet.

Mas, já o dissemos, Isabel é mais ambiciosa: o Chile é, no caso, um microcosmo que reflete o macrocosmo maior que é a América, envolvida em golpes e subgolpes, com seus ditadores maiores ou menores, que vão e voltam como uma praga.

Tudo isto transparece do livro, no qual se fundem humor, ironia, realidade, fantasia, num texto por igual inquietante e apaixonante.

A presença de Drummond

Pouco mais de quatro meses após haver deixado sua editora tradicional e assinado contrato com a Record, Carlos Drummond de Andrade nos dá o primeiro dos novos livros anunciados. Logo, promete, para a fruição de seus leitores e admiradores, outros se seguirão; isto para não se falar nas reedições.



Neste **Boca de luar** temos o cronista sensível e lúcido aliado ao poeta maior sempre presente, implícito ou explícito, em tudo que Drummond escreve. Na "orelha", Fausto Cunha se indaga: "Qual o segredo desse fascínio duradouro das crônicas de Carlos Drummond de Andrade, por que nos interessam tanto, e se fixam em nossa mente?"

Parece-nos, e não temos receio em afirmá-lo: porque Drummond é sempre autêntico, porque sua antena tão afinada sabe captar com precisão o mundo que lhe está ao redor; e sabe, por igual, numa linguagem comunicativa, apreender e transmitir. Tome-se, por exemplo, a crônica que abre o volume, "Visitante noturno", e veja-se o efeito que ele extrai a partir do inseto que sem se anunciar lhe pousa na mesa; ou então o flagrante tão oportuno do "Diálogo dos pessimistas".

Não importa, aqui, retomar a velha e revelha discussão a respeito da crônica, se é ela gênero menor ou maior. Quem faz o menor ou maior é o autor. Pegue-se, portanto, qualquer das crônicas drumondianas — nelas temos humor, lirismo; nelas temos o existencial da condição humana; nelas temos um retrato pertinente do Brasil de hoje, revelando com agudeza a crise político-social em que afundamos; nelas temos, sempre, alguém que sabe o segredo do bem escrever. E basta.

Prêmio Bienal-Banco Noroeste de Literatura Infantil e Juvenil

A Câmara Brasileira do Livro, com o apoio do Banco Noroeste S/A, instituiu o Prêmio Bienal-Banco Noroeste de Literatura Infantil e Juvenil, que distribuirá aos autores classificados Cr$ 3 milhões em prêmios, conferido a três categorias de livros publicados em 1ª. edição no período janeiro de 82 a dezembro de 83.

a) melhor texto infantil - Cr$ 1 milhão
b) melhor texto juvenil - Cr$ 1 milhão
c) melhor ilustração de livro infantil ou juvenil - Cr$ 1 milhão.

O concurso foi dividido em duas fases de votação; na primeira votaram 76 especialistas na área. Dessa votação resultou a classificação de cinco títulos para cada categoria, relacionados abaixo:

CATEGORIA: TEXTO INFANTIL

Autor	Editora	Obra
Elvira Vigna	- Miguilim	- Problemas com o cachorro
Joel Rufino dos Santos	- Ática	- História de Trancoso
Ricardo Azevedo	- Melhoramentos	- Um homem no sótão
Sérgio Caparelli	- L e PM	- Boi da cara preta
Sylvia Orthoff	- Salamandra	- Os bichos que tive

CATEGORIA: TEXTO JUVENIL

Autor	Editora	Obra
Ana Maria Machado	- Salamandra	- Bisa Bia Bisa Bel
Bartolomeu C. Queirós	- Miguilim	- Ciganos
Cora Ronái	- Salamandra	- Sapomorfose
Giselda L. Nicolelis	- Brasiliense	- Macapacarana
João Ubaldo Ribeiro	- Nova Fronteira	- Vida e Paixão de Pandonar, o cruel

CATEGORIA: ILUSTRAÇÃO

Autor	Editora	Obra
Ana Raquel	- Miguilim	- A pontinha menorzinha do enfeitinho...
Ângela Lago	- Comunicação	- Uni duni e tê
Eva Furnari	- Paulinas	- Filó e Marieta
José Flávio Teixeira	- Ática	- História de Trancoso
Mattar e Apoema	- Melhoramentos	- O menino mais bonito do mundo.

Para a 2.ª fase, os 76 votantes foram divididos em três grupos, sendo que cada grupo votou em uma das categorias, daí resultando os três premiados. A apuração final, com a divulgação, será no dia 13 de junho, na sede da Câmara Brasileira do Livro, SP, e a entrega do prêmio durante a inauguração da 8ª. Bienal Internacional do Livro.

Salim Miguel

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVROS

Salim Miguel

Mais poesia

Neste início de ano, mais poesia. Novas edições, reedições, traduções. Nomes amplamente conhecidos, menos conhecidos, quase desconhecidos. Todos buscando dar um recado.

Comecemos por Drummond. Depois de anos incorporado a outros livros do poeta, volta em edição independente, pela Ed. Record, **A rosa do povo**, livro escrito durante a II Guerra Mundial, e onde ele marcou sua posição naquele momento onde o medo era a constante a dominar as mentes. Justificando a publicação autônoma, diz Drummond que a obra "de certa maneira reflete um "tempo", não só individual mas coletivo no país e no mundo." Se no poema "Medo" ele afirma: "E fomos educados para o medo/Cheiramos flores de medo "Vestimos panos de medo/", em "Consideração do poema", que abre o livro, ele declara: "Não rimareia palavra sono/ com a incorrespondente palavra outono./ Rimarei com a palavra carne/ou qualquer outra, que todas me convêm/" E eis aí um manifesto a balizar toda a obra drummondiana, marcada pela qualidade do verso e pela preocupação com o ser humano, situando-o, sem dúvida, entre os nossos mais importantes poetas de todos os tempos.

Madurez no Pantanal, de Orlando Antunes Batista, Ed. Presença/ Pró-Memória/INL, Prêmio Brasília de Poesia da Fundação Cultural do Distrito Federal/1982, canta, num regionalismo de acento novo, sua terra, revelando a paisagem pantaneira. E como diz José Fernandes no Prefácio, o Autor "tenta e interroga a realidade e as cores locais". Vejamos este Selvagem luz: "Encarnado, liso, simplificado, pantanal/eis o meu fardo./ De Aquidauana a Corumbá os rios dão piranha,/ ouro na cacimba, levam sonhos no trem que passa/ e pula fora da linha ferindo a maquinação./Matogrossês, só pra inglês ver, meu pantanal não/se entenderia se não estivesse de ímã/atado no corixo real e neste canto fosse/feito de ar respirado do fundo do riomar./"

Lua pelo corpo, de Augusta Faro Fleury de Melo, ed. da Autora, Lírica e transparente, intimista e sensível, a poeta sabe construir seu verso e transmitir porque, conforme assinala Adovaldo Fernandes Sampaio, "sua arte está comprometida com a aventura íntima de todos nós", enquanto para outro poeta, Afonso Felix de Souza, "seus versos têm a fluidez de uma canção que embala e envolve". Como neste Analisada: "Quando o analista me pediu:/ um dia feliz de sua infância./

Fechei os olhos: manga verde com sal?/pé-de-moleque roubado?/ descalça sobre os muros? pular maré na esquina?/ Acho que não./ Um dia feliz/ quando olhei no pote:/havia uma lua lá dentro/olhei no céu,/ outra lá./ Não quer saber também/dia infeliz?/ O gato correndo/ do cachorro/ esbarrou no pote/que balançou e caiu./ Ficaram os cacos/ a lua derreteu-se,/levei palmadas dobradas/e chorei."

Livrespaço, coletânea, Ed. Livrespaço. Vozes diversas de poetas novos, alguns já conhecidos, como Cláudio Feldman, todos com uma contribuição válida e um assento pessoal, a partir do que no prefácio Fabio Lucas chama de poema-programa, de autoria de Dalila Teles Veras, de que transcrevemos os primeiros versos:

"Vestimo-nos de linho/ sabendo que vai chover./

Plantamos margaridas nas janelas/ e sabemos e sentimos/que não há janelas/e as margaridas há/muito não florescem./" E a seguir, de Feldman o poema Teia: Em silêncio/As aranhas teceram/Seu labirinto/onde/Só o vento/Passa ileso", e Guardado, de Rosana Chrispim:

"Todo menino tem/no peito, um passarinho,/ asas abertas no sonho/de colorido moleque./ Cada homem/é, no peito, um menino/cansado de alçar vôo; calças curtas,/estilingue no bolso,/ terno e gravata/em busca do pão."

Um parque de diversões na cabeça, de Lawrence Ferlinghetti, trad. de Eduardo Bueno e Leonardo Fróes, L&PM-editores. Mais um nome da geração beat chega (tardiamente, como tantos outros) ao Brasil, nas pegadas de um Ginsbertg, por exemplo. Poeta-editor, dono da editora City Lights, que lançou os principais autores da geração beat nos anos 50-60, Ferlinghetti sofreu a influência de Appolinaire, Pound, Cumming e W.C. Williams. Ele trabalha basicamente sobre objetos comuns, aos quais dá uma conotação surreal. No volume agora editado, exemplos significativos de seu poetar e de sua proposta. Nos dois fragmentos a seguir, amostras do trabalho do poeta: "O olhar do poeta olhando obsceno/vê a superfície do mundo/redondo com seus tetos de porre/e passarinhos de madeira em varais/ seus machos de argila e fêmeas/de peitos em botão pernas quentes/ em camas de desmontar/ "(poema 3 da primeira parte) e Estou esperando, poema que abre a parte 2, Mensagens Orais: "Estou esperando que meu caso seja lembrado/e estou esperando/um renascimento do maravilhoso/ e estou esperando que alguém/descubra de fato a América/e se lamente/ e estou esperando/a descoberta/de uma nova fronteira simbólica no Oeste/e estou esperando/que a Águia Americana/e estenda realmente suas asas/e se aprume e alce vôo/".

Contos da Maioria já tem ganhadores

O Concurso de Contos promovido pelo Senador Jaison Barreto, intitulado Contos da Maioria, para autores catarinenses inéditos em livro quando imaginava que iria ganhar três milhões de cruzeiros como membro do Colégio Eleitoral (afinal ele não só não compareceu como os Cr$ 3 milhões ficaram reduzidos a Cr$ 40 mil) já tem ganhadores. Pois Jaison manteve o concurso, marchando com os Cr$ 3 milhões.

Reunida na sexta-feira, dia 1.º, a comissão julgadora, composta de Raúl Antelo, Walter Costa e Cleber Teixeira, depois de examinar os originais de 60 concorrentes, chegou à seguinte decisão:

1.º colocado — "Marcas da solidão" — pseudônimo Judas, o obscuro; 2.º — "Corações ao alto", pseudônimo Kopiof; 3º m — "Tudo bem, Glória", pseudônimo Carla Moura Vidal.

A revelação dos vencedores dar-se-á no próximo dia 12 de fevereiro, no ato da entrega dos prêmios, mas é claro que bem antes disso todos os interessados saberão que são os vencedores.

REGISTRO

Recuerdos do futuro, *José Antonio Pinheiro Machado, L PM-editores. Se a imprensa (ou uma visão peculiar da imprensa, com sua figura mitológica de um "dono" que pode até ser localizado) domina a novela e o primeiro conto deste livro, isto não quer dizer que os quatro trabalhos restantes não serão igualmente lidos com agrado. Serão. E que, com sua fusão de humor e lirismo, o texto do Autor flui e nos amarra, quer falando da partida do Grêmio em Paris ou do médico judeu que tentou salvar Hitler em POA para entrega-lo a Israel.*

Mazurca para dois mortos, *Camilo José Cela, Difel. Custou a chegar ao Brasil o autor de tantos livros importantes, entre eles "A família de Pascoal Duarte". Mas chegou bem. Tendo como apoio a Guerra Civil Espanhola, Cela recria um universo conturbado e uma humanidade sofrida, cruel, mas determinada a continuar. Trad. de Janer Cristaldo.*

* * *

Taipi, Paraíso de Canibais, *Herman Melville, col. Aventura, L PM-editores. Durante anos Melville (1819-1891) nem foi lembrado; depois, descobriu-se ser ele autor de uma obra-prima inquestionável, "Moby Dick". Bem mais tarde, ficou-se vendo que não só isto ele deixara, mas era autor de uma obra variada e importante. Isto pode ser constatado nesta fascinante narrativa de sua passagem pelas Ilhas Marquesas, onde mistura ficção e descrição da realidade ali vivida.*

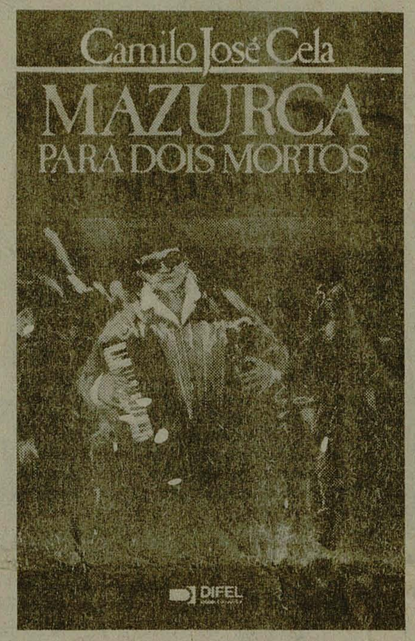
* * *

Lua de primavera, *Bette Bao Lord, Ed. Record. Sub-intitulado "Um romance da China", este livro nos revela a tradicional cultura chinesa e as transformações sofridas durante e após sua longa Revolução. O romance começa no quinto ano do reinado do Imperador Kuang Hsu, em 1892, e termina na década de 70 do nosso século. A Autora nasceu em Xangai e, casada com um americano, vive nos EUA.*

A massagista japonesa, *Moacyr Scliar, Col. RBS/L PM-editores. Romancista e contista consagrado, Scliar revela aqui outra faceta de seu talento, nesta reunião de crônicas publicadas originariamente no jornal* **Zero Hora**. *Os temas são vários, mas o texto sempre flui, seja falando do "Dia do índio" ou dos "Intelectuais e o churrasco".*

* * *

Histórias Mineiras, *Ed. Atica. Outro volume da col. Minas de Livros, que vem nos dando um mapeamento do que é de quem escreve o que nas Minas Gerais. Neste estão vinte autores, indo de um Afonso Arinos a uma Vivina de Assis Viana, de um Guimarães Rosa a uma Lucienne Samôr, e mais: Airton Guimarães, Alciene Ribeiro Leite, Antonio Barreto, Branca Maria de Paula, Carlos Herculano Lopes, Cleonice Rainho, Cunha de Leiredella, Euclides Marques Andrade, Jaime Prado Gouvêa, Jeferson de Andrade, Júlio Borges Gomide, Luiz Fernando Emediato, Marco Túlio Costa, Maria Auxiliadora Moreira Duarte, Ruth Bueno, Sandra Lyon, Vilma G. Rosa.*



* * *

A dentadura postiça, *Charles Kiefer, Ed. Mercado Aberto. Depois de três novelas bem recebidas pela crítica, um volume de mini-cóntos. Na "orelha", Antonio Hohlfeldt acentua que o espaço geográfico de CK continua o mesmo e que para o Autor "não basta contar um conto, mas sim recriá-lo, dando-lhe uma carga significativa."*

* * *

Os coelhos de serragem, *Cláudio Cavalcanti, Ed. Nórdica. Conhecido ator e diretor de teatro e TV, o Autor aborda, nestas crônicas, de preferência, temas ligados à sua classe, mostrando o ator no seu dia-a-dia, longe das luzes do palco, em contato com suas dúvidas e alegrias. O início da TV, o templo da Fiorentina, novela e dublagem, eis alguns dos temas abordados.*

* * *

Elenco de cronistas modernos, *Ed. José Olympio. Sete nomes dos mais expressivos das nossas letras estão aqui reunidos (Drummond, Clarice, Sabino, Bandeira, P.M. Campos, Rachel de Queiroz, Rubem Braga), dando-nos em 70 crônicas a visão de um gênero que continua do agrado do leitor. A prova? Este livro em 8ª edição.*

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

390 - MIGUEL, Salim. Livros – Programação da Francisco Alves.... **O Estado,** Florianópolis, 7 abr. 1985

PROGRAMAÇÃO DA FRANCISCO ALVES

Agora que as férias começam a ser esquecidas e que as livrarias abandonaram um pouco o livro didático (pois as vendas de reinício das aulas já se concretizaram), as Editoras aceleram suas edições para o assim chamado público adulto.

A Editora Francisco Alves, do Rio, por exemplo, que em março lançou dois títulos (**Como orientar seu filho,** vol. II, de Françoise Dolto; e **O Carnaval carioca,** vols. I e II, de Edigar de Alencar, além de algumas reedições, já em abril promete 5 novos livros: **Epopéia dos Sertões,** de William Agel de Melo; **Vivian Leigh,** de Anne Edwards; **A experiência matemática,** de Philip J. Davis e Reuben Hersh; **Memórias no fundo da banheira,** de Stalislaw Lem; **Cuba,** de Renê Marquard; **Estrutura e funcionamento de ensino de 1.º grau,** de Samuel de Rocha Barros.

Em maio teremos: **O inverno nuclear,** de Carl Sagan, Paul R. Ehrlich, Donald Kennedy e Walter Orr Roberts; **Os planetas,** de André de Cayeux e Serge Brunier; **Série 30 dias** — busto/ coxas/ cabelo/ barriga, de Julie Davis e Nancy Burster; **Tantra,** de Ashley Thirlery. E em junho: **O talismã,** de Stepehn King; **Sol,** de Iain Nicolson; **Júpiter,** de Garry Hunt e Patrick Moore; **Saturno,** de Garry Hunt e Patrick Moore; **Lua** de Patrick Moore.

NOVO LIVRO DE VICTOR GIUDICE

Após seis anos de lançamento de seu último livro, Victor Giudice, que acaba de entregar à Editora Rocco os originais do seu mais recente trabalho, BOLERO, a ser lançado em abril, aposenta-se como funcionário do Banco do Brasil e passa a se dedicar somente à literatura.

O novo livro do Giudice, descrito por ele como uma ficção em forma próxima à alegoria, já está sendo traduzido para o inglês para publicação nos Estados Unidos. O personagem do romance, depois de aguardar sete anos na sala de espera de uma maternidade por sua mulher que dá à luz, resolve sair à rua e não percebe de imediato que o regime político havia se transformado. O enredo mostra a conscientização do personagem, que acaba por se engajar, de modo quase fantástico, nas lutas pela volta ao antigo regime.

O primeiro trabalho do Victor Giudice, "NECROLÓGIO", publicado em 1973, teve enorme acolhida pela crítica especializada. O primeiro dos treze contos reunidos nesse livro, "O ARQUIVO", foi classificado, na época, como o conto brasileiro mais publicado no Brasil e no exterior. Em 1979 lançou "OS BANHEIROS", também com treze contos e repercussão no exterior.

Crítico literário de vários jornais do Rio e São Paulo, Victor Giudice é também autor de duas peças de teatro: o monólogo "Área de serviço" e "O baile das sete máscaras".

DOIS MOMENTOS DE ANDRÉ CARNEIRO

Ao mesmo tempo, chegam-nos duas notícias de André Carneiro: vendeu a Comunicação, retirando-se (por enquanto ou em definitivo?) da área editorial; e ganhou o Prêmio Casa de las Americas, de Cuba, para a categoria de romance.

Com a Comunicação, lá de sua Minas Gerais, André provocou uma pequena revolução no campo do livro dirigido ao público infantil e juvenil. Elogiado, contestado, sempre discutido, ele abriu caminho para uma série de autores e para uma linguagem que era, até então, considerada tabu, abordando temas "fortes", da realidade que nos circunda e do nosso dia-a-dia. Fixou nomes como um Wander Piroli.

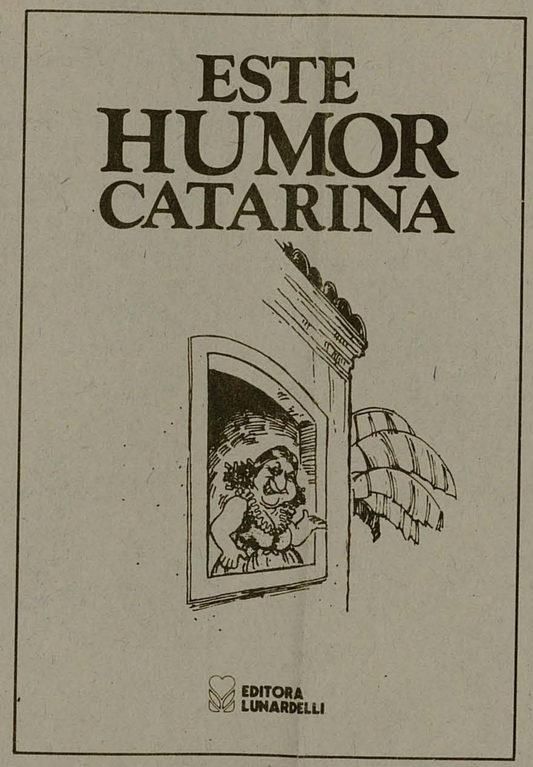
Mas a informação que nos chega é que a Editora Comunicação não vai acabar: passou de mãos, devendo continuar com suas edições. É sempre bom quando se tem notícia de que uma editora não acaba.

Com o prêmio, André continua uma carreira literária que se iniciou em livros, quase sempre numa linha autobiográfica, dirigidos aos jovens.

O romance agora premiado, também autobiográfico, se intitula **Cuba Libre**; e além dos 3.000 dólares, será editado em espanhol para toda a América Latina.

LANÇAMENTO

Este Humor Catarina



Nesta quarta-feira, dia 10, às 20 horas, na Assembléia Legislativa, lançamento de *ESTE HUMOR CATARINA*, que acaba de sair numa edição da Lunardelli. Organizado por Flávio José Cardoso, Silveira de Souza e este colunista, o livro é uma amostragem do que no gênero se escreve entre nós, reunindo 28 autores de várias gerações e tendências, cada trabalho tendo uma ilustração original de Clóvis, cartunista de O ESTADO. O critério adotado na organização foi o mesmo do volume anterior, intitulado ESTE MAR CATARINA; e os organizadores prometem para breve um novo título, que será ESTE AMOR CATARINA.

REGISTRO

Quadros da paixão, de Álvaro Cardoso Gomes, Col. Múltipla, Ed. Global. Uma história comum, encontradiça no nosso dia-a-dia: a ascenção de Martinho, filho de imigrantes, que ao morrer deixa uma família desestruturada — num mundo por igual desestruturado. Mas através de uma linhagem e de um estilo envolvente, ele mantém o interesse do leitor, envolvendo-o na trama e fazendo-o conhecer uma incomum galeria de personagens.

* * *

Contos pirandelianos (7 autores à procura de um bar) — Mário Prata, Joyce Cavalcanti, Ignácio de Loyola Brandão, Caio Fernando Abreu, Luiz Roncari, José Márcio Penido, Reinaldo Moraes, Editora Brasiliense. Não, não é o autor de **Seis personagens em busca de um autor**, a que o título nos remete; mas sim um bar que se tornou instituição. Agora, comemorando os cinco anos do Pirandello, escritores de formação e estilo bem diferenciado, tomam o bar como elemento e sobre ele criam suas ficções. E conferir.

* * *

Geração 80, Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman (org.), Ed. Mercado Aberto/INL. Novos, menos novos, inéditos, éditos — aqui se reúnem sob o signo da juventude, selecionados por duas especialistas em literatura. Que afirmam: "Seus textos traduzem este tempo, e cada leitor poderá encontrar neles influências diversificadas e adesões de todo o tipo. No entanto, não são estas que mais importam, e sim o que os jovens escritores representam em termos de originalidade e renovação em nossas letras."

* * *

Claudius, o Deus, e Messalina, de Robert Graves, trad. de João de Abreu, Ed. Globo. Poeta, ensaista, crítico, Graves é também um mestre do romance histórico. E bem antes de **Memórias de Adriano**, de Marguerithe Yourcenar, ele já nos dava dois livros modelares no gênero (o outro é **Eu, Claudius, Imperador**), onde, na primeira pessoa, reconstitui um mundo impressionante, marcado pelo jogo de poder e pela crise de valores. Reedição mais do que oportuna.

* * *

O dia em que os deuses chegaram (11 de agosto de 3114 a.C.), de Eric von Daniken, trad. de Gertrude von Laschan Solstein Arneitz, Ed. Círculo/ Melhoramentos. Daniken ataca outra vez. Com a mesma desenvoltura de seu livro anterior, "Eram os deuses astronautas", tão combatido, mas de tamanha aceitação popular. Certamente o mesmo sucesso encontrará este de agora, esgotando edições. Sem se preocupar com os críticos e os especialistas, ele mistura pesquisa e fantasia. Aqui, o centro é o México com seu fascínio, seu mistério, seu passado; mas o autor passa também (e passeia) por outras regiões, em especial a Guatemala. Se por vezes ele irrita pela maneira como joga com as descobertas arqueológicas, sem dúvida sabe prender o leitor. O receio, dizem os pesquisadores sérios e de maior responsabilidade, é a gente mergulhar no texto, deixar-se envolver e acabar ficando em dúvida: até onde vai a investigação de Daniken e onde começa sua fértil imaginação. O material fotográfico é excelente.

* * *

Tudo sobre congelamento, de Aninha Comas, T PM-Editores. Mais uma vez temos esta autora, que através de seus cursos de culinária pela TV (depois reunidos em livro) conquistou grande público. Aqui ela aborda um tema que está na ordem do dia: a técnica de congelar e descongelar alimentos. Em linguagem clara, ela troca em miúdos aquilo que outros livros timbram em, por vezes, complicar. Aninha procura esclarecer uma série de dúvidas e incertezas que persistem em relação ao uso de alimentos congelados.

* * *

Diabetes sem medo, Dr. Leão Zagury, profa. Tânia Zagury, Jorge Guidacci, Ed. Rocco. A partir de informações tais como aquela que explica quais os sintomas da diabete, ou como se fica diabético, os autores vão dando, em linguagem clara, orientação para os pacientes, partindo das atuações do dia-a-dia: a alimentação, a prática do esporte, o trabalho, açucar e adoçantes, as bebidas, indo até como aplicar corretamente a insulina, controlar a dosagem de açucar no sangue e na urina ou cuidar de uma pessoa diabética.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

391 - MIGUEL, Salim. Livros – UBE reúne escritores em São Paulo.... **O Estado,** Florianópolis, 10 fev. 1985.

UBE reúne escritores em São Paulo

E sob o sino de novos tempos, da Nova República, que escritores de todo o País vão se reunir em São Paulo, para um debate amplo sobre os problemas específicos da classe e a realidade que o povo brasileiro vive. O Congresso Brasileiro de Escritores promoção da União Brasileira de Escritores/SP, vai se realizar de 17-21 de abril, exatamente 40 anos após o primeiro , de 1945, quando o Brasil saía de uma Ditadura e quando se assistia ao fim da II Guerra Mundial.

Falando a propósito da oportunidade do Congresso, e da contribuição que ele poderá dar à sociedade brasileira num momento de transição, e quando novas perspectivas se abrem para o nosso povo, o escrito Fábio Lucas, presidente da UBE/SP e da Comissão Executiva declara: "O escritor é também um cidadão. E até dentro do termo liberdade, um cidadão de aspirações maiores, porque o exercício da atividade da escrita exige liberdade como pressuposto. O escritor perde o apetite ao escrever, ao assistir ou ao presenciar e sofrer a repressão à sua criatividade, que fica tolhida". E prossegue ele: "Nós temos que refletir sobre este assunto porque, além da repressão oficial do aparelho estatal, nós temos um tipo de repressão disfarçada, que é a indústria cultural, ou seja, os veículos de comunicação estão dominados pelas multinacionais. E nesse momento, quando se discute a organização de um Ministério da Cultura; é hora de se discutir esta questão".

A pauta do Congresso é abrangente, constado de cinco temas básicos. Já a divulgamos em nossa coluna, mas não custa repeti-la: 1. O escritor e o Estado; 2. O escritor e a indústria cultural; 3. Os problemas, os direitos e a organização dos escritores; 4. O escritor e a realidade nacional; 5. O escritor e a política cultural. Um anteprojeto de Regulamento do Congresso já está sendo distribuído, com a UBE/SP solicitando que sugestões para torna-lo ainda mais aperfeiçoado sejam encaminhadas à Comissão Executiva.

Para que o Congresso alcance seus verdadeiros objetivos e traga contribuições válidas para o Brasil, cremos que todos os Estados têm obrigação de apoiar delegações representativas, escolhidas em reuniões da categoria, que não discriminem ninguém, levando para o debate propostas que venham possibilitar a redação de um documento de alto nível.

Na reunião de Secretários de Cultura, realizada em novembro em Alagoas, foi feito apelo para que os governos estaduais apoiassem delegações formadas pelos representantes de escritores de todas as gerações e tendências. Durante a reunião, os secretários de Cultura de São Paulo (Jorge da Cunha Lima) e Minas Gerais (José Aparecido de Oliveira), manifestaram-se publicamente favoráveis ao Congresso, garantindo suas colaborações.

A UBE/SP esta programando atividades paralelas a serem desenvolvidas por ocasião do Congresso, relacionadas com o escritor e a literatura. Eis algumas: organização de eventos sobre cinema e literatura, promovidos pelo Museu da Imagem e do Som; uma Feira de Livros, em pontos centrais de São Paulo; manifestações de poetas independentes em entidades ou nas ruas.

Também a presença de personalidades e delegações estangeiras, na qualidade de observadores, é esperada, já tendo manifestado interesse em participar escritores de Portugal, Moçambique, Nicarágua.

Santa Catarina, que participou efetivamente de outros Congressos de Escritores (como o de Porto Alegre e o de Goiás) não pode estar ausente. É tempo da classe começar a se movimentar. E gostaríamos de saber o que pensa a respeito o Secretário de Cultura, Esporte e Turismo, que, parece-nos, participou da reunião de Alagoas.

Mais pedidos de Santa Catarina, a Ilha

O primeiro pedido de como conseguir um exemplar, logo depois que demos a notícia na coluna no dia 30-12, foi de Mário Raul Zanella. Que não satisfeito com nossa resposta mandou, em seguida, carta para a sessão correspondente do jornal. Diz que havia procurado o livro **Santa Catarina: a Ilha**, de Virgílio Várzea, nas livrarias e posteriormente telefonado para a Ioesc em busca do mesmo. Nada conseguiu. A informação que teve é que fora feita edição especial, limitada, comemorativa do 50º. aniversário da Imprensa Oficial, para distribuição, e que a mesma já se encontrava esgotada. Mas o pedido, pelo menos de informações no que nos diz respeito, não ficou só no de Zanella. Outros telefonemas chegaram, pessoas nos procuraram ou nos abordaram na rua, querendo saber como conseguir (ou adquirir) o livro. Falamos, então, com o escritor Flávio José Cardozo, diretor da Ioesc, que nos confirmou o fato da edição se encontrar esgotada. Que fazer? Zenella coloca uma questão importante quando diz em sua carta ao jornal: "Acho que muitos catarinenses, em especial os ilhéus, têm interesse em possuir o livro". Concordamos com ele e vamos além: não só catarinenses, pois é um texto importante, informativo, bem escrito, valorizado pelo apêndice do prof. Victor Antonio Peluso Junior e pela aprimorada apresentação gráfica. E publicado em 1900 nunca havia sido reeditado. Sugestão nossa: como já existem os fotolitos, seria o caso de se rodar outra edição ou uma reimpressão, com tiragem maior, para distribuição às livrarias. para que o livro possa circular mais amplamente, como merece, e alcançar os interessados que não tiveram como chegar a ele. E se a Ioesc nao estiver disposta a bancar a nova edição (ou não puder por não ter como comercializar a obra), cremos que editoras de Santa Catarins se interessarão pelo projeto. Com a palvra a direçao da Ioesc.

UM PRÊMIO DE CR$ 5 MILHÕES

Com um prêmio de Cr$ 5 milhões para o vencedor, a UBE - União Brasileira de Escritores, seção de Pernambuco, patrocina, este ano, concurso literário sobre a obra poética de Mauro Mota, falecido fins do ano passado. As inscrições já se encontram abertas — agora é solicitar o regumento e analisar a obra do autor de **Elegias.**

REGISTRO

Cartas de Pedro I à Marquesa de Santos, Editora Nova Fronteira. Um documento histórico e um documento humano, eis o que são estas 155 cartas, que pela primeira vez são publicadas na íntegra, sem cortes. O texto foi confrontado com as melhores fontes por uma equipe do Arquivo Nacional, sob a orientação de seu Coordenador de Publicações, Emanuel de Araújo; e numerosas notas de Alberto Rangel esclarecem passagens menos claras. E ninguém melhor do que Pedro I para situar o conteúdo das cartas, quando ele próprio diz ser "um homem como os demais, sujeito a vícios e a virtudes como todos o são."

* * *

A literatura brasileira no Século XX, José Hildebrando Dacanal, Ed. Mercado Aberto. Num texto, direto, provocativo, o Autor dá sua visão sobre a literatura que se produziu/produz no País. Incluído na Série Revisão (vol. 13), Dacanal diz ironicamente, em "Cinco palavrinhas", que o ensaio se destinava a integrar um volume coletivo sobre cultura brasileira; o projeto não se materializou, o que, acrescenta ele, "talvez tenha me poupando alguns dissabores, já que poderia comprometer a seriedade acadêmica e o estilo bem comportado da obra".

* * *

Escravismo e transição (O Espírito Santo - 1850/1888), Vilma Paraiso Ferreira de Almada, Ed. Graal. A Autora estuda a escravidão negra inserida no processo de transição ao capitalismo dependente do século XIX. E a partir daí ela analisa a condição econômica do Espírito Santo no período, com base no processo de povoamento e ocupação de terras, na implantação de fazendas escravistas e no crescimento da população escrava.

* * *

Lutas urbanas, Maria das Mercês G. Somarriba, Maria Geziva Valadares, Mariza Rezende Afonso, Ed. Vozes. Resultado de um contrato entre a Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral de MG e a Fundação João Pinheiro, a pesquisa tinha por objetivo estudar os movimentos de reivindicação popular em Belo Horizonte. O trabalho dá uma visão geral das 265 associações cadastradas na Região Metropolitana de Belo Horizonte em 1980 e de como elas atuam no sentido de reivindicar melhores condições para a comunidade e quais suas tendências e como, a partir do processo de abertura política se processou esse fenômeno.

* * *

Movimento social urbano, igreja e participação popular, Ana Maria Doimo, Ed. Vozes. Este relato reconstitui a história que envolveu um movimento feito e vivido por pessoas comuns (operários, donas-de-casa, estudantes, entre outros) participantes de uma pequena mas intensa luta visando resolver o problema de transporte coletivo de Vila Velha, no Espírito



Santo. É um trabalho antropológico sobre um momento da história imediata do povo brasileiro, sua organização, as relações de poder e a luta dos participantes do movimento.

* * *

Velhos tempos, Gary Snyder, trad. de Ciro Barroso, L e PM editores. Beat diferente dos demais, zen-budista, ecologista, antropólogo, lingüista, agricultor, neste livro estão reunidas seis palestras (numa ele se refere ao Brasil como um dos casos mais tocantes no processo genocida deflagrado pela civilização ocidental, industrial e tecnológica contra os povos ditos "primitivos") onde ele defende seus pontos de vista em favor de uma sociedade mais livre e pacifista. A Editora promete, para logo, os poemas de Snyder.

* * *

Tirania do status quo, Milton e Rose Friedman, trad. de Ruy Jungmann, Ed. Record. Através da análise da atuação política e econômica de governos como o de Reagan ou outros, os autores procuram demonstrar como os tecnocratas impedem o progresso político do mundo. Por suas colocações polêmicas o livro interessa a todas as pessoas, sejam da esquerda, centro ou direita. Friedman é Prêmio Nobel de Economia e sua mulher é sua frequente colaboradora.

* * *

A era dos assassinos, Claire Sterling, trad. de Luiz Horácio da Matta, Ed. Nórdica. A autora foi a primeira jornalista norte-americana a investigar o atentado contra o Papa João Paulo II. A partir do artigo, ela ampliou suas pesquisas, com novas entrevistas e documentos e dá sua visão da intrincada rede que possibilitou o gesto homicida de Ali Aga, em maio de 1981, na Praça de São Pedro.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

A Global com o escritor brasileiro

10 anos de Summus Editorial

Ano novo, projetos novos: mexer, redefinir, suprimir, ampliar. Eis o que todos, em todas as áreas, procuram fazer. A seguir, três Editoras dizem como está a programação para 1985.

Não há duvida: o escritor brasileiro é o centro das atenções da Global Editora durante este ano de 1985. Aliás, continuará sendo, porque o projeto editorial dela está todo voltado para a ficção nacional, para a poesia, para a criação do autor deste Brasil. Os tempos são outros. De mais esperança econômica. De mais liberdade.

A censura está de tesoura cega. E a Global Editora que em outros tempos de dureza foi ousada em desafiar proibições insensatas, mantém-se, nos novos tempos, a imprimir novos rumos editoriais pensando no brasileiro.

No público e no escritor.

Por isso sua programação para este ano é brasileira.

Em resumo é assim que pensa José Carlos Venâncio, Diretor-Editorial da Global.

LOYOLA, PÉ QUENTE, ESCRIBA DOS BONS

É verdade que a Global publicou grandes sucessos no ano passado.

E é verdade também que um dos grandes foi o livro O Verde Violentou o Muro, de Ignácio de Loyola Brandão. Ele está em todas as listas dos livros que continuam sendo os mais vendidos. De canto a canto. Agora, a grande expectativa volta-se para o livro inédito deste autor que, de uma vez, acaba com a velha história de que "santo de casa não faz milagre". Em abril a global Editora lança o novo libro de Loyola: O Beijo Não Vem da Boca. E, por incrível que pareça, é uma história de amor com final feliz.

O livro começa na cidade de Berlim, mas a ação se localiza em São Paulo e termina em Olinda, numa explosiva terça-feira de carnaval, com muito suor e frevo.

EIS UM CARDÁPIO PARA TODOS OS GOSTOS

A Coleção Os Melhores Poemas continua sua trajetória.

Fascinante pelos poetas editados. Importante pelo sabor das antologias preparadas por especialistas que sabem a medida exata do tempero que agrada ao paladar de quem senta na mesa literária de cada dia. Vamos ao dia-a-dia do cardápio.

Os Melhores Poemas de Olavo Bilac, Seleção de Marisa Lajolo; Os Melhores Poemas de Álvares de Azevedo, Seleção de Antonio Candido; Os Melhores Poemas de Gregório de Matos, Seleção de Darcy Damasceno; Os Melhores Poemas de Augusto dos Anjos, Seleção de José Paulo Paes; Os Melhores Poemas de Alphonsus de Guimaräens, Seleção de Alphonsus de Guimaräens Filho; Os Melhores Poemas de Bocage, Seleção de Cleonice Berardinelli; Os Melhores Poemas de Luis Delfino, Seleção de Lauro Junks; Os Melhores Poemas de Joaquim Cardoso, Seleção de Marcus Accioly; Os Melhores Poemas de Mário de Andrade, Seleção de Gilda Mello Sousa; Os Melhores Poemas de Luis de Camões, Seleção de Leodegário Amarante de Azevedo Filho; Os Melhores Poemas de Mário Faustino, Seleção de Benedito Nunes.

E POR FALAR EM POETAS, OS "OUTROS" ESTÃO NA BRIGA, INCANSÁVEIS

A Coleção Navio Pirata segue seu destino a todo vapor.

É uma das mais bem transadas da Global.

Ela publica os autores considerados "malditos", "marginais", "malcomportados".

Escritores odiados por muitos. Amados e louvados por outros tantos. Mas sempre criativos e originais em suas obras. De início estão programadas o seguintes livros: Coração Trouxa (poesia), Míriam Paglia Costa; A Lua de Sal (poesia), Fernando Coelho; Diana Caçadora, Márcia Denser; Em Perfeito Mau Estado, Leila Miccolis

O MUNDO INCRÍVEL DA FICÇÃO BRASILEIRA

A Coleção Múltipla tem uma missão das mais deliciosas: revelar os inéditos e ricos filões da moderna ficção brasileira. Gente boa. Autores de fino talento.

Gente que precisa visitar todas as estantes e todos os travesseiros.

Prá começo de conversa, vamos a apenas alguns deles: Livro inédito de Mário Pontes, Livro inédito de Fausto Cunha, Livro inédito de Silviano Santiago, Publicação póstuma do livro O Bonde da Filosofia, de Hamilton Trevisan. Livro de Oswaldo Alves, Um Homem Dentro do Mundo, grande revelação de autor, atualíssimo, publicado há mais de 40 anos, Livro O Cântico do Galo, de Manoel Lobato; Livro ainda com título provisório de O Seio Postiço, da escritora Edla Van Steen, uma de nossas mais curtidas agitadoras culturais; Livro Tiaté, do escritor e diplomata Luiz P. Cardoso, que completa sua trilogia A Arquitetura do Caos, iniciada com a publicação dos livros Empedradura ou Empedriada? e Tantubá, dois sucessos editoriais; Livro de Edgard Rocha Miranda, O Profeta da Vila Valqueire.

O UNIVERSO DO CONTO

O conto, esta verdadeira obra de arte dentro da literatura, tem cadeira cativa na Global. Selecionadores do mais alto nível queimam as pestanas sobre obras dos nossos maiores contistas. O resultado, como não poderia deixar de ser, são coletâneas vibrantes, variadas, mostrando um verdadeiro painel de nossos autores.

Os Melhores Contos de Ignácio de Loyola Brandão, Seleção de Dionísio Silva; Os Melhores Contos de João do Rio, Seleção de Helena Parente Cunha; Os Melhores Contos de Hermilo Borba Filho, Seleção de Moacyr Amâncio.

Os melhores contos de Adelino Guimarães Seleção de Geraldo Galvão Ferraz Escritores importantes como Nélida Pinón, João Antonio e João Alphonsus completarão o ciclo da coleção.

SINGULAR E PLURAL, UMA COLEÇÃO SEM LIMITES

Autores novos. Modernos. Coerentes em sua trajetória rumo ao infinito da criatividade. Escritores arrojados. Estes encontram moradia segura na Coleção Singular e Plural. Não precisa dizer mais. De início, será publicado Pássaro Selvagem, o 5º livro de Roniwalter Jatobá como selo da Global e, em seguida Discurso da Mulher absurda, de Joyce Cavalcanti.

A SOCIEDADE, SEUS CONFLITOS, SEUS DRAMAS, SEU COMPORTAMENTO

Obras polêmicas, atuais, que permitem uma avaliação clara e uma pesquisa séria sobre as questoes sociais, suas crises e seus movimentos de massa fazem parte da Coleção Ciências Sociais. Para melhor entendermos as coisas:

Eurocomunismo e Socialismo e a Crise do Movimento Comunista. Dois livros de Fernando Claudin

Hierarquias do Poder Gerencial. Livro de José Carlos Durand

Análise do Discurso em Ciências Sociais. Livro de Greimas e Landowshy

Desequilíbrios Regionais e Concentração de Renda no Brasil. Livro de Wilson

Literatura Infantil e Ideologia. Livro de Fúlvia Rosemberg.

Contribuição à História do PCB. Nelson Werneck Sodré.

História e Materialismo Histórico no Brasil. Nelson Werneck Sodré.

História Viva no Brasil. José Honório Rodrigues

UMA COLEÇÃO PARA SEMPRE

Esta coleção recebeu o batismo de Histórias Inesquecíveis. Através dela os leitores têm viagem marcada para o mundo do mistério. Do sonho. Autores imortais.

Catherine Mansfield e seu livro Aula de Canto, com tradução de Edla Van Steein. Anton Tchecev e Um Homem no Estojo, com tradução de Tatiana Belinky.

As Histórias de Kafka, traduzidas pelo professor Flávio Kothe. Hofmann e seu Castelo Mal Assombrado, traduzido por Ary Quintella.

NO ARMAZÉM DO TEMPO, NOVO ESTOQUE DE PRECIOSIDADE

Walden ou a Via nos Bosques, de Henry David Thoreau, está sendo um sucesso editorial. Este livro inaugurou o impressionante balcão de ofertas contido na Coleção Armazém do Tempo. Seguiu-se "Os Papéis de Aspern", de Henry James. E outras obras serão oferecidas aos leitores:

O Agente Secreto. Joseph Conrad - tradução de Letícia de Vasconcelos

O Gatuno. Quevedo - tradução de Eliane Zagury

Tradução de Vera Mourão

Jóias Indiscretas. Diderot - tradução de Eduardo Brandão

Pequena Fada . Georges Sand - tradução de Regina Abu-Jamra Machado

LITERATURA EM PERSPETIVA

Outra coleção que está quentinha. No forno. Pronta para sair. Quem dirige esta coleção é o professor Massaud Moisés. Vamos ver o que publicará a partir de março:

A Poesia Medieval Portuguesa. Organização de Yara Frateschi Vieira

O Conto Realista Português. Organização de Elenice de Barros

Poesia Simbolista Portuguesa. Organização de Álvaro Cardoso Gomes

GROUND-GLOBAL, OU VICE-VERSA: SÓ AFINIDADE A FAVOR DA VIDA

Naturalismo. Uma opção. Uma forma de sobreviver. Uma filosofia? O certo é que o caminho naturalista está, cada vez mais, sendo percorrido homem moderno. Em busca de saídas alimentares, econômicas e sociais. Aqui, algumas obras que podem ajudar na caminhada:

Dieta para um Pequeno Planeta. Livro explosivo de Francis Moore Lapée.

O Livro do Do-In. Michio Kushi.

Iniciação do Naturalismo. Vilberto Filipe.

A Arte Caseira de Fazer Pães. Romélia C.A. Meyer.

POR QUE LUIS DE CAMÕES

A antologia Os Melhores Poemas de Luis de Camões refere-se ao lançamento mundial de uma nova e definitiva leitura de Camões. O professor Leodegário Amarante de Azevedo Filho, trabalhando a convite da Casa da Moeda/Imprensa Nacional de Lisboa, apresenta sua descoberta novo Camões a partir da leitura de seus manuscritos. Um trabalho inédito que vai surpeender a todos aqueles que conhecem a obra de Camões. Que gostam do poeta português. Ou que vão se iniciar nela.

E MÁRIO FAUSTINO?

Além de ser um dos mais importantes poetas brasileiros dos anos 50, desaparecido prematuramente em um desastre de avião, este poeta merece ser conhecido pelas novas gerações porque foi um dos seus mais importantes gurus.

A Summus está comemorando seu 10.º aniversário.

Tratando-se de uma das editoras que conseguiram se destacar nestes últimos anos apesar da conjuntura político-econômica, vale a pena refletirmos sobre esta experiência editorial.

A fórmula é simples: criatividade e rapidez de decisão, uma equipe pequena trabalhando entrosada e com eficiência, sempre com visão de conjunto.

O PRODUTO

A Summus é hoje bastante conhecida por suas edições de psicoterapia, educação, corpo e movimento. Mas também alcançou notoriedade por seu trabalho pioneiro nas áreas de som, Super 8 e videocassete.

A própria agilidade que fez a editora lançar o primeiro livro de Super 8, repetir o mesmo com videocassete e entrosar-se rapidamente na evolução das terapias corporais ou métodos de educação, mostra que o livro é para a Summus um produto cultural que deve ser trabalhado em função das mudanças constantes da nossa época.

Com mais de 150 títulos lançados desde 1974, a Summus construiu um fundo editorial eclético valendo-se principalmente da qualidade gráfico-editorial. A diversificação levou-a a lançar autores nacionais tanto na linha da renovação da literatura brasileira quanto na dos nomes consagrados, resgatou obras editadas até na década de 40 para trazê-las a uma nova discussão, antecipou no Brasil teorias e técnicas quando ainda estavam surgindo em outros países e, com a mesma desenvoltura, trata de técnicas administrativas, filosofias orientais ou tratados sobre vinhos.

O RELACIONAMENTO COM OS AUTORES

Ao passar a participar do catálogo da Summus, o autor é envolvido pela dinâmica de produção e divulgação, atuando como o elemento da equipe e participando de todo o processo de editoração, o que valoriza o conjunto autor-livro-editora.

DIVULGAÇÃO

O setor de divulgação atua permanentemente voltado para o objetivo final de levar o comprador às livrarias.

Para atingir a toda a compra milhares de cartas são enviadas por mês à imprensa, professores e públicos-alvo; contatos permanentes com a imprensa são realizados, trocas de informações com professores são mantidas, realizações ligadas aos assuntos editados são incentivadas; a publicidade é dosada e dirigida; noites de autógrafos são programados.

Toda essa atividade é o corriqueiro dia-a-dia do departamento de divulgação.

A par disto há uma busca constante de novas formas, como, por exemplo, o out-door espalhado por São Paulo no verão de 77, incentivando a leitura nas férias e anunciando três autores brasileiros, uma realização sem precedentes principalmente tratando-se de uma editora de pequeno porte.

DISTRIBUIÇÃO

Com distribuição própria a Summus Editorial criou um espaço respeitado na área da comercialização.

Com representantes em outros estados, formou-se uma grande equipe onde cada distribuidor recebe o apoio operacional da editora tanto no atendimento rápido dos pedidos, como num eficiente sistema promocional o que lhe facilita o acesso aos pontos de venda.

Uma séria linha de conduta em relação à exclusividade dos distribuidores e respeito à atuação dos livreiros construiu um laço de respeito mútuo, facilitando a comercialização. Um dos exemplos desta linha de conduta é o fato de que toda promoção convida o leitor a procurar o livro — sempre em primeiro lugar — nas livrarias.

RESULTADOS

A Summus vem, a cada ano, dobrando o número de exemplares vendidos o que nos leva a acreditar que com trabalho árduo, muita garra e criatividade as editoras de pequeno e médio porte têm sua fatia garantida no mercado editorial brasileiro.

NOVAS BUSCAS EM COMUNICAÇÃO

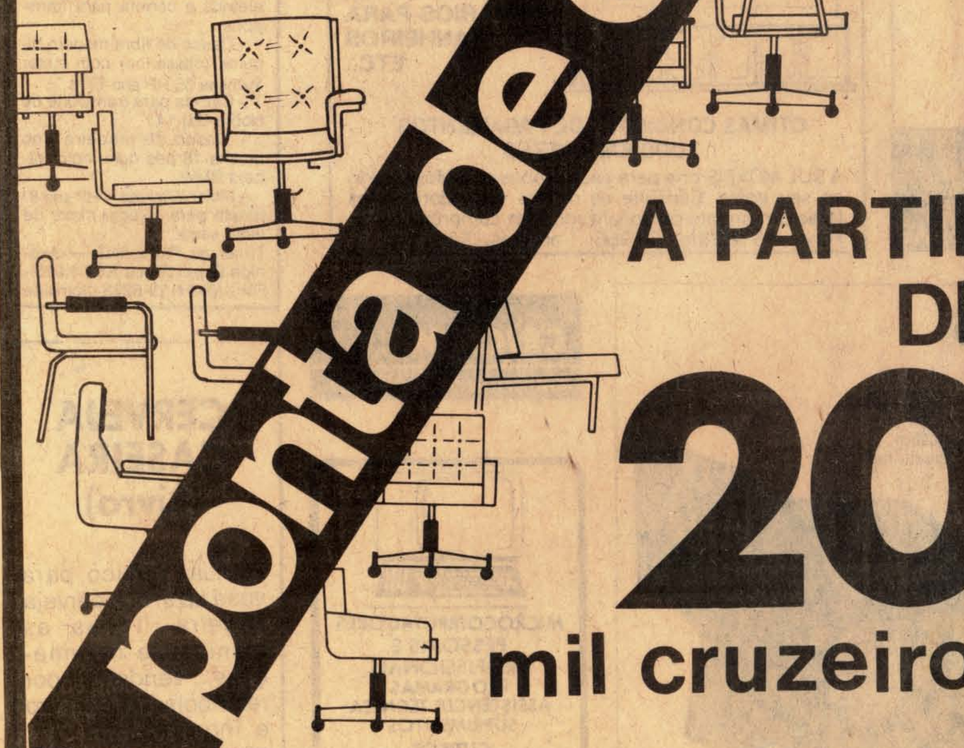
Tendo completado há pouco seu décimo aniversário, representando hoje indiscutivelmente um nome respeitado e inovador junto aos leitores, livreiros, profissionais de várias áreas, a Summus dá início em 1985 — dentre outros planos — a mais uma coleção: "Novas Buscas em Comunicação".

A nova série apresentará textos sobre jornalismo, rádio, televisão, relações públicas, editoração — enfim, todas as áreas abrangidas pela Comunicação, que no mundo atual ganhou uma importância que seria inimaginável há apenas 20 anos atrás.

O objetivo, como o das outras séries da Summus — "Novas Buscas em Psicoterapia", "Novas Buscas em Educação" e "Novas Buscas em Sexualidade" — é a edição de textos modernos, objetivos, a um tempo formativos e informativos. Assim, os volumes iniciais, prestes a serem publicados, seguem a linha típica da Summus: servem para os alunos dos cursos de Comunicação, complementam e atualizam os textos disponíveis para os já profissionais e servem também para a parcela do público que sente necessidade de melhorar seu conhecimento em certos campos. Assim, é de se prever que "Novas Buscas em Comunicação" terá o mesmo êxito editorial das demais séries da Summus, editora que mal explorados do mercado editorial uma das razões de seu crescente êxito. (A outra é a qualidade da produção gráfico-editorial, além da qualidade dos textos propriamente ditos).

A coleção será inaugurada com **Comunicação: Teoria e Política**, do Prof. José Marques de Melo, da Escola de Comunicações e Artes da USP, autor de mais de uma dezena de títulos em sua área. Os volumes seguintes incluem temas instigantes, como: **Release mania** — uma contribuição para o estudo do press-release no Brasil, de Gerson Moreira Lima; **A Informação no Rádio** — os grupos de poder e a determinação dos conteúdos, de Gisela S. Ortriwano. A "safra" inicial completa-se com **Política e Imaginário** nos meios de comunicação para massas no Brasil, antologia organizada por Ciro Marcondes Filho, com a participação de Orlando Miranda, Gisela Ortriwano, Zulmira R. Tavares, Sonia M. Ramires de Almeida e Wilson R. Vieira Ferreira.

cadeiras e poltronas para escritório



ponta de estoque

A PARTIR DE 20 mil cruzeiros

LINEAR MÓVEIS S.A.

Rua Vidal Ramos, 26 · fone 22 6100

PRECEITOS DIÁRIOS

SEICHO-NO-IE

FPólis-R.Felipe Schmidt,27 9ºand Fone:23-1244

Joinville-R.Eduardo Kirsch, 95 Fone:22-1035

17

NO FINAL,
O AMOR SEMPRE TRIUNFA.
NINGUÉM É ETERNAMENTE HOSTIL.

Faça do amor o lema de sua vida. Deus é Amor. Portanto, vivendo uma vida de amor, você estará em conformidade com Deus, estará sintonizado com Deus. Se surgirem impedimentos de todos os lados quando você está disposto a praticar a bondade, serene a mente, contemple o Jisso. No Mundo do Jisso não existe empecilho algum. Por conseguinte, surgirão somente coisas boas.

COLABORAÇÃO

CENTRO DO COMÉRCIO VAREJISTA DO ESTADO DE SANTA CATARINA.

Rua João Pinto, 8 — Fone (0482) 22-1538 — C.P. D - 144 — Florianópolis — S.C.

CECOVESC 7 ANOS DE DEFESA E ASSISTÊNCIA AO COMERCIANTE

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

393 - MIGUEL, Salim. Livros – Congresso Brasileiro de Escritores: tudo pronto.... **O Estado,** Florianópolis, 14. abr. 1985

Congresso Brasileiro de Escritores: tudo pronto

Já se encontra tudo preparado para o Congresso Brasileiro de Escritores, a se realizar em São Paulo, de 17 a 21 de abril, numa promoção da UBE — União Brasileira de Escritores.

Comemorativo do I Congresso, que teve lugar em 1945, este de agora, realizado exatamente 40 anos após, vai discutir temas importantes, não só no que se refere aos escritores, mas aos problemas nacionais e à nossa realidade como um todo.

Cinco são os temas básicos a serem debatidos:

1 - O Escritor e o Estado

2 - O Escritor e a Indústria Cultural

3 - Os problemas, os Direitos e a Organização dos Escritores

4 - O Escritor e a Realidade Nacional

5 - O Escritor e a Política Cultural.

Antes da escolha das delegações estaduais, debates preliminares foram realizados, no sentido de se contribuir de forma válida e pertinente para o documento final que resultará da colaboração de todos os presentes, e que levará à Nova República o pensamento dos escritores, visando uma política cultural que atenda aos anseios da Nação e que venha ajudar no trabalho a ser desenvolvido pelo Ministério da Cultura.

A delegação de Santa Catarina já foi formada e já foi também tirado o documento que a mesma leva para ser apresentado em São Paulo, e que é o seguinte:

No momento em que o Brasil retorna à democracia e em que se discute a cultura brasileira como uma forma de independência e consolidação de nossos valores, os escritores de Santa Catarina integram-se a essa linha de ação e trazem à análise os seguintes pontos:

1. **O ESCRITOR E O ESTADO**

Devem ser revogadas todas as leis de exceção.

É função do Estado dar amplo apoio à cultura, sem submetê-la a interesses político-partidários e a outros que restrinjam a liberdade criadora.

O escritor deve manter uma atitude independente e participante em face da realidade nacional.

2. **O ESCRITOR E A INDÚSTRIA CULTURAL**

Estamos passando da cultura oral à cultura eletrônica, sem o necessário estágio na cultura escrita. Esta é possivelmente a principal causa do desinteresse pela leitura.

Os meios de comunicação de massa devem garantir espaço para todas as linguagens e manifestações culturais, cabendo-lhes responsabilidade pela difusão e promoção da literatura, das artes e da cultura popular.

O escritor, individualmente ou através de suas entidades de classe, deve denunciar toda forma de censura exercida pela indústria cultural.

A concessão e controle dos canais de TV e Rádio devem ser prerrogativa do Congresso Nacional.

3. **OS PROBLEMAS OS DIREITOS E A ORGANIZAÇAO DOS ESCRITORES**

É indispensável a imediata organização dos escritores, em nível regional e nacional.

As associações ou outras entidades representativas de escritores têm função principalmente política e reivindicatória dos direitos do autor.

Os escritores também têm responsabilidade com a criação de alternativas de ação cultural e literária, a exemplo de cooperativas, coedições e edições independentes.

4. **O ESCRITOR E A REALIDADE NACIONAL**

Também no Brasil, a principal censura cultural é a miséria.

Posicionamo-nos contra o colonialismo cultural externo e interno.

É preciso definir para o País uma política que produza o desenvolvimento cultural descentralizado, que estimule o intercâmbio, a preservação das peculiaridades regionais e o surgimento de novos pólos.

Deve-se perseguir a constante reciclagem de professores de comunicação e expressão, visando a adequada utilização de textos literários para fins didáticos. É absoluta a prioridade dos textos de autores nacionais no ensino da língua portuguesa.

5. **O ESCRITOR E A POLÍTICA CULTURAL**

Num País com excesso de leis e de normas, constata-se a inexistência de uma legislação específica que ampare a atividade cultural. Além da remoção do entulho autoritário existente, é necessário e urgente que seja gerada uma legislação, amplamente discutida por toda a população, que, entre outras coisas,

— incentive a publicação, a divulgação e a comercialização de obras de autores novos;
— estimule a publicação, a divulgação e a comercialização de obras de autores nacionais em geral;
— promova a regulamentação da atividade do tradutor de obras literárias;
— contemple equitativamente todos os estados da Federação ao distribuir recursos públicos para fins culturais;
— reformule o Conselho Federal de Cultura, tornando-o mais atuante e fazendo nele representadas todas as regiões do País;
— estabeleça mecanismos para que os postos administrativos da área cultural sejam ocupados por pessoas notoriamente ligadas ao movimento cultural de seu meio;
— considere os bens culturais, por seu papel na fixação da identidade regional e nacional, como um supremo patrimônio a ser preservado.

É necessária a criação de Institutos Estaduais do Livro.

Os organismos culturais devem promover a difusão da literatura através de programas que atinjam as escolas, as associações e os bairros, numa postura que proporcione o conhecimento e o interesse pela criação regional.

A Imprensa Oficial dos estados deve participar da produção gráfica de livros, suplementos literários e outras publicações de interesse cultural.

Levando em conta características de mercado, é importante que seja estabelecido com clareza qual o papel do Estado na edição e distribuição de livros, quando compete a ele fazê-lo e quando é seu dever estimular a iniciativa privada a executar estas funções.

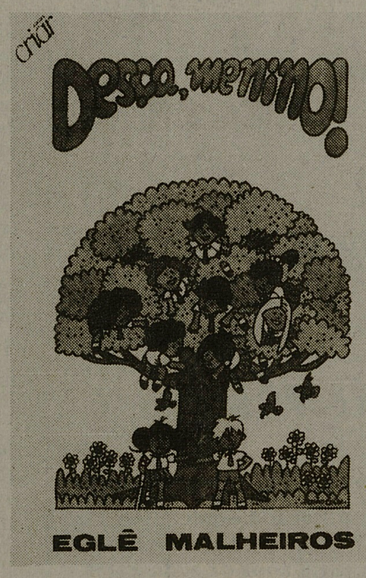
Devem ser criadas bibliotecas públicas no centro das cidades, nos bairros e nas escolas, e o acervo destas bibliotecas precisa ser constantemente atualizado e mantido de acordo com os princípios de biblioteconomia.

Qualquer política cultural aplicável ao Brasil deverá sempre respeitar a multiplicidade de expressões culturais que ocorrem no País, resultante das diversas etnias que o constituem.

Prêmio Alfredo Machado Quintella, da FNLIJ, será de Cr$ 5 milhões

Mais uma vez a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil lança o concurso Alfredo Machado Quintella, visando incentivar o aparecimento de textos para jovens. O prêmio, doação do escritor Ary Quintella, que este ano será de Cr$ 5 milhões, é concedido a original inédito de autor brasileiro, destinado a leitores da faixa juvenil. Além do prêmio, terá edição pela Record. Os originais deverão ser apresentados em três cópias datilografadas, apenas em uma face do papel, tamanho ofício, espaço dois, trinta linhas de setenta e duas batidas, mínimo de 120 páginas. Assinado com pseudônimo, os originais deverão ser acompanhados de envelope fechado contendo ficha com os dados de identificação do autor, bem como o pseudônimo, e endereçados à FNLIJ, rua da Imprensa, 16 - 5º. andar, salas 508/10, CEP 20030 - Rio de Janeiro, estando as inscrições abertas até o dia 31 de julho de 1985.

MUTIRÃO ECOLÓGICO



Eglê Malheiros, que foi diretora-secretária, no Rio, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, que há anos vem se dedicando a analisar e promover este gênero de literatura, participando de encontros e seminários, escrevendo resenhas e críticas, publica agora seu primeiro livro para o público juvenil. Trata-se do conto **Desça, menino!**, que acaba de sair numa edição da Criar, de Curitiba, com sugestivas ilustrações de Flavio Colin.

Partindo de uma notícia de jornal, procurando recriar o linguajar da criançada, ela narra a história de meninas e meninos de uma escola que lutam em defesa de uma velha mangueira, em cuja sombra haviam brincado gerações de estudantes — e que agora vai ser cortada. Mas a criançada não aceita passivamente a idéia: faz um mutirão ecológico em defesa da velha amiga... O resto é ler o conto.

REGISTRO

Os contrapontos da Literatura (arte, ciência e filosofia), de Sonia Salomão Khéde (coord.), Ed. Vozes. Temas que se interpenetram e complementam, ampliando o enfoque e os debates em torno da problemática cultural, estão reunidos neste volume, de singular interesse para os estudiosos em geral. Cada tema foi entregue a um especialista da área, que dá assim uma contribuição bastante válida para que se tenha uma visão global da proposta pretendida, que é analisar o caráter interdisciplinar da literatura.

Eis os temas e respectivos autores: Filosofia - Gerd A. Bornheim; Psicanálise - Wilson Chebadi; Ciências Sociais - Lúcia Lippi Oliveira; Música - André Bueno; Cinema - Ronaldo Lima Lins; Cultura de Massas; Gustavo Barbosa; Educação - Eliane Yunes; Teatro - Yan Michalski; Formas Culturais - Pedro Lyra; Arte - Sonia Salomão Khédi.

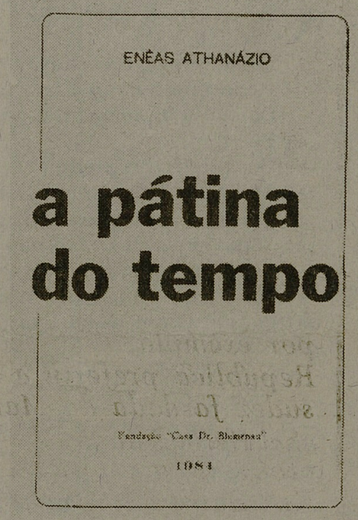
Para a coordenadora deste volume inaugural da coleção Debates Culturais, "por partirem sempre de um mesmo referencial, a literatura, os textos se entrecruzam e de certa forma dialogam entre si, convidando o leitor a coparticipar do debate".

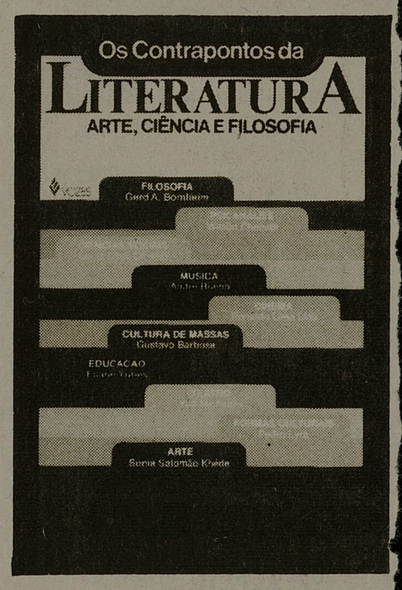
* * *

A pátina do tempo, de Enéas Athanásio, Ed. Fundação Casa Dr. Blumenau. Dez anos de atividade literária tornaram o autor nome sobejamente conhecido nas letras. Seja por sua obra de ficcionista ou por seus artigos de crítica e ensaios. A destacar, em especial, os trabalhos constantes sobre Monteiro Lobato, Lima Barreto, Godofredo Rangel, que trazem novas luzes para o melhor conhecimento da vida e da obra de três importantes nomes das letras brasileiras.

Neste livro, de novo, Lima e Lobato são os temas centrais de Enéas Athanásio. Ele esclarece dúvidas, investiga informações, discute duas personalidades tão diversas, mas que se aproximaram pela paixão da arte.

Também de Enéas Athanásio, separata de Blumenau em Caderno, com o artigo "Martinho Bugreiro, criminoso ou herói?", onde ele fala de uma figura controvertida, exterminador de bugres, que marcou época na região catarinense do Vale do Itajaí.





UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

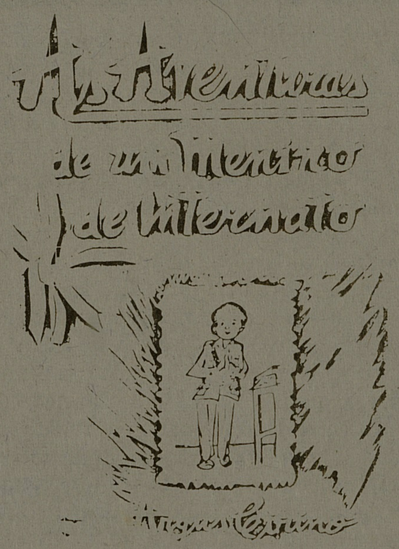
394 - MIGUEL, Salim. Livros – Das memórias de um adolescente à trágica compulsão do escrever .... **O Estado,** Florianópolis, 27 jan. 1985.

394

LIVROS

Das memórias de um adolescente à trágica compulsão do escrever

Salim Miguel



Autor de seis títulos editados num período de sete anos, o primeiro (**Conflito**, romance) publicado em 1978, com vários outros engavetados, Argus Cirino esta com livro novo na praça. Trata-se de **As aventuras de um menino de internato**, lançado pela Editora do Escritor. E um texto de fundo memorialistico, calcado num diario encontrado em fundo de armario, onde o então guri ia anotando o dia-a-dia de sua descoberta da vida como internado no Colegio Cristo Rei, da cidade de Jacarezinho, norte do Parana.

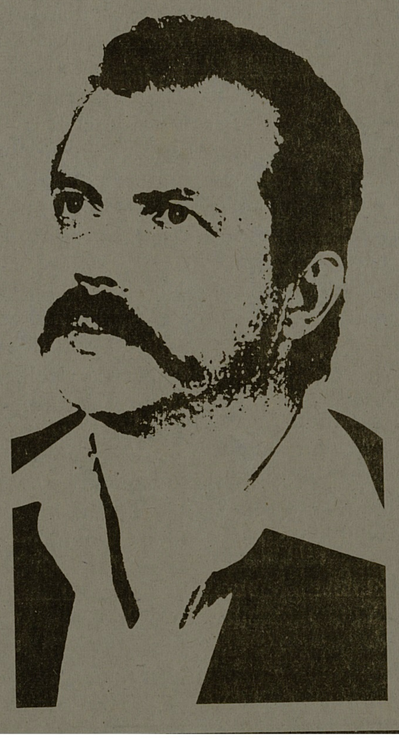
Diz Cirino que o livro "não assume compromisso com a literatura ficcionista propriamente dita." Isto percebe-se logo ao iniciar a leitura, por sua estrutura linear, por acompanhar a lenta e sofrida descoberta do mundo que rodeia o menino. E Cirino acrescenta: "Pode-se dizer que se trata de um romance de memorias — sem preocupação autobiogragica — basedo num velho diario, onde e narrada a vivência de um adolescente de 15 anos dentro e fora de um colegio interno, o qual era dirigido pelos famigerados padres palotinos, de origem alema. Os anos são os de 1955/56." Prossegue o Autor:

"E claro que o diario — escrito em cadernetinhas, amareladas pelo tempo e escondidas numa lata de biscoitos — não tinha a finalidade de transformar-se em materia de publicação, muito menos de ser convertido em romance. Quis o acaso que, ao proceder faxina num armario aonde costumava guardar coisas velhas, na estância de meu pai, eu as encontrasse.

Na iminência de joga-las fora por não julga-las mais do que simples lixo, resolvi dar uma olhada nelas (nas cadernetinhas), antes por curiosidade que movido por outro capricho qualquer. Ai aconteceu."

Recuando para o passado atraves da leitura, das anotações que ia deixando, Cirino chegou à conclusão de que "tinha na frente era um material vivo, rico e sincero, escrito com simplicidade e, principalmente, com a ingenuidade peculiar aos adolescentes. Ali estavam dois anos vividos e transmitidos sob a ótica de um rapazinho inseguro e preocupado com o mundo que o rodeava. Então veio-me a decisão de trabalhar sobre os manuscritos, aparando aqui, corrigindo acola, removendo repetições, dando continuidade e conclusões aos temas sugeridos."

O perigo, em tais casos, e o adulto de hoje reelaborar o trabalho do adolescente de então, dentro de outra perspectiva. Mas Argus Cirino afirma: "Tudo, naturalmente, sem adulterar o texto ou prejudicar o estilo original com que o diario fora escrito. E o resultado foi um livro de aventuras feito por um adolescente e destinado a outros, envolvendo a fase de formação pela qual todos os homens passam um dia, uns mais marcados, outros menos."



Não se pode considerar volumosa, entre nos, a obra memorialistica ou que trate especificamente da formação de jovens em internatos. Claro que e impossivel deixar-se de citar, no caso, **O Ateneu**, de Raul Pompéia, ou **Moleque Ricardo**, de José Lins do Rego. Seria interessante, inclusive, tomando o fator tempo, a distância que separa estes livros, estudar a visão de cada qual deles e a maneira como eles encaram o problema internato, o mundo visto de dentro de uma escola, e todo aquele interrelacionamento de personalidades tão diferentes, vindas de diferentes areas — e todas em formação. Não estamos, aqui, e claro, falando de um ponto de vista qualitativo, mas de um ponto de vista de formação da personalidade, de apreensão de mundo.

O livro de Cirino tem o mérito de nos devolver um mundo passado, não tão distante mas que, por vezes, nos parece pre-historico, tantas as transformações sofridas da decada de cincoenta até nossos dias. E ha, também, um retrato do nosso interior, com seus problemas, e como são enfrentados por um menino que deixa o sitio e vem para um centro maior. Algumas figuras são traçadas com pertinência, algumas até com forte carga de amargura e algum preconceito.

Trabalhador infatigavel, Cirino tem outros seis títulos ineditos. Mas o problema, para ele, não e o escrever (que lhe proporciona satisfação e maior conhecimento da vida e do ser humano) mas publicar. Diz: "Quanto a estes ultimos não me sinto nem um pouco encorajado d e publica-los, não por conta propria como venho fazendo ate agora."

Nem por isto ele vai parar. E fala, então, de projetos futuros, enquanto tenta conseguir editor para os livros ja prontos. Esclarece: "Minhas pretensões futuras vão girar exclusivamente na area de romances. Alias ja estou com dois bem adiantados, **Tanatus, o senhor da morte**, criado dentro do realismo fantastico, e **Um caso muito, muito especial**, sobre vivência do cotidiano." Depois de esclarecer que os dois tiveram que ser interrompidos devido a uma intervenção cirurgica, conclui: "Tão logo se confirme o meu pronto restabelecimento, darei continuidade a ambos. E continuarei escrevendo sempre, mesmo que jamais venha a ser editado, pois com o passar dos anos acabei descobrindo uma tragica realidade: bem ou mal a compulsão de escrever tornou-se a razão fundamental de existir."

1985

Intimismo e Desencontro

Um romance intimista, um romance de (des) amor, um romance de desencontro, no qual uma personagem se procura e se perde, se interroga, se questiona e questiona o mundo que a rodeia — mas um mundo muito seu e muito peculiar. Eis o que é **Antes que o amor acabe**, de Patricia Bins, Ed. Nova Fronteira.

O fio da trama e aparentemente simples na sua cotinianidade, mas de uma simplicidade enganosa: conduzido atraves de uma mulher que se autoanalisa para se autocompreender ao mesmo tempo em que tenta apreender a sua razão de ser e seu descompasso com a realidade, ela luta em vão para saber quais os motivos que levaram-na a uma desagregação familiar que nunca fora sonhada (ou sempre preexistira?).

Narrado na primeira pessoa, as demais personagens (o marido, "o homem do outro lado" no predio em construçao que pode servir como simbolo, o primo, os pais, a empregada, a filha gravida da empregada) nos chegam esfumados por uma névoa ora ténue ora compacta, que os envolve e os distancia do leitor.

Assim, a escrita flui ao sabor das relembranças, vai e vem, e os fatos nos chegam reproduzidos num estilo ao mesmo tempo sensível e lirico, nuançado. Num romance-poema ou num poema-romance, como assinala Antonio Houaiss na "orelha".

Uma das possiveis chaves do romance seria a frase "Sou eu e eu, uma que vive, outra que morre, uma que vem, outra que vai" (pág. 81), que se prolonga na mesma página no inicio do periodo seguinte quando ela diz: "Sofro ante os hiatos, tantos, passagens que se apagaram para nunca mais. Ha o sentimento de solidão a atravessar corredores, salas de aula, refeitorios quartos..." E preciso, aí, ler nas entrelinhar, buscar outras leituras que nos introduzam no universo da personagem (e da autora). Tudo centrado na solidão a atravessar corredores...

Mas outras chaves (múltiplas) existem, entre elas as epígrafes de um Augusto Abelaira, de uma Clarice Lispector, de um Fernando Pessoa, de um Camões ("Tu não vês que Amor/Se pinta despido") que situam a família literaria em que se insere a Autora.

Pois Patrícia Bins retoma, aqui, tema e clima que se aproximam de seu romance anterior: mantêm-se fiel a uma mesma proposta ficcional, mais do que a ação buscando a reação, mais do que o exterior desvelando o interior do ser humano com suas duvidas, perplexidades, complexidades, cumplicidades. E, enfim, um pouco-muito da própria autora que chega ao leitor, dando-nos ela o seu "eu e eu, uma que vive, outra que morre."

Registro

Roda de samba, de Lygia Malaguti, Ed. Antares/ProMemoria/INL. Tendo recebido o Prêmio da Fundação Cultural de Brasilia/1982, para Ivan Cavalcanti Proença, que assina a "orelha" do livro, o que ilustra aspecto dos mais fortes deste livro "é a **verossimilhança**, em plena tensão com a **adequação** dos personagens, ao nivel dos "dialogos", dos monologos interiores, da propria existência". Texto forte e sugestivo, de alguem preocupado com o que narrar e o como narrar.

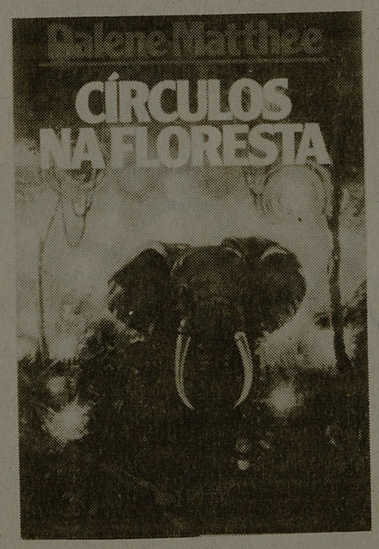
* * *

A dissiapçao da aurora, Fagundes de Menezes, Ed. Presença/FJA. Jornalista, ficcionista, poeta, animador cultural, em tudo se exercita com vigor Fagundes de Menezes. Mas se o texto o preocupa, preocupa-o mais o ser humano, sua destinação, a luta do homem por sua afirmação e por melhores dias. Ele sabe, como poucos, flagrar uma situaçao e torna-la viva e presente. Veja-se, como exemplo, "Lord Jim na redação" ou "Lembrança de Eneida", ou "A luta com as palavras", temas diversos mas tratados com igual pertinência. Fundido, com propriedade narrativa, humor e lirismo.

* * *

Circulos da floresta, Dalene Matthee, DIFEL. Um mundo exotico e selvagem recriado com segurança: na floresta de Knysna o futuro dos nativos e o destino da floresta estão ameaçados pela ganância dos exploradores de madeira e mercadores de marfim. A partir dai a Autora nos introduz em seu universo, um universo em que o homem luta para salvar seu mundo da depredação e do exterminio, oferecendo ao leitor um retrato da Africa e de seu fascinio e misterio.

* * *



Herdeira de milhões, Heinz G. Konsalik, Ed. Record. Consagrado autor de best-sellers, dominando todos os segredos e ingredientes do gênero, aqui o Autor parte de um fato evidente: seu ponto de partida é a historia de Cristina Onassis, filha do milionario grego que foi casado com Jackeline, a viuva do presidente Kennedy. Lyda (Cristina) herda um imperio — a partir dai, realidade e ficção se fundem e completam, com doses de suspense.

* * *

Serafim Ponte Grande, de Oswald de Andrade, Global E. Trinta anos apos sua morte, OA continua nome altamente polêmico; e aqui esta um de seus títulos mais representativos, este romance que foi chamado de "Macunaima urbano". Três ensaios, de Antonio Cândido, Haroldo de Campos, Maria da Silva Brito, valorizam a edição.

* * *

Caminhos do Sul, Ivan Pedro de Martins, Ed. Movimento. Na continuação de um ciclo romanesco que se inicia com "Fronteira Agreste", o autor traça um quadro forte das relações sociais, econômicas e politicas do extremo sul, e das transformações ocorridas no campo durante a decada de 40. Em 2.ª edição, co-edição Pró-Memoria.

* * *

O Sr. Capitão/A heróica morte do combativo guerreiro, Luis Henrique, Ed. Atica, co-edição Fundação Cultural da Bahia. Nestas duas novelas, que tem varios pontos em comum (uma pequena cidade baiana e o periodo de vigência do Estado Novo), o Autor exercita com propriedade humor e irreverência. Em 2.ª edição.

* * *

Um dia vamos rir disso tudo, Maria Alice Barroso, Ed. Mercado Aberto. Através de um grupo heterogêneo de pessoas, a A. traça um painel do conturbado período que foi a primeira metade da década de 60. Ficcionista onde se destacam títulos como "Um nome para matar", MAB se situa entre os nossos escritores mais significativos. Em 2.ª edição.

* * *

O homem rouco, Rubem Braga. Ed. Record. O nosso cronista-mor aborda aqui, com igual propriedade, temas os mais variados. E se as crônicas já tem algum tempo, escritas entre 1948-1949, o texto não envelhece e RB se lê sempre com prazer, pois ele, como poucos, sabe fundir lirismo, emoção e compreensão do bicho-homem. Em 3.ª edição.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

395

O ESTADO - Fpolis, 20/01/85

LIVROS

Salim Miguel

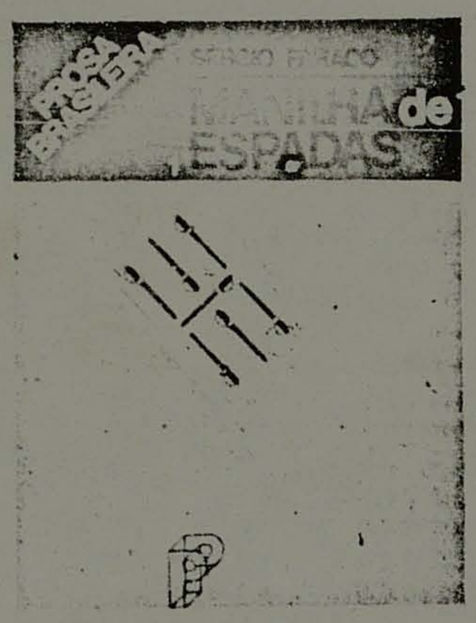
VIDEO-LIVRO BRASILEIRO

O médico Aymar Sperli se tornou o autor do primeiro vídeo-livro brasileiro, que acaba de ser lançado no Congresso Brasileiro de Vídeo-Tape Científico pela única editora do país especializada, a Front e Julia Editores. Trata-se do Tratado de Cirurgia Plástica, do professor Aymar Sperli, composto por fascículos com duas horas de gravação, dos quais 30 já foram elaborados, e apresentado em sistema NTSC e no formato VHS.

Segundo o próprio autor do primeiro vídeo-livro brasileiro, o tratado agora lançado resultou de quatro anos de trabalho, com a colaboração de vários médicos brasileiros e estrangeiros. O Professor Aymar Sperli, além de Presidente de Videoteca Médica, é membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica e professor do Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Santa Clara de São Paulo.

TRÊS FACES DA PROSA BRASILEIRA

Três livros de ficção (um de contos, uma novela, um romance), três faces da moderna literatura que se pratica hoje no País, inauguram ao mesmo tempo uma nova coleção, Prosa Brasileira, e servem para a introdução no mercado de uma nova editora, a Philobiblion.



Começemos pela novela, Viadinho, de Emanuel Brasil: em suas menos de 100 páginas ele nos oferece um texto ágil e provocador, traçando, de forma às vezes irônica e noutras amarga, o quadro da formação de uma criança num meio hostil. Embora trabalho de estréia, revela um autor seguro.

Já Retratos falados é o terceiro romance de Ronaldo Fernandes, que fez sua estréia com João Rama, a que se seguiu O ladrão de cartas, todos marcados por uma mesma proposta ficcional, o que confere unidade ao trabalho deste autor. Há nele um certo distanciamento, uma visão um tanto fria no (de) compor seus personagens, no armar sua história, mas por estranho que pareça esta frieza não é isenta de emoção. Aqui, a visão é toda ela através de um fotógrafo, Lucas, muito embora coexistam variadas vozes a armar a estrutura romanesca que por igual rompe e reúne o fio das diferentes correntes que se entremostram. Falando de sua história, Romildo declara que ela "começa com um personagem atirando um maço de fotografias em cima de uma mesa e dizendo para outro que ali está toda a história. Tudo o que o outro precisa saber. Que as fotos falam por si e basta ir pegando-as uma por uma, que terá toda a história. E assim acontece." Aí, na verdade, a chave do livro. Pois o outro personagem é um artifício de que o autor se utiliza para chamar a atenção do leitor, no sentido de introduzi-lo em seu universo.

Manilha de espadas nos devolve um ficcionista de forte presença na nossa prosa de hoje, Sérgio Faraco. À uma primeira leitura poder-se-ia pensar em mais um autor regionalista, debruçado sobre seu cenário, o pampa. Isto é verdade e não é. Debruçando-se embora sobre o homem de sua região, seus hábitos e costumes, ele ultrapassa o mero regionalismo fotográfico para nos dar uma experiência enriquecedora a respeito do ser humano e sua destinação. Mas se Faraco é extremamente seguro ao tratar (e traçar) um quadro típico, não o é menos quando se desloca para o meio urbano, fixando a descaracterização das cidades e a luta árdua pela sobrevivência. São, todos, textos relativamente curtos, mas instigantes, numa prosa densa, cadenciada, sensível — que logo nos remete para outro livro do autor, Hombre. E foi através do conto que dá título a este livro, por nós publicado em Ficção, na segunda metade da década de 70, que tomamos conhecimento da obra de Faraco e passamos a acompanhá-la. A propósito de seu projeto, de sua visão da coisa literária, de seu trabalho, é bastante reveladora a entrevista que a seguir transcrevemos:

Como você vê Manilha de Espadas no conjunto de seu trabalho, na sua trajetória de escritor?

— Passados seis anos da edição de Hombre e considerando que nesse período publiquei dois outros livros que não eram de ficção e ainda um dicionário de autores gaúchos contemporâneos, Manilha de Espadas tem o gosto de um fim de exílio, de um retorno ao país amado, onde melhor me reconheço e posso viver com mais verdade. Talvez se possa dizer também que, estando o autor seis anos mais velho, Manilha de Espadas seja um livro mais maduro ou

— Em que termos você definiria a linha temática que predomina em seus contos?

— Nos últimos anos tenho observado que ocorre uma reiteração ou uma permanência no conteúdo dos meus contos: Tanto nos meus primeiros livros como em Hombre parece desdobrar-se a vida sentida de um homem. Em Manilha de Espadas essa vida se repete. São contos que, no fundo, têm uma ligação qualquer. É um homem compondo-se em fragmentos, que são episódios marcantes ou fortes emoções de sua existência. A cada novo livro essas emoções tendem a aprofundar-se, pois com o passar do tempo também se aprofundam, na pessoa do autor, o conhecimento e a compreensão do universo emocional. Por certo não delibero escrever assim. Esta deve ser a (...) maneira de sentir a vida através da

CONGRESSO DE ESCRITORES/85

Decorridos exatamente 40 anos, a UBE/SP volta a realizar um Congresso Brasileiro de Escritores. É muito embora o longo período que os separa (1945—1985), podem-se fazer algumas aproximações, pois ambos tiveram lugar num momento em que o País se preparava para deixar um regime de força e arbítrio, buscando um retorno à plenitude democrática. Além disto, neste de agora, que terá lugar de 17 a 21 de abril, vão se discutir alguns problemas que marcaram o Congresso de 45, e que continuam atuais, como, por exemplo, a posição e a função do escritor na sociedade brasileira.

Ao lançar a proclamação para o Congresso, a UBE/SP acentua: "Quando se comemora no País o 40.º aniversário do I Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em 1945, a UBE retoma o espírito e a tradição de luta que o animaram, para realizar, de 17 a 21 de abril, no mesmo Teatro Municipal de São Paulo, um evento cujo objetivo central é discutir a posição e a função do escritor na sociedade brasileira e para encaminhar um Projeto de Política Cultural como contribuição à sociedade democrática e pluralista que se anuncia neste momento de transição política."

Vendo o escritor inserido na sociedade, e em condições de oferecer uma contribuição à validação do processo que se inicia, foi elaborada uma pauta básica abrangente, que constará de cinco temas:

1. O Escritor e o Estado
2. O Escritor e a Indústria Cultural
3. Os Problemas, os Direitos e a Organização dos Escritores
4. O Escritor e a Realidade Nacional
5. O Escritor e a Política Cultural

Para que se possa ter uma maior representatividade, no Encontro de Secretários de Estado da Cultura, realizado em novembro em Maceió, Alagoas, foi feito um apelo para que se formassem delegações estaduais, a fim de que se pudesse reunir (e ouvir) um maior número de escritores de todas as regiões do País.

Um Anteprojeto de Regimento já começou a ser distribuído para que, em tempo hábil, todos possam contribuir efetivamente a partir de agora, enviando sugestões para a Comissão Executiva do Congresso, que ficou assim constituída: Fábio Lucas (presidente da UBE/SP), José Antonio Segatto, Antonio Possidônio Sampaio, José Carlos Garbuglio, J. B. Sayeg, Antonio Roberto Bertelli, Cláudio Willer, Ruda de Andrade.

REGISTRO

Era Lisboa e chovia, Dário Moreira de Castro Alves, Ed. Nórdica. Uma fidedigna e sensível visão de Lisboa, no que a cidade tem de mais significativo sob todos os aspectos, a partir da leitura da obra de Eça de Queiroz. Passeio por ruas e bairros, becos e praças, casario e palácios, bares e restaurantes, pontos turísticos e/ou históricos, refazendo um roteiro que personagens de Eça fizeram, sentiram, amaram, ironizaram. Nesta reconstituição minuciosa, temos ocasião de acompanhar o autor de **Os Maias** e suas figuras levados pela mão segura de Castro Alves, que não só leu e anotou toda a obra eciana, mas saiu por Lisboa em busca do que persistia intocado na época em que o grande escritor português viveu, ou ainda as modificações que o tempo trouxe. Leitura agradável e útil para os que conhecem Eça e Lisboa, para os que conhecem Eça e que nem um dia conhecer Lisboa, ou para aqueles que não conhecem nem um nem outro, mas que irão da mesma forma curtir o texto e as informações contidas.

* * *

Ilhas cercadas, Maria do Carmo Pinheiro Torres, Ed. Record. Mais uma amostra da nova prosa portuguesa nos chega pela voz desta escritora que depois de dois livros de contos lança seu primeiro romance. Nele, a história de três mulheres, nascidas em meios sociais diversos, que reagem de forma diferente diante da nova realidade portuguesa a partir do fim da ditadura. Na "Advertência ao leitor desprevenido", Maria do Carmo diz que "Portugal é um novo País desde o dia 25 de abril de 1984" e que se "a realidade ultrapassa a fantasia", muitas vezes "também a fantasia ultrapassa a realidade".

* * *

'TE
'OM AS
)FERTAS
3RASTEMP DO
estival de
Férias HM
COMEÇA A PAGAR DEPOIS DO CARNAVAL!

A DOENÇA COMO METÁFORA SUSAN SONTAG

JOSEPH ROTH
A MARCHA DE RADETZKY

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

396 - MIGUEL, Salim. Portugal: uma viagem, primeiras anotações.... **O Estado,** Florianópolis, 2 jun. 1985

Portugal: uma viagem, primeiras anotações

A greve dos correios impediu-me de cumprir o prometido: publicar, em substituição à minha coluna Livros, algumas primeiras impressões da viagem à Europa. Aliás, sem saber da greve, mandar as matérias, mandei. Acontece é que não chegaram. Não tiveram como. Ficaram retidas em qualquer ponto entre Rio e/ou São Paulo.

As duas primeiras, colocadas no correio, em Lisboa, dia 30 de abril, só dia 28 de maio, justamente quando eu descia no aeroporto Hercílio Luz, aportaram em Florianópolis. E a outra, postada em Paris dia 19 de maio, ainda está por chegar.

Mas se as matérias podem ter perdido algo em atualidade, pode ser que tenham se enriquecido com as fotos que agora lhes acrescento.

E parece-me que as observações continuam válidas e pertinentes. Publico, assim, de uma só vez as duas primeiras; e fico a espera da terceira. Quem sabe dia desses aparecerá!



Paço Real de Sintra



Escritores brasileiros no Palácio Foz, durante a noite de autógrafos

ESCRITOR BRASILEIRO, ESTE DESCONHECIDO NO BRASIL

Lisboa, 29 de abril — Um vôo de oito horas e quarenta e cinco minutos (Rio/Lisboa), direto, possibilita muitas coisas: a gente lê, bebe, come, vai ao banheiro, anda para esticar as pernas, tenta dormir, conversa. Conversa-vai-conversa-vem, acaba-se sabendo quem é o vizinho onde mora, o que faz, para aonde vai. Pois bem, depois de conversar com a Eglé, imprensada ao meu lado no banco central (para quatro pessoas), da TAP, de conversar com os companheiros de viagem que estavam no banco de trás (e que eram a viúva e o filho de Graciliano Ramos), conversei com a minha vizinha. Aliás, para ser exato, foi ela que ao me ver falar com Heloísa Ramos e Ricardo Ramos, perguntou se eu era escritor. Afirmei que sim, meio a contragosto, pois continuo me apresentando, mais à vontade, como jornalista. E ela: estes aí com quem o senhor falava são parentes do escritor Graciliano Ramos? E eu: sim. E ela: que emocionante, sou formada em letras por uma universidade de São Paulo, e durante um semestre estudamos **Angústia.**

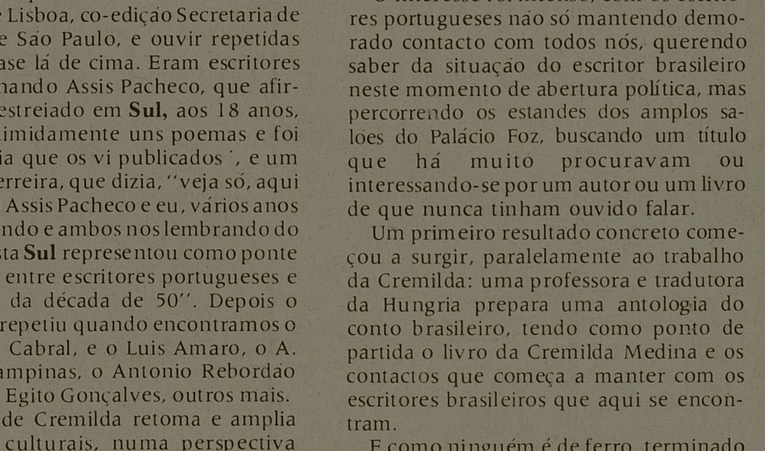
Daí a conversa engrenou, ela ia ao encontro do marido, que conclui curso de especialização em Paris. Mais adiante me perguntou se havia outros escritores no avião. E eu: que sim, vários, pois íamos a Portugal para o lançamento de um livro de entrevistas da jornalista Cremilda Medina. Quais eram os escritores que ali estavam? Comecei citando, obviamente, os paulistas. E pela mais conhecida: Lygia Fagundes Teles. Tudo bem, a Lygia já havia dado uma palestra para a turma da moça. Mas livro mesmo da Lygia ela não tinha lido. Daí por diante foi um desastre. A jovem formada em letras não conhecia nem de nome, um Ignácio de Loyola Brandão, um Ivan Ângelo, um José Paulo Paes, uma Renata Palotini, um Antonio Soares Amora, um Ricardo Ramos, uma Julieta de Godoy Ladeira. Temeroso, fiquei por aí: se estes, que eram paulistas, ela não conhecia, imagine-se os outros! Mas a jovem foi simpática. Anotou meu nome e o título do meu romance — e disse que ao voltar ao Brasil vai procurá-lo. Eis a vantagem inicial das viagens...

Lógico, existem outras. Amanhecemos num belo sábado em Lisboa, e lá estavam nos esperando o Arthur Henrique Villanova Nogueira, secretário da Embaixada do Brasil e o Alçada Baptista, diretor do Instituto Português do Livro e também representante do Ministério da Cultura. A Cremilda Medina havia organizado tudo, um programa intenso, minucioso, que levava em conta não só o lançamento do livro **(Escritor Brasileiro Hoje — a posse da terra),** uma exposição do livro brasileiro no Palácio Foz, mas também contactos com escritores e jornalistas e visitas a pontos turísticos e históricos de Portugal.

Sábado mesmo, dia de nossa chegada, fizemos a primeira incursão. E como não podia deixar de ser, a uma casa de fato. Antes disso, porém, demos uma volta a pé por algumas ruas de Lisboa, compramos jornais e revistas, conversamos com o povo. Por toda parte, duas constantes: o pesar pela morte de Tancredo, ainda tão viva, presença em todos os órgãos de comunicação e na voz do povo, bem sintetizada nas palavras de um motorista, que, é claro, quando nos soube brasileiros pelo sotaque, nos disse com a maior simplicidade: "que pena, e agora como vai ser sem o doutor Tancredo?" e a campanha pelas próximas eleições em Portugal, pois muros, paredes, jornais, rádios, conversas, tudo gira e se concentra no tema, a empolgar a população de uma maneira geral.

Domingo, dia 28, demorada visita a Lisboa e Sintra, tendo a nos acompanhar Fernando Antonio Batista Pereira, historiador de arte, que nos levou — e de tudo falou com extrema pertinência — até lugares históricos, como o imponente Castelo de São Jorge, de onde se tem uma visão ampla da cidade de Lisboa, depois ao Convento da Madre de Deus, onde se encontra um Museu com toda a história do Azulejo (aí ficamos sabendo que o azulejo veio de Portugal para o Brasil utilizado em pátios internos e interior de residências e voltou do Brasil para Portugal quando passou a ser utilizado em fachadas de prédios), passando pelo Terreiro do Paço e pelo Chiado, seguindo para o Mosteiro dos Jerónimos, construído em inícios de 1500, local onde estão os túmulos de Vasco da Gama e Camões e para onde está sendo levado o Fernando Pessoa. Mas a impressão maior, neste início de viagem, talvez tenha sido Sintra, para nós que aprendemos a ler em Eça de Queiroz. Aliás, a cada passo parecia-nos que estávamos a cruzar com personagens do grande escritor, vê-los desfilar diante de nós, conversar com eles. E o almoço no restaurante do palácio Seteais, complementado com a visita ao Palácio da Vila e ao convento dos Capuchos, foi um fecho perfeito para nos começar a situar em Portugal.

Agora, é aguardar o lançamento do livro de Cremilda Medina e os posteriores contactos com escritores, em Lisboa e outras cidades. Mas se nem no Brasil os escritores brasileiros são conhecidos, até mesmo por formandos em letras, o que esperar em Portugal?



Da esquerda para a direita: Arthur Henriques Villanova Nogueira, da Embaixada do Brasil em Portugal, Salim Miguel, Sinval Medina, José Paulo Paes, durante a recepção oferecida pela Embaixada do Brasil

II Alargando os laços culturais

Lisboa, 30 de abril — "Pois-pois", então és o Salim Miguel da revista **Sul?**

Confesso, não é sem profunda emoção que ouço isto. Saber que mais de 30 anos decorridos, escritores de Portugal se lembram do que representou o contacto, deles e nosso, atravessando os mares, numa época difícil para eles com a ditadura salazarista, quando quase nada sabíamos uns dos outros (não que hoje se saiba muito mais!).

Foi chegar ao Palácio Foz, onde se deu o lançamento, às 18 horas de ontem, do livro de Cremilda Medina, **Escritores Brasileiros Hoje — A posse da terra,** edição da Imprensa Nacional — Casa da Moeda, de Lisboa, co-edição Secretaria de Cultura de São Paulo, e ouvir repetidas vezes a frase lá de cima. Eram escritores como Fernando Assis Pacheco, que afirmava ter estreiado em **Sul,** aos 18 anos, "mandei timidamente uns poemas e foi com alegria que os vi publicados", e um Manuel Ferreira, que dizia, "veja só, aqui estamos, o Assis Pacheco e eu, vários anos nos separando e ambos nos lembrando do que a revista **Sul** representou como ponte de ligação entre escritores portugueses e brasileiros da década de 50". Depois o mesmo se repetiu quando encontramos o Alexandre Cabral, e o Luis Amaro, o A. Vicente Campinas, o Antonio Rebordão Navarro, o Egito Gonçalves, outros mais.

O livro de Cremilda retoma e amplia tais laços culturais, numa perspectiva mais ampla. E complementa, também, o livro anterior publicado em 1983, no qual estão reunidos escritores portugueses. Ela começa publicando as entrevistas em jornais do Brasil e de Portugal (**O Estado de São Paulo, Suplemento Literário do Minas Gerais, O Primeiro de Janeiro**), depois reúne as entrevistas em livro, juntando um texto de cada entrevistado para dar uma idéia do tipo de trabalho dele. No caso de Portugal foram 30 os autores entrevistados. No caso do Brasil, 54. Mas para Gremilda isto não basta. Pronto a livro, ela vai à luta — e consegue o milagre de arranjar patrocínio para que parte dos escritores estejam presentes ao lançamento. Doze escritores portugueses estiveram no Brasil para o lançamento do livro português; e cerca de vinte brasileiros se encontram em Portugal. Também isto não é o suficiente para Cremilda. Ela organizou uma minuciosa exposição-feira do livro brasileiro em Portugal, que ficará aberta até o dia 12 de maio. Lá se encontram representadas quase todas as editoras; e grande número de escritores brasileiros, das mais diferentes gerações e tendências, tem pela primeira vez oportunidade de ver um livro seu exposto fora do país.

Falando por ocasião do lançamento e da abertura da exposição, Alçada Baptista, diretor do Instituto Português do Livro, acentuou a importância do acontecimento para uma aproximação maior entre nossos povos e um melhor conhecimento do que se produz na área cultural. E disse esperar que não se ficasse apenas neste fato, já de si tão importante, mas que ele servisse para estreitar e aprofundar os laços culturais entre Brasil e Portugal.

O interesse foi intenso, com os escritores portugueses não só mantendo demorado contacto com todos nós, querendo saber da situação do escritor brasileiro neste momento de abertura política, mas percorrendo os estandes dos amplos salões do Palácio Foz, buscando um título que há muito procuravam ou interessando-se por um autor ou um livro de que nunca tinham ouvido falar.

Um primeiro resultado concreto começou a surgir, paralelamente ao trabalho da Cremilda: uma professora e tradutora da Hungria prepara uma antologia do conto brasileiro, tendo como ponto de partida o livro da Cremilda Medina e os contactos que começa a manter com os escritores brasileiros que aqui se encontram.

E como ninguém é de ferro, terminado o lançamento fomos todos ao restaurante da Cooperativa dos Marinheiros. Lá, saboreando um excelente vinho verde e pratos típicos, ampliando o papo com escritores portugueses, em busca de objetivos comuns visando a difusão do livro, tínhamos, ainda, uma vista de Lisboa para turista nenhum botar defeito.

A programação prossegue. Hoje, dia 30, recepção da Embaixada do Brasil, encontro com estudantes de Letras na Universidade de Lisboa, jantar com escritores portugueses do Pen Clube. Amanhã, dia 1º de maio, visita à Arrábida-Sesimbra, depois visita ao Museu de Évora, no Alentejo, onde pernoitaremos. Em Évora se vem fazendo uma experiência de reforma agrária; esperamos ter chance de falar com alguém que nos dê informações a respeito.

A programação elaborada pela Cremilda com o Ministério da Cultura de Portugal vai até o dia 8, incluindo noite de autógrafos dos escritores brasileiros aqui presentes, visitas a Coimbra (e a famosa Universidade) e ao Porto.

E tem mais.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

397 - MIGUEL, Salim. Livros – Do coração e de várias emoções.... **O Estado,** Florianópolis, 16 jun. 1985.

Do coração e de várias emoções

Salim Miguel

Entrei, cumprimentei, sentei, pedi "leve-me à Travessa do Abarracamento de Peniche". A motorista do táxi me olhou, arrancou, perguntou "onde mesmo o senhor deseja ir?". Eu repeti. E ela: "onde fica mesmo, que eu trabalho mais pra estes lados da cidade". E eu: "é perto da rua do Século". E ela: "ah, sim, esta sei, mas o senhor podia ir andando que chegava mais rápido e economizava os escudos". E eu: "só que não conheço quase nada de Lisboa, e dificilmente chegaria, mais rápido ou menos".

De novo, depois de 26 horas de trem (comboio para os portugueses) de Paris até Lisboa, estava eu na capital portuguesa. Preparava-me para retornar ao Brasil. Antes da volta, havia amigos a rever, alguns passeios a dar, livrarias e galerias de arte para visitar, livre agora da programação oficial. E, também, não podia deixar de ir até a Feira do Livro, que se inaugurara às vésperas de minha volta.

Enquanto me dirigia ao encontro do prof. Agostinho da Silva, e a motorista me fazia as inevitáveis perguntas sobre o Brasil (e o que achara de Portugal), eu relembrava os dias passados na Espanha e em Paris, as emoções mais fortes. Fui chamado de volta pela motorista, "parece-me que esta travessa, como a maioria do bairro, é vedada a táxis". E eu: "não faz mal, deixe-me no ponto mais próximo". Lá chegando vimos que a Travessa do Abarracamento de Peniche (prof. Agostinho, diante da minha curiosidade, me explicaria pouco depois a procedência do nome, que vinha do grande terremoto de Lisboa) era uma das raras que permitiam passagem de carros. E logo, logo eu estava revendo e conversando com o prof. Agostinho da Silva. Quase trinta anos nos separavam do último encontro, ele ainda em Florianópolis (viera da Paraíba, mudando-se depois para Brasília antes do retorno a Portugal, "mas continuo naturalizado brasileiro", me diz ele), tendo aqui ajudado a implantar a Faculdade de Filosofia, participando ativamente de movimentos culturais, incentivando os mais jovens.

Antes da chegada dele a Florianópolis, nós já o conhecíamos de nome (e a seu trabalho), ele havia inclusive colaborado com alguns poemas na revista SUL. E então relembramos que, nos cadernos SUL, havíamos editado a novela **Macaco-Prego**, que ele assinara com o pseudónimo de Mateus-Maria Guadalupe.

Mais velho? Claro. O tempo não passa impunemente por nós diria acaciananente o conselheiro Acácio. Mais velho, esclareça-se, fisicamente. Pois intelectualmente (e isto podem comprová-lo todos os que com o prof. Agostinho continuam mantendo contacto, um Ernane Bayer ou um Hamilton Savi, do Brasil, um Luiz Amaro ou um Alexandre Cabral, em Portugal) ele continua o mesmo espírito lúcido e inquiridor, de tudo sabendo e de tudo querendo ser melhor informado. Perguntou por velhos e novos amigos, discutimos literatura, arte, cultura em geral, política, a vida, os velhos e os novos tempos, as bruscas viradas que o mundo dá.

Eu sabia que ele tinha uma insuficiência cardíaca. Ao me despedir (não quis demorar muito), perguntei-lhe como conseguiria um táxi. E ele: "vou acompanhá-lo até uma rua onde eles passam fáceis". E eu: "mas professor, o senhor vai ter que descer toda esta escada (mora num terceiro andar), caminhar comigo, o senhor precisa descansar, se cuidar. Basta que me indique". E ele: "sei disso, não se preocupe. Depois, veja, durante oitenta anos o coração cuidou de mim sem que eu me lembrasse que ele existia, é justo que eu agora cuide dele".

A vísita seguinte foi ao Luiz Amaro, da revista **Colóquio/Letras,** que dedica substancial espaço à literatura brasileira. Novamente lá, um papo informal a respeito dos velhos tempos — e falei-lhe de minha frustração por não ter, neste roteiro portucalino, conseguido me encontrar com o Manuel Pinto, poeta e incentivador cultural, que tanto nos ajudou na aventura da SUL, divulgando a revista em Portugal e nas então colónias, mandando-nos livros e colaborações. laborações.

Havia mais: já no dia da volta, tínhamos absoluta necessidade de chegar até a praça Luiz de Camões e ver a estátua do Eça de Queiroz, onde, aos pés do vulto feminino debruçado sobre ele se pode ler a frase famosa: "sobre a nudez forte da Verdade, o manto diáfano da fantasia". Fico em dúvida se as palavras são exatamente estas.

Eglê e eu não queríamos perguntar; queríamos chegar por nós mesmos. Tínhamos uma vaga idéia. Guiados por ela fomos andando; e acabamos dando exatamente nos dois lugares.

No almoço, resolvemos sair dos restaurantes, ótimos, populares. Afinal era a despedida. Conclusão: come-se bem seja num restaurante caro, seja num mediano ou num gostoso boteco de Lisboa. Será só comida, ou o vinho também ajuda?

Era preciso, ainda, um novo contacto com o velho amigo Alexandre Cabral, excelente ficcionista e maior autoridade em Camilo Castelo Branco, e com o também excelente escritor A. Vicente Campinas. Que nos levou até a Feira do Livro, nos pagou um magnífico jantar no Solar dos Presuntos (que serve excepcionais pratos de frutos do mar e que recomendamos fervorosamente) e nos acompanhou até o aeroporto de Lisboa, ali "sofrendo" conosco até as três horas da madrugada, pois com a partida por um dia da TAP tivemos um atraso de duas horas no vóo. Não houve jeito de fazer o companheiro e amigo Campinas nos deixar antes de nos ver caminhando para o avião.

Agora, a última imagem se funde: é o Campinas nos acenando enquanto se dirige para a saída do aeroporto — e é o avião da TAP se preparando para deixar uma Lisboa envolvida pela tranqüila noite.

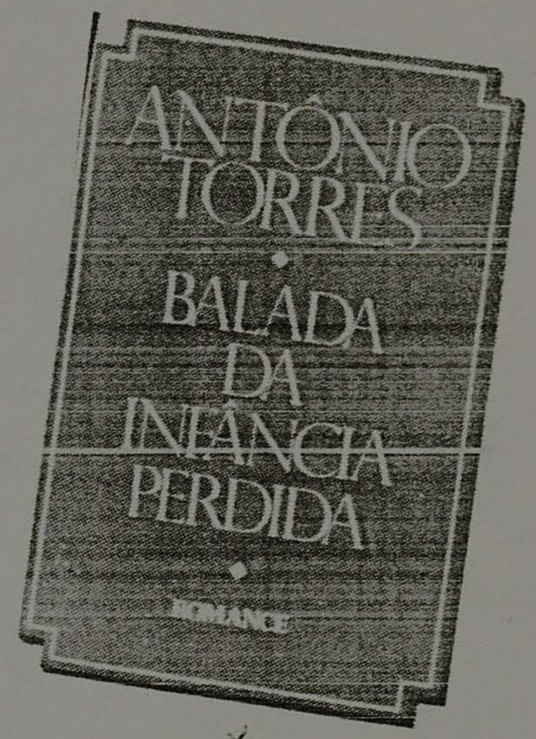
Mais nove horas (não entendi porque foram oito e quarenta e cinco para chegar a Lisboa e nove para chegar ao Rio) e estaremos no Brasil.

Pensando: se Paris exerce um estranho fascínio e prende logo à chegada, tornando-se íntima, se Madrid nos lembra, apesar da sua monumentalidade, antigas cidadezinhas brasileiras, com suas ruas aos domingos tomadas de famílias inteiras enfatiotadas passeando pelas praças, invadindo os cafés, os bares, os restaurantes, bom mesmo é a gente se sentir em Lisboa. É que estamos um pouco (muito!) em casa.

No meu caso, então, me sinto ainda mais à vontade. Estou duplamente em casa: como brasileiro e como árabe. Não há maneira de esquecer: durante longos anos (nem sei quantos) os árabes dominaram a Península Ibérica e ali deixaram marcas profundas e indeléveis, que até hoje podem ser claramente percebidas nos hábitos e costumes, na arte e na cultura; e durante outros tantos anos (nem sei quantos) os portugueses dominaram o Brasil, deixando aqui outras tantas marcas. Que curiosamente hoje se refletem por igual em Portugal.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Desestruturar para criar



"O meu pai não veio e não virá jamais".

Esta singela frase, que acaba adquirindo tamanho alcance e significação tão profunda no decorrer da trama, é uma possível chave para nos introduzir no universo do romance de Antônio Torres *(Balada da infância perdida*, Editora Nova Fronteira/RJ-1986), fazendo-nos compreender a proposta, implícita ou explícita, do que o autor pretende transmitir. Só que, como todo texto que se preza, outras chaves existem a pontilhá-lo, permitindo novos níveis de leitura que inquietam e provocam.

Da mesma forma como tem certeza que seu pai não veio nem virá, a personagem central do livro tem plena consciência da impossibilidade de recuperar o passado. Embora permaneça latente lá dentro, verrumando, fazendo parte inseparável dele, foi irremediavelmente perdido.

O personagem intui e sofre: lembrar é querer recuperar, lembrar é, quanto muito, um simulácrio de recuperação, uma recuperação maculada por elementos estranhos que se infiltram e tumultuam o processo.

Ao relembrar, reelaboramos. Vamos também, de forma inconsciente, selecionando os fatos mais significativos (ou que nos parecem mais significativos), vamos outra vez nos envolvendo em incidentes e/ou acidentes de ontem que gostaríamos de analisar e quem sabe modificar, vamos vendo situações que sofrem revisões ao impacto de situações paralelas.

Autor de obra significativa, Antônio Torres vem com ela integrando sua baiana região à geografia literária do país a partir de seu livro de estréia, *Um cão uivando para a lua.* E vem se mantendo coerente à sua proposta ficcional e humana. Tome-se, como exemplo típico, o romance *Essa terra* com sua fixação exatamente sobre seu torrão natal. Aqui o urbano e o rural se fundem e complementam. E embora queira atualizar seus temas, inovar sua temática, na verdade tem ele, como todo autêntico criador, a obsessão do tema único, que vai e volta como num ritornelo. E seu pequeno e pobre chão interiorano, é sua infância, são suas vivências, é a flagrante contradição entre o que um homem quer ser e aquilo que a sociedade o força a ser, é a freqüência (e a insistência) com que elementos ligados aos diferentes meios de comunicações se presentificam e transitam nos escritos de Torres, ele mesmo um homem da área de comunicação. E é, talvez acima de tudo, o entrechoque entre a cidade e o campo, com um forte componente social tudo permeando, o que acaba por nos dar o retrato trágico e verdadeiro de um país pobre e espoliado.

Ainda que em aparência este novo romance transcorra, em sua quase totalidade, nos grandes conglomerados urbanos (Rio e São Paulo), remetendo-nos para camadas da chamada "classe média urbana", examinando-o mesmo superficialmente percebemos que sua matriz é rural, seu eixo central é o interior baiano, aquela região que informou e selou para sempre o destino do escritor. Tudo puxa-o para o ontem, um ontem que o motiva e amarra. Quase diríamos amarga. Mas não, seria incorreto, há um fundo de saudade e melancolia perpassando a proustiana busca da infância perdida. E há o permanente desejo de ajudar a modificar a situação vigente. Agora, não se pense que isto é feito de maneira demagógica. Não! É em termos de ficção, numa linguagem que flui e atrai.

A história de *Balada de infância perdida* se (re) constrói a partir de uma tremenda bebedeira e de três mortes relembradas no decorrer das alucinações etílicas: sua mãe, sua tia, seu primo. Três mortes que marcaram fundamente a vida — e a trajetória — do narrador. E que agora voltem provocadas pelo álcool. O álcool, no entanto, foi mero elemento acionador de tudo aquilo que o narrador desejava trazer à tona.

No decorrer de um dia (melhor diríamos uma noite) e do encontro com um amigo que o arrasta para uma recepção, o narrador é levado a se examinar, a examinar as notificações básicas de sua vida, como e porque chegou ao ponto extremo de quase rutura em que se encontra. Tudo lhe chega esfumado, caótico. Tudo que é presente, que é hoje, melhor diríamos. E num processo inconsciente há como que uma fusão entre o ele que é ele e o ele que é o primo, espécie de alterego,

A confusão que se estabelece entre as duas personalidades que possuem pontos de convergência e pontos de divergência é uma das atrações principais do texto. Jogando com tal dubiedade, Torres traça um pertinente (e instigante) painel de determinados segmentos da população brasileira.

Isto contudo não é suficiente, não o satisfaz. Sua pretensão é bem maior. Ele quer, através do personagem narrador, do seu alterego, dos três mortos, da esfumaçada comparsaria que o envolve, nos oferecer uma visão crítica do país e de seus desencontros, quer mostrar o que foi feito desta nação (e de sua gente) no passado e mais especialmente a partir daquele 31 de março de 1964 (ou melhor, 1º de abril), uma nação que perdeu o rumo, que se encontra desordenada. Então o personagem passa a adquirir a força de um símbolo.

De que maneira isto nos chega?

Lúcido, Antônio Torres domina seu texto, sabe o que quer. Acompanhando as alucinações do personagem, desestrutura para criar. E partindo da desestruturação do personagem, da rutura de seu mundo convulcionado, chega ao mundo convulcionado e à desestruturação de um povo, de uma nação, através da fusão de estilos e linguagem, presente e passado, realidade e fantasia, o que aconteceu e o que está acontecendo, intercalando lirismo e humor, drama e comédia, o risível e o emotivo, o que é e o que poderia (ou deveria) ter sido.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

399 - MIGUEL, Salim. Livros – Eleitos para o sacrifício .... **O Estado,** Florianópolis, 17 mar. 1985

399

LIVROS

Salim Miguel

Eleitos para o sacrifício

A coluna abre espaço, nesta semana, para a crítica que Antônio Hohlfeldt, **professor, crítico, ensaísta, ficcionista, faz de Eleitos para o Sacrifício, livro de contos de Holdemar Menezes, que acaba de sair pela Editora Movimento. de Porto Alegre.**

Hohlfeldt é um estudioso da literatura de Santa Catarina, já tendo trabalhos publicados a respeito da maioria de nossos autores. Além disso, há algum tempo elaborou um vasto painel sobre a nossa literatura, abordando minuciosamente todos os géneros, autor por autor. O livro (ou livros, pois eram três volumes) deveria ter saído pela Fundação Catarinense de Cultura, mas ficou só no projeto. Agora o INL — Instituto Nacional do Livro acaba de aprovar, em coedição com a Editora Movimento, um dos volumes, o dedicado ao conto. Quem sabe se motivados por este, os outros poderão vir a sair aqui mesmo em Santa Catarina.

Mas vamos à crítica, que situa com propriedade este novo livro de Holdemar Menezes, não só como volume autônomo, mas também como parte de uma obra em processo, que abarca um universo de violência, centrado na dura realidade que nos circunda.

Terceiro livro de contos de Holdemar Menezes, "Os Eleitos para o Sacrifício" reúne nove trabalhos, dando continuidade direta às preocupações do escritor, isto é, a reflexão sobre a violência em suas múltiplas formas. Assim, à leitura destes contos, o que fica mais evidente é o fato de não haver distância ou diferença entre a violência marginalizada, representada, por exemplo, pelas personagens de "A Grande Parada", os contrabandistas que agem no porto de Paranaguá, e a oficial e institucionalizada, como a autoridade de "A Cidade submersa". Também se evidencia a crítica à conivência entre os dois níveis, presentes, por exemplo, no conto "Festinha íntima", em que, após discussão havida entre o pai e sua filha jovem, o homem dirige-se à casa da amante, uma mulher igualmente jovem, que termina por expulsá-lo do apartamento, pois está recebendo os amigos.

O conjunto dos contos, assim, se amplia no enfoque da violência, sob os seus mais diversos aspectos. "A Cidade submersa" fala das falcatruas de um religioso em cidade interiorana, sobretudo em suas relações sexuais pouco convenientes à sua condição de religioso, resultando em seu assassinato pelas autoridades policiais do município, durante uma enchente. "A Grande Parada" enfoca o contrabando, e, no caso, a entrada ilícita de napalm que será vendido ora para a guerrilha urbana, ora para as forças de repressão da extrema direita. Em "O Anjo Gabriel", um ex-músico de boate recorda seu passado, agora que vive como sacristão junto a um padre extremamente idoso. "Festinha íntima", como se viu, enfoca o choque de gerações e, sobretudo, de conceitos sobre a vida. "Hímen complacente" é, de certa maneira, uma extensão deste tema, quando coloca um estudante de medicina como professor de educação sexual, em uma escola de freiras, sendo "cantado" por uma recatada estudante.

"A pior cunha" aborda o choque entre a alienação e a participação, resultando no assassinato de um dos dois trabalhadores, amigos desde o tempo de juventude. Em "O Povão na TV", único conto escrito na terceira pessoa do singular, realiza-se uma sátira impiedosa sobre os programas de auditório da televisão brasileira, explorando a miséria popular com a conivência das autoridades do setor das comunicações. "Campo de batalha" retoma o tema da incompreensão entre as gerações, agora mostrando um casal de amantes que se compraz em discussões estéreis. Por fim, o conto que dá título ao livro, "Os Eleitos para o sacrifício", aborda a situação de um marginal, contratado como guarda-costas de um bicheiro cego, e que se nega a participar de uma chacina de seus próprios companheiros.

Verifica-se que, paralela ou complementarmente aos temas abordados, existe como que a envolver todos os enredos menções explícitas ou indiretas à situação de exceção vivida pelo Brasil a partir de 1964. O discurso assumido por alguma personagem sempre pressupõe o endosso daqueles chavões que ainda hoje caracterizam os discursos oficiais, ou seja, a preocupação com a sobversão, encobrindo a corrupção mais deslavada possível; a violência policial defendida por interesses particulares; e o acobertamento pelas autoridades de decisões ou atividades absolutamente ilícitas, como o fechamento de uma das entradas do porto de Paranaguá, como no caso de "A Grande Parada", a onipotência do bicheiro, como em "Os Eleitos para o sacrifício" ou a exploração de uns pelos outros, como em "Hímen complacente", para não se falar na situação absurda enfocada por "O Povão na TV".

O uso da primeira pessoa do singular em quase todos os contos traduz a preocupação do escritor em depor, em denunciar, em dirigir-se de maneira direta ao leitor, discutindo determinado problema. Contudo, escapando ao discursivo, ao prosaico, Holdemar Menezes sempre se disfarça na pele de uma personagem, assumindo sua linguagem, sua visão de mundo, sua maneira de ver as coisas. Assim, é substancialmente diferente a moral de um narrador como aquele de "A Grande Parada" em relação ao burguês de "Festinha íntima" ou "Campo de Batalha".

No entanto, pode-se verificar que existe maior proximidade entre os primeiros e o escritor do que entre os segundos. Isso fica explícito se tomarmos a afirmativa do narrador de "A Grande parada" e a aproximarmos do próprio escritor:

"Sempre sou contra o mais forte. Se o mais forte é a polícia, eu fico com o criminoso; se o mais forte é o bandido, eu fico com o mocinho; se o mais forte é o povo, eu fico com o governo".(p.30).

Estruturalmente, temos aí uma afirmação "exemplificada" por três elementos, sendo que apenas o primeiro deles corresponde à realidade da estrutura sócio-política do país. No entanto, a segunda serve como elemento de passagem à terceira, de tal maneira que temos, se analisada, a seguinte questão:

a) sempre sou contra o mais forte — verdadeira

b) se o mais forte é a polícia... — verdadeira

c) se o mais forte é o bandido... — falsa relativamente

d) se o mais forte é o povo... — falsa

Observe-se que os primeiros elementos de cada frase estão sempre corretos, e os segundos, igualmente. Na relação entre ambos, no entanto, cria-se esta área de passagem que evidencia a dupla moral ou a moral relativa, isto é, ao se fazer a análise da realidade, a personagem termina por optar realmente por aquilo que lhe dará maiores vantagens ou ao menos segurança. Assim sendo, efetivamente fica-se em geral com o criminoso, sendo contudo relativo este conceito. Fica-se com o mocinho, sim, porque na figura do anti-herói, o mocinho passa a ser não apenas o defensor do bem, mas aquele capaz de arrostar as estruturas e estabelecer novos valores. Mas não se afasta da área do governo, uma vez que é exatamente nesta área em que se dão as maiores barbaridades, conferindo-se a "governo" toda a força capaz de institucionalizar as iniciativas.

Esta observação serve como espécie de chave para a leitura dos textos aqui reunidos, e na verdade, para a leitura de toda a literatura de Holdemar Menezes, que a expressa ainda sob outro aspecto, qual seja, o da linguagem.

Observe-se que as narrativas se dão fundamentalmente sob o signo do diálogo, melhor caminho para evitar o prosaísmo. É através da troca de opiniões que o escritor afasta-se do panfletário, pois são as personagens que observam a realidade e a comentam, exceção, como se disse, de "O Povão na TV". Neste conto, porém, não existe a descrição. O conto é fundamentlmente narrativo, cingindo-se à intervenção das personagens e às especificações do movimento de câmara e de entrada-saída das figuras em cena, não se permitindo o narrador qualquer interferência para comentar os fatos e ações narradas. Assim sendo, é nos demais contos, mas sob a ótica do personagem-narrador, multifacetada pelas diversas personagens, que se estabelece a crítica. E esta crítica se constrói pelo espaço deixado entre as frases do diálogo, de tal maneira que ali surge a figura atuante do leitor, criando ele mesmo a interpretação que melhor lhe aprouver. Um elemento importante, contudo, e condutor das intenções do escritor é a linguagem: ela é direta, com frases curtas, na ordem objetiva, e com linguagem até certo ponto crua, isto é, não se foge ao chamado palavrão e, mais do que isso, não se vale de neologismo para dizer a coisa. A ação é explicitada com todas as letras, as decisões são tomadas às claras, sem adjetivações.

Por isso todos os contos organizam-se num crescendo, até o chamado fecho de ouro, que pode ser até lírico, como em "O Anjo Gabriel", mas que quase sempre é violento e crítico, como em "Campo de Batalha". Aliás, se centralizarmos nossa atenção aos finais dos contos, ficará óbvia a identificação do escritor. No que tange às personagens burguesas ou da ordem oficial, nota-se que todas se colocam exatamente sob a proteção da violência e da marginalidade. Os marginais, ao contrário, são capazes de gestos positivos, como a personagem de "A Grande Parada", que atina com uma ação capaz de permitir-lhe um projeto de futuro; os marginais sociais de "O Anjo Gabriel", que se emocionam com o amor e demonstram sensibilidade artística; ou, o guarda-costas de "Os Eleitos para o Sacrifício", que possui ética própria que o impossibilita de trair os próprios companheiros. O contraste é enorme se os aproximarmos de situações como a final de "A Cidade submersa", "Hímen complacente" ou "O Povão na TV", para ficarmos em apenas algumas.

Para que se entenda melhor o que queremos dizer, creio que a leitura crítica de "A pior Cunha" é exemplificadora. Aí temos a problemática convivência de dois trabalhadores. O distanciamento entre eles se dá à medida em que um adere ao sistema — ainda que inconscientemente, na metaforização de tornar-se carregador de merda do patrão doente, por questão de reconhecimento — e o outro, integrado na diretoria do sindicato, critica-o veementemente e acaba assassinado pelo companheiro. Na prática, o que temos aí é a concretização do procedimento alienatório, incapaz de encontrar saída para si mesmo a não ser através da violência, no caso física, mediante a eliminação do elemento de acusação e contestação. Esta é também a situação, explicitada conceitualmente, em "Campo de Batalha", quando o narrador conclui afirmando, como numa espécie de auto-flagelação definitiva:

"Todos os homens são filhos de Deus. Menos eu. De mim mesmo, só resta aquele ódio salvador; é a única coisa que resta de mim" (p.99).

Ou seja, e sinteticamente: a violência presente em todas as ações de literatura de Holdemar Menezes está intimamente ligada a uma determinada ordem social. Esta ordem é preliminarmente alienante e autofágica, na medida em que elimina não apenas aos que a ela se opõem — ainda que encontrem, eventualmente, alguma saída — como essencialmente se serve daqueles que a defendem e servem. Esta é a moral — se tal se pode dizer — tirada dos contos de Holdemar Menezes.

Antônio Hohlfeldt

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

400 - MIGUEL, Salim. Livros – Amostragem do nosso humor.... **O Estado,** Florianópolis, 31 mar. 1985.

400

Salim Miguel

LIVROS

Amostragem do nosso humor

Que tipo de humor, de ironia, de sátira praticam os escritores de Santa Catarina? De que maneira se situam eles diante da comédia humana de cada dia? Sabem dar um recado eficiente num gênero que não é dos mais expressivos na literatura brasileira?

Uma boa amostragem encontra-se no volume **Este Humor Catarina**, que está saindo do forno, em edição da Lunardelli. O critério adotado pelos organizadores (Flávio José Cardozo, Silveira de Souza e este colunista) foi o mesmo do volume publicado pela Editora da UFSC, **Este Mar Catarina**. Chamada aos autores para que remetessem trabalhos seus, de preferência publicados, em número de três, para que um fosse selecionado. Sempre na área da prosa.

Resultado: chegou-se a 28 nomes, com diversidade de tratamento, de estilo, de formação, de visão. Também as gerações são bem variadas.

O lançamento será no dia 10 de abril às 20 horas, na Assembléia Legislativa, na oportunidade serão igualmente expostos os desenhos (inéditos e feitos especialmente para o volume) de Clóvis (cartunista de O ESTADO), que faz sua estréia como cronista.

Eis os autores: Adolfo Boos Jr., Amilcar Neves, Aníbal Nunes Pires, Antonio Paladino, Bento Silvério, Carlos Adauto Vieira, Clóvis Medeiros, Eglê Malheiros, Emanuel Medeiros Vieira, Enéas Athanásio, Flávio José Cardozo, Glauco Rodrigues Correa, Guido Wilmar Sassi, Harry Laus, Holdemar Menezes, Ilmar Carvalho, Jair Francisco Hamms, Júlio de Queiroz, L.A. Martins Mendes, Nereu Correa, Osmard de Andrade, Paulo da Costa Ramos, Péricles Prade, Raul Caldas Filho, Salim Miguel, Sérgio da Costa Ramos, Silveira de Souza, Silveira Jr.

A técnica do release

O release é um fato: aos poucos invadiu o Brasil; por vezes extrapola de suas reais funções. E só quem atuou num setor que pratica o releasemania, ou num órgão de comunicação que é invadido por centenas deles diariamente, sabe o que significam.

Agora, Gerson Moreira Lima, professor de comunicação, aborda a problemática das assessorias de imprensa no Brasil, a função que elas podem (ou não podem) exercer, suas atribuições e o alcance de cada uma.

Primeiro são estudadas suas distorções, em especial o caso dos press-release que, de canais de informação entre empresa ou órgão público e veículos de comunicação, se tornaram a principal matéria prima para a confecção de jornais que, assim, acabam reduzindo seus quadros de funcionários ou dando uma visão dirigida do problema abordado.

A seguir, o Autor dá a técnica para fazer (e enviar) press-releases e outras alternativas de assessoria de imprensa, como o Teaser e o Press-kit.

Mais um título da coleção Novos Rumos em Comunicação, volume 2, da Summus Editorial, **Releasemania, uma contribuição para o estudo do press-release no Brasil**, de Gerson Moreira Lima, é obra dirigida principalmente aos estudantes de jornalismo.

Da Rússia para Florianópolis

Da Rússia para Santa Maria da Boca do Monte; de Santa Maria da Boca do Monte para Florianópolis — esta a trajetória de parte de colonos que haviam deixado sua terra para buscar novos horizontes. Tudo isto agora nos chega através do livro **Judeus de Bombachas e Chimarrão**, de Jacques Schweidson, em edição da José Olympio, do Rio.

Jacques Schweidson, o autor, é nome largamente conhecido pela comunidade florianopolitana, tendo aqui vivido e exercido suas atividades no comércio durante longos anos.

Agora, aposentado, residindo no Rio (mas não se desligando de Florianópolis) foi, pacientemente, tentando recuperar o passado de sua gente e dos seus, fazendo reviver o menino e adolescente que ele foi.

A seguir, textos de dois escritores brasileirso que tiveram oportunidade de ler os originais, e que falam da importância do livro:

Eis a saga dos admiráveis colonos vindos da Rússia para Filipson, em Santa Maria da Boca do Monte.

Servindo-se da memória prodigiosa e fluente estilo, pormenorizando, Jacques Schweidson relata em dezenas de capítulos curtos o que foi o sonho, a luta, a decepção e inquebrantável esperança desse povo — saído de mundos de intolerância para o novo mundo, desconhecido e áspero, mas de gente que o recebeu e o respeitou, fraterno.

Se nas peripécias do autor, menino e adolescente, reside o encanto da narrativa, é no constatar da coexistência amiga e na integração do colono judeu à terra brasileira que se palpa a importância do livro.

Em "Judeus de Bombachas e Chimarrão", Jacques Schweidson contribui sociologicamente às letras do Brasil. O que Moacir Scliar realiza no campo da ficção Schweidson realiza no campo das memórias.

Trata-se de obra vivenciada por um inteligentíssimo "guri atrevido", gauchinho, filho de colonos judeus, valente como ele só. De uma infância e adolescência repletas de travessuras, experiências alegres e dramáticas. De um amadurecimento precoce entre bombachas e chimarrão, falas e leituras em ídiche, povoado de tipos e situações marcantes. Todo um memoriar sofrido e construtivo, ode ao trabalho e à indomável capacidade humana de superar obstáculos.

STELLA LEONARDOS

Memórias que se lêem com o mais vivo interesse, o maior prazer. Trata-se de um livro extremamente bem escrito.

Contribuição valiosa a uma sociologia brasileira. Reconstituição nítida de todo um ambiente. Simplicidade e sutileza aliam-se neste livro de um autêntico escritor literário, humano e penetrante. É um testemunho importante a respeito de uma experiência social. E é um depoimento humaníssimo, cheio de sensibilidade, que enriquece a nossa própria condição humana. Livro que prende, comove e reconcilia com a vida.

ANTONIO CARLOS VILLAÇA

REGISTRO

Meninos da vida, *Pier Paolo Pasolini, trad. de Rosa Artini Petraitis e Luiz Nazário, Ed. Brasiliense. Um romance do subproletariado romano, ambientado nos grandes cortiços da periferia da cidade. Narra a vida cotidiana de Alduccio, um entre tantos seres que navega entre uma mãe impaciente, um pai alcoólatra, uma irmão pecadora, um jovem amigo que com eles cive. Pasolini, mais conhecido como cineasta, deixou uma vasta produção da área da literatura, parte dela já publicada entre nós pela Brasiliense.*

* * *

O macaco e a essência, *Aldous Huxley, trad. de João Guilherme Linke, Ed. Globo. Escrito em 1947, bem depois do experimentalismo ficcional de um* **Contraponto,** *neste romance o autor se deixa influenciar pelas explosões das primeiras bombas atômicas. Nesta sátira, que é também um alerta para a humanidade, ele mostra que a III Gerra mundial já é um fato consumado: uma pequena expedição dos que conseguiram sobreviver chega a América, mas o que se encontra são escombros.*

* * *

O retrato de Jennie, *Roberto Nathan, trad. de Erico Veríssimo, Ed. Globo. Em estilo poético, a história de amor entre um pintor e uma menina. Eben Adam, o pintor, e Jennie Appleton, a modelo, se amam, mas sofrem uma separação que terá reflexos em suas vidas. O que segura Eben é a possibilidade de reencontro contida na promessa de Jennie de que um dia voltará para ficar com ele. Mais de 50 títulos publicados, Nathan é, também, roteirista de cinema e ilustrador.*

* * *

Mortalha para uma enfermeira, *P.D. James, trad. de Luísa Ibanez, Ed. Francisco Alves. Quase em seguida, duas enfermeiras aparecem mortas. Adam Dalgliesh, já conhecido de outras histórias, é chamado para desvendar o caso. E se envolve com pistas que o levam a vários caminhos, no ambiente de uma escola de enfermagem e de um hospital. O livro é bem narrado, com doses de suspense, que situa James como uma feliz sucedânea de Agatha Cristie e Ngaio Marsh.*

Huidobro : O menino levado da poesia chilena

Vicente Huidobro: para a imensa maioria dos leitores brasileiros este nome não significa nada, contrariamente ao que se passa com seu contemporâneo e compatriota Pablo Neruda. Enquanto Neruda chega a ser um **best-seller** mundial, inclusive no Brasil, Huidobro permanece desconhecido e inédito em português. (O sempre alerta e agudo Augusto de Campos foi o primeiro e, até agora, o único a traduzir um fragmento do grande poema **Altazor** de Huidobro — tradução, aliás, publicada em jornal e não recolhida em livro).

Curioso destino destes dois poetas chilenos (e o Chile é o país dos poetas na América Latina, com outros bons e ilustres desconhecidos como Pablo de Rokha, Nicanor Parra e Enrique Lihn), cujas vidas e obras correram paralelas e, quase sempre, em sentido oposto. Se Neruda desfrutou de amplo prestígio e popularidade em vida, chegando mesmo a receber o prêmio Nobel em Literatura, o mesmo não aconteceu com Huidobro, personagem aristocrático e pouco simpático para o grande público. Enquanto Neruda simboliza a poesia ao alcance do leitor médio, junto com uma postura política claramente progressista, Huidobro representa o refinamento poético arrogantemente assumido, sem concessões ao público leitor que ele, aliás, faz questão de chocar sistematicamente. Outro dado fundamental: enquanto Neruda canta a América Latina (o Chile, Machu-Picchu, as lutas populares), Huidobro escreve sobre temas universais, se coloca como poeta internacional e, sacrilégio supremo, escreve metade de sua obra em francês.

Vicente Huidobro nasceu em Santiago do Chile, em 1893 e morreu, na mesma cidade, em 1948, filho de uma das grandes famílias da aristocracia chilena. Sua mãe escrevia artigos para os jornais e mantinha, inclusive, um salão literário, dentro do modelo francês, de que participavam escritores e artistas. Foi, pois, num ambiente rico e culto que se deu a educação de Huidobro. Depois de estudar com os jesuítas, Huidobro publica em 1911 — ou seja, com apenas 18 anos de idade, seu primeiro livro, **Ecos del Alma.** No ano seguinte ele já se encontra dirigindo **Musa Joven,** uma das tantas revistas - em geral efêmeras, como acontece frequentemente com as revistas literárias — que fundou e que congregava os jovens talentos inquietos da época. A revista esteve atenta ao que acontecia de mais novo na literatura mundial, uma atitude que será sempre a de Huidobro durante toda a sua vida.

O poeta casa-se aos vinte anos e até 1916 continua morando em Santiago, publicando ainda vários livros, a maioria de estilo marcadamente simbolista. No entanto, já em 1914 ele lança um primeiro manifesto, **Non Serviam,** lido no Ateneo de Santiago, em que esboça sua própria teoria de criação poética: o **criacionismo.** Em 1916 ele parte para Buenos Aires onde dá uma conferência exemplificando suas teorias poéticas, mal-recebidas por um ambiente literário onde dominava largamente o credo "modernista" (que na América hispânica quer dizer "simbolista" e não tem nada a ver com o modernismo brasileiro). Desta palestra teria saído o adjetivo "criacionista" porque Huidobro enfatizara "que a primeira condição do poeta é criar, a segunda criar e a terceira criar".

Em fins de 1916 Huidobro vai com a família para Paris, onde entra em contato imediato e íntimo com a vanguarda européia. Logo Huidobro começa a colaborar com a revista **Sic,** recém-fundada (onde também estavam os poetas Apollinaire e Reverdy) e depois passa para a revista **Nord-Sud,** que ajuda a fundar. Mais tarde colabora ainda com as revistas **L'Elan** e **L'Esprit nouveau** e se aproxima de figuras centrais na arte moderna como Juan Gris, Picasso, Francis Picabia, Miró e Max Ernst e de escritores importantes como Eluard e Cendras. Nessa época conhece também os jovens poetas espanhóis Juan Larrea e Gerardo Diegi, que se tornariam seus discípulos. Em 1918 vai a Madrid, onde edita, de uma vez, quatro livros, dois em francês e dois em espanhol. Estes últimos: **Poemas Árticos** e **Ecuatorial** já marcam uma ruptura radical com o que se escrevia então em espanhol e significam a introdução dos procedimentos de vanguarda do século XX na poesia em espanhol. Huidobro estava, assim, repetindo a façanha antes realizada pelo nicaragüense Rubén Darío, que havia introduzido os princípios do simbolismo na defasada literatura espanhola.

Huidobro passará, a partir de então, a viver entre Paris e Santiago, tomando parte em todos os acontecimentos literários e políticos importantes. Asssim, em 1925 está no Chile dirigindo o jornal **Acción,** de curta vida, e se candidata a presidente da República com o apoio da Federação dos Estudantes.

Em 1931 publica seu grande livro: **Altazor,** poema longo que ele começara a escrever em 1919. **Altazor,** na opinião unânime da crítica, é um dos grandes poemas da língua castelhana do século XX que descreve, como diz Enrique Lihn, "o itinerário do ser ao não ser da linguagem". Profundidade de pensamento imbricada com a extrema maestria do fazedor de versos: esta parece ser a combinação mágica que dá toda sua força a **Altazor,** um poema que sobrevive às condições em que foi criado.

A facilidade que Huidobro teve, devido ao muito dinheiro de que dispunha, para publicar, viajar, fundar revistas e sem o menor sentimento de culpa, **escandaliza.** Principalmente quando sabemos a angústia e a penúria material constante em que viveu o outro grande poeta de vanguarda hispano-americano, o peruano César Vallejo, naqueles mesmos anos e naquela mesma Paris.

Ainda que tenha participado ativamente das causas populares e democráticas na Guerra Civil Espanhola e na Segunda Guerra Mundial, Vicente Huidobro o fez sempre como que brincando, exagerando sua importância individual.

Enrique Lihn chega a falar de "grande mistificação" a propósito da imagem que Huidobro quis deixar de si mesmo, opinião compartida por muitos críticos. Todos, no entanto, sublinham a qualidade superior de sua poesia. Mesmo Neruda, que foi maldosamente atacado por Huidobro (perguntado sobre Neruda, em 1939, ele disse: "É preciso baixar de nível e falar de coisas medíocres? Você sabe que não me agrada o pegajoso, o gelatinoso. Eu não tenho alma de sobrinha de chefe de estação. Estou a léguas disso"), reconheceu sua dívida para com ele e o considerou como um dos grandes da língua: "Considero Vicente Huidoro como um poeta classico de nossa língua e nos embarga esta corrente que não tem desenlace, esta corrente inabalável de clareza".

WALTER CARLOS COSTA
Prof. de Espanhol da Universidade Federal de Santa Catarina

Poemas de Vicente Huidobro

TE AMO MULHER DE MINHA GRANDE VIAGEM

Te amo mulher de minha grande viagem
Como o mar ama a água
Que o faz existir
E lhe dá direito de chamar-se mar
E refletir o céu e a lua e as estrelas

PENSO NELES NOS MORTOS

Penso neles nos mortos
Nos que eu vi cair
Nos que estão gravados em minha alma
Nos que ainda estão caindo em meus olhares
Vocês que seguirão morrendo
Até o dia em que eu morra

QUERO DESAPARECER E NÃO MORRER

Quero desaparecer e não morrer
Quero não ser e perdurar
E saber que perduro
Bato às portas da morte
E me retiro
Bato à vida e fujo envergonhado
Quero ser toda minha alma e não posso
Quero todo meu corpo e não consigo

A NOITE VEM SE ESPERAR EM MIM

A noite vem se esperar em mim
Os astros inauguram seus abismos
Para viver fora da verde presença
Para ter seu encontro em olhos esquecidos
Embora certos de suas chuvas
Como um espaço que vai virar neve
A noite me escolheu para si mesma
Me diz ao ouvido coisas de sua água
E que somos capazes de qualquer crime
Como da grande bondade e grandes sacrifícios

DIAS E NOITES TE PROCUREI

Dias e noites te procurei
Sem achar o lugar onde cantas
Te procurei pelo tempo acima e pelo rio abaixo
Te perdeste entre as lágrimas
Noites e noites te procurei
Sem achar o lugar onde você chora
Porque eu sei que você está chorando
Me basta olhar no espelho
Para saber que você está chorando e me chorou
Só você salva o choro
E de mendigo escuro você o faz rei coroado pela sua mão

1917

CHOVE
Sob as águas
Enterravam os mortos
Alguém que chorava
Fazia cair as folhas
O céu tem signos
Diz o astrólogo barbudo
Uma maçã e uma estrela
Pipoqueiam as corujas
Marte
Passa através de
Sagitário

Tradução de **Walter Carlos Costa** *e* **Philippe Humblé,** *Professores de espanhol da UFSC, e* **Cleber Teixeira,** *da Editora Noa Noa*



UNA NOCHE DE CAMPOS PROFUNDOS

Una noche de çampos profundos
Una noche de frases como miradas de muerto
Como cielo y cabellera sobre nidos viejos
Una noche de tierra y música perdida
Sientes una flor interna que se aleja
Avergonzado de la vida y sus esperas

VICENTE HUIDOBRO

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Mais poesia

Passadas as férias, terminada a febre do livro didático, para o qual se voltam livreiros, editores, professores, pais e alunos, as Editoras iniciam a programação anual, as livrarias voltam a expor os mais recentes lançamentos, e os leitores procuram juntar os minguados cruzeiros em busca do que mais lhe agrada. São expostos títulos de todas as linhas e tendências, para todos os gostos.

Entre eles (embora se diga que diminuem os leitores do género) a poesia não deixa de estar presente.

São autores novos e velhos, de renome ou iniciantes, de várias latitudes e formação, nacionais e estrangeiros. Eis alguns:

Vento Geral — poesia 1951/1981, de Thiago de Mello, Ed. Civilização Brasileira. Reunião dos 30 anos do poetar de Thiago, nome expressivo de nossas letras, atento ao seu meio e à sua época, lírico e humano, que abordando temas de todos nós não deixa de estar centrado na sua Amazónia. "Siléncio e Palavra" é de 1951, enquanto "Mormaço na Floresta" é de 1981.

Entre eles títulos como "Narciso Cego", de 1952, "Romance do Primogénito" (1952), "O Andarilho e a Manhã" (1953-55), "Tenebrosa Acqua"(1954), "Toadas do Cambaio" (até 1959), "Ponderações que faz o defunto aos que lhe fazem o velório"(1960), "Faz escuro, mas eu Canto" (1966), "A canção do amor armado"(1966), "Horóscopo para os que estão vivos"(1966), "Poesia comprometida com a minha e a tua vida"(1975), "Mormaço na Floresta"(1981). Cada título é acompanhado de um estudo introdutório, situando o poeta e sua obra. Se Thiago abre **Siléncio e Palavra** dizendo "A couraça das palavras/ protege nosso siléncio/ e esconde aquilo que somos", fecha **Faz mormaço na floresta** com este outro terceto: "Límpido sou no que faço/ por amor, que me dissolve/a escuridão no que sou."

A pura mentira, de Antônio Brasileiro, Ed. Philobiblion/ Fundação Cultural do Estado da Bahia. Neste novo livro, o Autor prossegue na linha de seu livro anterior, "Os três movimentos da sonata" (1980), realizando uma poesia sem artifícios, clara, sensível, profunda. A propósito de Antônio Brasileiro, outro poeta, também da Bahia, Ruy Espinheira Filho, assinala que temos no livro "Algo que nos dói por nos iluminar". Um exemplo: "A verdade é uma só: são muitas/ E estamos todos certos. E sem rumo."

Os melhores Poemas, de Luis de Camões, seleção de Leodegário A. de Azevedo Fº, Global Ed. Debruçando-se sobre Camões e levantando sua lírica a fim de tentar dirimir dúvidas, Leodegário realiza um trabalho de alto valor. Aqui, uma seleção da edição crítica, em sete volumes, da Lírica de Camões, que ele prepara para a Imprensa Nacional — Casa da Moeda, de Lisboa. Se é verdade que "Camões é inesgotável", conforme assinala outro grande poeta, Jorge de Senna, o melhor não é falar dele; é lê-lo.

Vamos a um trecho do Soneto 4 deste volume: "Busque Amor novas partes, novo engenho para matere me, e novas esquivanças,/ que não pode tirar-me as esperanças;/ que mal me tirarão o que eu não tenho."

Defeitos escolhidos e 2000, de Pablo Neruda, trad. de Geraldo Galvão Ferraz, Ed. Bilingue, Obra Póstuma, LePM-ed. A Editora gaúcha continua publicando os vários livros que Neruda deixou inéditos e que contribuem para se conhecer melhor este altíssimo poeta.

Aqui são dois livros em um, pois 2000 é um poema em 10 partes, onde o lírico e o político se entrelaçam. O tradutor procurou, com sensibilidade, recriar o universo de Neruda, numa transposição que busca ser fiel ao homem e ao poeta. Aqui, um trecho de "Os materiais", parte VII de **2000**: "O mundo se encheu de entretantos,/de infundados temores e dor,/mas tem-se de reconhecer que sobre o pão salobro/ou junto de tal ou qual iniquidade/os vegetais, quando não foram queimados,/continuaram florescendo e repartindo/e continuaram seu trabalho verde."

Poesia Completa, de Cesar Vallejo, trad. de Thiago de Mello, Ed. Philobiblion/RIOARTE. Tendo marcado e influenciado gerações, dos mais altos nomes da poesia latino-americana, Vallejo, conforme assinala seu tradutor, é, infelizmente, quase desconhecido no Brasil. Nascido em plena cordilheira do Peru, em 1892, morreu em 1938 na França. Seu itinerário, como homem e como artista, foi marcado por lutas e uma busca constante de afirmação. Mestiço (El cholo Vallejo, como o chamavam), em 1918 publica seu primeiro livro, **Los heraldos negros** (Os arautos negros), que logo para ele chama a atenção. Seu último livro, de publicação póstuma, quando a Espanha mergulhava na Guerra Civil, se intitula **Espanha, afasta de mim este cálice**, um hino aos lutadores antifranquistas.

Mas seu livro mais estudado, por sua proposta inovadora, hermético, precursor do surealismo, é **Trilce**, palavra inventada, que alguns analistas da obra do poeta afirmam ser tirada de duas palavras: **triste** e **dulce**. Exigindo a participação integral para a fruição e apreensão de seu universo, Vallejo é, conforme afirma Roberto Fernandés Retamar, "o poeta do terno e do grotesco". Difícil, em poucos versos, dar uma idéia do fazer literário de Vallejo. Aqui, um trecho do poema "Pequeno responso a um herói da república", onde se encontram alguns dos principais elementos formadores de sua poesia: "Um livro ficou à beira de sua cintura morta, um livro brotava de seu cadáver morto,/Levaram o herói,/e corpórea e funesta entrou a sua boca em nossa respiração;/suamos todos, com o umbigo às costas;/ caminhantes as luas nos seguiam;/ também suava de tristeza o morto."

Revista de Poesia e Crítica, nº 10. Mais um número desta importante revista, que se vem mantendo graças à dedicação de alguns poetas de várias regiões do País, e que tem como diretor José Jezes de Oliveira e no Conselho Diretor Afrânio Zuccolotto, Cyro Pimentel, Domingos Carvalho da Silva, Waldemar Lopes. Além de poemas, artigos, resenhas, neste número a publicação de cinco cartas inéditas de Manuel Bandeira.

Novas edições portuguesas

Trabalho importante não só de preservação da memória, de recuperação de textos antigos, de recolha de documentação esparsa, como também de publicação de autores novos e menos novos vem sendo realizado pela Imprensa Nacional — Casa da Moeda, de Lisboa.

Periodicamente, através da Livraria Camões, do Rio, novos títulos nos têm chegado, abarcando vasta gama de assuntos.

Da coleção Estudos Gerais — Série Universitária, é **Mimesis e Negação**, de Fernando Gil, onde o Autor reúne (reescrevendo-os) artigos de diferentes épocas — mas que afinal acabam por adquirir unidade, dentro da proposta de uma investigação visando a inteligibilidade do saber, afirmando Fernando Gil que "todo o nosso trabalho se desenvolveu em torno dos vários sistemas de polaridades que balizam o conhecimento e ele próprio ilustrará a pregnância constitutiva das oposições".

Da coleção Presenças da Imagem é **Antonio José Leite, artista fotógrafo**, volume organizado por Francisco Ernesto de Oliveria Martins, contendo crónicas de Vitorino Nemésio extraídas do jornal "Estrela D'Alva" e prefácio de José Guilherme Reis Leite. Dividido em blocos (O homem e o lugar; Dinâmica Cultural; Dinâmica Social; Dinâmica Ritual; Dinâmica Militar), o livro dá uma visão de um longo período, tendo o organizador selecionado 500 fotos de um universo de mais de 2.500, que vão dos Açores até Portugal.

Igualmente de fotos, porém em mais recentes, é **Perto da Vista,** de Gérard Castello Lopes. Se no volume anterior há mais o documental, neste, sem prejuízo do documento há mais preocupação com a foto artística, elaborada com requintes, reproduzindo 47 fotografias tiradas entre 1956 e 1984, dizendo Gérard que " são fotografias de amador executadas num estado de espírito livre de contingéncias de tempo, espaço ou remuneração..."

Quinhentos Folhetins, de José-Augusto França, novo volume da coleção Arte e Artistas, recolhe parte da vasta colaboração do escritor publicada em jornais portugueses. Justificando a publicação dos Folhetins, diz França que neles tudo cabe ou pode caber: crónica, crítica, notas, alarmes, estratégias, ficção até.. E é exatamente o que se encontra, pela pena de um escritor que sabe, em qualquer área, dar com precisão seu recado.

Também da coleção Arte e Artistas é **Da Pintura Antiga,** de Francisco de Holanda, introdução e notas de Angel González Garcia. Um dos mais antigos livros sobre pintura publicados em portugués (1548), este livro teve numerosas reedições, pois ele possui, como assinala o organizador da presente edição, "uma ampla informação sobre a arte de seu tempo".

Outro livro importante é **Cartas** de Camilo Pessanha a Alberto Osório de Castro, João Baptista de Castro , João Baptista de Castro e Ana de Castro Osório, recolha, transição, introdução e notas de Maria José de Lancastre. Com a publicação destas cartas aclara-se parte da vida de Pessanha, estranha figura que marcou as letras portuguesas e de quem tão pouco se conhece, tendo também bem pouco deixado, pois foi a custo que se conseguiu reunir seus poemas dispersos em **Clepsidra.** As cartas trazem um valioso aporte para o esclarecimento até mesmo da biografia de Camilo Pessanha, com indicações sobre seus problemas, sua doentia sensibilidade e "seus mal-estares existenciais", como assinala Maria José de Lancastre.

Por último, **Dentro de Momentos,** de Pedro Tamen, colalgens de Fernando de Azevedo, é a recriação, através de singulares imagens, de um belíssimo poema. Ao mesmo tempo em que temos o poema, sofrido, denso, temos o trabalho de estranha colagem que Fernando de Azevedo vai realizando, buscando captar o sentido último do pensamento de Tamen. Aqui, verso e imagem se conjugam de maneira perfeita, num trabalho para ser lido e visto.

REGISTRO

A corrente de Trewis Schott, *de Roberto Schnaider, Ed. Nórdica. Tomando como ponto de partida a mania das correntes, que vez por outra ataca camadas da população, o Autor busca exercitar seu humor, que já se manifestara certeiro em "O guia do assaltado". E mostra de que maneira as pessoas se deixam envolver ao receberem cartas-correntes prometendo mundos-e-fundos, e de que maneira delas se livram — quer jogando-as fora ou passando-as adiante. Ilustrações pertinentes de Vilmar Rodrigues.*

* * *

Agropecuária sem veneno, *de Sebastião Pinheiro, Angela Aurvalle, Maria José Guazzelli, L e PM-ed. Três técnicos com tradição na luta por uma agricultura ecológica, denunciam os métodos atuais de controle de pragas, baseados em agrotóxicos estimulados pela voracidade das multinacionais. E revelam como os defensivos agrícolas podem ser substituídos por métodos naturais, com os mesmos resultados e sem prejuízos para a ecologia e a saúde.*

* * *

O eixo e a roda, *revista de literatura brasileira, da Faculdade de Letras da UFMG, org. de Maria do Carmo Lanna Figueiredo e Ruth Silviano Brandão Lopes. Em seu segundo número, esta revista reúne colaborações de valor, seja na parte da crítica literária, do conto ou da poesia. Na parte da crítica, chamamos a atenção para os trabalhos de Maria do Carmo Lanna Figueiredo ("A instauração do fantástico em Os Cavalinhos de Platiplanto, de J.J. Veiga), de Augusto Nunes Filho ("Macunaíma — origem do discurso, discurso da origem), de Maria Zilda Ferreira Cury ("Mário de Andrade e a memória de uma geração"), de Wander Melo Miranda (O branco no branco — a "Fábula de Anfion", de João Cabral), de Lauro Belchior Mendes ("Componentes populares de Grande Sertão: Veredas"), de Ana Maria de almeida ("O paradoxo da totalidade em Grande Sertão: Veredas").*

Um escritor (memorialista) bem original

O florianopolitano há mais de meio século conhece Jacques Schweidson, o "Jacques da Modelar", o homem que desenvolveu —se não implantou — o sistema de crediário na região da Grande Florianópolis. Homem afável, de bons conhecimentos humanísticos, de boa ilustração, se impôs, pelo seu trabalho e pela sua capacidade construtiva.

Transformou a pequena loja num complexo comercial admirável e progressista que nos dava, em termos econômico-financeiros, a medida do seu trabalho perseverante e da sua inteligência.

*Pois bem, agora, se tem, de forma concreta, a medida de tal inteligência. Escreveu "**Judeus de bombachas chimarrão**" (Rio de Janeiro, José Olímpio edit., 1985. 413 p.), que são memórias da sua meninice e adolescência, numa primeira parte, e, em seguida, com o subtítulo "Raízes", a análise da evolução do povo judeu, com toda a sua filosofia de vida e as vicissitudes por que tem passado.*

A primeira parte merece reflexões de nossa parte. Em primeiro lugar por faltar no Brasil memorialistas do seu povoamento e da integração (e assimilação) dos imigrantes ao seu contexto sócio-cultural e quando se fala em Brasil não se exclui qualquer porção do nosso país-continente.

Há memórias espalhadas por aí, à espera de editor, e, portanto, fala alto ao nosso sentimento a maneira fluente como a saga dos judeus — emigrados da Rússia czarista —, fundadores de Filipson — hoje uma modesta localidade no município de Sta. Maria "da boca do monte", no Rio Grande do Sul (que visitamos em 1956, a caminho de Júlio de Castilhos), foi enfocada por Jacques Schweidson.

E deveras impressionante, na sua singelesa, o descrever das primeiras medidas para a emigração, as condições da migração — igual a todas aquelas dos que se fixaram no Brasil, principalmente no século XIX . Mas, importante, também, o desejo que expressa por "uma história sólida e autêntica dos judeus no Brasil" (p. 9), referindo-se, especialmente, ao papel dos "cristãos novos" no nosso desenvolvimento social e económico.

Mas, o grande desejo dos imigrados era a liberdade — a luta, a procura, a conquista — e Jacques Schweidson em nenhum momento de seu livro esquece de frisar, de enaltecer o seu valor. E da liberdade a convivência social, principalmente no trabalho, onde o caboclo foi o grande mestre do imigrante!

E, de página em página, o livro é um grito de liberdade e para a liberdade!

E, na análise do processo imigratório, não se deve olvidar o papel desempenhado pela organização — sem fins lucrativos — que estruturou a colonização de Filipson, com os seus erros sobre a realidade brasileira, comum a muitos outros empreendimentos colonizadores, até os nossos dias, em que não houve a necessária cautela na escolha dos terrenos, no tocante aos solos, na adaptação de culturas agrícolas, no emprego de técnicas, sem falar na assistência ao produtor rural.

Há grandes lições neste livro admirável: lições sapiência de quem viveu intensamente a vida e procura transmitir ao leitor a sua experiência. É, pois, um livro de conteúdo humanístico do menino atrevido, desassombrado — até mesmo valente! —, irrequieto, que, muitas vezes, nos faz remontar à infância, com as suas grandes lições de doçura e de encantamento, além da sabedoria haurida no "Livro dos Livros".

Estamos, pois, diante de um memorialista bem original, que nos induz à expectativa das suas memórias florianopolitanas — já previstas nas páginas desse saboroso "Judeus de bombachas e chimarrão", uma oportuna e singela mensagem de Jacques Schweidson.

Walter F. Piazza

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ARTES VISUAIS

Osmar Pisani

MURAL

COLETIVA

O instituto de Artes, através do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fará uma coletiva no próximo dia 2 de julho, na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Rua Senhor dos Passos, 248, com os seguintes artistas: Lia Barreto, Laura Castilhos, Ronaldo Kiel, Fábio Valle, Luisa Meyer e Teti Waldraff. Um catálogo de excelente nível gráfico coloca as propostas do Grupo.

PROGRAMAÇÃO

O Museu de Arte de Santa Catarina programou para a próxima semana, de 05 a 14 de julho, na Casa da Cultura, pinturas de Irma Koliver. Para o Masc, de 4 a 28 do corrente, coletiva da Arte Paranaense Atual, "Traço e Volume", destacando-se Elvo Benito Damo, Elizabeth Titon, Alfi Vivern, Carmen Carini, Leila Pugnaloni, Cláudio Álvarez e outros. Em agosto: Abelardo Zaular, Ubi Bava e o tapeceiro Vecchietti; em setembro, a linguagem gráfica catarinense. Por outro lado o Sr. Carlos Ramos, diretor do Museu de Artes Plásticas "Pio Coollivadino", da Universidade Nacional de Lomas de Zamora, acha possível uma exposição de artistas naquela cidade. Carlos Ramos ficou fascinado, principalmente pelso primitivos da Ilha, "pois é sem dúvida o que há de mais forte no Brasil, nem Mato Grosso e Goiás, que conehço, têm esta intuição dos nossos ilhéus. Entendo que se deva selecionar exatamente os mais representativos desta linguagem".

DANTE

O companheiro Dante Martorano inicia uma série de biografias de artistas catarinenses. Trata-se de outra fonte de informação muito importante para a cultura catarinense. Historiador conceituado, Dante é autor dos "Temas Catarinenses", onde faz um estudo sobre Martinho de Haro. Tem também um livro de poemas. Juntamente com outro catarinense importante, Raimundo Caruso, tem a coragem da denúncia e da verdade. E neste campo da cultura aqui na Ilha, há muita coisa para reabilitar.

ÁTILA

Depois da exposição de Nair Hahn, na Galeria de Arte da Secretaria da Educação, agora é Átila Ramos que estará mostrando seus trabalhos até fim do mês. Para agosto, a Galeria programou Francisco Libânio e Noemi Andrade; setembro, Ivo Silva e Elias Andrade; outubro, Terezinha Ramalho e Eladir Skibinski; novembro, Paulo e Adalberto Estrázulas; dezembro, Tocripa e Nairo Coelho. Para 1986 estão previstas exposições de Cleisa Coninck, Susana Bianchini e Salete Búrigo.

CASA AÇORIANA

Depoimentos de pessoas de fora e da Ilha definem o sucesso da Casa Açoriana Artes e Tramóias Ilhoas. As visitas têm sido intensas e as vendas também. Em pouco tempo é preciso dar à Casa um sentido empresarial, de modo a ter um bom lucro para reinvestir e pagar mais aos artistas. A visão de Janga, Jandira e Campolino Alves muito devem aos responsáveis pelo "turismo"-cultural, pois mesmo em pleno inverno são muitos os turistas paulistas, gaúchos, paranaenses, argentinos e chilenos que ficam fascinados com a presença da Casa.



Uma vinheta do tapeceiro Vecchietti

"OFICINAS"

Depois do curso de múmias egípcias paralíticas, está se desenvolvendo "oficinas" de arte do Centro Integrado de Cultura, um "interessante" curso de "astrologia". Qualquer pessoa de bom senso sabe que isso é pura fantasia sem nenhum fundamento científico.

Às vezes as pessoas não têm culpa de ser incompetentes, pior ainda é ter má vontade. Não sabem fazer nada correta e dignamente e não se esforçam em saber, em se informar. É preciso ter uma informação completa sobre o fato cultural, e, isto só será possível com um intenso e profundo treinamento! O esforço do Superintendente vai, aos poucos se diluindo nas "peças" desentrosadas da estrutura difícil de ser dinamizada. Por exemplo há tanta por fazer, a começar com um curso de serigrafia pelo professor Geraldo Mazzi e, a longo prazo, como está fazendo Curitiba, um curso para fazer papel, que é um trágico problema do País: a qualidade do papel!

Enfim, há uma centena de tanta coisa boa que poderia ser feita, mas há uma completa falta de informação, cultura e ódio pela arte... não têm o sentido da animação cultural, são cabeças completamente unilaterais e fechadas pois vivem num lugar pequeno, apesar de ser uma Ilha com algum horizonte...



Janga: uma figura da Ilha

LIVROS

Salim Miguel

As férias e os livros

Um mês de férias. (Outro mês para colocar em dia as notícias da viagem, os lançamentos, as diferentes informações). E a mesa do colunista fica atulhada de livros. Isto comprova que, apesar da violenta crise (ou conseqüência dela, sabe-se lá) continua se editando neste País. E muito. Para todos os gostos, de todos os gêneros e tendências.

Vamos, então, repetir o que fizemos ao entrar em férias: relacionar, por editora, os livros até agora recebidos. Claro que mais adiante voltaremos a alguns deles, seja com maiores informações, seja resenhando-os. (Mas é bom esclarecer que na relação estão somente os títulos chegados em maio; neste meio tempo, em junho outros foram chegando).

E como novos vão continuar chegando, seria impossível, de momento, determo-nos no que já nos chegou. Daí, para conhecimento do leitor que nos vem acompanhando, optarmos pelo que nos pareceu mais lógico: a relação de títulos por Editora.

Mas se as editoras continuam acreditando e investindo no produto livro, se aos poucos (lentamente, sim) vamos ampliando o mercado (mas para isto é preciso melhorar as condições do povo e o poder aquisitivo e ampliar o gosto pela teitura), há uma coisa em que, parece, muitas editoras ainda não acreditam: mandar junto com o exemplar do colunista uma capa ou uma foto da capa para reprodução. Mesmo que o aproveitamento seja pequeno, não possa ser de todas as capas, acreditamos que valha a pena. Fica aqui o registro.

E agora vamos à relação:

Editora Brasiliense: **Atire no pianista**, de David Goodis, trad. de Ubirajara Forte; **O diabo no corpo**, de Raymond Radiguet, trad. de Paulo Cesar Souza; **Giacomo Joyce**, de James Joyce, trad. de Paulo Leminski; **Magia e capitalismo**, um estudo antropológico da publicidade, de Everardo P. Guimarães Rocha; **Barroco mineiro**, de Suzy de Mello; **Sade, meu próximo**, de Pierre Klossowski, trad. de Armando Ribeiro; **A letra descalça**, poemas, de Rubens Rodrigues Torres Filho; **Le Corbusier**, de Gérard Monnier, trad. Maria Lúcia Machado; **Lua Nova**, revista de Cultura e Política, Vol. 2 - nº. 1, abril-junho/85.

Editora Record: **Amar se aprende amando**, de Carlos Drummond de Andrade; **Caminhos de João Brandão**, de Carlos Drummond de Andrade; **O sequestro** (um filme inédito), de Gabriel Garcia Márques, trad. de Joel Silveira; **A terra do velho chefe**, de Doris Lessing, trad. de Carlos Evaristo Marques; **Os olhos de Emma**, de Sheila Hocken, trad. de Luis Orlando Coutinho Lemos; **Lembranças de guerra,** de Herman Wouk, trad. de Maria Cecília Palhares dos Santos; **A ponte para o sempre**, de Richard Bach, trad. de A. B. Pinheiro de Lemos.

Companhia Editora Nacional: sete novos títulos da coleção Paratodos, **Beau Geste**, de P.C. Wren, trad. de Monteiro Lobato; **Beau ideal**, de P.C. Wren, trad. de Mário Sete; **Beau Sabreau**, de P.C. Wren, trad. de José Batista da Luz; **Ela**, de H. Rider Haggard, trad. de Adriano de Abreu; **O capitão Blood,** de Rafael Sabatini, trad. de onoernando de Almeida; **A volta do capitão Blood**, de Rafael Sabatini, trad. de Monteiro Lobato; **Moby Dick**, de Herman Melville, trad. de Adalberto Rochsteiner e Monteiro Lobato; e **Frente Liberal, proposta e partido**, de Marco Maciel.

Graal Editora: **A sombra de Dionísio** — Contribuição a uma sociologia da orgia, de Michel Mafesoli; **A instituição negada**, de Franco Basaglia, trad de Heloisa Jahn; **História da sexualidade**, III — o cuide si, de Michel Foucault, trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque.

L e PM - editores: **Frankenstein**, de Mary Shelley, trad. de Miécio Araújo Jorge Honkis; **Drácula**, de Bram Stoker, trad. de Theobaldo de Souza.

Editora Globo: **Metodologia da pesquisa tecnológica**, de Milton Vargas; **Grande manual de ortografia Globo**, de Celso Pedro Luft.

Summus Editorial: **Análise transacional em psicoterapia**, de Eric Berne, trad. de Lúcia Helena Cavasin Sabotto; **Política e imaginário**, aos meios de comunicação de massas no Brasil, de Ciro Marcondes Filho (org.); **Quem educa quem?**, de Fanny Abramovich.

José Olympio Editora: **Ciranda de sonetos,** de Paulo Bandeira da Cruz; **O tigre de bengala**, de Elisa Lispector; **Dona Leonor Teles**, de Hoísa Maranhão; **Ecce Homo**, de Ana Elisa Gregori; **O penhoar chinês**, de Rachel Jardim; **Moderato cantabile**, de Marguerite Duras, edição bilingue, trad. de Vera Amadi; **Brasil, sociedade democrática**, de Helio Jaguaribe, Francisco Iglésias, Wanderley Guilherme dos Santos, Vamireh Chacon, Fabio Comparato.

Editora Francisco Alves: **Epopéia dos sertões**, de William Agel de Mello; **Memórias encontradas numa banheira,** de Stanislay Lem, trad. de Mário Molina.

Editora Rocco: **Amina**, de Françoise Gange, trad. de Waltensir Dutra; **O feiticeiro do alto amazonas**, de F. Bruce Lamb.

Editora Alfa-Ômega: **O problema da verdade** — teoria do conhecimento, de Jacob Bazarian; **Socialismo e Democracia**, revista, nº. 6, abril/junho-85.

Editora Ágora: **Sexo, reich e eu**, de José Ângelo Gaiarsa.

Global Editora: **Os melhores poemas de Alphonsus de Guimarães, seleção de Alphonsus de Guimarães Filho; O beijo não vem da boca**, de Ignácio de Loyola Brandão.

Editora Hemus: **Os miseráveis**, de Victor Hugo, trad. de José Maria Machado.

Editora Anima: **Educação sentimental**, de Joyce Carol Oates, trad. de Lia Alverga Wyller; **Orgon, a cultura da vida**, nº. 1 de uma nova revista do grupo Radice, tendo como tema o universo do corpo.

Difel — Difusão Editorial: **As saias calças**, de Françoise Dorin, trad. de Octávio Mendes Cajado; **A cripta dos capuchinhos**, de Joseph Roth, trad. de Luiza Ribeiro; **Discussão**, de Jorge Luis Borges, trad. de Claudio Fornari.



Livro português: mais uma semana

Diante do interesse despertado, a Feira-Exposição do Livro Português (que deveria ter sido encerrada dia 28 de junho) fica mais uma semana na Livraria da Feesc — Centro de Convivência — Campus Unifersitário da Trindade. Promoção da Livraria Camões/Rio e da Editora da UFSC, na Feira encontram-se centenas de títulos, de todos os géneros, das mais diversas editoras portuguesas. Uma atração à parte são os livros de e sobre Fernando Pessoa, demonstração de que, neste cinquentenário da morte do poeta, o interesse por sua obra continua aumentando a cada dia. A ponto, conforme acentuou em sua palestra na UFSC a professora Lidia Jorge, de criar como que uma espécie de bloqueio para a criatividade dos novos poetas portugueses.

MÚSICA

Darcy Brasiliano dos Santos

A Orquestra de Câmara aniversaria e realiza concerto dia 5 de julho

A Orquestra de Câmara de Florianópolis completa vinte anos de existência no próximo dia 6 de julho. Dia 5 (sexta-feira), com início às 21,00 horas e entrada franca, realiza um concerto comemorativo e homenageia Sebastião Bousfiel Vieira, já falecido, contrabaixista que integrou a orquestra por muitos anos.

Sob a regência de Helio Teixeira da Rosa, maestro titular, a Orquestra de Câmara de Florianópolis executará um programa com músicas de A. Corelli (Concerto VIII op. 6 nº. 8 "Fatto per la notte di Natale"), Antonio Vivaldi (Concerto Grosso, op. 3 nº. 11), Karl Stamitz (Orquestra-Quarteto em dó maior), Diógenes Cunha Lima (Verde Mar - canção), Gustav Holst (St. Paul's Suit), de J. S. Bach (Paixão Segundo São João - Coro Final) e Haendel (Aleluia de "O Messias"), com a participação de Corais convidados.

Arquivo



Orquestra se apresenta dia 6 de julho e homenageia Sebastião Vieira

A ORQUESTRA

Dia 6 de julho de 1965 é consagrado à fundação da Orquestra de Câmara de Florianópolis. Na verdade, até praticamente um ano antes, um grupo de músicos incansavelmente se reunia, periodicamente, para desenvolver um trabalho artístico no campo da música. Liderados por Helio Teixeira da Rosa, Martinho Aurélio Boneti e Carlos Richeter, o grupo conseguiu solidificar suas reais intenções. Criou-se então a Orquestra, primeiramente como um grupo isolado, mais tarde vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, onde ficou durante dois anos. A partir daí, constituída uma entidade cultural e sem fins lucrativos, o grupo vem mantendo o mesmo ideal e realiza concertos em todo o Estado de Santa Catarina e fora dele. Tendo como regente titular Helio Teixeira da Rosa, desde a fundação, a Orquestra tem atuado também sob a direção de maestros convidados, como Aldo Krieger, Roberto Schnorrenberg, Oscar Zander, Isaac Karabtcheski, Arlindo Teixeira, Carlos Lucas Besen, Padre Ney Brasil Pereira e outros. Em acordo com a Diretoria da Sociedade 20 de Setembro (ex-fraterllanza), ocupa a orquestra uma sala de 200m2, para ensaios e recitais, no prédio Cecomtur, fundos, que dá para a escadaria da Rua Trajano (em frente à Igreja do Rosário). Integram a Orquestra de Câmara de Florianópolis os seguintes músicos: Helio Teixeira da Rosa (Regente), Ademar José Cassol, Ayr Silveira Nunes, Carlos Cesar Souza, Claudia dos Santos Breda, Friedrich Carl Franzke, Glauco Sanford Vasconcelos, Ivo José Padaratz, Luciano Martins, Irene Meyer, Dany Secco, Martinho Aurelio Bonetti, Pedro Mendes de Campos e Yara Fischer Springmann.

SOLISTAS E CONVIDADOS

Glauco Sanford Vasconcelos, Ademar José Cassol (violinos) e Nelly Péricas (violoncelo) serão os solistas do concerto do dia 5. Na qualidade de músicos convidados e ex-integrantes da orquestra atuarão os instrumentistas Carlos Richter e Nelly Péricas.

O REGENTE

Hélio Teixeira da Rosa, natural de Florianópolis, já aos sete anos recebia suas primeiras lições da professora Carmem Tavares. Membro da Orquestra Juvenil de Florianópolis foi imediato o seu acesso à Orquestra Sinfónica da extinta Sociedade de Cultura Musical, tendo tocado sob a regência de Jorge Kaszas e Emanuel Paulo Peluso. Pertenceu à Associação Coral de Florianópolis, como cantor e assistente do Maestro Aldo Krieger. Estudou com Wilson Faustini e Umberto Cantoni (São Paulo) nos cursos de verão de 1960 a 1967. Dirigiu o Coral do Sesc em 1968/69. Rege a Associação Coral Evangélica e a Orquestra de Câmara de Florianópolis. Pertence, desde 1979, à Câmara de Artes do Conselho Estadual de Cultura.

Recital de Piano

A quarta etapa do IX Circuito Sul América de Música traz a Florianópolis o jovem pianista brasileiro Eduardo Henrique Monteiro, que dará um recital no próximo dia 3 de julho (quarta-feira), às 21,00h no Teatro do Centro Integrado de Cultura, numa promoção da Sul América Seguros.

O ingresso-convite está à disposição dos interessados, nos escritórios da Sul América à Praça XV de Novembro, nesta Capital.

O programa do recital de Eduardo Monteiro inclui obras de J. S. Bach (Prelúdio e Fuga nº. 6 e nº. 24 do 2º. volume), W. A Mozart (Sonata K333 si bemol maior), H. Villa-Lobos (Homenagem a Chopin — Noturno e Balada), Prokofiev (Seis visões fugitivas), F. Chopin (Fantasia op. 49, em fá menor, sherzo nº. 1 op. 20 em si menor e Estudo op. 25 nº. 11).

QUEM É

Eduardo Henrique Monteiro, com apenas 18 anos, é dono de uma impressionante bagagem musical, adquirida no exercício de uma ampla atividade como pianista acompanhador e camerista. Dono de um temperamento impulsivo, quando toca, entrega-se inteiro ao desabafo de seu enorme talento, reconhecido nacional e internacionalmente pela crítica de quem sempre mereceu citações elogiosas. Iniciou seus estudos aos 9 anos. Em 1975, ingressou na Escola de Música da UFRJ, onde completou os cursos de Inciação Musical e Técnico e onde conheceu, entre tantos incentivos, Miriam Dauelsberg. Está cursando atualmente o segundo período de graduação sob a orientação de Esther Naiberger.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

403 - MIGUEL, Salim. Livros – Um bom entrevero.... **O Estado,** Florianópolis, 13 jan. 1985.

LIVROS

Salim Miguel

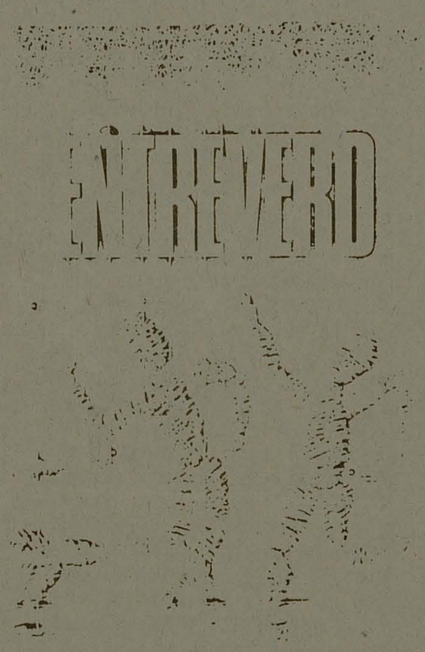
Um bom entrevero

Entrevero, reunião de contos dividido em duas partes (ou dois livros, como preferem os editores), que agora nos chega, é o brinde de fim de ano da MPM, desta vez numa edição especial da L PM—Editores. Como sempre, excelente seleção e apresentação gráfica impecável. Esta coleção se iniciou em 1973, com a publicação de Solo de Clarineta, primeiro volume das memórias de Erico Verissimo.

Nas duas partes (ou dois livros), temos uma seleção de autores regionalistas gaúchos e uma seleção de autores que são também publicitários. A parte que antologia os gaúchos é desse mestre do jornalismo e da pesquisa que se chama Carlos Reverbel, que também elaborou o vocabulário de termos gauchescos, a bibliografia, e algumas fontes para o estudo do regionalismo.

Sucintamente, Reverbel explica que o trabalho foi organizado sem preocupações didáticas e sem seguir um roteiro ortodoxo, mas com a preocupação de situar, no tempo e no espaço, os autores aqui incluídos, a partir de um Apolinário Porto Alegre e chegando até um Roberto Bittencourt Martins. Lado a lado convivem autores famosos e de largo trânsito (um Simões Lopes Neto, um Augusto Meyer, um Érico, um Cyro Martins, um Dyonélio Machado) e outros bem pouco conhecidos (um Luiz Araújo Neto, um Clemenciano Barnasque). Ao final, com as notas biográficas, temos um panorama abrangente da literatura gauchesca e de sua importância não só para a literatura que se pratica no Rio Grande do Sul, mas para a literatura brasileira, pois além dos já citados inclui mais Alcides Maia, Darcy Azambuja, Roque Callage, Vieira Pires, Felix Contreira Rodrigues, Alfredo Jacques, Aureliano de Figueiredo Pinto, Pedro Waine, Ivan Pedro de Martins, L.C. Barbosa Lessa, Aparício Silva Rillo.

Se o jornalismo foi, durante anos, a principal fonte a absorver os escritores, nos últimos anos outra fonte de renda vem atraindo os assim chamados profissionais da pena. É a publicidade. Agência de publicidade, a MPM dá, neste ano que findou, uma boa amostra de escritores que atuam na área publicitária. Certamente não estão nela reunidos todos aqueles que, direta ou indiretamente, trabalham nas várias frentes publicitárias. Mas a amostragem é bastante significativa, reunindo romancistas, poetas, ensaistas, teatrólogos, humoristas, contistas. Ei-los: Antonio Torres, Dias Gomes, Emil Farhat, Guilherme Figueiredo, Hernani Donato, João Maia Neto, J.G. de Araújo Jorge, Josué Guimarães, Luis Fernando Veríssimo, Márcio Souza, Marcos Rey, Origenes Lessa, Oswaldo Alves, Renato Castelo Branco, Rubem Fonseca, Ziraldo Alves Pinto.



O projeto do livro brinde da MPM foi de Adão Juvenal de Souza, que pouco depois morria num desastre de aviação no interior de Santa Catarina e que hoje dá seu nome à Coleção. De 1973 até hoje 11 volumes foram publicados, reunindo alguns dos autores mais expresivos de nossas letras, sendo os dois primeiros de Erico Verissimo, a que se seguiram Quintana, Drummond, Menotti del Picchia, Gilberto Freire, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Fernando Sabino, Guimarães Rosa.

Entrevero, o 11º volume, referente a 1984, ao fugir do esquema inicial (autor único) possibilita ampliar o leque de amostragem da literatura brasileira, reunindo ao mesmo tempo autores do passado e do presente de um mesmo Estado (caso do livro um) ou autores do presente de diferentes regiões do País (livro dois).

Agora, seria a vez do nosso Fúlvio Luiz Vieira tentar puxar um dos próximos volumes para os autores catarinenses. Fica aí a sugestão — bem como a colaboração (caso seja necessária).

NOVO CONTO NO PIAUÍ

Novos contos piauienses, que não faz muito nos chegou, reúne, por igual, nomes já de ressonância para além das fronteiras do Estado (lembramos um Francisco Miguel de Moura que há pouco publicou **Os estigmas,** expressivo romance, pela Editora do Escritor, ou um Magalhães da Costa, que está para lançar **Estação das manobras,** embos ficcionistas e críticos) e outros que começam a caminhada.

O volume resulta do concurso promovido pela Fundação Cultural do Piauí; nele estão os vencedores dos concursos de 1982 e 1983. E mostra aspectos de uma mesma preocupação, bem diversificada, com o fazer literário, mais ou menos realizado, dando-nos uma visão de mundo que se quer múltiplo, refletindo as mais variadas tendências e modos de ver e sentir o bicho homem e o processo de criação.

Tomamos, como exemplo, os dois vencedores, ''Carnaval, carnaval'', de Manoel de Moura Filho (1982) e ''O repto da reptil'', de Ariton Sampaio Araújo (1983). A fragmentação do primeiro é um espelho do próprio carnaval, remetendo-nos ainda, dentro do textos, para matérias publicadas a propósito do tema; a proposta do segundo se centra no título, com suas recorrências, seu jogo de palavras e sons e sibilos que (re)criam como que uma distorção na visão da ''voraz vingança''. Já ''O cortador de arame'', de Magalhães da Costa, é um flagrande de uma dura realidade. Sua dialogação intensa e tensa ergue em rápidos traços a figura do Coronel Saturnino que quer dar ''só um castiguinho''. Em ''Cantar de galo velho'', o mesmo autor nos oferece outro tipo de leitura, fazendo-nos lembrar, a partir do título, uma linhagem que se aproxima de um Dalton Trevisan. Por outro lado, Francisco Miguel de Moura, tanto em ''Joana Grilo'' como em ''Juntando os cacos do espelho'', fixa com precisão dois perfis, moldados ao seu chão piauiense: no primeiro uma patética figura de mulher que o alter-ego do autor tenta aprender e compreender; no segundo um personagem titubeante, amarrado pelo medo, medo que Moura quer reproduzir pela escrita.

Danilo Ucha entre os vencedores do prêmio Torquato Neto

O Centro de Cultura Alternativa do Rioarte acaba de divulgar o resultado do Prêmio Torquato Neto de Monografias, que neste ano teve como tema ''O Poder da Imprensa Alernativa Pós-64 - Histórico e Desdobramentos''. O júri, presidido por Gerardo Mello Mourão e Maria Amélia Mello, com a participação dos jornalistas Márcio Bueno, Maria Ingés Duque Estrada e Zuenir Ventura, selecionou estes vencedores entre os 20 inscritos:

1.º lugar: prêmio de 800 mil cruzeiros: Sonia Virgínia Moreira (RJ) pela monografia ''Retratos Brasileiros: 20 Anos de Imprensa Alternativa''.

2.º lugar: prêmio de 600 mil cruzeiros: Danilo da Silva Ucha (RS-Porto Alegre) pela monografia ''A História do Coojornal''. Danilo Ucha, jornalista, é editor de cultura do Jornal Zero Hora.

3.º lugar: prêmio de 400 mil cruzeiros: Luis Maklouf Carvalho (SP) pela monografia ''Apontamentos para a História do Jornal Resistência''.

REGISTRO

O poder do discurso, Ailton Paulino dos Santos Imprensa Oficial de Minas Gerais. Partindo das modernas teorias da crítica literária, neste trabalho, que foi inicialmente dissertação para obtenção do grau de Mestre em Letras, Ailton realiza um percuciente estudo de ''Um pássaro em pânico'', contos de Elias José. Mas se a proposta se centra basicamente neste título, situando-o na literatura latino-americana, na verdade através dele pode-se ir além, pois o trabalho serve para uma análise global da obra do escritor mineiro. Professor univesitário, contista, romancista, crítico, autor de novelas para o público infanto-juvenil, Elias José tem aqui uma análise meticulosa de sua obra - toda ela colocada e discutida num contexto amplo, vista dentro da produção literária da década de 70.

* * *

Literatura de cordel em discussão, Umberto Peregrino, Ed. Presença/Fundação José Augusto. Durante bom tempo relegada a segundo plano, embora sempre consumida por ampla massa, a literatura de cordel (e alguns de seus nomes mais representativos) tem sido, agora, estudada como manifestação artística e reflexo da alma popular. É a e reflexo da alma popular. E a partir daí que Peregrino realiza seu trabalho, ao mesmo tempo em que nos oferece variados exemplos da poesia de cordel.

* * *

Universidade: a destruição de uma experiência democrática, Aluísio Pimenta, Ed. Vozes. Testemunho de um reitor e dos problemas que ele enfrentou num período duro; texto para ser examinado e debatido, elaborado por alguém que, no dizer de Edgar Mata-Machado, ''não se deixa vencer pela opressão que o ameça''.

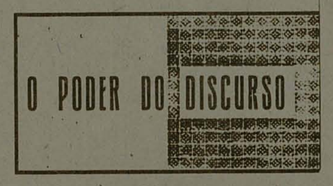
* * *

Saúde e educação popular, vol. 7 do Cadernos de educação popular, Ed. Vozes/Nova. Resultdo de um seminário que discutiu a respeito da conquista e manutenção da saúde enquanto processo coletivo, na primeira parte são apresentados relatos de experiências por especialistas da área e na segunda as discussões em torno de questões motivadas pelos relatos.

* * *

Rock: do sonho ao pesadelo, Roberto Muggiati, L e PM -Editores. Centrando-se nos perfis de nomes representativos do rock, Muggiati, jornalista tarimbado e pesquisador de música (além de músico para uso interno) nos dá um quadro abrangente de um estilo musical que, durante anos, empolgou multidões. E que continua tendo seu público fiel. É um texto insignificante, que vai interessar não só os curtidores do gênero e os saudosistas, mas a todos aqueles que se preocupam em estudar o fenômeno que foi o rock, sua loucura, seus reflexos, sua repercussão na sociedade e na formação de toda uma mentalidade. Como afirma Muggiati: ''com suas canções, eles revolucionaram a música e o comportamento da juventude nos anos 50.''

Ailton Paulino dos Santos



(um estudo de UM PASSARO EM PANICO de ELIAS JOSÉ)

* * *

Aqui, as provas contra Maluf, Walter do Amaral, Global Ed. Do principal quadro da extrema direita, ainda ontem, Maluf é hoje o retrato de um derrotado que luta com todas as armas imagináveis para sobreviver. Agora tem até coragem de se mostrar paladino das diretas desde sempre. Este livro, de um advogado que perdeu o emprego porque sempre desejou mostrar o que Maluf representava como perigo para o País, traz à luz alguns documentos que comprovam tudo o que se sabe de ouvir dizer. É lê-lo e conferir: saber como e por que Amaral afirma que ''só de correção monetária Maluf deve mais de 100 bilhões.'' Nem bem saiu, o livro chega à 5.ª edição. Col. Que País é este?

* * *

D. João VI e o Império no Brasil/A independência e a missão Rio.Maior, Marcos Carneiro de Mendonça. Biblioteca Reprográfica Xerox. No seu conjunto, abrangendo o período de 1806 a 1825, o livro trata da vinda e permanência da Família Real Portuguesa no Brasil e seu posterior regresso a Lisboa. Divulga, pela primeira vez, material inédito, resultado do minucioso manuseio de cartas, ofícios, relatórios e mensagens secretas. Álvaro Teixeira Soares, prefaciador, acentua que ''com a publicação das peças documentais, MCM lançou muita luz sobre um episódio pouco conhecido dos nossos historiadores, mas merecedor de uma análise de revisão.''

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LIVRO

SALIM MIGUEL

FÉRIAS

Durante o mês de maio, a coluna Livros pára. O colunista vai gozar férias. E viajar.

Um dos 54 entrevistados pela jornalista Cremilda Medina, de "O Estado de São Paulo", para a série **Escritores Brasileiros Hoje — A posse da terra**, foi um dos 12 que receberam convite para o lançamento do livro que reuniu as entrevistas e que será lançado dia 29 deste mês de abril, em Lisboa.

A edição, que além das entrevistas apresenta um texto de cada escritor entrevistado, é da Imprensa Nacional — Casa da Moeda, de Lisboa, co-edição com a Secretaria de Cultura de São Paulo.

Os outros 11 convidados são: José Paulo Paes, José J. Veiga, João Antonio, Nélida Piñon, Julieta de Godoi Ladeira, Adélia Prado, Marly de Oliveira, Moacyr Scliar, Ivan Ângelo, Ignácio de Loyola Brandão, Márcio de Souza. Outros escritores se incorporam à comitiva, formando um total de 26.

Mas se a coluna fica suspensa por um mês, o colunista não: espera mandar algumas matérias da Europa, não só de Portugal, mas de outros países que visitar.

Nossos clássicos : mais dois títulos

Reativada em boa hora, a Coleção Nossos Clássicos, da Agir, mais dois títulos acabam de aparecer (**Gregório de Matos**, sátira, por Ângela Maria Dias; e **Tomás Antônio Gonzaga**, por Lúcia Helena, respectivamente volumes 113 e 114), agora com nova e mais atraente apresentação gráfica. Mas as características básicas continuam as mesmas (dados biográficos, apresentação constante de situação histórica e estudo crítico, antologia, bibliografia do autor e sobre o autor, julgamento crítico e questionário), e o mesmo formato de bolso.

Sucintamente, cada autor é situado em sua época e seu meio, ao mesmo tempo em que se mostra o que ele representou para as letras brasileiras. Na antologia, trechos significativos da obra, enquanto o julgamento crítico é a visão suscitada pelo trabalho ao longo do tempo. Tudo no propósito de chamar a atenção para autor e obra.

A sátira foi talvez a face mais expressiva de Gregório de Matos, aquela que mais o marcou, tornando seu nome conhecido mesmo entre os poucos afeitos às letras. A propósito diz Ângela Maria Dias: "A sátira, por muito tempo afinada com o caráter lúdico, à inclinação popular e ao empenho problematizador característicos da crise do homem pós-renascentista, vai assumir, na obra de Gregório, o comando de sua vertente barroca".

Um exemplo da sátira de Gregório de Matos nesta "Décima" —

O Cura, a quem toca a cura
de curar esta cidade,
cheia a tem de enfermidade
tão mortal, que não tem cura:
dizem, que a si só se cura
de uma natural sezão,
que lhe dá na ocasião
de ver as Moças no eirado,
com que o Cura é o curado,
e as Moças seu cura são.

Gregório de Matos e Guerra nasceu na Bahia, em 1636, estudou em Portugal, e morreu em Pernambuco em 1695.

Tomás Antônio Gonzaga, um dos Inconfidentes, ficou conhecido por suas **Liras** nos cantos de Marília e Dirceu, certamente nosso primeiro **best-seller**. Nascido em Portugal, viveu anos no Brasil, e depois da Inconfidência foi condenado a dez anos de degredo em Moçambique, onde refaz sua vida. Mas para as letras brasileiras continua sendo o poeta lírico, o cantor de Marília. Ele nasceu em 1744 e morreu em 1812.

Situando-o, diz Lúcia Helana que Gonzaga "participou de um século de conflitos e ambigüidades. Ele mesmo a viveu, com sua formação intelectual feita na Bahia e em Coimbra, respirando na Universidade portuguesa um clima de conservadorismo, comparado ao de Londres e Paris, e participando, no Brasil, de uma luta revolucionária, a Inconfidência Mineira, em 1789. Referindo-se à produção de Gonzaga, Lúcia Helena afirma que "o conjunto das poesias de Tomás Antonio Gonzaga não nos autoriza a dizer que sua obra começa apenas em Minas Gerais e que se tece, na totalidade, sob o signo de Marília, Nises, Altéias, Lidoras, Lauras e Ormias..."

De largo apelo popular, os versos de Marília são envolventes. Eis um exemplo:

"Não sei, Marília, que tenho,
depois que vi o teu rosto,
pois quanto não é Marília
já não posso ver com gosto.
Noutra idade me alegrava,
até quando conversava
com o mais rude vaqueiro:
hoje, ó bela, me aborrece
inda o trato lisonjeiro
do mais discreto partor.
Que efeitos são os que sinto?
Serão efeitos de amor?

REGISTRO

Por que fazer terapia?, **de Luiz Carlos Teixeira de Freitas, Ed. Ágora. Em linguagem clara e acessível ao leitor comum, o Autor fala dos diversos tipos de uma relação terapêutica de ajuda, como a terapia individual ou em grupo, entre outras. Diz Luiz Carlos que o livro resultou de uma longa conversa com uma pessoa que lhe perguntou "por que alguém faria psicoterapia". E acrescenta que para responder à pergunta, "o livro inclui noções teóricas freudianas, reichinianas, gestaltistas, rogerianas, junguianas, etc.", além de um pouco de filosofia, sociologia, biologia, neurologia, psicobiologia, química orgânica, teoria geral dos sistemas.**

* * *

Para salvar a Universidade, **de Laurent Schwartz, trad. de Alvino Moser, T.A. Queiroz, Ed/Edusp. Continua em debate o problema da Universidade, quais as soluções mais cabíveis e como chegar até elas. O Autor é conhecido matemático francês, professor da Escola Politécnica e das universidades de Nancy e de Paris. Encarregado em 1981, pelo governo francês, de elaborar o relatório sobre "O ensino e o desenvolvimento científico", dele resultou este livro, que chega ao Brasil num momento oportuno, quando mais se debate o problema da Universidade.**

* * *

Adolescente também é gente, **de Israel Zekcer (org.), Summus Ed. Nos quase 30 capítulos de que se compõe o livro, psicólogos, educadores, médicos, advogados e outros profissionais analisam o problema do adolescente de hoje. Mas além dos adolescentes, o livro visa também aos pais e responsáveis por eles, no sentido de uma orientação objetiva para este período fundamental da vida de todos nós. Ed. ilustrada.**

* * *

Os caminhos de Baco, **de Sérgio de Paula Santos, T.A. Queiroz, Ed. Agora que a qualidade do vinho brasileiro melhora substancialmente, livros sobre esta bebida vão também surgindo entre nós. Sérgio, que já nos dera o livro "Vinhos", volta com este onde discorre, como acentua o subtítulo, sobre "os mistérios e a realidade do vinho". Nos 82 capítulos ele fala dessa bebida milenária, mostrando porque a reverência para com o vinho remonta a séculos, quais as melhores regiões vinícolas — e como e quando bebê-lo.**

Correspondência, **de Rainer Maria Rilke e Lou Andreas-Salomé, sob a supervisão de Sigmund Freud, trad. de Iris Gomes da Costa e Robson Soares de Medeiros, Ed. Anima. Nestas cartas, o grande poeta alemão e a discípula e companheira de Freud. Trocam idéias sobre os conceitos do amor e da existência. Enquanto Rilke se acha prisioneiro de suas obsessões, Lou "procura fazer-se a mediadora entre a alma deprimida do poeta e as angústias que ele lhe confessa regularmente em suas horas de esterilidade", conforme acentua no prefácio Pierre Klossowski, apresentando-nos a correspondência. E Julio Cesar Monteiro Martins diz: "o mais depravado universo psicológico e metafísico destes dois pensadores..." temos através destas cartas.**

* * *

Do assassinato como uma das belas artes **de Thomas de Quincey, trad. de Henrique de Araujo Mesquita, LePM-editores. Utilizando-se de mil artifícios, Quincey assinala que quer "tirar o melhor partido de um mau assunto", tratando-o esteticamente. Este texto, publicado entre 1827 e 1839, é provocador, pois embora se debruçando sobre ele e lhe dando condições de ser realizado, o Autor sempre se considerou "incapaz de qualquer espécie de crueldade".**

* * *

Obras recebidas

Em maio, a coluna **Livros** pára. Férias do colunista, ele as aproveita para uma viagem. Assim, como não poderá resenhar ou registrar os livros até agora recebidos, passa a relacioná-los por Editora. A alguns deles, voltará mais adiante, seja dando maiores informações, seja resenhando-os.

Editora Brasiliense: Minha vida, de Lou Andreas Salomé, trad. de Nicolino Simone Neto e Valter Fernandes; **Cultura Brasileira**, de Renato Ortiz; **Revisão de Kilkerry**, de Augusto de Campos; **Como Renascem as Democracias**, de Alain Rouqié, Bolivar Lamounier, Jorge Schvarzer, (Org.); **Factotum**, de Charles Bukowski, trad. de Carlos H. Knapp; **Um Atrapalho no Trabalho**, de John Lennon, trad. de Paulo Leminski; **O que é Constituinte**, de Marília Garcia; **Jacques Lacan**, de Márcio Peter de Souza Leite/Oscar Cesarotto; **Vincent Van Gogh**, de Jorge Coli.

Editora Rocco: Partidos Comunistas — paraísos artificiais da política, de Jean Baudrillard, trad. de Álvaro Cabral; **O Feiticeiro do Alto Amazonas**, de Bruce Lamb, trad. de Claudia Moniz Freire; **Máquinas Eróticas**, de Orland Senna.

Summus Editorial: A informação no rádio — os grupos de poder e a determinação dos conteúdos, de Gisela Swetlana Ortriwano; **A deseducação sexual**, de Marcello Bernardi, trad. de Antonio Negrini.

L e PM - editores: As virtudes da casa, de Luiz Antonio de Assis Brasil; **A guerra das estrelas (1964-1984) — Os bastidores das sucessões presidenciais**, Carlos Chagas.

T.A. Queiros, Editor: O livro no Brasil — sua história, de Laurence Hallewell, trad. de Maria da Penha Vilalobos e Lólio Lourenço de Oliveira; **1 Ai Do — a arte de enfrentar o desconhecido**, de Georges Guimarães.

Tché Editora: Érico Veríssimo, de Antonio Hohlfeldt.

Editora Nova Fronteira: Dicionário Universal de Citações, de Paulo Ronai.

Edições Dubolso: Papéis Higiênicos, (estudos sobre guerrilha cultural e poética de provocação), de Sebastião Nunes.

Editora Cátedra: A cruz vazia na encruzilhada, de Marcos Konder Reis; **Liratômica e outros poemas**, de Aluízio Medeiros; **No lado azul da canção**, de Cyro de Mattos.

Cortez Editora/Editora Autores Reunidos: Dialética do amor paterno — Do amor pelos meus filhos ao amor por todas as crianças, de Moacir Gadotti.

Livraria Francisco Alves Editora: O carnaval carioca através da música, 2 volumes, 5ª. edição, de Edigar de Alencar.

Editora Ática: Carcamanos e comendadores, Os italisnos de São Paulo, da realidade à ficção, de Mário Carelli.

Edidora Record: A faca de dois gumes — Trilogia de amor, intriga e mistério, numa sucessão de surpresas, de Fernando Sabino; **Corações entrelaçados**, de Warren Adler, trad. de Neide Camera Loureiro.

Editora Max Limonad: Às oito, em ponto, de Maria Amélia Mello.

Editora Movimento/Carlos Tortolero Editor: O poeta sem rio/El poeta sin rio, de Eugenio Montejo, trad. de Sérgio Faraco, ed. blingue.

Editora Tempo Brasileiro/CEUFF: Tótens e tabus da modernidade brasileira — símbolo e alegoria na obra de Oswald de Andrade, de Lúcia Helena.

Edições UFC: Uma literatura antropofágica, de Lúcia Helena.

Massao Ohno Editor: Você conhece Janete e outros contos, de Idelma Ribeiro de Faria.

José Olympio Editora: Judeus de Bombachas e chimarrão, de Jacques Schweidson.

DIFEL — Difusão Editoral: Primeiro entre iguais, de Jaffrey Archer, trad. de José Antonio Arantes.

Também na área do livro para o público infantil e juvenil vários foram os títulos recebidos: **Eglê Malheiros** não vai poder, igualmente, resenhá-los, pelo mesmo motivo. Ei-los, por Editora:

Editora Ao Livro Técnico: Rente que não pão quente, de Maria Mazzetti; **Chuva que não acaba mais**, de Maria Mazzetti; **Coisa de lata com choro de prata**, Maria Mazzetti; **Sapato de camurça com biquinho de verniz**, Maria Mazzetti; **O gigante sem nome**, Maria Mazzetti.

Editora Moderna: Resgate no tempo, de Silvia Cintra Franco; **Seu rei mandou dizer**, de Giselda Laporta Nicolelis; **Chega de saudade**, de Ricardo Azevedo; **Morozinho**, de Miguel Jorge.

Editar: Tesouro da ilha-de-cá, de Renato J.G. Beranger; **O país-do-sem-tempo**, de Renato J.G. Beranger; **Os vagalumes**, de Odete de Marros Mott; **Sinfonia de quintal**, de Terezinha Cauhi de Oliveira.

Editora Miguilin: Cavaleiros das sete luas, de Bartolomeu Campos Queiróz.

Editora Agir: Ida e volta, de Juarez Machado.

Editora Nova Fronteira: Uxa, ora fada ora bruxa, de Sylvia Orthof.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

A VOLTA POR CIMA

Miguel Livramento voltou para a TV Cultura.



O MEDALHA DE OURO EM COMUNICAÇÃO

A nossa mais nova contratação é um craque já bem conhecido do público da TV Cultura: o popular Miguel Livramento - o Medalha de Ouro em comunicação. Ele chega para reforçar a nossa equipe de esportes, tanto na TV como no Rádio.

Ouça o Miguel Livramento aqui.

RÁDIO CULTURA
- Programa Miguel Livramento das 09:00 às 12:00 hs, de segunda à sábado.
- Comentário Esportivo, às 12:00 hs.
- Terceiro Tempo às segundas-feiras, das 20:30 às 22:00 hs onde ele participa de mesa redonda com toda nossa equipe.

Veja o Miguel Livramento aqui.

TV CULTURA
Programa Meio Dia
- Comentário de Miguel Livramento 12:55 hs
- Logo após, Gol 5 Estrelas, que atende as solicitações dos telespectadores com os grandes momentos do futebol.
- Terceiro Tempo às segundas-feiras, 23:15 hs, onde Miguel Livramento estará participando de mesa redonda com toda equipe esportiva da casa.

Estreia dia 8 de julho.

RCE

TV CULTURA TV ELDORADO

RÁDIO CULTURA AM

Gran Meta

LIVROS — Salim Miguel

MAIS LANÇAMENTOS

Outra semana pródiga em lançamentos, esta que se inicia: terça-feira, dia 9, às 17 horas, no hall da Reitoria, campus universitário da Trindade, **Universidade: a destruição de uma experiência democrática,** de Aluísio Pimenta, Ed. Vozes, RJ; quarta-feira, dia 10, às 18 horas, no bar Habeas-Corpus, sede da OAB/SC, R. Padre Miguelinho, esq. Anita Garibaldi, **Apartheid - o horror branco na África do Sul,** de Francisco José Pereira, Ed. Brasiliense, Col. Tudo é História; sexta-feira, dia 12, às 18 horas, no hall da Reitoria, campus universitário da Trindade, **Iniciação ao Vinho,** de Orlando Borges Schroeder, Ed. da UFSC/Co-edição Sistema Codesc.

O lançamento do livro do Ministro da Cultura, prof. Aluísio Pimenta, faz parte da programação que vem ele cumprir em Florianópolis, a convite da Universidade Federal de Santa Catarina. A programação é a seguinte: chegada ao aeroporto Hercílio Luz às 9,30 horas; entrevista coletiva à imprensa; almoço; contacto com administradores e produtores culturais, no auditório do CIC, das 14,30 às 16,30 horas; lançamento do livro às 17 horas; Aula Magna no auditório da UFSC às 20 horas.

O livro do prof. Pimenta é um depoimento de singular importância para o melhor conhecimento da realidade educacional brasileira na década de 60 e das interferências que então se processaram pelo regime militar. Ao mesmo tempo relato e reflexão quando da passagem do prof. Pimenta pela Reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais, de onde foi violentamente afastado, mostra-nos o trabalho que ele ali buscou implantar, realizando uma reforma de ampla repercussão por seus métodos inovadores, buscando, como acentua o prof. H.C. Lima Vaz "um modelo a um tempo equilibrado e audaz". Já na "Apresentação", Edgar Mata-Machado afirma: "Essa **história,** essas **lições** devem incluir-se entre tantos outros depoimentos acerca do sistema autoritário que desabou sobre o Brasil a partir de 1964 e de que ainda não nos libertamos". (N.C.: a edição do livro é de 1984).

E ao passar o cargo, em 1967, o



prof. Aluísio Pimenta definia-se em termos de Universidade e de sua função junto à comunidade. Depois de expor seus projetos e o que intentara, assinalava na conclusão que gostaria de ver concretizada "uma Universidade autêntica, sem intervenção política partidária ou interferência de mecanismos estranhos aos meios educacionais". E adiantava mais: "uma Universidade participante, efetivamente inserida na comunidade, em plena sintonia com a realidade do país e profundamente voltada para a solução de seus problemas; uma Universidade comunitária onde professores, estudantes, funcionários, ex-alunos se dêem as mãos, onde o radicalismo não encontre guarida, onde tenha sempre primazia o bem-comum; uma Universidade que valorize a juventude, que lhe compreenda as aspirações, que não lhe fruste as esperanças, mas que tenha coragem de contrariá-la quando necessário". E finaliza: "uma Universidade, enfim, cujos dirigentes, embora enfrentando dificuldades e incompreensões, consigam sempre manter a chama do ideal de uma Universidade autônoma e livre".

Já o livro do catarinense Francisco José Pereira aborda um tema candente: a África do Sul é o único país do mundo em cuja Constituição está inscrito o racismo; e é ele tão violento que ainda há bem pouco, por suas posições liberais, o Cardeal Evaristo Arns foi proibido de entrar naquele País.

Catarinense de Florianópolis, advogado, Francisco José Pereira foi obrigado a sair do país em 1964. Esteve estudando e prestando serviços profissionais em vários países, tendo concluído Mestrado em Ciências Políticas pela Universidade Católica de Louvaina (Bélgica/1972). Entre suas múltiplas atividades, foi, na África, representante-adjunto do Programa Mundial de Alimentos da FAO/ONU na República Popular de Moçambique (1978-80).

Neste livro ele sistematiza informações e dados, traçado um quadro dramático da realidade da África do Sul e de seu regime condenado pela ONU, mas que continua resistindo graças ao apoio que encontra em vários países. Fenômeno pouco conhecido no país, com este livro Pereira revela o que é o **Apartheide** e quais suas conseqüências para a grande maioria da população negra, que vive submetida a um regime profundamente desumano.

Numa linguagem clara e objetiva, o Autor começa por fornecer sucintas informações sobre o país, para depois situar o problema e mostrar, por exemplo, de que maneira a legislação do Apartheid atua na África do Sul.

O lançamento, mais do que oportuno, do livro, em Florianópolis, é uma promoção da Comissão de Direitos Humanos da OAB.

E para encerrar a semana de lançamentos, nada melhor do que um livro sobre vinhos. **Iniciação ao vinho,** de Orlando Borges Schroeder, vai bem além do que o título diz. O Autor, médico, historiador, pesquisador, degustador de vinho, traça um painel da história do vinho através das idades, mostrando que ele vem acompanhando a trajetória do homem. E parte substancial dessa trajetória está contida neste curioso e importante livro.

No prefácio, o académico António Houaiss acentua: "o Autor associa à sua atividade profissional de médico eminente, uma enorme curiosidade intelectual, que o faz exceder em vários campos do saber".

Através de numerosos capítulos, cada qual com uma epígrafe pertinente tirada da história e/ou de escritores, o Autor oferece à reflexão dos leitores informações, indicações, sugestões sobre vinho, como e quando degustá-lo.

Agora, vamos ao livro - e aos vinhos.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ARTES VISUAIS

Osmar Pisani

Jarina e Semy apóiam a Acap

A grotesca novela do desenho continua: hoje é a artista plástica Jarina Menezes e Semy Braga que dão seus Depoimentos. Sem dúvida nenhuma, o de Jarina é o mais forte de todos e destaca-se pela precisão e lucidez, atacando, à maneira da Coluna, a essência da questão. Ei-lo: "Ao Senhor Presidente da Acap, artista João Otávio Neves Filho (Janga). A propósito da nota do Sr. Paulo Cesar Correa em nome do Studio de Artes, organizador da exposição "O desenho em Santa Catarina", sinto-me no dever de trazer-lhe a minha solidariedade e tecer comentários adicionais. 1) Acho que antes e acima de tudo há que se colocar as coisas no seus devidos lugares: a realidade mostra que de um lado estamos nós os operários da criatividade e de outro estão os "marchands", exploradores do nosso talento e apropriadores do produto de nosso trabalho. Para a defesa dos nossos interesses nos organizamos em Associação — A Acap — cujo Presidente legítimo é atualmente Vossa Senhoria. 2) O autor da nota mencionada sem dúvida perseguiu o soez intento de trazer à coletividade artística do Estado, elementos de desagregação, não só colocando o "affaire" da noite de 29 de maio último em termos puramente pessoais, como, o que é pior, tentando dividir colegas entre os que foram escolhidos para participar da mostra, os que foram injustamente cortados por juízes sem qualificação e aqueles que exibem seus trabalhos em outra galeria, "a maior parte encalhados", como afirma a nota de lamentável estupidez.

Desejo, finalmente, reafirmar com a presente carta o meu voto que ajudou a elegê-lo em pleito aberto, livre e democrático recentemente acontecido, nosso Presidente, reconhecendo que nessa qualidade, pelos nossos Estatutos e entre uma eunião da Diretoria e outra, pode Vossa Senhoria falar em nome da Associação.

Portanto, a sua atitude tanto de retirar trabalhos da exposição para simbolicamente registrar protesto, quanto de divulgar nota formal em igual sentido, são ações regimentais e legítimas que revelam sua vigilância e zelo na defesa dos interesses dos que fazem arte em Santa Catarina. Atenciosamente, Jarina Menezes, do Conselho Consultivo da Associação Catarinense de Artistas Plásticos, Fpolis, 13 de junho de 1985."

DEPOIMENTO DE SEMY

"Caro Pisani: Em virtude dos acontecimentos ocorridos na exposição de desenhos da Elase que culminou com o manifesto da Acap e posterior resposta pelo studio de artes, gostaria de manifestar a minha solidariedade com a atidude tomada pelo Janga e pela Graziela. É preciso dar uma mostra real da força e união dos artistas e um basta nas atitudes interesseiras das galerias e marchandes que desconsideram o artista e a arte. A Acap tem dado mostras da sua real função em defesa da classe e são atitudes como estas tomadas pelos nossos colegas que tornam o artista mais digno dentro deste conturbado mundo em que vivemos"."

Artes da Tramóia

Tramóia: o ponto criado aqui na ilha. O gesto teatral eo labirinto.

O desenho que paira no bruxólico traço da rendeira. O Centro Cultural que o Janga fez com o esforço conjunto de Jandira Lorenz e o fotógrafo Campolino Alves, no duro início da aquisição. No momento, é preciso destacar a colaboração de Antonio Rozicki e do senhor Jorge Grossmann, empresário paulista, apaixonado pela Ilha. O mecenas, o protetor da "Casa Açoriana: Artes e Tramóias Ilhoas", porque acredita na dignidade dos dirigentes e na exuberância criativa do ilhéu.

Tramóia: a forma que envolve a mágica espacial e lumina as tensões de cada proposta geométrica. A leitura da própria atmosfera em mosaico, como a filigrana do manso vóo da gaivota. A sensação do equilíbrio quando você olha fixamente a tramóia e sente o terno envolvimento da rede que amplia a solidariedade: crianças e artesãos a serem protegidos pela arte. A reabilitação de uma comunidade a longo prazo. A Casa foi aberta com uma excelente coletiva de artistas de Santo Antônio: Jandira Lorenz, Janga, Neri Andrade, Eli Heil, Elias Andrade, Tereza Heil, Carlos Cunha, Antonio Rozicki, Jalmor Valente, Regina Rosicki, Osvaldo Zinini, Aroz, Aldy Mainguê e os fotógrafos Campolino Alves e Cesar Evangelista. Para setembro está marcada a exposição de Dorval Reis e Neri Andrade. A "Tramóia Açoriana" está lá, inteira e bela como um bolo enfeitado, e, pelo que tem, já pode cobrar uma entrada para poder reinvestir e crescer. Breve Janga colocará um tear antigo. Em pouco tempo estará vendendo dezenas de postais da própria casa, gravuras, além de trabalhos de artistas plásticos. Mais uma vez é preciso lembrar a importância dos responsáveis pelo turismo, em investir no Casarão, tornando-o uma visita obrigatória. E com um pouquinho de imaginação, competência e trabalho, pode-se implantar em cada "freguesia", um Casarão semelhante, com base na importância cultural, turística e social para a comunidade. É preciso também tombar essas casas e utilizá-las culturalmente.

Mural

DORACI-ESCULTURA

"O Bisturi Desenha" é o nome de uma escultura de Doraci Girrulat que se encontra na Clínica de Cirurgia Plástica, Rua Presidente Coutinho, 11. Em dois momentos simultâneos a escultora dá extrema e sensual funcionalidade ao corpo humano, pela percepção orgânica das linhas essenciais que o estruturam. É preciso reconhecer a excelente idéia do Dr. Jorge Bins Ely, que valoriza sua atividade com a escultura de Doraci.

SALÕES

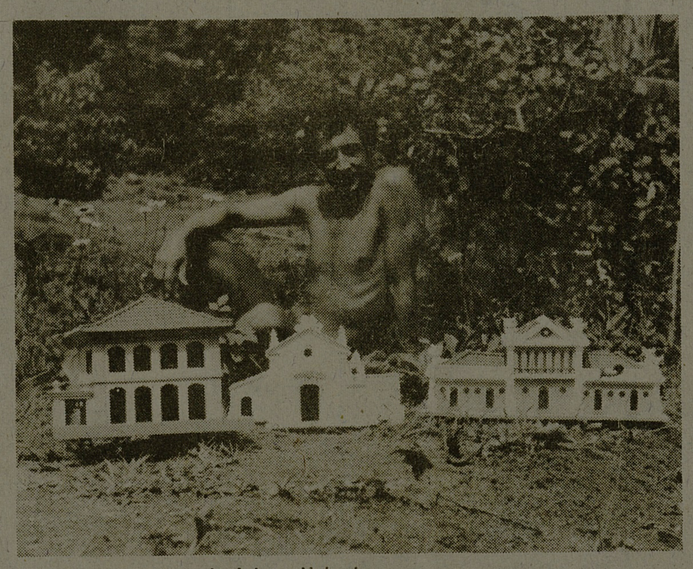
As inscrições do II Salão de Arte Contemporânea de São Paulo encerram-se no próximo dia 28 e para o 42.º Salão Paranaense ficam abertas até 09 de julho próximo. O 1.º terá um total de 60 milhões de prêmios e o do Paraná, dez (10) prêmios de 1 milhão cada. Encaminhei dez (10) inscrições a artistas que me solicitaram, boa sorte.

AAPLAJ

Depois da provocação da Coluna, a Associação de Artistas Plásticos de Joinville começa a mostrar trabalho: estará promovendo de 13 a 10 de julho, a mostra "Dança: Visão Plástica" a realizar-se na antiga sede do Banco do Brasil, rua São Joaquim. Promove ainda um Concurso para logotipo da referida Associação, cujos trabalhos deverão ser entregues até o próximo dia 03 de julho. Por outro lado, o artista plástico Edson Machado, presidente da Aaplaj, está expondo no Centro Cultural de Lorraine, na França, uma série de trabalhos em Arte Postal.

REVISTAS

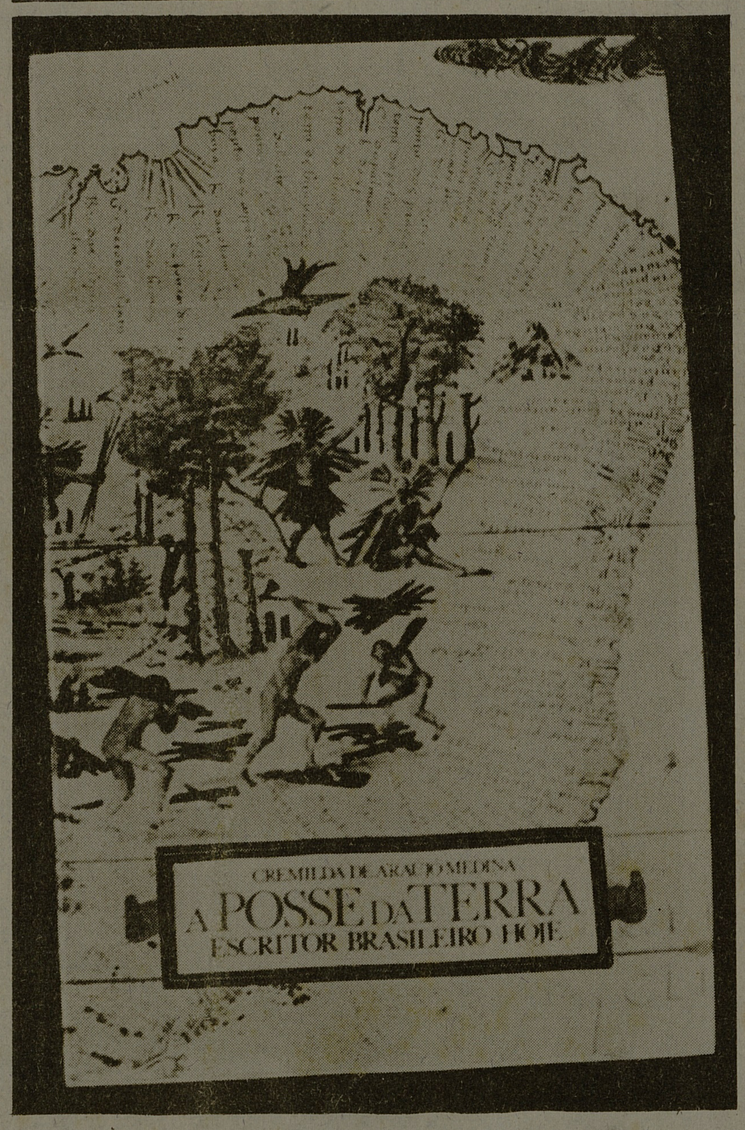
De 24 a 28 do corrente estará se realizando no Centro de Convivência da UFSC, uma Exposição de Livros Portugueses, onde os interessados poderão adquirir a excelente revista, "Colóquio Artes", livros sobre a moderna e contemporânea arte portuguesa e literatura em geral.



Miniaturas oníricas de Jalmor Valente

LIVROS

Salim Miguel



Uma semana(cultural) movimentada

A semana que entra, em termos de atividade na área da cultura, vai ser extremamente movimentada.

Amanhã, dia 24, estará sendo aberta a Exposição Feira do Livro Português, que irá até o dia 28. A Exposição terá lugar na Livraria da Feesc (Cooperativa de Livros) Centro de Convivência, Campus Universitário da Trindade.

São centenas de títulos das principais editoras portuguesas, abarcando os mais variados géneros, de autores representativos de todas as gerações. A promoção é da Livraria Camões/Rio e da Editora da UFSC.

No próprio dia da abertura, a escritora portuguesa Lydia Jorge estará falando para os alunos da área de Letras da UFSC sobre o relacionamento cultural Portugal-Brasil e sobre o seu processo de criação literária. A palestra das 9,10 às 11 horas, aberta aos interessados, será na sala 207 do Centro de Comunicação e Expressão.

Na terça-feira, dia 25, serão lançados, às 17 horas, os livros de Lydia Jorge, **Notícia da Cidade Silvestre,** da Publicações Europa-América, e **A posse da terra-Escritor Brasileiro Hoje,** de Cremilda de Araújo Medina, publicado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, coedição com a Secretaria de Cultura de São Paulo.

Lydia Jorge, quê já teve um romance editado no Brasil **(O dia dos prodígios,** Ed. Nórdica/Rio) é um dos nomes mais expressivos da moderna ficção portuguesa, tendo sido, desde seu primeiro livro, recebida com os maiores elogios pela crítica. Quanto ao livro de Cremilda Medina, terá lançamento nacional em Florianópolis. Ele reúne entrevistas, notas biográficas e textos de 54 escritores brasileiros, entre eles dois de Santa Catarina, o poeta Lindolf Bell e o colunista. Na Introdução, o professor e ensaísta Antônio Soares Amora diz que o livro de Cremilda "em princípio é jornalístico", mas "é também de crítica e historiografia literária". Cremilda Medina, repórter especial e da editoria de cultura do jornal "O Estado de São Paulo", é professora de Comunicação, e já havia, em 1983, publicado outro livro semelhante, intitulado **Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea,** pela Editora Nórdica/Rio. A propósito dos dois, acentua o prof. Amora: "não creio que se possa, a partir de agora, escrever a história das literaturas portuguesa e brasileira desta metade do século XX, sem a utilização destes preciosos materiais de trabalho que nos proporciona a jornalista Cremilda Medina".

Naquarta-feira, dia 26, das 10 às 12 horas, na sala 234 do Centro de Comunicação e Expressão, Cremilda Medina estará falando sobre seu livro e sobre a literatura brasileira contemporânea nas áreas de ficção e poesia.

E para encerrar a semana, no dia 28, sexta-feira, às 17 horas, no palácio Barriga Verde, estará sendo lançado o livro **A secretaria de Justiça e sua relação com a Educação,** de Ana Maria Martins Coelho Correia, publicado pela Editora da UFSC, co-edição com o Arquivo Público do Estado. Comemorativo do 25º ano de instalação do Arquivo Público e do centenário de nascimento do Prof. Henrique da Silva Fontes, o livro se detém em especial no papel desempenhado pelo Estado de Santa Catarina na Educação durante o período de 1920 a 1950, ao mesmo tempo em que analisa as cartilhas escolares elaboradas pelo prof. Fontes e o que elas representaram, "colocando em prática uma nova diretriz educacional". Na mesma ocasião estará sendo lançado o primeiro número da revista **Agora,** da Associação dos Amigos do Arquivo Público.

Plágio?

Assinado pelo Raimundo Caruso, li um artigo sobre o título de "Bandeira Plagia Poeta Catarinense". O poeta plagiado é luiz Delfino e o poema é "As Três Irmãs" do grande vate catarinense.

Acho que Raimundo Caruso lançou longe demais a sua barra ao taxar Manoel Bandeira de Plagiário.

Quando foi publicado o conhecido poema de Luiz Delfino, foi tão grande a repercussão nos meios literários do País que surgiram várias paródias no Rio de Janeiro e nos Estados.

Num artigo publicado neste jornal, em julho do ano passado, com o título de A Glória do Poeta citei algumas dessas paródias como a de Olavo Bilac, a de Bastos Tigre e a de João Grave. Não me consta que qualquer um desses poetas tenha sido considerado, na época, como plagiário do autor de **Posse Absoluta.**

É possível que Manoel Bandeira quisesse também, parodiar no poema "As Tr-es Mulheres do "Sabonete de Araxá" os versos imortais de Delfino.

Verivica-se, todavia, que o seu poema não tem a nota burlesca das paródias, nem tampouco identidade formal e conteudística com o poema do bardo catarinense.

Dou razão a Raimundo Caruso quando identifica semelhança rítmicas e cadenciais entre algunss versos no poema de Bandeira e o do poeta desterrense. Isso porém não é suficiente para configurar um plágio, ou seja, uma apropriação indébita de uma composição literária do autor de **Imortalidades.**

Eu preferia classificar essas coincidências como uma paráfrase e não um plágio, embora as emelhanças tenham sido intencionais. De qualquer forma, não deixa de ser interessante sob o ponto de vista literário o cotejo feito por Rimundo Caruso entre os dois poemas.

Nereu Corrêa

MÚSICA

Darcy Brasiliano dos Santos



Córal de Colônia (Alemanha) canta dia 12 de julho no CIC

Concerto Internacional abre segundo semestre

A Pró-Música de Florianópolis inicia o segundo semestre com um concerto internacional, apresentando o famoso **Pró Música Köln,** conjunto vocal-instrumental que nos vem da cidade de Colônia. O espetáculo único em nossa cidade será no dia 12 de julho, às 21:00 horas, no Teatro do Centro Integrado de Cultura. Sob a regência de Johannes Hömberg, o Pró Música Koln irá interpretar obras de Bach, Schutz e Haendel, três dos compositores fartamente comemorados em 1985. O conjunto Pró Música Koln da Escola Superior de Música de Colónica (Alemanha) compõe-se de cerca de 35 cantores. Só pode ser admitido no Coral quem consegue, através de teste, comprovar suas qualidades especiais de voz e sua capacidade de cantar por notas, isto é, quem tiver leitura musical à primeira vista. Johannes Homberg, fundador do conjunto, é seu regente desde então. O Conjunto se apresenta nao só nos grandes e conhecidos teatros mas também adotou como norma cantar para pequenos grupos de pessoas, em ambientes simples, com o que tem cativado a estima geral. O Pró Música Koln possui um repertório variado, incluindo músicas religiosas, profanas ou mistas, com ou sem instrumentos. O crítico de "O Estado de São Paulo", assim se refere ao Pró Música Koln, quando de uma das últimas audições do grupo na cidade de São Paulo: "Esta perfeição de execução vale não só para a primeira parte, constituída de um programa religioso, como para a segunda, de caráter profano, cujos problemas complicados de técnica e expressão foram dominados com o mesmo brilho, artístico e sensível, e com uma expressividade que hoje é cada vez mais rara."

Recital de Piano

O jovem pianista brasileiro **Eduardo Henrique Monteiro** toca no próximo dia 3 de julho, às 21,00 horas, no Teatro do CIC, dentro da programação do Nono Circuito Sul América de Música, evento que conta com o apoio da Fundação Cultural de Curitiba, Fundação Catarinense de Cultura e Vasp. A agência local da Sul América Seguros está distribuindo os convites em seus escritórios á Praça XV de Novembro.

Eduardo Monteiro executará um **programa** com obras de **Bach** (Prelúdio e Fuga n.º 6 e n.º 24, do 2º volume), **Mozart** (Sonata K333 em si bemol maior), **Villa-Lobos** (Homenagem a Chopin-Noturno e Balada), **Prokofiev** (Seis visões fugitivas) e **Chopin** (Fantasia opus 49 em fá menor, Scherzo n.º 1 op. 20 em si menor e Estudo opus 25 n.º 11).

Centro de Música Brasileira

A iniciativa parte da cidade de São Paulo. No dia 18 de dezembro de 1984 foi fundado o "CMB" — Centro de Música Brasileira, uma sociedade musical que visa a defesa e difusão da Música Erudita Brasileira através de concertos, cursos, concursos e palestras, além de dar oportunidade a novos valores, intérpretes e compositores. A Diretoria está constituída dos compositores Osvaldo Lacerda (Presidente), Nilson Lombardi (Secretário), Marcello Homem de Mello (Secretário), Osvaldo Franconi (Tesoureiro) e a pianista Eudóxia de Barros (Vice-Presidente). As pessoas interessadas em colaborar com a "CMB" poderão solicitar a inclusão de seu nome no quadro de associados, mediante uma anuidade de Cr$ 50 mil (individual) e Cr$ 90 mil (casal). A "CMB" tem sua sede à rua Santarém, n.º 269 - CEP 01251 - São Paulo(SP) - telefones: (011) 62-4060 e 65-0624.

Discos-Lançamento

Três novas gravações acabam de ser lançadas no mercado de discos pela Ply-Gram e Fonobras, elepês que poderão ser adquiridos na Bruneti da rua Tenente Silveira, em uma bem montada seção de Música Erudita.

Rachmaninov. LP 50044, Selo London, contendo a **Sinfonia n.º 3 em lá menor** e a **Sinfonia "Juventude" 1891**, de Sergei Rachmaninov, na execução da Orquestra da Concertgebouw sob a regência de Vladimir Ashkenazy. Rachmaninov, depois de Tchaikovsky, é o compositor russo que mais comove em suas criações. Sua música demonstra um espírito bastante emotivo, hipersensível, caprichoso, meditativo e esporádicamente selvagem. Segundo Frederick Matens, "Rachmaninov poderia ser chamado elo de ligação entre as antigas tradições e os novos ideais. Sua técnica é eclética: ele conhecia bem os modernos mestres alemães e franceses. Seu talento criador, porém, era exclusivamente seu - ele é russo. Deteve-se a meio caminho, entre o futurisme e o impressionismo, confiando em seus grandes recursos de imaginação para criar belas obras cheias de individualidade. "Sua Sinfonia "Juventude" foi composta em 1891 quando ele tinha apenas 18 anos, enquanto que a Sinfonia n.º 3 foi composta somente em 1935 e 1936, já com 63 anos.

PROKOFIEV. LP 410524-1, Selo Deutsche Grammophon, reunindo duas das atraentes composições de Serge Prokofiev: **Concerto para violino e orquestra n.º 1 em ré maior, op.19** e o **Concerto para violino e orquestra n.º 2 em sol menor, op 63.** A interpretação é do violinista Schlomo Mintz e a Orquestra Sinfônica de Chicago sob a regência de Claudio Abbado. O primeiro foi composto em 1913 mas somente executado em 1923, quando Prokofiev residia em Paris, constituindo-se num concerto que foge aos moldes tradicionais e em que a orquestra tem um papel mais importante que de simples acompanhante. O segundo foi encomendado por um grupo de admiradores do violinista francês Robert Soetans e executado em Madrid (1935) sob a regência do autor.



MOZART, LP 410905-1, Selo Archiv, incluindo dois concertos de W.A. Mozart, ambos na execução do pianista Malcolm Bilson e a English Baroque Soloist sob a direção de John Eliot Gardiner: **Concerto para piano e orquestra n.º 9 em mi bemol maior, K.271** e o **Concerto para piano e orquestra n.º 11 em fá maior, K.413 (387a).** Mozart compôs cerca de duas dúzias de concertos para piano e orquestra. Nessas peças, como disseram Brockway e Weinstock, "ele despendeu seus mais elevados cuidados e sua inexaurível imaginação".



UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLE MALHEIROS & SALIM MIGUEL

407 - MIGUEL, Salim. Livros – A reunião dos escritores.... **O Estado,** Florianópolis, 10 mar. 1985.

LIVROS

407

Salim Miguel

A reunião dos escritores

Durante mais de duas horas, escritores da capital e de outras cidades do estado, atendendo ao convite formulado pela Comissão Organizadora Provisória, estiveram reunidos no plenarinho da Assembléia Legislativa, debatendo temas ligados ao Congresso Brasileiro de Escritores, promoção da UBE, a se realizar de 17 a 21 de abril em São Paulo.

Outras duas reuniões foram marcadas (dias 15 e 22, no mesmo horário das 19,30, e se possível no mesmo local), quando prosseguirão os debates do temário. Eles visam, basicamente, levar o pensamento dos que lidam com a palavra em Santa Catarina ao Congresso, contribuindo para a redação do documento final a ser encaminhado ao governo Tancredo Neves, com sugestões para uma política cultural que atenda aos anseios dos escritores brasileiros e da comunidade como um todo. Pois do Regulamento do Congresso consta que o CBE objetiva, sobretudo, "discutir os problemas, os direitos e a participação dos escritores na sociedade brasileira e debater e elaborar um projeto de política cultural democrático e pluralista para o país."

Prêmio literário ficção Latino-Americana

Um prêmio literário no valor de Cr$ 5 milhões, denominado Prêmio Literário Francisco Matarazzo Sobrinho — Ficção Latino-Americana/1984, acaba de ser lançado, com inscrições abertas até o dia 31 de maio. O prêmio é indivisível, para obras (conto, novela, romance) publicadas em 1982, 1983, 1984. Os interessados deverão inscrever suas obras até a data acima, enviando cinco exemplares, acompanhados de breve curriculum e endereço completo para Centro Cultural Francisco Matarazzo Sobrinho — Rua General Jardim, 595 — Vila Buarque — 01223 — São Paulo — SP. A Comissão Julgadora será constituída por intelectuais de renome, especializados em literatura latino-americana e brasileira, escolhidos pela Diretoria Executiva e coordenada por um representante do Centro Cultural Francisco Matarazzo Sobrinho.

Infanto-juvenis: novos títulos

Novamente **Eglê Malheiros** volta a ocupar o espaço de abertura da coluna, para falar dos últimos lançamentos na área do livro para o público infantil e juvenil. A cada dis são mais editoras investindo no gênero e novos autores que se aventuram a dar seu recado para um público tão importante para o futuro do livro entre nós.

O outro lado do tabuleiro, Eliane Ganem, Ed. Record. Um livro policial? Pode ser. Para garotos? Também pode ser. Um romance que prende o leitor, obriga-o a pensar, e a desmontar os clichês. E fica-nos a pergunta: a Tide tão valente, quando é mais corajosa, ao deslindar os seqüestros ou enfrentar a sobrevivência do cotidiano? Prêmio Alfredo Machado Quintella de 1984, constitui-se em mais um êxito de uma escritora consagrada.

* * *

A história de uma folha, Leo Buscaglia, Ed. Record. Um poema em prosa, de autor norte-americano, abordando o tema da vida e da morte com sensibilidade.

* * *

Ainda da Ed. Record: **Um girassol na janela**, Ganimedes José; **Lendas do céu e da terra**, reedição, Malba Tahan.

* * *



Da Ed. Vozes:
Quem não viu, perdeu, Nick Zarvos. A divertida história de Camilo, que subiu numa nuvem, e viu coisas que ninguém viu.

* * *



Da Ed. Mercado Aberto:
Os meninos que comiam carne crua, Ana Maria Boher. Crianças da classe média entram em contato com outras cuja vida é difícil e pobre. A convivência decorre sem conflitos, baseada na generosidade infantil.

* * *

Da Ed. José Olympio:
A menina e o pássaro Moiá, Lúcia Aizim, il. Pat. Gwinner. A menina pobre, que só vivia a trabalhar, é levada pelo pássaro a participar de estranhas e curiosas aventuras.

* * *

Da Ed. Melhoramentos:
Laurinha vai à praia; A nova irmã de Toquinho: O primeiro dia de aula; A primeira tempestade de Bebeto, Jane Carruter, des. de Tony Hutchings. Para os pequeninos, histórias que abordam as experiências infantis.

* * *

Uma nova Editora na produção para crianças e jovens

A FTD, tradicional editora de livros didáticos, lança-se na área de ficção para a garotada. E já de cara são várias coleções: Coleção Primeiras Histórias: textos curtos e bem ilustrados, para os neoleitores, como **A perereca sapeca**, Heliana Baniga, il. de Mário Barata II; **Algodão doce**, José C. de Cerqueira Cesar, il. de Henele Alexandrina; **Naiá**, Lino Albergaria, il. de Isabel Cristina Passos, entre outros; Coleção Nossa Gente: textos mais longos, para leitores já mais capacitados, aí pelos 9 anos, aventuras, mistérios, vidas e costumes da gente brasileira. Vários títulos, entre os quais: **No fundo dos teus olhos**, Giselda Laporta Nicolelis; **Cinco anos sem chover**, Lino Albergaria; **A turma da tia e os bilhetes misteriosos,** Ganimedes José; e a Coleção Nossa História, com **Sob a cruz das estrelas**, Odette de Barros Mott; **O dia em que a guerra passou por Casa Branca**, Ganimedes José.

* * *

Da **Global Ed.:**
Apresenta dois belos textos de João das Neves, já levados ao palco: **O leiteiro e a menina noite; A história do boizinho estrela.**

* * *

Ed. Memórias Futuras:
Gato pra cá, rato pra lá, Sylvia Orthof, il. Tato. Palavras e desenhos num belo dueto para gente pequena e grande; **Papa-tudo**, Regina Yolanda, texto e il. As aventuras de um peixinho que vai descobrindo o mundo, com belas ilustrações.

* * *

Da Ed. Nova Fronteira:
O baile, Mary e Eliardo França. Um texto divertido, nas palavras e nos desenhos, para o neo-leitor; **O lápis branco**, Clóvis Pacheco. Para que serve o lápis branco. Descubra lendo a história: **Estou de férias e daí?** Kate Lyra. Um texto bilingüe, aborda os problemas de crianças em férias sem ter quem lhes dedique tempo.

* * *

Da Ed. Moderna:
Malasaventuras, Pedro Bandeira. As sempre divertidas histórias de Pedro Malasartes; **Chiquinho Pitomba**; e **Bena Bena valeu a pena?** Pedro Bloch.





REGISTRO

Verdes vales do fim do mundo, *Antonio Bivar, LePM-editores. Nesta "autobiografia precoce", como quer o autor ele nos fala de suas inquietações de suas buscas, de projetos artísticos e do ano e tanto que passou vagando pelo mundo, Londres em especial, desfrutando o prêmio Molière de 1970, ganho com* **Abre a janela e deixa entrar o ar puro e o sol da manhã.** *Com este texto, escrito para ser lido "sem cobranças", ainda nas palavras de Bivar, a Editora inaugura uma nova coleção, intitulada "Olho na rua", onde estão nomes como Gregory Corso, Isadora Duncan, Roberto Piva, Reinaldo de Moraes.*

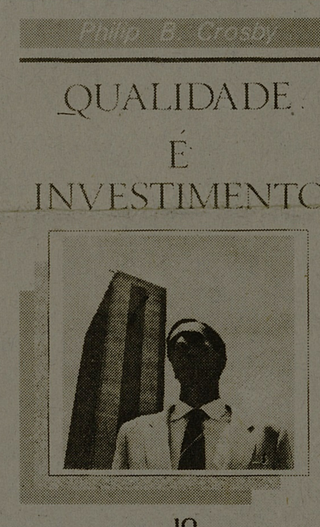
* * *

Comunicação: teoria e política, *José Marques de Melo, Summus Ed. Nome conhecido e respeitado por seus numerosos trabalhos na área de comunicação, o autor abre, com este livro, uma nova coleção — Novas buscas em comunicação. Neste primeiro título estão reunidos ensaios recentes que procuram "dar conta das mutações por que passam a teoria e a pesquisa da comunicação na América Latina, especialmente no Brasil".*

* * *

Henfil na China*(antes da Coca-Cola), Ed. Record. Na quarta de capa o texto começa assim: "Quem conhece Henfil apenas como cartunista vai ter uma surpresa. Ele se revela neste livro um reporter até então desconhecido." E por aí vai, até o final, quando o autor do texto, o próprio Henfil se revela dizendo: "Vocês queriam que um texto de 4ª capa dissesse o quê?" Mas para além do humor, temos aqui uma boa visão da China, vista e sentida por alguém que sabe ver. Nem por outro motivo o livro chega, em pouco tempo, à 15ª edição.*

* * *



O que é autonomia operária, *Lúcia Bruno, Ed. Brasiliense. Neste novo título da cole. Primeiros Passos, um tema candente, que tem as mais variadas interpretações. A autora diz que não quer estabelecer a sua abordagem como a única válida sobre o assunto, mas dar sua contribuição para o tema, que para se tornar realidade depende das condições objetivas na sociedade contemporânea e da posição que cada um venha a ocupar na prática social.*

O armamentismo e o Brasil *(A guerra deles), Ricardo Arnt (org.), Ed. Brasiliense. Seis autores em seis visões distintas tratam de um grave problema da atualidade: o armamentismo e o que ele pode representar para o amanhã da humanidade. Além do organizador participam do volume Amilcar O. Herrera, Clóvis Brigagão, Laymert G. dos Santos, Luiz Pinguelli Rosa, Renato P. Dagnino, que embora diferentes no enfoque, têm em comum o desejo de ampliar a reflexão sobre o tema no Brasil e convocar para que se enfrente o desafio.*

* * *

Textos do Caribe, *Gabriel Garcia Marques, trad. de Joel Silveira, compilação de Jacques Gilard, Ed. Record. Outra face do talento do autor de* **Cem anos de solidão** *estão aqui reunidos. É sua colaboração para a imprensa (jornais* **El Universal** *e* **El Heraldo**), *quando se preparava para uma carreira fulminante nas letras e que bem logo lhe daria fama, dinheiro e o prêmio Nobel de Literatura. São textos densos, vibrantes, abordando temas os mais variados — e onde já se sente o pulso do grande ficcionista. Importante para todos que se preocupam com o problema da criação literária e os começos da atividade do escritor; dois volumes com quase 700 páginas.*

* * *

Gestaltpedagogia - *um caminho para a escola e a educação, Olaf-Axel Burrow e Karlheinz Scherpp, trad. de Luiz Alfredo Lillienthal, Sumjus Ed. Baseados em exercícios práticos, os autores sugerem que a Gestalt, tão utilizada no campo da psicoterapia, pode ser igualmente util no campo da educação. Para isto se utilizam das técnicas e princípios gestálticos, que podem auxiliar na recuperação do nosso ensino.*

* * *

Qualidade é investimento, *Philip B. Crosby. Trad. de Aurea Weissemberg, José Olympio Editora. Subintitulado "a arte de garantir a qualidade", o livro busca demonstrar como em grandes empresas ou em pequenos negócios, o simples princípio do controle de qualidade incrementará os lucros; para isto o autor expõe alguns programas de fácil implementação.*

Escritores delineiam sugestões para SP

Num encontro entre escritores realizado esta semana no plenarinho da Assembléia Legislativa do Estado foram dados os primeiros passos para a elaboração de sugestões que serão levadas a São Paulo, que sedia em abril o II Encontro Nacional de Escritores. Inicialmente muito confusa em função da falta de uma metodologia de condução dos debates, a reunião acabou resultando numa conversa que há muito não reunia, em torno de temas comuns, alguns dos principais autores de Santa Catarina.

Os organizadores do debate (que terá continuidade nos próximos dias 15 e 22) foram Salim Miguel, Alcides Buss, Eglé Malheiros, Bento Silvério, Amílcar Neves, Holdemar Menezes, Carlos Damião e Silveira de Souza, que pretendem analisar todo o temário do Encontro de Escritores para apresentar as sugestões do Estado. Em muitos casos o assunto central derivou para temas paralelos, normalmente em função da gravidade dos problemas que afligem com maior intensidade os autores de Santa Catarina, e houve até casos de "indiretas" que denunciaram rixas pessoais.

De qualquer forma, vieram à tona questões como a falta de leitores, a necessidade de romper com a dominação cultural dos grandes centros, a urgência de se criar bibliotecas em bairros periféricos, a "falta de solidariedade" entre os próprios escritores e, especificamente a nível local, a sugestão de encontros periódicos para debater temas afins. Chegou-se a sugerir a criação de um horário nacional para que as emissoras de rádio e televisão, em cadeia, divulgassem as atividades dos pólos culturais do País, especialmente da periferia.

OMISSÃO

Entre as colocações dos presentes emergiu, em certa hora, uma condenação unânime contra a Associação Catarinense dos Escritores (ACEs), cujo presidente, o poeta Liberato Pinheiro Neto, saíra no início da reunião. Entre acusações de "omissão", "sem representatividade" e "falta de dignidade", concluiu-se que, caso fosse o encontro patrocinado por ela, a freqüência acabaria sendo bem inferior. De um modo geral, os escritores defenderam total autonomia para a Associação ou qualquer especie de corporação representativa, porque só assim haverá condições para lutar pelos direitos comuns.

O poeta Alcides Buss, por exemplo, acredita que somente incorporando um caráter político uma entidade pode assumir compromissos coerentes. "É preciso organização para se criar uma força de pressão sobre os órgãos centralizadores. A cultura deve ser encarada como uma coisa importante e não deve ser manipulada exclusivamente pelos órgãos oficiais".

A reunião serviu também para que se estabelecessem alguns parâmetros de lutas por mecanismos de pressão, reivindicação de verbas para incentivar, pela propaganda, o aumento da leitura, o reforço da idéia de criar pólos culturais alternativos a massificação dos grandes centros, a definição de uma política de cultura e a luta pela revogação das leis de exceção. Um dos itens do temário do Encontro de Escritores é a utilização das imprensas oficiais para a edição de suplementos literarios, sobre o que o escritor Flávio José Cardozo, diretor da Imprensa Oficial do Estado, ponderou de que existe aptidão para isso mas é necessário encontrar um esquema viável de distribuição e um conselho editorial independente.

Para a professora Eglê Malheiros é preciso ainda dividir as verbas, "que também são do povo", com a cultura, sempre deixada de lado. Sobre o tema de provincianismo, que veio à tona em determinado momento, ela ponderou que "combater o provincianismo é combater o isolamento".

NOVO RÁDIO-RELÓGIO NATIONAL. O PREÇO DELE NÃO TIRA O SEU SONO. MOD. RC 6054B.

ESTE É O RÁDIO-RELÓGIO PRA VOCÊ DORMIR TRANQÜILO E ACORDAR SEMPRE DE BOM HUMOR.
AM E FM. DESPERTADOR COM ALARME OU RÁDIO. AJUSTE PARA HORAS E MINUTOS.
PROGRAMAÇÃO CONJUNTA DE AUTO SLEEP E DESPERTADOR. DÍGITOS DE 24 HORAS.
AJUSTE DE INTENSIDADE LUMINOSA. E O QUE É MAIS GOSTOSO: O PREÇO DELE NÃO TIRA O SEU SONO.



National
Koerich
gente nossa
PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS
CONHECA O AMAZONAS

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

408 - MIGUEL, Salim. Livros – Escritores continuam se reunindo.... O Estado, Florianópolis, 24 mar. 1985

Escritores continuam se reunindo

Na última sexta-feira, no mesmo local (plenarinho da Assembléia Legislativa), mais uma vez escritores catarinenses estiveram reunidos, discutindo o temário do Congresso Brasileiro de Escritores, a realizar-se de 17 a 21 de abril em São Paulo. Tratou-se, também, da delegação que representará o Estado, e que deverá ser composta com elementos representativos de todas as tendências, formações e gerações.

Enquanto isto, as notícias que chegam de São Paulo dão conta de que já começam a chegar os nomes de algumas delegações, ao mesmo tempo em que se confirmam os nomes de escritores que irão trabalhar na redação das Resoluções. Assim, Mário da Silva Brito está no tema "Os problemas, os direitos e a organização dos escritores"; Márcio Souza no tema "O escritor e o Estado"; Ledo Ivo na Comissão da Carta de Princípios, e Antonio Hohlfeldt também no tema "Os problemas, os direitos e a organização dos escritores".

Comemorativo do 40.º aniversário do I Congresso, aproveitando a oportunidade da realização deste, o Museu da Imagem e do Som, da Secretaria de Cultura de São Paulo, vai gravar uma série de depoimentos com escritores que participaram do Congresso de 1945.

Mais uma informação: por motivos de segurança, tendo em vista a interdição do Teatro Municipal de São Paulo, onde teve lugar o I Congresso, o de agora será sediado no Teatro Sérgio Cardoso.

Na derradeira reunião preparatória da delegação catarinense, a realizar-se na próxima sexta-feira, dia 29, deverá ser aprovado o documento que a delegação levará como contribuição para os debates e a elaboração do documento final a ser encaminhado ao Governo Tancredo Neves.

CONGRESSO BRASILEIRO DE ESCRITORES

1945 · 1985

RUMO A CULTURA DEMOCRATICA

O Motel de Shepard

Ex-rancheiro, ex-garçom, músico de rock, e atualmente se desdobrando também como ator, roteirista, dramaturgo e escritor, Sam Shepard é hoje nome destacado nos meios artísticos norte-americanos. Com o livro **Crônicas de Motel**, lançado no Brasil pela LePM-editores, o público brasileiro entra em contato com o texto de Shepard, até então inédito entre nós. Poemas curtos, numa linguagem coloquial próxima do que a geração "marginal" vem fazendo no Brasil, contos, crônicas, que trazem muito material autobiográfico, compõem o volume. Da infância na Califórnia à vida como Nômade nos anos 60, Shepard traça um retrato dos sonhos e pesadelos de sua época.

Nascido em 1943, no Illinois, Sam Shepard estreiou em 1962 com o livro **Cowbois**; em 1979 ganhou o prêmio Pulitzer (o mais importante prêmio literário dos Estados Unidos) com **Buried Child**. No cinema, já teve dois filmes onde trabalha como ator exibidos no Brasil, **Cinzas do Paraíso** e **Frances**, este último estrelado por sua atual mulher, Jessica Lange. E é dele o roteiro do melhor filme de Cannes em 1984, **Paris-Texas**, dirigido por Win Wenders.

A questão da informática no Brasil

A questão da informática apaixona. Está na ordem do dia: todos discutem o que ela significará para o futuro da humanidade, todos a comentam, todos falam de sua inegável importância.

Nem é por outro motivo que ainda há pouco vimos acesos debates no Congresso, pela imprensa, em todos os setores de decisão do País. E se as colocações são divergentes, num ponto todos são unânimes: é preciso dominar a informática, criando condições objetivas para sua implantação e desenvolvimento entre nós.

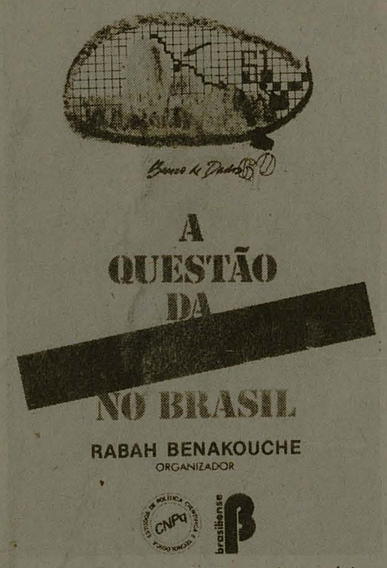
Em discurso o Senado, o Senador Roberto Saturnino afirmava: "Não se trata apenas de uma explosão de novos modos de produção, de novos modos de fazer as coisas, mas de transformações que vão atingir os modos de projetar, os modos de pensar mesmo, a própria vida da humanidade nas suas bases culturais mais profundas."

E logo a seguir:

"As nações que dominarem a tecnologia da informática darão o rumo da evolução da humanidade, serão as nações líderes da próxima era de prodígios. As outras nações, as que ficarem à margem do domínio dessa tecnologia, serão as subnações, serão os países dependentes desta nova era."

Uma contribuição significativa para o debate acaba de aparecer com o livro **A questão da informática no Brasil**, volume organizado pelo prof. Rabah Benakouche, da UFSC, publicação da Editora Brasiliense, com o apoio do CNPq. Na "Apresentação" se declara que o trabalho resulta de um esforço de reflexão desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisas de Política Científica e Tecnológica do CNPq.

Dividido em três partes (1. A



política nacional de informática em questão; 2. A informática como questão de política econômica; 3. A questão ideológica e filosófica da informática), no livro estão nomes tão díspares na maneira de encarar o problema como um Severo Gomes e um Roberto Campos, para ficarmos só neste exemplo. Pois enquanto o segundo defende, dentro de sua linha de pensamento, a ampla participação das multinacionais, com o argumento de que não temos condições de dominar uma tecnologia que demanda tanto investimento, o primeiro insiste em que não só temos condições, como precisamos conseguí-las a todo custo, pois país que não venha a dominar a informática será sem dúvida dominado. Dominar aqui quer dizer mantê-la em suas próprias mãos, com grupos nacionais, não aliená-la.

Entre as outras contribuições para o livro estão as do próprio organizador Rabah Benakouche, de Edison Dytz, Secretário do SEI, e Cícero Barbosa, Michel Thiollent, Roberto C. Martins, Roberto S. Bartholo Jr.

Numa promoção da Universidade Federal de Santa Catarina, **A questão da informática no Brasil** vai ser lançado na próxima quarta-feira, dia 27, às 19 horas, no hall da Reitoria, campus da Trindade.

REGISTRO

História da ação popular - da JUC ao PC do B, *Haroldo Lima, Aldo Arantes, Ed. Alfa-Omega. Neste livro se debate os principais problemas ideológicos com que se defrontou a esquerda brasileira de 1961 a 1972. O livro foi escrito por dois dos fundadores da ex-AP e, além da criação da AP, do golpe militar de 64, dos 20 anos de regime duro, ele aborda outros aspectos importantes da história recente do Brasil: o movimento estudantil das décadas de 60 e 70, a participação dos cristãos na atividade política, a evolução do movimento camponês sob o governo militar, etc.*

* * *

A batalha da Praça da Sé, *Eduardo Maffei, Ed. Philobiblion. O núcleo central deste depoimento é o episódio que ficou conhecido como "A batalha da Praça da Sé". Por ela se verifica como foram as primeiras articulações contrárias à marcha integralista e a distribuição de forças entre a frente única das esquerdas. Edgar Carone acentua, na "orelha" que o livro de Maffei "é um documento necessário para o conhecimento deste período conturbado e rico do nosso passado". Vol. 1 da Col. Redescobrimento do Brasil.*

* * *

Dialética e História, *Oscar Negt, trad. e apresentação de Ernildo Stein, Ed. Movimento. O autor, reconhecendo a importância do marxismo, insiste na necessidade de uma reavaliação de tudo o que se disse e se pensou sobre o assunto. Prega a necessidade, também, da criação de novas formas políticas de atuação.*

* * *

Aos pais de adolescentes, *Eduardo Kalina e Halina Grynberg, Ed. Francisco Alves. O livro tenta uma aproximação entre os pais e seus adolescentes, entre professores e alunos, buscando maior compreensão sobre a fase rica e tumultuada da adolescência. Publicado pela primeira vez em 1974, o texto, por suas colocações, por seu enfoque, pelo que empreende para a melhor compreensão do universo do adolescente, permanece válido e atual.*

* * *

Ecologia humana — *Realidade e pesquisa, Maria José de Araújo Lima, Ed. Vozes. Depois de examinar o problema da intervenção ambiental e suas consequências, a autora chama a atenção para a necessidade urgente de introduzir programas de educação que reforcem a integração do homem com o ambiente. Maria José, bióloga, mestra em Educação, é professora adjunta do Departamento de Biologia da UFRPE*

* * *

Cristão na Universidade e na Política, *Pe. José Oscar Beozzo, Ed. Vozes. O trabalho narra os primeiros passos da história do movimento dos cristãos brasileiros na universidade e sua busca em direção ao povo e às suas lutas pela libertação. O presente trabalho foi originariamente elaborado em francês e apresentado como conclusão do Curso de Ciências Sociais na Universidade Católica de Louvaina.*

* * *

As empresas médicas, *Hésio Cordeiro, Ed. Graal. O autor analisa a constituição e o desenvolvimento das empresas médicas, a partir de pesquisas em instituições deste tipo sediadas no Rio de Janeiro e da história da Previdência Social brasileira. O livro é uma contribuição válida para a compreensão dos desafios colocados neste momento de transição democrática no campo das políticas sociais.*

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O espaço da coluna é ocupado hoje por* Eglê Malheiros. *Transcrevemos o texto que ela fez para o livro de contos* O dia do juízo, *de Valdomiro Santana, publicado pela Ed. Philobiblion/RJ, na coleção Prosa Brasileira. Ficcionista, crítico, argumentista e roteirista de cinema, VS é baiano, tendo residido durante alguns anos no Rio, onde foi um dos editores da revista* Ficção, *que circulou em fins da década de setenta.

PELE E SENTIMENTO

A Bíblia nos fala de uma ira santa. Deve ser um sentimento assim o que move Valdomiro Santana. Sua arte nos presentifica o outro lado do *Brasil grande,* o lado que se procurou fingir que não existia.

São contos que tratam de gente, e de tão sofrida gente para quem o único valor que resta é o da sobrevivência.

Alguém há de dizer: *De novo? Já temos tanto disso!* Infelizmente, o velho tema é atual. E em sua atualidade é tratado. Com extrema pertinência. Numa sociedade de classes, *progresso* não significa a mesma coisa para toda a população. Há, além deste fato, uma contribuição do autor: ele não se debruça sobre personagens *diferentes* ele se coloca na ótica de suas criaturas.

O conto que abre o volume, tem uma epígrafe tirada do *Deuteronômio*: "Cuide de nunca esquecer o que você viu com os seus olhos, e tome cuidado para que isto jamais saia do seu coração, enquanto tiver vida; e ensine-o aos seus filhos, e aos filhos de seus filhos", que bem poderia ser a de todo o livro.

Hesito em usar o verbo *narrar* para os escritos de Valdomiro. Parece haver neste verbo uma conotação de distanciamento, já que estes são contos que nos cercam, nos sitiam.

"*O Coração na Ponta dos Dedos*" é, em seu cerne, a história da formação de um brasileiro. Um desses garotos, igual a milhões no Brasil, que cursam as mesmas universidades que cursou Gorki. O encontro precoce com a dura realidade da vida, o afastamento do pai (vítima da repressão), o trabalho no boteco, ao mesmo tempo em que individualizam o personagem, fazem-no irmão de outros milhões. Numa prosa contida, passando-nos um pouco daquele pudor que têm as pessoas ao falar de suas experiências sofridas, acompanhamos a educação do garoto. Quando o pai volta, o conto atinge seu ponto máximo. As tentativas canhestras de reaproximação, a volta à vida do que restara do homem outrora exuberante, tudo nos chega numa carga muito grande de emoção. Devagar, muito devagar, a vida se remenda: "Um domingo, mamãe fez uma surpresa pro almoço: dobradinha. E antes dela pôr a mesa, ele sentiu o cheiro e vi como seus olhos brilharam. E ele começou a chorar e rir ao mesmo tempo. A mesma risada solta, gostosa, que eu não ouvia há anos. Depois ele me fitou sério, pensativo, e seus olhos foram longe, buscando uma lembrança, me medindo. E passou a mão em meu rosto e sentiu minha barba. E ficamos olhando um pro outro. Olhando nos olhos. Até que a Baixinha falou "vamos comer senão esfria". Aí então abri uma Pirassununga e pus dois dedos pra mim e dois pra ele. Bebemos de uma talagada só"

Ao terminarmos a leitura, temos de mudar o verbo: a vida se refaz. E é esta a grande força revolucionária. Justamente por ir fundo na sensibilidade de pessoas que talvez sejam incapazes de verbalizar a variada gama de sentimentos que as habita, o conto acaba sendo também um diálogo sarcástico não explicitado com uma certa literatura que se dedica à análise das complexas reações de *seres de eleição.*

O pai, a mãe e o filho se afirmam como pessoas, porque apesar de tudo sabem rir, riso de alegria e incontido desafio, e porque não perdem a consciência de si mesmos e buscam, como um direito, a alegria e o prazer. A amizade entre pai e filho, que beira a cumplicidade, é um elemento básico. E vai se demonstrar mais uma pena imposta ao garoto. Com o pai preso, ele não perde apenas conforto, segurança. Perde também o florescer desta amizade e a lição do amor vivido pelos pais.

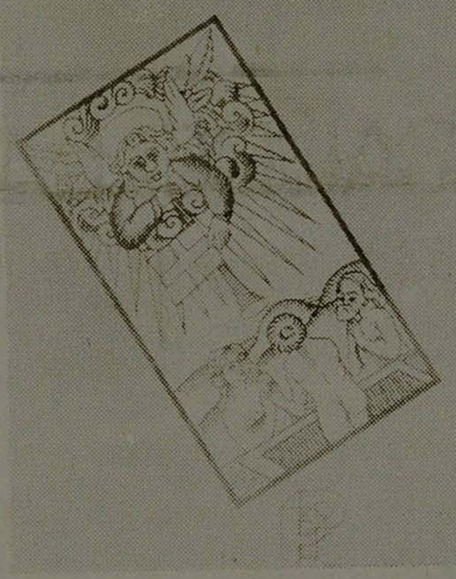
Os outros contos vão nos demonstrar (sem que seja essa a intenção do Autor, mas nascidos de sua experiência, daquilo que o impregnou, formando equações várias, formando verdades em diferentes níveis) que tais amputações não são obra apenas da violência policial e da tentativa de desmobilizar as vanguardas operárias. São a essência mesma do sistema capitalista.

Alguém há de pensar: "Afinal, são contos ou são teses?" Ora, o que há é uma recuperação muito eficiente das falas populares e uma capacidade quase cinematográfica de fazer desfilar cenas e imagens que adquirem seu nexo em profundidades várias. Há economia verbal, muito cuidado com a adjetivação. Estamos, por certo, diante de um leitor atento de Machado e Graciliano, que aprendeu a lição e a sua com sua funda marca pessoal.

Houve época em que foi moda escrever *cromos*. Textos curtos e leves, descrevendo, de modo lírico, uma cena ou um personagem. Será que um desses cromos servou de anti-modelo para *Craque Café?* Poucas páginas, de desenrolar acelerado, que vai se congelar na cena final: o triunfo (mágico) de Nego Baio não é senão a permanência da derrota do menino que não teve infância.

VALDOMIRO SANTANA

O DIA DO JUÍZO



A Hora de Cada Um pode ser considerado um estudo sobre a fatalidade. Não no sentido de *maktub*, mas da certeza de que já conhecemos os personagens e continuamos a encontrá-los por aí enquanto ficar intacto o modelo econômico. lavradores expulsos pelo latifúndio vão tentar a vida em São Paulo. Para as mulheres, a saída (?) da prostituição. Fiel à valorização do que temos de tradicional, um filho vai repetir a sina do pai. E é para preservar esses valores que a boa gente se arrepia ante qualquer tênue ensaio de reforma agrária ou de qualquer medida que diminua o exército de reserva de mão-de-obra.

Quando a fábrca consome o operário, onde ficam o amor paterno, o carinho que dizem caracterizar a famíloa cristã?

Talvez o final do conto responda:

Tomo outra pra rebatar, pago e chamo:
—Vambora, pai.
Escorado no balção.
Sacudo, torno chamar:
— A bóia.
Ele ajeita a muleta, cambaleia. Vou segurando.
Pisando na lama. Não sabe ele que comecei a trabalhar no Nitro. Só mãe, e ela me pediu que eu tivesse muito cuidado".

Nena, o Turco, o Homenzinho e a Pataota é um afresco sobre a estratégia de sobrevivência. Sua composição é bastante complexa: abre com a calma melancolia do bar semi-deserto, a seguir focaliza o tumulto provocado pelo homenzinho, volta à calma inicial e termina com a conquista pelo Corintians, após 23 anos, do campeonato paulista de futebol em 1977. Há uma galeria de personagens, alguns criados apenas pelo diálogo, muiro representativos de uma fauna humana de São Paulo. A Vida de Nena (que aparece também em *A Hora de cada Um*) se mostra em toda a sua crueza, ainda mais que fora da prostituição ela não tem alternativa.

O episódio do homenzinho é perpassado por um humor groso e corrosivo, com boa dose se autogozação. Essa autogosação se constitui num dos elementos-chave da estratégia de sobrevivência. O homenzinho leva ao paroxismo sua preferência pelo Corintians; é o futebol como instrumento de alienação, no sentido de desvio dos interesses vitais e de defesa contra a loucura.

O sentimento central no conto, em que pesem a euforia da torcida e a ligação (precária) que se estabelece entre Nena e o turco, é de solidão e desenraizamento.

Em *Afonso*, Valdomiro se afasta da temática das classes populares. Temos o estudo da formação de um dirigente bruguês. Uma vida vazia, vuscando afirmar-se para negar a angústia e as dúvidas. O amor não existe; o sexo, genitalizado, é pura obcenidade. Afonso em vão procura o prazer, e portanto está bem capacitado para mandar e degradar.

O Mundo Dá Muitas Voltas faz pensar numa vertente da literatura contemporânea (na sua maior parte dirigida às crianças) que atribui a culpa de todos os problemas à cidade e elege o campo como o paraíso perdido. Não foi por certo a felicidade que fez o personagem sair à procura de um bode expiatório.

Amizade é uma história de infância. Aqui o Autor como que se desarma, deixa de lado a aspereza e reencontra o tom do conto inicial. Há muita sensibilidade em captar o nascimento da fraternidade e do sentimento de respeito ao outro.

O Dia do Juízo é um painel dantesco, com um sentido trágico externo. Já se disse que a essência da tragédia são as forças cegas do destino. Ei-las presentes: cegas, surdas, mudas, as forças do desenvolvimento capitalista, num país periférico, sob regime ditatorial. Quem acompanhou a construção dos metrôs em São Paulo e no Rio de janeiro, e da ponte Rio—Niterói, sabe qual é o cimento que lhes garante a estrutura. A capacidade de usar as palavras para nos passar toda a brutalidade e desumanização a que são submetidos os operários, e ao mesmo tempo a esência de humanidade, ternura e solidariedade que há em cada um deles, atesta a maestria do escritor.

Terminei a leitura do livro com uma sensação de soco no estômago. E, paradaxalmente, alegre, pela afirmação insofismável de um escritor.

Escritor capaz de criar personagens que se mostram e se escondem, que na aparência se entregam desde logo, mas que se revelam complexos e contraditórios a um exame mais profundo. Nem de longe a atitude naturalista de *essa gente é assim mesmo*; pelo contrário, é o esforço consciente para fazer surgir uma verdade que luta por aflorar.

Entre as várias leituras possíveis, uma conclusão se impõe com clareza meridiana: a profunda imoralidade e a absoluta falta de futuro do modelo brasileiro de desenvolvimento.

Aqui, é bom nos voltarmos para a biografia ao Autor: verificamos que ele soube transformar em arte, soube universalizar muito do que viveu ou presenciou. Sem autocompaixão, sem pieguice. Atento à realidade que o cerca, transfundindo-a.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LEITURA/ Crítica

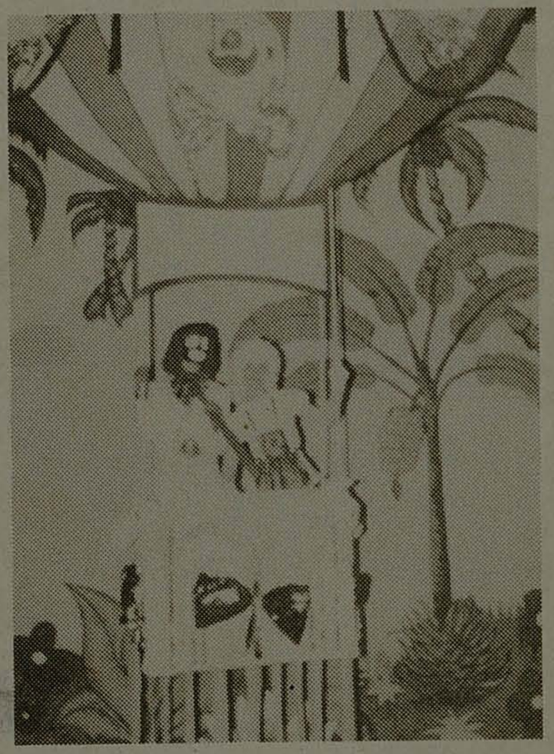
Salim Miguel **410**

A PAIXÃO DO POEMA

Poema é também paixão. Ou é essencialmente paixão, sei lá. É necessário sentir o gosto da palavra, sua aspereza e/ou delicadeza, tentar penetrá-la até o mais íntimo, saber manipulá-la para que, ao se auto-comover, o poeta transmita idêntica comoção (ou diferentes níveis de comoção dependendo dos diversos níveis de leitura e entendimento que o texto provoque) ao outro, com a mesma carga e intensidade.

Mas ao manipular a palavra torna-se indispensável fazê-lo com sensibilidade, para que ela não perca sua verdade e força original, e que esta manipulação possibilite que adquira uma dimensão nova e uma carga significante que permaneça e comova para além da simples primeira leitura, adquirindo forma, volume, gosto, cor, cheiro, textura.

Tudo isto é perceptível e está presente na poesia de Adélia Prado, mulher, dona de casa, católica, poeta, de quem Cremilda Medina disse: "Adélia Prado não se fez poeta. Nasceu em Divinópolis, interior de Minas, em 1936, e Deus houve por bem dotá-la de fala poética. "Desta singular mulher, onde misticismo e erotismo se confundem e complementam, mestre Drummond afirmou: "é lírica, é bíblica, faz poesia como faz bom tempo". Lúcida e intuitiva, ela trabalha o verso com clara consciência do valor de seu texto. No poema "O espírito das línguas", in **Terra de Santa Cruz,** 2ª Edição, Ed. Guanabara, 1986, por exemplo, ela diz: "Descuidada de que me entendam ou não,/ falo as palavras,/para mim também e primeiro,/incompreensíveis./As artes falam humanês,/também as caras dos homens,/escrevem o mesmo código". Ela trabalha o verso longo e numa ilusória impressão de falta de unidade ao texto, que se fecha todo uniforme e coeso.



Não será demais, agora que teremos a visita de Adélia Prado neste final de semana, dentro do projeto Encontro Marcado, a se realizar-se na UFSC, dar algumas informações a respeito de um nome que, do interior mineiro, rapidamente se projetou para o Brasil inteiro e para outros países onde sua obra começa a ser traduzida e estudada.

Num país onde muitos já querem nascer gênios, novos Rimbaud, Adélia Prado foi publicar seu primeiro livro aos 40 anos de idade. Certamente devia escrever desde bem antes, devia ler muito, se avaliar e preparar, olhar com olhar crítico o mundo que a cercava, o mundo-mundo e o mundo das letras. E em pouco tempo, exatos dez anos (1976/1986), sem se afastar de sua Divinópolis, tornou-se uma das vozes mais expressivas da poesia brasileira.

Sua obra, até hoje, se compõe de seis títulos: **Bagagem; O coração disparado; Solta os cachorros; Cacos para um vitral; Os componentes da banda; Terra de Santa Cruz.** Em todos, seja nos poemas ou na prosa (e dizemos poemas intencionalmente porque mesmo na prosa de Adélia Prado há poesia, uma poesia difusa banhando tudo) a mesma consciência e a mesma preocupação: transformar os miúdos acontecimentos do seu dia-a-dia em material altamente poético, dominado pela paixão. É um instrumento de captação e recriação da realidade sob a ótica de uma sensibilidade e de uma inteligência abertas para o que a rodeia, não se circunscrevendo aos temas para transmiti-los de forma convencional (nem buscando o exótico) mas para dá-los sob um enfoque pessoalíssimo.

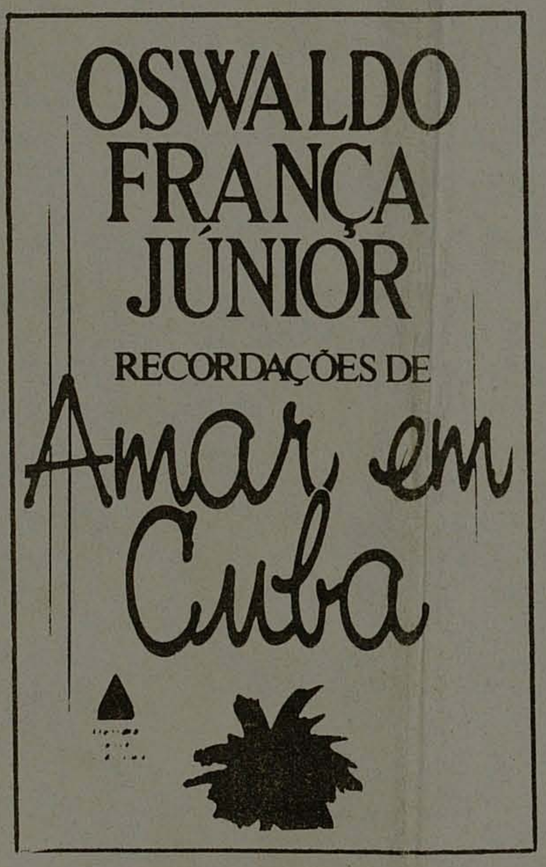
No caso da poesia (e Adélia Prado é poesia) o bom não é falar dela, mas conhecê-la, lendo-a. Veja o tratamento que ela dá a um tema simples como o deste "Casamento": Há mulheres que dizem:/Meu marido, se quiser pescar, pesque,/mas que limpe os peixes./Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,/ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar./É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha, /de vez em quando os cotovelos se esbarram,/ele fala coisas assim "este foi difícil/prateou no ar dando rabanadas"/e faz o gesto com a mão./O silêncio de quando nos vimos a primeira vez/atravessa a cozinha como um rio profundo./Por fim, os peixes na travessa,/vamos dormir./Coisas prateadas espocam: somos noivo e noiva."No mais, é lê-la mais — para conhecê-la melhor.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

A magia da palavra ou

Viajando sem sair de casa

ATRAVÉS de um artifício ficcional, frágil fio denominado Ariane, que atravessa romanticamente a narrativa, Oswaldo França Júnior constrói seu mais recente livro, ***Recordações de amar em Cuba,*** *que acaba de sair pela Ed. Nova Fronteira/ RJ. Nem importa saber se a mulher realmente existiu ou se é ela amálgama das muitas que França deve ter conhecido na temporada em que esteve em Cuba como convidado, para participar do júri do Prêmio Casa das Américas. Mera ficção ou figura de carne e osso, esta nova Ariadne serve, com seu fio, para puxar o leitor pela mão e levá-lo a sentir e perceber, ver e intuir o que era a Cuba de ontem e o que é a Cuba de hoje. E nos dá um retrato pertinente das profundas transformações sociais pelas quais o país passou.*



O tema viagem é inesgotável e fascinante. Conhecer novas terras e novas gentes, estudar hábitos e costumes diferentes sempre atraiu a humanidade. As narrativas, orais ou escritas, fazem com que as pessoas se sintam por igual viajantes sem sair de casa, levadas pela magia da palavra. Para nos atermos a apenas dois exemplos clássicos de relatos de viagem citaríamos ***Peregrinações,*** *de Fernão Mendes Pinto, texto que de tão fantasioso transformou o nome do autor numa pergunta/resposta, "Fernão Mendes? Minto!" e* ***As viagens*** *de Marco Polo.*

No caso de Cuba existiam vários ingredientes que atraíam ainda mais: a curiosidade em saber de que modo uma pequena ilha com apenas dez milhões de habitantes podia resistir às investidas dos EUA, a nação mais poderosa do mundo; e o fato de que, durante os duros anos da ditadura no Brasil, até mesmo a palavra Cuba era perigosa. Quanto mais tentar ir lá. Junte-se a isto a verdadeira legenda mitificada em que se transformaram um Che Guevara ou um Fidel Castro.

O primeiro livro a romper o cerco foi ***A Ilha,*** *de Fernando Moraes, publicado pela Ed. Alfa-Omega/SP, lançado há alguns anos e que tanto impacto causou, tornando-se logo em sucesso de livraria.*

Lógico que o tema viagem deveria interessar o Oswaldo França Júnior, ex-aviador, ex-dono de frota de táxi, ex-dono de banca de jornais. Além de tais elementos exteriores, poder-se-ia ir mais longe. Afinal o livro que o projetou na literatura brasileira é também um relato de viagem. Em linguagem coloquial e saborosa, no romance ***Jorge, um brasileiro*** *ele narra as peripécias de motoristas de caminhão pelas estradas. Tem mais: talvez fosse possível traçar toda uma análise da obra literária de França investigando o tema viagem, seja a interior em textos como* ***A volta para Marilda*** *ou* ***O Viúvo,*** *seja nas buscas de* ***Um dia no Rio****, seja até mesmo em títulos como* ***Aqui e em outros lugares.*** *Deixamos a sugestão para os estudiosos dos fenômenos da criação.*

Recordações de amar em Cuba *é um texto linear e cronológico, escrito com sabor e simplicidade, acompanhando as andanças do autor e mais escritores brasileiros (outros latino-americanos) em Cuba. Exímio contador de histórias, França é capaz de fazer com que o leitor se integre à sua viagem e dela participe. Pois não basta, aqui como em qualquer escrito, ter o que contar; o mais importante é saber o que e o como contar, o que selecionar por entre as infindáveis impressões e sensações que nos chegam. França sabe. Mesmo quando nos deixa achando que as passagens com Ariane poderiam facilmente ser destacadas do corpo geral, transformando-se num conto de amor. Daí o termos usado logo no início a expressão "artifício ficcional". Isto, claro, não invalida o depoimento, nem diminui o interesse da leitura. Pode, até, em determinados momentos, acrescentar uma pincelada de suspense e erotismo, como no trecho onde o narrador, depois de sofrer em busca de um quarto vago em hotel, motel, pensão, etc., está pronto para ir para a cama com Ariane, mas é convocado para uma misteriosa reunião noturna. Que resulta num encontro com Fidel. O tempo passa e ele dividido: quer ficar e participar do papo com o chefe supremo, mas quer ir logo para o lugar onde Ariane o espera. E ele oscila sem se decidir.*

De volta ao Brasil, o artifício ficcional que era Ariane, o fio que o prendia a Cuba, se esvai. E o livro se fecha com outra viagem, para entregar a Tancredo Neves a encomenda que Castro lhe mandava.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O ESTADO
2 Florianópolis, 19/10/86
LEITURA/ Crítica
Salim Miguel 412

UMA DESCIDA AOS INFERNOS



Mal desembarca no porto do Recife, o finlandês Paavo Virkhunen já é alertado para o que irá encontrar na região nordestina. Ao enxotar um vulto da porta de um bar, alguém lhe informa: "— Não é uma mulher, é uma retirante".

O aviso serve, também, ao leitor que for se aventurar por aquele verdadeiro inferno de Dante. Porque, a partir logo do início, o autor nos dá, com palavras simples e esclarecedoras, uma das chaves de sua proposta. Tudo então se torna possível.

Claro que num texto tão rico outras chaves existem. Depende da sensibilidade do leitor saber encontrá-las num universo ficcional que oferece numerosos níveis de leitura.

Com este seu novo romance, *Suomi*, Ed. Guanabara/RJ, Paulo de Carvalho-Neto nos oferece um texto sufocante, que por vezes somos obrigados a largar com uma sensação de náusea. Logo o retomamos, sequiosos. O humor que dele transpira, (quase sempre um humor macabro, tenebroso) mal nos deixa respirar. Sufocamos, invadidos pela fedentina que se desprende dos corpos em putrefação, pela mistura de gazes asfixiantes, dos pratos e temperos que nos são oferecidos, pela paisagem estorricada, pelos diálogos secos e cortantes, diálogos que se entrecruzam entre os participantes. Num antropomorfismo onde todos se intercomunicam com tudo, é preciso saber apreender, por exemplo, as razões da fala arrevesada dos urubus ("Nom tem suco") e o que tais falas significam em sua mais profunda verdade.

Se o texto em si, como estrutura narrativa, não causa maiores surpresas para quem já conhecia outros escritos do autor - o fascinante romance picresco *Meu tio Atahualpa*, os instigantes e intrigantes contos do *Decameron Ecuatoriano* e das *Histórias de lo Divino* - não é sem arrepios de pavor que vamos acompanhando o angustiante mundo de **Suomi.**

Miséria e fome, tendo como corolário a morte, parecem-nos os personagens principais do romance. Paulo de Carvalho-Neto nos envolve, com tais elementos e com uma parafernália de figurações e figurantes que se vão construindo ao longo das 400 páginas, em sua fantástica aventura. Logo perdemos a noção de tempo, a noção do que é realidade e do que é imaginação, do que é lenda, mito, causo, folclore, fantasmagoria, e do que é captado de um dia-a-dia dramático, bem conhecido de todos que já leram algo sobre a região ou já estiveram, ainda que por breve perído, no Nordeste do Brasil.

O finlandês Paavo Virkhunen tem que sair de seu País. Desentendeu-se com o sogro, colaborador dos nazistas que dominam sua terra. Ele é, por igual, obrigado a deixar sua mulher. Trai os amigos. Desarvora-se. Junta-se a outros iguais a ele.

Por que busca o Brasil? Não tem certeza. Talvez porque numa latinha lá está o nome mágico: café do Brasil. Ou porque o cônsul incentiva-o falando das maravilhas do mundo tropical. E é para este País que ele se dirige. Paavo imagina uma terra de maravilhas: ali tudo é fácil, é belo, é bom. Ele poderá iniciar uma vida nova, esquecendo o que lhe fizeram e o que fez aos outros.

A realidade com que se defronta é diferente. O que vê nada tem de parecido com aquilo que imaginara. Já ao desembarcar no porto, a primeira decepção. Mas Paavo não desiste. Resolve, depois de ter como cicerone um nativo extrovertido, tocar-se para o sertão. Ali, pensa, irá encontrar o verdadeiro Brasil.

A partir daí Paulo de Carvalho-Neto funde ainda mais realidade e fantasia. A caminhada de Paavo até o paraíso perdido com que lhe acena seu guia, é um desfilar de horrores. Quando afinal alcança seu destino, ainda é ele e já não é ele. O sol inclemente, a terra árida, a seca, o calor asfixiante, as desgraças que vão se amontoando à sua passagem, tudo se embaralha na mente daquele homem.

Paavo não desiste. Não pode desistir. Ele sonha: quer criar uma nova civilização, quer a redenção própria e a daquela gente, deseja transformar Pau Seco (ex-Pau Florido) num novo paraíso, o paraíso com que lhe acenaram a lata de café Brasil, os folhetos, o consul, o Índio Paraíba.

O romance se estrutura basicamente em dois planos que se fundem e se confundem: num deles Paavo vai chegar, chegou e vai transformar Pau Seco numa autêntico paraíso (não aquele infecto boteco que carrega impunemente tal denominação); e no outro, José Cristo Virkhunen quer deixar aquele inferno que desmorona mais e mais, fazendo o caminho inverso ao de seu pai. Mas o torna-viagem de José Cristo é tão impossível quanto o sonho de Paavo.

É preciso estar atento aos muitos aspectos do romance. Mas é preciso, particularmente, estar atento a simbologia que o atravessa.

Tome-se, como exemplo, José Cristo. Ou tome-se Raimunda.

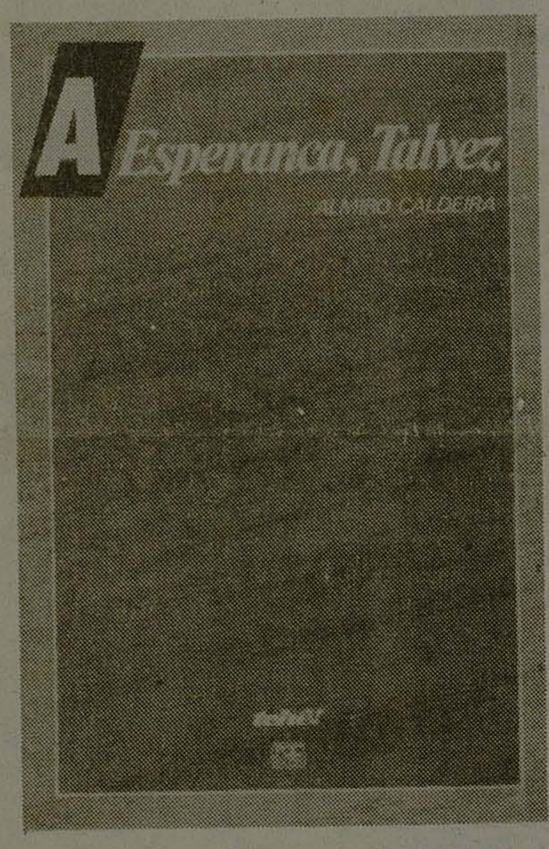
No primeiro, o prenome comum se multiplicando e o Cristo que significa calvário, sofrimento; no segundo, o Raimunda (que é a distante amada finlandesa Tuula) que nos remete para o "Munda", aquele "mundo" que vai sendo gradativamente apreendido. Haveria necessidade, ainda, de referências ao **Kalevala,** poema épico finlandês que marca passagens do texto de Paulo de Carvalho-Neto, criando uma simbiose onde elementos contraditórios se intercambiam.

Por fim, em meio aos delírios e pesadelos, deixando para trás as ruinas de mais um sonho, José Cristo tenta atingir o "grande navio branco **Suomi",** que apita insistentemente chamando-o. Lá na proa, o velho Paavo. Da longínqua linha do horizonte, mar e céu e terra se confundem.

Como se todas estas desgraçam não bastassem, Paulo de Carvalho-Neto conclui: "A filha da Danada pediu ajuda em 1964 para arrasar as Ligas Camponensas do Nordeste". Outro sonho se esboroava. A luta dos companheiros extingia-se.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

DOIS ROMANCES, ALGUMAS APROXIMAÇÕES



Dois livros, duas propostas, algumas aproximações: *A esperança, talvez*, de Almiro Caldeira, Editora Tchê/co-edição FCC, RS/SC-1986; *Noites no sobrado*, de Laury Maciel, Editora Mercado Aberto, RS-1986.

No primeiro, a caminhada do pastor alemão e de sua mulher, que se defrontam com problemas de adaptação na desconhecida cidadezinha brasileira onde ele vai pregar; no segundo, o jovem padre recém-saído do Seminário, que chega a uma pequena e decadente localidade no interior gaúcho e procura se situar. Em ambos, a necessidade íntima de se afirmarem, suas certezas e suas vacilações, os tormentos da carne, o envolvimento nos entrechoques do dia-a-dia da população.

* * *

Comecemos pelo romance do catarinense Almiro Caldeira. A primeira observação é que ele deixa de lado o tema da colonização açoriana, tão presente em sua ficção anterior.

Almiro Caldeira vinha buscando, num trabalho minucioso e paciente, recuperar não só parte de nosso passado, mas também recriar o linguajar típico e situações características de um modo de agir e pensar. Isto pode ser claramente notado na trilogia (Rocamaranha; Arca Açoriana; Ao Encontro da manhã) *e no livro de contos* Maré Alta. *Embora trabalhe ficcionalmente, o autor se mantém fiel à reconstituição histórica, fundindo realidade e imaginação. Assim, em* Rocamaranha *é a trajetória dos açorianos (1748) em busca de uma nova terra e do sonho de uma vida melhor;* Arca Açoriana *revela de que maneira se deu a ocupação espanhola da Ilha (1777) e suas conseqüências;* Ao Encontro da Manhã *descreve o trauma que representou, para os imigrantes ou seus descendentes, a presença de Moreira Cesar e a repressão que daí resultou (1893), com o fuzilamento de mais de uma centena de catarinenses na Fortaleza de Anhatomirim.*

Neste A Esperança, Talvez, *se bem que Almiro Caldeira se atenha à recuperação do passado histórico, seu interesse se desloca dos açorianos para se centrar nos imigrantes alemães, que a partir de meados do século passado começaram a se tornar presença constante (e marcante) na história de Santa Catarina.*

A trama acompanha a vida do pastor Ernest, que chega com a mulher a Florianópolis. O ano: 1923. E assim, através de anotações que por vezes recuam no tempo, vamos acompanhando a história do casal e a história da cidade, do País e do mundo.

O casal: ele, filho de alemães que fora estudar na terra de seus pais, que teve que interromper os estudos por causa da Primeira Grande Guerra, que voltou depois para completá-los; ela, alemã que ficara esperando o amiguinho de brincadeiras juvenis e que agora acompanha o marido na nova terra.

O livro é dividido em cinco blocos, que vão de 1923 a 1942, quando já estamos em outra grande guerra, a Segunda. Mas embora cronologicamente montados, existem, em cada bloco, recuos que remetem o leitor para uma compreensão melhor daquele universo. Ao mesmo tempo em que delinea a vida na cidade, o autor estrutura seus pesornagens e nos dá um panorama do mundo, com seus entrechoques, suas lutas, suas incompreensões. Na Europa é o surgimento de Hitler, no Brasil é a ANL, depois o crescimento do partido Integralista, depois o Estado Novo, depois o afundamento de navios e a entrada do Brasil na guerra.

De que maneira tudo isto se reflete na vida do pastor e em sua personalidade é o que Almiro busca transmitir ao leitor. A linguagem flui e há uma contenção maior da frase. Os trechos do diário que se intercalam à narrativa nos ajudam a melhor compreender a personalidade do pastor e de sua mulher com seus princípios rígidos. E sem muita surpresa que vemos seu envolvimento com a professora, sua queda, sua fuga para Porto Alegre, a luta para se redimir. Mas com tudo isto ele se tornou mais um ser humano igual aos outros.

O estilo é sóbrio, o tratamento adequado, por vezes com belas imagens, como, por exemplo, quando pela primeira vez o pastor consegue ter relações com sua mulher. Em poucas palavras ele diz tudo. Vejamos: "No campanário, o relógio martela as horas; no jardim a flor-da-meia-noite se abre sob o orvalho". É uma descrição sutil e poética das relações sexuais do casal.

* * *

Laury Maciel, gaúcho, é autor de dois excelentes livros de contos *(Corpo e Sombra; e O Homem que Amava Cavalos),* e com eles tornou-se bastante conhecido e admirado. Seu estio é contido e preciso, com o social e o psicológico se fundindo e complementando harmoniosamente. Ele recria com pertinência cenas, paisagens, situações e figuras.

Agora, em *Noites no Casarão,* seu projeto é mais abrangente. Através da figura do padre Baltazar, ele busca recuperar um mundo perdido, revelando ao leitor a brutal decadência de uma cidade interiorana. Neste romance que se pode denominar *crônica de costumes,* temos um universo fervilhante de intrigas, inveja, ciúme, paixões desenfreadas, luta pelo poder.

O padre Baltazar, recém-saído do seminário, chega a sua primeira paróquia. Logo é rodeado pelas beatas, pelos donos da região, pelos poderes em choque, se vê envolvido nas intrigas políticas, nas futricas das comadres. Um quadro conhecido de quem já (con)viveu em regiões interioranas. O jovem padre atrai simpatias e antipatias, os homens o olham de viés, as mulheres se sentem atraídas por ele. Mas ele sente-se atraído é pela mulher do ex-poderoso dono da terra. Luta, se martiriza, quer resistir. Em vão. A carne é mais forte.

Mas se esta luta interior do padre Baltazar é um dos eixos do romance, a trama não se resume a isto. Vai além: traça com profeciência um expressivo painel de um determinado periódo da vida brasileira, centrada na década de 30. E enquanto situações e episódios vão desfilando, o leitor vai tomando conhecimento de uma época que trouxe transformações e embates ao País. Tudo visto através de uma comunidade que não quer perder seu *status,* mas que não sabe como reagir. O final é previsível e melancólico.

Também o padre não sabe como reagir aos enleios da sensual e insatisfeita Daimar. A chegada do padre Baltazar à localidade foi num barco igualmente chamado Daimar. E aí nota-se uma dupla simbologia: o homem que se encontrava no útero daquela embarcação que o leva para lugares desconhecidos e a mulher que



o envolve com seu fascínio, de um lado; do outro, o padre capitula da mesma forma que Santa Cristina vai capitular diante das novas forças que levarão a sede da comarca para mais adiante.

Bom criador de tipos e situações, Laury Maciel tem em Maruca da Guarda uma de suas melhores figuras. Embora não apareça, seja apenas referida por outros personagens, ela é presença obsessiva. Assim os dois irmãos que se amam num amor incestuoso, o atual homem forte da localidade e o outro que quer recuperar seu poder, entre tantos.

* * *

O que aproximaria estes dois romances lançados na mesma época? Não certamente o estilo, a linguagem, o tratamento da narrativa. Mas sim a preocupação com a recuperação do passado, fixando os acontecimentos dentro de datas delimitadas, a preocupação com a estrutura dos personagens, o envolvimento dos personagens centrais- o pastor e o padre

— com a vida que fervilha e que os leva para além de um projeto de vida que se haviam traçado. E em ambos, também, pode-se anotar o eco distante de um tema que vem de longe e que sempre retorna: a força dos sentidos, o poder da carne, tão presente, por exemplo, num *O Crime do Padre Amaro,* de Eça de Queiroz.

O tema é bem mais ambicioso. Deixamo-lo aqui para quem quiser desenvolvê-lo, debruçando-se sobre os processos de criação literária e sobre as sempre possíveis aproximações entre autor e autor, tema e tema, tratamento e tratamento, estrutura narrativa e estrutura narrativa.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Ausências e acréscimos

Este *Pequeno Guia da Literatura Universal*, de Luiz Carlos Lisboa, Ed. Forense-Universitária/RJ, me deixa a mesma sensação que me provocam as antologias e as seleções de textos. Por mais abrangentes que possam parecer temos, sempre, algo a lhes acrescentar. Ou até mesmo a substituir, a eliminar. Questão de gosto. Vá lá! Não só. Também questão de importância dentro de um determinado contexto, de um determinado momento, de uma determinada visão do fenômeno de criação literária, de uma determinada circunstância que nos marcou e ao livro que estamos lendo.

De qualquer maneira são trabalhos sumamente válidos pelo que possibilitam como alargamento de um mundo a ser desvendado, quer seja atraindo novos leitores, quer seja chamando a atenção para textos que não nos motivaram e que agora vamos procurar para saber as razões da inclusão, quer seja por nos fazerem voltar a outros que havíamos lido há muito, alguns mesmo já esquecidos.

Acabamos realizando releituras que nos devolvem momentos de grata fruição, que nos levam de volta ao passado, que nos reacrescentam em conhecimento do ser humano. Acabamos anotando títulos que não foram incluídos e que gostaríamos de ali ver. E acabamos excluindo outros que, não sabemos por que foram relacionados.

Agora, por exemplo: provocado pela leitura do *Guia* de Lisboa, volto a folhear detidamente *Guerra e Paz*, de Tolstoi, detenho-me numa frase, visualiso uma cena: o príncipe ferido, deitado e vendo lá em cima o céu girar. Li os dois volumes de uma assentada, durante uma doença. E nem sei mais se a febre provinha da doença ou da emoção que me tomava.

Ou vou rever T. Mann, abro *A Montanha Mágica*, que me fascinou e que me fez buscar todos os títulos do autor. Mais ainda: me fez, inutilmente, retomar o estudo do alemão, na ânsia de lê-lo no original; e me fez, durante uma viagem à Alemanha, incluir Lubeck em meu roteiro a fim de visitar a casa onde Mann nascera.

Retorno ao *Guia*. Eis aqui outro livro que me marcou. Tento, em vão, encontrar na biblioteca um texto autobiográfico que li e reli, que dele falei exaustivamente aos amigos. Até que um dia alguém me disse: "falas tanto neste livro, me empresta ele, quero ver o que tem de tão extraordinário". Emprestei, e agora me lembro, por mais que pedisse nunca recebi o exemplar de volta nem consegui outro. Era *Fome*, de Knut Hamsun.

Percorro as 400 páginas do *Guia* e me detenho ora aqui ora ali. Questiono a inclusão de *O Primo Basílio*, do Eça de Queirós, e não da *Ilustre casa de Ramires*. Alegro-me com a inclusão de *Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá*, do Lima Barreto, e não do sempre tão mais citado *Recordações do escrivão Isaias Caminha*.

Leio um período ou outro das sucintas e informativas notas. Concordo (por vezes descordo) das colocações. Aceito a escolha inquestionável de *Madame Bovary*. Mas penso que, do Flaubert, em lugar de *Salambô* bem poderia estar *Educação sentimental*.

Quais seriam meus acréscimos? Aliás, eis um jogo bom de ser jogado. Vejamos o que levar (além dos quase 200 escolhidos por Luiz Carlos Lisboa) para a famosa ilha. Vou me limitar à prosa de ficção e à poesia. Eis alguns livros que, a meu ver, não poderiam estar ausentes:

A consciência de Zeno, de Ítalo Zvevo; *A lua e as fogueiras*, de Cesare Pavese; *O deserto dos Tártaros*, de Dino Buzzatti; *Infância; Ganhando meu pão; Minhas universidades*, de Gorki; *História de Tom Jones*, de Fielding; *O morro dos ventos uivantes*, de E. Bronté; *Gulliver*, de Swift; *Niels Lyhne*, de J.P. Jacobson; *Fogo pálido*, de Nabokov; *Memorial do convento*, de José Saramago; *Novelas do minho*, de Camilo Castelo Branco; *O senhor presidente*, de Miguel Angel Asturias; *O reino deste mundo*, de Alejo Carpentier; *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo; *Sobre heróis e tumbas* e *Abadon, o exterminador*, de Ernesto Sábato; *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márques; *O Ateneu*, de Raul Pompéia; *Espelho partido*, de Marques Rebelo; *O falcão maltês*, de D. Hammett; *À beira do abismo*, de R. Chandler; *Fortunata e Jacinta*, de Péres Galdos; *Eu, o supremo*, de Augusto Roa Bastos; *Poemas*, de Cruz e Sousa; *Poemas*, de Maiakovski; *Poemas*, de Kavafis; *Poemas*, de Neruda; *Rubayat*, de Omar Khayyam.

Vamos a alguns acréscimos:

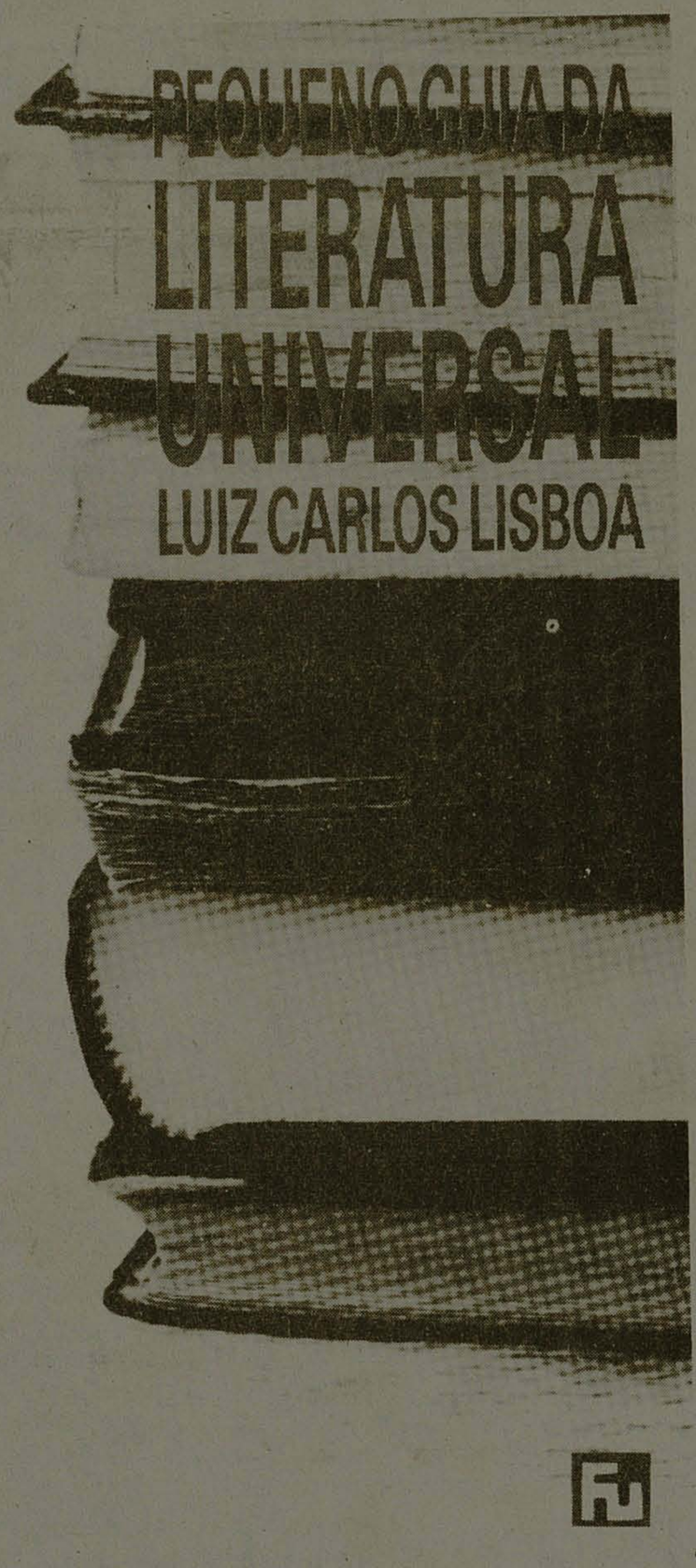
Crime e castigo, de Dostoievski; *As ilusões perdidas*, de Balzac; *Os miseráveis*, de Victor Hugo; *Ulisses*, de James Joyce; *Contos*, de Tchecov; *Lord Jim* e *Vitória*, de Conrad; *Os Budenbroocks* e *Doutor Fausto*, de T. Mann; *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; *Do amore A cartuxa de Parma*, de Stendhal; *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, de Jorge Amado.

Por isso repito: eis, entre outros, um dos méritos do *Guia* de Luiz Carlos Lisboa: puxar o leitor que se inicia na paixão do livro para que venha a conhecer títulos da maior importância; e provocar no leitor afeiçoado e já calejado, para que primeiro remergulhe no mundo mágico da leitura e depois faça-refaça, de acordo com a situação e o momento que está vivendo, seu próprio *Guia*, tendo como base o que lhe caiu nas mãos.

Vamos à luta, leitor! Cabe a você, agora, ver a relação do Lisboa e acrescentar, substituir, eliminar — até chegar a uma seleção que o satisfaça plenamente hoje. Sim, porque amanhã ou depois novos livros poderão se impor. Novos livros ou novas leituras de antigos livros.

* * * *

De 7 a 16, a I FEIRA DO LIVRO DE FLORIANÓPOLIS, promoção da ACEL — Associação Catarinense de Editores Livreiros. É bem ali, no calçadão da Catedral, Praça XV de Novembro. Livros das editoras de outros Estados e de todas as Editoras Catarinenses, com 20% de desconto sobre o preço de capa. E a presença de quase 50 escritores que estarão autografando e conversando com os leitores. Participe. Prestigie.



UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel **415**

UMA AVALIAÇÃO DA LITERATURA DE SANTA CATARINA

Se a produção literária de Santa Catarina é descontínua, desenvolvendo-se em ciclos mais ou menos estanques (conforme temos procurado demonstrar em vários artigos publicados ao longo dos últimos anos), o estudo dessa literatura continua sendo bastante escasso. São, se tanto, meia dúzia de autores que se debruçam sobre o fenômeno, buscando dar uma contribuição válida no sentido de se avaliar o como e o porquê do fazer literário entre nós.

Citaríamos um Nereu Correa, um Osvaldo Ferreira de Melo, um Celestino Sachet, um Lauro Junkes, um Antônio Hohlfeldt, um Carlos Jorge Appel. Por isso, é de se saudar cada título aparecido. E mais ainda se é de um novo autor. Ele se torna importante pelo que possa oferecer para a melhor avaliação de uma literatura que começa a se firmar e, em alguns casos, se afirmar.

A Literatura de Santa Catarina, *de Janete Machado, publicação recente da Ed. Mercado Aberto/PA, na Série Revisão, é um exemplo de autora nova e título novo. De maneira sucinta e objetiva, ela traça uma panorâmica da literatura que se pratica em Santa Catarina, vindo de seus pródromos até os dias atuais. Na maioria das vezes são colocações pertinentes, quer se refira a movimentos literários, quer a nomes que são destacados e analisados.*

Janete Gaspar Machado já é autora de um livro bastante oportuno.

Os romances brasileiros nos anos 70 - fragmentação social e estética, *publicado pela Ed. da UFSC, onde ela estuda autores que vêm realizando uma obra que possibilita melhor conhecimento da nossa época e do nosso meio, ao mesmo tempo em que também desbravam caminhos na busca de uma nova estética.*

Este A Literatura de Santa Catarina *se abre com algumas considerações oportunas sobre um tema que andou (ou anda, sei lá) em voga: saber se o Estado possui ou não uma identidade cultural; e balizar de que maneira isto influi no processo de criação e na produção literária e/ou na qualidade do texto que se pratica entre nós, deixando ou não marcas significativas.*

Abandonando, por ora, tais indagações, gostaríamos de tocar em pontos do livro de Janete que não nos parecem suficientemente resolvidos.

Vejamos: em primeiro lugar estranhar a não inclusão de autores que se dedicam ao teatro e à literatura infanto-juvenil, já que são parte do que se convencionou denominar "criação literária". Num apanhado do que se produz hoje em Santa Catarina não há como ignorar um Werner Zotz, uma Maria de Lourdes Ramos Krieger, um Deonísio da Silva, uma Eglê Malheiros, um Roberto Gomes.

Aliás, no caso deste último, a omissão é bem mais grave. Ele não é sequer citado entre os escritores de Santa Catarina. No entanto, este blumenauense tem alguns dos livros mais importantes publicados nos últimos anos. Já que Janete se limitou à área da criação, deixemos de lado Crítica de razão tupiniquim, *instigante ensaio que está na oitava edição. Mas como igorar o romance* Alegres memória de um cadáver, *para ficarmos apenas neste título?*

*Existem impropriedades, algumas pequenas, outras nem tanto. Por exemplo: Walmor Cardoso da Silva, autor de um livro de poemas que na verdade é o primeiro título de poesia moderna publicado em Santa Catarina (*Idade 21*), vir grafado como Walmor* Chagas *da Silva. Ou então a afirmação de que as Edições Roteiro foram um prolongamento da revista Litoral. Não é correto. Roteiro editora foi uma conseqüência do jornal literário Roteiro e nada deve ou teve a ver com Litoral. Se se desejasse uma possível aproximação, esta seria mais conseqüência com o Grupo Sul.*

*A maioria dos participantes do Sul compôs o novo órgão. Vamos a outras observações: na mesma época ou antes da Cicuta e do surgimento de Sul circulou o jornal Folha da Juventude; e sempre existiu, por parte dos componentes do Grupo, uma preocupação com o estudo das raízes da literatura de Santa Catarina e de seu prolongamento. Basta folhear a coleção da revista. Para justificar a afirmativa, indicaríamos a publicação de parte do trabalho de Osvaldo Ferreira de Melo (*Introdução à história da literatura catarinense*) em um dos números da revista, ao mesmo tempo em que se anunciava a publicação de todo o texto nos Cadernos Sul; e em outro número o longo artigo de Élio Ballstaedt sobre a Idéia Nova.*

Se tais impropriedades podem parecer de menor monta, outras nos soam como mais graves. Vamos a outro exemplo, além daquele a que já nos referimos do Roberto Gomes. Aqui o nome do autor (C. Ronald) é citado. Só isto. No entanto C. Ronald merece bem mais. C. Ronald Schmidt, Carlos Ronald Schmidt, Carlos Ronald, pouco importa a maneira como ele se assine (ultimamente fixou-se no C. Ronald), não pode ser simplesmente relacionado numa avaliação da poética de Santa Catarina. Em um volume onde outros importantes poetas (Bell, Buss, Pisani, etc.) têm espaço específico, o mesmo teria obrigatoriamente que ocorrer com o autor de Dias de terra; As origens; Ânua. *É ele, sem dúvida, um dos mais expressivos nomes da poesia que se produz não apenas em Santa Catarina, mas, ousamos dizer, no Brasil. Se seu nome circula menos, paciência, é um desses acidentes de percurso que costumam ocorrer sem uma explicação lógiea. Talvez seja devido ao seu verso profundo e hermético, a exigir participação integral do leitor, talvez seja culpa do próprio poeta, fechado em seu mundo, não badalando nem badalado, por vezes mesmo de difícil relacionamento. Tudo bem. Nada disto, contudo, invalida uma obra que, temos certeza, bem logo se situará entre as mais perturbadoras de nosso tempo e seu Autor como um criador autêntico e original. Ainda dentro deste item, pensamos que um ficcionista como Harry Laus merece referência maior do que a simples citação de seu nome.*

Dito isto, como concluir estas anotações? Reconhecendo que a contribuição de Janete Gaspar Machado é, por certo, bastante expressiva. Ela tem colocações pertinentes, ela situa com precisão alguns movimentos e criadores, ela se debruça de forma exata sobre o trabalho intelectual de numerosos escritores, dando-nos uma síntese e uma análise do que fizeram e/ou estão fazendo. Lembramo-nos de um Cruz e Sousa e de um Ricardo L. Hoffmann, para nos limitarmos a dois nomes.

Mas, para uma segunda edição, achamos que seria recomendável a revisão de algumas incorreções e o registro mais amplo de nomes importantes que não foram devidamente avaliados ou nem mesmo foram avaliados.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LEITURA/ Crítica

416

Salim Miguel

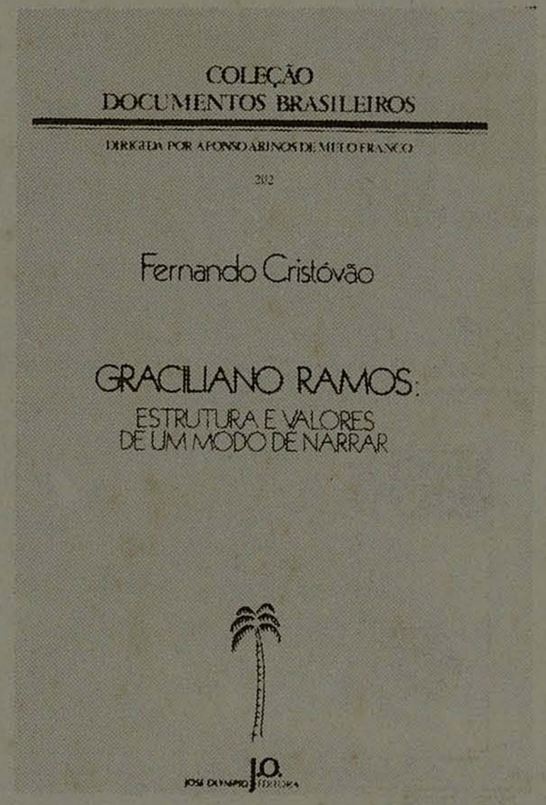
A fortuna de um trabalho sobre Graciliano

A fortuna crítica de Graciliano Ramos já é substancial, contendo trabalhos que analisam os mais variados aspectos de sua obra e sua vida. Para citar uns poucos, indicaríamos os de Antônio Cândido, Rolando Morel Pinto, Rui Mourão, Helmut Feldmann, Otto Maria Carpeaux, Fábio Lucas, Valdemar de Souza Lima, Jean Roche, Allyrio Meira Wanderley (Monte Brito). Ainda agora, outro expressivo trabalho está para sair, pela Editora da UFSC, o de Eunaldo Verdi, **Graciliano Ramos e a crítica literaria**, que estuda ao mesmo tempo a obra e como a crítica vê a obra do romancista alagoano.

Mas, sem dúvida, dentre tantos títulos, um se destaca pela abrangência do enfoque e pela maneira minuciosa e exaustiva como se debruça sobre todos os livros deixados por mestre Graça. Trata-se de **Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar**, que acaba de reaparecer, pela José Olympio Editora, em edição revista e ilustrada.

Antes de tecermos considerações a respeito do trabalho, vale a pena dar algumas informações sobre o autor: professor e ensaísta, o português Fernando Cristóvão é um profundo conhecedor da literatura brasileira. Presidente do Instituto de Cultura de Língua Portuguesa (antigo Instituto de Alta Cultura), órgão que tem prestado relevantes serviços à difusão da língua e cultura portuguesa no estrangeiro, Cristóvão leciona na Universidade de Lisboa, já lecionou na França e no Brasil e não perde oportunidade de vir e se inteirar do que de novo se produz entre nós. Ainda há pouco tivemos ocasião de encontrá-lo na Bienal Internacional do Livro. Ao lhe perguntarmos de como surgiu o seu interesse pela literatura brasileira, ele declarou que lhe adveio pela convivência com outro português, Vitorino Nemésio, também entusiasta das nossas letras. Depois, pelo conhecimento do que aqui se escreve. Dentre outros trabalhos de Cristóvão, é de citar **Marília de Dirceu, ou a poesia como imitação e pintura**, e **Cruzeiro do Sul, a Norte**, onde estuda nomes como Jorge Amado, Drummond, Cecília Meireles, Raul Bopp, Corpo Santo, Josué Montello, Augusto dos Anjos, Clarice, Graciliano. No rápido papo que mantivemos durante a Bienal, ele nos confessou que sua maior admiração vai para Clarice e Graciliano (ou Graciliano e Clarice). Fala com fervor de ambos, detém-se na "visão existencial e metafísica de Clarice, de sua extrema inteligência e sensibilidade, de sua percepção tão feminina e lúcida", e de como ela, através de uma linguagem dúctil, "questiona o próprio ser e não aceita limites na sua discussão com Deus e o Diabo". Neste sentido, para Fernando Cristovao, **A Hora da Estrela**, livro terminal, é uma síntese perfeita de todas as preocupações e virtualidades de Clarice Lispector, quando ela já antevia a morte e pedia contas a Deus sobre a destinação do ser humano.

Em **Graciliano Ramos**, concluído nos inícios da década de 70, Fernando Cristóvão ainda se encontrava amarrado às correntes do método estruturalista. Mas se isto pode dar idéia de estudo datado, é ilusório. A formação intelectual e a sensibilidade de Cristóvão o levam para além das correntes e das modas. E através de uma perfeita visão do processo de criação literária, ele investiga os pródromos do fazer e do escrever em mestre Graça, assim agindo para chegar à teoria da narrativa e a estrutura da frase e da linguagem no autor de **Angústia**. Ele parte, para isso, de antes mesmo de **Caetés** (com a tão acentuada influência de Eça de Queiroz), chegando até um texto do menino Graciliano. Depois de mostrar como o psicologico caminha lado a lado com o social, por vezes até mesmo ultrapassando-o, Cristóvão discute o problema da falta de unidade e da possível fragmentação no romance (ou mesmo na parte memorialística, que invade até os romances) na obra de Graciliano. Para ele, muito embora muitos dos textos tenham sido publicados como contos (ou todos, como no caso de **Vidas Secas**), a unidade está para além de tudo isto. A página 178 diz Cristóvão: "Podemos defender a unidade das obras de Graciliano porque nelas se reflete uma personalidade coesa, através duma visão do mundo coerente e una, e também porque nelas vigora um "denominador estilístico comum", que já encontramos na estruturação geral das obras, e que importa ainda aprofundar".



UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Literatura em busca de definição na Ilha

Salim Miguel



Será literatura de Florianópolis aquela que revela a fisionomia da cidade, sua gente, seus hábitos?

Fico a me questionar — e em dúvida transfiro o questionamento também ao possível leitor: o que quer dizer "ou literatura em Florianópolis"?

Será aquela que revele a fisionomia da cidade, sua gente,seus hábitos, seus costumes, sua psicologia, suas tradições e peculiaridades? Ou será aquela escrita por quem nasceu em Florianópolis? A impregnação do clima da cidade tem algo a ver com tudo isto? O que identifica uma literatura?

Dentro de tais critérios como conceituar a literatura florianopolitana? Melhor: a literatura que se produz em Florianópolis? Ficção científica escrita por alguém da terra será literatura florianopolitana? Em caso contrário, quais as características que ela necessita para que possa ser assim qualificada? E quais os nomes que se destacaram (destacam) com uma contribuição própria? Precisam ser eles nascidos aqui ou aqui residiem? E de que maneira devem se posicionar diante do fenômeno da criação literária?

Detenho-me um momento. Tentando uma resposta que satisfaça e/ou que satisfaça e inquiete. Aliás, mais inquiete do que satisfaça.

Vou, então, em busca de uma possível resposta, a um exemplo que me parece significativo, valendo-me de dois dos nossos mais importantes escritores atuais:

Será maior escritor de Florianópolis o Adolfo Boos Júnior, aqui nascido, cujos temas abordam, de dentro, a problemática do ser humano, suas angústias e seus sonhos, sem se preocupar muito com uma localização geográfica precisa, sem se deter especificamente na psicologia do florianopolitano (se é que ela existe, independente da psicologia geral), ou a do cearense Holdemar Menezes, que situa o ser humano, na grande maioria dos casos, exatamente dentro dessa ilha fantasiosa e fantástica?

Retomo, procurando limitar-me a Florianópolis, posições que vem me acompanhando ao longo dos anos. Vou, suscintamente, tentar examinar de que maneira se processa o desenvolvimento literário da Ilha de Santa Catarina, insistindo em que não se deve falar de literatura florianopolitana, mas de literatura produzida em Florianópolis. Buscarei detectar seu significado, seus momentos mais importantes, sua continuidade — se é que existe uma continuidade perceptível nela.

O primeiro ponto a constatar é que não há, na verdade, até hoje, um levantamento minucioso que dê uma idéia aproximada do que se fez no passado — ou até mesmo do que vem sendo feito no presente. Temos alguns estudiosos e pesquisadores, sim, mas eles têm se defrontado com um sem número de entraves.

Por que digo que não há um levantamento minucioso? A verificação é fácil: o que temos em matéria de historiografia literária é pouco, é precário. Não por culpa dos autores que se debruçaram sobre o nosso passado ou que analisam o presente. Mas porque, como e tantos outros setores, nunca houve uma sincera preocupação com a preservação de nossa memória, não se tendo assim como recuperar o passado e avaliá-lo. Luta-se com dificuldade para se chegar às fontes — quando elas existem e se têm como chegar até elas, pois na maioria das vezes inexistem sumiram, se perderam, foram conscientes ou inconscientemente destruídas. Quanto ao presente é o nosso costumeiro "vamos deixar para

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

leitura/crítica 358

418

Cadê o Original?

Salim Miguel

PROLIFERAM os concursos literários no Brasil. E até fora do Brasil, com abertura para autores brasileiros.

Muito embora não resolvam o problema de quem busca um lugar ao sol, são eles uma alternativa por vezes válida, possibilitando que nomes que têm o que mostrar consigam fazê-lo. E fazendo-o acabem por furar o esquema das editoras comerciais que alegam, com boa parcela de razão, não poder investir em desconhecidos. Ora, para se tornar conhecido, diria o conselheiro Acácio, é imprescindível que alguém apareça; e para aparecer, só publicando. Com regularidade. Seja livro ou artigo.

Como o espaço nas publicações periódicas também se torna difícil, mais restrito a cada dia (com a alegação de que cultura não tem retorno), o concurso acaba por se tornar uma possível e necessária saída.

Costumo insistir: premiação em concurso não significa que o autor deva se considerar lançado e consagrado. É um primeiro passo. E a não-premiação, por igual, não quer dizer que o autor seja destituído de mérito.

Existem, num concurso, fatores imponderáveis que podem fazer com que se acabe optando, entre dois originais de valor aproximado ou idêntico, por um que reflita mais o estado da comissão julgadora naquele momento. Isto depende, por vezes, de um compenente de gosto, da visão da coisa literária, da proposta implícita ou explícita — e até do momento psicológico da leitura, da saturação depois de horas e horas passadas compulsando dezenas ou centenas de originais.

Mesmo sem concurso literário tais equívocos ocorrem. Citemos aqui o exemplo tão conhecido de Gide não recomendando para publicação o original do primeiro volume da obra de Proust.

Mas esta é outra história. Fiquemos na nossa. Quer dizer: nos concursos que estão proliferando por aí.

Outros cinco estão à disposição dos escritores, velhos e moços, éditos e inéditos. Mesmo daqueles concorrentes compulsivos, que concorrem a absolutamente tudo em todas as categorias e latitudes.

Tudo bem. É preparar devidamente os originais, tirar as cópias necessárias (o que já custa uma nota), inscrevê-las, torcendo e esperando o resultado.

Vamos aos concursos, três nacionais e dois internacionais:

Bienal Nestlé para Literatura, de romance, conto, poesia, literatura infanto-juvenil, já em sua quarta edição; *Luiz Vilela de contos*, também em quarta edição; *Torquato Neto para ensaios*, já na quinta edição; *Plural*, para conto, da revista do mesmo título, do México; e *Casa das Américas*, para ensaio, de Cuba.

Nestlé — originais inéditos, número mínimo de páginas 64 (menos para literatura infanto-juvenil), com pseudônimo, breve currículo em envelope à parte contendo identificação de autoria e endereço, inscrição até o último dia de agosto, prêmios (1º, 2º, 3º) nas quatro categorias no valor respectivamente de Cz$ 20.000,00; Cz$ 10.000,00; Cz$ 5.000,00, além da publicação e lançamento em seminário de literatura. Promoção da Fundação Nestlé.

Luiz Vilela — promoção da Fundação Cultural de Ituiutaba/MG, para contos inéditos, cada autor podendo concorrer com um ou mais contos, sem limitação de número de páginas, nem quaisquer prescrições quanto à forma ou ao conteúdo, apresentação em três vias, sob pseudônimo, em envelope à parte currículo e identificação do autor, inscrição até o último dia de setembro, prêmio único e indivisível de Cz$ 50.000,00, o maior já atribuído no país, divulgação do resultado em 1º de dezembro e entrega do prêmio a 11 de dezembro.

Torquato Neto — de ensaio, tendo como tema *Imprensa e Poder Político — o jornalismo no processo democrático de transformação social*, promoção da RioArte, Sec. Mun. de Cultura, Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, inscrição sob pseudônimo até 15 de novembro, trabalhos num máximo de 40 laudas e um mínimo de 20, espaço dois, cada concorrente podendo participar com apenas um trabalho, dois prêmios, 1º de Cz$ 30.000,00 e 2º de Cz$ 20.000,00, mais três prêmios de publicação, que farão parte da antologia a ser editada pela RioArte.

Plural — revista vinculada ao jornal mexicano Excelsior, o prêmio está aberto a autores de qualquer nacionalidade e residentes em qualquer lugar, desde que os trabalhos sejam inéditos e escritos em espanhol ou português. Para poesia, conto e teatro, o tema e a forma são livres; o ensaio deverá abordar um aspecto literário, econômico, político ou histórico da América Latina, podendo ser considerado o gênero ensaio o texto de uma reportagem ou entrevistas; os trabalhos não devem exceder, no caso da poesia e conto, quinze laudas, espaço dois; no ensaio, vinte e cinco laudas; no teatro, trinta laudas. O prêmio será de 500 mil pesos, valendo como direitos autorais pela primeira publicação e as inscrições vão até 15 de setembro, podendo ser usado indiferentemente pseudônimo ou o nome verdadeiro do autor.

Casa das Américas — este ano o prêmio do já tradicional concurso é para o Grupo B, que inclui livro de contos, de poemas, de ensaios sobre temas histórico-sociais de assunto ou assuntos latino-americanos ou caribenho, livros para crianças ou jovens e obras de literatura caribenha em inglês ou crioulo, podendo os originais ser enviados com ou sem pseudônimo, com um prêmio equivalente a 3 mil dólares, estando as inscrições abertas até o dia 30 de novembro, com os jurados se reunindo em Havana durante o mês de janeiro de 1988, sendo outorgado um prêmio único para cada gênero ou categoria. Apenas um detalhe no caso de autor brasileiro: neste ano de 1987 (Grupo B), os brasileiros somente poderão participar do item ensaio; nos outros gêneros devem ter um pouco de paciência, ir burilando o original e ficar à espera do Grupo A, no próximo ano.

Remessas para:

Bienal *Nestlé* — Estrada dos Alvarengas, 630 — 09700 — São Bernardo do Campo — SP;

Luiz Vilela — Fundação Cultural de Ituiutaba — Av. 13, nº 805, 2º andar — 38300 — Ituiutaba — MG;

Torquato Neto — RioArte — Centro de Imprensa Alternativa e Cultura Popular do RioArte — Rua Rumânia, 20 — Laranjeiras — 22240 — RJ;

Revista Cultural PLURAL — Bucareli 17, quinto piso, delegación Cuauhtémoc, 06600 — México — DF;

Casa das Américas — 3ra y G, El Vedado, La Habana, 4, Cuba — ou qualquer das embaixadas de Cuba, inclusive agora no Brasil.

No mais, abra sua gaveta, mãos à obra com seu original e boa sorte.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

leitura/crítica

Salim Miguel

Novos títulos para todos os gostos

QUATRO semanas publicando trechos de um longo depoimento de Marcos Farias (cineasta catarinense morto vai para dois anos, sem ver concretizado seu projeto de implantar uma cinemateca entre nós e paralelamente um início de produção cinematográfica), tumultuaram a mesa do colunista. São livros que chegam, informações que precisam ser divulgadas. Vamos, então, ao trabalho:

1 — Encerra-se, neste domingo, a II Feira do Livro de Florianópolis, promoção da ACEL. É uma última oportunidade para visitá-la, prestigiando uma iniciativa que precisa ser consolidada. E adquirir, com 20% de desconto. Livros. São mais de cem mil títulos para todos os gostos;

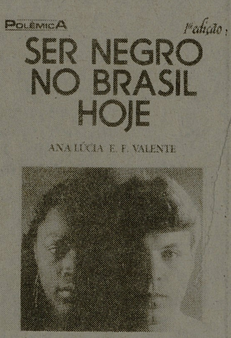
2 — Enquanto isto, até o dia 15 prossegue a já tradicional Feira do Livro de Porto Alegre. Com seus mais de 30 anos ela já está plenamente consolidada. E depois de uma pequena ausência, lá está de novo a barraca de Santa Catarina. No dia 11, autores catarinenses estarão autografando seus novos livros, entre eles dois da mais recente coleção, (a Ipsis Litteris), da Editora da UFSC. Trata-se de *Poemas para Quem Caminha,* de Renato Tapado, e *Grifos e Emblemas,* de Hugo Mund Júnior. Ambos co-edição UFSC/FCC e ambos premiados no Concurso Luiz Delfino;



Experiência inédita: livros/folhetos

3 — O sexto volume do Projeto Cultural Volkswagem, desta vez intitulado Artistas da Tapeçaria Brasileira, está saindo do forno. Os anteriores foram: a Cor da Arte Brasileira; Mestres do Desenho Brasileiro; Artistas Gravadores do Brasil; Artistas da Cerâmica Brasileira; Artistas da Escultura Brasileira. Neste novo volume são cerca de 30 artistas, documentando a arte herdada de uma das mais sofisticadas tapeçarias que o mundo já conheceu; a dos indígenas brasileiros. O autor do texto e da seleção é Jacob Klintowitz, crítico, especialista em arte contemporânea e arte brasileira. E entre os artistas (eruditos, populares, indígenas) estão Norberto Nicola, Jacques Douchez, Zorávia Bettiol, Genaro de Carvalho, Marlene Trindade, Concessa Colaço, Bia Vasconcelos, Arlinda Volpado;

4 — *Os Parceiros Invisíveis,* de John A. Sanford, tradução de I.F. Leal Ferreira, publicado pela Edições Paulistas/SP-1987, aborda um tema em permanente discussão: o masculino e o feminino em cada um de nós. Centrando-se nas teorias de C.G. Jung chamadas de anima/animus, o autor explicita o que para ele constitue o relacionamento homem-mulher. Já no início do primeiro capítulo Sanford diz ao que vem, quando afirma: "Os homens costumam pensar e julgar-se apenas como homens, e as mulheres pensam e julgam-se apenas como mulheres, mas os fatos psicológicos mostram que todo ser humano é andrógino". E buscando esclarecer mais sua colocação prossegue o autor: "Dentro de todo homem existe o reflexo de uma mulher, e dentro de cada mulher há o reflexo de



Simples, para ser usado nas escolas

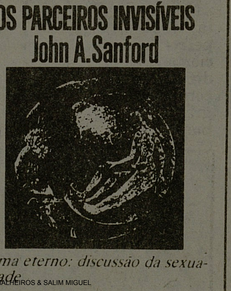
um homem", incorporando a afirmação do índio americano Hyemeyohstz Storm. Concordando-se ou não com as colocações de Sanford, é um texto instigante o que ele nos oferece;

5 — Depois da pioneira *Primeiros Passos,* as coleções passaram a proliferar no país. Seja as temáticas ou aquelas que abordam os mais diversificados assuntos. E até mesmo aqui entre nós, a nossa Editora da UFSC acaba de partir para a primeira, a Ipsis Litteris, dedicada à criação literária e da qual acabam de sair os três primeiros títulos de poesia: *Poemas para Quem Caminha,* de Renato Tapado; *Grifos e Emblemas,* de Hugo Mund Junior; *O Continente Possuído,* de Miriam Portela. Um quarto volume, de Carlos Damião, já se encontra no prelo;

6 — Eis aí outras três coleções: *Sete contos/Setecantos,* com organização de Elias José e coordenação editorial de Ione Meloni Nassar, publicada pela Editora FTD/SP-1987, que acaba de lançar os volumes 3 e 4. No três, a presença de Emanuel Medeiros Vieira; e no quarto, o colunista que esta assina. São volumes ilustrados, de bela apresentação gráfica, com sucintas porém informativas notas bibliográficas dos autores selecionados;

7 — *Polêmica* é a nova coleção da Editora Moderna/SP. E os três primeiros títulos não poderiam ser mais oportunos e polêmicos. São eles: *Ser Negro no Brasil Hoje,* de Ana Lúcia E. F. Valente, *Reforma Agrária* — questão de terra ou de gente, de Paulo Martinez, *Aborto, um Direito ou um Crime?,* de Maria Tereza Verardo. De forma direta, objetiva, procurando situar devidamente cada tema dentro de um contexto lógico, os autores revelam a outra face de uma sociedade injusta e preconceituosa;

8 — Depois de coleções de inegável sucesso, a Brasiliense se parte para outra experiência pioneira: livro/folheto, simples, sem sofisticação. E não fez por menos: já saíram os três primeiros títulos de Preto no Branco. São eles: *O Último Tiro* — Vamos Salvar as Baleias, de Dagomir Marquezi, *Deixa Comigo* — uma aventura na Serra Pelada, de Ricardo Kotscho, *Seqüestrado* — um Vídeo-clip em forma de livro, de Maria Kupstas. São textos paradidáticos. E conforme acentua a editora no folheto de apresentação da coleção, eles têm "como objetivo introduzir e incentivar no aluno, desde cedo, o hábito da leitura. E tem na escola a instituição e no professor, o agente promotor desta ação". Que assim seja.



Tema eterno: discussão da sexualidade

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO ESTEVÃO FREIREIROS & SALIM MIGUEL

NOTAS GOIANAS

A Propósito das Editoras Universitárias (e outros assuntos)

SALIM MIGUEL

ço. Atravessando o Atlântico pe-

1 - Durante uma semana (a primeira de setembro) a Praça Cívica de Goiânia, no centro da cidade, se transformou numa ampla e diversificada vitrine da produção editorial universitária brasileira. Eram centenas de títulos de todos os recantos do país, que iam do excelente ao mau, passando pelo regular. Isto tanto em qualidade de texto como em tratamento gráfico.

Havia de tudo para todos os gostos. Os que para a Praça Cívica se dirigiam imaginando encontrar apenas livros didáticos, espantavam-se diante da variedade de temas abordados, que incluiam até mesmo textos de criação literária.

Foi possível, deste modo, avaliar o que cada universidade produz, atendendo a peculiaridades regionais. E não só a comunidade universitária. Muitas editoras universitárias ampliam as faixas de atuação, abrindo-se para a produção intelectual como um todo, numa aproximação maior com a comunidade na qual se encontram inseridas.

Assim, se em algumas prepondera o texto técnico, ou a publicação de teses e dissertações, em outras temos o livro didático a preços subsidiados. E, em outras ainda uma preocupação com a preservação da memória, a publicação de textos importantes de custo alto e retorno lento, o incentivo aos novos valores.

Temos insistido, e nunca seria demais repetir: num país de extensão territorial como Brasil não se pode ter uma editora universitária padrão; é necessário atentar-se para as pecualiridades e as necessidades regionais. Daí a importância de que se revestiu esta I Feira Nacional de Editoras Universitárias, promoção da Editora da Universidade Federal e Goiás.

2 - Mas não só da Feira se compôs a semana em Goiás. Paralelamente realizou-se o IV Seminário Nacional de Editoras Universitárias, promoção por igual da Editora Federal de Goiás juntamente com a Editora da Universidade de Brasília.

O Seminário contou com a participação de nomes como o do Secretário da Sesu, prof. Ernane Bayer, do subsecretário da Sesu, prof. Luis Otávio, do diretor-presidente do INL, embaixador Waldimir Murtinho. As perspectivas abertas são bastante auspiciosas, possibilitando que um trabalho mais efetivo ainda possa vir a ser realizado daqui por diante. Mas, na verdade, a questão central da pauta do IV Seminário foi a criação da Associação Brasileira das Editoras Universitárias.

Durante todo um ano, uma comissão escolhida no III Seminário, trabalhou preparando um anteprojeto de Estatuto e traçando linhas para que durante o IV Seminário não só a Associação viesse a ser criada, como também eleita a primeira diretoria depois de aprovados os estatutos. E isto ocorreu — não sem antes longas discussões por vezes acirradas, o que demonstrou o interesse de todos. Tão acirradas que houve ocasião em que ficava-se discutindo palavras. Só um exemplo. No anteprojeto falava-se em "outros interessados". E houve quem acabasse por confundir *outros" com todos*.

3 - Afinal a primeira diretoria acabou se compondo de maneira harmônica, atendendo àquelas peculiaridades regionais a que nos referimos. E a presidí-la, o diretor da Editora da Universidade Federal de Pernambuco, Edison Lima, que tem larga folha de serviços prestadas não só à Editora, mas à universidade de seu estado.

4 - Já falamos no trabalho da comissão (da qual fiz parte), mas nunca será demais ressaltar a participação da profa. Maria do Carmo, da PUC/SP, que a presidiu, e que foi a principal mola propulsora para que os trabalhos chegassem a bom termo.

5 - Também cabe aqui destacar a modelar organização dos dois eventos; e não só o papel do prof. Heldo Mulatinho, diretor da Editora da Universidade Federal de Goiás, mas a toda a sua equipe, que foi incansável na difícil tarefa de apoio e de atendimento aos participantes.

6 - Dois projetos já saíram como resultado da criação da Associação: primeiro a reformulação do Programa Interuniversitário para a distribuição do Livro, que fica subordinado à Associação e que em lugar de um coordenador passa a ter um coordenador geral e três coordenadores regionais em três regiões distintas do país. Isto vai permitir a agilização dos trabalhos e como conseqüência um rendimento ainda maior, visando que os livros de uma editora universitária se tornem mais e melhor conhecidos em todas as outras universidades que tenham uma editora, uma livraria ou um simples posto de venda no campus; segundo, um grupo que vai cuidar da elaboração de um Catálogo Geral que conterá todos os títulos publicados em todas as editoras universitárias do país. Para isto o Proed/Sesu/MEC se comprometeu a liberar recursos, permitindo que a comissão encarregada possa realizar um trabalho de nível, capaz de expressar o que tem sido feito e de ser remetido também para editoras universitárias de outros países.

7 - Mas não só de Editoras Universitárias foi a semana goiana do colunista. Aproveitei para manter contatos com escritores e jornalistas amigos, em encontros informais ou na sede da atuante UBE de Goiás. Ali conversamos sobre problemas comuns, sobre nossas dificuldades, sobre como se encontra a literatura que ora se produz em Santa Catarina, em comparação com aquela que se produz em Goiás. Claro que nós catarinenses ficamos em evidente desvantagem. Não porque nos faltem nomes de valor, até pelo contrário, eles pululam, mas por carência de um apoio mais efetivo. E de repente me deparei com a concretização de uma idéia pela qual lutamos há tempos: publicação, pelo Diário Oficial de Goiás, de um Suplemento Cultural. Aqui eles já publicaram o número Zero e caminham rapidamente para o primeiro número. E o nosso, sairá um dia?

8 - Jornalista profissional sei o que são estas coisas. Vamos ao fato. Num papo informal que acabou sendo aproveitado pelo jornalista e escritor Brasigóis Felício, no jornal *O Popular*, de repente me deparo com uma informação que não foi a minha. Eu dizia dos problemas que enfrentam as universidades com suas gráficas. E lembrava o fato de que, embora ainda persistindo a proibição de reequipamento das nossas gráficas, a pouco um deputado federal por São Paulo pedia, em projeto, que elas fossem pura e simplesmente extintas. Felizmente, alertadas em tempo, as universidades se mobilizaram e o projeto acabou sendo engavetado. Mas não morto. Eu dizia então que seria bom se com a nova Constituição que está sendo elaborada, pudesse ser revisto o artigo que proibe o reequipamento das gráficas, dizendo que sem tal medida elas acabariam por fechar devido ao progressivo desgaste do material. Pois o que saiu em manchete foi exatamente o contrário, como se houvesse algum item em discussão na nova constituinte que mantivesse (e ampliasse) tal proibição. Fica então o registro: o que eu disse foi que os constituintes deviam ser alertados para revogar a proibição de reequipamento de material das gráficas universitárias.

9 - Mas não só os poderes oficiais e os intelectuais se movimentam em Goiás. Também a iniciativa privada. E não é sem um certo sentimento de inveja que vi, por exemplo, o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Paulo, um senhor livreiro fora de série. Dona da Livraria e Editora Cultura Goiâna, como se não bastassem as excelentes livrarias que ele já possui (podem ser situadas entre as melhores do país), como se não bastasse o seu trabalho editorial, que atende faixas específicas, ele ainda está construindo um edifício de cinco andares que será dedicado exclusivamente às atividades culturais. Cada andar terá uma área útil de 500 metros quadrados. Sem dúvida, uma iniciativa arrojada de quem é apaixonado pelo livro e pelas atividades culturais. Ou alguém duvida que Paulo poderia, com o investimento aplicado ter um retorno muito mais rentável ou rápido? Ou mesmo alugando o imóvel. Paulo se colocou à disposição e vai distribuir nossos livros.

10 - De acordo com o Narciso Policarpo, que coordenou o estande da Editora da UFSC e que manteve contato com as demais, a nossa Editora foi uma das que mais vendeu e mais procuradas. Basta dizer que no segundo dia, alguns títulos, em especial da série didática, já se haviam esgotado.

Boa parte dos demais livros foi doada para ser enviada para Moçambique, país africano, dentro do apelo SOS-Moçambique.

11 - Foi bom, depois de alguns anos, passar esta semana em Goiânia. Rever amigos e ver o que eles estão realizando de útil. E participar de uma Feira e de um Seminário, ambos importantes. Ambos significativos pelo que mostraram, pelos debates e questionamentos que provocaram e pelas novas possibilidades que abriram. Além de permitir o encontro com velhos amigos e o conhecimento de novos.

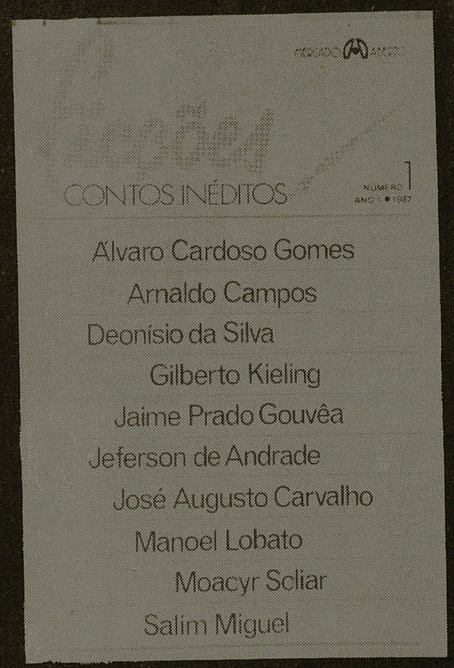
O ESTADO fim de semana
Leitura & Lazer

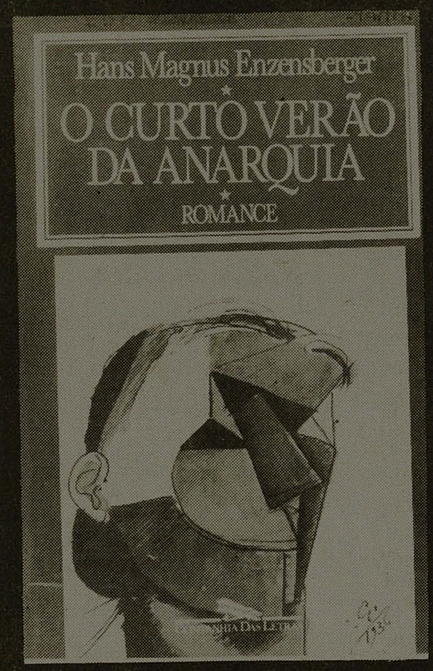
Editores:
Zeni Rates
Everson Faganello
Subeditor:
Jeferson Lima
Repórteres:
Cláudia Erthal
Joca Wolff
Patrícia Grillo
Paulo Clóvis Schmitz
Rossana Espezin
Tayana Cardoso

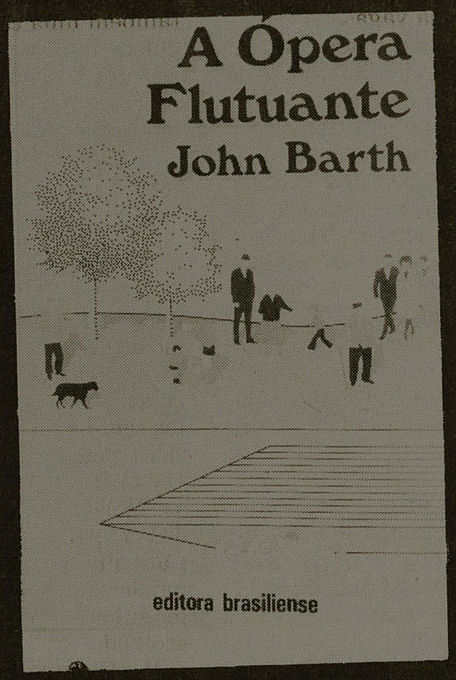
UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Uma oportuna iniciativa e alguns registros

SALIM MIGUEL







EXCELENTE iniciativa o aparecimento de *Ficções,* publicação semestral da Editora Mercado Aberto/PA, que tem na direção Roque Jacoby e como editor responsável Charles Kiefer. É mais um espaço que se abre para levar ao leitor (e aos editores) uma amostragem da história curta praticada hoje entre nós e incentivar o surgimento de novos valores.

Ao justificar o lançamento, e o critério de seleção, incluindo nomes conhecidos e iniciantes, diz Kiefer ter sempre sonhado editar uma revista do gênero. E acrescenta: "Esperei, confesso, com impaciência, porque não aprendi direito a lição maior de meus avós, de que há um tempo para plantar e um outro para colher". Logo adiante: "Ainda que esta tenha sido a década do romance e da novela, o conto não morreu".

A colocação é pertinente. Enquanto na década passada houve o chamado *boom* do conto, é inquestionável que pelo menos na última meia dúzia de anos se acentuou a produção do romance e da novela.

Antes de nos determos neste primeiro número da revista de Charles Kiefer (e Roque Jacoby permita assim falar, pois sei da luta do Kiefer para concretizar o projeto), cabe aqui um registro à revista *Ficção* (Rio, 1976/1979), de circulação mensal e tiragem de 15 mil exemplares, que realizou extensivo e intensivo mapeamento da história curta. Sua proposta, em parte, diferia da atual *Ficções*. Não se limitava ao conto, publicava também novela, capítulo de romance, textos de crítica. E nas suas diferentes rubricas abria espaço para o conto do passado, para o conto de autor estrangeiro, para o concurso de contos, enquanto, pelo menos neste número inicial, *Ficções* se restringe ao conto inédito de autor brasileiro.

Além de *Ficção* é necessário referir outras publicações da década passada que se não se circunscreviam ao conto, a ele também abriam espaço. Queremos nos referir a *O Saco*, do Ceará, *Inéditos*, de Minas Gerais, *José* do Rio de Janeiro, *Escrita*, de São Paulo.

A todas elas se deve o surgimento de incontáveis nomes (e a fixação ou reavaliação de outros) que agora se projetam no campo das letras. Muitos até mesmo voltaram a produzir, a publicar em livro. Se um Trevisan e um João Antonio já eram conhecidos, foi nesse meio tempo que surgiram um Domingos Pellegrini Jr. e um Luís Vilella. Existem aqueles que se bandearam para o romance, como um Rubem Fonseca ou mesmo um Moacyr Scliar, mas sem abandonarem a prática de história curta, que lhes assegurou lugar nas letras brasileiras.

A época (o registro também nos parece necessário), as principais editoras abriam espaço para a publicação de livros de contos, com bom retorno e resultados positivos.

Aliás, o conto tem uma trajetória singular no país, sempre marcando posição de realce, a começar por nomes como um Machado de Assis, que muitos consideram acima de tudo contista. E para não nos alongarmos, como esquecer um Antonio de Alcântara Machado ou um Anibal Machado.

"Aqui estão escritores consagrados ao lado de estreantes, unidos por um único critério: a qualidade", diz o editor de *Ficções.* E na verdade é uma significativa amostragem da história curta praticada hoje no Brasil. Com a continuidade teremos um expressivo mapeamento, de inegável utilidade para o leitor, para a crítica, para professores e alunos, para todos enfim que buscam um momento de fruição do texto ou se preocupam com o processo de criação literária.

Eis reunidos, cada qual com sua proposta ficcional peculiar, o paulista Álvaro Cardoso Gomes, os gaúchos Arnaldo Campos, Moacyr Scliar, Gilberto Kieling, os mineiros Jaime Prado Gouvêa, Manoel Lobato, Jeferson Andrade, José Augusto Carvalho, o gaúcho/paranaense/catarinense/paulista Deonísio da Silva e o líbano/catarinense que esta assina.

É bom agora o leitor se debruçar e se deter na escrita de cada qual, vendo o que cada qual lhe diz e qual mais próximo dele leitor, de que maneira chega (ou não chega) a atingi-lo em sua sensibilidade e em sua inteligência.

Para concluir este registro, voltemos a Charle Kiefer. Diz: "Julgo não ser demais reconhecer que o nome desta revista é uma emocionada homenagem ao homem que considero o maior contista de nossa sofrida América Latina: Jorge Luís Borges, inventor de ficções e labirintos". É a transcrição da última de capa, também devida a Borges, é um declaração de princípios para todo escritor que acredita trabalhar e retrabalhar até a exaustão sempre o mesmo texto, retomando-o e renovando-o sem desfigurá-lo. Ei-lo:

"... dizem que eu fracasso, porque tenho certos tiques, certas repetições. De maneira que quase não me atrevo a escrever *espada, labirinto, espelho,* pois imediatamente se descobre que sou eu. Mas, ao mesmo tempo, custa-me evitar essas palavras, que se me impõem. Sem dúvida, tenho outros hábitos sintáticos dos quais não tenho consciência. Um estilo é feito de tudo isso: dos hábitos sintáticos, do gosto por certas cadências na prosa ou no verso e, também, da reiteração de certos temas".

Disse Borges — e disse-o bem.

PROBLEMAS EDITORIAIS

Depois da euforia do ano passado, a crise do ano em curso. Claro que o mercado editorial é o primeiro (ou um dos primeiros) a se ressentir. Logo se observam retração nas vendas com o progressivo encarecimento do produto livro, mercadoria de tão escasso consumo entre nós. Não vamos aqui insistir no problema, já conhecido de todos. Ainda assim, apesar da crise, novos títulos continuam chegando às livrarias. O colunista não tem como se debruçar sobre todos. Por motivos de espaço e porque muitos não o atingem. Vamos, então, relacionar alguns dos últimos que nos chegaram. A um ou outro voltaremos mais demoradamente em outra ocasião. Ei-los por Editora:

Brasiliense/SP: *A ópera flutuante,* de John Barth, trad. de José Romero Antonialli, sendo o autor considerado um dos nomes mais expressivos da moderna prosa norte-americana; Zona Erógena, *de Philippe Djian, trad. de Mirian Paglia Costa; Deserto,* de Le Clézio, trad. de Maria Lúcia Machado, estes de dois autores franceses que só agora chegam ao Brasil.

Companhia das Letras/SP: *Retratos de Fidelman,* de Bernard Malamud, trad. de Isa Mara Lando, seis contos interligados pelo mesmo personagem e pelo mesmo clima de inquietação; *Jakob, o mentiroso,* de Jurek Becker, trad. de Reinaldo Guarany; *O curto verão da anarquia,* de Hans Magnus Enzenberger, trad. de Márcio Suzuki, sem ser ficção, abordando a guerra civil espanhola, lê-se com assombro a história do anarquista Buenaventura Durruti, através da montagem habilmente erguida pelo autor; *O vice-rei de Uidá,* de Bruce Chatwin, trad. de Carlos Eugênio Marcondes de Moura, com o autor reconhecendo o quanto seu romance deve ao livro de Pierre Verger, *Fluxo e refluxo do tráfico de negros entre o golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos,* sendo um texto apaixonante que acaba de ser filmado.

Mercado Aberto/RS: *Um caminho de sombras,* de Mário Maestri; *Ventos de agosto,* de Darques Lunelli; *Mentira dos limpos,* de Manoel Lobato, três novos títulos da coleção novela, dois de novos e o terceiro (Lobato) de um nome bastante conhecido e apreciado; **O jovem e a escolha profissional,** de Dulce Helena Penna Soares, manual de inegável valor para os jovens, que resulta das experiências práticas de outra jovem, (a psicóloga Dulce Helena Penna Soares) no Centro de Orientação e Seleção Psicológica na UFRGS; *Teorias poéticas do romantismo,* trad. seleção e notas de Luíza Lobo, reunindo textos de Goethe, Novalis, Rousseau, V. Hugo, Stendhal, G. Sand, Shelley, De Quincey, Manzoni, entre outros, a fim de dar ao leitor uma visão dos principais textos teóricos do Romantismo em seu estado nascente.

O ESTADO fim de semana
Leitura & Lazer

Editores:
Zeni Rates
Everson Faganello
Sub-editor:
Jeferson Lima
Repórteres:
Ana Lemos
Cláudia Erthl
Joca Wolff
Patrícia Grillo
Paulo Clóvis Schmitz

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

leitura/crítica

422

Mais concursos

SALIM MIGUEL
Colaborador do Leitura & Lazer

ABRAM logo as gavetas, retirem os originais, lubrifiquem as máquinas de escrever. Ou para os mais sofisticados, acionem os computadores. E mãos à obra. Novos concursos estão aí mesmo à disposição dos concorrentes. Tantos dos compulsivos como dos eventuais.

Não faz muito, aqui mesmo na coluna dávamos o regulamento de cinco deles: Nestlé; Luiz Vilela; Torquato Neto; Revista Cultural Plural, do México; Casa das Américas, de Cuba. Todos continuam com as incrições abertas por mais algum tempo.

Vamos ao regulamento de mais um de literatura e dois outros, um de fotografia e outro de gravura.

1 - **Concurso Petrobrás de Literatura**

Destinado a revelar originais inéditos de autores de literatura brasileira, o concurso compreende quatro (4) categorias: Poesia, Conto, Teatro, Novela; serão também quatro premiações em cada categoria: 1º lugar - Cz$ 80.000,00; 2º - Cz$ 50.000,00; 3º - Cz$ 30.000,00; 4º - Cz$ 20.000,00. Condições: originais inéditos, em língua portuguesa; identificados apenas pelo título da obra, pseudônimo do autor e indicação da categoria em que concorre; apresentação em duas (2) vias datilografadas em uma única face do papel, espaço dois, mínimo de 60 páginas para as categorias Poesia, Conto, Novela, de modo a ensejar edição de livro; na categoria teatro, os textos deverão propiciar encenação de, pelo menos uma hora; no envelope contendo as duas vias deve constar nome do Concurso, categoria de participação, pseudônimo do autor e, internamente, além dos originais, envelope menor, fechado, em que figurem as mesmas indicações externas e que deverá conter as seguintes informações: denominação do Concurso, categoria do participante, título (s) do (s) trabalho (s), nome e pseudônimo do autor, seu endereço completo e breve currículo. Cada concorrente poderá inscrever até três trabalhos e os originais serão recebidos até o dia 03/10/987. Em caso de remessa, a data efetiva do envio será determinada pelo carimbo postal, por documento hábil da transportadora ou protocolo próprio. A remessa dos originais configurará, por si só, a inscrição para concorrer aos prêmios e significará a aceitação plena, por parte dos concorrentes, de todas as condições do regulamento. Os casos omissos serão decididos pelas comissões julgadoras de cada categoria, em conjunto com a Coordenação do Concurso Petrobrás de Literatura. Fica assegurada à Petrobrás, pelo prazo de seis meses após a data da divulgação dos resultados, a faculdade de fazer publicar qualquer um dos originais premiados, a seu exclusivo critério, sem pagamento de direitos autorais. Aos autores é assegurada, contudo, inteira liberdade para publicação desses trabalhos, após a data de divulgação dos resultados do Concurso. A entrega dos prêmios está prevista para o mês de maio de 1988. Os concorrentes poderão solicitar a devolução de uma via dos originais dos trabalhos não premiados até o dia 31/07/88. As decisões das comissões julgadoras serão irrecorríveis, cabendo-lhes o direito de não atribuir qualquer prêmio. Os originais poderão ser remetidos para Petrobrás/Sercom — Av. República do Chile, 65 - 20º andar - C.P. 809 - 20035 - Rio de Janeiro -RJ; Petrobrás/Refap - Av. Getúlio Vargas, 11.001 - C.P. 121 - 92420 - Canoas - RS; Petrobrás/Esbrás - Setor de Autarquias Norte - SAN - Edifíco Petrobrás - 1º andar - 70040 - Brasília - DF; Petrobrás/Espal - Setor de Comunicação Social - Rua dos Ingleses, 380 - 12º andar - 01329 - São Paulo - SP; Petrobrás/Essal - Av. Antonio Carlos Magalhães, 1113 - sala 140 - 41850 - Pituba - Salvador - Bahia; Petrobrás/Regap - Rodovia Fernão Dias - Km 427 - BR 381 - 32530 - Betim - Belo Horizonte - MG. Eis os jurados: **Poesia** - Affonso Romano de Sant'Anna, Ivo Torres, Moacyr Félix; **Conto** - Assis Brasil, Sônia Coutinho, José Louzeiro; **Teatro** - Mackesen Luiz, Walmor Chagas, Augusto Boal; **Novela** - Charles Kiefer, Arnaldo Campos, Laury Maciel.

2 - **Prêmio Ensaio Fotográfico** e **Prêmio Jovem Estampa**

Mais dois concursos Casa de las Américas, de Cuba. O de fotografia tem como objetivo selecionar o melhor ensaio temático que trate de assuntos histórico-sociais sobre a realidade dos países latino-americanos e caribenhos a fim de estimular a prática da fotografia como expressão cultural. Condições: as fotografias devem ser em preto e branco, não se aceitando transparência; o tema deve se abordado por um conjunto com não menos de vinte fotos e não mais de 30; nenhum autor pode participar com um ensaio, ainda que inédito, mas que já tenha obtido algum prêmio nacional ou internacional; as medidas exteriores de cada foto devem ser idênticas; cada conjunto deve estar acompanhado de breve apresentação que explique a intenção e a seqüência do tema tratado; as fotos devem ter um mínimo de 20,5 x 25,5 cm e um máximo de 40,6 x 50,7 cm; devem ser acompanhadas de breve biografia e autorização escrita para reprodução total ou parcial ou para exposição itinerante; a remessa deve ser feita até o dia 30 de setembro de 1987, para Casa de las Américas, 3ra. y G., El Vedado, La Habana, Cuba, ou para a mesma direção por intermédio da Embaixada de Cuba; o melhor ensaio fotográfico receberá um prêmio de 2 mil dólares ou seu equivalente em moeda nacional correspondente.

O outro concurso tem como objetivo possibilitar o conhecimento e a divulgação da obra de jovens gravadores, podendo participar gravadores nascidos ou naturalizados na América Latina e no Caribe com não mais de 35 anos de idade. Serão no máximo 5 e no mínimo 3 obras por autor, de trabalhos originais em xilogravura, calcografia, litografia, serigrafia e colografia ou qualquer procedimento misto. Não serão consideradas obras que já tenham obtido qualquer prêmio nacional ou internacional. A Casa de las Américas se responsabiliza pelas obras desde o recebimento até a devolução e deverão ser encaminhadas até o dia 31 de agosto. O melhor conjunto receberá dois mil dólares ou seu equivalente em moeda nacional e a obra premiada passará a integrar a coleção de arte Nossa América da Casa de las Américas. Poderão ser concedidas menções, ao mesmo tempo que o prêmio poderá deixar de ser atribuído mas não dividido.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O ESTADO

leitura/crítica

Salim Miguel

Papel das editoras universitárias

TRANSCREVO, a seguir, trechos de minha comunicação lida durante o XVIII Encontro de Editores e Livreiros, realizado em Itapema entre 22/25 deste e que reuniu cerca de 300 participantes. Procurei situar o que acredito deva ser uma editora universitária e o papel que lhe cabe exercer na comunidade em que se encontra inserido e na comunidade como um todo. Com esta coluna suspendo, também, minha colaboração aqui. Quero agradecer a todos que me acompanharam durante este período. Grafei intencionalmente a palavra "suspendo", pois tendo desde bem jovem me iniciado como jornalista e prosseguindo numa atividade que ninguém consegue abandonar, quem sabe mais adiante retornarei.

Vejamos mais especificamente o papel das Editoras Universitárias num país do terceiro mundo como o Brasil. Não sem antes lembrar que tais editoras existem (e não necessárias) em países de terceiro ou de primeiro mundo.

Diante da diversidade de problemas peculiares a cada região, num país da extensão territorial do Brasil, não nos parece haver uma fórmula capaz de englobar num módulo único o programa a ser desenvolvido pelas editoras universitárias. Existem, contudo, alguns parâmetros dentro dos quais elas devem ser situadas e analisadas.

Em primeiro lugar espera-se que sejam projetos culturais e não projetos comerciais. Como conseqüência, as editoras universitárias devem realizar um trabalho alternativo e/ou de complementação, e não de concorrência às editoras comerciais. Cabe-lhes, também, preservar e recuperar a memória do que se produz na comunidade universitária e na comunidade como um todo e incentivar o surgimento de novos valores.

O fato de serem projetos culturais e alternativos não pode significar que sirvam para prestar tributo às vaidades locais ou para a publicação de obras que não tenham finalidade específica. Sendo um projeto cultural, precisam também ser um projeto político no sentido mais profundo da palavra, já que tanto podem contribuir para a independência e a libertação de um povo, o avanço cultural e o melhor conhecimento da realidade em que se vive, como impedir a estagnação e a mesmice.

Numa constante realimentação, pela resposta que receba do espaço em que atua, um projeto de editora universitária tem que ser suficientemente flexível para se adaptar às exigências em permanente mutação do universo a que se propõe servir.

Um projeto cultural desse tipo, se de um lado tem que ser sensível aos reclamos e solicitações do espaço em que atua, por outro tem de ter consciência das metas a médio e a longo prazos que se propõe, para não oscilar conforme os ventos da moda ou os interesses pessoais. Há que ter sempre em mente, que num país como o Brasil, a Universidade só se justifica e afirma se estiver a serviço do seu povo, como meio de luta permanente contra o atraso e a miséria.

Foi em tal contexto que apareceu a Editora da UFSC. Os recursos iniciais para a implantação resultaram da própria universidade, mais uma pequena participação do MEC, através do projeto SESU/PROED. Em seis anos de atuação, a Editora da UFSC já ultrapassou os 200 títulos publicados, quase a metade esgotada. São três séries básicas: Didática; Geral; Publicações Periódicas Semestrais. A Didática publica, a preços subsidiados, textos que atendam às necessidades do aluno ou debatam temas ligados aos problemas universitários, em coleção padronizada. As Publicações Periódicas são de responsabilidade dos Centros ou Departamentos e atendem a áreas específicas; a Geral tem duas sub-divisões: trabalhos que abordem de maneira crítica temas que digam respeito ao meio universitário ou à realidade do estado e do país, e trabalhos de criação literária. Embora exista predominância de títulos da comunidade universitária, a Editora da UFSC se encontra aberta para o exame de originais da comunidade em geral.

O último item (criação literária) é polêmico. Por vezes tenho sido questionado: quais os motivos que levam uma editora universitária a aceitar tais trabalhos? Sua função não seria, mais especificamente, ater-se à produção de textos que atendem às necessidades mais imediatas dos currículos e/ou àqueles que examinem os problemas que no momento dizem respeito a universidade ou afetem o país?

Nossa justificativa, no caso de Santa Catarina, é que temos que atender a uma necessidade premente, imediata. Não havendo entre nós editoras comerciais de grande porte, como as do eixo Rio-São Palo, ou Rio Grande do Sul é imprescindível que se dê vasão ao que é produzido por autores novos, ou até mesmo menos novos, no sentido de estimulá-los e torná-los conhecidos. E com isto possibilitar que venham a ter condições de ser absorvidos por editoras comerciais.

A nosso ver é aí que pode — e deve — entrar uma Editora Universitária. Atuando através dos critérios de um bem escolhido Conselho Editorial, buscando antes encaminhar os originais que lhe chegam para editoras comerciais, trabalhando em co-edições.

Não visando lucro, mas apenas procurando equilibrar receita e despesa, ela precisa bancar autores considerados difíceis mas que tenham um recado a dar, ou nomes novos que tragam uma mensagem estética ou humana revolucionária que mereça ser divulgada, conhecida.

Sintetizando, parece-nos que a filosofia básica de uma Editora Universitária, num país do terceiro mundo como o Brasil, que enfrenta tantos e tão diversificados problemas, pode ser assim resumida:

1 — busca de títulos importantes mas sempre de retorno lento e difícil, que tragam uma contribuição válida para o processo de desenvolvimento cultural e social do país;

2 — títulos que reflitam a universidade como um todo, com seus acertos e desacertos;

3 — títulos que signifiquem um projeto cultural e deixem um retrato e uma memória do que se produz na comunidade universitária;

4 — ampliação do leque de abrangência, visando sempre mais a uma integração comunidade x universidade;

5 — publicações que abarquem todas as áreas do saber, inclusive com o incentivo ao surgimento de novos valores;

6 — estímulo à diversificação e melhoria da produção num sadio processo de emulação;

7 — fortalecimento dos Conselhos Editoriais, a fim de permitir uma seleção de títulos cada vez mais rigorosa;

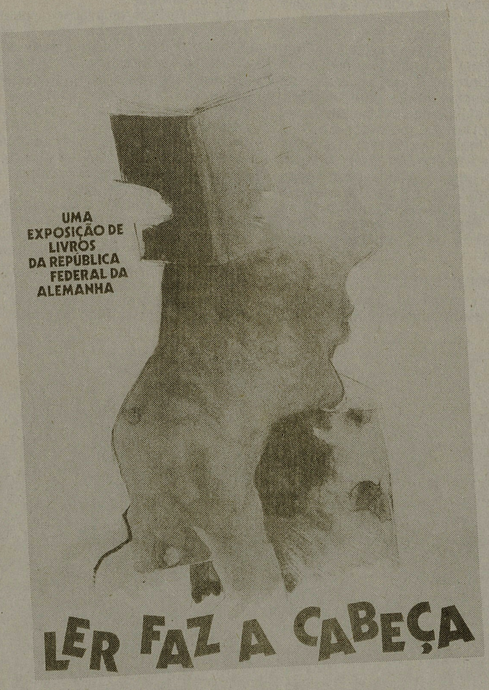
8 — pensar-se o livro como um bem necessário, objeto de conhecimento e de fruição;

9 — tornar possível que as editoras ajudem a romper o isolamento social;

10 — contribuir para que a universidade se transforme num fórum permanente de debate aberto ao jogo de idéias e num amplo e diversificado retrato das preocupações da sociedade em que está inserida, visando transformá-la e melhorá-la, no sentido de que todos possam, num futuro não muito distante, usufruir os seus benefícios.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Fazer a cabeça com o livro



TENDO como slogam *Ler faz a cabeça*, durante oito meses uma exposição do livro alemão vai percorrer várias cidades brasileiras, trazendo até nós o que se produz naquele país. A mostra começa pelo Rio de janeiro, no Palácio da Cultura, onde permanecerá até o dia 07 de abril. Seguir-se-ão São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Brasília, Belo Horizonte. São mais de três mil títulos, em alemão e português, abarcando os mais diferentes gêneros, numa visão abrangente. Vêm eles de 350 editores alemães, 42 brasileiros, 20 portugueses. A promoção é organizada pela Feira do Livro de Frankfurt, tendo a colaboração do Sindicato dos Editores e Livreiros, da Câmara Brasileira do Livro, do Instituto Goethe. A exposição está assim dividida: Diálogos da literatura; Língua e literatura elemã; Arte em livro - Livro de arte; Mulheres na visão da sociedade; Homem, sociedade e mundo espiritual; Revistas populares e especializadas. Cada divisão tem as suas subdivisões e uma pequena introdução. A primeira, por exemplo, é da dra. Ray-Gude Mertin, agente literária, tradutora, docente de literatura brasileira na Universidade de Frankfurt. E nesse bloco encontramos *livros sobre o Brasil* e *autores brasileiros traduzidos na Alemanha*.

No prefácio ao catálogo geral, Peter Weidhaas, diretor da Feira do Livro de Frankfurt, diz que nos últimos vinte anos é esta a terceira vez que a mostra se repete no Brasil, visando "com a ajuda do livro a tentativa de transmitir aos leitores brasileiros em geral, uma imagem atualizada das correntes espirituais e intelectuais da República Federal da Alemanha".

Depois de algumas considerações a respeito da importância deste interrelacionamento ele acrescenta: "Por todas essas razões, o *velho* meio de comunicação livro é com certeza o mais moderno e atual de todos os meios existentes de comunicação de massa".

Perfeito. Nenhum o substitui. É ele, a nosso ver, o mais instigante, o mais fascinante, o mais completo, o que mais de perto nos toca. E para ficarmos com o feliz *slogan* escolhido: o que mais nos faz a cabeça. Se é, sob certos aspectos, o que mais exige até chegarmos a uma entrega total de todas as suas virtualidades, é por igual o que mais nos acrescenta em conhecimento e em fruição.

Ampliar a difusão da leteratura alemã no Brasil e, como contrapartida, revelar o que os alemães conhecem da literatura brasileira, é outra das metas da exposição.

Claro que continuamos perdendo a disputa. Mesmo porque, como diz com carradas de razão Ray-Gude Mertin, "lê-se e ouve-se falar freqüentemente de literatura latino-americana. Muitos leitores na República Federal da Alemanha por longo tempo tomaram-na por uma literatura produzida em espanhol, língua por eles mais ou menos conhecida. Essa idéia errônea era cotidianamente confirmada". Só agora, parece-nos, começa-se a pensar numa literatura de língua portuguesa. E aí temos outras dificuldades, pois as pessoas acabam confundindo português e brasileiro.

Lembro-me bem: há alguns anos estive na Alemanha a convite da Inter-Nationes. Eu ainda morava no Rio de Janeiro. Durante 15 dias percorri algumas regiões, visitei empresas jornalísticas e editoras, estive em emissoras de rádio, fui a produtoras cinematográficas. E não era raro confundirem o falar brasileiro com o espanhol.

(Aproveito para insistir numa questão que então coloquei e para a qual não tive uma resposta satisfatória: qual o motivo que leva o esquecimento do estado de Santa Catarina nas promoções alemãs. Parece-me fora de dúvida que é o estado para o qual veio o maior núcleo de colonizadores alemães. No entanto não temos um Instituto Goethe, que não haveria necessidade de se localizar na capital, Florianópolis, podendo ficar em Blumenau ou Joinville, nem as grandes promoções culturais chegam até aqui, passando direto de Curitiba para Porto Alegre ou vice-versa).

Voltemos à promoção. Ela não se circunscreve à exposição. Paralelamente há uma projeção de filmes (no Rio entre 25-03 e 06-04) subordinada ao tema *Literatura e Cinema*, Simpósio (dias 02/03 de abril) *Intercâmbio Literário Internacional*, reunindo intelectuais dos dois países e, por fim, um catálogo especial, *A Literatura alemã contemporânea*, com 50 propostas para a tradução no Brasil.

Vejamos sucintamente cada um dos itens:

Literatura e cinema começou dia 25-03, com a apresentação de *Casa sem dono*, baseado numa obra de Henrich Boll. Outros filmes são extraídos de obras de Gunter Grass, Robert Musil, Peter Handke, Goethe. No dia 31-03, dois trabalhos tendo como tema Buchner. A projeção de *Um dia na vida de Geor Buchner* e a apresentação da peça de Buchner, *Passeios da solidão - Lenz*, quando haverá mesa redonda centrada em Buchner hoje, tendo como moderador Yan Miclaski e a participação de Aderbal Junior, Alcione Araújo, Beti Rabeti, Fernando Peixoto, Moacyr Goes, Marco Veloso.

O Simpósio se desdobra em Relações literárias teuto-brasileiras, que tem como moderador Antonio Houaiss, Mulher e literatura, como moderadora Rose Marie Muraro, Questões jurídicas entre editor e autor, moderador Wolfgang Knapp, Do manuscrito ao livro, do livro à tradução, moderador Wolfgang Bader, O mercado editorial no Brasil e na Alemanha, moderador Alfredo Wieszflog.

Por fim os 50 livros sugeridos para tradução. Cada qual deles tem, além do título e do nome do autor, ano de edição, número de páginas, editora, custo do exemplar, com quem contactar para o caso de haver interesse na aquisição dos direitos autorais, um resumo do livro e nota biográfica sobre o autor.

E, sem dúvida, um programa para fazer a cabeça de todos que se interessam pelo livro. E conforme diz Wolfgang Bader, do Instituto Cultural Brasil Alemanha - Instituto Goethe, é "um valioso instrumento de trabalho para as editoras brasileiras e que ajude a intensificar o intercâmbio literário entre os dois países".

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Santa Catarina e o livro em 86 - I

O ano que recém-finda foi bom para o livro? Foi mau? Foi regular? Justifica-se a euforia que, sob certos aspectos, tomou conta do setor? De que maneira editores, livreiros, até mesmo certos autores estão encarando o problema, como é que estão vendo o que ocorreu em termos de edições e em termos de vendas?

É necessário não perdermos de vista as perspectivas que se colocam e tentarmos uma análise realista, que leva em consideração componentes diversos que possibilitem uma avaliação correta.

Num balanço (para o *Correio do Livro*, da Editora da UnB) a propósito da Bienal Internacional do Livro/SP, dizíamos: "E os *experts* (ou espertos, sei lá!), o que dizem eles, como explicar e/ou justificar, numa crise sem igual que o Brasil atravessou (ou atravessa, dela mal-e-mal começa a sair), tal interesse pelo livro, este primo-pobre? Talvez exatamente o fator crise ajude a compreender o fenômeno, seja ele o deflagrador de todo um processo e conscientização, chamando a atenção para um produto tão malsinado. Será então que já nos devemos dar por satisfeitos? Não, de jeito nenhum! É apenas um início". E em outro depoimento a respeito do mesmo tema, para o *Diário Catarinense*, acentuávamos que alguns fatores poderíam talvez explicar o inusitado interesse pelo livro: a situação dos demais meios de comunicação, o início do Cruzado, que trouxe pequena folga ao consumidor, e o fato de que, por mais que se fale na extinção do livro, achamos que ele é insubstituível, continua tendo um futuro e sobreviverá às novidades. A seguir alertávamos: será que no final de 87 teremos um ano positivo, como o foi 86, no que se refere ao livro? Esperamos que sim. Mas a dúvida permanece. Até uma consolidação efetiva muita água rolará.

Com pequenas alterações o quadro acima traçado serve para balizar o ano em Santa Catarina. Tivemos, sem dúvida, um 1986 razoável para o produto livro entre nós. Vejam que falamos em *produto livro* e não em *literatura*. Com isto queremos nos referir à produção editorial, à comercialização, a alguns eventos paralelos (I Feira do Livro de Florianópolis, projeto O Livro até Você, promoção Fiat - Editora da UFSC - Secretaria da Educação, numerosos lançamentos na capital e no interior, participação em Feiras e Exposições e promoções no interior do estado e em outros estados).

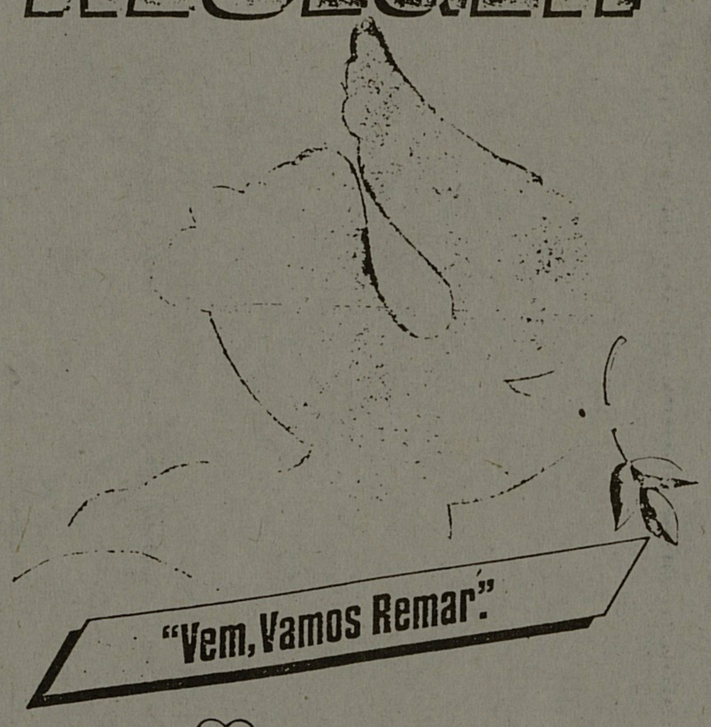
Equívocos também continuam a ser cometidos e alardeados como se fossem acontecimentos de enorme significado para a cultura (e o livro) em Santa Catarina. Um deles, se não o maior (e que se repetiu durante todos os quatro anos da atual administração estadual), foi a insistência no tema Contestado. Ninguém ignora (melhor, ninguém deveria ignorar) o significado das lutas do Contestado e o que elas representaram em determinado momento da história catarinense. Mas elas não foram, de maneira nenhuma, um episódio isolado e nem se limitaram ao nosso estado. para não falarmos em Canudos, outros episódios sangrentos e de reflexos igualmente dramáticos se sucederam. Citemos, para exemplificar, apenas o dos Muckers, no Rio Grande do Sul, e o do Caldeirão, no Ceará. Todos continuam ignorados, pouco estudados, menos ainda avaliados. E não é por acaso. É proposital. As forças dominantes não têm interesse em que se tome real conhecimento do que ocorreu, como ocorreu e por que ocorreu. Mesmo Canudos não tem tido, até hoje, os estudos aprofundados que merece. Teve a sorte, claro, de um Euclides da Cunha reportando os acontecimentos e depois nos deixando um documento como Os Sertões. E no mais? Seria A Guerra do fim do mundo, de Mário Vargas Llosa? Poder-se-ia citar, em quantidade e qualidade, números expressivos que levassem até as últimas conseqüências as razões e as raízes daquela luta?

Busco a Palavra
Maura de Senna Pereira



FCC EDIÇÕES

URDA A. KLUEGER



EDITORA LUNARDELLI

Em Santa Catarina, no caso das Lutas do Contestado, se não tivemos um Euclides, temos, no entanto, alguns títulos importantes que nos dão um retrato pertinente do que aquilo representou e das forças que atuaram por trás de tudo aquilo. Queremos nos referir a livros como os de Maurício Vinhas de Queiroz, Osvaldo R. Cabral, Marli Auras, no campo da historiografia, e Guido Wilmar Sassi, na ficção. Outros trabalhos, como análises setoriais, poderiam ser relacionados. O de Nilson Thomé, por exemplo.

Agora, o que não se pode é dar uma visão inteiramente deformada, centrando tudo lno Contestado, transformando-o em jogada demagógica e política e nele investindo somas que poderiam ser aplicadas em outras áreas culturais. E não nos parece que é pagando filmetes de um minuto na TV Globo ou historiadores para escreverem sobre o tema que se vai resgatar a memória de camponeses espoliados — enquanto outros camponeses continuam sendo todos os dias igualmente espoliados. Não é assim que se formam consciências nem se conscientiza para o problema, impedindo que se torne a repetir.

Outros equívocos poderíam ser assinalados. Vejamos: editar é importante. Mas é apenas um segmento do complexo problema do livro. É preciso fazer o livro circular, é necessário torná-lo imprescindível ao homem, é preciso ampliar e melhorar a rede de distribuição, e livrarias, e bibliotecas, e contactos entre editor x autor x leitor. Sem esquecer o ensino a partir do pré-escolar. Mais: promover medidas simples, que difundam o livro, que o tornem mais acessível. Um exemplo: por que será que há tanto tempo se fala num Suplemento Literário encartado e editado junto ao Diário Oficial do Estado (como já existe em grande número de Estados, seguindo o que foi feito, com sucesso, há mais de vinte anos em Minas Gerais) e isto nunca se concretizou? Os custos não seriam altos e o retorno significativo, em termos de promoção do livro e da cultura.

Voltemos ao caso específico do livro em Santa Catarina em 1986. Dizíamos que o ano foi bom. Foi. Ou foi regular? Pouco importa. Se fizermos um levantamento chegaremos à conclusão de que foi, com todos os percalços, um ano favorável ao livro entre nós, considerando-se que raramente se publicou tanto em áreas tão diversificadas.

Não temos, aqui, a pretensão de realizar um balanço completo e exaustivo. Muitas coisas devem nos ter escapado. Ou porque os livros não nos chegaram, ou porque deles não tomamos conhecimento para poder adquirí-los. Ainda assim, o levantamento que realizamos para este balanço revela que foram publicados em torno de 60 títulos. Isto se considerarmos a Editora Lunardelli, a Editora Noa-Noa, a FCC edições, a Editora da UFSC, as edições alternativas e/ou edições de autor. Insistimos num ponto: não pretendemos tratar valorativamente dos livros lançados, não é esta uma avaliação crítica; estamos tentando um levantamento quantitativo e não qualitativo. E como se costuma dizer que também da qualidade pode afinal acabar aparecendo a qualidade, esperamos que assim seja.

Vejamos então: depois de quase paralizada, a FCC-edições deu uma de Lázaro. E se não voltou a todo vapor, mostrou que mesmo sofrendo incomprrensões, interferências indébitas, alta de recursos (desviados para outras áreas), apoio restrito e muitas vezes paternalista, promoção equivocada, distribuição deficientíssima, ainda assim fechou o ano com um aldo positivo, lançando uns 15 títulos.

A Editora Lunardelli, mais antiga do Estado, continua no projeto que se traçou: não se aventurar a altos vôos, pensar duas ou mais vezes antes de se arriscar num título, estudar o mercado potencial, trabalhar em regime de co-edição ou co-participação com o autor. Assim fazendo, lançou mais de 10 títulos.

O caso da Editora Noa-Noa é peculiar: continua sem maiores preocupações com o mercado convencional. É uma editora artesanal, que trata a produção editorial com paixão, como o faziam os antigos editores. Aqui o editor pouco está preocupado com um mercado mais amplo, com tiragens significativas. Ele quer um público mais ou menos estável para o seu produto, ele busca um mercado alternativo, para pessoas determinadas, que vão ao livro como fruição do texto mas também como fruição do objeto que manuseiam. Sendo assim, com tiragens que raro ultrapassam os 300-500 exemplares (alguns nem chegam a 200), mas que demoram a ser executados, neste ano os títulos da Noa Noa não chegaram a meia dúzia.

Já a proposta da Edtora da UFSC é diferente. Deve ser, como toda editora universitária que se preze, no sentido de atender aixas específicas do mercado, recuperar e preservar o que se produz em termos de saber e pesquisa na comunidade universitária e na comunidade como um todo, incentivar o surgimento de novos valores. Para cumprir tal programa, a Ed. da UFSC vem trabalhando em três séries básicas que se complementam: Didática, Geral, Publicações Periódicas.

Outro item que merece ser lembrado é o das publicações de autor. Infelizmente, neste caso, o alcance do colunista é sumamente restrito. Torna-se difícil encontrar tais títulos nas livrarias, por serem vendidos de mão em mão. Não tendo meios de chegar até eles, acaba-se sem poder tomar conhecimento de uma produção por vezes significativa, não propriamente pelo vaor absoluto, mas pela inventiva, pela inquietação, pela busca do novo e inusitado, pela possibilidades futuras que determinados autores (que não conseguem furar o sistema editorial convencional) oferecem.

O que se publicou e como se publicou em Santa Catarina durante o ano de 1986? De que modo chegou ao mercado a produção? Que público atingiu? Qual a repercussão?

São perguntas obrigatórias mas de resposta não muito satisfatória. Publicou-se de tudo — o que é válido. Boa parte em regime de co-edição — o que facilita, reduzindo os custos e ampliando-se as tiragens. O nível de qualidade varia. O mercado mostrou-se receptivo, mas não a ponto de receber ou absorver tudo. Seria interessante tentar-se saber que tipo de leitor que foi alcançado e de que maneira aceitou a mensagem implícita ou explícita nos textos.

Examinar sucintamente alguns dos títulos talvez seja de interesse. É o que faremos na próxima coluna.

Salim Miguel

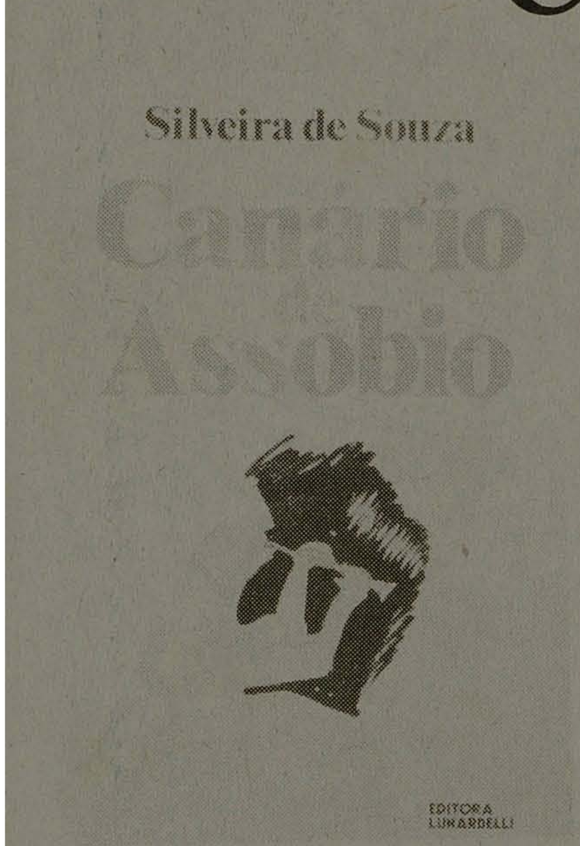
UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

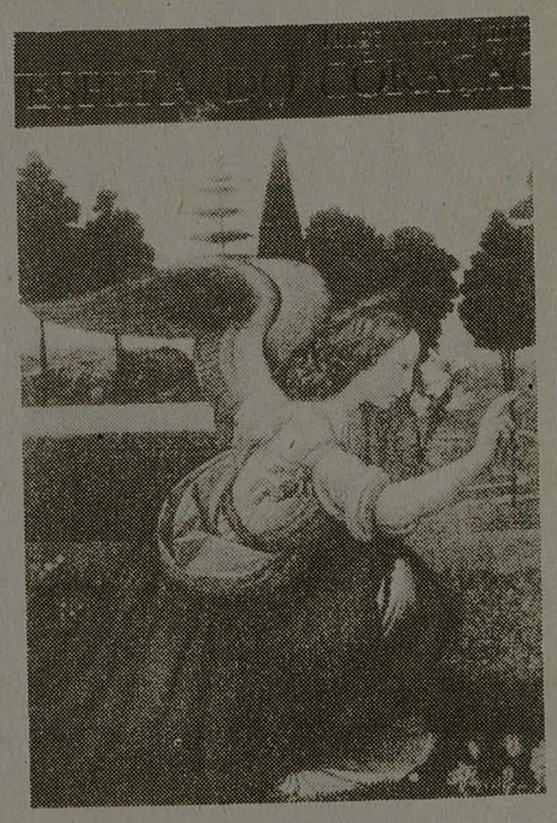
fim de semana

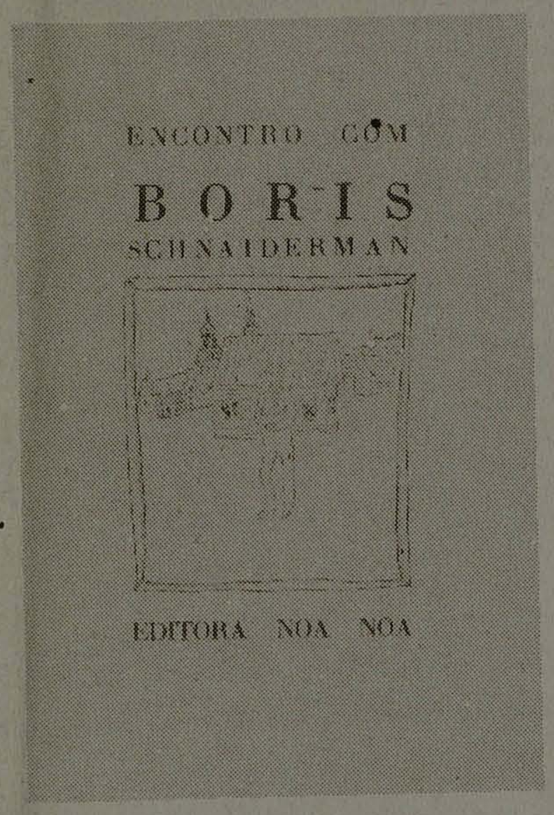
LEITURA/ Crítica

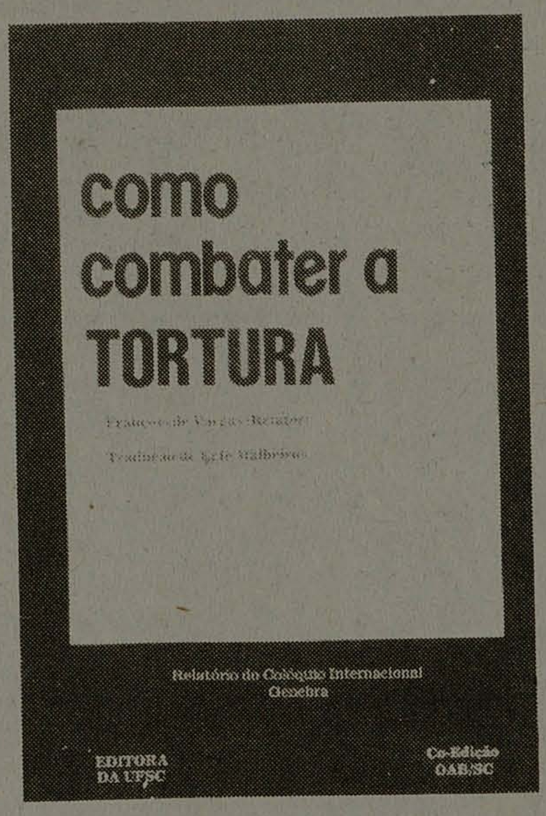
Salim Miguel

Catarina e o livro em 86-II









~~Concluindo, então.~~

Claro que, aqui e agora, não vamos relacionar (ou nos debruçar) sobre todos os títulos publicados no ano findo. Citaremos alguns dos que nos chegaram e que nos parecem mais expressivos. Outros, certamente, teriam opções diferentes. Pois para além da qualidade há sempre um componente de gosto, de afinação do que estamos lendo com nossa maneira de ser, de aproximação autor x leitor.

Comecemos pela Editora Lunardelli: Urda L. Klueger mantém-se fiel à sua escrita e às suas preocupações. Em **Vem, vamos remar** ela funde depoimento e ficção para nos falar de um tema mais próximo, as enchentes do Rio Itajaí e suas conseqüências. Já Moacir Pereira, comentarista político, aproveita o gancho da futura Constituinte para lançar o oportuno **O poder da Constituinte.** Flávio José Cardozo retorna com uma seleção de seus dois livros de contos, com **Longínquas baleias,** título extraído de um dos contos de seu primeiro livro. Silveira de Souza nos brinda com eu **Canário de assobio,** seleção de crônicas (melhor seria denominá-las ficções) de um escritor que tem um dos melhores textos do estado (por que não do país?). E em co-edição com a UFSC foram lançados **Retratos e perfis em vários tons,** de Nereu Correa, sub-intitulado *in memoriam*, no qual o conhecido ensaísta retraça, em estilo impressionista, imagens de personalidades desaparecidas com as quais conviveu; e **O castelo de Frankenstein,** anotações sobre autores e livros, resultado de parte da atividade crítica do colunista nos últimos 10 anos.

Da FCC-edições o destaque do ano seria para a edição fac-similar de **Evocações,** de Cruz e Sousa. Enquanto não temos cumprida a promessa do governo de reeditar toda a prosa do grande simbolista, numa complementação mais do que necessária ao que foi feito com sua poesia, fiquemos com estas evocações. Outra publicação que se fazia necessária é a do livro de Maura de Senna Pereira, poeta que precisa ser melhor conhecida em sua terra. Em **Busco a palavra** temos uma visão de alguém que se debruça por igual sobre o lírico, o erótico e o social. Hugo Mund Jr., mais conhecido como artista plástico, se revela (melhor, se afirma) como excelente poeta. Contido, sabe transmitir com sensibilidade e emoção. **Véspera do coração** é bom exemplo de seu fazer poético e do domínio da palavra, domínio igual ao que ele tem como artista plástico. Carlos de Freitas há muito nos devia seu livro de poemas. Vê-se, neste **Inventário,** que a experiência do jornalista tarimbado serve por igual ao poeta emotivo e atento ao que o cerca. **Frutos do mar,** de Pedro Garcia, confirma as qualidades de outro significativo poeta. Almiro Caldeira, sem abandonar seu veio histórico, larga por um momento sua preocupação com a recuperação do passado açoriano e nos diz como foi um aspecto da colonização alemã em **A esperança, talvez,** fundindo com a mesma competência história e ficção. Este romance foi finalista do falecido Concurso Cruz e Sousa, da mesma forma que o foi **Ensaio da paixão,** de Cristovão Tezza, também agora edita e que revela um ficcionista preocupado com refletir sobre seu tempo e seu meio, utilizando-se de um espetáculo montado por outro escritor, V. Rio Apa.

Da Noa-Noa temos três títulos. E todos com a qualidade de produção editorial que marca os livros que saem da pequena oficina daquela editora, na qual texto e apresentação se conjugam. Se em **O senhor Thoreau escreve um livro,** de James Playested Wood, tradução de Angela Melim, temos um breve texto que explica as dificuldades enfrentadas por Thoreau para conseguir editar um de seus livros (o que prova que o problema editar não é de hoje), **Calma mesmo na catástrofre,** de W. H. Auden, tradução de Rosaura Eichenberg, é o debruçar-se de um grande poeta sobre a correspondência de um grande pintor, Van Gogh, permitindo que conheçamos um pouco melhor a fascinante e complexa personalidade do infortunado artista. Por fim, **Encontro com Boris Schneiderman** é uma longa e esclarecedora entrevista feita por Raúl Antelo, Walter Costa e Cleber Teixeira com o tradutor e ensaísta que nos possibilitou melhor conhecimento com numerosos autores russos em tradução direta do original. Esperemos que, como informa Cleber Teixeira, seja esta a primeira de uma série de entrevistas idênticas, que aprofundem debates raramente desenvolvidos na imprensa diária, seja por falta de espaço ou pela urgência na publicação.

A Editora da UFSC, a exemplo do que ocorreu em 84 e 85, fechou o ano de 86 com mais de 30 títulos publicados em suas três séries. Deixando de lado a série Didática e as Publicações Periódicas, vamos a breves anotações a respeito de alguns livros da série Geral, na qual se editam todos os gêneros, desde que aprovados pelo Conselho Editorial e sejam compatíveis com a linha da editora. Antes, é bom acentuar que a Editora da UFSC vem procurando ampliar e melhorar seu sistema de distribuição e aumentar a tiragem de seus livros com o incentivo às co-edições. Eis alguns dentre os publicados no período: **O coloquial na poética de Manuel Bandeira,** de Maria Helena Camargo Regis, primeira contribuição às comemorações do centenário de nascimento do poeta pernambucano e que, devido ao valor da análise inovadora, foi adquirido pelo INL para distribuição às bibliotecas do país; **O cristal em chamas,** uma introdução à leitura do texto literário, de Sérgio Luis Prado Bellei; **A consciência ecológica, a luta pelo futuro,** de Paulo Fernando Lago; **Informática no Brasil — a opção política é nossa,** de Maria Lúcia Salgueiro dos Santos; **A vitória dos vencidos, PCB e Ligas Camponesas, 1955-1964,** de Bernardete Wrublevski Aued, minucioso estudo das lutas em Sapé, na Paraíba; **A prosa e o verso do pescador,** de vários autores, reunindo os trabalhos premiados no 2º concurso promovido pela Acarpesc; **As idéias lingüísticas de Mário de Andrade,** de Leonor Scliar Cabral; **Como combater a tortura,** relatório do Colóquio Internacional realizado em Genebra, tendo François de Vargas como relator, em tradução de Eglê Malheiros, apresentação de Antonio Boaventura Santos Prados e co-edição com a OAB/SC; **Os civis precisam voltar aos quartéis!,** crônicas de Sérgio da Costa Ramos, co-edição com o jornal **O ESTADO,** seleção de trabalhos de um dos mais apreciados jornalistas catarinenses, que relutava em aparecer em livro e que acabou por se transformar no *best-seller* do ano em Santa Catarina, com a primeira edição praticamente esgotada em um mês.

Cabe, ainda, uma referência a outras organizações que adentraram (para usar uma expressão grata ao jargão futebolístico) o mercado editorial em 86. E que, esperamos, continuem e se afirmem em 87. Queremos nos referir à Livraria Estudantil, de Florianópolis, à Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina e à Fundação Universitária Regional de Blumenau.

Quais as perspectivas para o ano que se inicia? O que esperar da administração estadual que também se inicia?

Quanto ao primeiro item, que os bons eflúvios de 1986 prossigam. Não vai ser fácil, sabemos. O barco do Cruzado I deu água por todos os lados antes que qualquer coisa se tivesse consolidado. O Cruzado II foi uma ducha gelada — e não podemos saber o que virá ainda por aí.

Quanto ao segundo item, torçamos para que os novos administradores encarem com mais seriedade o problema cultural de um modo geral e o problema do livro de modo particular. A herança que recebem não é de molde a tranqüilizar, mas não é insolúvel.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

tim·de·semana

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel

Ainda Santa Catarina/86 e o livro

NEM só de editoras sediadas no estado vivem os escritores de Santa Catarina. Assim foi também durante 1986. Nas duas primeiras colunas deste 87 detivemo-nos sobre o trabalho expressivo que nossas editoras realizaram, divulgando livros e autores. Foi, conforme tivemos ocasião de comprovar, um ano relativamente bom, quer seja pela ampliação do número de títulos, que ultrapassaram os 60, quer seja pelo aumento das tiragens ou, ainda, a maior penetração do livro e do autor no mercado livreiro, alcançando público mais amplo e diversificado, fato sobejamente comprovado pela I Feira do Livro de Florianópolis.

Mas uns quantos títulos também foram publicados por editoras de fora do estado — o que é importante. Rompe-se assim um círculo vicioso que ameaça sufocar talentos que não querem se satisfazer com uma divulgação forçosamente quase sempre limitada.

Vamos, então, dar sucintas informações a respeito de algumas destas obras. Talvez, é quase certo, não estejam aqui presentes todas. Paciência! É que não nos chegaram ou delas não tomamos conhecimento.

Comecemos por Adolfo Boos Jr. Sem dúvida, em Santa Catarina o ano foi dele. Conquistou dois significativos prêmios nacionais, teve os dois livros publicados, participou de numerosos eventos dentro e fora do estado, manteve a crônica dominical em ***O ESTADO****, sem que isto o impedisse de continuar trabalhando concomitantemente em outros romances, contos, novelas.*

Boos, que já havia sido finalista das duas Bienais Nestlé anteriores, em 86 emplacou o segundo lugar em contos, com A Companheira noturna, *e o terceiro lugar em romance com* Quadrilátero. *Isto entre mais de mil concorrentes. Ambos os livros foram publicados pela Editora Melhoramentos/ SP.*

*Nos contos premiados observamos a mesma constante já notada em seus dois livros anteriores (*Teodora & Cia. e As Famílias*): preocupação com o dizer, preocupação com o drama da velhice e da morte,* fortes preocupações estéticas, *conforme assinala na* orelha *Cassiano Nunes, que participou da comissão julgadora.*

No romance, um painel extremamente ambicioso e complexo. Através de quatro personagens chave e dos quatro elementos da natureza (ar, água, terra, fogo) temos o retrato de um grupo de imigrantes alemães. Mas o que interessa ao escritor é o outro lado, não o dos vencedores tã badalados, mas o dos perdedores, aqueles que sentem ir desmoronando sonhos e ilusões, conforme diz na orelha *Eglê Malheiros, que fez parte da comissão julgadora: "Poderíamos resumir o romance como sendo um exercício sobre os sonhos e as paixões: o que sobra dos sonhos, legítimos ou inculcados, quando defrontados com a realidade, o que sobra das paixões quando se consomem. Para acrescentar logo a seguir: "é um livro denso e opressivo, os seres humanos vivendo ao sabor dos elementos, governados por paixões maiores que eles próprios, buscando desesperadamente dar um rumo a suas vidas.*

* * *

O Vagabundo iluminado *é o vigésimo-primeiro livro de Marcos Konder Reis. Nome dos mais representativos da chamada* geração 45, *o poeta catarinense mantém-se fiel a uma linha que se traçou, debruçando-se sobre o que foi e o que é e se interrogando exaustivamente. Aqui, num poema extremamente longo, profundamente confessional, metafísico, lírico, complexo, o poeta,* vagabundo iluminado, *tenta recuperar o menino que foi, o menino que quer ser. Aquele menino sensível, que saiu de sua Itajaí em busca do mundo, mas jamais conseguiu se despir de sua infância ou daquela Itajaí que o acompanha, que tem entranhada em sua carne, em seu sangue, em suas fezes. O poeta se interroga, interroga Deus, quer saber. Em 2.7, pág. 17, diz: "Lá vai ele, o menino, naquele seu tempo agora, com sua pandorga,/ e vou com ele quer dizer que volto ao ponto em que me acordo,/ em que te acordas. Pôr meus olhos em ti ressucita,/". Este trecho, como tantos outros no decorrer das compactas 435 páginas, é bastante esclarecedor. Esclarecedor da proposta de Konder Reis e esclarecedor do seu fazer poético, de versos onde poema e prosa se interpenetram para (re)criar poesia. Aclarando mais sua proposta, em 24.1, pág. 86, diz Marcos Konder Reis: "Poeta, um vagabundo iluminado, percorro meus caminhos:/Todo poema é uma viagem. Nós tentamos aprender a falar,/ para poder dizer, no encontro, alguma coisa/ que seja, para o outro, uma declaração de amor". Permeiam o poema referências, aproximações, interrelações, como esta, por exemplo, onde estão, ao mesmo tempo, próximos e distantes, no tempo e no espaço, Urda, a Urda romancista de Blumenau, a Anna Livia, a Anna Livia de Joyce (44.5 — pág.185): "Urda, se fosse, então, no tempo das tangerinas, e se você/ pudesse me dizer tudo o que queria da menina, o que será/ que você me diria, se a tivesse conhecido nesse tempo?/ O tell me all about Anna Livia! I want to hear all'about Anna Livia. Well, you know Anna Livia? Yes, of course, ". Enfim, é ler-reler e ir de descoberta em descoberta.*

* * *

*1986 foi também um ano de Hugo Mund Jr. Além do livro de poemas a que já nos referimos anteriormente (*Véspera do Coração, *FCC — edições, primeiro prêmio IC Centenário da Paraíba), teve mais dois outros publicados:* Exercício em Branco, *Thesaurus Editora, Brasília, e* Flauta de Espuma, *Editora Lavras, Brasília.*

Com estes dois títulos se encerra uma tetralogia, sendo os dois anteriores Ícones da Terra *e* Espelho Ardente.

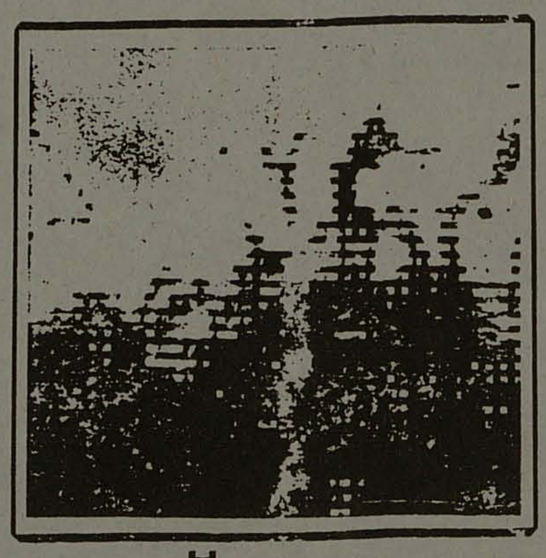
O que logo chama a atenção em Mund é a contenção, a precisão da palavra. Parece que o artista plástico que ele é se transfere para o poeta, sem que um prejudique o outro; antes pelo contrário, os dois se complementam. Nos poemas de seis versos de Flauta de Espuma, *todos "sob o signo da água", conforme assinala Silveira de Souza na* Apresentação, *o poeta nos oferece numerosas possibilidades de leitura, com imagens de singular beleza. Vejamos esta: "O áureo palor do espaço indiviso/onde o mar se junta ao firmamento/ proclama o domínio do impreciso/no intervalo contestado do vento/o mistério de uma sábia indiferença/posto à frente do evento contemplado". Ou nesta singela e alegórica recriação do Boi-de-mamão: "pai mateus traz o boi/ que morre em meio à dança/entra urubu e feiticeiro/cavalinho recomeça a farsa/ as crianças escorregam/na bocarra da bernúncia". É da precisão, da contenção, da imagem recriada, da exatidão que este poeta-pintor extrai os principais elementos do seu fazer poético.*

* * *

Carnisé gabola acabou gabiru, *de Werner Zotz, publicado pela Ed. Nórdica/RJ. Bem humorada historieta para crianças de variadas idades. O autor já nos deu livros tão criativos como* Rio Liberdade, *por exemplo. Werner sabe, como poucos, chegar ao seu público, conquistando-o através da emoção e da verdade. Também Werner (e de Sueli de Souza Cagneti), pela mesma Nórdica,* Livro que te quero livro. *O título basta, já diz ao que vem o texto. Na primeira parte, montada a partir de entrevistas concedidas por Werner e retrabalhadas por Sueli, a visão do autor sobre o processo de criação e a compreensão que ele tem da importância do livro na formação de um povo. Na segunda, Sueli debate um tema cadente,* O livro na escola: liberdade para voar e crescer. *São colocações pertinentes, que merecem especial atenção tanto dos professores como dos pais e das crianças.*

Para matar a noite, *do catarinense radicado em Brasília Solange Rech, impresso na gráfica Center Editora Lta, reúne, sob o signo do lirismo e do humor, poemas e crônicas. Eis dois exemplos dos poemas: "Alguma coisa molha/o meu olhar distante/ — Será a chuva de agora?/ — Será o vento de ontem?", extraído do poema que dá título ao livro, e este criativo quarteto de Quaresma: "Ó face-Mor tecida/Face do amor tecida/tem pena de minha face/a-m-o-r-t-e-c-i-d-a. ". A assinalar ainda, a preocupação com o social, sendo exemplo o poema sobre os mineiros de Criciúma.*

Por fim, numa área onde a bibliografia é sumamente restrita um bom manual a que já nos referimos demoradamente em coluna anterior: A literatura em Santa Catarina, *de Janete Gaspar Machado, pela Ed. Mercado Aberto/RS, na série Revisão.*





UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

leitura/crítica

Coerência de Uma Vida

SALIM MIGUEL

FICO em dúvida, me ponho a conjeturar: terá Drummond morrido por causa da morte da filha única poucos dias antes da sua, ou terá esperado que a filha, desenganada, morresse primeiro para depois ele se apagar suavemente? Não sei, nunca saberei, nunca teremos como saber. Mas é bastante provável que a segunda hipótese seja a mais correta. Quem o viu na televisão no enterro da filha, quem teve conhecimento da maneira como ele procurou esconder o enfarte (2º enfarte), como ele pediu que não lhe dessem medicamentos, constatou que Drummond se desligava da vida.

Desligava-se da vida mas sempre coerente, sempre fiel à sua visão de mundo, às suas idéias, ao seu meio, a seu tempo.

Recorro aqui a uma carta que ele me mandou em setembro de 1952. Ao acusar o recebimento do nº 16 da revista *Sul* e do livro *A Ponte*, de Antonio Paladino, (homenagem nossa com a recolha (prosa e verso) do que o amigo que se fora tão cedo deixara escrito), dizia Drummond em certo trecho: "impressionou-me, na página que V. escreveu (referia-se ao texto onde eu procurava situar passagens dos escritos, da vida e da morte do Toninho) a narrativa da morte admirável de seu amigo: que rapaz lúcido e corajoso!" Isto se aplica ao Drummond poeta e ao Drummond ser humano, que soube viver e soube morrer. Pediu enterro sem pompa e sem cerimônia religiosa.

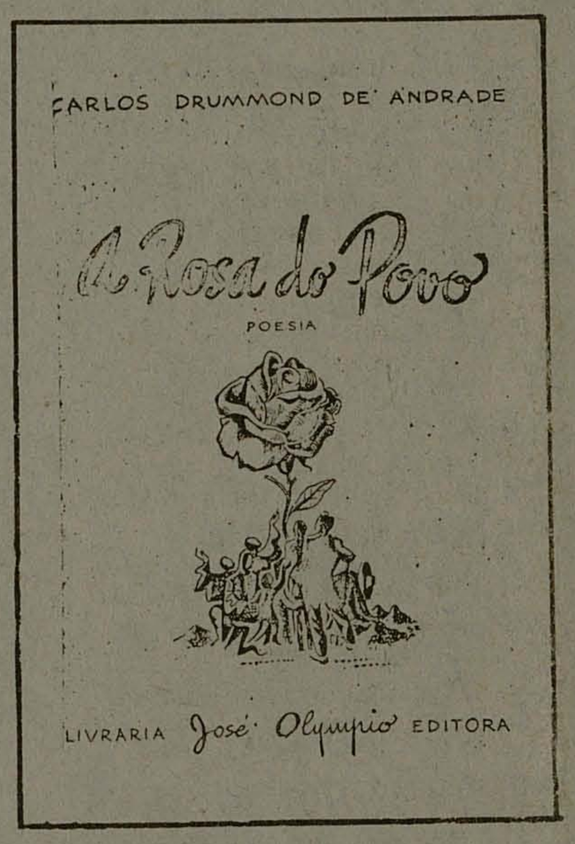
Não vou, nestas anotações escritas ao impacto da emoção, me deter na importância da obra de Drummond. A fortuna crítica já disse bastante — e muito mais, tenho absoluta certeza, será dito a propósito do que ele escreveu, do que nos deixou. Nem vou também insistir na afirmativa de que era o nosso maior poeta. Aliás, a propósito concordo plenamente com a colocação do próprio Drummond quando afirma: "Não sei qual é o maior poeta brasileiro de hoje nem de ontem. Para mim, não há maiores poetas. Há poetas. E cada qual diferente dos outros. "Ele foi, o que é inquestionável, excelente poeta, excelente contista, excelente cronista, excelente memorialista. E não há porque sobrelevar um em detrimento do outro. Melhor: um e outros se interpenetram e complementam, fundindo-se, porque se há no poeta a busca de uma visão poética ou até mesmo apoética do dia-a-dia, existem no prosador, sem dúvida, momentos de alta poesia.

Parece-me, mais oportuno, referir como e quando o conheci, nossos contatos posteriores, a impressão que dele me ficou.

Embora dia exato se esfume no tempo, foi lá por 1950/51. Antes, de Florianópolis, já lhe havíamos mandado alguns escritos, os primeiros números da revista *Sul*. Lembro-me bem do primeiro encontro. Estávamos no Rio, um grupo de jovens e deslumbrados provincianos que pela primeira vez saíam de sua terra para uma viagem mais longa e logo para o centro cultural do país. Queríamos conhecer (e conhecemos, claro, com a audácia que deve ser apanágio dos jovens) um Graciliano Ramos, um José Lins do Rego, um Otto Maria Carpeaux, um Anibal Machado, um Santa Rosa, outros mais. Já conhecíamos Marques Rebelo, que tinha estado em Florianópolis com a exposição de pintura contemporânea, Jorge Lacerda, catarinense que dirigia o mais prestigiado suplemento literário do país, Paschoal Carlos Magno, que aqui estivera falando sobre teatro. Durante dias fizemos visitas, circulamos por teatros, cinemas, bares. Um dia, de repente, no elevador do então Ministério da Educação, nos deparamos com Drummond. Alto e magro, quieto e tímido, ali estava ele. Virei-me para um amigo, cochichei, avancei até o poeta, tímido também eu, sussurrei: "Carlos Drummond?" Olhou-me, riu aquele riso que o marcava, retrucou, sim, um sim interrogativo. E eu: "foi bom encontrá-lo, ia mesmo procurá-lo". Ele: "quem é você?" Eu: "Salim Miguel". Ele: "ah, sim, da revista *Sul*, Santa Catarina". Eu: "isto mesmo". Ele: "o que queria comigo"? Eu: "em primeiro lugar conhecê-lo pessoalmente, depois a missão não é fácil, uma entrevista para o jornal onde colaboro". Ele: "não dou entrevista, você deve saber". Eu: "sei, sim, mas não custa tentar". Ele: "então tente, vamos ver".

Nós tínhamos encontro com o Jorge Lacerda e Santa Rosa, que colaborava com ilustrações na revista *Sul*. Disse ao Drummond que me indicasse a sala onde trabalhava, logo-logo voltaria para tentar convencê-lo, ele sorriu e retrucou com outro *vamos ver*. Certamente vendo aquele provinciano insistente, devia se lembrar de outro provinciano, ele mesmo, ao chegar ao Rio poucos anos antes.

Ao relatar o diálogo ao Jorge Lacerda ele duvidou que eu conseguisse o que outros não haviam conseguido; acabou



Capa de Santa Rosa para a 1ª edição de A Rosa do Povo

se comunicando com o Drummond, que foi até onde estávamos. Conversamos um pouco, ali estavam outros escritores, posamos para uma foto. Acabei descendo com o poeta até a sala que ele ocupava.

Foi uma conversa descontraída, o que até me surpreendeu, dada a fama de secarrão que ele possuía. Não chegou a ser uma entrevista. Ele falou do trabalho que realizava, se referiu a sua Itabira e a sua obra — eu lhe falei de Florianólis e do que estávamos tentando. Ao sair lhe disse que pretendia publicar um resumo do papo. Ele riu, não concordou nem discordou. Agarrei-me ao ditado "quem cala consente". Na volta do Rio publiquei, aqui no **O ESTADO,** aquela de deve ter sido uma das primeiras entrevistas de Drummond. Infelizmente, reconheço, o resultado final, por absoluta culpa minha, não pelo que havíamos conversado, deixou a desejar. Preocupado em ser o mais fiel possível na transcrição, tenso com a responsabilidade, sem ter feito anotações, baseando-me apenas na memória, sem experiência, me perdi, acabei criando um texto insatisfatório, que hoje nem sei por onde se encontra (nem procuro saber), dele não possuo cópia.

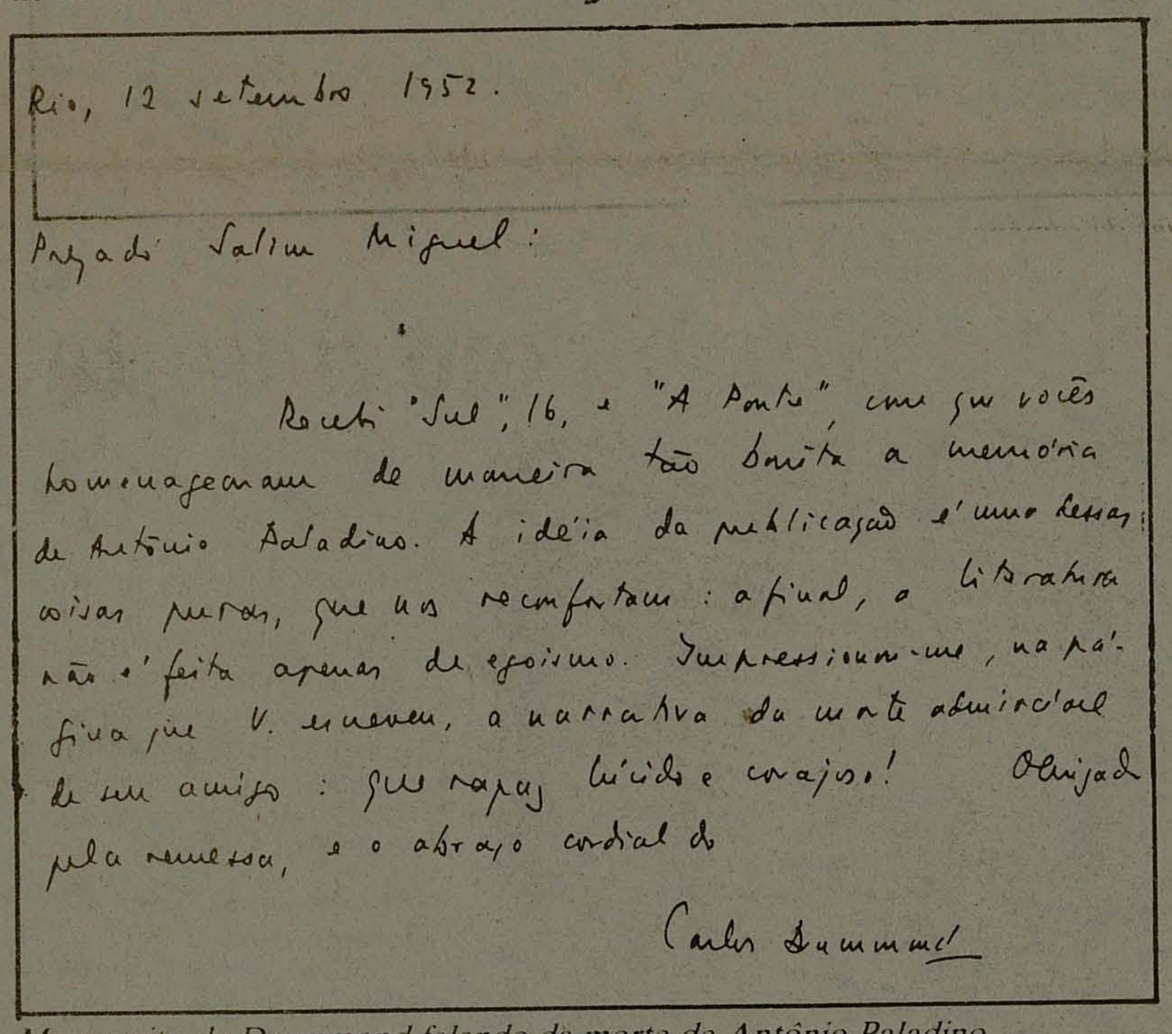
Dali em diante continuamos nos comunicando, ele me mandava seus livros, alguns autografados, eu lhe mandava os meus — e por duas vezes utilizei em livros meus versos de Drummond como epígrafe. A segunda epígrafe me marcou desde a primeira leitura. E mais me marca à medida que envelheço e que parentes e amigos vão sendo arrancados do nosso convívio para o outro lado. Diz: "do lado esquerdo carrego os meus mortos por isso caminho um pouco de banda".

Durante os anos em que morei no Rio, por vezes telefonava para o poeta; devemos ter nos encontrado rapidamente, ele pouco circulava, eu, por um pudor inexplicável, não queria incomodá-lo. Num dos telefonemas foi para pedir autorização para publicar, na revista *Ficção*, que então editávamos no Rio, um de seus contos. Prontamente concordou — e no nº 19 lá está *Nossa Amiga* — um conto selecionado de Carlos Drummond de Andrade, extraído de *Contos de aprendiz*. Um trecho da nota introdutória dizia: "As páginas que se seguem, tiradas do volume, são um bom exemplo de sua prosa límpida e altamente significativa, traçando o retrato sensível de uma criança ao mesmo tempo em que constrói de modo econômico mas eficiente o mundo adulto em que ela se insere".

Já de novo em Florianópolis, voltei a me comunicar com ele. Estávamos preparando o lançamento do concurso de poesia Cruz e Sousa. O primeiro nome lembrado para compor a comissão tinha que ser Drummond. Nem me deixou concluir a exposição e chegar ao convite. Me interrompeu para dizer que só uma única vez incidira no erro de participar de uma comissão julgadora. Para nunca mais. Mais tarde, do Rio, voltei a insistir. Eu imaginava o resultado, ele gozou da minha insistência, disse saber que eu era teimoso. Afirmou, "neste caso eu sou mais. Não adianta". Também para a entrega do prêmio recusou o convite, disse não estar em idade de viajar, "não gostava de viajar quando jovem, imagine agora que estou velho".

Coincidência ou não, num espaço de 35 anos, Drummond e Florianópolis se cruzam tendo a palavra *morte* entre eles. Na primeira foi em 1952, quando agradecendo a remessa do livro com os escritos de Antonio Paladino, o poeta fala da *morte admirável* do nosso amigo. Agora, menos de cinco meses antes dele morrer, foi a carta com a autorização para que Zeca Nunes Pires transformasse em filme o poema *Morte do Leiteiro*. Pelo significado de que se revestem, publicamos os dois manuscritos.

Como concluir estas anotações? Não sei. Por mais que busque, o que me vem é um lugar comum: a morte do poeta nos deixa mais pobres. Então, para fugir ao convencional, recorro outra vez ao próprio Drummond. Considerado um cético, no entanto ele, diante de um mundo contraditório que desaba, diz: "Eu tenho esperança no homem".



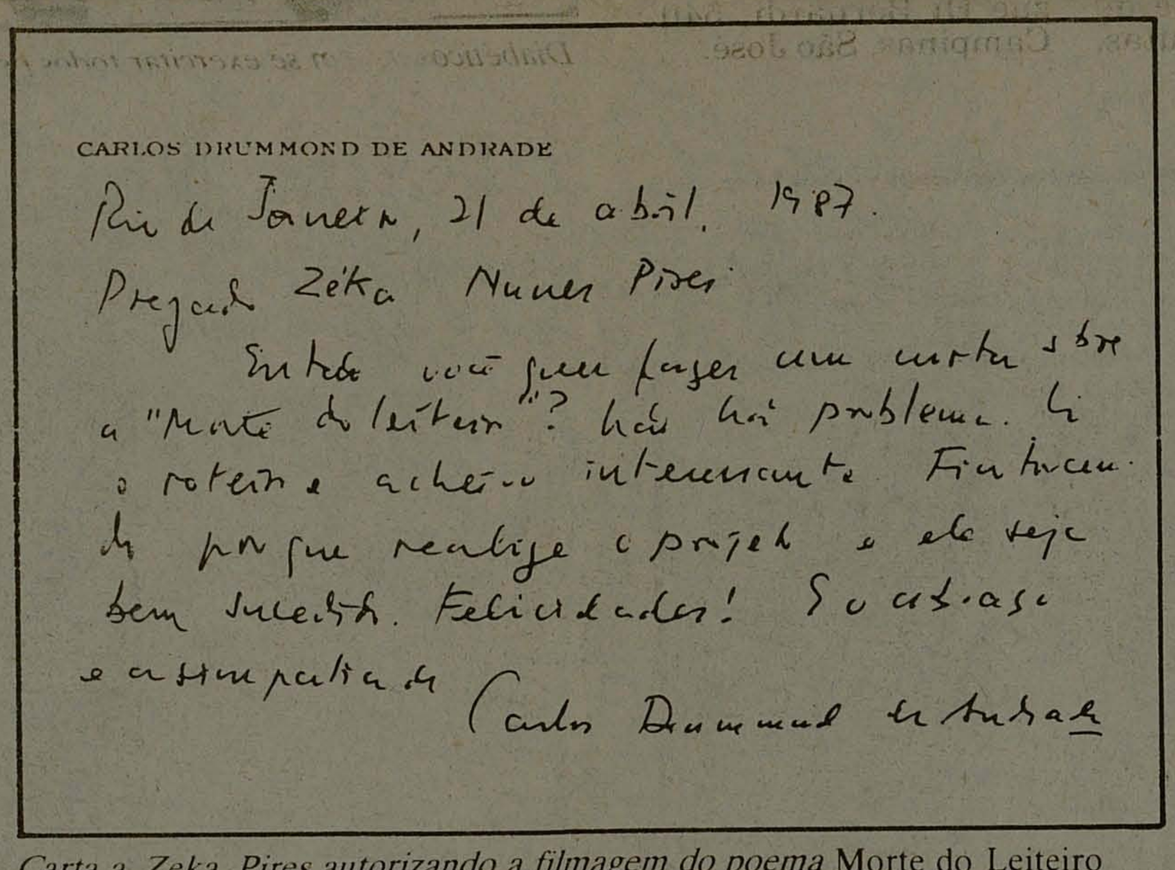
Rio, 12 setembro 1952.

Prezado Salim Miguel:

Recebi "Sul", 16, e "A Ponte", com que vocês homenagearam de maneira tão bonita a memória de Antonio Paladino. A idéia da publicação é uma dessas coisas puras, que nos reconfortam: afinal, a literatura não é feita apenas de egoísmo. Impressionou-me, na página (ou V. escreveu, a narrativa da morte admirável de seu amigo: que rapaz lúcido e corajoso! Obrigado pela remessa, e o abraço cordial do

Carlos Drummond

Manuscrito de Drummond falando da morte de Antônio Paladino



CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Rio de Janeiro, 21 de abril 1987.

Prezado Zéka Nunes Pires

Então você quer fazer um curta sobre a "Morte do leiteiro"? Não há problema. Li o roteiro e achei-o interessante. Fico feliz de você realizar o projeto e ele seja bem sucedido. Felicidades! Solidariedade e estima para

Carlos Drummond de Andrade

Carta a Zeka Pires autorizando a filmagem do poema Morte do Leiteiro

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

429

O ESTADO

leitura/crítica

Salim Miguel

Novos títulos para todos os gostos

QUATRO semanas publicando trechos de um longo depoimento de Marcos Farias (cineasta catarinense morto vai para dois anos, sem ver concretizado seu projeto de implantar uma cinemateca entre nós e paralelamente um início de produção cinematográfica), tumultuaram a mesa do colunista. São livros que chegam, informações que precisam ser divulgadas. Vamos, então, ao trabalho:

1 — Encerra-se, neste domingo, a II Feira do Livro de Florianópolis, promoção da ACEL. É uma última oportunidade para visitá-la, prestigiando uma iniciativa que precisa ser consolidada. E adquirir, com 20% de desconto. Livros. São mais de cem mil títulos para todos os gostos;

2 — Enquanto isto, até o dia 15 prossegue a já tradicional Feira do Livro de Porto Alegre. Com seus mais de 30 anos ela já está plenamente consolidada. E depois de uma pequena ausência, lá está de novo a barraca de Santa Catarina. No dia 11, autores catarinenses estarão autografando seus novos livros, entre eles dois da mais recente coleção, (a Ipsis Litteris), da Editora da UFSC. Trata-se de *Poemas para Quem Caminha,* de Renato Tapado, e *Grifos e Emblemas,* de Hugo Mund Júnior. Ambos co-edição UFSC/FCC e ambos premiados no Concurso Luiz Delfino;



Experiência inédita: livros/folhetos

3 — O sexto volume do Projeto Cultural Volkswagem, desta vez intitulado Artistas da Tapeçaria Brasileira, está saindo do forno. Os anteriores foram: a Cor da Arte Brasileira; Mestres do Desenho Brasileiro; Artistas Gravadores do Brasil; Artistas da Cerâmica Brasileira; Artistas da Escultura Brasileira. Neste novo volume são cerca de 30 artistas, documentando a arte herdada de uma das mais sofisticadas tapeçarias que o mundo já conheceu; a dos indígenas brasileiros. O autor do texto e da seleção é Jacob Klintowitz, crítico, especialista em arte contemporânea e arte brasileira. E entre os artistas (eruditos, populares, indígenas) estão Norberto Nicola, Jacques Douchez, Zorávia Bettiol, Genaro de Carvalho, Marlene Trindade, Concessa Colaço, Bia Vasconcelos, Arlinda Volpado;

4 — *Os Parceiros Invisíveis,* de John A. Sanford, tradução de I.F. Leal Ferreira, publicado pela Edições Paulistas/SP-1987, aborda um tema em permanente discussão: o masculino e o feminino em cada um de nós. Centrando-se nas teorias de C.G. Jung chamadas de anima/animus, o autor explicita o que para ele constitue o relacionamento homem-mulher. Já no início do primeiro capítulo Sanford diz ao que vem, quando afirma: "Os homens costumam pensar e julgar-se apenas como homens, e as mulheres pensam e julgam-se apenas como mulheres, mas os fatos psicológicos mostram que todo ser humano é andrógino". E buscando esclarecer mais sua colocação prossegue o autor: "Dentro de todo homem existe o reflexo de uma mulher, e dentro de cada mulher há o reflexo de um homem", incorporando a afirmação do índio americano Hyemeyohstz Storm. Concordando-se ou não com as colocações de Sanford, é um texto instigante o que ele nos oferece;

POLÊMICA Edição

SER NEGRO NO BRASIL HOJE

ANA LÚCIA E. F. VALENTE



Simples, para ser usado nas escolas

5 — Depois da pioneira *Primeiros Passos,* as coleções passaram a proliferar no país. Seja as temáticas ou aquelas que abordam os mais diversificados assuntos. E até mesmo aqui entre nós, a nossa Editora da UFSC acaba de partir para a primeira, a Ipsis Litteris, dedicada à criação literária e da qual acabam de sair os três primeiros títulos de poesia: *Poemas para Quem Caminha,* de Renato Tapado; *Grifos e Emblemas,* de Hugo Mund Junior; *O Continente Possuído,* de Miriam Portela. Um quarto volume, de Carlos Damião, já se encontra no prelo;

6 — Eis aí outras três coleções: *Sete contos/Setecantos,* com organização de Elias José e coordenação editorial de Ione Meloni Nassar, publicada pela Editora FTD/SP-1987, que acaba de lançar os volumes 3 e 4. No três, a presença de Emanuel Medeiros Vieira; e no quarto, o colunista que esta assina. São volumes ilustrados, de bela apresentação gráfica, com sucintas porém informativas notas bibliográficas dos autores selecionados;

7 — *Polêmica* é a nova coleção da Editora Moderna/SP. E os três primeiros títulos não poderiam ser mais oportunos e polêmicos. São eles: *Ser Negro no Brasil Hoje,* de Ana Lúcia E. F. Valente, *Reforma Agrária* — questão de terra ou de gente, de Paulo Martinez, *Aborto, um Direito ou um Crime?,* de Maria Tereza Verardo. De forma direta, objetiva, procurando situar devidamente cada tema dentro de um contexto lógico, os autores revelam a outra face de uma sociedade injusta e preconceituosa;

8 — Depois de coleções de inegável sucesso, a Brasiliense parte para outra experiência pioneira: livro/folheto, simples, sem sofisticação. E não fez por menos: já saíram os três primeiros títulos de Preto no Branco. São eles: *O Último Tiro* — Vamos Salvar as Baleias, de Dagomir Marquezi, *Deixa Comigo* — uma aventura na Serra Pelada, de Ricardo Kotscho, *Seqüestrado* — um Vídeo-clip em forma de livro, de Maria Kupstas. São textos paradidáticos. E conforme acentua a editora no folheto de apresentação da coleção, eles terá "como objetivo introduzir e incentivar no aluno, desde cedo, o hábito da leitura. E tem na escola a instituição e no professor, o agente promotor desta ação". Que assim seja.

OS PARCEIROS INVISÍVEIS
John A. Sanford



Tema eterno: discussão da sexualidade

8 FLORIANÓPOLIS, 8/11/87

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LEITURA/CRÍTICA

Salim Miguel

Apoio às publicações culturais

430

NOVO suplemento literário (ou cultural) vem se juntar aos vários que já temos em circulação pelo país. Todos em formato tablóide, quase todos em papel jornal, de periodicidade semanal, quinzenal ou mensal, contendo entre 12 ou 16 páginas,prestam excelente serviço na divulgação, no apoio e no incentivo às atividades culturais.

O mais antigo, que já ultrapassou o número mil, hoje conhecido e respeitado internacionalmente, é o *Suplemento Literário* de Minas Gerais, semanal; o mais recente é o *Suplemento Cultural* de Pernambuco (acabamos de receber o nº 9). Outros:

D. O Leitura, de São Paulo; *Suplemento Literário*, do Amazonas; *Suplemento Literário*, do Pará; *Correio das Artes*, da Paraíba; *D. O. Leitura*, do Ceará. Todos impressos nas Imprensas Oficiais de seus respectivos estados.

Será bom registrar, também, a revista *Pau Brasil*, publicação bimestral sobre Ecologia e Cultura, editada pelo Departamento de Água e Energia Elétrica do Estado de São Paulo.

Pode ser até que, dentro do mesmo esquema de produção, existam outras publicações das quais não tenhamos conhecimento.

Para além delas, circulando graças ao esforço de grupos de abnegados, parece-nos oportuno citar *O Cataguases*, publicado em Cataguases, Minas Gerais; *O Escritor*, da União Brasileira de Escritores de São Paulo; *Verve*, do Rio de Janeiro; *Cacau/Letras*, de Itabuna, Bahia; *Correio do Livro*, da Universidade de Brasília.

Neste registro, para justificar o que pretendemos colocar mais adiante, vamos nos limitar aos órgãos publicados pelas Imprensas Oficiais.

A experiência pioneira do *Suplemento Literário de Minas Gerais* provou sua validade pelos resultados que tem oferecido: divulgar uma produção literária que de outro modo não teria vasão; incentivar o surgimento de novos valores; possibilitar um intercâmbio útil entre intelectuais de diferentes estados e países. Por isso, e pela pressão exercida, o *Minas Gerais*, como é (re) conhecido, vem atravessando governos, crises, fases — e se mantendo incólume. Na esteira dele outros foram surgindo e se fixaram.

De que maneira funcionam?

A estrutura básica é simples, com pequenas alterações de órgão para órgão: um editor ou um conselho editorial composto de três membros, uma secretaria executiva, um serviço mínimo de expedição, pequeno espaço físico para uma redação. Que pode ser na própria Imprensa Oficial ou um outro local ligado à área específica do estado.

Também a abrangência, dependendo da filosofia de trabalho adotada, não varia muito: pode ser regional, restrita aos intelectuais da terra ou aberta aos do país, tratados de temas específicos ou de temas gerais, dedicando um espaço maior (ou o total de seu espaço) às atividades literárias ou àquelas culturais em seu sentido mais amplo.

Para exemplificar tomemos dois casos concretos: o do *Minas Gerais*, semanal e dedicado às atividades literárias, publicando ensaios, críticas, resenhas, entrevistas, poemas, contos, noticiários voltados para o livro ou fatos ligados à área das letras; o de São Paulo, mensal, dedicado às atividades culturais em geral, incluindo bom espaço para trabalhos que não versem temas literários. Entre eles, com pequenas variações, situam-se os demais. Ambos os citados, porém, se aproximam em alguns pontos: aceitam colaboração de outras regiões, de preferência solicitadas e publicam números monográficos, dedicados a um tema ou um autor. *D.O. Leitura*, de São Paulo, dedicou um número ao conto paulista; e há pouco tivemos no *Suplemento Literário* de Minas Gerais três números tratando exclusivamente da vida e da obra do escritor Murilo Rubião. É um documento inestimável para o melhor conhecimento deste precursor do fantástico, no momento em que ele completa 70 anos de vida.

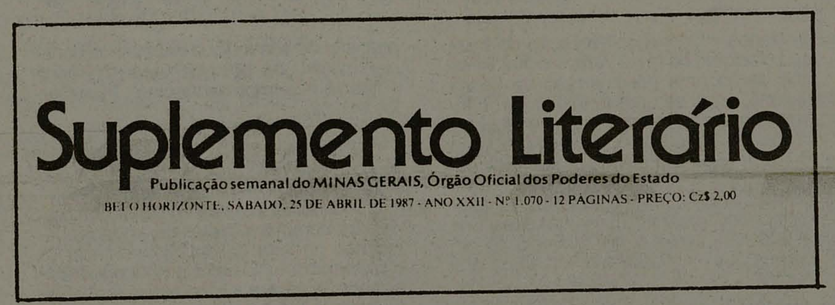
Qual o papel que cabe a tais publicações?

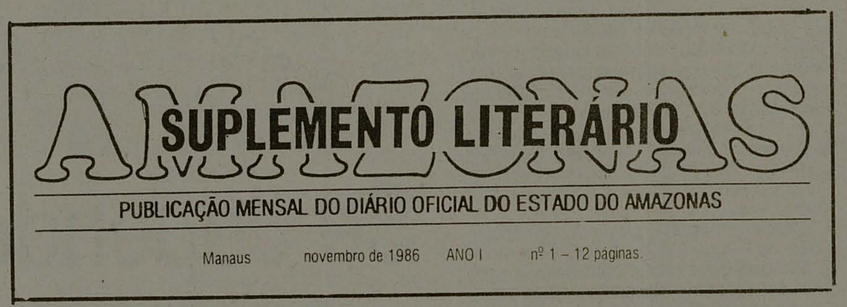
Em primeiro lugar suprir uma carência e ocupar um espaço necessário. Todos sabemos o que significaram as publicações culturais que circulavam em órgãos tradicionais da nossa imprensa. Um *Letras e Artes*, por exemplo, dirigido nas décadas de 40/50 por Jorge Lacerda. De uns anos para cá, com a crise se acentuando, os suplementos, pelo alto custo e quase nenhum retorno em termos financeiros foram sendo suprimidos. Alguns permanecem (*Folhetim*, na *Folha de São Paulo, Cultura*, no *Estado de São Paulo, Idéias*, no *Jornal do Brasil; Jornal de Letras*, RJ; *Leia*, SP), mas não atendem ao número crescente de interessados, ou atendem a uma faixa restrita, seus colaboradores mais ou menos fixos. Em tempos que lá vão, quase todo jornal que se prezasse tinha seu suplemento ou sua página literária (ou cultural). Isto possibilitava a afirmação de nomes, o debate de idéias, o surgimento de novos valores. Pois é fato acaciano que ninguém escreve para a gaveta, quem escreve deseja se comunicar. E quantos possíveis valores não acabam desistindo ou se estiolando por não terem onde publicar e uma resposta para o que produzem!

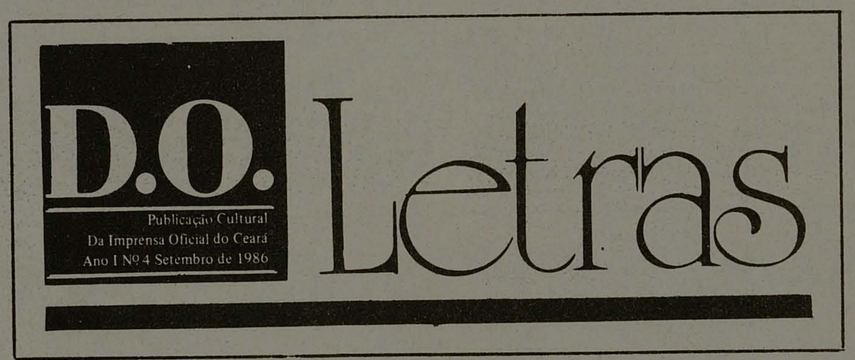
Por que os governos de Santa Catarina, até agora, não se sensibilizaram diante das tentativas feitas de conseguir a publicação, no Diário Oficial, de um Suplemento? Não temos como saber. O que sabemos é que tentativas foram feitas sem nenhum resultado.

Quem sabe agora, com um novo governo que se inicia, a idéia se torne viável? A secretária de Cultura e Esporte, professora Zuleika Lenzi, vem da área cultural da Universidade, tem uma visão mais aberta. Está, pelo que sabemos, procurando dinamizar o setor, abrir novas frentes, agitar um ambiente parado. Um suplemento Cultural seria, inclusive, motivo de aproximação entre as diferentes regiões do estado, ajudando a acabar com o famoso ilhamento que tanto é citado, quase nunca resolvido, sempre esquecido.

Fica a sugestão.


Suplemento Literário
Publicação semanal do MINAS GERAIS, Órgão Oficial dos Poderes do Estado
BELO HORIZONTE, SÁBADO, 25 DE ABRIL DE 1987 - ANO XXII - Nº 1.070 - 12 PÁGINAS - PREÇO: Cz$ 2,00


AMAZONAS
SUPLEMENTO LITERÁRIO
PUBLICAÇÃO MENSAL DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO AMAZONAS
Manaus novembro de 1986 ANO I nº 1 – 12 páginas.


D.O. Letras
Publicação Cultural
Da Imprensa Oficial do Ceará
Ano I Nº 4 Setembro de 1986

sões me ensina alguns recursos de retórica para vencer todas elas pelo tédio e meritorio.

O médico resolveu apurar aquilo

cidade de ganhar dinheiro, pergunto

nem para se ficar de pé.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LEITURA/CRÍTICA **431** Salim Miguel

Da importância de Ler-reler Antônio Cândido

UM novo livro de Antonio Candido é sempre uma grata satisfação, por nos permitir retomar contato com um dos nossos intelectuais mais lúcidos, mais conscientes, mais coerentes. Mesmo quando já conhecemos o trabalho ou parte dos trabalhos enfeixados no volume, relê-lo sempre nos acrescenta em conhecimento e fruição do texto. E é, também, a prova provada de que não há necessidade de escrever complicado para ser profundo. Basta, vá lá o truismo, saber escrever. Saber transmitir com pertinência, saber intuir o que está implícito ou explícito na obra examinada, qual a proposta básica. E desvelá-la devidamente.

O autor de *Formação da Literatura Brasileira,* de *Tese e Antítese,* entre vários outros títulos igualmente significativos, sabe fazê-lo, hoje em dia, como bem poucos entre nós, na sua área de atuação.

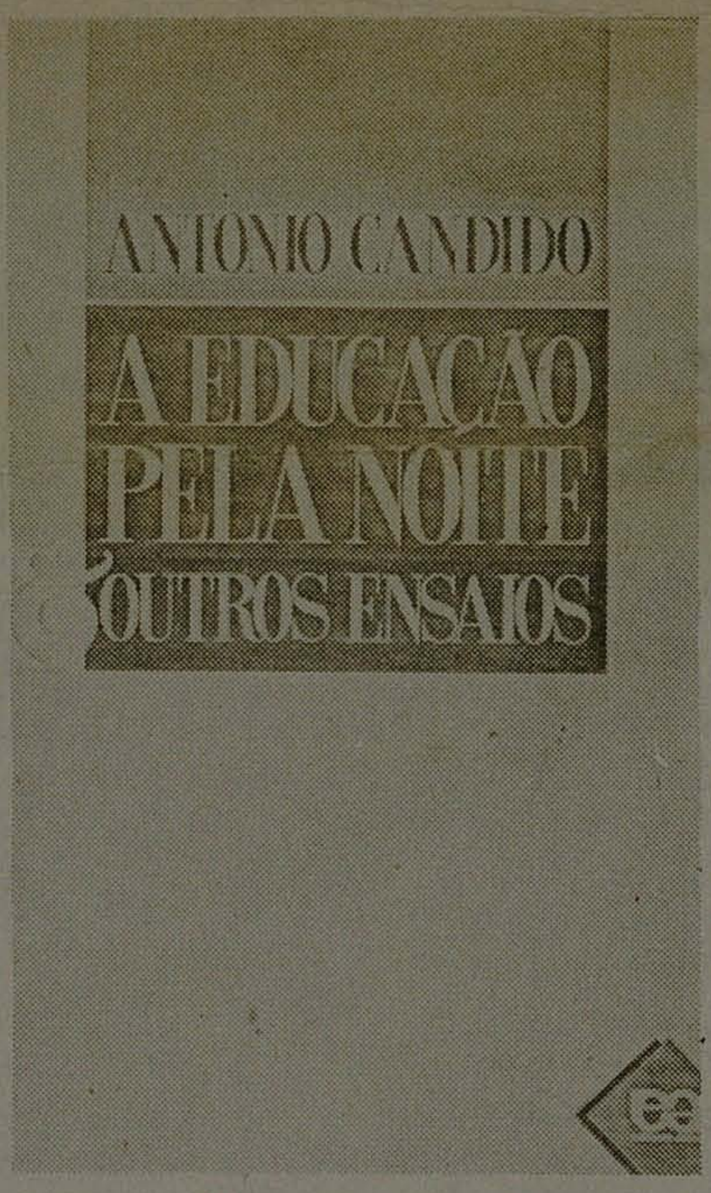
Há sempre, nos textos de Antonio Candido, uma contribuição bastante pessoal e inédita para o melhor conhecimento de um vulto ou de uma etapa, de um texto específico ou de uma obra no seu conjunto. De maneira clara, precisa, objetiva, ele nos conduz para a sua visão, sem forçar um dogmatizar, situando-nos em sua proposta de leitura e dando-nos a razão para isto. Claro que por vezes relutamos em aceitar suas colocações. É que já temos pontos de vista firmados, nossa leitura se distancia da que agora nos chega de forma insólita, desinquietando-nos e nos retirando de nossa cômoda posição.

Mas até isto é bom, é positivo, é instigante. Permite que, debruçando-nos sobre o trabalho, retomando o texto examinado, vendo-o sob nova luz, modifiquemos a leitura anterior ou a confirmemos.

Em não raras ocasiões, ao concluir a aproximação de leitura e leitura, ficamos nos perguntando como é que não havíamos nos dado conta de determinados pontos só agora percebidos, se a abordagem de Antonio Candido era quase a mesma que pretendíamos. Isto me ocorreu quando tomei conhecimento de *Ficção e Confissão.* Eu andava relendo Graciliano Ramos até a exaustão, queria entender mais e melhor um autor que me fascinava, que era e não era partícipe do chamado romance nordestino, aprofundando mais os temas, numa fusão perfeita do social e do psicológico. Sentia-me, por vezes, desnorteado em minha busca. Foi o ensaio de Antonio Candido que me abriu os olhos para aspectos ignorados do autor de *São Bernardo.* Claro que, com o passar dos tempos, e o espantoso crescimento da fortuna crítica de Mestre Graça, muitos outros trabalhos foram surgindo, alguns até bebendo nas mesmas fontes de Antonio Candido, alargando enfoques, discutindo colocações, discordando, modificando, penetrando na análise de uma prosa como poucas na literatura brasileira.

Mas o mérito de *Ficção e Confissão* permanece — e continua sendo leitura que se recomenda.

Neste livro de agora *(A EDUCAÇÃO PELA NOITE e outros ensaios.* Editora Ativa SP-1987, volume I da



série Temas - Estudos Literários), Antonio Candido nos oferece um punhado de textos anteriormente divulgados, seja em palestras seja em órgãoas de imprensa. Reuni-los em livro foi extremamente importante, até mesmo para quem já os conhecia ou conhecia parte deles. Vai permitir que os tenham em conjunto, numa visão abrangente; e possobilitar que um número maior de interessados possa, com real proveito, ter acesso a eles.

O livro está dividido em três partes, cada qual com quatro estudos que abrem novas perspectivas para a avaliação seja de autores ou de momentos e aspectos significativos da literatura.

Diz o autor na "Explicação" que "apesar de organizados em três partes, são independentes e não há ordem necessária de leitura". Assim sendo, o critério de leitura fica por conta do leitor, do seu maior interesse por um autor determinado ou por um tema.

O primeiro texto, que dá título ao livro, se detém na análise de Álvares de Azevedo, do seu teatro e de sua narrativa, examinando de que modo dois textos do poeta *(Macário* e *A noite na taverna)* podem ser aproximados. para isso Candido se apóia em estudos críticos do próprio Álvares de Azevedo.

(Não pretendo - quem sou! - proceder a um exame crítico dos ensaios reunidos no livro. Meu intento é bem mais modesto: chamar a atenção dos leitores, em especial daqueles das áreas de letras e comunição, bem como de todos os interessados nós fenômenos da criação literária e da história da literatura, para esta série de instigantes textos que merecem (e precisam) ser conhecidos.)

Dois outros ensaios do primeiro bloco falam dos nossos primeiros baudelerianos e da poesia e ficção na autobiografia em Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Pedro Nava. Já em *Os olhos, barca e o espelho,* o tema é Lima Barreto.

na presente leitura do autor de *Policarpo Quaresma,* Antonio Candido está mais preocupado em pinçar algumas informações a respeito do *Diário Íntimo,* do *Diário do Hospício,* e do romance inacabado *O cemitério dos vivos.* Neles temos um retrato dramático do homem e do artista. E cremos que, por mais que Lima tenha desejado se ater à realidade que vivia, existe, sempre, um componente ficcional se infiltrando. Aceitamos a colocação de Antonio Candido quando afirma: "diríamos, então, que se *O cemitério dos vivos* pode ser considerado um esboço de romance, o *Diário do hospício* não pode ser considerado documento pessoal puro, porque a cada momento parece que o escritor está ficcionalizando a si mesmo e ao ambiente onde se encontra..." Foi sempre, tanto ao descobrir o autor na nossa mocidade, como nas demais vezes que nos debruçamos sobre seus textos, a leitura que fizemos.

Na segunda parte Antonio Candido estuda quatro críticos, dois brasileiros e dois estrangeiros. São eles: Sílvio Romero e Sérgio Milliet, este um nome que necessita de urgente reavaliação de sua importância também como poeta e crítico de artes plásticas; de Giraldi Cintio, "o primeiro teórico da narrativa", que publicou em 1554 um tratado inovador; e o francês Fancan que, no dizer de Antonio Candido, "é talvez o primeiro teórico da ficção em prosa", no começo do século XVII, reivindicando, contra a opinião então corrente, "a dignidade do gênero".

Os quatro ensaios da última parte são característicos das preocupações básicas de Antonio Candido: os problemas da cultura e do subdesenvolvimento; o papel da literatura e a formação da sociedade brasileira; correlação entre Revolução de 30 e literatura; e, como fecho, um breve apanhado sobre as tendências da ficção brasileira de hoje.

Embora, conforme o próprio autor acentue na "Explicação", "alguns *(textos)* se destinavam a público estrangeiro, e isto explica não apenas certas informações dispensáveis para o leitor brasileiro, mas a ocorrência de idéias que já estavam noutros escritos do autor", nunca será demais voltar a eles, em especial se são ditos por alguém da qualificação de Antonio Candido.

No caso presente, não custa repetir o que tenho dito quando me debruço sobre textos de tamanho nível: melhor do que ficar falando deles, é procurar lê-los, absorvendo o que nos podem oferecer.

1987

NOTA FINAL: No decorrer desta próxima semana (4-8 de maio) Antonio Candido estará em Florianópolis participando da Semana de Letras. É uma excelente oportunidade de voltar a ouvi-lo. E aproveitar também para ter, neste seu novo livro, um precioso autógrafo.

Não só Antonio Candido estará participando da Semana de Letras promovida pelos alunos da área, na UFSC. Outros nomes presentes são Eric Nepomuceno, Fernando Moraes, Moacyr Scliar, Eglê Franchi, Teixeira Coelho, Werner Zotz, Eglê Malheiros, Raul Antelo, Sergio Bellei, Walter Costa.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

O Poder da Palavra em Nova Dimensão

SALIM MIGUEL

É através de um singular e fascinante estratagema, de um artifício ficcional que o catarinense/gaúcho Donaldo Schuler estrutura e desenvolve sua mais recente novela (**Faustino**, publicação da Editora Mercado Aberto/PA, na Série Novelas), dando assim continuidade à sua importante e diversificada obra de professor, crítico, ensaísta, ficcionista.

De que maneira tudo isto se realiza? Quais os elementos de que o Autor se utiliza? Parece-nos indubitável que todos os Donaldos nele contidos se interpenetram e complementam, uns influenciando e motivando a atividade dos outros. Estarão presentes na construção de sua trama em **Faustino**? Será que existem elementos que permitam inserir esta novela nas que ele já publicou? Parece-nos que sim. Basta um simples confronto. Mas não é momento para nos determos numa análise que englobe os trabalhos anteriores. Queremos apenas aqui anotar o fato, chamando para ele a atenção dos estudiosos do fenômeno da criação literária. E aproveitar para tecer algumas considerações a propósito deste insólito e tão infausto **Faustino**.

Tomemos, como ponto de partida, a compulsiva Hortência. Ela sente necessidade de extravasar, de jogar para fora, e o faz de forma tumultuada e caótica, tudo que a inquieta e tortura e que ela acredita (ou se esforça por acreditar) ser conseqüência direta do seu tenso relacionamento com o marido. Até pode ser. Cabe ao leitor atentar para o que lhe está sendo transmitido, examinar, avaliar, duvidar ou aceitar, concluir.

Como em toda obra de arte que se preze, Donaldo Schuler deixa mais entrever do que revelar, insiste em sugerir em lugar de afirmar, temos mais o implícito do que o explícito.

Mas existe também nela, nessa Hortência que narra na primeira pessoa (e nem por outro motivo tem o nome de um arbusto que também é flor, uma flor composta de numerosos filamentos até se transformar no que é), um componente de ambigüidade, entreabrindo-se/entrefechando-se simultaneamente para si mesma e para os outros.

Hortência dirige-se a uma interlocutora que só ouve, que não tem (ou quase não tem) como interferir, que bem pode ser (como nos quer induzir a aceitar o Autor) a amiga Serafina, mas que, aos poucos, num processo de transferência, acaba de modo subreptício por se transmutar no leitor, fazendo-o partícipe da trama. É todo um jogo lúdico armado com precisão.

E é aí, fragmentariamente, que se vai construindo/destruindo a figura do protagonista Faustino. E do universo que o cerca.

Anoto a frase e paro. Penso. Repenso. Avanço. Recuo. Releio o que escrevi. Volto ao livro. Examino uma frase e outra, um trecho aqui ou ali. E me interrogo: como? Protagonista Faustino! Será? Não será antes Hortência, já que é por intermédio dela que vemos (e temos) a visão de mundo que nos chega? Não é certo que Hortência, da mesma forma pela qual a flor vai se compondo, nos re-cria um Faustino à sua imagem e des-semelhança? Ou seremos todos nós Faustinos dessa louca aventura na qual nos introduz Donaldo Schuler. Mais do que nos introduzir quer nos alertar: também fazes parte de tudo aquilo de que acabas de tomar conhecimento.

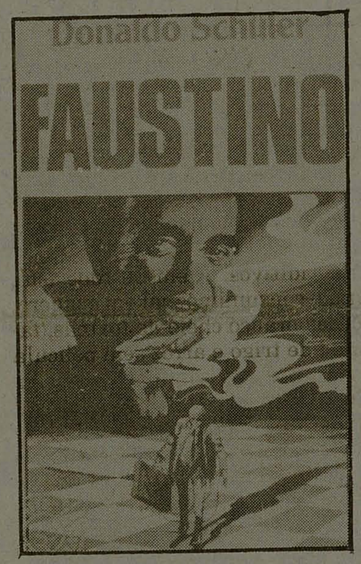
Afinal quem é Faustino?

A epígrafe de Mário de Andrade, uma das chaves do livro, nos possibilita uma das inumeráveis leituras, uma primeira leitura que até pode ser arbitrária. Paciência. Diz ela: "Eu sou trezentos, eu sou trezentos e cinqüenta/Mas um dia afinal eu toparei comigo..." Duas questões se colocam: a insistência no *eu* e se na verdade o Faustino confirmará aquele *toparei comigo...*" que com as reticências não afirma nem nega.

A partir daí, creio, tudo é válido, tudo é permitido nesta ficção de Donaldo Schuler. Estamos em pleno terreno do insólito, do real e do fantástico interligados.

Faustino bem pode ser mais de trezentos como bem pode ser um

Fausto subdesenvolvido que nem mesmo consegue se realizar vendendo a própria alma, chafurdando na lama. Fracassa em tudo aquilo que se mete, vai de desengano em desengano. Acaba por se confundir ou nos confundir. É o retrato (ou protótipo) do brasileiro de nossos dias que luta por se realizar num país que é e não é dele, que lhe escorre das mãos, que ele reconhece



desconhecendo. Assim, são sucessivos os Faustinos que vamos encontrando ao longo da história, Faustinos diversos e idênticos. Tudo que tentam se transmuta em miragem. Um bom exemplo é a seqüência da loteria esportiva, quando Faustino se imagina o ganhador único, paga tudo para todos — e não quer se conformar quando descobre que é um no meio de centenas de faustinos por igual inconformados. Mas o **erzats** Mefistófeles insiste em pregar peças. E nem é por outro motivo que num achado que diz bem das intenções de Donaldo, seu Mefistófeles se expressa num português recheado de inglês, como se o inglês fosse a sua língua nativa. Só que Mefistófeles quer mais do que a alma de Faustino: quer alma, corpo, sensibilidade, inteligência, riqueza — tudo enfim. E ao contrário do outro, nada oferece em troca. Nem uma ilusão que dure um pouco mais. E também não quer saber de se comunicar com Faustino. É, de novo, através de Hortência que ele nos chega. Tem sempre seus intermediários. Será necessário muito esforço para reconhecê-los entre nós?

Vejamos este pequeno e significativo trecho do diálogo entre Hortência e Mefistófeles. Ei-lo:

"Meu contato com pessoas estava reduzido ao Faustino, quase sempre fora de casa, e ao telefone, que tilintou. Imagine de quem era a voz.

— O senhor é a última pessoa com quem eu desejaria falar hoje.

— All Right, my lady, e sou o primeiro não é? Aliás, seu único amigo. A solidão não lhe dói?

— Solidão? O que é que o senhor tem a ver com a minha solidão?

— Além dos interesses estritamente profissionais, nothing, senhora. Quero apenas notícias do meu servo Faustino. (pág. 79)

Ou este trecho que nos devolve um tempo não de todo sumido:

"— Carnaval? Did you say carnaval? Carnaval para convulsionar o país?

— Não se preocupe. Todo carnaval termina em quarta-feira de cinzas.

— Isto se deixarmos o carnaval acontecer. É o bastante, senhora. Tenho mais coisas a fazer. Este foi o nosso primeiro contato. Teremos que conversar outras vezes para nos conhecer melhor. Não saia da cidade, senhora. Muito cuidado com telefonemas. Evite contato com pessoas que possam comprometê-la. A saída é por aqui. Por hoje é só." (pág. 99)

Enquanto isso, de que jeito se posiciona Faustino diante do mundo. Vejamos um trecho da pág. 30: "O certo é o convencional, o que sempre foi e sempre será. Certo é a pedra, sempre igual a si mesma. Uma pedra não pode estar errada. É o erro que faz o homem ser homem, por isso errar é humano. Porque o computador não erra, nunca chegará a ser homem. Você não vê que o homem é um erro, Hortência?..'

Em suas diferentes transfigurações, de repente Faustino se vê escrevendo, quer ser autor do livro perfeito e único, logo o abandona, para se encontrar em outro eu, não sem antes constatar que "o poder da palavra é uma coisa espantosa". E é por aí que o Autor nos leva, desvendando-nos uma Porto Alegre que existe-inexiste e uma Florianópolis-ilha-mágica por onde circulam, ao mesmo tempo, gentes reais e gentes extraídas não só do poder da palavra que perpassa a obra de Donaldo Schuler, mas outros que se devem a escritores catarinenses. De repente nos deparamos com personagens saídas da ficção de um Silveira de Souza, um Flávio José Cardozo, um Jair Francisco Hamms. E até mesmo do colunista que esta assina. Sendo os mesmos personagens, adquirem, graças ao poder da palavra a que se refere Schuler, nova dimensão, emocionando e intrigando. Se compondo e recompondo à nova trama, já agora parte integrante dela.

Um dia o ficcionista [illegible] Resende, pelo telefone, justamente no instante em que ele me propor-

[illegible] car desta máquina o pão nosso de cada dia. Às vezes tenho a impres-

[illegible] incompleto como se me faltasse uma perna, passe a viver como ele,

[illegible] me Ovalle ficou louco de uma pan-ba, e por que dizia que Deus era

[illegible] se, pois seu Lourival se encarrega

sência.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Revendo o Museu

FOI com incontida emoção que percorri, com a Eglê, a exposição Memória do MASC/38 anos (1949-1987). Fico imaginando, num país que timbra em não preservar sua memória cultural, o trabalho que deve ter sido recuperar a história do Museu. Aliás, peças valiosas do próprio Museu se tornaram irrecuperáveis, sumidas não se sabe como. Ou se sabe...

De repente, num passe de mágica, recuei no tempo: me revejo na década de quarenta da conservadora Florianópolis.

Fim da II Grande Guerra. Expectativa. Novas esperanças. Perplexidade. Inquietação. Busca de caminhos num mundo que saía de uma hecatombe e que, acreditávamos, teria obrigatoriamente que ser melhor, mais justo, mais fraterno.

(Pode parecer insólito que numa coluna dedicada ao livro eu venha falar de artes plásticas, invadindo seara alheia. Lembro então que a coluna se intitula Leitura/Crítica. E é uma *leitura* na acepção mais profunda do vocábulo o que pretendo e que me leva a estas reminiscências).

Éramos um heterogêneo grupo de jovens tentando fugir à pasmaceira da Ilha, querendo compreender o mundo que nos rodeava, inconformados com o que percebíamos. Resolvemos (diria que quase inconscientemente), com a audácia que deve ser apanágio da juventude, investir contra o estabelecido que nos queriam impingir, lutar em busca de caminhos próprios. Certo que ainda não tínhamos idéias definidas a respeito do que fazer e do como fazer. Cada qual com sua tendência, sonhávamos projetos ambiciosos de realização. Repetíamos um desesperado verso do poeta que diz "não sei por onde vou, sei que não vou por aí". Intuímos que "só não erra quem nada faz". No momento, isto nos bastava. O mais viria (ou não viria) com o tempo. Nosso propósito era inquietar, provocar (no sentido que a palavra pode ter de mexer com o estagnado) para criar, para modificar.

Vínhamos de famílias classe média, pobres ou remediadas, de regiões distantes, com formações diferenciadas. Dois pontos nos aproximavam: a insatisfação e o fato de estarmos todos mal entrados na faixa dos vinte anos. Todos não. Como sempre existia uma excessão para confirmar a regra: Anibal Nunes Pires.

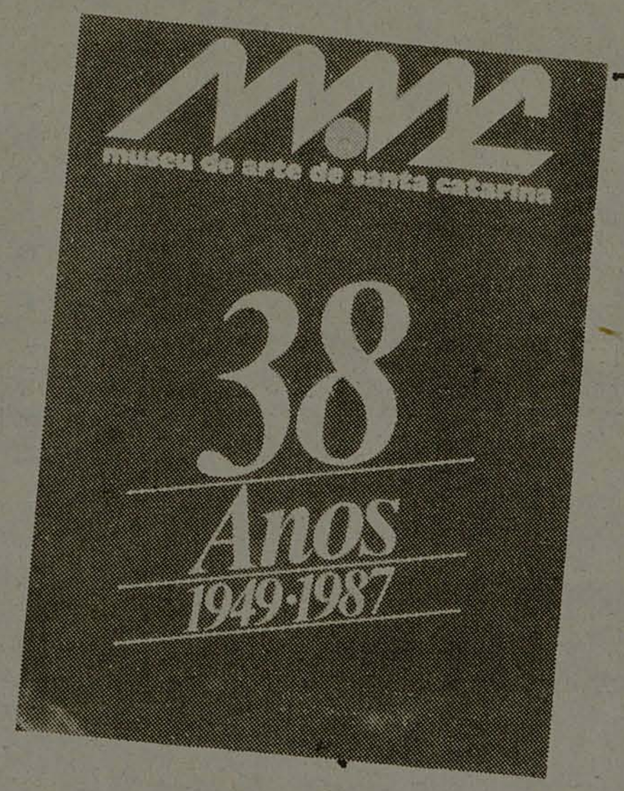
Filho de família tradicional e conceituada, quase chegado aos 30 anos, Anibal era professor competente e respeitado de várias matérias, com uma visão mais aberta para os problemas educacionais e culturais, que vivera fora de Santa Catarina e que possuía conhecimentos em várias áreas do saber. Logo se integrou ao grupo como se fosse um dele. Reconsidero: era. Retiro o *como se fosse*. Era um de nós. Igual, inconformado, solitário, inquieto na sua aparente tranqüilidade e bonomia.

Convencionou-se que o início do movimento modernista em Santa Catarina tem como data-base novembro de 1947 (montagem do espetáculo teatral com a primeira apresentação de uma peça de Sartre no Brasil, pelo Teatro Experimental do Círculo de Arte Moderna), ou em janeiro de 1948 (lançamento do primeiro número da revista SUL). Mais tarde o movimento se tornaria conhecido como Grupo SUL.

Na verdade, as reuniões vinham de antes (1944/45), nas intermináveis discussões em bares e cafés, em residências ou quartos de pensão, sob a figueira da Praça XV. Depois (1946) nas esporádicas investidas nos jornais da terra. Ao mesmo tempo com a publicação do tablóide *Folha da Juventude* e no que hoje seria chamado *alternativo*, o jornalzinho *Cicuta*, com uma enorme tiragem de quatro exemplares datilografados e que tinha por slogan: "Não faça a este jornal o que se faz aos demais".

Foi pouco depois de aparecida a revista SUL. Um dia Anibal chegou com a notícia: Marques Rebelo queria vir a Florianópolis, tinha interesse em realizar uma exposição de pintura contemporânea e proferir palestras subordinadas ao tema *arte é coisa mental*, a exemplo do que já havia feito e continuaria a fazer em outras localidades. Soubera de nosso movimento e pedia nosso apoio.

O primeiro contato fez-se através de Flávio de Aquino, conhecido do Anibal. Depois, carta do próprio Rebelo. Depois, a luta para conseguirmos motivar pessoas a nos ajudarem a bancar a idéia, *essa barbaridade*, exposição de arte moderna numa escola, *um despropósito*. Depois, o Rebelo nos escrevendo para dizer que abominava hotel (teria tido notícia do nível dos hotéis de Florianópolis à época?) e perguntando se havia alguém disposto a hospedá-lo. Todos gostariam. Como? Afinal optou-se



pela casa do Hamilton V. Ferreira, uma "casa decente, capaz de receber um escritor já bastante conhecido e admirado".

É difícil imaginar hoje o que foi a exposição, o impacto que causou, as reações, o que representaram as palestras, para além delas os intermináveis *papos* que se prolongavam pelas noites. Por um lado o entusiasmo de jovens ávidos em se informar, mesmo não assimilando tudo o que estavam vendo e ouvindo; do outro, a animosidade dos *donos do saber*, que começavam a se preocupar, sentindo-se atingidos na comodidade de eternos intocáveis.

A semente frutificou. Contou-se com a compreensão e boa vontade de autoridade e administradores de visão mais abertas, do Rio, Flávio de Aquino e Jorge Lacerda participavam. E contra todas as evidências e probabilidades, quando Rebelo viajou havia-se idealizado um futuro Museu de Arte Moderna que seria, por incrível que pareça, o primeiro a ser oficializado no Brasil. O acervo inicial ia além do regular, logo apareceram as primeiras doações e aquisições. Incompreensão e má vonade persistiam, lógico. Mas tudo foi sendo superado. De tudo isto a retrospectiva traça um impressionante retrato.

Já na primeira mostra, ao lado de nomes de fora estavam presentes os da terra: Martinho de Haro e Eduardo Dias. E numa exposição que pouco depois teria lugar em Belo Horizonte, um desenho do então menino Rodrigo de Haro.

Florianópolis passou a fazer parte dos roteiros artísticos e culturais. Aqui estiveram grupos teatrais importantes, aqui esteve um Pascoal Carlos Magno, um Kolreuter, um Edino Krieger, um Renato Almeida, falando de teatro e música. Aqui esteve Bruno Giorgi falando para nós e doando uma escultura ao Museu. Aqui esteve Scliar dando um curso de gravura. E na revista SUL era substancial o número de artistas estrangeiros, brasileiros, catarinenses que aparecia.

A história do movimento moderno em Santa Catarina, com seus possíveis acertos e desacertos, já é relativamente conhecida, seja através do livro de Lina Leal Sabino (*Grupo Sul-modernismo em Santa Catarina*, FCC-edições), seja em livros que estudam as artes catarinenses ou em jornais e revistas. Teve episódios cômicos, dramáticos, ridículos. Mostrou que quando as pessoas querem, realizam. Revelou nomes que hoje se afirmam em diferentes setores. Possibilitou abertura de caminhos. Seus reflexos persistem — e com o distanciamento já é possível uma reavaliação do que significou. Não é minha intenção aqui, tão envolvido estive em todo o processo, traçar uma panorâmica do movimento nem de sua possível importância e desdobramentos para a cultura catarinense.

A exposição, excelente, em tão boa hora organizada por Harry Laus e sua equipe, é que me levou a fazer as observações acima. Quero, então, acrescentar algumas considerações e dar uma sugestão.

A primeira é que o Museu é hoje uma realidade da qual Santa Catarina pode e deve se orgulhar; a segunda é que a recuperação de sua memória era um fato inadiável, pois a cada dia iria se tornar mais problemático vasculhar empoeirados arquivos em busca do indispensável material; a terceira é que haveria necessidade de não apenas preservar convenientemente o material recolhido, mas trabalhar em cima dele, esmiuçá-lo, interpretá-lo.

Agora a sugestão: preparar uma apresentação, colher depoimentos de pessoas que acompanharam todo o processo — e editar o material num álbum. Estamos certos de que haveria interesse não só dos aficcionados das artes plásticas, mas de todos que se preocupam com a recuperação e preservação de nossa identidade cultural.

Está aí uma tarefa para a nova Secretaria de Cultura e Esporte. Viabilizar o projeto. Cremos que ela contaria com o entusiasmo e apoio de todos os envolvidos. Mais: podemos quase garantir que o catarinense, crítico e professor de arte, diretor do Museu Nacional de Belas Artes, Alcídio Mafra de Souza, sempre tão atento aos fatos culturais e artísticos, conseguiria recursos para uma co-edição.

Fica a idéia.

1987

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Ody Fraga, um amigo que se foi

Salim Miguel

COM a morte do Ody Fraga, vitimado por um edema pulmonar agudo, vai-se mais uma parte de minha juventude, dos anos de sonhos, de esperanças, de entusiasmo, de efervescência.

Paro e penso: a implacável ceifadora das gentes aos poucos, de forma inexorável, dizima o chamado Grupo Sul. Agora que nos aproximamos do quadragésimo aniversário do surgimento do movimento, que tantas e tão duradouras marcas deixou na cultura catarinense, olho para traz e conto nossos mortos.

Começou, logo no início (década de 50) com o Antônio Paladino (mais conhecido como Toninho), que fora dos primeiros a integrar o Círculo de Arte Moderna, movimento que acabou conhecido como Grupo Sul. Já na década de 70, tragado pelo violento golpe militar no Chile, morto em pleno Estádio Nacional como tantos outros, foi o Wânio José de Mattos. Anos mais tarde o Anibal Nunes Pires, professor, poeta, incentivador cultural, um dos líderes do grupo. Pouco depois o Marcos Farias, cineasta, o escultor Moacyr Fernandes, o pintor José Silveira D'Ávila.

Ody F. e S. ou Ody Fraga e Silva, ou Ody Fraga. Assim se assinou.

A notícia de sua morte alcançou-me em viagem. Fiquei abismado. E lamentando o nosso desencontro quando estive, em agosto do ano passado, durante a Bienal Internacional do Livro, em São Paulo. Telefonei para a casa dele, como sempre fazia, me imformam: o Ody acabou de sair. Deixei meu nome e o telefone do hotel. Não deu notícia, voltei a telefonar, outra vez não estava, preparando um roteiro ou nova filmagem, novamente peço que anotem meu nome e o telefone. Nada. A Eglê pede que eu insista, me recuso, não volto a telefonar.

Agora esforço-me. Quero recuperar o momento exato em que pela primeira vez o vi. Não consigo. Sei apenas que de repente Ody surgiu entre nós, empolgou, dominou, com suas tiradas sarcásticas, sua ironia, seu riso solto.

Baixinho, elétrico, vivo, inteligente, de resposta pronta, Ody vinha de experiência em um Seminário, a respeito dele corriam histórias que ele não confirmava nem desmentia: de noite escapolia do Seminário, ia ver filmes e peças proibidas, era mulherengo, levava para o internato livros e revistas que não podiam entrar naquele ambiente, discutia com os professores, era um elemento desagregador. Um dia fugiu — ou foi expulso. Nunca consegui tirar a limpo.

Que fazíamos nesta época, fim da II Grande Guerra?

Procurávamos entender o mundo e nele nos situar, emendávamos discussões que se prolongavam noites adentro, em casas de amigos, nas praças, em bares, nos restaurantes, imaginávamos mil e um projetos irrealizáveis, logo partimos para um tablóide que revelou as primícias do nosso imaturo fazer literário, queríamos mais, muito mais, mexer com a pasmaceira local, irritar os acadêmicos, criar um clube de cinema, uma revista, uma editora, um grupo de artistas plásticos.

Ody interferiu: e por que não um grupo teatral? Logo, com sua lábia, nos convenceu. Surgia assim o Tecam — Teatro Experimental do Círculo de Arte Moderna. Era 1947.

Por algum tempo estudamos peças, discutimos, decidimos, recuamos. Acabamos optando por um espetáculo com três peças em um ato. Foi apresentado em fins de 1947. Não ficamos na simples apresentação. Queríamos mais: a discussão do fazer teatro, o estudo da história do teatro, as escolas de interpretação, Brecht, Stanislawski. Ainda: o espetáculo serviu para ajudar a levantar recursos para a publicação, em janeiro de 1948, do primeiro número da revista Sul.

Durante alguns anos Ody foi o condutor do nosso grupo teatral, escrevendo peças, dirigindo, interpretando, montando espetáculos que fizeram época: Sartre pela primeira vez no Brasil, uma inesquecível **Cândida**, de Shaw, a adaptação de **Pinocchio** para o público infantil. E peças que serviam de laboratório, sem chegarem ao público muito embora longamente ensaiadas. Lembro-me, por exemplo, de **Um taciturno** de Roger Martin Du Gard e da peça em um ato, **O mundo começou às cinco e quarenta e sete**. Agora, por mais que me esforçe, tenho o título insólito, mas não consigo me lembrar do nome do autor. Sei que era português.

Mas Ody era insofrido. Teatro não lhe bastava. Escrevia contos, poesia, artigos que abalavam o ambiente. De tudo participava, em tudo interferia, opinava, debatia. Adorava uma discussão. Adorava, ao contrário da maioria de nós, falar em público. Discorria com facilidade sobre qualquer tema. Para provocar e agitar o ambiente, volta a meia programávamos uma palestra seguida de debate. Quem o orador? Ody, claro. Que sempre tinha audiência.

Até que um dado episódio, se não acabou com as palavras, interrompeu-as por bom tempo. Já contei o causo, mas não custa repeti-lo. Programamos nova palestra. Divulgamos data, tema, local, hora. Tudo bem definido. No dia, cedo, sentamos num bar esperando a hora de nos dirigirmos para o local. Começamos a beber e a discutir. Bebemos e discutimos tanto que esquecemos a palestra. No outro dia (ou dias depois), o desembargador Fontes não nos perdoou. Com seu jeitão tranqüilo e irônico, chegou-se para nós e despejou: "arte moderna, é, hein, sim senhores, assim nunca vi, nem o conferencista aparece na conferência". E nós, fingindo a maior inocência: "que conferência, professor?" Ele: "aquela do senhor Ody Fraga e Silva, não se lembram? Vocês podem não ter ido, mas eu fui e esperei lá mais de hora".

O Ody não se perturbou: "professor (para nós não era desembargador, era professor), se desejar e tiver tempo, faço a palestra agora mesmo e aqui".

Ody não era de esquentar lugar. Mesmo participando efetivamente do grupo, mesmo dirigindo o grupo teatral, lançando atores, escrevendo na revista, participando dos ciclos no clube de cinema, adorava mudar de ares, viajar, conhecer novas gentes e novas terras.

Um dia, atendendo a convite do Jorge Lacerda e do Paschoal Carlos Magno, lá nos fomos, jovens e sequiosos provincianos, conhecer o Rio, *tentacular* metrópole que nos atraía e fascinava. Fomos, vimos, contactamos, voltamos, Quer dizer: menos o Ody. Ficou por lá. E nunca mais voltou. A não ser para rápidas temporadas ou curtos passeios, rever a família e os amigos.

Do Rio mudou-se para o interior de São Paulo, de lá para a capital paulista, onde afinal se fixou. Continuava (esporadicamente) se comunicando com os amigos, mandava colaboração, dizia do que inventava, dos planos, dos projetos, em que trabalhava, atuou na imprensa, na Fundação Anchieta, prosseguia no teatro, bandeou-se para o cinema, ao qual dedicou os últimos anos de sua vida.

Eu costumava brincar com ele: "Ody, me expliva a radical transmutação que sofreste, se és capaz. Como é que tu, que escrevias peças tão herméticas e inteletualizadas que tu mesmo mal entendias, que tanto te preocupavas com a expressão cênica, num passe de mágica te bandeaste para a pornochanchada?" E ele, entre sério e galhofeiro: "vê só, tu és preconceituoso, não há uma distância tamanha, e eu sei que estou através da pornochanchada, dando também meu recado neste tempo tão duro que vivemos. É preciso buscar uma segunda leitura mais atenta, para além das aparências".

A trajetória do Ody é um exemplo vivo e profundo dos caminhos e descaminhos percorridos por um trabalhador intelectual no terceiro mundo. Pode-se até discordar de suas colocações e de suas realizações no cinema, embora ele tivesse a respeito uma visão crítica e realista. Dizia mesmo que a pornochanchada era a filha dileta do AI-5, refletia o momento que vivíamos. Tinha sobre a questão cultural brasileira idéias claras e avançadas. Quando falava a respeito ressurgia nele o jovem brilhante, irônico, esperançoso.

Ao se traçar a história cultural de Santa Catarina e do Brasil no pós-Guerra, Ody Fraga (ou Ody F. e S. ou Ody Fraga e Silva) estará presente com sua força contestadora, com sua irreverência, com sua inteligência ativa, com sua criatividade precursora. A contribuição do Ody ficará como um marco, pois já está impregnada na pesquisa e na insatisfação que se faz presente no processo cultural brasileiro. E no momento em que se fizer uma avaliação isenta do filme brasileiro, sua contribuição deverá ser reconhecida.

Mas quanto a nós, Eglê e eu, não é disso que se trata. Choramos, ambos, o amigo que se foi, aquele que passávamos tempos sem ver, mas com quem sempre reatávamos o bate-papo iniciado na véspera. Sempre instigante, sempre interrompido, nunca concluído.

1987

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

435 - MIGUEL, Salim. Leitura Crítica – Retrato de um homem através das cartas. **O Estado,** Florianópolis, 1 fev. 1987

Retrato de um homem através das cartas

É comum a correspondência de um escritor ser muito mais confessional, mais reveladora, do que uma autobiografia ou um diário. Dirigidas em geral aos parentes ou amigos mais chegados, as cartas desnudam o autor em sua maior intimidade, deixando-o digamos de pijama, enquanto nos outros dois gêneros citados, por mais autêntico que queira ser, ele sempre sabe que está falando ao público e se preserva de determinadas confidências. Mesmo quando, como no caso do *Diário de Amiel,* aparentemente não foi escrito para publicação.

Por isso, costumo dizer que, infelizmente, os modernos meios de comunicação estão impedindo que tenhamos agora, mais ainda num futuro próximo, tal meio de conhecimento no que se refere à vida particular e à produção literária dos autores contemporâneos. Em síntese: o telefone, em especial, está acabando com a epistolografia. E era ela de importância fundamental em determinados casos. Tome-se como exemplo um Flaubert, um Eça de Queiroz. O que nos deixaram em suas correspondências (extremamente volumosas) representa parcela significativa do que hoje sabemos de suas angústias, suas perquirições, suas dificuldades, o processo de criação literária, a maneira como trabalhavam seus textos e da fonte ou fontes em que se abeberavam. E parece que a correspondência não era impeditivo para a criação da obra, antes até mesmo um incentivo. Uma obra, acentuemos, tanto em quantidade como em qualidade bastante expressiva.

Muitas vezes, claro, a correspondência extrapola o puramente informativo para se deter na fisionomia íntima do autor, em sua psicologia mais profunda, sua personalidade. Isto também é bom, é esclarecedor. Tomemos Graciliano Ramos: o que as cartas, em particular aquelas dirigidas a Heloísa, nos revelam, é um ser lírico e extremamente afetuoso, ao contrário do secarrão que ele timbrava em deixar entrever.

Existem os que se revelam contra a divulgação de tal tipo de correspondência. Não somos destes. Para nós tudo aquilo que venha contribuir para que possamos mais e melhor avaliar um escritor a fim de que tenhamos novos elementos para interpretá-lo é válido. Falamos em escritor porque é o que no momento nos interessa, como poderíamos falar num político, num músico, num pintor (veja-se o caso de Van Gogh). A partir de determinado momento ele não mais se pertence. E se alguém coloca nas cartas o mais veraz de si mesmo, o mais revelador, o mais sofrido e inquieto, qual a razão de não podermos contar com tais fontes, quando ele se desnuda, para o compreendermos um pouco além de sua face visível, do que se entremostra em sua obra?

No Brasil, talvez o mais prolífico produtor de cartas tenha sido Monteiro Lobato. Ainda em vida ele nos deu os dois alentados volumes de *A barca de Gleyre,* resultado de sua longa amizade e correspondência com Godofredo Rangel. Na biografia que dedicou a Lobato, minuciosa, exaustiva, Edgar Cavalheiro se refere a muitas outras cartas. Depois, durante anos, boa parte do acervo foi sendo divulgada. A maioria deste trabalho de garimpo se deve ao poeta, professor e pesquisador Cassiano Nunes. Lembrando a luta do mergulhador em busca da escondida pérola no mar profundo, Cassiano vem dando à luz cartas e mais cartas. Quando se imagina que nada mais existe, ei-lo de volta.

É o que acaba de ocorrer com *Monteiro Lobato (1882-1948) Vivo,* edição especial fora do comércio, continuação de um projeto da MPM, que em 1980 já nos dera *Cartas,* de Graciliano Ramos.

A grande maioria das cartas é inédita. E, ao contrário do que normalmente ocorre (a reunião por ordem cronológica), aqui Cassiano Nunes optou por agrupá-las em blocos temáticos. Temos, assim, uma visão abrangente das múltiplas preocupações de Monteiro Lobato: são cartas de amizade, da vida literária, sobre literatura infantil e educação, impressões sobre os Estados Unidos e a Argentina, sobre temas que o apaixonaram como as lutas pelo ferro e petróleo, a crítica social e política e o georgismo, além de cartas de e sobre a prisão, o espiritismo e seu interesse pelo além. O volume inclui dois exemplos da prosa de Lobato, um conto e um trecho extraído de *Reinações de Narizinho,* e conclui com uma cronologia da vida e obra do escritor e notícias biográficas sobre os destinatários das cartas.

Cada bloco temático abre com pequena nota de Cassiano, situando as cartas no tempo e no espaço e aclarando dados. E já na Introdução, logo no primeiro parágrafo, diz Cassiano: "...fiquei tão impressionado com o poder de expressão, com a espontaneidade criadora do autor dessas epístolas que me devotei seriamente não só ao estudo de sua obra, mas, principalmente, também à recuperação de sua correspondência espalhada pelos mais diversos lugares". Mais adiante rebate a lenda de que Lobato teria se transformado em *escritor famoso* por ter chegado a ver publicada no *Estado de São Paulo* "uma bem escrita diatribe contra os caboclos que ateavam fogos às matas do Buquira". Esclarece, justificando sua acertiva pelo exame das cartas: "O jovem Lobato preparou-se esforçada, inteligentemente, para conseguir o domínio da arte literária, embora tenha dito ao avô, no instante decisivo da escolha da profissão, que preferia ser pintor".

Através das cartas acompanhamos Lobato, suas simpatias e idiossincrasias. Se por um lado é-nos simpático ver a maneira como ele acolheu e publicou, já no fim da vida, um Lima Barreto, por outro nos desgosta a incompreensão dele para com os jovens da Semana de Arte Moderna que intentavam mexer no modorrento ambiente cultural. Veja-se o artigo sobre a pintora Anita Malfatti.

Por outro lado parece-nos mais do que correto que, num dado momento, tenha ele relegado sua obra adulta para se dedicar à criação de uma literatura infantil e juvenil que se tornou, sem dúvida, a principal matriz da nossa literatura dirigida a tal público. E como esquecer a Editora Monteiro Lobato, sua luta pelo petróleo, seus sonhos frustrados por um país livre da miséria?

Mas para todos que se interessam pelos problemas literários, políticos, culturais, tais aspectos são (ou deveriam ser) conhecidos.

De interesse maior, neste momento, seria pinçarmos certos trechos característicos. Por exemplo, este, da carta de 24 de setembro de 1917, dirigida a Waldo: "Quando aí te propus editar os contos, conhecia pouco da tramóia do negócio. Julgava que estes 25 milhões de brasis lessem um pouco mais, e que a literatura tipo 1, 2, 3 recebesse dos editores paga, se não digna de mérito, pelo menos decente". Com pequenas modificações a colocação continua hoje válida. E aqui um modelo de carta quando se tem que responder mas não se tem o que dizer: "Recebi seu cartão com um exemplar do *Vento de Esperança,* o seu romance 'menos comercial', em que o véu da dissimulação feminina é erguido... Vou fazer tempo para lê-lo. Como nunca tenho tempo, sou obrigado a fazer tempo, a fabricá-lo... E aproveito o ensejo para felicitá-la pela operosidade. Faz muito pouco tempo que a vi com os originais do primeiro, e já produziu quatro... Depois de lê-lo terei oportunidade de conversar com a senhora a respeito". Aqui, de Buenos Aires, em 12 de agosto de 1946, ele se dirige a Anísio Teixeira: "Vi confirmada aquela minha dedicatória, que foi suprimida pelo medo de Octales, na qual eu dizia que você não cabia no Brasil. Huxley viu isso e te mudou do país excessivamente pequeno para o talvez único que te convém. Que país pode convir a você, Anísio, senão este país ideal da United Nations — Educational & Cultural Organization?" Agora trecho de uma longa carta a José Américo, de São Paulo, 2 de julho de 1939; depois de justificar sua insistência no tema do ferro e do petróleo: "Na direção desse Departamento do Subsolo deve estar um homem que queira a mobilização do subsolo — e nunca dos que só olham para as vantagens e comodismos de um ninho de burocratas". Não estamos, outra vez, vendo o retrato por igual de um Brasil de ontem e de hoje? No mais, é ir ao livro, concordando-discordando deste homem, mas sempre atentos ao que ele diz.

1987

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel **436**

Uns causos saborosos e pitorescos

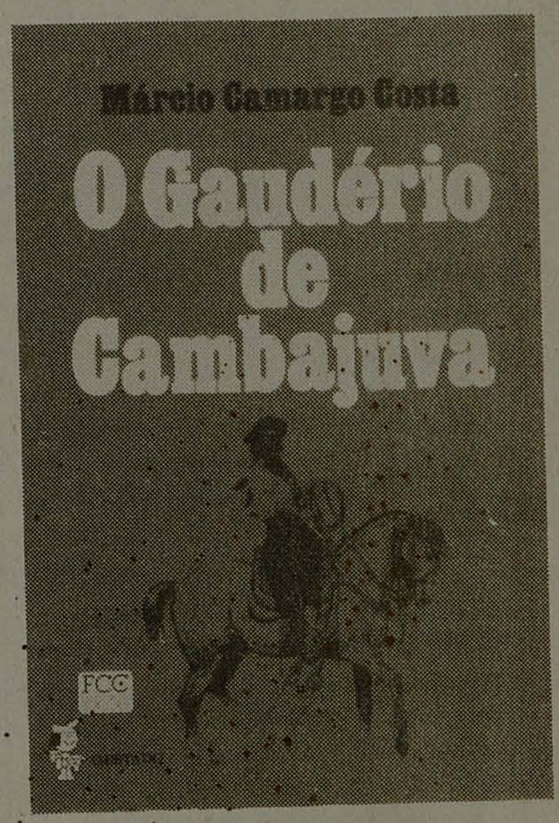
EM literatura, quer-nos parecer, não pode haver uma delimitação rigorosa no que concerne a gêneros. Já Mário de Andrade afirmava na sua sabedoria, meio a sério meio brincando, que "conto é tudo aquilo que o autor resolveu denominar de conto". A cada dia que passa tal colocação se torna mais pertinente.

Então como definir bem os estritos limites entre a crônica e o conto, o conto e a novela, a novela e o romance. Em muitos casos, mesmo, entre poema e prosa. São por vezes campos tão aproximados que não temos como separá-los. Estamos nos lembrando, agora, do último livro de Marcos Konder Reis, *O vagabundo iluminado*(ed. Cátedra/RJ-1986), no qual os dois gêneros aparecem umbilicalmente ligados, se intercomunicando e complementando.

Ainda assim, claro, devem existir alguns parâmetros balisadores, que ficam a critério do estudioso ou da sensibilidade do leitor. Mesmo porque se tal divisão pudesse ser válida para nós, ela não o seria em outras literaturas. Citemos o espanhol e o inglês, onde novela e novela não são a nossa novela, mas o nosso romance.

Atendo-nos ainda a este campo, como diferenciar novela de romance? Será apenas pelo tamanho? Ou antes pela estrutura, pela complexidade ficcional, pelo tratamento das situações e dos personagens, na novela mais psicológica, centrada mais numa situação limite ou num personagem, no romance se desdobrando ou ampliando, abarcando um universo mais ambicioso e complexo? Idênticos argumentos servem para o conto, que depois de autores do nível de um Tchecov, uma K. Mainsfield, um Joyce, deixou de ser a simples trama com começo-meio-fim tradicional de mestres como um Maupassant, para abarcar outras dimensões, podendo ser simples mancha fugidia ou a criação de uma atmosfera, acronológica, onde tudo se funde, avança e recua movido por uma lógica interior.

Com a estréia em livro de Márcio Camargo Costa (*O Gaudério de*



Cambajuva, FCC-edições/**O ESTADO**), primeiro lançamento deste ano entre nós, deparamo-nos com um exemplo ilustrativo. Não sendo bem um livro de crônicas, a nosso ver não chega a ser de contos. É um gênero híbrido: ficção e depoimento. Mais: para nós, os trabalhos aqui enfeixados poderiam ser melhormente caracterizados como causos. Causos típicos de um certo estrato da nossa realidade social e humana; causos que, num princípio de noite, de preferência no frio do inverno, vão sendo, nos galpões da serra-acima, lentamente desenrolados enquanto se mateia, se churrasqueia e se tomam umas e outras.

Desdobrados em quatro blocos (I-O Gaudério; II-Os coronéis; III-Os políticos; IV-Os caboclos) o tratamento narrativo é sempre o mesmo, fechando-se numa piada, numa frase jocosa, num achado espirituoso. Adotando uma escrita naturalista, Camargo da Costa retrata determinados componentes de um passado nem tão distante assim, procurando recuperar e fixar hábitos e costumes, tradições e modismos da gente serrana. Certamente, para os residentes nas regiões de Lages, os pitorescos causos terão um sabor todo especial; quase sempre os episódios nem necessitarão de uma acurada prospecção detetivesca para serem localizados e identificados. E o autor não está preocupado com isso. Pelo contrário, talvez até mesmo se deleite com a polêmica que deve provocar, quando se tenta desvendar se o personagem aquele é fulano ou sicrano. Também ele não se limita a retratar e/ou recuperar apenas causos ocorridos ou sugeridos pela região serrana. Com inteira liberdade transplanta e adapta anedotas já conhecidas, utilizando-as com a maior sem-cerimônia. Citemos dois exemplos: a do político paranaense (por sinal um ex-governador), que ao inaugurar um bebedouro para os animais debruçou-se, bebeu uns goles da torneira, ergueu-se, virou-se para os que o acompanhavam e disse candidamente enquanto risos e aplausos eclodiam: está inaugurado o bebedouro dos animais; e a do político mineiro que ao encontrar um futuro eleitor lhe perguntou "seu pai como vai, lembranças pra ele do velho amigo" e diante da resposta do jovem, "meu pai morreu vai pra mais de ano", sem perder a mineirice ou a naturalidade retruca, "morreu pra você, filho ingrato, mas pra mim continua vivo". Outros exemplos de tal tipo ou assemelhados poderiam ser arrolados. Limitemo-nos a um: embora os causos se reportem a décadas passadas na quase totalidade, de repente o autor intercala um *malufar* ou uma referência explícita ao hoje, ao aqui e ao agora.

Mas isto não prejudica o livro, que possui unidade de tratamento, um estilo próprio, uma linguagem peculiar. E porque, afinal, já lá está na Bíblia que nada há de novo sob o sol. Nova deve ser a maneira de ver, de tratar, de enfocar, de sentir, de apreender, de aquilatar, de saber transmitir. É crescente a liberdade do escritor no aproveitamento e na (re) elaboração de seu tema e seu mundo.

Há, na literatura catarinense, como na gaúcha, mineira, goiana, paulista, um componente regionalista muito forte, salientando-se nomes do porte de um Simões Lopes Neto, um Afonso Arinos, um Hugo de Carvalho Ramos, um Valdomiro Silveira. Aqui tal segmento poe ser detectado a partir dos trabalhos de Tito Carvalho (**Vida Salobra**, romance, e **Bulha de Arroio**, contos a quem um crítico do quilate de Fausto Cunha se refere com entusiasmo), um Nelson Ubaldo, um Enéas Athanásio, um Fernando Tokarski, um Guido Wilmar Sassi.

Se nos primeiros o que logo chama a atenção é a recuperação veraz, mais ou menos realizada em termos estéticos pouco importa, de um modo típico no falar, no reagir, no encarar a vida, já no último há uma preocupação bem maior com o ultrapassar os limites do regionalismo meramente fotográfico, dando-lhes uma dimensão universal. Tome-se como exemplo da escrita de Guido o conto "Noite", de profundas ressonâncias existenciais e humanas, obra-prima inquestionável da contística brasileira.

Voltemos a Márcio Camargo Costa. É dentro de tal contexto que seu livro se insere. Nele, já dissemos antes, o tratamento é naturalista, fotográfico. Busca recuperar um passado marcante, determinado, seja na pitoresca figura do Gaudério, seja nas cenas retiradas das lutas do Contestado, seja nos saborosos causos de coronéis, de políticos, de caboclos, todos partícipes de uma tragicômica aventura humana, envolvidos em situações ridículas ou dramáticas das quais não podem (ou não querem) sair-fugir.

Márcio Camargo Costa é um valor que se vem juntar aos numerosos valores com que conta a literatura de Santa Catarina. Ele escreve com desenvoltura e graça, sabe transmitir, sabe comunicar, sabe envolver o leitor em sua trama. Apenas gostaríamos de vê-lo, por vezes, abandonar ou esquecer o extremamente anedótico para se centrar mais na condição humana, debruçando-se com profundidade sobre as perplexidades e angústias do homem e de sua destinação, dando-nos um retrato que seja ainda mais autêntico e menos naturalista.

1987

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

437 - MIGUEL, Salim. Multidão igual a ninguém. **O Estado,** Florianópolis, 23 e 24 mar. 1996.

Multidão igual a ninguém



Salim Miguel

Florianópis, a cidadezinha que a irreverência antropofágica do poeta Raul Bopp chamou num poema de *Florianópolis*, tão pequena era, nem retrato na parede é mais. Atabalhoadamente bairros surgiram, abriram-se avenidas e acessos, ruas e aterros foram tomados ao mar, edifícios (monstrengos de cimento armado) multiplicaram-se sem planejamento. Duas novas pontes (Colombo Salles e Pedro Ivo) vieram fazer companhia à velha Hercílio Luz, modificando ainda mais a fisionomia da terra que tinha na antiga, de 800 metros de ferro e aço, uma de suas atrações e cartão postal obrigatório.

Me questiono: bom/mau? Não sei. Ou sei. O chamado progresso, com ou sem aspas, tem suas vantagens-desvantagens. Ao provincianismo tacanho substituiu um cosmopolitismo pretensioso.

A antiqüíssima Y-Jurere-Mirim dos índios Carijós e a antiga Vila de Nossa Senhora do Desterro, do bandeirante Dias Velho, são memórias de um passado perdido no tempo. Até mesmo a recente cidade da década de 50, com seu gostoso casario colonial, suas fachadas de azulejo, as ruelas estreitas e os becos mal-iluminados, o movimento reduzido e os bares de nomes saborosos e pitorescos como o Poema Bar ou João-bebe-água (que nunca a provou), sumiu. Os saudosistas diriam, não sem uma pitada de razão, que a boa tradição de antanho, o tranqüilo cavaquear à sombra da vetusta figueira da Praça XV, que de tão velha já se apóia em bengalas, são borrados e varridos pelo *modernoso*. Mas os paladinos do modernoso podem falar na Toca da Garoupa, do Jurerê, ou no Martim Pescador, da Joaquina, no Pirão ou no Box 32, do Mercado Público. E há uma invasão que não é dos espanhóis do Cabeza-de-Vaca nem dos flibusteiros ingleses, mas dos argentinos, que encantados com a Ilha a estão comprando. Acham tudo tão barato que já foram apelidados de "dame dos". Eventualmente se cruza também com um uruguaio ou paraguaio, um gaúcho-paranaense-paulista-carioca-mineiro-baiano. E até mesmo cearense. Não-não, retiro o restritivo "até". É que cearense se encontra em qualquer parte do mundo.

Ah, sim, antes que me esqueça: uma das três capitais situadas em ilha — as outras, Vitória e São Luiz —, Florianópolis tem um porém: é ilha e é continente. Sim, sua parte ilhoa é a Ilha de Santa Catarina, enquanto Estreito e Coqueiros compõem a parte continental.

As modificações — lógico — devem ter afetado ânimo e psicologia do florianopolitano, ao mesmo tempo em que as intermináveis crises nacionais tornaram-no, tálvez, menos sociável. Mas o humor — marca registrada do ilhéu — felizmente supera tudo e permanece. Mais cáustico até. Os novos tempos, em lugar de eliminá-lo, lhe deram outras motivações. Se antes se dizia que a Ponte Hercílio Luz ligava "o nada a coisa nenhuma" (horror!), agora se afirma que as novas pontes vieram para amarrar mais a Ilha ao Continente. É que, cansada das "ondas", ela queria se mandar mar afora, perder-se no vasto oceano.

HERANÇA AÇORIANA

Como defesa, durante anos — e não foram poucos — os habitantes, antes que outros o fizessem, se autogozavam. Faltava água e luz? Logo circulavam versinhos bem humorados: "Florianópolis/cidade que seduz/de dia falta água/à noite não tem luz". Mas no fundo havia mesmo um entranhado amor à cidadezinha à beira-mar plantada — que era preciso ir conhecendo e descobrindo aos poucos, como quem desvela uma amante.

O pôr-de-sol na ponte, ruelas poéticas, o vento Sul, "velho vento vagabundo" do poeta Cruz e Sousa, a Praia de Canasvieiras com sua água calma e quente, a Lagoa da Conceição com as dunas mutantes, a Praia da Joaquina, de águas geladas e perigosas, "já foste lá já", perguntava-se afirmativamente naquele falar cantante, herança açoriana, os casarões do Ribeirão da Ilha, a igrejinha de Santo Antônio, a talha em madeira Fuga do Egito na Catedral. E então as rendeiras, a cerâmica popular, o folclore tão rico do Boi-de-Mamão, pratos típicos como o caldo de camarão e a tainha escalada ou defumada, a exótica cachaça no butiá. Os fanáticos do indiscriminado "progresso", já os ouço reclamar: te esqueceste da Praia Brava (com seu paredão e prédios), das internacionais Jurerê e Santinho? De novas praias descobertas e já povoadas?

Paro. Me calo. Me detenho. Me interrogo: falo da nova (e feia) cidade que surge/surgiu? Ou me limito a um derramado saudosismo? Não sei! Seria melhor e mais bonita a antiga? Também não sei, tanso que sou. Enquanto hamletianamente não me decido, volto ao humor.

Relato duas historinhas: alertado por amigos para se prevenir contra a mania dos apelidos que a população costuma pespegar nos visitantes, o homem chega temeroso, hospeda-se num hotel central, quietinho vai e volta à luta. Na terceira noite, ao entrar no Ponto Chic (café que se tornaria famoso em 1979 com a novembrada do general-presidente Figueiredo) e pedir um cafezinho, logo o garçom pergunta: "Mais alguma coisa, seu cuco?" É que o homem, à tardinha, ao entrar no apartamento, se debruçava à janela para olhar o movimento da rua e as meninas-em-flor. Punha e tirava a cabeça, punha e tirava. A outra fala de um executivo tão organizado, mas tão organizado, que ao tomar sopa de letra só o fazia em ordem alfabética.

Com uma área de 425 km², mais de 40 praias (para todo gosto), a população da Ilha só agora superando os 200 mil habitantes ("um despropósito", reclamam os que a preferiam com 50 mil; "ridículo", retrucam outros, "já ultrapassou os 400 mil"), foi escolhida capital do estado porque à época o transporte marítimo era o único viável. Só em 1926 chegou a primeira ponte; mais tarde os aviões; mais ainda as rodovias descentes; agora acabaram as viagens por mar...

Não tendo como se transformar em expressivo centro industrial ou agropecuário, Florianópolis optou por aquilo que era sua destinação natural: pólo político-administrativo-cultural-universitário e atração turística sem uma correspondente infra-estrutura. Tal espécie de turismo (predatório) degradou a qualidade de vida, polui as praias, transforma Florianópolis na capital de custo de vida mais caro do país.

Mas o progresso (com ou sem aspas, repito) é implacável e irreversível. Logo, o que resta da fisionomia tão característica da velha cidade, onde todos se tuteavam e conheciam, terá desaparecido. E o ilhéu autêntico, de nascença ou adoção, fossento mas sempre irônico, olhando para a multidão da (em breve ou já, já) futura megalópole, fugindo da loucura dos carros, das faces desconhecidas e tensas, do *rush*, dos mil-ruídos, dos engarrafamentos, repetirá, com uma pontilha de melancolia: "É, Florianópolis não tem mais ninguém".

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Marques Rebelo e Florianópolis

Salim Miguel

Há dez anos (26-08-73) morria, no Rio de Janeiro, Marques Rebelo. Até hoje não se avaliou devidamente o que esta perda representou para a literatura brasileira. Sua obra lhe garante lugar de destaque entre os nossos mais expressivos criadores, mas o que Rebelo ainda poderia produzir é incalculável. Pode-se, contudo, fazer uma idéia. Quero me referir, em especial, ao seu projeto mais ambicioso e que ficou inconcluso. Trata-se de **O espelho partido,** misto de ficção e memória, onde ele era por igual protagonista e testemunha, roman-à-clef, romance-rio, vasto e rico painel que abarca todo um amplo período da vida brasileira.

Os volumes que vieram à luz (**O trapicheiro, I; A mudança, II; A guerra está em nós,** III) são exemplos do que ele pretendia, até onde pensava chegar e de que maneira se dedicava ao projeto de levantamento e recuperação do passado. Mais quatro volumes, já anunciados, se encontravam em elaboração e completariam o ciclo: **A paz não é branca; No meio do caminho; A tempestade; Por um olhar de ternura.** A propósito, em entrevista que me concedeu em 1956 para o jornal **A Hora,** de Porto Alegre, dizia Rebelo: "Encerrarei minha carreira de escritor com **O espelho partido,** obra de vinte anos de trabalho, e que, se não é importante, é grande e vai aborrecer uma porção de sujeitinhos importantes com a idéia que eu tenho deles".

A simbologia do título já diz muito da proposta de Rebelo. Numa técnica contrapontística, em linguagem trabalhada, a que não faltam humor e lirismo, ele recria e recompõe fragmentos de um mundo perdido e complexo, erguendo uma impressionante galeria de tipos, através dos quais dá testemunhos de sua época, de seu meio, de sua gente.

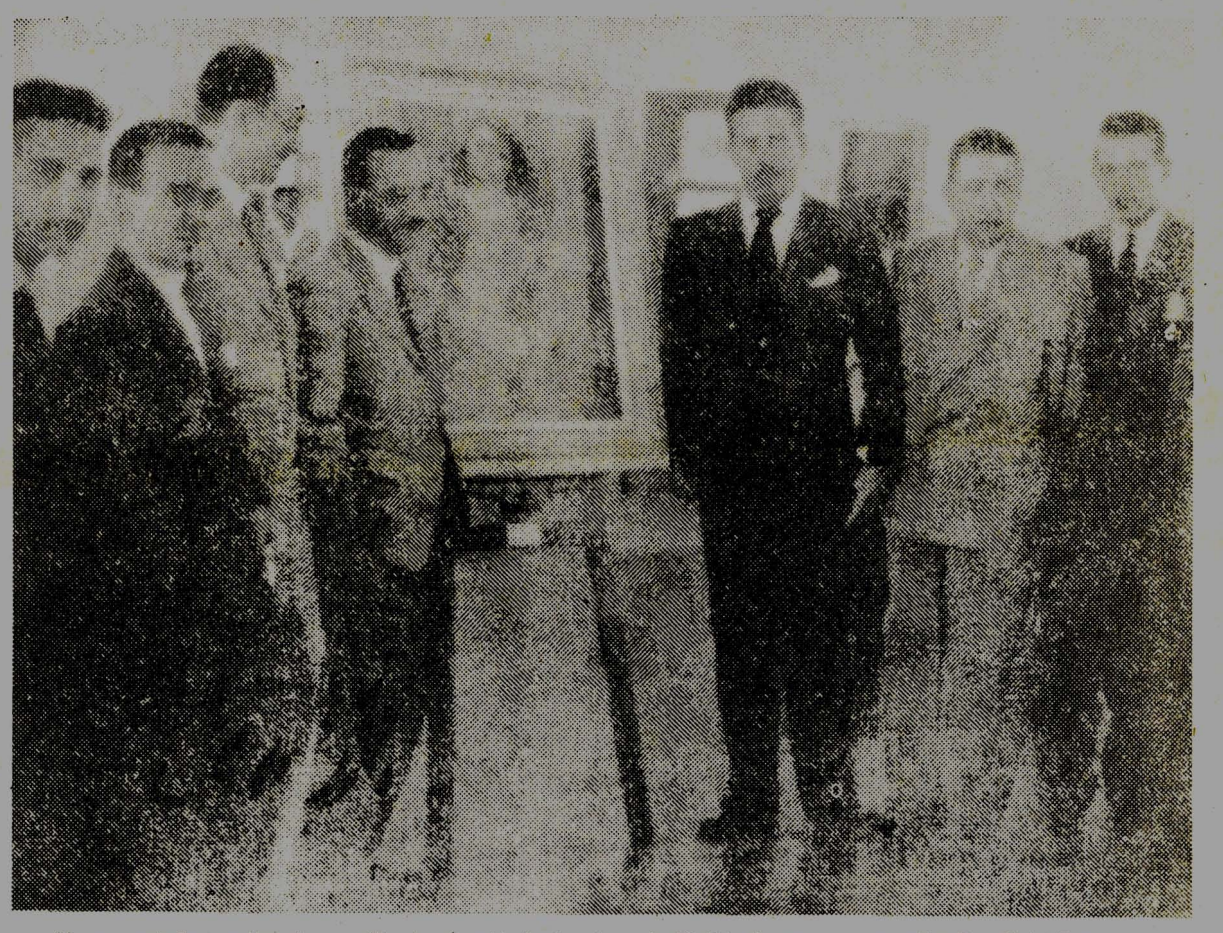
Logo após o lançamento do primeiro tomo não foram poucas as listas que circularam tentando identificar personagens reais sob figuras fictícias. Como curiosidade, eis uma delas, não confirmada nem negada pelo autor: Lauro Lago (Lourival Fontes), Altamirando de Azevedo (Augusto Frederico Schmidt), Silva Vergel (Francisco Campos), Nicolau (Cândido Portinari), Mário Mora (Santa Rosa), Marcos Euzébio (Oswaldo Teixeira), Júlio Melo (José Lins do Rego), Débora Feijó (Rachel de Queiroz), Pedro Morais (Prudente de Morais (Prudente de Morais, Neto), Marcos Rebich (Samuel Wainer), Jacobo de Giorgio (Otto Maria Carpeaux misturado com Paulo Rónai), Alarico do Monte (Aluízio Branco), Euloro Filho (Otávio de Faria), Martins Procópio (Tristão de Athayde misturado com Tasso da Silveira), General Marco Aurélio (General Góis Monteiro), Ermeto Colombo (Zienbinski), Francisco Amaro (Francisco Inácio Peixoto), Julião Tavares (Carlos Lacerda), Zagalo (Lazar Segal), Pércio Dias (Percy Deane), Vasco de Araújo (José Olympio), Gina Feijó (Dinah Silveira de Queiroz), Gustavo Orlando (Graciliano Ramos), Antenor Palmério (Jorge Amado), Helina (Eneida).

Contudo, para além desta prospecção detetivesca, o livro vale é por seu conteúdo, por sua profunda carga de humanidade, pelo retrato de um universo muito pessoal, pela visão de um homem lúcido diante de seu tempo e de um artista consciente diante de sua obra.

Mas não vou, aqui e agora, falar do escritor que nos deixou mais do que aqueles três volumes de **O espelho partido,** que mesmo sem eles se situaria entre os nossos escritores mais importantes, retratando um Rio com extrema sensibilidade, só igualada por Manuel Antônio de Almeida, Raul Pompéia, Machado de Assis, Lima Barreto. Rebelo está presente e íntegro em **Marafa** e **A estrela sobe** (romances), nos contos de **Oscarina,** de **Três caminhos,** de **Stela me abriu a porta,** na novela **O simples coronel Madureira,** nas impressões de viagem de **Correio Europeu** e **Cortina de ferro,** no **Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida,** no álbum **Rio,** nos flagrantes incisivos e saborosos de **Cenas da vida brasileira,** nas centenas de crônicas, não reunidas em volume, que espalhou pela imprensa, especialmente na **Última Hora** do Rio.

Vou, antes, procurar o amigo, relembrar a convivência que com ele mantive durante anos, a partir do final da década de 40 (exatamente 1948), quando, jovem e entusiasmado, intentava, com outros jovens igualmente entusiastas, dar uma sacudidela na pacata e modorrenta Florianópolis. Pacata e modorrenta, sim, mas sob muitos aspectos (qualidade de vida) mais cidade para se viver e conviver do que hoje.

Florianópolis e Marques Rebelo. Foi um caso de amor à primeira vista. Não garanto se o segundo ou terceiro caso. O primeiro, sem sombra de dúvida, o Rio de Janeiro, terra deste Edi Dias da Cruz que era o mais carioca dos cariocas. Para o segundo há uma disputa entre Minas Gerais e Florianópolis. Em **Cenas da vida brasileira,** ele diz: "Florianópolis, 1949 — A sombra da patriarcal figueira, que de tão velha já se apóia em muletas, também pode refrescar idéias e sentimentos. Nem tudo está morto dentro de nós. Ficaria aqui por muito tempo". A seguir: "Depois dum curso de arte culinária no Senac (dois meses!), madame fazia tão extraordinárias maioneses de lagosta que sentia-se na obrigação de firmá-las com as suas iniciais em gema de ovo". E outra: "Foi a única queixa apresentada à polícia no último e entusiasmado carnaval - o homem estava muito bem no cordão pulando e cantando quando roubaram-lhe a dentadura". Pouco mais adiante: "Acolho-me à sombra da árvore sem partido, agora que parou o vento de três dias neurastênicos. Acodem-me duas ou três verdades, inúteis para os homens como todas as verdades".



Na exposição realizada em Florianópolis (setembro de 1948), da esq. para a direita: Ody Fraga, Hamilton Valente Ferreira, Jorge Lacerda, Marques Rebelo, Armando Simone Perreira, Elpídio Barbosa, Walter Wendhausen. O quadro que aparece ao fundo é de Portinari.

Fins da década de 40. Em Florianópolis acabara de sair a revista Sul. Um dia, um bilhete para o Aníbal Nunes Pires. Marques Rebelo queria vir a Florianópolis, pedia nossa colaboração. Por intermédio do Jorge Lacerda, misto de médico, advogado, jornalista, político, Rebelo conhecera o então Secretário da Educação, Armando Simone Pereira, já conhecia a revista Sul, se interessou em vir a Florianópolis. Traria uma exposição de pintura contemporânea, faria palestras, discutiria literatura, bateria papo. Sabia do que começaríamos a fazer em matéria de movimento cultural e artístico. Em Sul n.º 3, abril de 1948, numa primeira pergunta a notícia: "Marques Rebelo virá a Florianópolis?" No n.º 5, agosto de 1948, já afirmávamos: "Marques Rebelo em Florianópolis". Não foi fácil, mas conseguimos. E como a hotelaria era precária, Rebelo usou de um artifício que logo entendemos ("não gosto de hotel", dizia numa das cartas). Ficou mesmo foi na casa do Hamilton Valente Ferreira, um dos fundadores do movimento inicialmente chamado Círculo de Arte Moderna e que se tornou conhecido como Grupo Sul.



Marques Rebelo em 1948 (quando pela primeira vez veio a Florianópolis), tendo ao fundo uma tela de Metzinger.

A exposição, elogiada/detestada, um impacto na pacatez da terrinha. Primeiro resultado: debates acirrados, críticas ("onde já se viu utilizar o glorioso Grupo Escolar Dias Velho pra expor estas besteiras!"), elogios ("Onde fica a liberdade de criação, deformar para melhor transmitir, no resto do Brasil isto nem é mais novidade"). Segundo resultado: implantação do Museu de Arte Moderna (atual Museu de Arte de Santa Catarina), o primeiro do gênero a ser oficializado no País, com um acervo inicial expressivo: Portinari, Pancetti, Burle Marx, Djanira, Iberê Camargo, Aldari Toledo, Di Cavalcanti, Segal, Milton da Costa, Santa Rosa, escultura de Bruno Giorgi, gravuras e desenhos, além de reproduções de obras de pintores modernos estrangeiros. Para a direção, Martinho de Haro.

Na reportagem publicada em Sul n.º 6, falando da exposição (de 25 de setembro a 6 de outubro de 1948), se afirmava: "Florianópolis nunca tinha visto uma verdadeira exposição de pintura contemporânea". E já em 1949, como conseqüência, Santa Catarina estava presente numa exposição que Rebelo realizava em Belo Horizonte — o que era devidamente registrado em Sul n.º 7.

A partir daí, ele passou a vir com regularidade a Florianópolis, a se corresponder com os novos amigos; e quando qualquer um de nós ia ao Rio, não deixava de visitá-lo. Ele nos incentivava, difundia nossa revista, recebia com simpatia nossos trabalhos, indicava-nos autores que deveríamos conhecer. Foi assim, por exemplo, que conheci J. P. Jacobsen. Era fevereiro de 1950, eu me despedia de Rebelo, ele me entrega um livro, edição em espanhol de **Maria Grubbe.** Até hoje o livro ("Para o Salim, do Rebelo, Rio, 3-2-50") me acompanha. Li-o e não descansei enquanto não encontrei outro de Jacobsen, **Niels Lyhne.**

Em 1957, comemorando seu cinqüentenário, publicamos nos Cadernos Sul um volume a ele dedicado, **Marques Rebelo, poeta morto,** ensaio de Hélio Alves de Araújo. O título retirado de Jules Renard ("Je voudrais être en prose um poète mort qui regrette"), uma das admirações literárias de Rebelo.

Nos longos papos, a informação exata, a gozação correta: como melhorar a escrita, Rebelo? — "Vá escrevendo e cortando. Escrever é cortar". Você já reparou nos novos edifícios de Florianópolis, Rebelo? — "Já. Infelizmente. Substituição dos antigos casarões que tanta graça davam à cidade, emprestando-lhe uma fisionomia particular, e que deveriam ser conservados como exemplo de boa tradição, por bobagens de cimento armado".

Em 1964, a surpresa: Marques Rebelo candidato à Academia Brasileira de Letras, um dos alvos preferidos de sua galhofa. Em carta de 16 de setembro de 1964, depois de esclarecer porque não podia vir a Florianópolis, ele como que se explica: "E como ainda os dias gripais e os imediatos amebianos me roubaram precioso tempo, terei eu que fazer ainda 27 visitas acadêmicas, pois a minha vaidade sonha com os bordados do fardão, o que deixará você certamente achando graça, mas é coisa que agora me interessa muito — estou precisando do apoio dos velhos amigos que lá tenho para a velhice ficar mais cômoda e agradável com aquelas conversas e chás das quintas-feiras, nas quais muita reminiscência é trocada — coisas da maturidade... se é que se pode chamar assim..." Mais adiante: "Espero em outra ocasião aparecer na saudosa Florianópolis, possivelmente já de fardão — deverei fazer um sucesso retumbante!" De novo a Academia: "A vida vai mudando, muitos que a combatiam já vão se afeiçoando à idéia de a ela pertencerem e entre eles este seu criado e amigo." Eleito Rebelo, não tive dúvida, telegrafei-lhe dando os parabéns não a ele mas à Academia. E no primeiro encontro cobrei: "Por quê?" Não titubeou: "primeiro, a gente envelhece e se acomoda". Mas o cronista que vivia dentro dele foi mais forte: "Depois, uma das grandes vantagens da imortalidade é ter onde morrer. Você já viu como anda caro um enterro? E a Academia tem um lindo mausoléu." Embora amaciado pelo tempo, mesmo na Academia o crítico mordaz permanecia ativo.

Tinha paixões e ódios igualmente intensos. Paixão pelo América Futebol Clube, a ponto de forçar muitas vezes sua mulher Elsa Proença, nos dias de jogo, a se vestir de vermelho, cor do clube. Ódio pela burrice, pela falta de compostura. Mas, acima de tudo, fidelidade aos amigos, antigos ou recentes. Dos antigos, entre tantos um Antônio Houaiss, um Francisco Inácio Peixoto, um Walter Benevides, um Paulo Silveira. Dos mais moços, um Antônio Bulhões, um Hamilton Valente Ferreira, que ele acolheu no Rio, um Herberto Sales, que ele chamou para o Rio. Este caso sempre é bom relatar. De repente, desaba no apartamento de Rebelo um pacotão vindo da Bahia. Eram originais de um jovem escritor. Rebelo lê, escreve ao autor: "venha, aqui pode ficar em minha casa, vamos discutir seu romance." O jovem não pensou duas vezes, se tocou para o Rio, acatou as sugestões, mexeu nos originais, publicou o livro, "Cascalho", que se encontra vertido para vários idiomas.

Durante alguns tempos, foi comum no País a publicação de listas a respeito dos livros preferidos pelos escritores. Eram de 10, de 50, de 100. Rebelo, que em depoimento no Museu da Imagem e do Som dizia sentir-se feliz "por ter pertencido à geração de 1920 a 1940, uma geração que se esforçou por renovar o País dando-lhe uma autenticidade, uma cultura própria" e acrescentando que fez parte "de um tenetismo literário", também escolheu os seus 100 melhores livros na área da ficção. Entre eles, 11 brasileiros: **Memórias de um sargento de milícias,** de Manuel Antônio de Almeida; **O Ateneu,** de Raul Pompéia; **Memórias póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba, Dom Casmurro, Histórias sem data, Várias histórias,** de Machado de Assis; **Recordações do escrivão Isaías Caminha,** de Lima Barreto; **Memórias sentimentais de João Miramar,** de Oswald de Andrade; **Fronteira,** de Cornélio Penna; **O coronel e o lobisomem,** de José Cândido de Carvalho.

Ele era irônico, cáustico? Sim. Pode-se até dizer que brigava com um amigo mas não perdia uma boa tirada. Algumas se tornaram famosas. Exemplo: queima de livros na Livraria São José. Num cartaz: "Compre dois livros e leve de brinde um dos escritores X". Rebelo então, com aquele seu jeitinho maroto, afirmava que a pessoa ia à livraria disposta a comprar dois livros. Mas para não levar o brinde, comprava um, saía, assobiava um tango argentino, e só então voltava para comprar o segundo.

Este aspecto de sua personalidade encobria um ser afetuoso e sensível. Posso dar testemunho que mesmo à distância não esquecia os amigos. Um dia me chega um pacote de Paris. Abro. Num livro, a dedicatória: "Caro Salim — não creio que este livro seja uma coisa maravilhosa. Certamente será uma coisa bem pouco maravilhosa. Mas tem um título que é do seu maior interesse... Carinhosamente, Rebelo — Paris, novembro, 1951." Título do livro, Eglê, nome da minha mulher.

Desci eufórico, encontrei a turma de Sul, empunheio o livro, todos comentaram: "Eta velhinho legal!" Marques Rebelo mal entrara na faixa dos 40 anos. Mas para os nossos vinte e pouco ele era um "velhinho legal."

Em 1965 mudei para o Rio. Nos domingos à noite era comum a gente se reunir no apartamento de Rebelo, nas Laranjeiras. Eu já chegara, também, à casa dos 40. Porém por mais que me esforçasse não conseguia me imaginar como "um velhinho", legal ou não.



Marques rebelo num desenho (1955) de Aldari Toledo.

HÉLIO ALVES DE ARAÚJO

Marques Rebêlo, poeta morto

CADERNOS SUL VI

O volume dos Cadernos SUL com que o Grupo SUL homenageou Marques Rebelo no cinqüentenário de seu nascimento, em 1957.

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

Cinema Brasileiro: Oportunas Visões

Salim Miguel

DOIS títulos extremamente significativos para a parca bibliografia do cinema brasileiro acabam de aparecer, pela Editora da Universidade de Brasília, na coleção Textos de Cinema: *O país de São Saruê*, de Vladimir Carvalho, e *Perspectivas estéticas do cinema brasileiro*, coordenação de Malu Moraes. O primeiro recupera a memória do filme de igual título e o segundo contém as comunicações do Seminário realizado em setembro de 1985 em Brasília, na UNB.

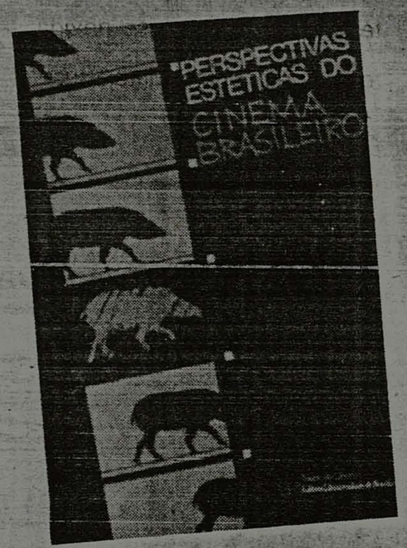
O país de São Saruê, que aparece em co-edição com a Embrafilme, é, sob muitos aspectos, um marco na cinematografia brasileira. Marco de um determinado momento de nossa conturbada história, quando vivíamos o chamado *milagre econômico*, quando queriam nos fazer crer que tudo caminhava na mais perfeita ordem, eludindo-se a dramática realidade da feroz repressão, da fome, da miséria.

O filme de Vladimir Carvalho revelava tudo isto. Retratava uma situação determinada, denunciando um *status quo* que podia ser transplantado (e adaptado) para qualquer região brasileira.

Não era uma denúncia demagógica, panfletária, mas em termos de arte, de cinema autêntico.

Durante oito longos anos (porque vinha desvelar a face e a falácia do chamado *milagre*) o filme foi execrado pelo sistema, esteve proibido, vedada sua exibição em qualquer lugar e de qualquer forma.

Mesmo passados todos estes anos após a liberação do filme, ele demonstrou, ao contrário de outros que envelheceram com o tempo, que mantém intactas todas as qualidades, todas as suas virtualidades. Inquieta e emocionada. Em *O país de São Saruê* permanece íntegra e válida a boa linha da tradição documentarista, aqui banhada por forte sopro lírico. Nem as dificuldades financeiras, nem os precários negativos, nem o equipamento deficiente ou a restrita equipe prejudicaram o resultado final de uma obra que permanece, que sem dúvida permanecerá como um momento alto de nossa criação fílmica.



Agora, complementando e ajudando a resgatar a saga do filme, temos o livro. Nele Vladimir recupera, conforme ele mesmo afirma, na introdução sugestivamente titulada *Ao cor-rer da câmera, ou Leia o filme e veja o livro*, o *documento do documentário*. É mostrada, de forma real, objetiva, a trajetória dramática da realização do filme, os percalsos enfrentados durante e após as filmagens, a cassação branca, a maneira como o filme pôde ser feito, quais as condições objetivas e subjetivas de trabalho, como resistiu às pressões até conseguir dar seu recado estético e humano.

Diz Vladimir: "O roteiro do filme não existia como prévio instrumento de trabalho". Ele filmou ao correr da câmera e de acordo com a inspiração de momento, improvisando. Mas sabia o que queria mostrar e como fazê-lo.

Foi a partir do trabalho de montagem, com as anotações feitas durante as filmagens, que se construiu o roteiro. Mais adiante, com a autenticidade que o caracteriza, esclarece Vladimir: "assim o que se vai ler em termos de roteiro é o que se estrutura a *posteriori*, transcrito passo a passo, a partir do filme pronto".

Isto não diminui o interesse pela obra. Pelo contrário. Temos até, quem sabe, uma visão mais abrangente da tarefa que se impôs o realizador e do estágio em que se encontrava à época (ou se encontra ainda hoje, sei lá) o cinema brasileiro.

Mesmo estágio que atravessa o povo brasileiro. De um lado, uma deslumbrada minoria que quer demonstrar o nosso desenvolvimento de nação adulta com uma sociedade próspera; de outro, a grande maioria, afundada na miséria, uma população pobre e desassistida.

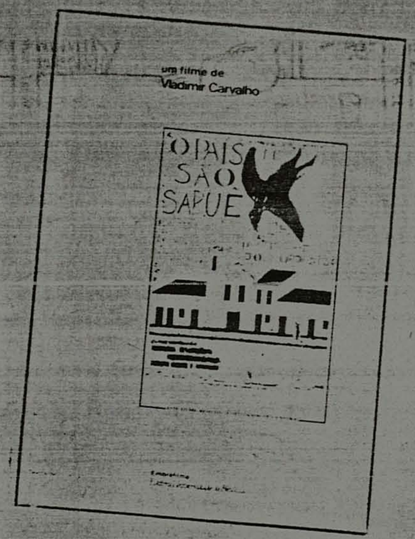
A recuperação que se processou não se restringe ao roteiro do filme nem às explicações de Vladimir Carvalho. No livro há muito mais. Temos, por um lado, uma excelente documentação fotográfica; temos o poema de Jomar Moraes Souto que ponteia as imagens; e temos também, uma série de depoimentos que buscam aclarar aspectos ligados ao filme, assinados por nomes como José Carlos Monteiro, José Carlos Avellar, Jean-Claude Bernardet, Ariano Suassuna, Clovis Senna, José Nêumanne Pinto.

Veja-se a maneira dialética como Vladimir constrói o contraponto entre os participantes do filme, de um lado os senhores letrados, de outro a população analfabeta, de um lado os que têm de sobra, do outro os que nem a sobra lhes toca.

É *a heresia de São Saruê*, como quer Vladimir Carvalho, numa definição lúcida, curta, definitiva. Este "Vertov das caatingas ou Flaherty de Euclides", conforme diz Glauber Rocha, soube criar para além do tempo e das injunções. Criar, de acordo com o que disse Silvie Pierre no *Cahiers du Cinema*, "um documentário tão forte e apaixonante que por vezes parecemos estar diante de uma obra de ficção, pela sensível poesia e mágica captação de uma dolorosa realidade".

Em síntese: o filme deveria ser exibido em nossas escolas, praças, parques; e o livro servir de tema para os alunos dos cursos de letras e de comunicação.

Perspectivas estéticas do cinema brasileiro é resultado do Seminário realizado em Brasília (setembro de 1985), durante o Festival de Cinema de Brasília, numa promoção da Universidade de Brasília e da Fundação Cultural do Distrito Federal. Com o Seminário pretendeu-se um balanço do cinema nacional nos anos 70. Mais: examinar as perspectivas estéticas do cinema latino-americano e do brasileiro.



Claro que em tais eventos as discussões extrapolam do eixo central, se dispersam, abarcando temas paralelos. Mas tudo isto acaba por se tornar instigante — em especial se os debatedores se chamam Denoy de Oliveira, Geraldo Moraes, Geraldo Veloso, Inima Simões, Ipojuca Pontes, Ismail Xavier, José Carlos Avellar, Pastor Vega, Sílvio Tender, Walter Lima Júnior, Werner Schunemann, criadores e/ou estudiosos de nível.

Arte e indústria (nunca será demais insistir no fato) o cinema necessita de uma estrutura forte e firme para poder se realizar e dar uma contribuição válida à cultura do país. Mas não pode, nunca, a arte se subordinar à indústria, pois se temos exemplos de filmes artisticamente bem realizados que contaram com parcos recursos, não basta que estes sejam substânciais para que tenhamos produto final de boa qualidade. Pode sê-lo como acabamento mas não como conteúdo.

Entre nós, lutando com dificuldades e com uma concorrência de leão, o cinema vem se processando através de ciclos mais ou menos estanques, podendo-se, sucintamente, citar o ciclo mineiro (de Cataguases com Humberto Mauro), o ciclo baiano, o ciclo da Vera Cruz quando se procurou copiar o modelo *hollywoodiano* dos grandes estúdios, o ciclo carioca da chanchada da Atlântida, o ciclo da pornochanchada, o ciclo do cinema novo. A contribuição (ou a não-contribuição) de cada qual é motivo de pesquisadores e não era o tema específico do Seminário. Mas não deixou de ser aflorado.

Ao reunir o resultado dos debates, a Editora da UNB presta um significativo serviço ao nosso cinema. Cinéfilos e estudiosos terão um curioso documento das atuais tendências e da visão que se tem da chamada sétima arte. E conforme diz a coordenadora Malu Moraes, pode-se com isto ajudar "a parcela de realizadores que luta pela construção de um cinema realmente independente em termos culturais e econômicos, gerando filmes voltados para o mercado interno e externo, procurando assim formas de expressão condizentes com nossas características definidoras".

1987

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

leitura/crítica 440

O Cinema em Foco

SALIM MIGUEL
Colaborador de Leitura & Lazer

A recente publicação, pela Editora Tchê/Pa-1987, de Festival do Cinema Brasileiro de Gramado/levantamento dos seus 14 primeiros anos, de Luiz Carlos Carrion, recupera a trajetória, nem sempre tranqüila, daquele que, começando modestamente, acabou por se transformar no mais importante, badalado e concorrido acontecimento de promoção e avaliação cinematográfica do país. Temos aqui, de maneira ordenada e minuciosa, um precioso retrospecto do Festival e de seu significado de 1973 a 1986, reunindo vencedores, críticos, biofilmografias, fotografias.

Num estilo fluente e agradável, Carrion nos leva até a pitoresca cidade gaúcha que se tornou nacional (ou internacionalmente, sei lá) conhecida através do evento e de seus meandros, sendo hoje esperada com ansiedade a preparação de cada próximo festival e disputado um lugarzinho para assisti-lo. E num suspense digno do mais autêntico Hitchcock ficam-se todos a indagar até quando ele se manterá, se para o ano que vem conseguirá algum apoio. Porque é mais do que sabido que no Brasil nada garante a permanência das promoções exitosas e necessárias. Existem sempre mil componentes, mil ingredientes que, num já, ou interferem ou até acabam com aquilo que parecia inacabável.

Esperemos que isto não ocorra (ou não ocorra tão cedo), com o Festival de Gramado. Ele ajuda a sustentar a frágil chama do nosso cinema, que luta, até em nosso próprio mercado, com armas desiguais para se sustentar, se afirmar e revelar um pouco do que somos como povo. E do que podemos realizar no campo das artes.

Não é comum, entre nós, a preocupação com a preservação e/ou a recuperação da memória cultural — ou da memória nacional como um todo, de modo geral. Daí o significado ainda maior de que se reveste o presente trabalho. E conforme acentua o crítico Luiz Cesar Cozzatti, "O Carrion pertence à raça dos pesquisadores, lamentavelmente em franca extinção".

O fato deve ter alguma explicação: quais os motivos que levam uma categoria, no caso específico os pesquisadores, à quase extinção"? Certamente o desestímulo pela atividade, a falta de apoio para com um trabalho relevante mas que acaba por se perder diante da indiferença quase generalizada.

Cinéfilo de primeira hora, como ele próprio se confessa, cinéfilo que se fez na magia das salas escuras, o autor estudou, anotou, vasculhou, pediu. Pois além de se utilizar de seu arquivo pessoal, procurou, para complementar o trabalho que agora nos oferece, a colaboração de técnicos, produtores, diretores, artistas, estudiosos.

Assim, temos uma visão ao mesmo tempo panorâmica e detalhada do desenrolar do Festival e de seu significado para o cinema brasileiro. Acompanhando-o podemos detectar claramente as tendências do nosso cinema, suas variações e vacilações, os percalços enfrentados, a luta do dia-a-dia, a posição da Embrafilme, a posição das comissões julgadoras, a busca de um lugar ao sol dos iniciantes, com fofocas, brigas, intrigas, etc. Tudo enfim que faz (e toma) os festivais um prato cheio para o público.

(Aqui gostaria de deixar um depoimento de caráter pessoal: tendo feito parte do júri de 1981, que premiou Cabaret mineiro, de Carlos Alberto Prates Correia, posso afirmar que as deliberações são tomadas com total liberdade e independência, sem quaisquer interferências seja de quem for. Pressões nem tão indiretas até que devem existir, como em todo acontecimento semelhante. Mas elas não interferem no julgamento final, nem há, por parte dos organizadores, ingerência no resultado. Naquele ano existiam outros títulos significativos, havia um que chegava confiante na vitória, o público pouco sabia a respeito do filme de Prates Correia, a comissão tinha consciência de que Cabaret Mineiro não era um filme fácil, mas era provocador e instigante, com uma proposta mais avançada em termos de estrutura e pesquisa. Na minha participação de voto declarei que em termos de mercado claro que Eu te amo tinha mais apelo popular e era mais viável para o mercado, já em termos de impacto e denúncia social ficaria com O homem que virou suco ou Até a última gota, mas tinha-se que pensar também na contribuição específica ao processo fílmico que deixava entrever a fita mineira).

Volto ao livro do Carrion.

Ele é um manual necessário para quem pretenda examinar a nossa produção dos últimos tempos, situa os premiados e os demais participantes, transcreve críticas de colunistas de vários estados, dá a filmografia das equipes técnicas e artísticas e uma sinopse da história.

E embora o pesquisador cinematográfico Michel do Espírito Santo diga que "o desenvolvimento da pesquisa cinematográfica no Brasil... tem progredido muito", existe muito ainda por fazer. Esperamos, por isto, que iniciativas como a de Carrion (e da Editora) proliferem.

Falando em proliferar: a Tchê parece que resolveu investir para valer no cinema brasileiro. E exatamente sob o título Cinema Brasileiro ela inicia nova coleção, que pretende publicar roteiros de filmes significativos. Começa por O homem da capa preta, de Sérgio Rezende, vencedor do Festival de Gramado de 1986.

Filme de larga aceitação pública, o livro agora publicado reúne, além do roteiro, amplo material informativo, fotos, depoimentos, anotações de filmagem. Tome-se, assim, um documento precioso para os cinéfilos e demais interessados em cinema a começar pelo mero espectador que vai à sala escura em busca de fruição ou conhecimento.

Para a geração mais velha, que acompanhou a trajetória de Tenório Cavalcanti, o homem da capa preta que durante anos dominou a Baixada Fluminense, uma atração extra é tentar aproximar a figura que conheciam de nome da figura que agora vão encontrar na tela — mitificada. Ou mistificada.

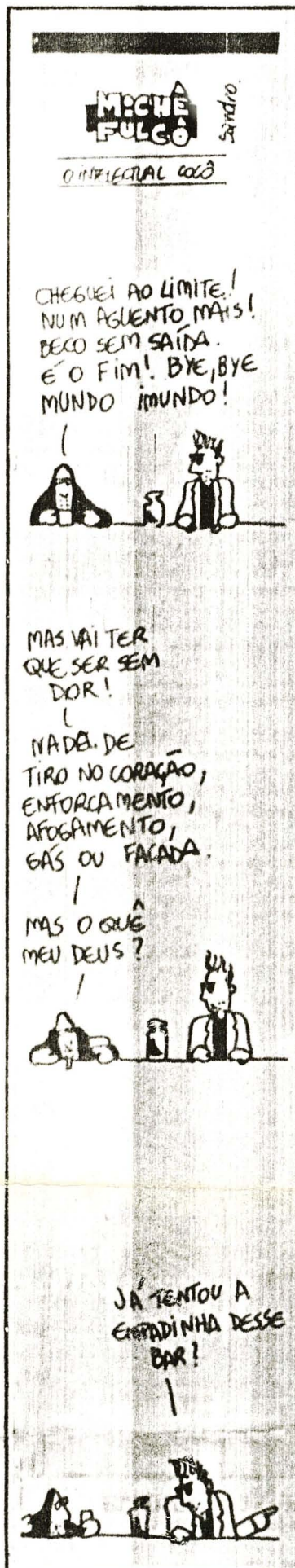
1987

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

441

LEITURA/Crítica

Salim Miguel



Reagan homenageia artistas

O presidente Reagan e sua esposa Nancy lideram, na Casa Branca uma cerimônia de homenagem a seis artistas, entre eles a atriz Lucille Ball e o cantor e pianista Ray Charles, elogiando esses astros do espetáculo, distinguidos com os prêmios anuais Kennedy, por terem servido de inspiração aos norte-americanos. A cerimônia aconteceu no dia 7, domingo.

Reagan, que também rendeu homenagem ao casal de atores Hume Cronyn e Jessica Tandy, ao violinista Yehudi Menuhin e ao coreógrafo Antony Tuddor, disse que os seis apresentam sua arte desde o mais fundo dos seus corações.

"Esta noite pertence a vocês", disse Reagan, ao lado de sua esposa, que exibia um elegante traje de lamé, desenhado por Adolfo, modista de origem cubana, "is-

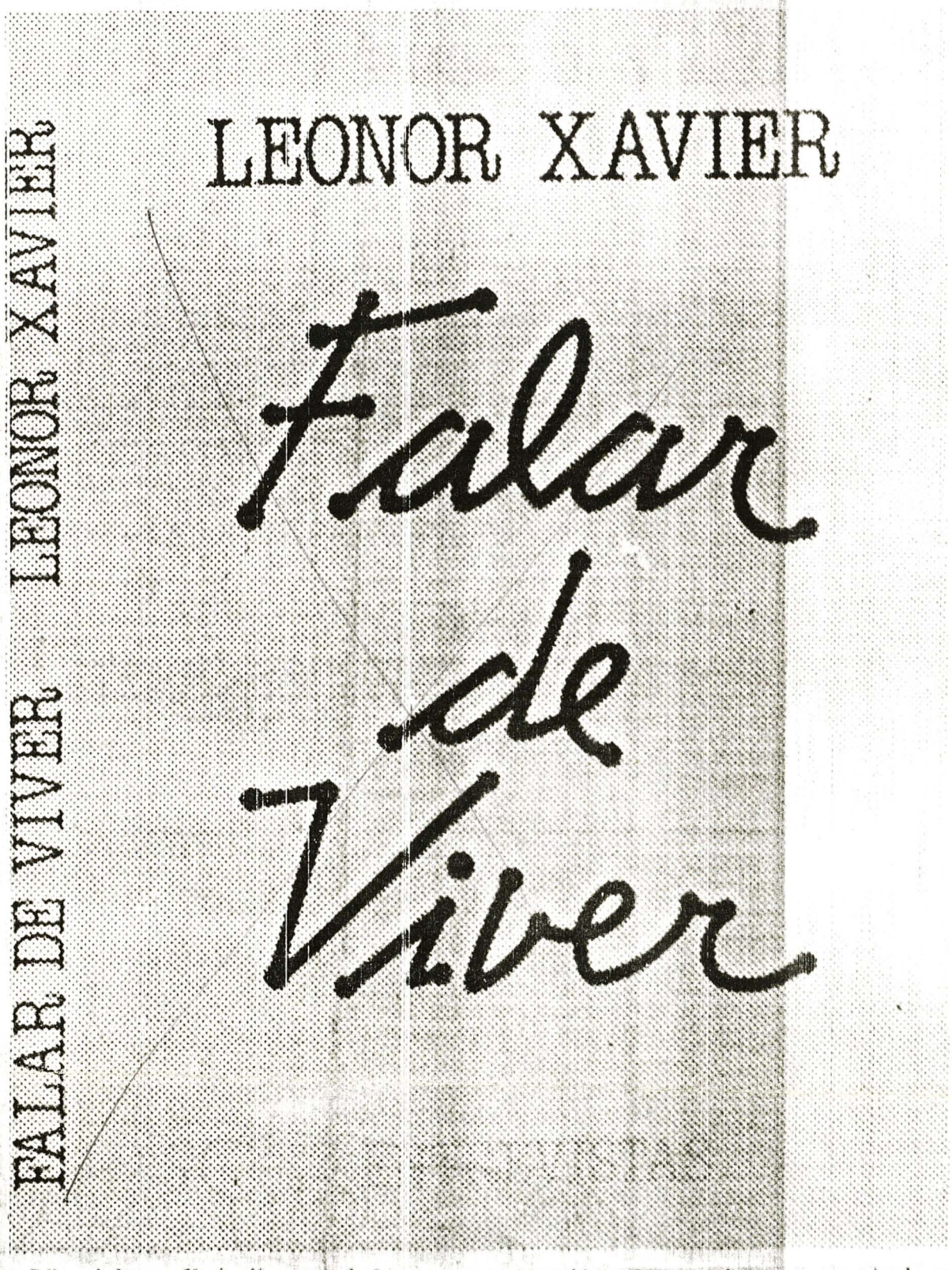
Em nosso comentário do último domingo, destacamos o significado da edição, em português, do livro *O autor e seu editor*, de Siegfried Unseld. De maneira objetiva, ali alguns problemas eram devidamente situados e analisados por quem conhece o ofício a fundo e em todas as suas implicações; e eram apresentados exemplos do inter-relacionamento, tantas vezes conflituoso, entre editor x autor. Depois de um capítulo introdutório sugestivamente denominado *A missão do editor de textos literários*, Unseld procura ver de que maneira autores do vulto de um Hesse, um Brecht, um Rilke conviveram com quem os editou.

No mesmo comentário assinalávamos, ainda, que o número de livros que examina tal aspecto da produção livreira é extremamente reduzido. No entanto, parece-nos, é ele de singular importância: permite que se tenha uma visão abrangente do complexo problema, que é básico para a proliferação do livro, permite que se compreenda mais e melhor o papel do editor (que precisa ter, ao mesmo tempo, sensibilidade para a exata dimensão de sua missão e visão empresarial) e a do autor, que necessita de apoio e incentivo para poder continuar criando com liberdade.

Se os títulos que se debruçam sobre as relações autor x editor são escassos, o mesmo não ocorre com aqueles que investigam a produção literária. São eles extremamente numerosos, quer sejam ensaios específicos sobre determinado tema ou autor, entrevistas, críticas, reflexões, depoimentos, com enfoques os mais variados e propostas com propósitos bem diferenciados.

Ainda agora acabam de nos chegar às mãos livros que tratam do assunto: *Conversas com Vargas Llosa*, de Ricardo A. Setti, Editora Brasiliense/SP; *Falar de Viver*, entrevistas de Leonor Xavier, Editora Difel/SP; *Passagem para o poético* — filosofia e poesia em Heidegger, de Benedito Nunes, Editora Ática/SP; *Leon Trotski* — a paixão segundo a revolução, de Paulo Leminski, Editora Brasiliense/SP; *Rumo à estação Finlândia*, de Edmund Wilson, Companhia das Letras/SP.

Vamos, a respeito de cada qual, tecer suscintas informações. Comecemos pelo trabalho de Setti. Durante três dias ele entrevistou um dos nomes mais expressivos da prosa latino-americana, Vargas Llosa. Sobejamente conhecido no Brasil, o autor de *Conversa na Catedral* fala, de maneira franca, de seus livros, de seu processo de criação, de seu relacionamento com os outros escritores. E não se furta nem mesmo a responder perguntas de cunho político. É sabido que depois de um namoro com Cuba de Fidel, houve um rompimento, sendo hoje Llosa um crítico acerbo do regime castrista. Sem que suas explicações sejam convincentes, e mesmo escapando pela tangente a algumas perguntas (ele finge não saber ou não sabe mesmo que tipo de política Reagan pratica nas nossas Américas), há necessidade de se preservar aqui a figura do sensível escritor de tantas páginas antológicas, que muitas vezes colide com o político que ele foi e hoje é. Outros aspectos poderiam ser colocados em discussão, como o fato de Llosa achar que *A guerra do fim do mundo* é seu mais importante livro. Ficamos em dúvida: pensará ele assim mesmo, ou isto foi dito por estar ele falando a um entrevistador brasileiro? De qualquer forma, é um livro que merece ser lido pelas revelações que contém — e que nos permite ficar conhecendo um pouco melhor o homem e o escritor.



O livro de Leonor Xavier é irregular. Mas acreditamos que sua proposta de reunir num mesmo bloco personalidades tão diferentes não podia permitir uma unidade maior. São cinqüenta entrevistas com portugueses e brasileiros, que vão de um José Saramago a uma Luiza de Mesquita, de um Antônio Houaiss a uma Lucy Bloch. Às vezes percebe-se que o entrevistado tinha pouco a dizer e a entrevistadora menos a perguntar. Ainda assim, ela sabe dar seu recado com competência. E, de repente, nos deparamos com uma entrevista bastante substancial e reveladora. Como a que é feita com Carlos Drummond de Andrade. Ou a do já citado José Saramago. Ainda outras: Josué Montello, Fernando Namora, João Cabral de Melo Neto, Agustina Bessa-Luís, Marina Colasanti. Referindo-se no livro na *orelha*, Mário Pontes diz com acerto que, "antes de mais nada, procura ela alargar — e se possível reforçar — a ponte entre brasileiros e portugueses". Concluindo, Mário afirma: "Um dia, como acontece a Leonor, e graças a gente como ela, brasileiros e portugueses estarão mais atentos àquilo que os aproxima do que àquilo que os tem distanciado". Perfeito.

Heidegger continua nome muito citado e pouco lido. Agora, com *Passagem para o poético* — filosofia e poesia em Heidegger, de Benedito Nunes, será possível aquilatar-se da importância de um pensador que exerceu forte influência na filosofia contemporânea. Marcado por sua precipitada adesão ao nazismo, do qual também logo se afastaria, Heidegger foi marginalizado. Para além disso, sua leitura exige profunda reflexão até se chegar ao fulcro do seu pensamento. Benedito Nunes, ensaísta de reconhecidos méritos, realiza aqui um trabalho onde se mesclam o rigor da análise e a liberdade de interpretação. Na *Introdução — a trajetória de Heidegger*, assinala Nunes: "A revolução da linguagem, consumada no *dizer poético*, tornar-se-ia, com a obra inteira do filósofo, o prólogo interrogativo e perplexo dessa mudança possível, entreaberta na cena revolta do mundo atual, onde se joga, num lance decisivo, o ser e o destino do homem, postos em questão".

Com a linguagem desabusada e franca que o caracteriza, tornando-o um nome também polêmico, Paulo Leminski, poeta, crítico, tradutor, se debruça sobre outro nome por igual polêmico e controvertido: Leon Trotski. Para chegar até ele e a Revolução de 1917, que modificou os destinos de boa parte do mundo, o poeta paranaense recua até os mongóis, se apossa de Dostoiévski e *Os irmãos Karamázov*, detendo-se na psicologia dos quatro irmãos e do que eles representam num contexto mais amplo. E então, passo a passo, vai se compondo toda a estranha personalidade de um revolucionário que participou efetivamente da implantação do regime comunista na Rússia, que se entendeu-desentendeu de Lenin, que fez parte de todo um grupo de seres altamente qualificados (conforme assinala Leminski) e que acabou sendo assassinado no México por ordem de Stalin. Pode-se discordar por vezes das colocações de PL? Pode-se, certamente. Mas é sempre uma leitura instigante, provocativa — como devem ser as verdadeiras leituras.

Para quem já conhece o *Castelo de Axel* não será surpresa este novo livro de Edmund Wilson. *Rumo à estação Finlândia* nos devolve o gosto pelo livro bem escrito, informativo, profundo, que funde ao mesmo tempo homens que fizeram a história e homens que ajudaram a compreender a história, debruçando-se sobre aqueles que dela participaram ativamente. No primeiro caso um Marx e no segundo um Michelet. Iniciando sua obra com uma análise da obra de Michelet, jovem que estava "à procura dos princípios de uma nova ciência da história", Edmund Wilson nos pega pela mão e nos leva até Lenin, passando por outras figuras tão marcantes como Renan, Taine, Marx, Engels, Lassale, Bakunin, Trotski. Mas se ilude, e muito, quem pensa que vai penetrar num território árido. A prosa de Wilson flui, ele sabe narrar e nos interessar pelos temas aparentemente mais intragáveis. E, ao final, saímos enriquecidos e gratificados por um livro que se dirige a uma gama ampla de leitores, do especialista ao simples curioso que busca horas de entretenimento e conhecimento. No caso, parece-nos de interesse confrontar o perfil que ele traça de Trotski com o que é traçado por Leminski. E ler e conferir.

1986

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

LEITURA/ Crítica

Salim Miguel

442

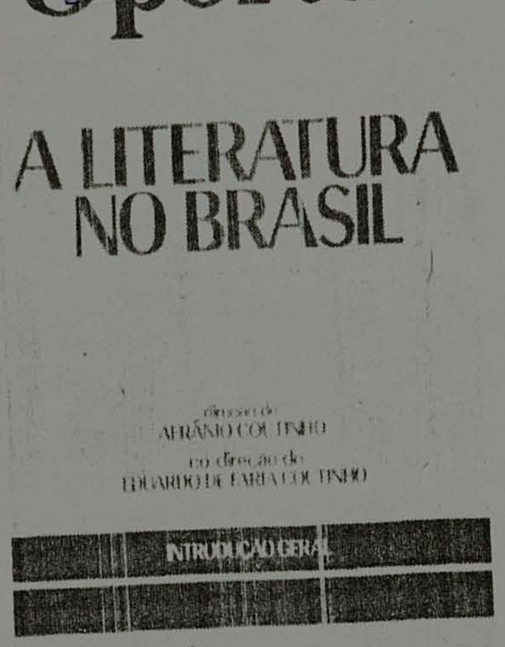
Oportuna reedição

REAPARECE agora em terceira edição revista e atualizada, *A Literatura no Brasil* , direção de Afrânio Coutinho, co-direção de Eduardo Faria Coutinho, numa co-edição da José Olympio Editora e Editora da Universidade Federal Fluminense.

É, sem dúvida, uma reedição oportuna, que se fazia necessária. Nos seis alentados volumes, com quatro mil páginas, se contém um exaustivo levantamento da nossa produção literária, de seus primórdios até os dias atuais, levando-se em consideração a evolução de cada gênero.

São raros os trabalhos de tamanho fôlego que estudam com tal abrangência épocas, escolas, nomes. Temos, no passado, um Sílvio Romero, um José Veríssimo, um Ronald de Carvalho. Mais próximos, um Alfredo Bosi, um Antônio Cândido. Ou estudos setoriais, abordando este ou aquele aspecto, esta ou aquela época, um escola ou um movimento. Como exemplo significativo citaríamos Andrade Muricy e seu trabalho sobre o Simbolismo Brasileiro, há tanto esgotado e que está merecendo também reedição.

A primeira edição de *A Literatura no Brasil*, em quatro volumes, apareceu entre 1955 e 1959, por iniciativa do prof. Leonídio Ribeiro e patrocínio da Instituição Larragoiti. Tinha planejamento, escolha de colaboradores e direção do professor, ensaísta e crítico Afrânio Coutinho. Nomes expressivos de nossas letras compunham sua extensa equipe de colaboradores. Ei-los: Aderbal Jurema, Afonso Arinos, Afrânio Coutinho, Albertus Marques, Alceu Amoroso Lima, Américo Jacobina Lacombe, Álvaro de Sá, Andrade Muricy, Antônio Cândido, Antonio Olinto, Antonio Soares Amora, Armando de Carvalho, Assis Brasil, Augusto Meyer,



Bandeira do Mello, Barreto Filho, Cândido Jucá, Carlos Burlamáqui Kopke, Cassiano Ricardo, Darcy Damaceno, Décio de Almeida Prado, Dirce Cortes Riddel, Domingos Carvalho da Silva, Edgard Cavalheiro, Eduardo Portela, Emanuel de Morais, Eugênio Gomes, Evaristo de Morais Filho, Fausto Cunha, Fernando de Azevedo, Franklin de Oliveira, Herman Lima, Hernani Cidade, Heron de Alencar, Ivo Barbieri, João Alexandre Barbosa, Joaquim Branco, José Aderaldo Castelo, José Paulo Moreira da Fonseca, Josué Montello, Luís da Câmara Cascudo, Luís Costa Lima, Luís Viana Filho, Mário da Silva Brito, Moisés Vellinho, Otácio de Faria, Peregrino Júnior, Péricles Eugenio da Silva Ramos, Renato de Almeida, Rodrigo Otávio Filho, Segismundo Spina, Sonia Brayner, Valtensir Dutra, Walmir Ayala, Wilson Lousada, Wilson Martins, Wilton Cardoso, Xavier Placer.

A segunda edição é de 1968. Nela Afrânio Coutinho discutia, em longo prefácio, os critérios que nortearam a proposta da obra por ele dirigida, ao mesmo tempo em que rebatia as críticas surgidas quando do aparecimento da primeira edição. Dizia ele que ao elaborar o projeto tivera em mira "oferecer ao estudioso um instrumento de trabalho que fosse ao mesmo tempo uma revisão da história literária brasileira". E logo acrescentava que uma de suas preocupações era não perder de vista a massa de jovens, procurando "oferecer-lhes um instrumento prático e útil, com cunho didático no melhor sentido e de born teor crítico, técnico e objetivo, acessível, atualizado não só no que respeita a teoria historiográfica e crítica, senão também quanto à informação".

A edição que agora vem à luz continua fiel à doutrina que norteou a elaboração da obra, justificada de forma tão veemente no prefácio à segunda edição. A presente atualização e revisão, diz Coutinho, leva em conta "os novos desenvolvimentos teóricos, críticos e historiográficos relativos à Literatura Brasileira".

Dividido em três partes básicas, na primeira parte (volume I) está abordada A língua literária, O folclore, O escritor e o público, Formação e desenvolvimento da língua nacional brasileira; na segunda parte (volume II, III, IV, V) encontram-se os Estilos da Época divididos em Era Barroca, Era Neoclássica, Era Romântica, Era Realista, Era de Transição, Era Modernista; na terceira parte (volume VI) temos as Relações e Perspectivas da Literatura Brasileira e a Conclusão.

Desde que *A Literatura no Brasil* foi escrita e publicada pela primeira vez, na década de 50, até nossos dias, grandes foram as transformações por que passou a sociedade brasileira. Tudo isto, lógico, se refletiu na literatura produzida a partir do então. Em sua reedição, a obra procurou acompanhar este movimento e dar uma visão do que vinha ocorrendo, reavaliando critérios e revendo posições. Mas isto se torna particularmente difícil numa obra acabada, que tinha em vista uma proposta definida. Além do mais, vários dos colaboradores estavam mortos, outros sem interesse maior em retomar e rever textos antigos.

Tudo isto não invalida o trabalho destas mais de quatro mil páginas, pelo contrário, mesmo que não houvesse a atualização ele valeria como documento de época.

A propósito ainda da atualização, o prefácio à terceira edição esclarece:

"Tendo o Modernismo, por volta de 1960, chegado a seu término como movimento renovador da maior importância, tendências outras, a partir da década de 60, imprimiram novos rumos à produção literária nacional, abrindo um período já cognonimado de Pós-modernismo, através de grupos de vanguarda em todo o país".

E logo a seguir:

"Nesta altura do século (década de 80) a Literatura Brasileira atinge o estágio de total identidade e autonomia nacional. Publicada inicialmente na década de 50, esta obra acompanhou a evolução de nossa literatura durante a fase posterior ao Modernismo. Agora, um século depois da grande obra de Sílvio Romero, a sua reedição marca uma etapa decisiva da nossa Literatura".

Por tudo isto, e por permitir uma reavaliação de seus méritos (e possíveis deméritos) é que devemos saudar com entusiasmo esta terceira edição.

1987

UDESC-FAED-IDCH - COLEÇÃO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL